UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS

RETRATOS DE UMA NOVA VIDA (!?): análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas

RECIFE
2024

JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS

RETRATOS DE UMA NOVA VIDA (!?): análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Área de Concentração: Mudança Social.

Orientadora: Eliane Maria Monteiro da Fonte

Coorientador: Breno Augusto Souto Maior Fontes

RECIFE

2024

Catalogação na Fonte
Bibliotecário: Rodriggo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

S237r Santos, Jaquielson Ferreira da Silva.
Retratos de uma nova vida (!?) : análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas / Jaquielson Ferreira da Silva Santos. – 2024.
346 f. : il. ; tab. ; 30 cm.

Orientadora : Eliane Maria Monteiro da Fonte.
Coorientador : Breno Augusto Souto Maior Fontes.
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Recife, 2024.

Inclui referências, apêndices e anexos.

1. Sociologia. 2. Drogas. 3. Religião. 4. Disposições. 5. Retratos sociológicos. 6. Comunidades terapêuticas. I. Fonte, Eliane Maria Monteiro da (Orientadora). II. Fontes, Breno Augusto Souto Maior (Coorientador). III. Título.

301 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2024-107)

JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS

RETRATOS DE UMA NOVA VIDA (!?): análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito final para a obtenção do título de Doutor em Sociologia.

Área de Concentração: Mudança Social.

Aprovada em: 05/04/2024.

BANCA EXAMINADORA

_____

Drª Eliane Maria Monteiro da Fonte (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

_____

Dr. José Luiz Ratton (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

_____

Dr. Artur Fragoso de Albuquerque Perrusi (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

_____

Dr. José Adilson Filho (Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

_____

Dr. Kleber Fernando Rodrigues (Examinador Externo)
Instituto Federal de Pernambuco (IFPE)

A todos que buscaram na fé esperança para um recomeço.

AGRADECIMENTOS

A oportunidade de agradecer é sempre um grande privilégio, pois nos permite lembrar de situações e pessoas que marcaram nossas vidas e trajetórias em torno de um projeto, de uma proposta, de um sonho; também me soa como um grande ato de injustiça quando realizado em relação à tantas pessoas que somaram e contribuíram direta ou indiretamente e que, de alguma forma, não foram citados.

Apesar desses contrastes, gostaria de iniciar essa árdua, mas prazerosa tarefa, agradecendo a Deus, Senhor de toda a vida, pelos grandes desafios vencidos, bem como pelo meu crescimento, amadurecimento e descobertas concebidas ao longo de todo esse processo.

Também queria agradecer àquelas pessoas as quais Ele colocou ao longo de todo esse caminho até chegarmos aqui. Ao meu pai, Cicero Ferreira dos Santos (*in memoriam*), de quem herdei minha disposição e amor pelo conhecimento; bem como à minha mãe, Rosileide Francisca da Silva, à qual herdei minha disposição para a perseverança. Obrigado a todos pela educação, amor, carinho e todo o investimento conferido à minha vida até agora.

Agradeço (*in memoriam*) à minha avó, Maria Francisca da Silva, pela fé depositada em mim desde o período da minha primeira graduação; pela sua atitude corajosa em financiar meu ingresso no âmbito universitário, ação aquela que proporcionou bons e grandes frutos.

A minha esposa, Geizeane Roberta da Silva, pela paciência, sabedoria e todo o incentivo dado; obrigado por me fazer chegar cada vez mais longe academicamente e como ser humano. Aos meus filhos, Anna Alice da Silva Ferreira e Lucas Bennício da Silva Ferreira, que tiveram que abdicar do papai em diversas situações para que eu pudesse me dedicar a essa pesquisa. Não teria chegado até aqui se vocês não fossem assim, e se não tivéssemos chegado juntos.

À minha Sogra, Rosilda Maria da Silva, e meu sogro, Luiz Roberto da Silva, por todo o suporte providenciado para que tivéssemos caminho livre para desenvolver as várias tarefas e agendas dessa pesquisa. Também não poderia deixar de citar meu cunhado, pastor e sociólogo - Dr. Robson Gerliandro da Silva - que apesar do tempo bastante escasso me proporcionou revisar toda a teoria e métodos para o desenvolvimento do projeto dessa pesquisa, abrindo assim caminho para meu acesso a essa pós-graduação bem como para a conclusão dela.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro para essa pesquisa; sem esse suporte certamente essa pesquisa não seria possível.

A todos os meus professores, mestres queridos, os quais representaram e ainda representam grandes inspirações para mim. À minha querida professora Elenilda Andrade e Bruno cujas aulas, bem como as próprias vidas, me fizeram me aproximar de forma cada vez mais intensa e prazerosa do âmbito das ciências humanas. À minha querida professora Ivete e Luzia Valença que me fizeram sentir gosto e prazer no ato da leitura e da escrita. Professores esses que me ensinaram e continuam me ensinando grandes lições até hoje.

Aos meus queridos professores e orientadores da graduação Dr. Kleber Fernando Rodrigues e Me. Maria Luzinete Lemos pelo companheirismo e pela fé depositados em mim. Obrigado, pois a semente de nossa primeira pesquisa - no âmbito das CTI's em Pernambuco ainda no ano de 2005/2006 – germinou, resultando assim em novas e mais profundas experiências como esse último trabalho de tese aqui exposto. E também do professor Dr. Adilson, esse que foi grande incentivador para que eu pudesse chegar a este curso de doutorado. A partir desses estendo também todo o meu reconhecimento e carinho a todos que fizeram parte da FAFICA – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – pelas grandes contribuições que deram em minha formação. Serei sempre grato a todos vocês e à memória dessa instituição que impactou profundamente minha constituição como professor, pesquisador e, acima de tudo, como ser humano.

Também à minha querida orientadora do PPGS - a professora Drª Eliane Maria Monteiro da Fonte - e ao meu coorientador - Dr. Breno Augusto Souto Maior Fontes - pelo tempo dedicado e forte zelo, amistosidade e atenção dadas em todos os momentos necessários para o desenvolvimento dessa pesquisa. Tê-los como professores - e, posteriormente, como orientadores - foi um presente duplo que certamente repercutiu no resultado dessa pesquisa. Estendo também esse reconhecimento a todos os professores do PPGS em especial à professora Drª Silke Weber, Drª Josefa Salete Barbosa Cavalcanti e Dr. Paulo Henrique Martins de Albuquerque, professores que confiaram em nosso potencial e na relevância de nosso projeto desde o momento da seleção para nosso ingresso neste Programa de Pós-graduação; e aos professores Dr. Francisco Jatobá, Dr. Gabriel Peters, Dr. Artur Fragoso Perrusi, Dr. José Luiz Ratton, Dr. Joanildo Burity, todos docentes das várias disciplinas as quais cursamos ao longo de nosso curso de Doutorado; esses cujas contribuições certamente foram sentidas ao longo da concepção dessa pesquisa. Por fim, também direcionamos nossos agradecimentos à secretária Karine Mendes e à assistente

administrativa Mônica Malafaia, pelo apoio e dedicação dedicado às nossas diversas demandas (e não foram poucas) ao longo do curso, um carinho que se estende a todos os funcionários que também fazem parte da Universidade Federal de Pernambuco.

Com muita alegria também agradeço aos meus companheiros e colegas discentes da turma de Doutorado 2020 do PPGS os quais me atrevo respeitosamente a chamá-los antecipadamente de Drª Ana Carolina de Oliveira Marsicano, Dr. Clayton Rodrigues da Silva, Drª Fernanda Folster de Paula, Dr Fillipi Lúcio Nascimento da Silva, Dr. Hudson Felipe Peres da Silva, Drª Iara Cavalcante Melo, Dr. José Carlos Viana Júnior, Drª Juliana Lucena Vieira de Lima, Drª Juliana Pereira Coutinho, Drª Maria Eduarda Antonino Vieira, Dr. Rafael Soares Ribeiro, Dr. Raphael Bruno do Nascimento Bezerra, Dr. Rômulo Santos de Almeida, Drª Samara Maria de Almeida e Dr. Victor Hugo Araújo Montenegro de Lucena. Agradeço a todos(as) vocês pelas ricas contribuições e construções ao longo de todas as nossas aulas assistidas de forma remota por conta do turbulento momento que passamos por conta do quadro da pandemia de COVID-19. Seguido a esses, também agradecemos ao professor Michell Souza, cuja gentileza e prestatividade me permitiu ter um computador mais rápido e eficaz, favorecendo assim um fluir de um trabalho de pesquisa de forma mais leve e satisfatória.

Também não posso deixar de agradecer a todas as equipes médicas e enfermeiros que cuidaram de mim durante e depois de minha experiência de contágio por COVID-19, esses que estiveram nos momentos mais sensíveis de minha saúde – em especial a todos os profissionais de saúde da UNIMED -. Agradeço a todos os médicos e enfermeiros que no pico da pandemia de Covid-19 me devolveram à vida por duas vezes. Aos meus fisioterapeutas, Lucivânia Bezerra e Renata Barroso, pelo acolhimento, pelos cuidados profissionais, e por todo o calor humano que vocês proporcionaram. Ao Dr. Renato Antônio de Paiva pelo longo tempo que passamos juntos, possibilitando assim todo um equilíbrio emocional para vencer esse e outros desafios. À minha querida Drª Cláudia Raposo pelo excelente cuidado dedicado ao meu reestabelecimento vocal. Ao Dr. Evandilson Guedes por toda a sua atenção durante as várias cirurgias as quais me submeti durante esse período de pesquisa. E também ao meu querido Dr. Lúcio Carlos, cujos encontros não apenas foram eficazes para o reestabelecimento da minha saúde, mas também muito me animaram e revigoraram minha fé. Por fim, não poderia deixar de mencionar a DrªAmanda Nayara e todo o seu carinho e cuidado com o nosso sorriso, muitas vezes tão sacrificado durante o momento de desenvolvimento dessa pesquisa; bem como o Dr Frank Fernandes Lima, médico, amigo e companheiro de todas as

horas, pessoa essa a qual tem sido para mim exemplo de intelectualidade, humildade e fé. A todos vocês, tenham certeza que o que vocês fizeram me deixaram mais forte e preparado para encarar a vida de outra forma!

Agradeço também a todos os meus alunos, equipes de todos os seminários teológicos [Instituto Bíblico Aliança – antigo STEC – Seminário Teológico Pentecostal; Seminário Rhemaná] e demais escolas da cidade de Caruaru–PE os quais tive que me ausentar durante todo o período do Doutorado. Aos meus alunos e companheiros docentes da UPE - Professor Dr. Adjair Alves, Dr. Breno Almeida Vaz Lisboa; Dr Bruno Augusto Dornelas Câmara; Drª Isabela de Albuquerque Rosado; Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho; Me. Josualdo de Meneses silva; Drª Karina Moreira Ribeiro da Silva e Melo; Drª Maria Giseuda de Barros Machado; Dr. Ricardo José de Lima Bezerra; Drª Zélia de Oliveira Gominho; e ao "futuro Doutor" Mestre Adalto Rocha - pelos grandes incentivos e significantes trocas ocorridas, todas essas que certamente tiveram impacto na concepção desse trabalho.

Também agradeço aos meus irmãos em Cristo da Igreja Batista Pinheirópolis pelas orações, torcida e certeza que posso contar com todos sempre.

Aos diretores das CTI's as quais realizei minha primeira incursão no campo; pelas portas abertas; pela forma como vocês nos acolheram, favorecendo o acesso a todos os dados necessários para essa pesquisa. A todos os egressos dessas comunidades, em especial aos voluntários dessa pesquisa que aqui identificamos pelos nomes fictícios de Ísis, Fernanda, Joana, Ivo e Apolo. Agradeço a todos vocês pelo tempo que dedicaram a essa pesquisa e por toda a confiança em partilhar pequenos trechos de suas vidas que certamente se tornarão grandes contribuições para o campo científico, em especial para a sociologia.

Por fim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que essa pesquisa fosse possível. A vocês nossos mais sinceros agradecimentos.

“Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres” (JOÃO 8:36)

RESUMO

A presente tese teve como objetivo compreender, em uma perspectiva sociológica, o universo dos atores/egressos de CTI's tomando como base a reconstituição de suas biografias e os possíveis (re)arranjos de seus patrimônios disposicionais em suas experiências de retorno aos seus antigos contextos de sociabilidades e/ou demais espaços de origem anteriores à internação. A partir de vivências e estudos anteriores no âmbito dessas comunidades terapêuticas verificou-se que as experiências externas dos egressos dessas organizações eram tão fecundas quanto aquelas concebidas em seu interior. As tensões; conflitos; violências; a busca por preservar e/ou negar as identidades e/ou disposições religiosas ativadas no interior dessas comunidades terapêuticas; os desafios da reinserção em diferentes contextos; as possíveis rupturas com antigas redes de sociabilidades bem como a ressignificação e/ou estabelecimento de novas; entre outros; todos esses representam alguns dos vários recortes possíveis dessa investigação e que são, até o presente momento, ainda pouco exploradas pelo campo sociológico. Portanto, foi partindo do pressuposto de tomar as *comunidades terapêuticas* como espaços de socializações que tendem a favorecer atuações singulares de seus participantes; compreendendo os *egressos* enquanto "atores plurais" portadores de esquemas disposicionais adquiridos e reorganizados de forma singular a partir de cada interação, bem como, reconhecendo as *pluralidades dos espaços* que se inserem no momento de pós-internação [e de seus sujeitos]; que a partir de um abordagem qualitativa, esse estudo de casos foi concebido à luz da perspectiva teórico-metodológica de Bernard Lahire (2004). Realizou-se, portanto, uma abordagem dentro do campo da sociologia à escala individual no que resultaria na elaboração de "retratos sociológicos" de cada uma das cinco pessoas ex-internas de CTI'S, favorecendo assim uma percepção acurada e singular dos (re)arranjos disposicionais ocorridos durante o desenvolvimento dessa nova trajetória, os conflitos disposicionais existentes, suas formas de manutenção e demais outros processos que marcaram as experiências e as ações dos egressos em contextos de interações muitas vezes distintos e heterogêneos.

Palavras-chave: drogas; religião; disposições; retratos sociológicos; comunidades terapêuticas.

ABSTRACT

This thesis aimed to comprehend, from a sociological perspective, the universe of individuals/graduates from therapeutic communities (TCs), based on the reconstruction of their biographies and the potential (re)arrangements of their dispositional assets in their experiences of returning to their former social contexts and/or other spaces of origin prior to their institutionalization. Drawing from previous experiences and studies within these therapeutic communities, it was found that the external experiences of graduates from these organizations were as significant as those conceived within their confines. The tensions; conflicts; violence; the struggle to preserve and/or deny the identities and/or religious predispositions activated within these therapeutic communities; the challenges of reintegrating into different contexts; the possible ruptures with old social networks as well as the redefinition and/or establishment of new ones; among others; all these represent some of the various possible facets of this research that, until now, have been scarcely explored within the sociological field. Therefore, this study was based on the assumption of considering therapeutic communities as spaces of socialization that tend to favor unique actions by their participants; understanding the graduates as "plural actors" bearing dispositional schemes acquired and reorganized uniquely through each interaction; as well as recognizing the diversities of the spaces they enter during the post-institutionalization period [and their subjects]. Utilizing a qualitative approach and framed within the theoretical and methodological perspective of Bernard Lahire (2004), this case study was conducted within the realm of sociology at the individual scale, resulting in the creation of "sociological portraits" of each of the five people who were former CTI inmates. This approach facilitated an accurate and singular perception of the dispositional (re)arrangements that occurred during the development of this new trajectory, the existing dispositional conflicts, their methods of maintenance, and various other processes that marked the experiences and actions of the graduates in often distinct and heterogeneous interaction contexts.

Keywords: drugs; religion; dispositions; sociological portraits; therapeutic communities.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Tipos de modalidades de abordagens de acolhimento..... 78

Quadro 02: Tipos de orientações religiosas..... 97

Quadro 03: Desenho da pesquisa..... 127

Quadro 04: Caracterização das pessoas entrevistadas..... 133

Quadro 05: Escolaridade e uso de SPA´s..... 133

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Métodos e recursos terapêuticos no Brasil (em %) 82

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: **O impacto dos diferentes contextos na constituição da religiosidade do ator social..... 285**

Imagem 02: **O diferentes impactos dos contextos na constituição da religiosidade do ator social..... 287**

Imagem 03: **Zonas de união e de ausência de experiências socializadoras..... 288**

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Distribuição das CTS por intervalos de anos em que foram fundadas (Em %)..... 63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A.	- Alcoólicos Anônimos
ANVISA	- Agência Nacional de Vigilância Sanitária
BDTD	- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPS AD	- Centro de Atenção Psicossocial álcool e outras drogas
CAT	- Centro de Acolhimento Temporário
CEP	- Comitê de Ética de Pesquisa
CNM	- Confederação Nacional dos Municípios
CONAD	- Conselho Nacional de Política sobre Drogas
CT	- Comunidade Terapêutica
CTI	- Comunidade Terapêutica Interdenominacional
FEBRACT	- Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas
FENACT	- Federação Nacional de Comunidades Terapêuticas
FIOCRUZ	- Fundação Osvaldo Cruz
FUNASE	- Fundação de Atendimento Socioeducativo
IPEA	- Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
OMS	- Organização Mundial de Saúde
ONG	- Organização Não Governamental
PNAD	- Política Nacional sobre Drogas
RAPS	- Rede de Atenção Psicossocial do Brasil
SPA	- Substância Psicoativa
SUS	- Sistema Único de Saúde
TCLE	- Termo de consentimento livre e esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 23

2 RELIGIÃO E SOCIALIZAÇÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS..... 43

2.1 RELIGIÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: UMA RELAÇÃO TÃO ANTIGA QUANTO ATUAL..... 47

2.2 RELIGIÃO E COMUNIDADES TERAPÊUTICAS..... 60

2.2.1 Desenvolvimento e entraves no contexto Brasileiro..... 60

2.2.2 Quadro geral das CT's brasileiras x perfil das CTI's dos egressos investigados..... 73

2.3 PERFIL GERAL DOS BRASILEIROS USUÁRIOS DE CRACK E/OUTRAS SPA´S SIMILARES: ELEMENTOS PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DOS EGRESSOS SELECIONADOS..... 86

3 BERNARD LAHIRE E OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOCIOLÓGICA À ESCALA INDIVIDUAL..... 100

3.1 A SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL..... 100

3.2 BASES TEÓRICAS DA SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL. 102

3.3 RETRATOS SOCIOLÓGICOS: NOVAS POSSIBILIDADES DE SE INVESTIGAR O SOCIAL INDIVIDUALIZADO..... 120

4 METODOLOGIA DA PESQUISA..... 127

4.1 DESENHO DA PESQUISA..... 127

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO CONTEXTO DA PESQUISA..... 131

4.3 RISCOS DA PESQUISA: ADAPTAÇÕES E AJUSTES METODOLÓGICOS DA METODOLOGIA DA PESQUISA EM TEMPOS PANDÊMICOS..... 138

4.4 O TRATAMENTO DOS DADOS E QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA..... 139

5 RETRATO SOCIOLÓGICO: ÍSIS (DONA DOCEIRA) 141
5.1 ASPECTOS GERAIS..... 141
5.2 DISPOSIÇÕES GERADAS: ENTRE O CONFLITO COM O PAI E O APEGO COM A AVÓ..... 144
5.3 DISPOSIÇÕES RELIGIOSAS: SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADES PARA A PRÁTICA ESPIRITUAL..... 148
5.4 O COMEÇO COM AS DROGAS: TRANSFORMANDO-SE EM UMA "MORTA-VIVA" 150
5.5 INGRESSO E PERMANÊNCIA NA CTI: "UMA CASA PARA LOUCOS"..... 152
5.6 A CONVERSÃO: UM CAMINHO PARA A RECONSTITUIÇÃO DAS SOCIABILIDADES PERDIDAS..... 156
5.7 A HORA DA SAÍDA? SURGE "DONA DOCEIRA" 161

6 RETRATO SOCIOLÓGICO: FERNANDA..... 168
6.1 ASPECTOS GERAIS..... 168
6.2 FERNANDA: ENTRE INFLUÊNCIAS E DESAFIOS FAMILIARES..... 171
6.3 SPA´S: UM LONGE CADA VEZ MAIS PERTO.... 176
6.4 EXPERIÊNCIAS NA CTI: PARA CONQUISTAR TUDO DE VOLTA..... 179
6.5 A CONVERSÃO: O IMPACTO DAS DISPOSIÇÕES RELIGIOSAS NAS EXPERIÊNCIAS DE FERNANDA NO CONTEXTO INTERNO DA CTI..... 182
6.6 ENTRE ESPERANÇAS E CONFLITOS DISPOSICIONAIS: ALGUNS MOTIVOS PARA SAIR..... 185
6.7 LUTA POR CONFIANÇA, EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E NOVAS DISPOSIÇÕES..... 187
6.8 AFASTADA, MAS VIVA NA FÉ! 191

7 RETRATO SOCIOLÓGICO: JOANA..... 198
7.1 ASPECTOS GERAIS..... 198
7.2 UMA INFÂNCIA E SEUS MUITOS TRAUMAS..... 200
7.3 O INÍCIO DA DEPENDÊNCIA..... 203
7.4 REAJUSTES DISPOSICIONAIS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NA CTI..... 207
7.5 NOVAS FORMAS DE VESTIR E DE FALAR: O IMPACTO DAS DISPOSIÇÕES ESTÉTICAS E LINGUÍSTICAS NA CARREIRA DE JOANA..... 213
7.6 MEDOS, AMEAÇAS E SUSPENÇÕES DISPOSICIONAIS: DESAFIOS PARA MANTER A NOVA IDENTIDADE E A ABSTINÊNCIA..... 215

8 RETRATO SOCIOLÓGICO: IVO (MANCHA) 221
8.1 ASPECTOS GERAIS..... 221
8.2 BATISMO DE ÁLCOOL: QUANDO IVO SE TORNA "O MANCHA" 222
8.3 UM PAI; UM DESEJO; VÁRIAS TENTATIVAS..... 224
8.4 UM "CABRA MARCADO PARA MORRER" 227
8.5 INGRESSANDO EM UMA CTI..... 228
8.6 APRENDIZADOS NA CTI : TORNANDO-SE UM "HOMEM DE VERDADE" 231
8.7 DE "CARONA COM A MORTE": EXPERIÊNCIAS QUE MARCARAM A SAÍDA DA CTI..... 232
8.8 SAINDO DO "MUNDO DOS MORTOS": QUANDO A DISPOSIÇÃO EMOCIONAL FALA MAIS ALTO..... 234
8.9 NOVAS DISPOSIÇÕES..... 237

9 RETRATO SOCIOLÓGICO: APOLO..... 239
9.1 ASPECTOS GERAIS..... 239
9.2 UM PAI AUSENTE E UMA MÃE PERMISSIVA: IMPACTOS PARA A ATIVAÇÃO DE DISPOSIÇÕES PARA AUTONOMIA E

INDEPENDÊNCIA..... 241
9.3 SOCIABILIDADES E SPA´S: QUANDO APOLO SE TRANSFORMA EM UM "CAÇADOR DE EMOÇÕES" 244
9.4 O LAÇO FINAL: EXPERIMENTANDO A "EMOÇÃO MAIS FORTE" 249
9.5 TORNANDO-SE UM "NOVO HOMEM": A VIDA EM AMBIENTES RELIGIOSOS..... 255
9.6 "IRMÃO LOBO": ENTRE TESÕES E TENSÕES..... 260
9.7 SOCIABILIDADES E LUTA CONTRA O NOVO QUADRO DE DEPENDÊNCIA..... 261

10 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DOS PERFIS DE CADA CASO..... 266

10.1 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE ÍSIS (DONA DOCEIRA) 266
10.2 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE FERNANDA..... 269
10.3 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE JOANA..... 273
10.4 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE IVO MANCHA..... 275
10.5 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE APOLO..... 277
10.6 ANÁLISE GERAL DAS VARIAÇÕES DOS QUADROS DISPOSICIONAIS A PARTIR DAS RECAPITULAÇÕES DE CADA RETRATO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE OS CASOS..... 280
10.6.1 Dinâmicas familiares e variações disposicionais na experiência com substâncias psicoativas..... 280
10.6.2 Transformações físicas e identitárias: variações disposicionais no período do pós-acolhimento..... 283
10.6.3 O papel dos diversos contextos na formação e variações disposicionais dos egressos de CTI's retratados..... 284
10.6.4 Disposições religiosas e as novas formas de lidar com as SPA´s no

contexto de pós-acolhimento..... 289

10.6.5 Reminiscências disposicionais..... 292

10.6.6 Rupturas expressivas do quadro de ação: quando o "improvável" se torna possível..... 294

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 296

REFERÊNCIAS..... 300

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PARA MEMBROS DAS EQUIPES DIRIGENTES DE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS INTERDENOMINACIONAIS..... 316

APÊNDICE B - QUETIONÁRIO DE SELEÇÃO: QUESTIONÁRIO PARA EGRESSOS DE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS INTERDENOMINACIONAIS..... 323

APÊNDICE C - ROTEIROS DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS (RETRATOS SOCIOLÓGICOS)..... 327

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO [MODELO ASSINADO PELOS VOLUTNÁRIOS DA PESQUISA]..... 335

APÊNDICE E - MODELO DA CARTA DE ANUÊNCIA ASSINADO PELOS DIRETORES DAS CTI'S DOS EGRESSOS INVESTIGADOS..... 339

ANEXO A - QUADRO 1: SEMELHANÇAS METODOLÓGICAS E CONCEITUAIS ENTRE O MODELO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA E O MOVIMENTO DE LUTA ANTIMANICOMIAL COM O DAS COMUNIDADES

TERAPÊUTICAS..... 340

ANEXO B - DADOS GERAIS DA PESQUISA E DA APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA – CEP -..... 342

1 INTRODUÇÃO

Na atual legislação brasileira, qualquer substância capaz de causar dependência sobre seu usuário é considerada droga (BRASIL, LEI nº 11.343 de 23 de ago.de 2006). De acordo com um estudo realizado pela Fiocruz no ano 2017, é cada vez mais crescente o número de brasileiros que utilizam/utilizaram algum tipo de droga com substâncias tidas como ilícitas; número esse que já chegou a 3,2% da população. Dentre as consideradas ilícitas, o estudo revelou como algumas das substâncias mais consumidas: *a maconha, haxixe, Skank, cocaína, crack e similares, solventes, LDS, ecstasy, drogas injetáveis, quetamina, heroína,* entre outras (BASTOS, et al, 2017). Embora ilegais, o que se tem assistido é uma verdadeira proliferação do uso e do tráfico dessas substâncias em diversos espaços, faixas etárias e grupos sociais – conforme dados do IBGE (2009); FIOCRUZ (BASTOS; BERTONI, 2014), entre outros –, atingindo essas "dimensões epidêmicas e transformando-se num sintoma inquietante de um novo e profundo mal-estar na civilização" (BUCHER, 1998. p. 35).

Esse fenômeno, que se estende por todo o país, pode ser evidenciado com significância na região nordeste: a maior população consumidora de crack do Brasil[1]. Só em Pernambuco - de acordo com a Confederação Nacional dos Municípios (CNM) - o *crack* e os problemas decorrentes do tráfico da droga são sentidos como fortes ameaças para cerca de 90% de todos os 185 municípios desse Estado brasileiro. Esses e outros números que compõem um recorte da realidade apresentada corroboram para a adoção de um conjunto de medidas de controle e saúde pública (CRUZ; FERREIRA, 2014), refletindo assim nas ações de diversas unidades que integram a Rede de Atenção Psicossocial Brasileira (Brasil, 2012) – como o CAPS AD[2], Unidades de Acolhimento[3], Consultórios de Rua do SUS[4], entre outros-.

---

1 Dos adultos, são cerca de 120.000 de uma população de 370.000 pessoas investigadas (BASTOS; BERTONI, 2014).

2 São unidades específicas para usuários de álcool e outras drogas, denominados "Centros de Atenção Psicossocial para álcool e outras drogas". Constituem como objetivo o atendimento diário à população que apresenta graves transtornos decorrentes do uso e dependência de substâncias psicoativas, como álcool e outras drogas.

3 Unidades que representam parte da Rede de Atenção Psicossocial (BRASIL, 2012) têm como função receber transitoriamente, em acolhimento voluntário e cuidados contínuos, pessoas com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, em situação de vulnerabilidade social e familiar.

4 Modalidade de atendimento extramuros dirigida aos usuários de drogas que vivem em condições de maior vulnerabilidade social e distanciados da rede de serviços de saúde e intersetorial. São dispositivos clínico-comunitários que ofertam cuidados em saúde aos usuários em seus próprios contextos de vida (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2010).

Todavia, paralelamente a essas unidades, hoje também se é perceptível o crescente número de "organizações não governamentais" - ONG´s – essas que a mais de 60 anos se constituem como modelos alternativos no acolhimento de pessoas com transtornos decorrentes do uso de substâncias psicoativas, contrastando assim com processos e procedimentos característicos da Rede de Atenção Psicossocial do Brasil (ANEXO A)[5]; são essas as chamadas **comunidades terapêuticas (CT's)**[6]; comunidades essas que se constituem como

> [...] serviços, urbanos ou rurais, de atenção a pessoas com transtornos decorrentes do uso ou abuso de substâncias psicoativas (SPA), em regime de residência ou outros vínculos de um ou dois turnos, segundo o modelo psicossocial; são unidades que têm por função a oferta de um ambiente protegido, técnica e eticamente orientado, que forneça suporte e tratamento aos usuários abusivos e/ou dependentes de substâncias psicoativas, durante período estabelecido de acordo com programa terapêutico adaptado às necessidades de cada caso. É um lugar cujo principal instrumento terapêutico é a convivência entre os pares. Oferece uma rede de ajuda no processo de recuperação das pessoas, resgatando a cidadania, buscando encontrar novas possibilidades de reabilitação física e psicológica e de reinserção social (ANVISA, 2001, *apud*, SENAD, 2018, p. 08).

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA, 2021), é bastante notória a presença dessas organizações no cenário brasileiro, hoje totalizando quase 2000 unidades atuando em todo o país, o que tem chamado cada vez mais a atenção governamental em sua Política Nacional de Combate às Drogas devido aos seus métodos bem como a predominância da moral religiosa que nelas impera bem como a significante extensão alcançada ao longo das últimas décadas, tornando-as assim as instituições que mais acolhem sujeitos com algum problema com SPA´s no país.

Para Bastos (2017) embora estejam disponíveis diversos serviços para o acolhimento de indivíduos com problemas devido ao uso ou dependência de substâncias psicoativas – serviços como grupos de autoajuda; consultórios ou clínicas particulares, consultórios de rua; CAPS AD, Unidades de acolhimentos/CAT/albergue/casa viva, hospitais de emergência, entre outros – acolhimentos em comunidades terapêuticas tem se constituído como uma das principais opções de tratamento.

---

[5] Nesse anexo, a partir do trabalho de Perrone (2014), é possível visualizar uma breve síntese do modelo de composição e atuação de algumas das semelhanças e distinções entre a Rede de Atenção Psicossocial do Brasil e as referidas "comunidades terapêuticas".

[6] Compreende-se como comunidades interdenominacionais aquelas instituições voltadas ao acolhimento e/ou tratamento de indivíduos problemáticos de substâncias consideradas lícitas e/ou ilícitas. Essas comunidades interdenominacionais contam com o suporte das instituições religiosas evangélicas de diversas ordens e tradições, essas que fornecem apoio financeiro, alimentar e de recursos pessoais, além de enviar pastores e missionários para atividades religiosas, educacionais e profissionais.

Nessas comunidades, é bastante forte a presença da *religião na identidade* e/ou em procedimentos comumente adotados[7]. De acordo com a mesma pesquisa, estima-se que 40% dessas sejam de orientação pentecostal e 27% delas católicas. Existem também organizações que, embora incorporem práticas religiosas em suas abordagens e métodos de tratamento para indivíduos afetados pelo uso de substâncias psicoativas, não aderem a uma fé religiosa particular. Elas são conhecidas como Comunidades Terapêuticas Interdenominacionais (CTIs) e representam aproximadamente 18% de todas as comunidades terapêuticas em funcionamento.

Ao todo, estima-se que mais de 80% das comunidades terapêuticas existentes possuam alguma vinculação ou abertura à incorporação de práticas religiosas em suas dinâmicas de tratamento. Comunidades essas que encontram nos valores e na moral cristã suas bases mais emblemáticas de atuação. Comunidades essas que surgem com a proposta de acolher e cuidar de pessoas com transtornos decorrentes do uso de substâncias psicoativas desenvolvendo roteiros de ações e práticas visando assim operar uma verdadeira "*reforma moral*" dos sujeitos que nelas se inserem; reforma essa idealizada mediante o isolamento físico e social de seus/suas acolhidos(as), proposta essa que tende a fluir em sentido contrário às diversas outras instituições que também integram a Rede de Atenção Psicossocial do Brasileira; essas que embasam suas práticas a partir dos pilares que constituíram a Reforma Psiquiátrica no país, ponto esse que tem sido de bastante tensão entre ambos os modelos.

Nessas comunidades é comum figurar a concepção de que juntamente com as chamadas práticas laborterápicas - essas transcorridas em paralelo a um regime disciplinar caracterizado por um acentuado monitoramento do tempo, do ócio, bem como das diversas rotinas vivenciadas pelos acolhidos -, e a submissão dos internos a um conjunto de ações (re)socializadoras - dentre as quais se destacam aquelas inspiradas em padrões e convicções religiosas (como terapias ocupacionais de inspiração religiosa, palestras, cultos e participação em ritos religiosos – que esses conjuntos de ações venham a favorecer o surgimento de uma "**nova vida"** marcada pela progressiva substituição de suas *carreiras desviantes* (BECKER, 2008) por *carreiras morais* (GOFFMAN, 1974), essas capazes de conceber diversos impactos no conjunto disposicional (LAHIRE, 2002) de cada acolhido e leva-los, consequentemente, à

[7] De acordo com Bastos, et al, 2017, hoje o número de CT´s que atuam sob o pilar trabalho, disciplina e desenvolvimento da espiritualidade, ou seja, aquelas que inserem em suas dinâmicas algum tipo de vivência ou cultivo de espiritualidade sobre os seus internos ultrapassa a marca de 80%, mostrando assim ser essa uma forte tendência e características das CT´s no Brasil na atualidade.

superação do desvio social (SANTOS, 2006; 2015), da exclusão, bem como dos demais quadros de uso e dependência, marcando assim novas formas de ação.

Portanto, é com a ênfase na espiritualidade, na concepção de práticas laborterápicas e na promoção de interação com pares em condição semelhantes de reclusão que dinâmicas, valores e rotinas são estabelecidos como um padrão característico de acolhimento dentre as instituições filiadas à FENACT/CRUZ AZUL/FEBRACT[8]. Para essas instituições, pelo menos 8 pontos são identificados como procedimentos e valores comuns de acolhimento:

> 1. Espiritualidade;
> 2. Acolhimento voluntario como um episódio;
> 3. Ambiente residencial, familiar, saudável e protegido técnica e eticamente livre de drogas, violência e sexo;
> 4. Convivência entre os pares;
> 5. O valor terapêutico e educativo do trabalho no programa de tratamento na Comunidade Terapêutica (Atividades Práticas);
> 6. Critérios de admissão e saída definidos;
> 7. Conhecimento antecipado, aceitação e participação ativa do programa de acolhimento pelos dependentes e seus familiares;
> 8. Acompanhamento pós-acolhimento pelo menos um ano (FENACT, 2011, p. 01).

Como se pode perceber, para essas instituições, a espiritualidade figura como sendo o valor máximo de identificação nesses modelos de comunidades terapêuticas.

"S*e alguém está em Cristo* ***nova criatura*** *é, eis que as coisas velhas passaram e tudo se fez novo*" (2 CORÍNTIOS, 5:17). Nessas comunidades é bastante comum encontrar lemas como esses originados de conteúdos bíblicos (SANTOS, 2015) e que buscam levar os acolhidos dessas instituições não apenas à condição de abstinência, como também à superação dos diversos transtornos sociais gerados pela dependência como exclusões sociais, rotulações, estigmas, perda da autonomia, das relações e teias familiares, do trabalho, da própria identidade, de suas formas sociabilidades, entre outros.

De certo modo, a relação entre religião e saúde mental é um fenômeno bastante significativo nesses modelos de intervenção; essas inclusive no campo científico.

Autores como Schumaker (1992) apud Francisco Lotufo Neto et al (2009, p. 104-105) listam pelo menos dois pontos de tensões para o pensar da relação religião e saúde mental no contextos dessas comunidades. Para ele, a prática e/ou a vivência religiosa pode ser danosa quando relacionada à saúde mental à medida que:

---

[8] Nesse caso, aquelas que por filiação aderiram aos termos da Carta do Piauí.

> a. Gera níveis patológicos de culpa.
> b. Promove o auto denegrir-se e diminui a autoestima, através de crenças que desvalorizam nossa natureza fundamental.
> c. Estabelece a base para a repressão da raiva.
> d. Cria ansiedade e medo através de crenças punitivas (por exemplo: inferno, pecado original, etc.)
> e. Impede a autodeterminação e a sensação de controle interno, sendo um obstáculo para o crescimento pessoal e funcionamento autônomo.
> f. Favorece a dependência, conformismo e sugestionabilidade, com o desenvolvimento da confiança em forças exteriores.
> g. Inibe a expressão de sensações sexuais e abre caminho para o desajuste sexual.
> h. Encoraja a visão de que o mundo é dividido entre "santos" e "pecadores", o que aumenta a intolerância e a hostilidade em relação "aos de fora".
> i. Cria paranoia com a ideia de que forças malévolas ameaçam nossa integridade moral.
> j. Interfere com o pensamento racional e crítico (SCHUMAKER, 1992 apud LOTUFO NETO et al, 2009, p. 104);

Ou mesmo ter um efeito positivo sobre quem a pratica à medida que:

> a. Reduz a ansiedade existencial ao oferecer uma estrutura cognitiva que ordena e explica um mundo que parece caótico.
> b. Oferece esperança, sentido, significado e sensação de bem estar emocional.
> c. Ajuda as pessoas a enfrentarem melhor a dor e o sofrimento (...).
> d. Fornece soluções para uma grande variedade de conflitos emocionais e situacionais.
> e. Soluciona o problema perturbador da morte, através da crença na continuidade da vida.
> f. Dá às pessoas uma sensação de poder e controle, através da associação com uma força onipotente.
> g. Estabelece orientação moral que suprime práticas e estilos de vida autodestrutivos.
> h. Promove coesão social.
> i. Fornece identidade, satisfazendo a necessidade de pertencer, ao unir as pessoas em torno de uma compreensão comum.
> j. Fornece as bases para um ritual catártico coletivo (SCHUMAKER, 1992 apud LOTUFO NETO et al, 2009, p. 105).

Todavia, ainda segundo o autor, antes de afirmar a existência de tal relação (quer seja positiva, quer seja negativa) é necessário levar em consideração a pluralidade que o campo religioso representa bem como os diferentes contextos de práticas que ela se insere.

Assumindo essa premissa, o que dizer de sujeitos socializados em ambientes em contextos os quais diversas tradições religiosas se fazem presentes? Que composições seus patrimônios disposicionais[9] sofreriam estando esses imersos em um ambiente em que eclodem, ao mesmo tempo, diversos discursos religiosos atrelados a distintas dinâmicas

[9] Ou seja, um conjunto de inclinações à ação que juntas nem sempre são coerentes e/ou homogêneas.

reabilitadoras[10] - como a *laborateraрia*, rotinas *e estruturas disciplinadoras*, entre outras-? Por fim, uma vez reinseridos em contextos mais amplos que as CTI's, qual seria o impacto dessas novas relações e contextos sobre o patrimônio disposicional constituído institucionalmente?

Foi, portanto, a partir do desenhar desse quadro, e munido pelo desenvolvimento de uma investigação sociológica, que a composição **do seguinte problema de pesquisa foi possível**: *como as disposições (re)ativadas durante o período de acolhimento reagiram ao contato com sujeitos e contextos plurais e exteriores às CTI's? Quais os impactos disso no processo de reinserção social?*

Foi partindo desse problema que diversas **questões de pesquisa** surgiram favorecendo assim a constituição de recortes singulares acerca dessas realidades, bem como de seus diversos sujeitos, as quais são indicadas a seguir:

a) De que forma as experiências e aprendizados concebidos no interior dessas comunidades terapêuticas incidiram sobre as novas atuações de tais sujeitos agora na condição de egressos?

b) haveria nos contextos e espaços frequentados pelos egressos recursos e sociabilidades favoráveis para a manutenção e desenvolvimento do conjunto de disposições ativadas no âmbito das CTI's?

c) em caso de afirmativo, como os egressos lidam/agem/interagem em tais espaços e sociabilidades?

d) por fim, de que forma a maneira como lidam com a pluralidade desses espaços, sociabilidades, possíveis tensões, conflitos e estigmas (ou a ausência desses) incidiria sobre as novas formas de lidar com o uso de substâncias psicoativas ou mesmo com os diversos transtornos a esses associados?

Todas essas questões nos levaram a destacar a relevância de uma análise sociológica que evidenciasse as formas de como egressos de CTI's interagem em campos "para além dos muros institucionais" bem como esses lidam com mecanismos sociais potencialmente atuantes para o nutrir, atenuar ou mesmo para a inibição das disposições recentemente ativadas durante o período de acolhimento.

---

[10] Modelo de reabilitação esse que quando atrelado a uma moral religiosa tende a incidir sobre novas formas de pensar, de atuar, de interação (LAHIRE, 2004) e/ou mesmo na ressignificação de eventos constitutivos da biografia do sujeito (BERGER, 1985).

A partir da problemática lançada, buscamos deixar evidente que essa pesquisa não buscou com isso realizar uma investigação que tivesse como objeto enfatizar o uso terapêutico da religião ou mesmo avaliar como o processo de conversão religiosa tende a guiar o agora "converso" a um ideal de cura – diálogo esse que antes necessitaria estabelecer pontes as mais distintas com diversos outros campos do saber, como, por exemplo, os campos da saúde pública ou mesmo com a psiquiatria – e que fugiria de nossas reais intenções. Ao contrário; buscamos constituir aqui uma investigação que tivesse como objeto a visualização dos múltiplos processos de socialização na constituição dos esquemas disposicionais responsáveis pelas ações de cada voluntário egresso de CTI's e que no momento de nossa coleta de dados atuavam em distintos contextos; objeto esse obtido a partir da reprodução de suas biografias mediante a instrumentalização teórica e metodológica daquilo que Lahire (2004) chamaria de "Retratos Sociológicos".

Portanto, tendo como foco as experiências de reinserção social concebida por egressos de CTI's, a visualização de alguns dos principais mecanismos que (des)favorecem a reconstituição de suas sociabilidades, buscaremos, nesse processo – em destaque - expor, a partir dos dados analisados, como a incidência da disposição religiosa, (re)ativadas no contexto da CTI, marca as ações, conflitos e trajetórias dos egressos nos novos contextos de ação. Assim, posto esse jogo disposicional em evidência, tornar-se-ia possível – e necessária – a evidenciação de uma rápida e panorâmica relação entre "religião e saúde mental" ou ainda, a relação entre "religião e uso de substâncias psicoativas" – tópicos esses desenvolvidos e expostos adiante -.

Dessa forma, foi partindo do problema, bem como das questões lançadas, somadas às nossas diversas vivências naquele campo como pesquisador juntamente com toda a revisão da literatura desenvolvida, que tomamos como hipótese que os egressos, entendidos como "atores plurais" (LAHIRE, 2004) e possuidores de esquemas disposicionais moldados em diferentes processos de socialização em suas vidas - sejam eles homogêneos ou contraditórios - ao participarem das dinâmicas das comunidades terapêuticas interdenominacionais que resultaram em suas "conversões religiosas", esses puderam adquirir ou mesmo reativar diversas disposições sociais [em especial suas disposições religiosas] capazes de favorecer a forma como lidam com diversos problemas identitários, afetivos, familiares, religiosos, entre outros.

Partimos também da hipótese de que os egressos das comunidades terapêuticas interdenominacionais, ao se (re)inserir em contextos externos diversos e complexos,

tenderiam a ser influenciados por interações e sociabilidades plurais. Esses contextos, que podem se constituir tanto como extensões do projeto socializador das CTI's ou mesmo como contra socializações, tenderiam a exerce uma forte influência sobre os egressos, levando-os a uma ressignificação de seus esquemas disposicionais. Esta ressignificação poderia tanto aprofundar diversas das disposições adquiridas quanto mesmo anulá-las temporária ou permanentemente.

Buscando assim compreender o comportamento e o significado desse comportamento em contextos sociais amplos e plurais, foi levando em consideração as especificidades do objeto adotado – a constituição disposicional de egressos de CTI's – a partir do problema exposto, que encontramos na perspectiva teórico-metodológica de Lahire (2004) uma fecunda lente analítica. De certo modo, a composição do que se chamou de "*retratos sociológicos*", adotada em nossa pesquisa, favoreceria a elaboração de "um olhar do social a partir do individual" (LAHIRE, 2004), bem como dos caminhos heterogêneos que marcariam a síntese das socializações de indivíduos inseridos em múltiplos espaços [esses muitas vezes antagônicos] e diversos atores igualmente plurais. Sua sociologia à escala individual, inserida no campo da investigação disposicionalista, nos permitiu estabelecer uma *análise que focasse nas experiências de reinserção social* concebida pelos *egressos desses modelos de comunidades terapêuticas interdenominacionais,* destacando, portanto, aspectos singulares de algumas das principais etapas das trajetórias por eles concebidas, as pluralidades dos contextos vivenciados, bem como a força que cada um desses contextos e dos sujeitos deles pertencentes implicaria nas ações, nas dinâmicas, nas relações, nas novas socializações e sociabilidades estabelecidas. Em outras palavras, as contribuições teórico-metodológicas desse autor nos permitiram levar em consideração a pluralidade e especificidades dos atores e seus contextos de desenvolvimento, favorecendo assim uma visualização do social através dos diversos quadros das trajetórias individuais aqui representados. O ator, visto como um ser plural (LAHIRE, 2002a), uma vez refletido como um agente que manifesta suas múltiplas e diversas experiências socializadoras (em campos muitas vezes heterogêneos), passaria em Lahire a ser problematizado com lentes cada vez mais próximas; abordagem metodológica essa que permitiria evidenciar, a partir do indivíduo, os diversos mecanismos que imperam nas formas como esses reconstituem suas sociabilidades; suas transformações e/ou mutações identitárias; as possíveis continuidades, descontinuidades e/ou rupturas com o pensamento institucional; as prováveis tensões, estigmas e conflitos resultantes do contato com suas antigas redes de interações, revelando assim, cada vez mais, o social mais amplo através dele.

Dessa forma, tal abordagem nos permitiria fugir de certa tendência de observar o indivíduo como o resultado de um único processo de socialização (nesse caso as CT's) favorecendo assim a interligação dessa experiência com eventos, contextos, experiências, sujeitos e instituições socializadoras as quais o egresso teve acesso em momentos anteriores e posteriores ao seu acolhimento bem como essas se conectam com suas formas de ações, gostos, concepções e identidade no momento presente.

Portanto, todas essas questões inquietadoras, somadas à lente analítica lahiriana, nos permitiu constituir uma proposta investigativa cujo **objetivo geral** fosse *compreender os processos de (re)organização disposicional de egressos de CTI's em contato com diversos espaços de ação*.

Uma vez firmado esse ponto principal da pesquisa, os dados obtidos a partir do contato com os sujeitos egressos participantes de nossa investigação; das entrevistas realizadas em profundidade a partir dos moldes teórico-metodológicos lahirianos; das diversas observações e abordagens ocorridas tanto nos campos das CTIs como nos demais contextos de interações os quais os egressos se faziam presentes; todas essas experiências e dados obtidos confluíram para se atingir os seguintes objetivos específicos:

a) analisar os possíveis impactos dos diferentes contextos de ação dos egressos sobre seus patrimônios disposicionais;

b) reconhecer quais disposições do repertório dos egressos são acionadas e tendem a agir como motivadoras para a abstinência das SPA´s no processo de recomposição da vida;

c) analisar os possíveis conflitos, estigmas e "violências" vivenciados pelos egressos em diferentes contextos de atuação;

d) verificar os principais meios utilizados pelos egressos para a manutenção e/ou desenvolvimento de seu patrimônio disposicional.

Listados todos os pontos que estruturaram este trabalho de pesquisa – *delimitação do tema, problema, hipótese, objetivos, aspectos teóricos-metodológicos, entre outros* -, cabe-nos também elucidar algumas características dos elementos que marcaram nosso ponto de partida; ou seja, aquelas questões que, de certa forma, nos inquietaram e resultaram na **justificativa** para essa empreitada investigativa.

Partindo desse ponto, pode-se dizer que o interesse por este tema surgiu, **em primeiro lugar**, a partir de minhas percepções concebidas no desenvolvimento de algumas das minhas várias experiências em contato com algumas dessas CTI's em momentos anteriores a essa

pesquisa de tese, bem como com os diversos sujeitos que a essas se integraram e/ou fizeram parte.

Compreendemos que desde a opção por um objeto até a concepção de seus resultados; escolhas valorativas serão no campo da ciência mais do que uma possibilidade: elas serão uma certeza. Dessa forma, é a partir dessa pré-concepção que entendemos que tão significante quanto realizar os retratos sociológicos daqueles que se voluntariaram para esta pesquisa é retratar, ainda que brevemente, alguns dos contornos e motivações que nos levaram a essa empreitada investigativa. Com isso visamos tornar evidente algumas das impressões mais emblemáticas de nossa constituição disposicional. Esse exercício se justifica uma vez que sabemos que por mais que tentemos nos distanciar do objeto e conceber uma postura de neutralidade científica – essa necessária para qualquer pesquisador -, é sempre uma possibilidade ser guiado por tais conjuntos de valores; o que pode ocorrer desde a adoção por um tema até mesmo ao trabalho de análise e concepção dos dados. Dessa forma, deixaremos evidentes algumas das principais compreensões e subjetividades a fim de situar a nossa relação com o objeto.

A partir das contribuições weberianas é possível inferir que nenhuma empreitada investigativa pode excluir totalmente a incidência de valores - e certamente o campo dos estudos e pesquisas sociológicas não se constituiria como exceção -. Todavia, apesar do reconhecimento desse fato, é papel de qualquer cientista buscar acionar meios os quais favoreçam a proteção de suas análises e/ou resultados; protegê-los assim de incidências valorativas, quer sejam elas de ordem política ou mesmo moral. Promover então uma "axiologia" do pesquisador – ainda que brevemente - certamente contribuirá para uma maior elucidação dos caminhos que nos levaram a certas opções, bem como a certas análises que resultaram nos achados dessa pesquisa. Buscamos, assim, tornar aparentes alguns de nossos pressupostos mais subjetivos para favorecer tanto a evidenciação de nosso potencial para a concepção dessa pesquisa quanto também dos possíveis limites existentes ensejados em nossa relação com o objeto. Portanto, esse caminho tendeu a favorecer um exercício epistemológico mais crítico dos dados - e necessário -, bem como do pesquisador e das singularidades de seu "habitus" a partir da elaboração de uma breve sócio análise, conforme será exposto a seguir.

Sou homem, casado, branco – embora com orgulho me identifique com a minha ancestralidade étnica negra -, e tenho 40 anos. Quanto à minha pertença religiosa, me identifico como evangélico desde os meus 12 anos, deixando assim as práticas e vivências no catolicismo. Batista, desde os meus 27 anos, comecei nesse estágio a passar por diversas

transformações que refletiam as várias experiências de socialização e sociabilidade na vivência e no desenvolvimento de minha espiritualidade. Sentia, naquele período, um crescimento contínuo quanto ao conteúdo, clareza, flexibilidade e/ou mesmo grau de importância" de minha fé (ALLEN; SPILKA 1967), exercendo assim, com cada vez mais frequência, atividades de pregação, ensino e liderança em minha atual denominação religiosa.

Portanto, foi engajado na liderança dessa igreja – enquanto diácono – que, vivendo com a minha família – minha esposa e meus dois filhos -, tenho participado ativamente de atividades missionárias em campos os mais distintos: atuando em comunidades as mais distantes – como aquelas situadas no alto sertão da Paraíba – ou mesmo com públicos que tiveram, em algum momento de suas trajetórias, problemas com os seus envolvimentos com algum tipo de SPA.

Ter a possibilidade de investigar a constituição de atores plurais na perspectiva lahiriana se transformaria em um convite a perceber o quão plurais havia sido minhas experiências de socialização em contextos os mais distintos. Além de minha vasta formação acadêmica constituído nos campos da Música, História, Pedagogia, Psicopedagogia, Ciências Sociais, Matemática, Artes Visuais e Teologia, também, antes de professar minha fé Batista, desenvolvi minha espiritualidade nos campos do catolicismo, no neopentecostalismo, no congregacionalismo e presbiterianismo. Dessa forma, quer fosse como cristão, quer fosse como pesquisador, percebo hoje ser uma de minhas tendências mais emblemáticas a de encarar os objetos e fenômenos em nossa volta por vários ângulos; estabelecendo assim diálogos muitas vezes imperceptíveis e/ou pouco explorados por diversos campos do saber e/ou tradições quando assumidos isoladamente.

Foi aos 21 anos, época essa que era estudante do curso de graduação em História, que experimentaria minhas primeiras vivências de pesquisa em um momento em que minhas disposições acadêmicas encontravam um terreno bastante fecundo para o seu desenvolvimento. Cada vez mais me aprofundava nas diversas teorias e métodos de pesquisa advindos do campo da história e sociologia, permitindo assim que essas guiassem e ressignificassem muitas de minhas disposições e ações. Foi nessa fase, participando de um grupo de estudo de História e Sociologia da Religião, que me foi proposto investigar fenômenos associados aos campos das CTI's devido a esse ser considerado - naquele tempo assim como ainda é atualmente - um campo bastante fecundo para diversas análises sociológicas. Dado o desafio, abracei a proposta e lancei o projeto aceito, posteriormente, pelo Núcleo de Iniciação Científica da FAFICA. Aprovado, pouco tempo depois estaria adentrando

uma comunidade terapêutica masculina pela primeira vez para a realização de uma pesquisa que visava compreender diversos aspectos da constituição do projeto terapêutico daquela instituição no contexto da cidade de Caruaru–PE (SANTOS, 2006).

Apesar do desafio, aquela não foi a primeira vez que havia adentrado em um contexto de CTI. Pertencente, naquela época, a uma comunidade religiosa de tradição congregacional, tivera meus primeiros contatos com as CTI's 2 anos antes a partir das várias atividades desenvolvidas em minha denominação. Lembro-me do meu espanto e estranhamento ao observar aquele novo cenário com atores/atrizes que traziam consigo as marcas de processos de socializações e interações em campos distintos; marcas essas expressas em seus corpos – tatuagens, piercings e demais adornos, hematomas/fraturas, imobilização parcial/total de alguns membros, entre outros -; nas falas – uso de gírias, palavrões, ou mesmo dificuldades em se expressar -; nas roupas; entre outros. Ao mesmo tempo, me chamavam a atenção as diversas formas de resistências dos(as) acolhidos(as) frente às tentativas institucionais em influenciar seus acolhidos; resistências essas que tendiam a revelar as dinâmicas de poder, os conflitos, os desvios ainda perseverantes, entre outros. Entretanto, os discursos que lá eclodiam tendiam a deixar visíveis, até então, aspectos da força da religião via testemunhos públicos, teatralizações, entre outros. Cada manifestação/interação concebida para com os públicos externos tendiam a traduzir a perspectiva religiosa dominante (BERGER, 1985) bem como aspectos da cultura institucional; mas até que ponto? Lembro-me de que aquelas experiências sempre me desafiavam. Pensava: como um sujeito como eu que nunca tive problemas ou transtornos provocados por um envolvimento direto no consumo de SPA's consideradas ilícitas iria lidar com um público tão distinto? o que sabia sobre tais sujeitos, suas histórias, dificuldades e obstáculos, suas transformações, ou mesmo as formas e caminhos que buscaram desenvolver suas espiritualidades? Como iria lidar com "aquele povo" que somente conhecia pelas exibições mediadas por canais de televisão, muitas vezes distorcidas e preconceituosas, ou rapidamente observados passando pelas ruas de meu bairro, ou mesmo em zonas bastante vulneráveis da cidade? Como iria lidar com "aquele povo" que em meus tempos de escola pública deixavam várias seringas e outros rastros no contexto escolar e que muitas vezes me abordavam no intuito de conseguirem algumas "contribuições voluntárias" ou até mesmo "compulsórias". Quer fosse à distância, quer fosse em contatos mais próximos; fosse demonstrando sinais, ou mesmo suprimindo os efeitos do consumo de SPA's (BECKER, 2008), percebi que a nossas realidades não eram tão distantes assim. Meu pai era militar; meu sogro era militar; para mim era comum escutá-los compartilhando

experiências e representações acerca de sujeitos dependentes e com transtornos gerados pelo uso de SPA'S. Essas representações somadas a descrença na eficácia das instituições ressocializadoras do Estado – como as prisões, FUNASE (Fundação de Atendimento Socioeducativo), entre outros -, tendiam gradualmente a passar uma mensagem, ainda que inconscientemente, que transcendiam muitas vezes minhas próprias disposições para crer naquela época. Dessa forma, conjecturava: teriam esses grupos de atores sociais as condições e disposições certas para uma efetiva recomposição de suas sociabilidades? Apesar de minha pertença religiosa, deveria eu estar no meio deles? Será que outros poderiam estar naquele lugar por mim? Confesso que para mim parecia ser muito mais confortável lidar com outros sujeitos religiosos em situações distintas e que demandariam contatos menos frequentes; ou mesmo que usufruíssem certo grau de liberdade e autonomia; mas naquele lugar, as coisas pareciam estranhas demais para mim bem como eu um estranho para eles(as).

Embora buscasse conexões, as aplicações e a falta de conhecimento de seus reais problemas e transtornos me fazia sentir como se pertencesse a um mundo distante. E verdadeiramente eu estava! Todos pareciam compreender muito pouco de mim e eu, de igual forma, muito pouco deles. Era notório que estigmas e representações entre ambos eram forjados constantemente, constatados, ainda que minimamente, em conversas e abordagens posteriores; abordagens essas as quais deixaria registrado no futuro naquela que seria minha dissertação no mestrado (SANTOS, 2015). Apesar de muitos se identificarem como sujeitos religiosos, assim como eu, era cada vez mais evidente para mim que os abismos pareciam bem maiores do que as pontes que pudessem nos conectar. Dessa forma, todas essas experiências tendiam a me deixar sempre com um ar de desconfiança. Apesar da minha pertença religiosa, era custoso acreditar na plenitude das experiências de transformações relatadas por muitas. Compreendia, naquele momento, que sabia muito pouco de suas vidas, experiências internas e externas, bem como essas procuravam reconstituir suas sociabilidades e identidades frente a estigmas e resistências experienciadas dentro e fora da CTI.

Todas essas experiências no contexto da CTI - essas que me deixaram com mais perguntas do que respostas - serviram de grande motivação para adentrar mais uma vez aquele contexto institucional dessa vez como pesquisador. Naquele momento, acreditava que por conceber uma experiência anterior de imersão e por ser socializado em contextos religiosos distintos, que todas essas vivências tenderiam a favorecer meu processo de imersão naquele novo ambiente. Estava enganado! À medida que aprofundava e concebia novas interações naquela CTI masculina, percebia que muitas de minhas preconcepções iam se dissolvendo

e/ou mesmo ressignificando. De fato, ia vivenciando uma das mais características e evidentes experiencias de um pesquisador: a de se permitir construir e reconstruir a cada contato com o seu objeto de estudo. Dessa forma, apesar de minhas crenças religiosas, procuraria ao máximo adentrar o campo das "incertezas" e do aparentemente "estranho" me desvestindo de quaisquer preconcepções que desvirtuasse a análise de meu objeto.

De certo modo, toda essa primeira experiência investigativa abriria oportunidades para uma maior compreensão dos elementos das histórias de vida narradas por sujeitos retornantes a essas organizações devido à recorrência ao quadro de problemas relacionado ao uso e/ou dependência de substâncias psicoativas. Seus estigmas sofridos; exclusões sociais; os diversos trajetos de retorno aos problemas relacionados com o uso e consumo de substâncias consideradas ilícitas - mesmo após professarem novas pertenças e identidades religiosas -; aspectos da (re)constituição de suas sociabilidades após a saída da CTI; os diversos espaços e contextos por eles/elas frequentados; todos esses aspectos tendiam a deixar evidente um emergente e novo objeto de pesquisa; objeto esse o qual nos propomos a investigar.

Todavia, naquela pesquisa, as narrativas colhidas pareciam apontar para a necessidade de uma maior compreensão dos possíveis desafios a serem encarados pelos egressos no reestabelecimento de uma *nova vida* em diversos contextos de interações, evidenciando assim novas possibilidades de abordagem de investigações sociológicas dentre aqueles sujeitos.

Portanto, tomando como base todo esse quadro, bem como as experiências, as observações e as histórias de vida colhidas, gradativamente fui percebendo que as dinâmicas sociais que eclodiam no momento de retorno dos acolhidos à sociedade mais ampla - as interações e sociabilidades estabelecidas; os processos e contornos desenvolvidos pelos egressos; a maneira como lidam com possíveis estigmas; o papel da religião na abstinência e no reforço de uma identidade concebida e legitimada institucionalmente – representavam processos tão fecundos quanto aqueles já analisados nos limites dessas comunidades terapêuticas interdenominacionais, se constituindo assim em relevantes objetos de estudo para análises sociológicas.

Concluindo assim essa primeira experiência de pesquisa, compreendi um triste e fascinante quadro possível para todo o cientista: a de que concluir uma pesquisa que resultaria em mais "perguntas" do que respostas. Nutrido por essa condição ambivalente, à luz da ciência – em especial o interacionismo simbólico de Erving Goffman - procuraria adentrar mais uma vez naquele contesto - dessa vez em uma CTI feminina. Teria, portanto, a oportunidade de observar com maior profundidade os diversos processos que se manifestavam

nas diversas relações e interações estabelecidas entre os sujeitos que integravam aquele campo institucional.

Ao ingressar como voluntário, naquela instituição, para desenvolver uma pesquisa participante ainda pelo mestrado em Ciências Sociais (UFCG), o acesso e a convivência maior - e agora contínuo - com cada uma das mulheres na condição de acolhidas e equipe que lá atuavam; os estigmas sentidos e evidenciados durante certas interações; os diversos conflitos e tensões presenciados; as diversas formas de desvios conferidos e muitas vezes invisibilizados aos olhos daqueles mais leigos; as variadas manifestações dos processos de socialização e sociabilidades marcados pela força da disciplina e da religião lá existentes; os elementos e mecanismos que reforçavam o poder e a constituição das diversas relações expressas; todos esses elementos, muitos deles ignorados durante a vivência de minha antiga condição, agora, enquanto pesquisador, eram percebidos por diversas vias e canais demonstrando assim toda a complexidade daquela "moldura social" bem como de um contexto formado por tensões internas e principalmente externas.

Dessa forma, chegando juntamente com uma equipe de pastores, professores, missionários, músicos, entre outros, adentrava aquela realidade densa, porosa e complexa. Cada novo passo de imersão contribuía para dissolver diversos dos aspectos e noções outrora concebidos. O familiar ia ficando cada vez mais estranho à medida que o estranho ficava mais próximo.

Embora já há vários anos adentrasse aqueles mesmos corredores, pátios, salões, púlpitos, entre outros espaços, toda aquela experiência me fez perceber como cada sujeito juntamente com os elementos e espaços ali contidos tendiam a impelir uma força sobre os indivíduos; a reforçar o pensamento institucional [apesar das pluralidades do próprio contexto que agiam de forma antagônica nesse aspecto]. Naquele momento, ainda que tudo parecesse tão conhecido, verdadeiramente nada mais era o mesmo.

Essas bases "das certezas" ficariam ainda mais abaladas quando mais uma vez, apesar dos dados obtidos nessa pesquisa de mestrado, uma mesma questão persistia: uma vez analisados no contexto institucional, o que poderia se dizer de suas vivências e trajetórias no contexto externo à CTI? Esse quadro me chamou a atenção quando em minhas novas idas à CTI, após findada a pesquisa de mestrado, recebia notícias de trajetórias de pós-acolhimento distintas de homens e mulheres que foram considerados "casos bem sucedidos" no contexto institucional. Observado esse quadro, percebia ser esse um novo e fecundo objeto de estudo a ser explorado.

Assim, embora tivesse concebido todas essas imersões – quer fosse mediado por grupos religiosos, quer fosse na condição de cientista – compreendia que ainda pouco conhecia as experiências externas dos ex-acolhidos que atuariam em novos contextos na condição de egressos. Ao mesmo tempo, muito me impressionava os relatos de egressos que retornaram ao âmbito interno da CTI; relatos esses que demonstravam diversos aspectos dos desafios da reconstituição das sociabilidades nos diversos cenários de atuação os quais se integravam- como no âmbito da família, do trabalho, do lazer, de suas vivências religiosas entre outros – demonstrando assim ser esse um terreno bastante fértil para novas incursões sociológicas. De fato, os resultados dos dados apresentados aqui como "retratos sociológicos"; as tramas e desenvolvimentos bem como as singularidades de cada contexto por eles adentrados somados à força do passado ainda evidente e presente em muitas "novas ações" demonstrariam a presença de um rico e fecundo conjunto de interações distantes de nossa familiaridade e bastante relevantes para o campo da sociologia.

Findado esse breve retrato do pesquisador, **outro elemento motivador** que justificou a elaboração desta pesquisa de tese se deu após o estabelecimento do levantamento de algumas das principais teses desenvolvidas no país – arquivadas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)[11] -. Buscou-se assim identificar, dentre essas, aquelas que se aproximassem e/ou tivessem alguma relação com o nosso tema, sujeitos e/ou objeto de pesquisa proposto.

Nessa fase em que se procedeu uma pesquisa exploratória (GIL, 2008), identificadas *147 teses*[12] que *tinham na condição de sujeitos em situação de uso ou dependência de alguma substância psicoativa* o foco de suas investigações, constatou-se que somente *10 dessas* problematizaram o estado de uso e dependência desses no contexto de alguma CT. À medida que se delimitava esse quadro de produções, evidenciamos que esse número de teses era reduzido ainda pela metade quando considerados somente aqueles trabalhos que mencionam e/ou abordam em suas análises atividades desempenhadas por/em comunidades terapêuticas interdenominacionais (evangélicas). Pesquisas como as de Krüger (2015) e Sanchez (2006) que abordaram aspectos do pensamento institucional, os processos internos e a ética religiosa

[11] BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES. **Acesso e visibilidade às teses e dissertações brasileiras.** Disponível em: < http://bdtd.ibict.br/vufind/ >. Acesso em: 20 de agosto de 2018.

[12] Uma vez no site do BDTD preencheu-se o campo Assunto com a expressão "drogas"(entre aspas) e também "dependente" (entre aspas). Foram utilizadas ainda as seguintes opções: País=Brasil, Grau=Teses, Idioma=Português. Foram obtidas 223 teses das quais 76 foram excluídas devido a repetições do sistema e/ou não apresentarem relação com a delimitação concebida.

concebida em comunidades terapêuticas; Rameh-de-Albuquerque (2017) que abordou alguns dos chamados fatores de recaída de egressos; Gimba (2018) que abordou aspectos da transição entre as fases de acolhimento e o retorno à sociedade mais ampla; ou mesmo pesquisas como as de Loeck (2014) que abordaram a constituição de aspectos biográficos dos sujeitos considerados dependentes. Todavia, apesar das riquezas e relevâncias dos dados constituídos nesse grupo restrito de pesquisas, uma problematização mais estrita sobre como os contextos de sociabilidades tendem a impactar diversos dos aspectos diposicionais dos agora "ex-acolhidos"; a forma como essas experiências de reconstituição de suas biografias e sociabilidades tendem a se fundir ou mesmo a se integrar a antigas estruturas de ação [essas constituídas além das próprias vivências socializadoras nesses modelos de comunidades terapêuticas]; esses não se constituíam, para essas, como eixos centrais, evidenciando assim a pertinência, a relevância e a originalidade do problema de pesquisa por essa tese levantado.

Por último, somando-se às observações dos sujeitos, essas conduzidas em momentos anteriores a essa pesquisa, e à evidenciação de certa carência de produções científicas/sociológicas que vislumbrassem as condições dos acolhidos por comunidades terapêuticas, um *terceiro* e relevante ponto para a execução dessa pesquisa de tese se apresentaria; esse seria identificado a partir da grande repercussão dos conflitos e entraves assistidos entre os representantes/defensores dos modelos de comunidades terapêuticas interdenominacionais e os demais órgãos reguladores.

Na busca por regular as atividades de reinserção social exercidas nessas comunidades terapêuticas, órgãos como o CONAD – Conselho Nacional de Política sobre Drogas – têm publicado resoluções[13] as quais vão em direção contrária às práticas consideradas mais emblemáticas nessas instituições: *o uso terapêutico de práticas religiosas.*

A Reforma Psiquiátrica, essa que reflete a adesão do Brasil à Declaração de Caracas e que resultaria na constituição de importantes leis como a Lei nº 9.867 de 10 de novembro de 1999, permitiria o desenvolvimento de programas para o apoio e suporte psicossocial. Juntamente a essa considera-se também a Lei 10.216 que redirecionaria a atuação do modelo assistencial em saúde mental até então existente, impulsionando movimentos que ficariam conhecidos como "desmanicomização". Portanto, é compreendido que esses movimentos tenderiam a se posicionar contrários ao modelo adotado pelas comunidades terapêuticas cuja

---

[13] BERGAMO, Mônica. Clínicas para recuperação de viciados terão regras sobre religião e trabalho. **Folha de S. Paulo**. 12 de agosto de 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2014/08/1498749-resolucao-permite-que-usuarios-de-drogas-recusem-tratamento-religioso.shtml> Acesso em: 01 de outubro de 2014.

reclusão e a abstinência são as bases para o acolhimento de sujeitos com problemas devido ao uso e dependência de SPA´s.

Embora o contexto das políticas públicas tenha caminhado nessa direção, em sentido contrário estavam as comunidades terapêuticas e as fortes pressões normativas sofridas por essas quanto a reestruturação dos modelos e programas de acolhimento por elas desenvolvidos. Nas disputas estabelecidas nesse campo, tal embate põe em evidência certos contrastes existentes entre modelos de tratamentos de ordem religiosa e modelos secularizados.

Nesse quadro de tensões e disparidades entre modelos, as comunidades terapêuticas tenderiam a ganhar certa força e reconhecimento ainda durante a gestão do presidente Jair Bolsonaro o qual ao sancionar a Lei n.º 13.840 de junho de 2019 favoreceria internação involuntária de sujeitos com transtornos decorrentes do uso de drogas. Como consequência, esse "movimento para uma (re)manicomização" (PASSOS et al, 2020) tenderia, portanto, a agravar a já conturbada relação entre os defensores dos modelos de acolhimento promovidos pelas CT's e os defensores da "Reforma Psiquiátrica".

A eclosão desse último fato contribuiria para deixar claro alguns dos fundamentos que justificam a atualidade dessa investigação uma vez evidenciada a centralidade crescente obtida pelas comunidades terapêuticas e seus modelos e programas de acolhimento no âmbito das arenas políticas/normativas brasileiras.

Portanto, estabelecer uma pesquisa que favorecesse um olhar acerca dos egressos dessas comunidades terapêuticas e os impactos dos múltiplos contextos os quais se inserem em período posterior ao acolhimento institucional é bastante relevante. Constituir uma investigação sociológica em um momento decisivo de acirradas discussões políticas; de certa carência de produções científicas que assumam visualizar aspectos do objeto aqui proposto; pode contribuir para o enriquecimento do debate entre os grupos e setores que compõem as arenas de debates da sociedade civil, política, terceiro setor, entre outros. Além disso, compreender as condições dos egressos sob o lócus sociológico – no campo das organizações, das espacialidades e das diversas formas que promovem suas subjetividades e sociabilidades – tende a fornecer novas e expressivas impressões para futuras reflexões ainda mais profundas nesse campo.

Assim, uma vez considerando o problema anunciado, visamos estruturar essa tese nos seguintes capítulos, além desta introdução:

No segundo capítulo buscou-se realizar uma discussão que permitisse visualizar o lugar da religião para a concepção de um ideal de moral, ideal esse que tende a ser potencializado pelas comunidades terapêuticas. Buscou-se, inicialmente, elucidar a relação intrínseca entre religião e SPA´s bem como se deu a partir dessa relação certa escalada do proibicionismo em diversas sociedades até chegar ao Brasil. Foram evidenciados diversos desdobramentos históricos e contemporâneos para uma maior compreensão dos usuários/dependentes de SPA´s. Buscamos assim evidenciar como todo um conjunto de mecanismos - operados e instrumentalizados por um conjunto de forças, instituições e agentes que representam aspectos de uma biopolítica e de um biopoder (FOUCAULT, 2008,2014) - encontram vias para se fazer presentes no indivíduo, impelindo certa força e dominação sobre esses.

Além desses aspectos, em um segundo momento nesse mesmo capítulo buscou-se enfatizar o quadro das CT's brasileiras e dos acolhidos que nela se inserem. Partindo do quadro geral para o específico, as dinâmicas, os modelos e programas das CT's brasileiras foram apresentados em contraste com os quadros mais singulares e distintivos das CTI's as quais nossos egressos voluntários foram socializados. Com isso tivemos em vista romper com qualquer ideia homogeneizadora de tais instituições, tornando evidentes os aspectos mais emblemáticos das CTI's as quais nossos egressos tiveram seus respectivos quadros disposicionais ressignificados. Finalizando esse capítulo, buscou-se ainda apresentar um quadro geral dos usuários de crack no Brasil a fim de se compreender e deixar evidente alguma das características mais gerais da população da qual os sujeitos para essa pesquisa foram retirados.

No terceiro capítulo buscou-se apresentar, em um primeiro momento, e de forma mais aprofundada, uma discussão teórico-metodológica a qual justificasse a nossa escolha por Bernard Lahire e de sua sociologia à escala individual como marco desse trabalho. Para isso, recorreu-se à realização de uma contraposição de sua teoria com a de uma das mais proeminentes figuras dentre os chamados "neoclássicos": o antropólogo Pierre Bourdieu. Situando conceitos importantes para essa pesquisa de tese, como habitus, campo, capital e disposições, pudemos apresentar algumas das marcas essenciais desses constructos bem como suas fragilidades. Tal exercício permitiria elucidar a forma criativa e original da retradução desses conceitos concebidos por Lahire, bem como identificar como a construção teórica desse segundo autor melhor se encaixava com os nossos desafios investigativos.

No quarto capítulo buscou-se apresentar os diversos aspectos metodológicos que nortearam essa investigação. Uma vez apresentadas as especificidades da constituição do que Lahire chamou de "retratos sociológicos" seguidas pelas etapas desta investigação - procedimentos de coletas, de análise de dados, descrição dos sujeitos e dos campos selecionados, entre outros -, buscou-se, nessa sessão, demonstrar toda a viabilidade teórica e metodológica para a constituição dos 5 retratos sociológicos.

No quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono capítulos, a fim de elucidar os aspectos mais singulares de cada trajetória, mudanças e permanências do patrimônio disposicional dos egressos, os retratos sociológicos foram, enfim, apresentados. Essa exposição tenderia a revelar diversos dos aspectos mais específicos das trajetórias de vida dos acolhidos, bem como as diversas mudanças em seus quadros disposicionais. Revelaria também os distintos impactos causados pela interação desses com os antigos contextos de vivências, abrindo assim espaço para uma maior evidenciação e problematização dos aspectos específicos dos contextos os quais se (re)inseririam.

No décimo capítulo buscou-se inicialmente realizar uma recapitulação de cada um dos retratos, respeitando-se assim as constituições básicas norteadas por Lahire para esse desenvolvimento. Nessa recapitulação, cada um dos pontos mais expressivos de cada retrato foi apresentado tendo em vista um maior enfoque nas variações disposicionais e como essas tendiam a responder nosso problema de pesquisa proposto. Além dessa recapitulação, algumas semelhanças e diferenças entre as biografias de cada um dos retratados foram explanadas, bem como foram apresentadas algumas de nossas interpretações acerca dos dados, estabelecendo, assim, conexões para a efetiva resposta de nosso problema de pesquisa.

Por fim, no capítulo intitulado como **"considerações finais"**, foram tecidas as conclusões acerca dos dados apurados e sintetizados aspectos relevantes das descobertas garimpadas nessa pesquisa, bem como os resultados obtidos favoreceram a percepção de novos desafios investigativos, dessa vez em maior escala.

2 RELIGIÃO E SOCIALIZAÇÃO DE PESSOAS COM TRANSTORNOS POR USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Conforme foi identificado, nas comunidades terapêuticas tidas como "interdenominacionais", que funcionam como instituições de acolhimento de pessoas com transtornos por uso de substâncias psicoativas, a religião e/ou mesmo procedimentos religiosos tendem a tomar certo protagonismo. Esse protagonismo tende a se manifestar nas dinâmicas e ações que refletem os múltiplos processos de socializações ali concebidos. De certo modo, esse protagonismo da religião enquanto elemento que marca as socializações e sociabilidades dos indivíduos com transtornos devido ao uso de substâncias psicoativas, tende a adquirir uma maior ou menor legitimidade social à medida que eclodem diversas mudanças históricas e sociais. Todo esse movimento tende, assim, a afetar o vasto e complexo campo das políticas públicas, da saúde mental e, por fim, incidindo sobre os indivíduos que deles participam.

Dessa forma, o indivíduo quando participa ou mesmo interioriza em maior ou menor profundidade elementos característicos da cultura das CTI's, em busca do reestabelecimento de sua saúde mental, tende a se conectar a um complexo campo historicamente constituído.

Compreendemos saúde mental, conforme definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como "um estado de bem estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder os desafios da vida e contribuir com a comunidade"[14]. De certo modo, de acordo com o Ministério da Saúde, não se pode resumir saúde mental somente a aspectos psicológicos, mas essa deve estar atrelada a diversas outras condições tidas como fundamentais para o ser humano: saúde física, apoio social e/ou mesmo condições de vida, aspectos individuais, sociais, ambientais, econômicos, entre outros.

Embora condições individuais possuam relevância, diversos outros aspectos podem impactar essa condição humana impactando variadas áreas e formas de atuação no campo social. Dentre esses aspetos, para essa pesquisa, destacamos o impacto do uso e abuso das chamadas substâncias psicoativas.

Conforme o estudo desenvolvido por Fernandes, Russo e Bondezan (2022), já na infância e adolescência diversos são os fatores que podem conduzir os indivíduos a alterações

---

[14] MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde mental**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,e%20contri buir%20com%20a%20comunidade.. Acesso em: 18 de junho de 2024.

que resultem na desestabilização progressiva de seus estados de saúde mental. Para esses, a exposição prévia as SPA´s está relacionada a diversos fatores complexos e multifacetados; fatores esses que tendem a impactar características individuais, a forma como lidam com seus relacionamentos inter e extra familiares, eventos traumáticos, entre outros.

De certo modo, se por um lado diversas literaturas – Lange et al (2002), Botvin, Botvin. Ruchlin. (1998), Andrade et al (1997), Carlini-Cotrin et al (1989) - sinalizam os impactos de comportamentos de risco - como o uso de SPA´s, por exemplo - para a concepção de resultados negativos que marcam o desenvolvimento e a participação social dos indivíduos, por outro, também é relevante observar o número de estudos que demarcam a relevância do debate envolvendo saúde mental, SPA´s e as ações socializadoras concebidas por comunidades terapêuticas.

Estudos como os de Carr e Ball (2014) enfatizam a potencialidade existente nas comunidades terapêuticas como programas de tratamento para uma variedade de problemas de saúde mental, dentre esses incluindo o abuso de substâncias. Enfatizam que a tomada de decisões comunitárias, a responsabilização individual, dentre outros elementos que tendem a inferir diretamente nas sociabilidades de seus acolhidos, esses visam constituir uma necessária "transformação global da identidade dos indivíduos", condição essa que seria imprescindível para suas novas agências, ou mesmo a forma como lidam com tais substâncias.

Estudos como os de Smith, Portões e Foxcroft (2006) destacam outros elementos relevantes no processo de socialização em CT´s; processos esses que visam impactar o novo estágio de ação de seus acolhidos e/ou mesmo o estado de saúde mental. Para os autores, esse é um processo forjado marcado pela imersão em diversos modelos - sistemas hierárquicos de interação; processos com níveis aumentados de responsabilidade pessoal e social; influência dos pares como forma de assimilação das normas e habilidades sociais mais eficazes; entre outros – que tendem a conduzir os indivíduos à adoção de certo "senso de comunidade", senso esse considerado um dos principais pilares para uma efetiva mudança nos esquemas de valores e ações dos acolhidos. Se por um lado as CT´s se caracterizam por acolher indivíduos que possuem diversos problemas devido ao uso indevido de substâncias psicoativas - esses muitas vezes seguidos por disfunções em seus quadros de saúde mental, apoio familiar e social, ou mesmo com problemas judiciais -, por outro, seus programas e práticas ainda são muito questionados quando se leva em consideração todos os aspectos psicológicos e sociais que inferem sobre a constituição de um quadro favorável da saúde mental de seus acolhidos.

Estudos como os de Grim e Grim (2019) ressaltam a importância da fé não apenas para a prevenção e recuperação do uso abusivo de substâncias psicoativas, como também para vivências sociais bastante distintas que impactam diretamente na saúde mental dos indivíduos. Para os autores, assim como no Brasil, a grande maioria dos programas de tratamento de dependentes de SPA´s nos Estados Unidos incluem, em seus programas, elementos relacionados à espiritualidade. Ao incluírem os 12 passos, programa característico do Alcoólicos Anônimos, a crença em um Deus superior é apresentada como um caminho que visa levar o indivíduo à sobriedade e à consequente reestruturação de suas ações. Esperam essas, com isso, que tal estrutura impacte positivamente o quadro de saúde mental dos acolhidos.

Ampliando ainda essa questão, Koenig et al. (2012) selecionaram cerca de 278 estudos quantitativos que abordaram a relação entre abuso de álcool e fé. Concluíram que 86% desses estudos apontaram para uma relação inversamente proporcional dentre a desenvolvimento de certa espiritualidade e os riscos de uso, abuso ou dependência de álcool. Não se trata somente de assumir uma nova fé, mas como através dela o indivíduo tende a adotar todo um conjunto de ações que infere em suas diversas formas de se posicionar socialmente. Ou seja, uma vez assumindo uma nova identidade religiosa, é possível que diversas de suas antigas disposições e esquemas de ações sejam remodelados, impactando assim não apenas a forma como lidam com as SPA´s, mas as diversas formas constituintes de suas novas sociabilidades.

Dessa forma, no que concerne à relação saúde mental e SPA´s, essa pesquisa visou abordar como sujeitos ressocializados no contexto de CTI´s reconfiguraram seus esquemas de ações; ações essas que tendem a impactar tanto na forma como esses se posicionam socialmente e vivenciam certo quadro de saúde mental. Não se trata aqui de apontar ou discutir certa eficácia do uso da religião para a condição de abstinência ou mesmo para a composição de um certo ideal de cura, mas sim em demonstrar como valores, os programas e aprendizados no âmbito institucional das CTI´s tenderam a impactar, em maior ou menor medida, diversas das formas de desenvolvimento de novas sociabilidades e ações em diversos contextos na fase de pós-acolhimento dos egressos.

Foi na tentativa de aprofundar a análise dessa “via de mão dupla” tão desafiadora para a sociologia que dois elementos se tornaram cruciais para a compreensão dessa relação “indivíduo e sociedade”, que tem na religião, em sua moral, e nos fenômenos a ela associados seus principais elementos de “plano de fundo”: em primeiro lugar, a necessidade de

compreender algumas das singularidades de comunidades terapêuticas [em especial aquelas selecionadas no contexto pernambucano] que tem na religião sua principal marca e instrumento socializador; em segundo lugar, a de promover um recorte analítico que pudesse favorecer algumas das principais características e possíveis variações dos contextos sociais vivenciados por sujeitos socializados nessas instituições que se encontravam, no período de desenvolvimento dessa pesquisa, na condição de egressos.

Apresentadas essas considerações iniciais, este capítulo tem como propósito exibir alguns dos elementos mais constitutivos das CT's e a relevância que essas encontram na religião para o processo de (re)socialização de seus acolhidos.

Com isso, esperou-se que ao se enveredar por essa via diversos ganhos fossem agregados à pesquisa, fornecendo assim: a) uma contextualização das experiências individuais deixando-as mais claras e significativas à medida que tais experiências eram relacionadas a uma dimensão social e histórica mais ampla e geral; b) a de permitir uma exposição prévia das estruturas sociais – em sua dimensão histórica, institucional, política, cultural, religiosa, entre outras – para viabilizar como o contato com elementos desse quadro externo tenderia a impactar e afetar as escolhas comportamentais e de valores dos sujeitos aqui investigados; c) de elucidar os contextos institucionais das CTI's, esses tão plurais e complexos quanto os sujeitos que dele fizeram/fazem parte, permitindo assim uma visão mais específica das instituições as quais os sujeitos dessa pesquisa se constituíram como egressos.

Para desenvolver esse primeiro passo inicialmente buscamos expor algumas das intersecções que marcam a relação entre religião e o tratamento de transtornos relacionados ao uso de substâncias psicoativas (SPA). Essa intenção se deu uma vez que é nesses modelos de CT's, as chamadas "CTI's", que a religião emerge como um elemento central dentro das dinâmicas e processos vivenciados. No entanto, para uma compreensão mais ampla dessa relação, o reconhecimento das profundas transformações que tenderam a moldar as estruturas sociais, culturais e religiosas dessas ao longo do tempo tornou-se necessário. Tal exposição teve como objetivo favorecer a compreensão de como tais aspectos ideológicos, sociais, e políticos passaram a figurar dentre as propostas dessas instituições e buscando, em um ideal de biopolítica, agir por diversas formas e vias sobre aqueles(as) que nelas são acolhidos(as). Dessa forma, privilegiar um olhar sobre o indivíduo é, antes de tudo, compreender como o macro se fez presente nele, ressaltando a relevância de uma abordagem nos limites teóricos e metodológicos adotados. Portanto, essa contextualização ofereceu um suporte necessário para a compreensão de como a religião desempenhou/desempenha um suporte ideológico em um

campo de disputa muito mais amplo que as próprias CT's; encontrando nessas uma forma e via favorável para a concretização e perpetuação de valores, padrões de comportamento, entre outros aspectos que tendem a moldar os pensamentos e ações dos diversos sujeitos por nelas socializados.

2.1 RELIGIÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: UMA RELAÇÃO TÃO ANTIGA QUANTO ATUAL

Compreende-se que toda cosmovisão que fundamenta as diversas agências na contemporaneidade – quer seja de atores isolados, quer seja de instituições – é resultado [dentre tantos processos] de movimentos sócio-históricos que se firmaram em várias direções a partir das variadas mudanças políticas, econômicas, culturais e/ou mesmo sociais de cada época (CROCE, 1920). É nesse contexto que tendem a encontrar - a partir de diversas instituições e organizações [como igrejas ou mesmo CTI's, por exemplo] - formas de atingir e influenciar, em maior ou menor medida, as ações de diversos indivíduos em suas vidas e interações sociais.

No que diz respeito à relação que certos indivíduos estabelecem no contato com algumas substâncias consideradas psicoativas – SPA's – percebe-se que essa relação não foi estática. Ao contrário disso, essa relação foi marcada por diversas mutabilidades que tiveram em diversas religiões e suas variadas cosmovisões compartilhadas o plano de fundo necessário tanto para a legitimação como para sua deslegitimação. Conforme assinalaram pesquisadores como Marcelo Ribeiro de Araújo e Fernanda Moreira (2010, p. 20) em seu artigo intitulado "História das drogas": "Drogas sempre existiram e sempre existirão. Trata-se de uma realidade perene e historicamente comprovada. Por sua vez, a maneira como a humanidade se relaciona com as substâncias psicoativas é mutável".

É justamente buscando identificar algumas das nuances que marcaram essa mutabilidade dos usos e representações de substâncias psicoativas em contextos específicos, bem como esses figuraram [e/ou ainda figuram em maior ou menor densidade] que esse esforço reflexivo inicial se constituiu.

Uma vez esclarecidas essas questões bem como a pertinência desse debate, compreende-se que a presença de substâncias psicoativas nos diversos contextos e cenários sociais tem provocado distintas mobilizações em seus agentes e instituições mediante o desenvolvimento de diversos códigos morais, esses que limitam ou até mesmo interditam o uso.

O que se percebe, portanto, é que a relação entre substâncias psicoativas e o mundo religioso que marcaria o desenvolvimento de diversas civilizações da humanidade também encontraria nas sociedades de origem judaico-cristã formas específicas de se conceber, ou até mesmo de influenciar cosmovisões, instituições e ações nas esferas mais contemporâneas. Como resultado, essa disposição tenderia a se constituir como base para muitas das tradições e correntes religiosas que embasam não apenas o campo das comunidades terapêuticas, como também diversas esferas do atual campo social mais amplo. Dessa forma, a relevância dessa discussão se justifica pelo fato de proporcionar uma maior clareza acerca da relação existente entre religião e o uso de substâncias psicoativas; de elucidar - ainda que de forma panorâmica - como se constituiu elementos de uma cosmovisão [ou cosmovisões] que norteou/nortearam [e/ou ainda norteiam em maior ou menor proporção] projetos atuais que buscam nas religiões [em especial àquelas de vertente religiosa cristãs] a base para a sua agência. Portanto, compreende-se que ao se estabelecer inicialmente tal abordagem, isso permitirá a concepção de um olhar mais crítico e profundo das dinâmicas que marcaram a vida dos sujeitos dessa pesquisa [antes, durante e depois do processo de socialização vivenciado na CTI selecionada] favorecendo assim a promoção de um olhar mais capilar e amplo acerca do objeto proposto.

Levando em consideração que um dos propósitos dessa pesquisa é perceber a influência da conversão religiosa no conjunto disposicional de sujeitos que desenvolveram transtornos e problemas devido ao uso de SPA´s [mediante o processo de socialização concebido em CTI's], elucidar alguns aspectos que entrelaçam certa base da cultura judaico-cristã e o uso dessas substâncias se fez necessário. Um destaque acerca dos aspectos que fundamentam e alicerçam diversas das cosmovisões que possuem a sua base na tradição judaico-cristã permitiu uma maior visualização das possíveis continuidades e descontinuidades que atravessaram esse campo até chegar na composição das esferas institucionais.

Segundo Bob Utley[15], doutor em gramática histórica e hermenêutica, foi na elucidação do sentido original daquilo que aquela cultura convencionou chamar "vinho" que diversas distinções bem como a identificação do "lugar social" que certas substâncias psicoativas ocuparam na tradição judaico-cristã puderam ser compreendidas. Para o pesquisador, somente no Antigo Testamento é possível encontrar 4 diferentes expressões para essa palavra:

---

[15] UTLEY, Bob. **Tópico especial:** atitudes bíblicas para com o álcool e o alcoolismo. Disponível em: < http://www.freebiblecommentary.org/special_topics/por/ATITUDES_BIBLICAS_PARA_COMO_O_ALCOOL_E_ALCOOLISMO.html >. Acesso em: 23 de junho de 2022.

a) **Yayin** – termo utilizado 141 vezes e significa suco de uva fermentado (GÊNESIS 9:21; ÊXODO 29:40; NÚMEROS 15:5-10); nos livros e cartas que integram o Novo Testamento essa palavra é equivalente à palavra "oinos".

b) **Tirosh** – também chamado de "vinho novo" e era aquele tipo de vinho tomado em processo de fermentação (DEUTERONÔMIO 12:17; ISAÍAS 62: 8-9). No Novo Testamento essa palavra é equivalente ao grego "Neos Oinos".

c) **Asis** – termo utilizado para "bebidas alcoólicas" (JOEL 1:5; ISAÍAS 49:26). No Novo Testamento essa palavra é equivalente ao grego "Gleuchos vinos".

d) **Sekar** – termo utilizado para "bebida forte". Bebida que tinha substâncias intoxicantes e pode ser considerada um paralelo a Yawin (PROVÉRBIOS 20:1; ISAÍAS 28:7).

Uma vez compreendidas essas diferenciações, a identificação de diversos usos, conceitos e graus de aceitações para cada uma dessas substâncias merecem destaque. Um primeiro a ser destacado se dá pelo uso singular da palavra "Yayin" [suco de uva fermentado] adquirindo assim um valor positivo no contexto desse povo. De certa forma, o Salmo 104 permite uma observação inicial desse quadro:

> Bendize, ó minha alma, ao SENHOR! SENHOR Deus meu, tu és magnificentíssimo; estás vestido de glória e de majestade. Ele se cobre de luz como de um vestido, estende os céus como uma cortina. Põe nas águas as vigas das suas câmaras; faz das nuvens o seu carro, anda sobre as asas do vento. Faz dos seus anjos espíritos, dos seus ministros um fogo abrasador. Lançou os fundamentos da terra; ela não vacilará em tempo algum. Tu a cobriste com o abismo, como com um vestido; as águas estavam sobre os montes. À tua repreensão fugiram; à voz do teu trovão se apressaram. Subiram aos montes, desceram aos vales, até ao lugar que para elas fundaste. Termo lhes puseste, que não ultrapassarão, para que não tornem mais a cobrir a terra. Tu, que fazes sair as fontes nos vales, as quais correm entre os montes. Dão de beber a todo o animal do campo; os jumentos monteses matam a sua sede. Junto delas as aves do céu terão a sua habitação, cantando entre os ramos. **Ele** rega os montes desde as suas câmaras; a terra farta-se do fruto das suas obras. **Faz** crescer a erva para o gado, e a verdura para o serviço do homem, para fazer sair da terra o pão, **E o vinho que alegra o coração do homem**, e o azeite que faz reluzir o seu rosto, e o pão que fortalece o coração do homem (SALMO 104: 1-15). (grifos nossos).

Relevante observar que na passagem acima, assim como é atribuída à figura de Deus (na tradição cristã) a participação e a criação de diversos eventos considerados naturais o texto bíblico também referir-se a Ele (a figura de Deus) como o criador do vinho fermentado [yayin] e concebe uma representação positiva quanto à sua ingestão.

Escohotado (2004) traduz que em diversas ocasiões de importância social (circuncisão, festas, casamentos, banquetes pelas almas dos defuntos) tomar bebidas

fermentadas era algo permitido na cultura hebraica/judaica [ao menos um copo]. Textos veterotestamentários contidos nos livros de Êxodo (29:40), Levítico (23:13), Números (15:7-10) entre outros, reforçam essa associação. Comentaristas históricos como João Calvino, em uma perspectiva bíblica, analisaram esse salmo compreendendo que esse tipo de substância representava uma "dádiva de Deus", indo [como bebida] muito mais além daquilo que é natural para a sobrevivência do homem [fazendo comparação com a água enquanto bebida elementar para a vida]. Em suas palavras:

> Deus não apenas provê a necessidade dos homens, e concede a eles o suficiente para os propósitos comuns da vida, mas que em sua bondade ele lida ainda mais com eles, alegrando seus corações com vinho e óleo[16].

Comentaristas advindo do campo teológico e cultural - como Adam Clarke - também compreendem certa importância do vinho para a vida do homem, bem como a necessidade do autocontrole para lidar com os excessos em seu consumo. Em suas palavras, os que excedem tais limites se permitindo alterar a condição da sensibilidade/emocional e das ações estariam "abusando da misericórdia de Deus[17]". Exemplos do mau uso do vinho podem ser encontrados em textos bíblicos veterotestamentários como: Provérbios (20:1; 23.29-35; 31: 4-5); Isaias (5:11); Oséias 4:11).

Compreendendo esses limites, a pesquisadora Geni Satiko Sato (2010) assinala, dentro do campo das representações positivas, o vinho como um aspecto da santidade do povo judeu à medida que esse passara a ser utilizado em cerimônias como o Shabat e demais festas judaicas.

No Evangelho de João é encontrada uma passagem em que Jesus, em certa ocasião, estando em uma festa de casamento, tivera transformado água em vinho [oinos] – termo utilizado para "suco de uva fermentado" -. Interditos quanto à ingestão do vinho por certos grupos – sacerdotes (LEVÍTICOS 10:9), nazireus (NÚMEROS 6) e governantes (PROVÉRBIOS 31:4) dão uma pista bastante útil para compreender a relação dos povos judaicos com substâncias psicoativas. A interdição desses, juntamente com a passagem bíblica

---

16 CALVINO, João. **Salmo 104:15**. Disponível em: < https://www.bibliaplus.org/pt/commentaries/3/comentario-biblico-de-joao-calvino/salmos/104/15 >. Acesso em: 20 de junho de 2022.

17 CLARK, Adam. **Salmo 104:15**. Disponível em: < https://www.bibliaplus.org/pt/commentaries/3/comentario-biblico-de-joao-calvino/salmos/104/15 >. Acesso em: 20 de junho de 2022.

da transformação da água em vinho, permite compreender a aceitação social por diversos grupos, desde que respeitados os limites da sobriedade.

Interditos bíblicos figuram como fontes que nos leva a contemplar certos limites entre o beber moderado e a embriaguez e suas consequências. Conforme assinala Sales (2010, p. 170)

> Como se pode perceber, tanto o uso de álcool como a preocupação com embriaguez são aspectos que acompanham a humanidade desde longas datas. Basta lembrarmos uma passagem do Antigo Testamento da Bíblia (Gênesis 9.21). Noé, após o Dilúvio, plantou uma videira e produziu vinho. Recorreu à bebida a ponto de embriagar-se, e acabou sem decoro em sua tenda ao pôr "a mostra as suas vergonhas". A distinção entre beber moderadamente e a embriaguez reprovável foi marcada por atitudes morais desde a Antiguidade. Os excessos eram censurados por expor as fraquezas humanas como: as atitudes desmedidas, a falta de lucidez e o autocontrole, mas se confiava que o consumo moderado conduzia a serenidade, longevidade e sabedoria.

Outros interditos também são registrados por Escohotado (2004) como: a interdição ao rabino em estar bêbado quando à frente de cerimônia religiosa ou em caso de julgamento de quaisquer casos; explicita a vergonha de personagens de Ló e Noé ao se permitirem embriagar – aparecendo essa como uma substância psicoativa propícia para desinibir ou mesmo uma substância útil inclusive para a prática da sedução sexual; entre outros exemplos -.

Sendo elemento conector de diversas tradições judaico-cristãs, no interior de diversos livros que compõem a coletânea bíblica é possível identificar numerosas passagens condenando a **condição alterada das sensações** e ações do indivíduo por conta do consumo de substância psicoativa:

a) no livro de provérbios (31:45) a embriaguez é considerada um mal que impede o bom governo dos reis, bem como de outros males por ela gerado (PROVÉRBIOS 23:39);

b) é compreendido como vicioso e contrário à vontade de Deus (1 PEDRO 4:2-3);

c) é considerada uma "obra da carne" distinta do comportamento de um verdadeiro cristão (ROMANOS, 13:13; 1 CORÍNTIOS 6:9-11; 11:20,21; GÁLATAS 5:21). Inclusive no livro de Efésios (5:18) o apóstolo Paulo colocara essa condição como algo antagônico ao desenvolvimento de uma espiritualidade a qual considerara saudável para o tido "cristão" quando afirma: "Não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito".

As passagens bíblicas acima são consonantes em relação a uma condição alterada das sensações e das ações dos indivíduos.

Quer em forma de provérbios – assumindo forma de advertência – quer reprovada perante os tidos apóstolos da Igreja, o que se percebe é certa tendência para condenar aqueles

que desejavam assumir uma condição cristã – especialmente durante o período patrístico – recorrendo a certas substâncias. Esse quadro, portanto, figuraria certa contraposição a um comportamento compreendido, naquele período, como "mundano" e fora dos limites da nova fé.

De certo modo, foi a consolidação desses ideais cristãos que serviriam de base, durante o século XVIII, para a constituição de uma relação cada vez mais profunda da religião e concepções combativas contra diversas SPA´s (muitas dessa que tenderiam a figurar até os dias de hoje).

O chamado "Movimento da Temperança", por exemplo, promovido por grupos puritanos e que resultaria, posteriormente, na criação de modelos institucionais mais complexos, pode ser um exemplo, além de se constituir na base de muitas das ideologias reinantes em comunidades terapêuticas atuais que pregam e combatem a manutenção de estados de emoções alterados. O que se percebe é que essas ideologias fundamentavam na religião uma forma de intervenção social, essa evocada para lidar com alguns dos diversos problemas morais causados pelo uso excessivo de diversas substâncias psicoativas.

De acordo com Santos (2018)

> Nos Estados Unidos (...) **a embriaguez já incomodava o clero puritano do final do século XVIII**, que **tratava essa prática como pecado** (...) No século XIX, a ideia de perda de controle sobre a vontade de beber viria a ser **descrita como doença** (...) e consolidada como **problema moral pelos Movimentos da Temperança** – cujos representantes consideravam o autocontrole, a racionalidade, a moderação dos prazeres e o domínio da vontade sobre os instintos atributos indispensáveis ao exercício da liberdade e da autonomia pelos indivíduos (SANTOS, 2018, p. 17). (Grifos nossos)

Desde os séculos XVI e XVII, os puritanos já pregavam uma separação do "mundo" e um eminente e necessário retorno a certo ideal de pureza religiosa. Elementos característicos do ethos puritano fizeram parte do exercício reflexivo weberiano já na obra "A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo". Nessa obra, Weber (2001) descreve como características dos puritanos ingleses, americanos e holandeses os seguintes pontos: a) sentimento oposto à alegria de viver [enfatizando o conjunto de rígidas doutrinas com base na transcendência divina e desprezo a quaisquer elementos – sensoriais e/ou emocionais – que não contribuíssem para a salvação e/ou levassem a prática de comportamentos considerados idólatras]; b) luta contra uma sociedade estruturada em privilégios; c) a concepção de um estilo de vida ascético; entre outros.

O próprio Weber (2001) reconhecera que tais características não apenas seriam fundantes de diversos aspectos históricos e sociais do século XVI e XVII, como também essas reflorescerriam com bastante força em vários contextos do século XVIII. Dentre esses diversos reflorescimentos de ideias, os chamados *Movimentos da Temperança* – que surgiriam no contexto de vários movimentos de avivamento religioso principiados entre os anos de 1800 a 1900 nos Estados Unidos - tenderam a figurar como uma resposta a esse quadro. Seria, assim, a resposta de grupos compostos por diversos membros da comunidade civil e principalmente religiosos [esses inspirados em diversos princípios da fé de tradição puritana] aos considerados "problemas morais" e que encontravam no uso compulsivo e patológico de bebidas destiladas - e a progressiva dependência causada em seus usuários – as raízes de diversos problemas sociais. Com isso, esses grupos tenderiam a produzir prescrições para induzir sujeitos à "abstinência" em substituição ao "uso controlado" como alternativa.

De acordo com Santos (2018),

> **Os Movimentos da Temperança**, por sua vez, organizaram-se a partir da sociedade civil, em diversos países (Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Escócia e Escandinávia), desde meados do século XIX. Justificados pelos trabalhos de Rush (...) esses movimentos também **condenavam o uso dos ardent spirits**, no que eram **apoiados por igrejas protestantes e evangélicas**. (...) A retórica desses movimentos, ao menos nos Estados Unidos, teria sido mais eficaz que os próprios argumentos científicos de Rush, uma vez que apelava para crenças mais profundas dos americanos, como **a importância de Deus, da liberdade, do trabalho duro e da salvação pessoal e comunitária** (...). Essas seriam as **origens** do **paradigma segundo o qual o uso de determinadas SPAs provoca, necessariamente, um desejo incontrolável e sempre renovado de voltar a consumi-las – descrito, em termos médicos, como uma doença, depois designada dependência química** (SANTOS, 2018, p. 19). Grifos nossos.

Como assinala a pesquisadora Leah Rae Berk (2004) os ensaios publicados pelo médico da Filadélfia Benjamin Rush no ano de 1805 – dentre eles aquele intitulado "os efeitos dos "ardents Spirits" sobre o homem [artigo esse em que conclui que o consumo do álcool não era apenas uma questão científica, mas moral, resultando, portanto, em uso excessivo dos destilados, fraudes, roubos, impureza e/ou mesmo associados a prática de assassinatos] - muito contribuiriam para um engajamento paralelo de grupos religiosos para o enfrentamento de tais problemas que atingiam a sociedade. Conforme a autora, o que se assistia, naquilo que ficou conhecido como "o Segundo Grande Despertar", era uma verdadeira disseminação de ideais religiosos no qual o "anseio pela perfeição" tornara-se o maior alvo a ser perseguido e que tinha na abstinência total um de seus principais alvos.

De certo modo, movimentos como esses - que denunciavam os usos abusivos do álcool e demais SPA's - inspirados e motivados por padrões religiosos assistiriam o avanço da dimensão proibitiva a partir do na primeira metade do século XX. O que se evidenciava naquele momento, portanto, seria certa consolidação de outra área [além da religiosa] marcada pela ascensão da autoridade médico-sanitária na promoção de certo controle social pela via da higiene social. A emergência da ciência desencadearia, nesse campo, processos os quais a doença e/ou a cura deixaria de ser atribuições exclusivamente divinas, passando assim a prática médica a atuar diretamente com aqueles grupos que representavam certas "ameaças" a um ideal físico, moral ou bem como à ordem social. De acordo com Soares (2021) segundo a ideologia higienista, o uso problemático de SPA´s seria considerado uma anormalidade patológica, posta ao lado de outras condições igualmente consideradas [como nas práticas homossexuais, mendicância, entre outros], posta, portanto, a necessidade até mesmo da reclusão como meio de tratamento.

Indo à margem dessas ondas de mudanças, cabe elucidar que até o final do século XVIII e o início do século XIX o conceito de beber excessivamente como uma condição clínica patológica ainda pouco figurava na literatura científica da época. Somente a partir desse período que pesquisadores como Brush-Cramer, Equirol, Morel, Magnus Huss, entre outros, desenvolveriam alguns dos primeiros conceitos, considerando o uso do álcool como uma condição anormal, patológica ou mesmo como uma condição crônica. Estudos como os de Jellinek também debateriam a questão passando a considerar o alcoolismo como doença desde que o usuário apresentasse três condições: tolerância, abstinência e perda de controle (BRASIL, 2019).

A questão é que todas essas rupturas, quer fosse por parte da ciência, quer fosse pela via da moral religiosa estabelecida, vigorava, portanto, a tendência de promover certa ressignificação do modelo tradicional da sociedade, essa que tinha na Igreja e em seus agentes a base dos princípios organizadores da coletividade. A emergência de novos campos e grupos cuja especialidade se basearia na inserção de sujeitos envolvidos na miséria, na criminalidade e/ou na doença contribuiria para o desenvolvimento de uma dinâmica de controle social visando a manutenção da moral e de uma atuação produtiva desses no cenário capitalista.

Em diversos desses contextos, por exemplo, significantes foram as transformações jurídico/legislativas impulsionadas pelas convenções internacionais[18] que marcavam o

[18] Como a já citada Convenção de Haia seguida pela 2ª Convenção Internacional sobre ópio assinada em 1925; a 1ª Convenção de Genebra assinada em 1931 que visava limitar a fabricação e distribuição de SPA's ao

gradativo acirramento e endurecimento do controle sobre o uso e o comércio de SPA's. De certo modo essa nova concepção tenderia a acentuar nas religiões antigos protagonismos ou mesmo novos [conforme será discutido mais adiante]. Conforme assinala Rodrigues (2006, p. 38-39), o que se percebeu foi que

> [...] a política internacional de drogas foi usada como estratégia para justificar a alteração das legislações nacionais. Nos EUA, sob a justificativa de adequação às Convenções Internacionais, tornaram-se mais rígidas as leis de controle de drogas, com a edição do "Harrison Act" de 1914. O novo modelo proibicionista internacional influenciou também a legislação de drogas na França, com a "Lois sur les drogues" de 1916, e no Reino Unido, com o "Dangerous Drug Act" de 1920.

No caso específico estadunidense, todo esse movimento de endurecimento tenderia a marcar a ascendência de tentativas de proibição total de diversas SPA´s. Cocaína, Canabis, o ópio; esses, por exemplo, passariam gradativamente por um aumento cada vez mais expressivo de ações proibicionistas visando conter desde o seu uso quanto sua distribuição. Não apenas isso; o que se assistiria seria a emergência definitiva de uma base proibicionista tendo como alicerce a tentativa de unificação do fundamento jurídico-moral ao fundamento sanitário-social ascendente, intensificando ainda mais um sentimento já crescente socialmente. Dessa forma, todo tipo de consumo considerado impróprio passaria a ser combatido; consumos como o do tabaco e o álcool [quanto a esse último essa ação refletia o impacto de quase uma década de Lei Seca naquele país], por exemplo.

Mudanças legislativas ou incrementos posteriores como o *Controlled Substances Act* de 1970; o *Controlled Substances Penalties Amendment Act* de 1984; *Anti-drug Abuse Act* de 1984; a *Anti-drugs Abuse Act* de 1986 (essa que chegou a definir a pena de morte para traficantes); o estabelecimento de uma *Courts Drug* para o julgamento de casos relacionados ao uso e ao tráfico de entorpecentes; todas esses podem ser consideradas ações empenhadas para um enrijecimento expressivo e readequações favoráveis para o combate ao uso e ao tráfico de diversas SPA's em seu território.

Movidos pelas mudanças no campo legislativo e da fé e moral cristã, movimentos como o "*Guerra às drogas* surgem nessa segunda metade do século XX nos Estados Unidos com o

---

nível mundial; a 2ª Convenção de Genebra assinada em 1939 visando inibir e punir o tráfico; a Convenção única sobre Entorpecentes ocorrida em 1961; a Convenção das Nações Unidas contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas ocorrida no ano de 1988; todas essas são exemplos de um movimento com aspectos globais crescentes que tenderam a influenciar as diversas legislações e políticas públicas de diversos cenários nacionais.

ideal de espalhar não apenas um discurso de reprovação da "dependência" como também oferecer metodologias para o cuidado dos dependentes. De certo modo, esse movimento é constituído tendo como marca o seguinte objetivo: reforçar a abstinência como único caminho.

Na esteira dessas ondas de mudanças, o que se evidenciou foi que eles se constituíram em um terreno fecundo para o desenvolvimento de grupos e organizações que observavam no proibicionismo a via mais favorável de intervenção social. Organizações como o *Grupo de Oxford fundado* em 1921; *Alcoólicos Anônimos* fundado no ano de 1935; *Synanon* fundado em 1958; *Daytop Village* fundado em 1963; entre outros; grupos esses que surgem com o ideal de promover certa (re)habilitação dos indivíduos envolvidos com problemas com o uso de SPA's à medida que tendiam a fornecer certa readequações disposicionais para esses.

Conforme assinala o pesquisador George De Leon (2004) o que se assistiria a partir de todo o conjunto de mudanças estruturais no campo legislativo seria a expansão dos programas de Comunidades Terapêuticas pela Inglaterra, Estados Unidos e, consequentemente, em diferentes partes do mundo.

Relevante observar é que na gênese dessas primeiras "comunidades" a presenta da religião ou mesmo da moral religiosa [constituída e consolidada durante vários séculos] tenderia a atuar como mecanismo de readequação/reorganização disposicional figurando assim como alguns dos principais elementos para o acolhimento de indivíduos considerados problemáticos devido ao uso de substâncias psicoativas.

Um exemplo dessa associação entre religião e terapia pode ser aquela identificada com o grupo de Oxford. Fundado pelo ministro luterano Frank Buchman, esse bastante influenciado pela ética religiosa de grupos como quakers e anabatistas, por exemplo, esse grupo se destacou por considerar a enfermidade mental e o alcoolismo como sinônimos de uma "erosão espiritual" do homem moderno (DE LEON, 2004, p. 41). Dessa forma, como resposta a essa condição considerada "desviante" e "estigmatizante" da condição humana, propunham na adoção de um conjunto de práticas terapêuticas em comunidade – como a ética do trabalho, a preocupação mútua; os valores evangélicos como pureza, honestidade, o reconhecimento das limitações do próprio sujeito, o trabalho em equipe, entre outros – uma forma de se promover um retorno "à inocência característica da Igreja Primitiva". Esse "retorno" certamente seria aguardado à medida que esses faziam frente a tudo aquilo que consideravam padrões comportamentais nocivos aos seus principais ideais; padrões comportamentais esses relacionados ao uso e problemas relacionados a diversas SPA's.

A influência dos ideais do grupo de Oxford pode ser sentida em organizações como os Alcoólicos Anônimos – fundado em 1934 – em que, mais uma vez, o protagonismo de uma ética religiosa cristã é usado como um dos principais fundamentos para a recomposição disposicional dos indivíduos nele participantes.

Só para se ter ideia dessa aproximação,

> A influência do grupo de Oxford no AA está associada a vários indivíduos, especialmente. Rowland H., um alcoólatra que se recuperou graças à sua conversão religiosa no grupo de Oxford. Após esse episódio, Rowland fez da salvação de outros alcoólatras sua missão pessoal. Um de seus convertidos foi Ebby T., que em 1934 tentou ajudar Bill Wilson, um velho alcoólatra, conversando com ele sobre religião e as ideias do grupo Oxford. (...). A conversa entre aqueles dois homens levou à fundação da AA (DE LEON, 2004, p. 41) (Tradução nossa).

O princípio e a dinâmica de abordagem intitulada de "os 12 passos" desenvolvida por Bill Wilson surge nesse contexto e embasaria as terapias e os processos existentes tendo na ação e experiência transcendente um de seus principais pilares para a readequação disposicional de seus participantes. Nela é notória a relação existente entre reabilitação e o desenvolvimento de um senso e/ou mesmo prática religiosa conforme se pode observar a seguir:

> **Os 12 passos de Narcóticos Anônimos**
> 1º. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
> 2º. Viemos a **acreditar que um Poder maior** do que nós poderia **devolver-nos à sanidade**.
> 3º**. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus**, da maneira como nós O compreendíamos.
> 4º. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.
> 5º. **Admitimos a Deus**, a nós mesmos e a outro ser humano **a natureza exata das nossas falhas**.
> 6º. Prontificamo-nos inteiramente a **deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.**
> 7º. Humildemente **pedimos a Ele que removesse nossos defeitos**.
> 8º. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e nos dispusemos a fazer reparações a todas elas.
> 9º. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.
> 10º. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.
> 11º. Procuramos, **através de prece e meditação**, **melhorar o nosso contato consciente com Deus**, da maneira como nós O compreendíamos, **rogando apenas o conhecimento da Sua vontade** em relação a nós e o poder de realizar essa vontade.
> 12º. **Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades** (NARCÓTICOS ANÔNIMOS, 2009). Grifos nossos.

Relevante citar que frequentemente as CTI's as quais os voluntários para essa pesquisa foram socializados frequentes eram as visitas de membros dos alcoólicos anônimos naqueles espaços ou mesmo era possível perceber que esses 12 passos eram lá frequentemente citados.

De certa forma, a concepção dos 12 passos advindos dos Alcoólicos Anônimos se destaca com relevância no contexto das CTI's devido ao seu conteúdo norteador ser constituído embasado em elementos que também refletem certas cosmovisões religiosas. De Leon (2004) acrescenta que sem dúvidas os Alcoólicos Anônimos partem da orientação de Oxford de que "Deus" seria tomado como a fonte espiritual de um poder superior. Desde a gênese dos primeiros grupos que procuraram intervir no uso problemático de diversas SPA´s, a busca por desenvolver certas "disposições religiosas" como meio de superação do quadro de dependência já era algo evidente e, em certa medida, perpetuaria de diversas formas em grupos contemporâneos que também levantariam essa filosofia/conceito.

Conforme assinala De Leon (2004) esse novo conceito, o da chamada "comunidade residencial intensiva de 24 horas", essa surge com uma proposta de induzir seus internos a um conjunto de ações cujo propósito era incluir o máximo de atividades da vida diária: trabalho, relações, ócio, entre outras; estava lançada mais uma das bases que marcaria uma das principais características das comunidades terapêuticas.

Agora, com essa proposta, não apenas aqueles indivíduos considerados alcoólatras seriam alvo das ações de organizações estruturadas, mas sim diversos outros sujeitos atingidos pelo uso problemático com outras SPA's, o que representaria um avanço na consolidação dessa proposta em relação às diversas políticas proibitivas implementadas.

Outro elemento que merece destaque entre ambas as organizações também se dá quanto aos seus objetivos. Enquanto para a primeira o objetivo era o de levar o indivíduo à manutenção de certo estado de sobriedade, a segunda segue por uma via muito mais complexa: a de levar o indivíduo a uma verdadeira "modificação psicológica de seu estilo de vida" (DE LEON, 2004, p. 44) considerando a sobriedade não o seu ponto final, mas sim o seu ponto de partida mais expressivo visando assim atingir mudanças disposicionais ainda mais profundas sobre aqueles que a ela se submetiam; ou seja, permanecer em estado de sobriedade, em abstinência de qualquer SPA se tornaria um pré-requisito essencial para a participação e progresso nesse programa.

De certo modo, quer seja para as CTI's aqui de perto investigadas, quer seja para aqueles modelos de CT's mais remotas, seria essa condição de abstinência e sobriedade um ponto de partida para trajetórias consideradas de sucesso tanto no interior dessas instituições

como nos âmbitos exteriores a essas - compreensão essa herdada tanto de organizações como Synanon como por organizações como o Alcoólicos Anônimos, por exemplo -.

De forma notória, essas organizações partem da "dinâmica de grupo" como uma de suas principais e mais emblemáticas engrenagens para conduzir seus adeptos em relação ao projeto organizacional estabelecido. Enquanto na organização do Alcoólicos Anônimos a dinâmica estabelecida no grupo se constituía na partilha dos desvios e danos característicos nas trajetórias e histórias de cada indivíduo–relatos de seus estigmas, conflitos, exclusões sociais sofridas, entre outros -; no compartilhar de relatos que denunciavam as dificuldades do ingresso em atuar e permanecer sóbrio; na obtenção de apoio e orientações visando a manutenção do quadro de sobriedade; no modelo de Synanon esse quadro que marca "a força do grupo sobre o indivíduo" tenderia a figurar de forma bem mais intensa. Conforme assinala De Leon (2004, p. 46):

> Em Synanon (e posteriormente nas Comunidades Terapêuticas posteriores) o objetivo dos processos de grupo era o de ajudar o indivíduo a descobrir e modificar as condutas e atitudes características associadas ao seu quadro de dependência. A interação grupal era utilizada para aumentar a autoconsciência do indivíduo das características negativas de sua personalidade através de seu impacto sobre os outros. A persuasão do grupo foi usada para promover a honestidade pessoal absoluta, a abertura e o compromisso com a automodificação.

Conforme será melhor exposto nos próximos capítulos, no âmbito das CTI's as quais obtivemos nossos voluntários para essa pesquisa de tese, diversos foram os relatos que tratavam sobre o poder da vivência em grupo que levavam os indivíduos ali imersos a uma automodificação e recomposição identitária e disposicional. Para esses, uma vez apresentadas as normas internas e os objetivos a serem alcançados mediados pelas diversas cosmovisões religiosas ali atuantes, a partir daquelas vivências de acolhimento cada sujeito tendia a ser "vigia e/ou vigiado", "monitor e/ou monitorado", pregador e/ou ouvinte, características essas que marcavam significantemente os diversos ajustamentos e ações dos sujeitos ali inseridos. Diversos eram os momentos que marcavam esse processo de automodificação mediado pela "força do grupo" assistidos durante a etnografia nessas CTI's e confirmado em diversas experiências relatadas nos casos específicos que resultaram nos retratos sociológicos aqui elaborados; isso ocorria nos dormitórios, nas atividades diárias de manutenção dos espaços, em momentos livres de sociabilidades, entre outros –.

Portanto, o que se observou nas dinâmicas desenvolvidas em Synanon, bem como nas demais organizações anteriormente apresentadas é que todas essas dinâmicas eclodidas se

constituiriam como bases para diversas Comunidades Terapêuticas [em especial aquelas as quais ingressamos nas fases iniciais dessa pesquisa]. Além disso, encontrariam na religião – quer fosse como base prática, quer fosse como fundamento ideológico – um de seus principais fundamentos para o acolhimento de pessoas com problemas devido ao uso de diversas SPA's demonstrando assim certa continuidade de uma relação tão antiga quanto atual.

2.2 RELIGIÃO E COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

2.2.1 Desenvolvimento e entraves no contexto brasileiro

Conforme as formulações apresentadas pela Conferência das Comunidades Terapêuticas Norte-americanas de 1976, pode se definir Comunidade Terapêutica como

> [...] um grupo de pessoas que, seguindo certos princípios interpessoais característicos, superaram amplamente a dor e os comportamentos indutores de dor produzidos pelo isolamento e que desenvolveram as habilidades e a vontade de ajudar outras pessoas anteriormente alienadas a alcançar um senso de companheirismo comunitário; é uma comunidade que inclui pessoas que estavam fora da comunidade e que sabem como ajudar as pessoas a voltarem a ela (CONFERÊNCIA DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS NORTE-AMERICANAS *apud* DE LEON, 2004, p. 53)

De certo modo, o mesmo documento sinaliza que a comunidade terapêutica tende a se empenhar na criação de condições que possibilitem a aquisição de uma nova identidade social e de autodefinição por parte de seus participantes. Tais grupamentos, portanto, tem como finalidade proporcionar uma automelhoria da condição de seus participantes e, consequentemente, a saída de seu quadro de desvio e seu reingresso à sociedade mais ampla.

Conforme já exposto, para atingir esse fim, que visa reconstituir diversas das estruturas disposicionais de seus acolhidos, as comunidades terapêuticas recorrem a princípios éticos e morais tendo-os como base de sua ação – muitos desses que encontram sua nascente em cosmovisões e princípios religiosos – bem como em diversos movimentos anteriormente citados – como Oxford, Synanon, A.A, entre outros -. Conforme ainda cita o documento, recorrem, para isso, a uma série de recursos facilmente identificados no âmago de suas dinâmicas estabelecidas: usa assim o confinamento, o reforço positivo, penas e punições, o exemplo bem como outros recursos visando conduzir à modificação e a um desenvolvimento pessoal do participante inserido em uma estrutura hierárquica nas relações.

Com base nesse escopo, surgindo como um caminho alternativo à terapia psiquiátrica, o modelo de "comunidade" que emerge juntamente com os pioneiros grupos de Oxford, Alcoólicos Anônimos, Synanon, encontraria um contexto bastante fecundo para a sua expansão já nas décadas de 1960 e 1970, inclusive no território brasileiro, influenciando assim – somada a uma concepção política de criminalização de diversas SPA´s principalmente a partir do Decreto nº 385/1968 – o surgimento das primeiras comunidades terapêuticas brasileiras.

Pelo menos, para esse momento da tese, propomos destacar duas características bastante emblemáticas dessas primeiras CT's: a) a forte ligação com a via religiosa em suas identidades organizacionais; b) a forte influência dos programas originais – como os A.A; Synanon, Grupo de Oxford - em seus procedimentos e métodos mais pertinentes.

Quanto a esse primeiro ponto, o impacto da moral e da via religiosa na fundação das primeiras CT's no Brasil foi e é um composto dos traços identitários bastante evidente nessas organizações. O que se observa inicialmente é que todas as 6 CT's pioneiras foram fundadas por figuras que representavam lideranças religiosas no Brasil – quer fossem da tradição católica, quer fossem das tradições evangélicas ou espírita -.

Freston (1993, 1996) observara que o elemento comum a essas primeiras CT's é o da religião, o que viria a demarcar suas formas singulares de entendimento acerca do desvio tomado por aqueles que se envolveram com problemas relacionados ao uso de SPA´s bem como de uma atuação específica com base religiosa para esse público.

Foi levando em consideração a incidência de tais elementos que pesquisadores como Braga (2019), Gomes (2022), entre outros, assinalaram que desde a origem das primeiras CT's até o momento, pensar os fenômenos associados com a estruturação, a presença e as práticas religiosas no âmbito dessas organizações tende a revelar a base do pensamento institucional (DOUGLAS, 1998), aspecto esse tão fundamental para a compreensão do impacto dessas ações sobre os indivíduos que a essas se submetem e tem nelas, portanto, suas identidades e disposições reajustadas.

Se a religião se constituiu como um dos principais pilares de sustentação ideológica dessas organizações, uma das bases para essa manifestação ocorreu mediante os diversos métodos e caminhos herdados das primeiras organizações originárias ainda nos Estados Unidos. Conforme destaca Damas (2013), como influência das iniciativas consideradas bem sucedidas no contexto estadunidense, as primeiras comunidades terapêuticas estabelecidas em solo brasileiro tenderam a adotar em seus programas modelos que alternavam ou mesmo

imbricavam os conhecidos métodos de Minnesota – esse que fora considerado a versão institucional do Alcoólicos Anônimos e que predominava na abordagem espiritual e nos 12 passos como seus principais meios de abordagem – ou mesmo o modelo Synanon – esse que tinha na dinâmica do convívio em grupo uma das mais emblemáticas formas de propor as reestruturações disposicionais e identitárias sobre os indivíduos. De certo modo, diversos desses aspectos ainda são perceptíveis no contexto das CT's as quais os voluntários dessa pesquisa de tese são egressos, tornando relevante essa elucidação uma vez que são expostas algumas das bases da socialização desses em um contexto que impele significantes forças e influências para uma recomposição identitária e disposicional de tais sujeitos.

Embora não tenha sido o intuito dessa pesquisa de tese esgotar essa questão, é certo que os processos de socializações ocorridos no interior das diversas CT's instaladas no vasto cenário brasileiro não resultam unicamente dos diversos e complexos processos ocorridos no interior de cada uma delas. Muito além dessa perspectiva, conforme aponta De Leon (2004), diversos processos externos tenderam a impactar – e continuam impactando em maior ou menor medida - o universo das CT's resultando assim na concepção de programas que visam possibilitar novas formas de ações e interações de seus participantes em contextos de interações mais amplos e diversos, ou seja, aqueles situados além dos limites institucionais.

De certo modo, tomar como referência as propostas em comum de atuação das diversas CT's espalhadas pelo Brasil em seu projeto de submeter indivíduos com problemas ocasionados pelo uso de alguma ou diversas SPA's a um conjunto de ações geralmente ancoradas no tripé "*religião, disciplina e laborterapia*"; as formas e/ou caminhos como essas se aproximam ou mesmo se distanciam dos demais órgãos e mecanismos que integram a Rede de Atenção Psicossocial brasileira – RAPS -; as diversas vias por essas trilhadas a partir das ações muitas vezes contraditórias de seus diversos agentes e/ou representantes; todos esses aspectos tem se constituído como elementares tanto para se colocar cada vez mais as CT's em significante evidência no atual contexto social e político como também tem contribuído para a fomentação de diversas críticas a elas conferidas à medida que essas buscam perpetuar seus valores nos indivíduos nelas socializados.

Embora não se possa falar de uma agenda "unitária", ou seja, uma a qual agregue o interesse de todos os atores religiosos inseridos na esfera pública, o incentivo à criação e/ou desenvolvimento de Comunidades Terapêuticas por todo o país tem despontado como um dos principais projetos que reflete a ação de agentes religiosos na esfera pública bem como da implantação dos seus ideais de moralização social.

Foi caminhando justamente com o progressivo avanço desse fenômeno que as comunidades terapêuticas têm encontrado terrenos cada vez mais férteis para os seus desenvolvimentos, conforme visto na tabela a seguir.

Tabela 1. Distribuição das CT'S por intervalos de anos em que foram fundadas. (Em %)

ANO DE FUNDAÇÃO	N	%					
		NO	NE	CO	SE	SU	BRASIL
1966 a 1985	108	0,3	0,5	0,6	3,0	1,1	5,6
1986 a 1995	300	1,1	2,6	0,9	5,5	5,2	15,4
1996 a 2005	796	1,6	5,7	2,3	20,8	10,4	40,8
2006 a 2015	746	3,6	7,7	5,0	12,3	9,6	38,2
TOTAL	1.950	6,7	16,5	8,8	41,6	26,4	100

Fonte: IPEA (2017, p. 17)

Conforme observado, se a década de 1960 marcaria a entrada dessas instituições no cenário nacional, a partir da década de 1990 uma significante explosão do número dessas comunidades terapêuticas ocorreria em todo o país – década essa em que despontaria a fundação da comunidade terapêutica masculina a qual recrutamos parte dos voluntários para essa pesquisa de tese. Apenas alguns anos depois, já no início da década de 2000, seria fundada a CTI a qual obtivemos as mulheres voluntárias para essa pesquisa -.

A partir da análise da literatura científica e os demais dados estatísticos compartilhados é possível perceber alguns fenômenos que se desenvolveram paralelamente a essa ascensão das CT's no Brasil; fenômenos como:

a) o aumento do consumo entre os brasileiros - conforme assinalam Doudement e Conceição (2018), Bastos (2017) e PENSE (2009, 2013, 2019) - seguido pelo também pela crescente do tráfico, dos crimes relacionados às drogas bem e da comunidade carcerária;

b) o estabelecimento de um maior contato das CT's, com o poder público nas mais diferentes esferas – como o poder executivo, legislativo – (SANTOS, 2018);

c) As significantes mudanças nos marcos jurídicos brasileiros – Soares (2021); Pires; Santos; Rosa (2021) - permitindo assim com que as CT's – enquanto instituições religiosas e/ou com métodos inspirados nessas tradições - concorressem na esfera pública, na capitação de recursos, reconhecimento de seus métodos [o que ocorreu com a CTI feminina a qual obtivemos parte dos voluntários para essa pesquisa; já com a CTI masculina diversas tentativas vêm sendo conferidas na busca de captar tais recursos advindos da esfera pública].

De acordo com Doudement e Conceição (2018) a aproximação das CT's com o poder público (inicialmente com instituições ligadas ao poder executivo e, posteriormente, com atores inseridos na esfera legislativa) marca os passos de uma relação que tem crescido significantemente nas últimas décadas possibilitando assim que tais instituições concorressem de formas cada vez mais privilegiadas no campo do "mercado da reabilitação dos adictos". Como resultado dessa concorrência, apesar da declarada filiação religiosa o que se assistiria também seria a eclosão de diversas formas e estratégicas que marcariam as disputas dessas por recursos e posição de reconhecimento social na esfera pública, como, por exemplo, buscar conferir aos seus programas um caráter mais técnico-científico como forma de legitimação social e política.

Todavia, concomitantemente a essa ascensão numérica das CT's em todo o Brasil, diversos movimentos, atores e ações políticas tem ascendido impactando e/ou mesmo questionando a validade de tais modelos de acolhimento; ataques esses que desvelam certas tendências deslegitimadoras de alguns dos principais ícones e elementos que compõem aspectos da identidade dessas instituições: suas ações, métodos, atores, formas de acesso a recursos públicos bem como a natureza dos resultados obtidos.

De certo modo, a partir desse quadro, o que se percebe é que tudo tem se desenvolvido paralelamente à própria ascensão e consolidação das CT's ao longo das últimas décadas, dos quais se destacam:

a) os movimentos em prol da descriminalização e/ou despenalização das drogas;

b) movimentos apoiadores da Reforma Psiquiátrica (TORCADO, 2016), essa que passara a questionar a instituição asilar e a reivindicar novas formas de abordagem e que, no Brasil, ganhara significante força principalmente na defesa da Redução de Danos (RD) como estratégia de tratamento (SANTOS, 2018) e incorporada pela política de saúde;

c) o surgimento de centros de atenção psicossocial para usuários de álcool e outras drogas (CAPSad) – incorporado ao SUS – ancorados nos princípios da Reforma Psiquiátrica;

d) Tentativas de regulamentações como as do CONAD do ano de 2015 em que o tripé *disciplina-trabalho-espiritualidade* - esse bastante característico da identidade e das ações assistenciais concebidos pelas CT's - é posto sob fortes críticas e desconfiança.

Conforme foi visto anteriormente, o Brasil se caracterizou pela via combativa ao uso, dependência e tráfico de SPA's a partir de um alinhamento que desembocaria no surgimento de diversas políticas proibicionistas que teria na criminalização e penalização do usuário/dependente suas maiores marcas.

Desde as Ordenações Filipinas, da primeira legislação criminal, que teve vigência de 1603 até 1830, do alinhamento norte-americano com o movimento conhecido de Guerra às Drogas; até a atual legislação brasileira [a Lei 11.343/2006] diversos foram os movimentos, tensões e conflitos que dividiam grupos políticos e especialistas em diversas áreas da ciência e da sociedade quanto aos rumos tomados no tratamento dessa questão bem como no questionamento das metas, métodos e incentivos dados às comunidades terapêuticas nesse contexto.

Tomando como exemplo a constituição da "Carta de Brasília em defesa da Razão e da Vida" oriunda do "Congresso Internacional sobre Drogas"[19] ocorrido no ano de 2013, algumas das principais bases de legitimação das CT's – a via criminatória e o modelo de abstinência [ambas intensificadas a partir da Lei das Drogas] - essas passariam a ser fortemente questionados. A partir desse documento, ao mesmo tempo que esse confere críticas à proibição ainda existente bem como às diversas formas de violências, torturas e/ou mesmo tratamentos cruéis destinados aos usuários e/ou dependentes, a mesma carta enfatiza o caminho da redução de riscos e danos como um meio mais favorável de acolhimento/tratamento.

Concordando com essa percepção, cientistas como Pacheco & Scileski (2013) compreendem que a concepção criminalista e condenatória provém de modelos de pensamentos os quais consideram retrógrados e moralistas [esse que encontraria em diversas correntes religiosas um respaldo para a sua manutenção] vindo assim a contravir direitos legais do usuário/dependente uma vez que tende a compreendê-los como sujeitos sem autonomia ou controle de suas ações. Além disso, outro argumento ainda reforçado pelas autoras é que a descriminalização levaria a novas formas de lidar com o problema, tendo inicialmente como um primeiro impacto a superação dos estigmas e preconceitos contra os usuários; preconceitos esses que teriam sua gênese numa perspectiva médico-psiquiátrica, legalista e religiosa[20].

Com a Reforma Psiquiátrica, já desde a década de 1970, o surgimento de uma nova concepção conhecida como movimento antimanicomial – que rompe com a tradicional via higienista - busca em seu cerne promover novas vias e caminhos combativos – como o

---

[19] MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Carta de Brasília em defesa da razão e da vida. (2013). Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Carta-de-Brasilia-em-Defesa-da-Raza%CC%83o-e-da-Vida.pdf . Acesso em: 05 de janeiro de 2023.

[20] Nessa defesa, fica claro toda uma concepção tida como danosa das atuais estruturas de acolhimento/tratamento ancoradas na moral religiosa como pilar para as dinâmicas de intervenções tomadas.

modelo de redução de danos, da desinternação, entre outros –. De certo modo, com a ampliação dessa nova perspectiva combativa o que se percebe é que essa tem se firmado a partir das severas críticas e deslegitimações de modelos tidos como reclusivos e religiosos, esses que demandam em seus projetos a abstinência e perda de certos aspectos da cidadania e da autonomia dos participantes [típicas das instituições totais – conforme será abordado mais adiante] para a sua efetivação -].

De certa forma, o que se observa são trilhas bastante contrastantes em relação aos caminhos adotados por ambos os lados. Enquanto as comunidades terapêuticas são constituídas [a partir de uma perspectiva proibicionista articulada com a Política de Atenção Integral ao Usuário de Álcool e drogas do Ministério da Saúde] tomando como premissa a necessidade de alteração do meio onde o indivíduo realiza o consumo de SPA's para a eficácia de suas intervenções, esse quadro passa ser uma das principais críticas dos representantes dos modelos inspirados na Reforma Psiquiátrica.

Enquanto campos que concorrem "aparentemente" para o mesmo fim – o acolhimento e a recuperação de indivíduos com problemas relacionados ao uso de SPA's -, buscar normatizar e fiscalizar as CT's se transformou em uma importante estratégia nessa arena de disputas na tentativa de conter os avanços e sua legitimidade.

Uma das tentativas de normatização que podemos destacar foi aquela apresentada pela Resolução do CONAD 01/2015 que regulamentava, no âmbito do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas, as CT's que promoviam o acolhimento de pessoas com problemas devido ao uso de SPA's em seu interior.

Uma vez concebidas essas tentativas em prol da criação de um cenário visando uma maior unificação dos programas e seus procedimentos promovidos nas CT's de todo o Brasil - o que resultaria posteriormente na inclusão das CT's no Cadastro nacional de Estabelecimentos de Saúde[21] no ano de 2016 [ação essa promovida pela Secretaria de Atenção à Saúde do ministério da Saúde] – esse quadro também favoreceria um grande anseio dos grupos que compunham críticas ao modelo de acolhimento dessas organizações: *a possibilidade de acompanhar, julgar e denunciar práticas e procedimentos.*

[21] Como Polo de Prevenção de Doenças e Agravos de Promoção da Saúde.

De certo modo, foi com base nessa normatização promovida a partir da Resolução do CONAD 01/2015 - que denúncias, inspeções bem como o julgamento dos "considerados desvios das propostas organizacionais das CT's" ganharam maior força e respaldo[22].

Utilizando-se desse instrumento [Resolução do CONAD 01/2015], bem como tomando a via da denúncia como recurso, uma série de ações eclodiram tendo esse instrumento como base para as inspeções.

De acordo com o Relatório de Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas ocorrido no ano de 2017 - realizado em conjunto por diversos órgãos e instituições como o Conselho Federal de Psicologia; Mecanismo nacional de Prevenção e Combate à tortura; a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão e Ministério Público Federal - 28 CT´s nos Estados de Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rondônia, Santa Catarina e São Paulo foram inspecionados tomado como base a Resolução do CONAD 01/2015. Como resultado foram apurados e expostos os seguintes quadros das CT´s inspecionadas:

a) Críticas ao caráter asilar das CT´s

- Isolamento e restrição do convívio social mais amplo[23] por parte dos internos;
- Icomunicabilidade e restrições à visitas[24];
- Restrições às saídas[25];
- Retenção de documentos e dinheiro;
- Violação do sigilo de correspondência e de acesso a meios de comunicação[26]

b) **Internações involuntárias e/ou compulsórias**[27]

---

22 Quadro esse estabelecido à medida que diversas CT´s apresentavam dificuldades nesse ajustamento com esse novo instrumento normativo ou mesmo pouco interesse em ajustar-se comprometendo assim parte singular de suas identidades.

23 Embora a Resolução do CONAD 01/2015 preveja em seu art. 6 parágrafo V a " participação da família ou de pessoa indicada pelo acolhido no processo de acolhimento, bem como nas ações de preparação para a reinserção social";

24 Em contradição com o que estabelece o Art. 6 parágrafo X que estabelece que as CT´s devem "permitir a visitação de familiares, bem como acesso aos meios de comunicação que permitam contato com esses".

25 De acordo com o Art. 2, parágrafo II, deve ser da natureza da CT a oferta de vagas em ambiente residencial provisório.

26 Em contradição com o que estabelece o Art. 6 parágrafo X que estabelece que as CT´s devem "permitir a visitação de familiares, bem como acesso aos meios de comunicação que permitam contato com esses".

27 Constatação essa que estaria em descordo com a Resolução do CONAD 01/2015 em o Art. 1º o qual prevê que "as entidades que realizam o acolhimento de pessoas, em caráter voluntário, com problemas associados ao uso nocivo ou dependência de substância psicoativa, caracterizadas como comunidades

- Irregularidades envolvendo internações involuntárias e compulsórias[28];
- Ausência de laudo médico[29] e de comunicado ao Ministério Público, estando o interno restrito compulsoriamente[30];
- Internações voluntárias convertidas em involuntárias

c) Aspectos Institucionais

- Ausência de projeto terapêutico singular[31]
- Violação da liberdade religiosa[32]
- Exploração do trabalho como ferramenta de disciplina [laborterapia][33]
- Ausências de protocolos ou projetos de desinstitucionalização[34];
- Violação do tempo de internação[35];
- Ausência de registros individuais dos residentes;

d) Quanto às equipes de trabalho:

- Fragilidades nas equipes multidisciplinares[36];

---

terapêuticas, serão regulamentadas, no âmbito do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad - por esta Resolução.

[28] Mais tarde, com a promulgação de acordo com a Lei nº 10.216 em seu Art. 6, a internação só pode ser feita se houver laudo médico que a justifique. Sendo involuntária – a pedido da família ou responsável, independente de aceitação pelo internado, mediante relatório médico e comunicação ao Ministério Público em até 72 horas. Quanto às internações compulsórias essa decorre de ordem judicial.

[29] Ancorado no Art. 6 parágrafo II que prevê que "somente acolher pessoas mediante avaliação diagnóstica prévia, emitida pela rede de saúde ou por profissional habilitado, que as considere aptas para o acolhimento; e o Art. 3º que prevê que "somente deverão ser acolhidas pessoas que façam uso nocivo ou estejam dependentes de substâncias psicoativas, com necessidade de proteção e apoio social e previamente avaliadas pela rede de saúde;

[30] Em contradição com o que prevê a Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001 para esses casos.

[31] Ancorado no Art. 6 parágrafo I que estabelece que as CT´s devem "possuir e cumprir seu programa de acolhimento contendo suas normas e rotinas". Artigo III que prevê a criação e divulgação de um programa de acolhimento; e o Artigo IV que prevê que as CT´s ofertem quais atividades estão previstas no programa de acolhimento da entidade.

[32] Artigo 6, parágrafo II - receber tratamento respeitoso, bem como à sua família, independente de etnia, credo religioso, ideologia, nacionalidade, orientação sexual, identidade de gênero, antecedentes criminais ou situação financeira;

[33] Artigo 6, parágrafo XV - não submeter os acolhidos a atividades forçadas ou exaustivas, sujeitando-os a condições degradantes.

[34] Ancorado pelo Art. 6 parágrafo IV que estabelece que as CT´s devem "informar, de modo claro, os critérios de admissão, permanência e saída, bem como o programa de acolhimento da entidade, que devem receber a anuência prévia, por escrito, do acolhido".

[35] Em contradição ao que estabelece o Art. 6 parágrafo XXV, inciso 1º que prevê que "§ 1º O acolhimento não poderá exceder o limite de doze meses no período de vinte e quatro meses".

[36] De acordo com o art.2 parágrafo V deve a CT promover "o desenvolvimento pessoal, focado no acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade com problemas associados ao abuso ou dependência de substância psicoativa". Art. 6, XXIV - manter equipe multidisciplinar com formação condizente com as

- Indícios de violação de direitos trabalhistas [voluntários];
- Caracterização como instituições médicas
- Administração irregular de medicações[37];
- Indícios de violações éticas no trabalho de psicólogos na instituição.

e) Cotidiano e Práticas

- Rotinas rígidas;
- Sanções e indícios de tortura[38];
- Segurança e vigilância
- Vistorias e práticas de revista;

f) Internações de Adolescentes;

- Internação para retirada do convívio social
- Trabalho de adolescentes;

g) Novos usos para as comunidades terapêuticas[39]

- Internação de idosos
- Internação de pessoas com transtornos de saúde mental;

h) Infraestrutura e insumos básicos

- Ausência de alvará sanitário[40];
- Condições sanitárias precárias[41] ou comprometidas[42];

---

atividades oferecidas no Programa de Acolhimento e para o pleno funcionamento da entidade, sob responsabilidade de um profissional de nível superior legalmente habilitado, bem como substituto com a mesma qualificação.

37 Artigo 6, parágrafo XII - não praticar ou permitir ações de contenção física ou medicamentosa, isolamento ou restrição à liberdade da pessoa acolhida.

38 Artigo 6, parágrafo XI - nortear suas ações e a qualidade de seus serviços com base nos princípios de direitos humanos e de humanização do cuidado; Art. 6, parágrafo XIV - não praticar ou permitir castigos físicos, psicológicos ou morais, nem utilizar expressões estigmatizantes com os acolhidos ou familiares.

39 De certo modo o Art. 1 prevê que as CT´s devem atender a indivíduos com problemas de abuso e dependência de SPA´s. De certo modo, a inspeção viria a apresentar casos de internos cuja condição se distanciava da condição basilar para a internação.

40 Art. 4º diz "A instalação e o funcionamento de entidades que promovem o acolhimento de pessoas com problemas associados ao abuso ou dependência de substância psicoativa, caracterizadas como comunidades terapêuticas, ficam condicionados à concessão de alvará sanitário ou outro instrumento congênere de acordo com a legislação sanitária aplicável a essas entidades".

i) Recursos Financeiros

- Recursos financeiros de origem pública;
- Mulheres forçadas a pedir doações em lugares públicos.

Apesar dos múltiplos casos aqui apresentados pelo relatório, o quadro da religião parece ter ganho um destaque especial dentre aqueles citados. Quanto a essa questão, de acordo com o relatório,

> [...] em apenas quatro das 28 das comunidades terapêuticas visitadas, é possível afirmar que não foram presenciadas ou registradas restrições à liberdade religiosa. Em muitas há imposição de uma rígida rotina de orações, tendo sido colhidos inúmeros relatos de obrigatoriedade de participação nas atividades religiosas, bem como a punição em casos de recusa – inclusive por meio do aumento da carga de "laborterapia". As vistorias também apontaram casos em que internos de outras religiões eram coagidos a frequentar atividades da designação religiosa da comunidade terapêutica. Um dos entrevistados da comunidade Renascer, em São João Del Rei (MG), por exemplo, relatou que a instituição não aceitava culto a santos e que chegou a ter rasgada a imagem de Nossa Senhora Aparecida que guardava consigo (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, *et al*; 2018, p. 15).

Conforme o relatório, agregada aos demais instrumentos disciplinares, a religião figuraria como um dos principais meios da instituição se impor sobre seus internos, sendo assim uma das vias mais comuns de se identificar certos "abusos" ou "violações" das liberdades dos internos. Ainda conforme o mesmo relatório, outro ponto que merece ser destacado da inspeção é a condição de indivíduos internos com transtornos diversos de saúde mental. A partir desse quadro o relatório enfatiza, embasado na Lei 10.216/2001 as tendências de diversas CT's em assumir a condição de "espaço segregador das diferenças" agindo essas como uma "expressão renovada dos estabelecimentos manicomiais", essa uma das principais críticas dos defensores da Reforma Psiquiátrica e seu apoio à (des)manicomização / (des)hospitalização.

Nessa luta, apesar das fortes críticas e ações para conter diversos aspectos das rotinas e práticas nessas instituições, mesmo após a edição da Lei 10.216/2001 [também conhecida como a Lei Antimanicomial] que consagrou a "Política de Saúde Mental no Brasil" o modelo de tratamento dispensado às pessoas com transtornos mentais decorrente do uso abusivo de

---

41 Artigo 6, parágrafo XVII - observar as normas de segurança sanitária, de instalações prediais e de acessibilidade, além de manter atualizadas as licenças emitidas pelas autoridades competentes

42 Em contradição com o que estabelece o Art. 6 parágrafo XVIII que estabelece que as CT´s devem "fornecer alimentação, condições de higiene e alojamentos adequados".

substâncias psicoativas; mesmo com a promulgação da Resolução do CONAD 01/2015; o que ainda se evidencia no Brasil é que ocorre certa predominância dos modelos baseados na internação" (SILVA, COHN, 2018, p. 6).

Consolidando esse quadro bastante distintivo de abordagens e acolhimento (ver ANEXO B), apesar das diversas batalhas entre ambos os lados, bem como das fortes investidas de instituições ancoradas em princípios da Reforma Psiquiátrica que tenderam a impactar cada vez mais os contornos e dinâmicas estabelecidas em diversas CT's do Brasil, diversas mudanças ainda no final da década de 2010 figurariam e resultariam em maiores e melhores condições de concorrência das CT's nessa acirrada arena de disputas.

Ainda no ano de 2017 o Ministério da Saúde editaria a Portaria n.º 3588 que favoreceria o financiamento de leitos nas CT's. A luta antimanicomial ainda seria abalada pelo Projeto de Lei Complementar n. 37 que institui a Nova Lei Nacional De Drogas, aprovando assim a Política Nacional sobre Drogas e revogando consigo o Decreto n. 4.345, de 26 de agosto de 2002. A partir dele diversas mudanças são conduzidas, dentre elas:

a) Busca-se construir uma sociedade protegida do uso de SPA's lícitas e ilícitas, ou seja, reforçando a lógica proibicionista e da abstinência para isso;
b) A Política sobre Drogas deixa de ser de redução de danos, promovendo a abstinência.
c) Reconhece as diferenças entre usuário, dependente e traficante de drogas, tratando-os diferenciadamente. As ações, os programas, os projetos de cuidados, a prevenção e a reinserção social deverão visar a abstinência em relação ao uso de drogas.
d) Reconhece as Comunidades Terapêuticas como forma de cuidado, acolhimento e tratamento do dependente químico.
e) Busca a integração entre os entes da Federação e a cooperação nacional e internacional, pública e privada, para o fortalecimento dessa política, por meio de ações de redução de oferta e redução de demanda.
f) Assegura, por meio de medidas administrativas, legislativas e jurídicas, o direito de proteção da criança e do adolescente contra toda informação. Estimula e apoia, inclusive financeiramente, o aprimoramento, o desenvolvimento e estruturação física e funcional das Comunidades Terapêuticas e outras entidades de tratamento, acolhimento, recuperação, apoio e ajuda mútua, reinserção social, prevenção e capacitação continuada. e material prejudiciais ao seu bem-estar, especialmente das drogas lícitas ou ilícitas.

Além dessas mudanças que tenderiam a favorecer as ações nas CT's brasileiras – inclusive por parte das CTI's as quais os voluntários para essa pesquisa eram egressos -, esse quadro de tensão e ascensão dessas organizações ficaria ainda mais notório com a incidência de governos conservadoristas alinhados com muitos dos interesses dos grupos religiosos e a montagem de suas agendas na esfera política. Como exemplo pode ser citadas diversas ações do poder executivo e de sua base parlamentar aliada, dentre elas a ação do presidente Jair Bolsonaro ao sancionar a Lei nº 13.840 de junho de 2019 dispondo sobre a internação involuntária de pessoas com transtornos decorrentes do uso de drogas por um profissional de saúde sem a necessidade de autorização judicial[43], fato esse que para tendeu a fortalecer a internação como modelo central de tratamento alheio àquilo aceito pelos defensores da "reforma psiquiátrica", gerando o que Rachel Gouveia Passos et al (2020) chamou de "(re)manicomização".

Não apenas isso; no exercício do mandato do presidente Jair Bolsonaro o que se evidenciou foi que a criminalização e a abstinência e o caráter asilar de acolhimento para pessoas com problemas devido ao uso ou dependência de SPA´s, essas se transformariam em emblemas centrais em seu governo, fato esse que justifica já em seu primeiro ano de governo o aumento nas verbas para financiamento de vagas nessas instituições em cerca de 169% em comparação ao governo antecessor, ou seja, investiu cerca de 105,2 milhões.

Na CTI feminina, a qual as voluntárias dessa pesquisa eram egressas, logo no pátio central e de forma visível a todo o visitante encontrava-se uma placa com 2m x 60cm que dizia: "essa comunidade terapêutica tem vagas financiadas com recursos do Governo Federal". Em conversas indiretas durante o tempo de imersão naquela comunidade era notório um reconhecimento positivo dado até então ao governo de Jair Bolsonaro e como esse traduzia a concretização de certos anseios almejados por membros dirigentes das comunidades terapêuticas no que diz respeito ao reconhecimento/legitimação de sua eficácia e apoio de recursos financeiros; recursos esses desprendidos para diversas das necessidades da CTI, principalmente destinado para o pagamento da equipe técnica/profissional que assessoravam a comunidade – como profissionais de saúde diversos, psicólogo, assistentes sociais, entre outros -.

---

[43] Exemplificando somente a matéria, antes mesmo dessa ação, projetos de lei como a de n.º 7663/10 elaborado no mandato do deputado Ormar Terra (PMDB/RS), já se constituía como um instrumento anterior para fortalecer a internação forçada para aqueles considerados dependentes, trilha essa antagônica àquelas defendidas pela Reforma Psiquiátrica.

Como reflexo e consequência dessa centralidade, o que se percebeu é que nesse "cabo de guerra", e apesar das diversas legislações conferidas anteriormente e das denúncias e pareceres apresentados pelos defensores de modelos inspirados na Reforma Psiquiátrica, as CT's tem figurado como expressivas opções para o acolhimento de pessoas com problemas devido ao uso de SPA´s. Portanto, foi inserido nesses campos, que os egressos voluntários dessa pesquisa conceberam vivências, dinâmicas e interações que resultariam na recomposição de suas identidades e, consequentemente, no reajuste de todo o seu patrimônio disposicional. Assim, ao elucidarmos aspectos da história das CT's - sua constituição, sua base filosófica/teológica/ideológica, como essas que dialogam e se constituem frente a diversos quadros de disputas, tensões e lutas em distintos campos [políticos, da saúde mental, entre outros] - e as diversas vias que essas buscam se firmar como opões legítimas para o acolhimento e socialização de sujeitos com problemas causados pelo uso ou dependência de SPA´s, temos a oportunidade de compreender como todo esse lastro do passado se faz presente na constituição identitária e religiosa dos egressos que a essas instituições se submeteram tendo, em seguida, atuado em contextos de ações mais amplos e plurais. Dessa forma, visamos aqui expor mais do que uma análise do tempo presente – como algo constituído e firmado em suas próprias bases – mas sim uma análise que evidenciasse um objeto em constante diálogo com diversos processos de formação histórica, com as diversas transformações paradigmáticas do país nos mais distintos campos e como esse processo tende a convergir e deixar suas marcas na história individual dos sujeitos aqui selecionados; manifestação essa eclodida na forma e na constituição de um "habitus" ou enquanto disposições historicamente constituídas.

2.2.2 Quadro geral das CT's brasileiras x perfil das CTI's dos egressos investigados

Após evidenciado alguns aspectos do contraste, lutas, movimentos de legitimação e deslegitimação dos modelos de acolhimento e terapêuticos tidos como Comunidades Terapêuticas, cabe nesse momento indagar: como essas instituições que propõem fomentar uma reforma subjetiva e pessoal dos indivíduos por meio de mudanças de comportamentos e atitudes individuais regidos por uma moral religiosa[44], e têm como pilares de suas atuações as dinâmicas do trabalho, da disciplina e da abstinência; como essas podem ser entendidas

[44] Definição de Comunidade Terapêutica fomentada por Pacheco & Scisleski (2013).

enquanto blocos [ou seja, a partir do perfil geral e dos pontos de consonância que unem e as identificam a partir de uma identidade comum]?

Portanto, acurar as percepções de aspectos que marcam o quadro atual dessas instituições – *como a distribuição geográfica dessas no território brasileiro e suas distribuições entre as zonas rurais e urbanas; suas características espaciais e estruturais; suas composições; modelos e programas; métodos e recursos terapêuticos; práticas internas permitidas bem como alguns dos principais mecanismos de controle institucionais; entre outros* – permitiria assim compreendê-las não apenas em seus pluralismos, mas sim em comparação com as singularidades que marcam aquelas as quais se constituíram como canais (re)socializadores dos sujeitos cujos retratos sociológicos nessa pesquisa foram compostos/expostos.

a) Distribuição geográfica

É evidente que todo esse quadro de proliferação das CT's, iniciado no período conhecido como "Guerra às Drogas" no final da década de 1960, abre margem para a instauração de instalações, equipes, programas muitas vezes bastante distintos: variações essas que tendem a dialogar com os diversos quadros sócio-histórico-geográficos característicos de cada contexto; programas terapêuticos distintos; grau de entendimento e motivação de seus fundadores e envolvidos; autonomia ou relação com franquias nacionais e internacionais que apresentam modelos próprios terapêuticos; entre outros.

Conforme assinala De Leon (2004), nenhuma Comunidade Terapêutica se assemelha a outra, vez que suas culturas tendem a evoluir de maneira única a partir: das experiências individuais lá desenvolvidas por todos os que dela participam ou participaram; do período de existência da comunidade; das diferenças de crenças lá existentes ali existentes; entre outras. Dessa forma, embora muitas tenham preservado em seus programas elementos do protótipo terapêutico de Synanon, o que se tende a observar, segundo o autor, é que existe uma pluralidade e/ou variações de programas - variações essas decorrentes dos diversos recursos psiquiátricos, psicológicos, educativos e dos serviços sociais nelas oferecidos.

Dessa forma, compreendendo o forte processo de expansão dessas instituições pelo cenário nacional nas últimas décadas - bem como da proposta que essas atendem [a de proporcionar a execução de projetos ressocializadores que permitam o reajuste disposicional dos sujeitos delas participantes - o que se pode dizer dessas instituições no atual cenário

nacional considerando a pluralidade de culturas, de contextos e de sujeitos que atendem e/ou são por elas atendidos?

É evidente que diversos autores e pesquisas desenvolvidas apontam que não se pode tomar o conjunto de comunidades terapêuticas existentes no cenário nacional como instituições homogêneas. Cada uma delas tende a se desenvolver assumindo maiores aproximações com umas, bem como distanciamento do padrão adotado por outras. Dessa forma, problematizar a interiorização do social sobre o indivíduo é, antes de tudo, uma tarefa que deve considerar de qual aspecto do social é que se fala? É considerando assim as ~~características~~ suas características geográficas, instalações físicas, composição das equipes que nelas atuam, de seus programas, entre outros, que identificar aspectos singulares e distintivos do contexto de socialização dos egressos e sua relação de aproximação e distanciamento com o quadro geral das CTI's torna-se necessário.

Portanto, para esse momento, uma vez apresentadas as tendências gerais das comunidades terapêuticas do Brasil, tivemos em vista situar alguns dos mais expressivos atributos institucionais favorecendo assim a compreensão de algumas de suas singularidades até mesmo às formas como essas se assemelham às características e tendências gerais identificadas.

b) Características espaciais e estruturais das CT's

Quanto às suas estruturas, a pesquisa mostrou que 56% das CT's existentes no Brasil possuem um terreno entre 1.001 a 50.000 m². Desse grupo evidencia-se que as mais comuns, ou seja 32,7% delas variam de uma área entre 1.001 a 10. 000m², extensões essas semelhantes àquelas CTI's as quais obtivemos nossos voluntários para essa pesquisa de tese.

Retratando um quadro mais específico das estruturas das CT's, conforme a média brasileira, a acomodação coletiva é o modelo mais comum nas CT's existentes. 38,9 delas declararam possuir acomodações coletivas para até 3 pessoas; 73,2% delas predominam instalações de quartos coletivos para 4 a 6 pessoas; e 35,7% delas possuem alojamentos para mais de 6 pessoas (IPEA, 2017).

Na CTI feminina a qual recrutamos egressas que se envolveram com o crack, essa fugia ligeiramente da tendência geral brasileira, ao ofertar dois quartos com possibilidade de acolhimento para até 16 internos em cada um deles. Para essa CTI concebe-se a ideia de que esse modelo de alocação dos leitos favoreceria o acompanhamento e a vigilância das internas,

de possíveis práticas desviantes e/ou mesmo dos possíveis conflitos existentes [quadro esse semelhante na CT masculina]. Por sua vez, quartos com capacidade de quatro pessoas eram geralmente reservados para mulheres em condições especiais – como gestantes, puérperas [principalmente] e demais outras necessidades.

De forma semelhante, a comunidade terapêutica masculina na qual recrutamos egressos que também se envolveram com crack apresentava capacidade para receber mais de 30 internos alocando-os em alojamentos coletivos – distribuídos em pelo menos quatro alojamentos -.

A vida em coletividade e o desenvolvimento em conjunto das experiências nas CT's se constituem como características principais desses espaços. Ao não ofertarem leitos individuais como 25% das CT's investigadas pelo IPEA (2017) essas CT's tendem a desenvolver uma estrutura de vigilância e controle, visando assim compor uma tentativa da perpetuação do poder institucional sobre aqueles que delas participam (SANTOS, 2015). Vigiar e ser vigiado(a) ao mesmo tempo; vigilância essa que tende a adentrar até mesmo o espaço da intimidade e firmar uma dinâmica de controle [a partir do contato constante com os pares].

Tanto a CTI feminina quanto a masculina, que acolheram os sujeitos que participaram de nossa pesquisa de tese, percebeu-se que assim como a maior parcela dessas instituições brasileiras – conforme dados do Ipea (2017) - elas não possuíam consultório odontológico[45] ou mesmo consultórios médicos. A não existência de tais consultórios, por exemplo, revelaria as várias interconexões da CTI com instituições que integram o SUS.

Assim como para 95% dessas instituições no Brasil, ambas as CT's [masculina e feminina] contavam com uma sala de TV cuja programação tendiam a exibir conteúdo que reforçassem a proposta terapêutica.

Além desse, outro elemento relevante a destacar é a presença de uma sala para a execução de atividades diversas nos espaços das CTI's de nossos egressos/voluntários. Nesses espaços oficinas, palestras, dinâmicas recreativas, ou mesmo cerimônias religiosas ocorriam modelando e remodelando diferentes aspectos das distribuições dos elementos das salas, bem como de seus participantes. Embora as CTI's possam ter projetos para a construção de templos em suas dependências [como sinalizou, por exemplo, a CTI feminina], é nesse tipo de sala que normalmente ocorrem os encontros religiosos, palco esse em que diversos relatos foram obtidos de nossos egressos voluntários.

---

[45] Embora viesse a possuir academia de ginástica em suas dependências, o mesmo fora desativado por tempo indeterminado.

Foi nesse modelo de salão que todos os participantes dessa pesquisa passaram por um processo o qual Foucault (2006) chamou de Metánoia (conversão religiosa); processo esse que tenderia a marcar em diferentes formas e graus diversas das vivências desses, o que tendia a evidenciar algumas das diversas formas e vidas as quais esses se relacionavam com os modelos e programas característicos dessas instituições; modelos e programas esses os quais alguns dos seus principais aspectos serão expostos a seguir.

c) Modelos e programas

No Brasil, diversas são as instituições que integram a vasta rede de apoio a pessoas com problemas devido ao uso e dependência de diversos tipos de SPA´s; essas as quais podem fazer parte – direta ou indiretamente – das trajetórias de sujeitos que se envolveram com problemas devido ao uso ou dependência de alguma SPA.

Desde aquelas que se apresentam com menor nível de atenção à saúde – como cadeias/prisões, escolas, unidades para menores infratores, entre outras – até os considerados "centros de excelência, pesquisa, ensino e tratamento", foi comum perceber que, como atores plurais, as experiências ressocializadoras dos egressos selecionados para essa pesquisa representava se restringiam ao contexto institucional das CTI´s. Ou seja, mais do que experiências "isoladas", essas tenderiam a refletir o conjunto de vivências em diferentes programas com distintas abordagens e o contato com propostas ressocializadoras que tenderiam a encontrar nas comunidades terapêuticas uma maior ou menor ressonância. Todavia, diferentes da maioria das instituições existentes, as comunidades terapêuticas se destacam no acolhimento de seus dependentes não apenas pelos métodos religiosos, mas também por essas em se constituírem como instituições com maior atenção à saúde. De acordo com De Leon (2004) as comunidades terapêuticas têm se destacado, ao longo de sua história, como instituições que se propõem a gerir um conjunto de ações que favoreçam a reconstituição de um quadro favorável da saúde mental daqueles os quais elas atendem. Ainda conforme o referido autor, essas teriam como foco a reconstituição de diversas estruturas necessárias para o exercício de novas experiências de sociabilidades e diversas outras condutas a serem exercidas no contexto social mais amplo.

Apesar das distinções existentes entre cada CT no Brasil, quanto ao seu programa terapêutico ou método de abordagem, é comum tenderem a tramitar, em maior ou menor distância, por alguma das modalidades de tratamento expostas no quadro a seguir.

Quadro 1: Tipos de modalidades de abordagens de acolhimento

MODALIDADE DE TRATAMENTO	DESCRIÇÃO
1. Abordagem médico-farmacológicas	Este tipo de abordagem tende a incluir vários tipos de técnicas no tratamento de sujeitos com problemas com o uso de SPA's. O indivíduo, dessa forma, tende a ser direcionado a um acolhimento que pode variar desde a convencional intervenção psiquiátrica até mesmo pela administração controlada de outras SPA's, essas que compõem um conjunto de estratégias que buscam minimizar os danos (Redução de Danos).
2. Abordagem psicossocial	Esse modelo tende a incluir vários tipos de psicoterapias durante o processo. Edwards (1997) aponta que esse modelo pode se desenvolver por duas vias: a) a abordagem psicodinâmica; essa que tenderá a tomar a condição do interno como resultado neurótico; b) abordagem que considerará o comportamento do indivíduo durante sua procura ou mesmo a utilização de SPA's. Conforme destaca o autor, a partir dessas duas vias é que diversos modelos de intervenções e acolhidas tendem a ser estruturados.
3. Abordagem sociocultural	Existem grandes aproximações quanto ao modo de tratamento deste método de abordagem com muitos grupos de comunidades terapêuticas e comunidades autônomas. São essas basicamente abordagens de características grupais em que ocorrem as diversas experiências de socialização do indivíduo. A lógica deste modelo é a abstinência do indivíduo frente ao uso das SPA's, auxiliado por um programa de atividades físicas, esportivas, artísticas, reuniões, palestras, laborterapias, etc.
4. Abordagem religiosa	Este modelo privilegia valores e abordagens ancoradas em cosmovisões e tradições religiosas – em especial, no caso brasileiro, aquelas advindas das diversas correntes teológicas que compõem o cristianismo brasileiro -. Leituras bíblicas; "testemunhos" de ex-acolhidos compostos pela retradução do passado a partir de uma ligação intrínseca de experiências com o Sagrado (BERGER, 1985); cultos e demais participações em cerimônias ou rituais religiosos - como entoar canções religiosas, participação de ritos diversos, entre outros -. Todas essas tendem encontrar espaço bastante privilegiado, incidindo e sendo instrumentalizadas nesse modelo de abordagem.

(FONTE: SANTOS, 2006, p.37).

Embora Milby (1988) tenha apresentado esses modelos distintamente, nossas experiências no contexto das duas CTI's as quais obtivemos nossos egressos, constatou que, exceto pelo modelo de intervenção conhecido como "Redução de Danos" (RD), é bastante

comum, além de uma dinâmica religiosa instrumentalizada na atuação das Comunidades Terapêuticas, certo sincretismo dos tipos de abordagem acima descritos.

Tomando como base o programa de uma das organizações das quais realizamos nossa imersão inicial para essa pesquisa de tese, percebemos como os modelos acima descritos encontram-se implicitamente ancorados, conforme exposto a seguir:

> **Metodologia do Programa**
> Como o Programa do Desafio Jovem visa a abstinência total de qualquer consumo de drogas e outros comportamentos, **os alunos são alvo de uma abordagem** centrada no indivíduo, **considerando-o como um todo.** Trata-se de uma **intervenção terapêutica em diferentes vertentes: física, psicológica, social e espiritual**. Logo, o Programa compreende o **envolvimento** do aluno em **várias atividades laborais, acadêmicas, psicossociais, lúdicas e espirituais**. O objetivo é proporcionar aos residentes a aquisição de conhecimentos técnicos, profissionais, sociais e outras competências que, por sua vez, o ajudarão na inibição dos consumos, assim como facilitarão a sua integração sócio-profissional na sociedade[46] (grifos nossos).

Embora esse não se constituísse em nosso objeto de estudo, é fundamental, destacar, a observância de certos aspectos das estruturas e das rotinas constituídas nessas comunidades terapêuticas, bem como ambas as perspectivas de acolhimento tendem a se apresentar de forma, muitas vezes, imbricadas. Portanto, uma vez que o sujeito com problemas devido ao uso e dependência de SPA's passara pelas fases da pré-contemplação [essa na qual o indivíduo ainda possui dúvidas em parar de usar com certa predominância da ambivalência de pensamento]; da contemplação [onde o indivíduo já reconhece a necessidade de uma intervenção] (PROCHASKA, 2008) e iniciada, para tais indivíduos, a fase da "ação" [essa em que tais indivíduos buscam por medidas eficazes para alterar o próprio comportamento visando assim a superação do quadro problemático]; foi adentrando, portanto, o ambiente das comunidades terapêuticas que visamos compreender aspectos os mais distintivos do contexto ressocializador o qual nossos egressos foram expostos.

Buscando a partir de um conjunto de atividades [laborais, acadêmicas, psicossociais, lúdicas e espirituais] espera-se que o acolhido adquira certos conhecimentos técnicos, profissionais e sociais capazes de favorecer uma readequação do estilo de vida. Para ilustrar esse quadro, instituições como o Desafio Jovem[47], por exemplo, propõem o seguinte programa faseado por um período entre 9 até 12 meses:

---

46 DESAFIO JOVEM. Metodologia. Disponível em: < https://desafiojovemdobrasil.com.br/metodologia/ >. Acesso em: 13 de janeiro de 2023.

47 Programa esse cuja aplicação é bastante próxima da CT feminina dessa pesquisa.

1ª Fase: motivação: abandono da antiga maneira de viver

A Fase compreendida como "motivação" é o momento em que o acolhido é levado (estimulado, direcionado, motivado, etc.) a aceitar o próprio quadro, bem como todos os entraves para a recomposição de suas estruturas e disposições que o leve à superação do seu quadro problemático. Em média, no contexto institucional, essa fase pode durar dois meses.

2ª Fase – Aprendendo uma Nova Maneira de Viver.

É nessa fase que o acolhido passará por diversas ações ressocializadoras (escolares, técnicos, profissionais, religiosos, entre outras). Espera-se que essas ações resultem em implicações que incidam na reconfiguração da ação, favorecendo assim a atuação em situações práticas diárias. Essa fase pode durar entre três a quatro meses.

3ª Fase – Vivendo uma Nova Forma de Vida

Esta fase do programa é um período em que o acolhido tenderá a ser estimulado à interação direta com diversos outros sujeitos, bem como a lidar com as variadas vias e formas de conflitos, atitudes e situações que repliquem a realidade a qual ele será reinserido. Tempo estimado de três meses.

4ª Fase – Permanecendo na Nova Vida.

Nessa fase, que marca os últimos meses na CT, os padrões de ações, bem como a trajetória do acolhido passam a ser avaliadas pelos diversos sujeitos que compõem a CT. Tal avaliação, dentre tantas, consiste em promover a legitimidade da mudança alcançada, bem como a estabilidade emocional, social e espiritual necessárias para o retorno ao convívio social mais amplo. Nesse estágio tende a ocorrer certo abrandamento das regras internas sobre o acolhido a fim de que esse possa demonstrar, de forma mais autônoma, as evidências de seus novos padrões de ação.

Vale ressaltar que somadas a todas essas investidas, uma vez verificada a alteração do quadro comportamental do acolhido, nessas últimas etapas é possível serem intensificadas diversas das estratégias institucionais que visem a "prevenção de recaídas". Dentre elas pode-se ressaltar:

a) Treinamento de habilidades: entre os exemplos desse treinamento comportamental pode-se destacar aquelas do campo da comunicação; diversas formas de reagir a críticas, preconceitos e diversas outras pressões e estigmas sociais; até mesmo a formas e estratégias para negar a oferta de SPA uma vez estando no convívio social mais amplo.

b) A reestruturação cognitiva: esse que pode ser considerado um processo terapêutico que implica em uma reorganização cognitiva resultante da correção de distorções de formas de pensar e crenças.

c) Intervenção no estilo de vida: são mudanças que podem ocorrer a partir de sugestões diretas e comportamentais como: indução para que os acolhidos evitem o contato com certos sujeitos, lugares e situações as quais possam representar risco para uma possível recaída para o acolhido; entre outros (tendendo a implicar diretamente na constituição de suas novas sociabilidades).

d) Saídas avaliadas: nessa ação podem ocorrer saídas para espaços "além dos limites físicos das CT's". Essa experiência, dentre tantas, visa proporcionar ao acolhido uma imersão em situações e contextos "o mais próximo da realidade" [ou mesmo na própria realidade] a qual o acolhido irá se inserir, permitindo assim que aspectos mais críticos sejam trabalhados antes da saída definitiva.

> É nessa fase que são intensificadas avaliações de situações e quadros de risco que geralmente envolvem conflitos no âmbito familiar, pendências judiciais, financeiras bem como o impacto que o retorno aos locais de origem podem trazer sobre os acolhidos (BRASIL, 2019, p. 261).

De certa forma, o retorno ao local de origem ou mesmo a novos contextos de interações mais amplos é um dos pontos bastante sensíveis para muitos dos acolhidos, representando assim um elemento bastante considerável em intervenções visando lidar com fatores de rico de recaída.

Para esses casos

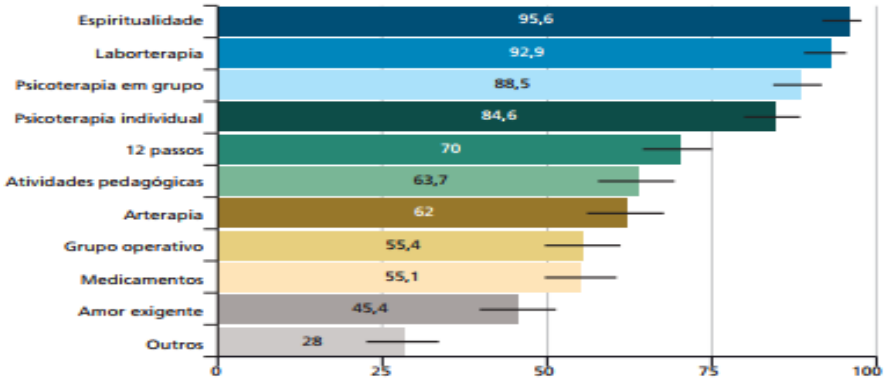
> É comum e incentivado que o acolhido mude ou evite "pessoas, lugares e situações" que o coloquem em risco de recaída. A identificação de situações e pessoas de risco pode ajudar a criar estratégias de evitação, de maneira a diminuir as possibilidades de contato com locais ou indivíduos que favoreçam a recaída (BRASIL, 2019, p. 263).

De certo modo, as exposições seguintes favorecerão um olhar das condições mais gerais às mais específicas das CTI's as quais nossos retratados foram socializados. Dessa forma, além de situar o lugar e as características mais peculiares das CTI's em relação ao quadro geral, espera-se apresentar as condições únicas nas quais todos os sujeitos selecionados para essa pesquisa foram socializados, permitindo uma compreensão mais aprofundada das condições, estruturas e dinâmicas que marcaram suas socializações.

d) Métodos e recursos terapêuticos

Conforme a pesquisa do IPEA (2017), as comunidades terapêuticas brasileiras podem utilizar diferentes métodos para executar seus programas de ressocialização.

Gráfico 01: Métodos e recursos terapêuticos no Brasil (em %)



Fonte: IPEA (2017, p. 23)

Dentre as técnicas e recursos empregados nas dinâmicas das comunidades terapêuticas tomadas como campos iniciais para esta pesquisa, considerando os métodos de intervenções ilustrados no gráfico 1, somente a administração de medicamentos não figurou como opção entre as respondentes.

De certa forma, essa concepção parece se assemelhar ao que está estabelecido na normativa da Resolução do CONAD 01/2015, em seu artigo 12, que estabelece que as comunidades terapêuticas não devem "promover ou permitir ações de contenção física ou medicamentosa, isolamento ou restrição da liberdade da pessoa acolhida", o que a difere de outros modelos.

Ao invés disso, outros elementos figuram com bastante significância, representando assim seus pilares mais emblemáticos; esses que são: o trabalho, espiritualidade e a laborterapia (DE LEON, 2004).

Quanto a esse primeiro, é bastante expressivo que quase 96% das CT's Brasileiras, assim como nas comunidades terapêuticas pernambucanas investigadas, a religião representa um elemento [bem como um recurso] bastante emblemático e identitário das práticas que tais instituições exercem sobre os seus acolhidos.

Conforme o IPEA (2017), cerca de 77% das CT's brasileiras assumem uma vinculação com algum dos segmentos religiosos mais predominantes do país. Esse número pode ser ainda

maior se levadas em considerações aquelas instituições religiosas de pertença distinta ao cristianismo ou mesmo aquelas que entraram no grupo/categoria "outras" [essas que embora sejam cristãs não se filiam a uma corrente religiosa determinada e/ou mesmo denominacional específica, permitindo assim a integração de várias correntes e tradições denominacionais religiosas em seus projetos e dinâmicas socializadoras: são essas as consideradas "comunidades terapêuticas interdenominacionais"].

Em nossa imersão em ambas comunidades terapêuticas as quais obtivemos os egressos voluntários para essa pesquisa o que se observou foi a integração de um vasto conjunto de tradições religiosas nesse processo, essas muitas vezes antagônicas e conflitantes quanto aos dogmas e cosmovisões que apresentam: Batista, Episcopais, Adventistas, Assembleianas, Universal, entre outras. De certo modo, os aspectos do campo local tendem a refletir certo alinhamento com as tendências gerais das comunidades terapêuticas do Brasil em ter instituições religiosas como aquelas que mais cooperam e inferem sobre suas realidades [apesar dos fortes contrastes que as mesmas tenham em relação a cosmovisões, teologias diversas, tradições, entre outras].

Tanto em nossa imersão presente como em outras vivências anteriores nesse campo, o que se constatou foi a incidência de ações de diversas organizações religiosas identificadas como tradicionais, pentecostais e pós-pentecostais [ou também conhecidos como neo-pentecostais] que integram as propostas ressocializadoras dessas CTI's. Conforme será exposto através dos retratos sociológicos, as ações e as narrativas religiosas no contexto das CTI´s tendem a se constituir tão plurais quanto a composição de seus colhidos. Como consequência, muitas dos caminhos e propostas ressocializadoras podem se constituir, nesses espaços, por vias e visões opostas, podendo incidir mais para a ativação e manutenção de certas disposições do que outras, ou mesmo nas formas que os acolhidos e egressos interagem no campo social. Desse modo, uma vez que cada um desses segmentos religiosos tendia a traduzir, singularmente, formas ideais de ação no contexto social, compreender como se deu o processo de socialização dos acolhidos em um contexto em que atuam diversas e distintas tradições religiosas e suas cosmovisões se tornou necessário.

Foi notório perceber que os pentecostais não apenas tendem a representar a maioria das CT's pesquisadas no Brasil – compondo essa cerca de 39,7% das CT's existentes – como também essas se apresentam com bastante significância no contexto do cotidiano das instituições consideradas interdenominacionais.

No entanto, chama atenção que um significativo percentual de entidades (17%) afirma não possuir orientação religiosa específica ou vínculo com qualquer igreja. Mesmo assim, muitas dessas CT's estimulam a fé dos internos em um ser superior, entendendo-a como essencial para o processo de transformação dos sujeitos.

Isso sugere que, apesar de não possuírem formalização institucional religiosa, essas CT's reconhecem a importância da espiritualidade, essa que corresponde a um dos pilares desse modelo de tratamento. Portanto, as CT's não são necessariamente ligadas às igrejas ou organizações religiosas, mas possuem algumas afinidades e semelhanças, formando assim associações que visam atuar no desenvolvimento de sujeitos por uma via moral e ressocializadora.

A espiritualidade, que inclui o estímulo à crença em um ser superior, é vista como um meio para a transformação dos indivíduos ao ajudá-los a compreender a importância de se submeterem a leis e ordens estabelecidas dentro e fora da instituição. Assim, nesse aspecto, a questão espiritual no modelo das CT's tende a ultrapassar as confissões e instituições religiosas particulares - embora sejam percebidas tensões e conflitos entre essas naquele campo em especial - sendo assim percebidas como um instrumento essencial para a ressocialização dos indivíduos.

Foi relevante observar – conforme será exposto nos retratos sociológicos nos capítulos finais desse trabalho de tese – que a incidência da participação dessas organizações religiosas não ocorre somente no contexto interno das CTI's, mas a participação dessas também se tornou fundamental nos momentos posteriores ao acolhimento institucional. Isso se evidenciou em quatro dos cinco retratos sociológicos aqui apresentados, demonstrando assim o significante valor dessas organizações e de suas cosmovisões compartilhadas no processo de reinserção social de sujeitos que enfrentaram algum tipo de problema devido ao uso de substâncias psicoativas [em especial o crack].

Além das igrejas, outro recurso também evidenciado tanto no contexto local quanto no geral brasileiro foi a incidência da laborterapia.

De certo modo, durante nossa imersão no campo do qual obtivemos os voluntários para essa pesquisa, foi observado que a dinâmica do trabalho, assim como a espiritualidade, se constituía como uma das mais expressivas engrenagens socializadoras naquele contexto. São atividades diárias que variavam desde a organização e limpeza da CTI até atividades desempenhadas na cozinha, agricultura/pecuária, construção civil, dentre outras.

Conforme a pesquisadora Maria Paula Gomes dos Santos (2018, p. 12)

> O programa assistencial das CTs ancora-se no tripé disciplina-trabalho-espiritualidade, que se traduz em rotinas disciplinadas, laborterapia e práticas religiosas. A laborterapia consiste numa terapia por intermédio do trabalho. Envolve tanto tarefas de manutenção da própria comunidade (limpeza e preparo de refeições) quanto atividades produtivas (agricultura, construção civil, artesanato, confecção de produtos para venda, entre outros). Visa ao disciplinamento dos acolhidos para o mundo do trabalho – condição entendida como essencial para a "ressocialização" e "adequação social" dos sujeitos que fazem uso problemático de drogas.

Se a laborterapia tende a se constituir em um importante e emblemático mecanismo/instrumento nas dinâmicas características dessas instituições, atividades como palestras, leituras bíblicas, participações em cultos, reunião sobre os 12 passos, atividades de qualificação profissional; oficinas de música, literatura e outras atividades pedagógicas figuram tanto no contexto geral das CT's brasileiras como nas CTI's as quais tivemos acesso para essa pesquisa de tese.

Para o desenvolvimento dessas atividades as comunidades terapêuticas as quais os sujeitos dessa pesquisa foram socializados contavam com a participação de diversos voluntários: personagens esses cujos status poderiam variar desde a condição de contratados, voluntários, ou mesmo egressos [o que tendia a aumentar o grau de identificação e participação naqueles contextos como foi o caso da egressa Ísis cujo retrato sociológico será exposto mais adiante].

Dentre aqueles personagens que desenvolviam atividades programadas nas comunidades terapêuticas selecionadas para essa pesquisa, destacaram-se também aqueles que exerciam atividades psicológicas coletivas ou mesmo individuais. Era comum recebê-los nos contextos das comunidades terapêuticas, quer fosse em número reduzido – quando contratados ou voluntários –, quer fosse em número maior quando adentravam as comunidades na condição de estagiários das universidades situadas nas proximidades daquela região.

De certo modo, o que se observava era que diversos sujeitos adentravam a comunidade terapêutica, sendo eles possuidores de cosmovisões e pertenças religiosas muitas vezes distintas daquelas apresentadas e defendidas pelas instituições. Suas ações, portanto, tendiam a demonstrar o quão plurais e porosas são as práticas e ações em comunidades terapêuticas, essas tão plurais quanto os sujeitos as quais atendem.

2.3 PERFIL GERAL DOS BRASILEIROS USUÁRIOS DE CRACK E/OUTRAS SPA´S SIMILARES: ELEMENTOS PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DO PERFIL DOS EGRESSOS SELECIONADOS

Nesse último ponto, uma vez caracterizadas algumas das singularidades organizacionais e históricas das comunidades terapêuticas dentre as instituições que integram a Política Nacional sobre Drogas (PNAD), outro ponto também surge com similar relevância: as características gerais da população dos acolhidos por comunidades terapêuticas no Brasil [em especial aqueles usuários e/ou dependentes da substância conhecida como crack].

Conforme o II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil (CARLINI, et al., 2006), por sermos um país de dimensões continentais, diversos são os fatores que podem resultar em índices variados quando tomadas e comparadas as estatísticas regionais; dentre elas: as formas como a gestão pública formula e implementa ações de políticas específicas de combate ao uso e a dependência de SPA'S; as diversas formas de acesso; os mecanismos de repressão existentes; a qualidade, o acesso e a permanência nas unidades escolares; a condição de acesso ao trabalho, renda e laser, entre outros, são alguns dos pontos que tendem a variar entre cada região compondo assim muitas vezes quadros bastante discrepantes quando levadas em considerações tais fatores localizados[48].

Se por um lado a constituição da dimensão epidemiológica vivenciada no país pode ter características bastante distintas, por outro, compreender a extensão das tendências mais atuais do perfil desses consumidores [com destaque àqueles que se envolveram com o crack] nos permitiu identificar características bastante amplas da população a qual fazem parte os sujeitos recrutados para essa pesquisa de tese; características essas como cor, escolaridade, status material, condições de moradia, possíveis atividades ilícitas praticadas para a obtenção do crack e outras SPA´s similares, pertença religiosa, entre outros; possibilitando assim uma melhor compreensão dos seus retratos sociológicos e como suas trajetórias tenderam a se aproximar ou mesmo a se distanciar dos diversos índices aqui apresentados.

---

[48] Dessa certa forma, é justamente compreendendo a dimensão e a pertinência de tais fatores na incidência do consumo de crack e outras SPA's que o caminho teórico-metodológico de Lahire ganha relevância ao possibilitar indagar como cada um desses fatores operaram/operam sobre os indivíduos selecionados para essa pesquisa de tese nos fazendo refletir suas ações/decisões/atuações sociais não apensas como fruto de um processo de socialização isolado [ou seja, no contexto das CTI´s, mas como resultado de seu contato com diversos processos que incidiram sobre o sujeito; processos esses amplos revelados à medida que adentramos cada vez mais na dimensão da escala individual.

Portanto, uma vez compreendida certas limitações no estabelecimento de uma montagem de aspectos que constituam um perfil social geral dos usuários e dependentes de crack do Brasil apresentaremos alguns dos diversos aspectos que integram as realidades dos usuários em comparação com as trajetórias e características dos voluntários participantes dessa pesquisa de tese. Dessa forma, a partir de tal exposição, acredita-se que esse movimento favoreça a concepção de uma visão mais ampla do objeto antes que as lentes de nosso "microscópio social" – a partir da teoria lahiriana – fossem definitivamente acionadas.

a) Idade e sexo

Os acolhidos em CT's brasileiras podem ter diferentes idades, essas variando desde a adolescência até à fase idosa; embora seja comum que esses se situem – em sua maioria - entre as faixas etárias entre 18 a 34 anos, conforme Bastos e Bertoni (2014, p. 48).

De acordo com dados da Pesquisa Nacional sobre uso de Crack realizada pelos referidos autores, variações regionais podem impactar nessa média etária sendo essa ligeiramente maior nas capitais [essas que correspondem a uma média de 30 anos] em relação às não capitais [cuja média dos usuários corresponde a 29 anos).

Na seleção que realizamos dos participantes de nossa pesquisa de tese recrutamos egressos de CTI's com idades distribuídas em diferentes faixas a fim de obtermos experiências as mais diversificadas.

Dessa forma, com base nesse critério, os participantes de nossa pesquisa foram recrutados possuindo respectivamente as idades de 32, 41 e 53 anos respectivamente.

Outro dado relevante necessário de ser mencionado diz respeito à singularidade dos gêneros de participantes de CT's no Brasil. Nessas os acolhidos podem ser do gênero masculino, feminino ou mesmo transexuais. Embora possam ser identificadas unidades mistas, ou seja, que atendem ambos os gêneros em suas dependências, é comum também identificar aquelas que se especializaram em acolher gêneros distintos [grupo esse de comunidades terapêuticas, as quais abordamos como marco inicial para essa pesquisa].

Conforme a pesquisa Nacional sobre o uso de Crack, identifica-se que o gênero masculino pode ser responsável por cerca de 78,68% do consumo geral de crack e outras SPA´s similares quando comparado ao gênero feminino, que tende a corresponder a 21,32% dessa população. Todavia, embora os números dos problemas devido ao uso e dependência do Crack se mostrem nessa proporção, o IPEA (2017), que levantou o perfil e o número de comunidades terapêuticas no Brasil, mostra que para o público masculino a disposição de

vagas no Brasil é de 80,79% do total dessas instituições, existindo somente cerca de 4,38% delas exclusivas para o público feminino, algo bem abaixo do número de usuários e dependentes levantados para esse gênero[49].

Como uma forma de promover uma maior compreensão das distinções evidenciadas por ambos os gêneros, para essa pesquisa optamos em analisar as trajetórias de socialização e reconstituição social de egressos e egressas advindos de CTI's especializadas e específicas para cada um desses gêneros. A partir de seus relatos, anteriores e posteriores ao uso da substância do crack e outras SPA's pudemos evidenciar certas aproximações e distinções vivenciadas por ambos os gêneros no desenvolvimento de suas carreiras dentro e fora das CTI's. Como lidaram com os diversos processos educacionais e experiências escolares; com modelos e configurações familiares específicas; atividades no campo do trabalho; do lazer; as diferentes experiências religiosas vivenciadas; bem como as diversas vias e formas de se lidar com as diversas SPA´s as quais tiveram acesso antes e depois de suas experiências na CTI; todos esses aspectos foram evidenciados permitindo assim a visualização de mais um contraste marcado dessa vez por esse recorte de gênero.

Outro fator relevante para se considerar uma pesquisa que leve em conta um estudo com ambos os gêneros é o fato de, como aponta Silva (2021), em seu artigo "Uso de drogas sob a perspectiva de gênero: uma análise das histórias de vida de jovens das camadas médias no Rio de Janeiro" ser: a) a incidência crescente de mulheres que usam SPA´s, chegando esse número muito próximo dos usuários do gênero masculino; b) por essas serem, em geral, mais estigmatização e marginalização social; c) vias e formas de acesso muitas vezes diferentes às SPA´s.

Portanto, realizar uma investida investigativa que considerasse as distinções de gêneros desses participantes proporcionou uma visão mais profunda e detalhada das singularidades das experiências de cada sujeito ampliando assim nossa percepção das formas distintivas que cada um construiu suas biografias uma vez inseridos em culturas e contextos tão plurais.

---

[49] Nesse caso em se tratando de Comunidades Terapêuticas especializadas para determinado gênero, pois se consideradas as mistas [ou seja, aquelas que atendem a ambos os gêneros] essas correspondem a 14,83 do número total de acordo com a mesma pesquisa do IPEA (2017).

b) Perfil social amplo: níveis sociais, identificação étnica, situação conjugal e escolaridade

Diversos são os elementos que compõem o perfil social dos usuários de crack e/ou SPA's semelhantes que merecem um rápido enfoque que ajudam a compor um quadro de certo perfil geral dessa população.

Os acolhidos podem ser de diferentes níveis sociais, variando desde indivíduos em situação de vulnerabilidade social até indivíduos de camadas da classe média ou alta. No entanto, é comum que a maioria seja de baixa renda.

Juntamente com a identificação por renda, o perfil étnico também pode ser uma condição a ser considerada quando tomado o perfil geral dessa população.

O estudo realizado pela pesquisadora Juliana Domingues Zucchi (2006) resultaria na identificação associativa das desigualdades de renda entre brancos e negros nos setores público e privado brasileiros. Além desse estudo, diversos outros trabalhos com enfoque nas condições étnico-raciais de seus sujeitos, como os de Nogueira (1985), Silva (1987), Reis & Crespo (1997), Fry (2000) e Henriques (2001), também contribuíram para a identificação de uma tendência à correlação entre a cor da pele e a classe social pertencente. É notável que o grupo de negros (incluindo pretos e pardos) está posicionado nas classes sociais mais vulneráveis dessa escala quando tomados os grupos daqueles identificados como brancos.

De certo modo, o estudo da Fiocruz organizado por Bastos e Bertoni (2014) demonstrou a legitimidade dessa correlação ao identificar que 79,15% dos usuários de crack e/ou substâncias similares são identificados como "não brancos", contra 20,85% daqueles identificados como brancos.

Além da associação da cor e renda, o elemento escolaridade também pode figurar com bastante singularidade para a compreensão das tendências e aspectos que moldam o perfil dessa população de usuários e dependentes.

Dados da pesquisa de Bastos e Bertoni (2014. p.53) nos permite perceber que o acesso à educação tende a se configurar como um importante indicador de desigualdade do uso do crack e outras SPA's similares. A partir da referida pesquisa é possível identificar que a porcentagem de sujeitos que cursaram o Ensino Fundamental entre a 4ª à 8ª série correspondem à parcela mais vulnerável e susceptível ao uso de crack e/ou SPA's similares (57,60%). Por outro lado, indivíduos da pesquisa que apresentaram níveis escolares mais altos se apresentaram com menor incidência de uso e/ou dependência quando comparado aos demais grupos.

c) Moradia

Um dado interessante de se considerar quanto a degradação da condição humana, bem como das várias situações de vulnerabilidade de significante parcela dos usuários de crack e/ou SPA's similares, é a possibilidade desses em terem as ruas como palco de suas trajetórias de vida.

Conforme o estudo desenvolvido por Caravaca & Padilha (2015) diversos são os fatores que podem levar um indivíduo a viver nas ruas: decisões pessoais; conflitos familiares; desequilíbrios socioeconômicos, culturais, ou mesmos problemas relacionados ao uso de SPA´s seriam alguns dos pontos que poderiam ser lembrados nessa pesquisa.

O relevante de se observar é que dados esses quadros, o consumo do crack pode ser tanto a via de ingresso na vida das ruas ou apenas figurar como resultado de processos e distúrbios já iniciados em outros momentos da trajetória desses indivíduos. Conforme os autores,

> Alguns desses sujeitos adotam as ruas como suas casas desde a tenra idade, outras o fazem durante a juventude ou já adultas, isso pode ser explicado por diversas razões, como: a neo-globalização e a própria questão social (a pobreza) denominada por Marx e outras determinantes tais como o alcoolismo, dependência química, violência familiar ou algumas doenças mentais (...) As condutas realizadas por este segmento populacional são diversas, porém muitas delas estão relacionadas ao consumo de substâncias psicoativas, dentre delas o crack. (CARAVACA; PADILHA, 2015, p. 51).

Outro estudo, dessa vez realizado pela Fundação de Ação Social de Curitiba (FAS), encontra uma correlação positiva entre o uso de diversas SPA's e o aumento de pessoas em situação de rua.

Na última pesquisa municipal realizada no ano de 2016[50] identificou-se que 74% das causas da situação de rua estavam relacionadas com o uso de SPA's e/a conflitos familiares, muitos desses também ocasionados por problemas gerados pelo uso e abuso de diversas dessas substâncias.

d) Geração de renda e impactos no quadro de saúde

Uma vez inseridos nessas condições, ações de "pedir esmolas" foram relatadas como uma das principais fontes de renda da população pesquisada pela FIOCRUZ (BASTOS E BERTONI, 2014) chegando esses a 12,8 % dos entrevistados. Quanto ao trabalho autônomo

50 Dados referentes ao município de Curitiba – PR.

ou esporádico [também chamado de bico] – esse é praticado por 64,9% da população. Dessa forma, para manter o consumo, recorrer a atividades consideradas ilícitas também se configura como uma possibilidade para aqueles que adentraram a via do consumo e dependência do crack. Atividades como furtos, roubos, fraudes, vendas de pirataria, estelionato, entre outras, foram algumas das atividades declaradas para 9,04 % dos entrevistados. Dentre as vias do trabalho ilegal, a venda e a distribuição de drogas representaram um canal possível para cerca de 6,42% dos entrevistados, ou mesmo a imersão desses com trabalhos envolvendo prostituição, troca de sexo por dinheiro (7,46%), entre outros[51].

Além da troca de sexo por dinheiro, diversos outros comportamentos de risco podem incidir sobre os usuários de crack e/ou similares a degradação de sua qualidade de vida (BASTOS; BERTONI, 2014). Todavia, quando tomadas a questão de gênero percebe-se que essa opção tornara-se mais evidente para mulheres do que para homem, sendo uma realidade para 48,36% das entrevistadas usuárias de crack e similares quando comparados ao índice masculino que correspondeu para esse critério em apenas 13% (BASTOS; BERTONI, 2014, p. 94).

Somada a condição de tomar o corpo como opção de geração de renda, outro aspecto que marcou a trajetória de 46,63% dessas mulheres foi a forte exposição ao quadro de violência sexual e da vida reprodutiva. Quanto a esse primeiro, esse é cerca de seis vezes superior ao índice masculino. Para 40,04 % dessas, o quadro de violência sexual ainda persistia nos últimos 12 meses que precederam a coleta de dados, demonstrando ser essa uma forte e emblemática condição para usuárias e dependentes do crack e substâncias similares. Esses e outros quadros de históricos de traumas sociais figuram com bastante significância no desenvolvimento das trajetórias de vida dos usuários de crack e similares; traumas esses comumente associados às situações de: violência doméstica, abuso sexual, abandono ou outras formas de violência. Em um estudo realizado com 243 mulheres entre os anos de 2014 e 2015 do programa Atitude no Estado de Pernambuco (SANTOS et al, (2018) foi revelado que é muito comum que mulheres em situações de uso e dependência do crack fiquem mais vulneráveis a diversos tipos de violências em relação ao gênero masculino. Nesse estudo a maioria dessas mulheres (96,2%) relatou histórico de violências: psicológica (83,5%), física

[51] Como os entrevistados declararam tais atividades exercidas nos últimos 30 dias da pesquisa, quando não considerado esse intervalo, esses números podem variar, deixando ainda mais expressiva as linhas dos traços do trabalho degradante para obtenção de SPA´s ou como resultado do uso das mesmas.

(87,7%) e sexual (55,1%), essas que podiam ser praticadas desde pessoas conhecidas (como vizinhos, amigos) ou até mesmo por indivíduos com que possuíam certo grau de parentesco. Já quanto ao segundo, foi verificado que 35,12% do universo de mulheres entrevistadas declararam ter 2 filhos.

A gestação durante o período do uso do crack, dado os diversos outros quadros que marcam as situações de vulnerabilidade desse grupo, figura com bastante significância entre as entrevistadas, chegando ao índice de 58,13%. Dessas, quase 30% declararam ter entre 2 a 3 gestações durante o uso do crack e similares.

Conforme os estudos de Nunes et al (2014) diversos podem ser os danos tanto para a gestante quanto para o feto durante uma gravidez onde o uso de SPA´s, se faz constante [principalmente como o crack e a cocaína], podendo ocasionar, principalmente para esse segundo, problemas severos no desenvolvimento do feto; nascimentos prematuros ou mesmo incidindo na concepção de práticas abortivas. Dessa forma, esse quadro decorreria devido a essa substância gerar diversas ativações adrenérgicas intensas tanto na gestante quanto no feto, resultando, portanto, em vasoconstrição generalizada, hipertensão, taquicardia, cefaleia, enfartes, descolamento da placenta, abortos, partos prematuros, hemorragias, entre outros males.

Conforme apontou ainda o estudo, viver em situação de rua pode constituir como um fator agravante e até mesmo determinante para a degradação maior do indivíduo e de sua condição social. De certa forma, remodelar a forma de agir, a necessidade de obtenção de recursos para sustentar a dependência, entre outros, pode levar o indivíduo a desenvolver práticas que os leve a contrair doenças infecciosas e transmissíveis, dentre elas Tuberculose, hepatite, HIV, entre outras.

O que chamou atenção também nos dados acima coletados foi a prática de compartilhamento de aparato para utilização do crack e similares (71,01%) tendendo a deixar essa população vulnerável e susceptível a tais tipos de doenças. Consequentemente, uma vez identificado como usuário, é possível que esse enquadramento intensifique ainda mais processos de estigmatizações e exclusão social por eles vivenciados.

Por isso, para 31,99% dessa população, a observância do estado de saúde desses fora considerado ruim/precário, sendo que desses 4,97% reagiram como positivo para infecção pelo vírus do HIV [número oito vezes maior que a população geral brasileira], 2,63% desses infectados pelo HCV [também 8 vezes mais elevando quando comparados aos índices gerais

da população]; 34,08 deles apresentam quadros de sintomatologia sugestiva de tuberculose, acusando apresentar tosse (com ou sem catarro) constante.

e) Fatores de risco e fatores protetivos

Embora não se deseje esgotar aqui a discussão, nesse trecho da pesquisa elucidaremos algumas das impressões gerais concebidas a partir das vivências com acolhidos acerca dos principais elementos que se constituíram em suas trajetórias de vida como fatores de risco e fatores protetivos para o uso de SPA's.

Pode-se definir fatores de risco como o conjunto de características e condições individuais, sociais ou mesmo ambientais (atitudes, comportamentos, contextos específicos) que podem intensificar a probabilidade do indivíduo de um grupo consumir substâncias psicoativas ou mesmo desenvolver outros comportamentos de risco. Por outro lado, compreende-se para essa tese como fatores protetivos aqueles que diminuem as chances de ocorrência de uma experimentação e abuso de SPA's ou que impedem o desenvolvimento da dependência de tais substâncias. Dentre algumas atividades protetivas destacam-se aquelas: esportivas, religiosas, familiares, escolares, entre outras (BRASIL, 2019).

Elucidar alguns dos elementos que constituem fatores de risco e protetivos, portanto, encontrou sua relevância para esta pesquisa, uma vez que possibilitou uma maior compreensão dos elementos gerais que tendem a provocar maior suscetibilidade sobre os indivíduos para o uso de certas SPA's. Através dessa identificação pudemos pensar e estruturar o roteiro de entrevista aqui aplicado, bem como ficar atento a elementos singulares dessa natureza quando esses foram relatados pelos sujeitos alvos dessa pesquisa. Por outro lado, compreender também a constituição de mecanismos que tendem a agir como fatores protetivos – em um quadro geral – favoreceu uma melhor compreensão sobre o grau de envolvimento dos sujeitos dessa pesquisa e o impacto dessa relação em suas trajetórias posteriores às socializações concebidas nas CTI's discriminadas.

De certa forma, a compreensão de elementos que compõem o histórico do envolvimento dos sujeitos com certas SPA's ou mesmo o grau da dimensão desse envolvimento pode corresponder como um primeiro elemento para essa análise, pois, conforme se averiguou, a grande maioria dos acolhidos apresentaram dependência e/ou alcoolismo, com diferentes históricos de uso de SPA's, ao longo da vida. Além disso, experiências de pesquisas passadas somadas à audição de diversas partilhas de histórias de vida dos(as) acolhidos(as) em CTI's no Estado de Pernambuco apontaram, em um momento

inicial, que um primeiro grau de envolvimento desses sujeitos com diversas SPA´s consideradas ilícitas [ou mesmo lícitas, como no álcool] tendeu a começar ainda na fase da adolescência, enquanto outros podem ter desenvolvido dependência ao longo da trajetória da vida adulta. Esses usos podem ter variado desde a tomada de uma substância específica, variando até mesmo para os usos simultâneos de substâncias diversas.

Os ambientes, as moradias, as formas de fácil acesso e/ou pouca repreensão, as diversas formas de sociabilidade onde o acesso era comum pelos demais indivíduos de sua rede de interações também representaram significantes fatores de risco que tenderam a permear tanto as histórias dos sujeitos os quais aqui tiveram seus retratos expostos como também daqueles que compunham um quadro geral dos usuários de crack e outras SPA´s semelhantes.

Não apenas nas sociabilidades externas, mas as socializações e sociabilidades internas também foram focos discutidos nesta pesquisa, uma vez que se percebeu que o histórico familiar dos acolhidos, a presença de parentes próximos que também apresentaram dependência ou mesmo transtornos gerados pelo uso de SPA´s – como crises de ansiedade, incidência de quadros depressivos, possíveis quadros de bipolaridade, esquizofrenia, entre outros – também figuraria como uma marca em que evocaria dos sujeitos certa adequação as quais tenderiam a se manifestar na readequação de seus esquemas disposicionais; impactando assim em seus hábitos, preferências, redes de sociabilidades, entre outras ações das trajetórias de vida de tais indivíduos.

De certo modo, diversas pesquisas – Alexander & Gwyther (1995); Boud (1999); Bucher (1995); Bukstein (2000); Cook (2001); Micheli, Formigoni (2002); Hayatbakhsh, Mamun, Najman, O'Callaghan, Bor, Alati, (2008); entre outros - tendem a enfatizar o papel significante da família e sua composição, essa que pode atuar enquanto fator de risco ou mesmo como fator protetivo.

Os casos aqui minimamente apresentados parecem colaborar com alguns dos dados compartilhados por estudos de pesquisadores como Stanton & Shadish (1997); estudos esses os quais concluíram que o uso de SPA's poderia ser impulsionado por fatores familiares como: quebra de vínculos familiares, estresse e/ou mesmo diversas outras perdas possíveis de serem experienciadas. Dessa forma, compreende-se que a postura da família, enquanto instituição socializadora, e as formas como essas lidam com a permissividade excessiva, ausência de investimentos afetivos, práticas disciplinares inconsistentes, superproteção, autoritarismo, cobranças excessivas e/ou mesmos a incidências de diversos outros conflitos

familiares, esses e outros tenderam a figurar como importantes fatores de risco a serem observados (HAYATBAKHSH, MAMUN, NAJMAN, O'CALLAGHAN, BOR & ALATI, 2008). Ao longo da composição dos diversos retratos sociológicos aqui apresentados foi observado que esses quadros encontrariam maior ou menor grau de incidência, influenciando diretamente as ações de manutenção e/ou mesmo de recomposição disposicional.

f) Religião

De certo modo, dentre alguns dos diversos mecanismos que podem agir como fatores protetivos para o uso ou recaída, a instrumentalização da religião representa uma das opções mais expressivas para as comunidades terapêuticas no Brasil.

É necessário considerar que antes de fazer parte da maioria dos programas das comunidades terapêuticas do país, a religião é um elemento que transcende essa realidade fazendo assim parte da identidade, da cultura e tendendo a influenciar a ação de frações significantes de membros da sociedade brasileira.

Conforme o III LNUD - Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira (BASTOS et al, 2017) - dentre a população de 153.095[52] entrevistada observou-se uma significante predominância de certa identificação da maioria dessa população com a religião católica (59,6%), seguida daqueles que se identificam com alguma das correntes que compõem o vasto leque das religiões protestantes no Brasil (28%).

Não se pode negar que a religião é um elemento bastante presente na identidade da maioria da população brasileira. Juntas, as tradições católicas e protestantes tendem a corresponder como as principais religiões professadas no Brasil [essas que juntas correspondem a praticamente 88% da população] em comparação ao número de pessoas sem religião. Soma-se a isso ainda o expressivo aumento do grupo dos evangélicos nessa última década, tornando evidente o grau de importância do quadro religioso brasileiro e suas idiossincrasias e/ou diferentes configurações para uma maior compreensão acerca de diversos aspectos da vida dos brasileiros e de como diversas de suas disposições dela se originam.

Essa migração religiosa do catolicismo para o protestantismo pôde ser sentida em todos os entrevistados nessa pesquisa de tese. Foi percebido que todos declararam terem sido iniciados desde a infância na religião católica e que passaram a professar alguma das tendências religiosas protestantes após suas experiências na CTI a qual figuraram na condição de acolhidos [com exceção de apenas uma de nossas voluntárias que também foi iniciada em

52 Pesquisa essa realizada com amostragem domiciliar e com o IC de 95%.

religiões de matrizes africanas conforme será evidenciado nos retratos sociológicos em capítulos posteriores].

Embora a pesquisa acima demonstre que a religião é um elemento importante na constituição social e identitária dos brasileiros, estudos sugerem que ela pode ser um fator de proteção para o uso de diversas medidas protetivas.

Embora não tenha sido o objetivo desta pesquisa de tese - o de avaliar processos ou mesmo o impacto da religião sobre a saúde mental dos egressos de CTI´s, não se pode deixar de mencionar a existência e o desenvolvimento de estudos que abordam essa questão, dimensão essa que pode ser melhor explorada a partir dos achados desta investigação. Tomando então essa questão, autores como Schumaker (1992) apud Francisco Lotufo Neto et al (2009, p. 104-105) listam alguns dos pontos em que podem ser verificadas características positivas entre a ação religiosa e o desenvolvimento de bons índices de saúde mental para aqueles que as professam/praticam. Para ele, a prática e/ou a vivência religiosa pode se configurar com efeitos positivos à medida que esta tende a reduzir a ansiedade existencial ao oferecer uma estrutura cognitiva que ordena e explica um mundo que parece caótico; oferece esperança, sentido, significado e sensação de bem estar emocional; soluciona o problema perturbador da morte, através da crença na continuidade da vida; dá às pessoas uma sensação de poder e controle, através da associação com uma força onipotente.

Estudos como os de Adlaf e Smart (1985) buscaram compreender a possível incidência de fatores religiosos e o consumo de diversas SPA´s. Ao trabalharem com uma amostra de cerca de 2.066 estudantes concluíram que estudantes católicos tendiam a usar menos substâncias como a maconha e outras SPA´s; resultado esse também semelhante aos obtidos por pesquisadores como Gartner et al. (1991), Benson (1992), entre outros.

Lotufo Neto et al (2009) ainda apresenta diversos dos mecanismos os quais a religião tende a impactar positivamente a constituição de uma boa saúde mental sobre seus adeptos, dentre eles: a) comportamentos e estilos de vida [uma vez que produz diversos interditos e modelos de vida os quais são aceitos moralmente pelos seus pares bem como também reprimidas as atitudes de desvio]; b) fornece padrões de hereditariedade [essas baseadas em um modelo de casamento monogâmico, nuclear o que tende a reduzir a exposição do indivíduo a condições de risco à saúde principalmente àquelas associadas a contração de infecções sexualmente transmissíveis]; c) ela fornece uma rede de apoio social [promovendo para o indivíduo a condição desse em participar de grupos religiosos, vivenciando uma maior sensação de coesão social, de senso de pertença, comunhão; moderação de sentimentos de

stress, raiva, entre outros]; d) sistemas de crenças [tendendo a gerar sobre seus indivíduos sensações de paz, autoconfiança, de proposito de vida, entre outros]; e) Rituais religiosos [responsáveis em diversos quadros pela manutenção da saúde mental ou mesmo prevenindo o início ou a progressão de distúrbios]; f) oração; meditação; confissão; perdão; conversão; entre outras.

Conforme foi visto, embora a religião possa contribuir para uma relação protetiva em relação ao uso de SPA´s, como ela é experienciada também é algo que deve ser considerado na montagem desse quadro. Se por um lado compreendemos a forte incidência do elemento religioso sobre significante parcela dessa população, por outro, é necessário entendermos que tais representações quantitativas não podem ser concebidas como "representações homogêneas". Diversas literaturas apontam para a existência de formas distintas em que diversos atores sociais vivenciam a fé em relação às religiões, as quais se identificam, e/ou mesmo lidam, paralelamente, com problemas relacionados às SPA´s em seu cotidiano.

Dessa forma, para um conjunto de diversos autores/pesquisadores é necessário considerar que a vivência na fé pode assumir diversas características, resultando assim em uma complexa relação entre "religião x indivíduo" e como essas tendem a se tornar mais ou menos significantes nas ações dos mesmos. A seguir apresentaremos algumas das mais conhecidas tipologias conferidas por esse autor sobre esse tema:

Quadro 2: Tipos de orientações religiosas

ORIENTAÇÃO RELIGIOSA	CARACTERÍSTICA
Classificação dicotômica (Adorno, Spilka e James in Lotufo Neto et al (2009).	• Para Spilka, a religião pode ser **funcional** (quando satisfaz as necessidades do indivíduo por significado, autoestima e sensação de controle pessoal) [estágio esse vivenciado por todos os egressos participantes dessa pesquisa de tese] ou **disfuncional** (quando leva ao dogmatismo, restringe o pensamento, a liberdade, distorce a realidade, separa os indivíduos drasticamente de suas sociabilidades; quando a religião torna-se gatilho para o despertar de sensações como medo, ansiedade, entre outros). • Para James, a religião pode ser classificada como **saudável** (quando produz uma visão positiva da vida) ou **doentia** (quando se caracteriza por gerar medo, falta de confiança, entre outros). • Para Adorno, ela pode ser **manipuladora** (na tentativa de se fundamentar uma prática na qual o sujeito obtenha alguma vantagem sobre outras pessoas conforme seus interesses) ou **séria** (quando o sujeito busca uma vivência espiritual sincera).
Intrínseca (ALLPORT; ROSS, 1967)	Nessa orientação a religião tende a fornecer significado intenso à ação, se traduzindo como a principal motivação para a vida do indivíduo, sendo as demais necessidades postas em um "segundo plano". De acordo com Lotufo Neto et al (2009) o indivíduo nesse estágio tende em seguir padrões morais, disciplina, ser consistente e resistência a todas as pressões externas para manter a sua fé.
Extrínseca (ALLPORT; ROSS, 1967)	Ao contrário da orientação anterior, nessa o indivíduo tende a

	buscar sobrepor à religião seus próprios interesses ou até mesmo subordinando a religião a interesses não religiosos. Instrumentalizada, a religião, nessa orientação, pode ser útil concebendo ao indivíduo segurança, diversas vias de sociabilidades, distração ou mesmo status.
Religião compromissada (ALLEN; SPILKA, 1967).	Os autores compreendem diversos elementos que podem figurar na estruturação de crenças religiosas, variando de acordo com: **Conteúdo**: podendo o sujeito utilizar-se de conceitos religiosos abstratamente ou mesmo concreto e literal; **Clareza**: podendo o sujeito apresentar variações de crenças, apresentando-se essas de formas sólidas ou mesmo vagas. **Flexibilidade**: como vive conforme as ideias professadas pela maioria ou esse promove atitudes que se distanciam da base da fé professada. **Grau de importância**: diz respeito à força e ao valor que as crenças recebem durante a vida cotidiana [todos os egressos apresentaram na crença e na vivência de sua espiritualidade uma grande força,
Dimensão ritual (GLOCK 1962)	Ênfase na participação em cerimônias religiosas e nas práticas inerentes à fé (Jejum, presença nas cerimônias religiosas, leitura de textos sagrados, orações, entre outros).
Dimensão vivencial (GLOCK 1962)	Representa a vivência de experiências mais profundas na fé: batismo pelo Espírito Santo; glossolalia, entre outros.
Dimensão intelectual (GLOCK 1962)	Dimensão de profundidade que o indivíduo obtém quanto ao conteúdo básico de sua fé.
Dimensão consequencial (GLOCK 1962)	Representa as orientações da religião em relação às atitudes que deverão ser tomadas sob certas circunstâncias.
Dimensão ideológica (GLOCK 1962)	Variações que o indivíduo apresente em relação às convicções de sua crença.
Dimensão vertical (BENSON, 1992)	Ênfase dada no estabelecimento de uma relação pessoal com Deus.
Dimensão horizontal (BENSON, 1992)	Ênfase na ação altruísta.
Dimensão sacramental (LEVIN; VANDERPOOL, 1987)	A experiência com o sagrado é mediada pelo contato com objetos, lugares, alimentos, entre outras.

Fonte: Elaboração do autor

Diversos outros estudos também mostram como a religiosidade pode atuar como fator protetor para o consumo de SPA´s a partir da maneira como as pessoas se comportam religiosamente. Estudos como os de Richard et al (2000) sugerem que a religiosidade, independente da religião professada, facilite a recuperação da dependência de SPA's e como fator que restringe índices de recaída. Para o pesquisador, idas a cultos e outras cerimônias religiosas poderiam [a partir do contato com as filosofias e diversas cosmovisões lá disseminadas] ter influência significativa para o usuário e/ou dependente no reconhecimento de sua condição desviante. A religião, nesse caso, pode fornecer significados, sentidos, promessas, práticas; todas essas que, uma vez interiorizadas - e a depender a orientação religiosa a qual o sujeito adira –, podem conduzir à formação e solidificação de disposições importantes para a manutenção de mecanismos reguladores e protetivos. A religião, nesse caso, conforme a referida literatura, pode atuar não apenas para a proteção, mas também para a reabilitação. Estudos como os de Sanchez e Nappo (2008) aprofundam essa relação ao

colocar em evidência o elemento da religião como um dos principais fatores protetivos durante o período de reabilitação de dependentes de SPA´s.

Embora tenha sido uma das zonas de interesse deste trabalho de tese compreender as variações disposicionais de sujeitos socializados em instituições religiosas, uma vez que tais sujeitos assumem uma nova identidade religiosa, problematizar o impacto da religião em suas novas ações e sociabilidades ganha significante relevância, mesmo que não visemos aqui estabelecer um estudo que busque avaliar quaisquer processos religiosos como terapêuticos.

Dessa forma, esse potencial somado a diversos outros elementos característicos das socializações e sociabilidades características do contexto das CTI's como a força e a pressão exercida pelo grupo [ação característica em comunidades terapêuticas no qual a convivência e o aprendizado com os pares é uma das mais emblemáticas características para a recuperação]; ao apoio incondicional a líderes religiosos bem como toda uma gama de suporte dado [para uma formação para o trabalho; o cultivar de novos estilos de vida; entre outras]; espera-se que os resultados dessa pesquisa de tese possam contribuir para o aguçar desse debate, fornecendo assim elementos que sirvam para maiores aprofundamentos e desdobramentos em investidas investigativas futuras - ações essas onde a relação religião e saúde mental possam ser melhor evidenciadas.

Após considerarmos todos esses pontos, esperamos que esses ajudem a entender melhor o extrato de onde nossa amostra foi retirada. Antes de apresentarmos os retratos sociológicos, expliquemos dois elementos essenciais para esta pesquisa: primeiro, discutiremos a base teórica principal [a sociologia à escala individual de Bernard Lahire]; depois, destacaremos os principais métodos utilizados nesta investigação.

3 BERNARD LAHIRE E OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS DA PESQUISA SOCIOLÓGICA À ESCALA INDIVIDUAL

3.1 A SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL

Conforme já anunciado, uma das principais lentes teórico-metodológicas que fundamentou a pesquisa que resultou nesse trabalho de tese advém da sociologia à escala individual de Bernard Lahire. É bem verdade que Lahire oferece um fecundo escopo teórico para a realização de estudos disposicionais envolvendo atores e contextos os mais complexos. Todavia, não sendo o único a trabalhar nesse campo, emerge, portanto, nesse momento, a necessidade clara de serem apresentadas as devidas justificativas que fundamentam a sua escolha bem como de sua "sociologia à escala individual" frente aos constructos já existentes e que compõem o vasto campo da teoria social. Inserido em um campo cuja tradição bourdiesiana para estudos disposicionais já se encontrara bastante proeminente, a sociologia lahiriana consegue se consolidar a partir da tentativa de superação de algumas das principais lacunas identificáveis em diversos conceitos advindos da síntese sociológica de Bourdieu.

Todavia, diferente dos caminhos percorridos por tidos como "anti-bourdiesianos" - como Boltanski e Thévenot (1999), Latour (1996), entre outros -, em Lahire a sociologia de Bourdieu ainda ganharia um espaço de grande destaque, mas sem negar as limitações das estruturas de seu antecessor; isso possibilitaria o surgimento de uma abordagem original e bastante fecunda para uma visualização ainda mais amplas dos elementos constitutivos da ação de sujeitos que participaram de processos de socializações os mais plurais e/ou mesmo muitas vezes "antagônicos".

Definitivamente, a sociologia à escala individual de Bernard Lahire, conforme reconhece Frederic Vandenberghe (2016), promove uma ressignificação conceitual a partir do interior da teoria bourdieusiana. Segundo Vandemberghe:

> [...] ainda que Bernard Lahire pertença a geração seguinte e desarticule sistematicamente as categorias de Bourdieu a partir do interior, por assim dizer, sua sociologia disposicional é tão bourdieusiana de cima a baixo que ele bem poderia ser considerado o sucessor heterodoxo do mestre (VANDENBERGHE, 2016, p. 29).

Um sucessor, herdeiro, pós-bourdieusiano; esse que assume a tarefa de formular uma crítica a Bourdieu quando esse já era conhecido e reconhecido em diversos campos de estudo das ciências sociais.

Todavia, apesar da significativa aproximação com a teoria bourdiesiana, Lahire comporá um campo teórico-metodológico com uma identidade própria; busca assim encontrar caminhos, e/ou pensar vias ainda não exploradas. Assim, Lahire (2002) lida com a grande herança recebida de Pierre Bourdieu: reconhecendo que teria algumas das principais orientações teóricas a serem revisadas, bem como uma das teorias mais complexas e difusas no campo das ciências sociais.

Sua herança tradicionalmente herdada não faria dele "um clone" bourdiesiano; mas sua temperança intelectual o permitiria abordar conceitos quase canônicos de Bourdieu sem o desconstruir por completo; sem o profanar; pelo contrário! o que Lahire fez foi promover uma atualização de Bourdieu expandindo e elevando seus conceitos a partir dos eminentes limites de sua vasta produção[53]. Dessa forma, Lahire fez tão somente o que se espera de um pesquisador de qualquer campo científico: ele põe à prova aquilo já produzido, agindo nos pontos mais fracos da teoria analisada.

Uma vez situado previamente aspectos que apontam o lugar de Bernard Lahire dentro do campo da produção teórica sociológica - bem como da evidenciação de uma crescente onda de pesquisas que nele se baseiam como lente analítica - cabe-nos destacar: *o que efetivamente pode-se dizer sobre o que Bernard Lahire traz de novo para o campo da pesquisa sociológica que tanto justificaria sua escolha como aporte teórico dessa pesquisa? O que se pode dizer acerca das bases de sua sociologia à escala individual?*

Com o objetivo de fazer uma análise mais aprofundada da relevância do constructo teórico lahiriano para a nossa pesquisa sociológica, que teve como objetivo investigar as variações e ajustes disposicionais de egressos de CTI's em contato com antigos e novos contextos de ação, que este capítulo de tese foi estruturado e dividido nas seguintes partes:

Em primeiro lugar, considerando a forte influência do constructo teórico de Bourdieu para a formulação da sociologia à escala individual lahiriana, dedicamos a primeira parte deste capítulo para elucidar alguns dos aspectos da sociologia bourdiesiana, seus conceitos e o

---

[53] Nas palavras reverentes do próprio Lahire (2002b, p. 52) "o verdadeiro respeito científico para com uma obra (e seu autor) consiste na discussão e na avaliação rigorosas e não na repetição sem fim dos conceitos, tiques de linguagem, estilo de escrita, raciocínios preestabelecidos etc. É preciso saber acordar alguns usos adormecidos desses conceitos, é preciso ousar levantar certas questões, autorizar-se a contradizer, refutar, complementar, matizar o pensamento de um autor. Nem rejeição brutal, nem repetição de epígono, mas dívidas e críticas".

grande valor a eles atribuídos devido ao valoroso trabalho de síntese por ele realizado frente ao grande conflito pelo qual a sociologia passava diante a dualidade estabelecida entre "indivíduo e estrutura" e sua correspondência sobre a ação.

Concluída essa descrição, um recorte também específico da teoria Lahiriana foi realizado, demonstrando assim algumas de suas principais contribuições para o campo da teoria social a partir, do que chamou, de sua "sociologia à escala individual". Nesse ponto, uma vez situados "lado a lado", identificaremos algumas das aproximações e distanciamentos dentre esses autores; as vias que Lahire firma sua teoria a partir dos limites identificados na teoria de Bourdieu; bem como essa se conecta e contribui à proposta investigativa defendida em nossa investigação.

Por fim, uma vez apresentados os marcos conceituais lahirianos, apresentamos como se deu o recorte metodológico dessa pesquisa, trazendo com detalhes alguns dos caminhos e princípios que nortearam nossas escolhas quanto aos procedimentos de coletas de dados, critérios para a escolha dos sujeitos da pesquisa, campos, entre outros.

3.2 BASES TEÓRICAS DA SOCIOLOGIA À ESCALA INDIVIDUAL

É bastante evidente que a sociologia à escala individual de Bernard Lahire é inseparável de Bourdieu. Quer seja para afirmá-la, quer seja para criticá-la, o DNA nela contido revela certamente a base de sua constituição.

Tal desempenho teórico ensaiado por Lahire em seus diversos trabalhos concebeu certamente as provas necessárias de sua verdadeira parentela intelectual.

Ao tocar em um terreno quase que "sagrado" da sociologia, campo esse em que fortes extremos polarizavam sua discussão – quer fosse a partir do projeto de continuidade "quase fiel" dos (neo)bourdiesianos, quer fosse pelo tom de alta crítica imposto pelo radicalismo anti-boudiesianos -, de fato participar dessa arena se constituía uma tarefa para poucos corajosos; um verdadeiro "campo" na literalidade bourdiesiana.

Lahire certamente se sobressaiu desses dois polos antagônicos. Sua heterodoxia lhe permitiu compor uma sociologia que *ampliaria* a teoria bourdiesiana à medida que *diminuía* o foco de suas lentes analíticas. Surge assim dos limites da sociologia da prática a chamada *sociologia à escala individual*.

Em seu projeto de compor o que também ficou conhecida como "uma sociologia psicológica", Lahire vai muito mais além do que reduzir a sociologia à psicologia – o que lhe

tornou alvo de críticas -. Ao contrário disso, ele demonstrou que certos fenômenos aparentemente típicos da psicologia poderiam ser analisados pelo campo sociológico.

Tomando um caminho inverso, da generalidade à individualidade, Lahire modifica profundamente uma escrita conceitual sociológica já consagrada em um tom original, mas sem escapar das bases de suas raízes.

Se Pierre Bourdieu foi uma das figuras mais emblemáticas dos chamados "neoclássicos" (junto com Giddens e Habermas) no que ficou conhecido como "o novo movimento teórico", definitivamente o pêndulo das transformações das sínteses, movido por esses, pôde alcançar um limite ainda maior em seu percurso de mudanças e (re)significações teóricas com as contribuições de pesquisadores como Bernard Lahire.

À medida que desenvolvia sua sociologia original, essa se revelaria inseparável daquela produzida por Bourdieu à medida que críticas eram impelidas a diversas de suas teorias: a exemplo dos conceitos de *habitus, campo e capital, disposições, entre outros*.

A herança simbólica conceitual deixada por Bourdieu agora fora expandida; melhorada; "aperfeiçoada. Com Lahire, as lentes da sociologia encontraram uma maior harmonia: uma harmonia bifocal. Uma harmonia que encontra um maior equilíbrio em relação aos dilemas e dualidades enfrentadas pela sociologia quando essa foca em uma análise à escala individual dos agentes, mas sem negar o efeito das composições estruturais que imperam sobre esses.

Todavia, que herança é essa que se fala? O que se pode dizer do plano de fundo montado por Bourdieu, esse que forneceria as bases para a formulação da teoria lahiriana?

Inicialmente, cabe dizer que assim como Giddens e Habermas, Pierre Bourdieu figurou com uma proposta de "promover um trabalho de síntese sociológica em um momento bastante conflituoso e de profundas divisões teóricas a qual a teoria social passava – *objetividade x subjetividade; ação x estrutura; indivíduo x sociedade*; entre outros – (PETERS, 2018), sendo, portanto, inserido naquilo que Jeffey Alexander (1987) chamou de "*o novo movimento teórico*". Dessa forma, o professor da *École de Sociologie du Collège de France* buscaria, na tentativa de dar conta da interdependência entre ação individual e estrutura social, conduziria uma elaboração de um quadro teórico que resultaria na "síntese das contribuições de diversas escolas de pensamento [...], fenomenologia, etnometodologia, interacionismo simbólico, estrutural-funcionalismo, estruturalismo, marxismo" (PETERS, 2018, p. 11).

Seu percurso teórico o fez não apenas detentor de uma vasta bibliografia[54] como também um sociólogo de "muitas frentes"; discutindo, a partir de seu aparato conceitual, diversos temas que variavam desde fenômenos situados no campo artístico, da ciência, da educação, do gênero, até aqueles concernentes à economia, ao Estado, a religião, entre outros.

De acordo com Gabriel Peters (2018), toda essa amplitude certamente o colocara, assim como Durkheim, Weber e Marx foram para da teoria social clássica, entre as figuras mais proeminentes do presente momento.

Todavia, embora seja compreendido todo o peso que Bourdieu representa para as diversas ciências que compõe o campo social, para se abarcar sua relevância, bem como os caminhos que o levaram ao importante posto dentre os chamados "neoclássicos", cabe apresentar alguns dos caminhos e singularidades que constituíram seu percurso intelectual.

Em primeiro lugar, vale ressaltar que Bourdieu nasceu na década de 1930, em Béarn, França, e atuou como professor do Collège de France de 1981 até o ano de 2002.

Embora seja um cânone da sociologia contemporânea, sua graduação inicial foi em filosofia – entre 1951 a 1954 – em um contexto em que esse curso era bastante conceituado para a atuação intelectual em diversas áreas, e que tinha em Jean-Paul Sartre como uma das figuras mais influentes[55].

Todavia, falar da proeminência de Sartre nesse contexto não significaria dizer que houve submissão de Bourdieu em relação aos moldes da filosofia sartriana. Conforme afirma Peters (2018, p. 02),

> Bem antes de sua conversão da filosofia às ciências sociais, entretanto, Bourdieu já tinha sido tomado de antipatia pelo ethos do "intelectual total" encarnado por Sartre, caracterizado pela disposição autoconfiante a opinar sobre todos os assuntos sem se questionar sobre os privilégios sociais e limites epistemológicos associados à própria condição de pensador - ao que o Bourdieu maduro chamaria de "visão escolástica"-.

---

[54] Dono de uma vasta obra, com mais de 300 publicações conhecidas, Bourdieu se destacou por conceber uma teoria social que abarcou diversos campos e esferas de análise, como: a sociologia da alegria; escritos sobre sociologia geral; sociologia da cultura; linguagem; classes sociais, família; sociologia econômica, sociologia política; sociologia da filosofia; entre outros.

[55] De certo modo, apesar da proeminência sartriana no contexto filosófico francês, sua concepção existencialista acerca da subjetividade humana, essa que demarcava a não operação de fatores de causalidade na subjetividade humana, compreendendo assim o ser humano de forma autônoma ao seu contexto e à sua história, não correspondeu a um polo convincente para o jovem Bourdieu, esse que buscaria posteriormente na epistemologia histórica, na fenomenologia existencial e, mais tarde, no estruturalismo de Lévi-Strauss suas maiores referências para a concepção do que teorizaria como senso prático: conjunto de disposições mentais e corporais adquiridas pela experiência social as quais os indivíduos instrumentalizam para dar respostas às diversas dinâmicas sociais as quais participam.

Os anos na École Normale Supérieure permitiram que Bourdieu se inspirasse em outros pensadores, como o filósofo Georges Canguilhem - e de sua epistemologia histórica da ciência - e do racionalismo aplicado de Gastor Bachelard. Ainda mais tarde, também se aproximaria da fenomenologia existencial[56] a partir de seu contato com o pensamento de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty. Conforme expressa PETERS (2018, p. 03)

> De modo geral, o que interessou a Bourdieu na fenomenologia foi uma concepção da subjetividade humana como "lançada" (Heidegger) ou "encarnada" (Merleau-Ponty) em um mundo social partilhado com outros, respondendo às demandas de tal mundo menos através da reflexão explícita do que por meio de um saber tácito e pré-reflexivo – do que Bourdieu viria a chamar de "senso prático".

Considerando que uma das tarefas da fenomenologia é descrever os estados de espírito que não são plenamente conscientes, reconhecendo assim a existência de formas de operar no mundo que ocorre como competências práticas, isso muito influenciaria Bourdieu para a composição do que chamou de "senso prático". Dessa forma, a partir dessa percepção, Bourdieu seria levado a defender que a maioria das disposições utilizadas pelos indivíduos para o agir social seriam operadas pelo senso prático ao invés dessas ficarem restritas ao raciocínio explicito (o que se constituiria em um dos importantes pilares da praxiologia bourdiesiana).

Continuando seu percurso intelectual, sua experiência na Argélia (1955) muito o influenciaria em sua aproximação com o campo das ciências sociais. Conforme explicita Peters (2018, p. 03-04),

> Mergulhado na tarefa de retratar as estruturas passadas e as transformações correntes da sociedade argelina e de seus diferentes grupos, como a comunidade rural da Cabília que seria tão importante na formulação de sua "teoria da prática", Bourdieu tornou-se um pesquisador social autodidata, experimentando com uma ampla variedade de técnicas de investigação: coletas e análises estatísticas, entrevistas em profundidade, observações etnográficas, etc. O uso de instrumentos diversos de investigação em seus primeiros passos como etnógrafo e sociólogo pode ser visto, retrospectivamente, como o berço do pluralismo metodológico que singularizaria as pesquisas do Bourdieu maduro.

[56] A fenomenologia, a partir de Edmund Husserl, se constituiria com o método filosófico caracterizado por uma descrição minuciosa da experiência, se constituindo como o estudo dos fenômenos experimentados pela consciência.

Essa experiência não apenas marcaria o lançamento de seu primeiro livro – Sociologia da Argélia (1958) -, mas também certa aproximação do autor com a escola estruturalista de Lévi-Strauss[57].

De certo modo, a corrente estruturalista surge, tendo como uma de suas premissas, constituir-se como uma reação ao existencialismo de Sartre. Diversos autores promovem (re)leituras de clássicos de diferentes campos, como Lacan (que com a lente estruturalista promove uma releitura freudiana); Louis Althusser (que mobiliza o estruturalismo para realizar uma releitura do marxismo); entre outros.

Ancorado nessa tendência (re)aproximativa, a formulação da teoria da dominação simbólica a partir de sua etnografia na sociedade Cabila levaria Bourdieu a aplicar essa lente no contexto da sociedade francesa a qual fazia parte, ultrapassando assim os limites dos vínculos entre estruturas sociais e mentais que Durkheim e Mauss julgaram valer somente para as sociedades primitivas, sendo usado assim para a compreensão da legitimação ideológica das assimetrias de classe da sociedade francesa (PETERS, 2018).

Tendo retornado à França e integrado ao Centro Europeu de Sociologia Histórica" na "Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, diversas temáticas fariam parte das reflexões sociais de Bourdieu, essas agora com um tom colaborativo[58].

Cada vez mais envolvido pelo "ethos" das chamadas ciências sociais em diálogo com toda uma base adquirira em sua vivência na filosofia; revisitando alguns dos principais conceitos da sociologia clássica em Karl Marx, Émile Durkheim e Max Weber; do racionalismo aplicado de Gaston Bachelard; da epistemologia relacional de Ernst Cassirer; das fenomenologias de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Maurice Merleau-Ponty; o estruturalismo de Ferdinand de Saussure, Noam Chomsky e Claude Lévi-Strauss; e a pragmática da linguagem de Ludwig Wittgenstein (PETERS, 2018); a partir da publicação da obra "Esboços de uma teoria prática"(1972) sua praxiologia do mundo social ficaria mais evidente refletindo o seu espírito de superação das limitações e contradições aparentes entre os modos objetivistas e subjetivistas. A partir de uma construção estruturalista, a reflexão

---

57 Dentro dessa contraofensiva à filosofia de Sartre, Lévi-Strauss tenta provar, principalmente a partir da influência dos estudos linguísticos de Ferdinand de Saussure, que a noção do consciente do sujeito não correspondia à totalidade de sua estrutura. Dessa forma, um meio de contra-atacar a perspectiva existencialista foi a de defender a existência de fenômenos inconscientes da estrutura no governo da ação e subjetividade humana (LÉVI-STRAUSS, 2008).

58 Desenvolvendo ali artigos e livros com a coautoria de personagens os quais manteria tanto uma longa afinidade durante o desenvolvimento de sua trajetória intelectual, como outros predestinados à ruptura futura – sendo até mesmo classificado como anti-bourdieusianos - Luc Boltanski, Robert Castel, Jean-Claude Chamboredon, Jean-Claude Passeron, Yvette Desault, Monique de Saint Martin, Loïc Wacquant, entre outros (PETERS, 2018).

teórica de Bourdieu estaria mais comprometida em ensaiar caminhos para a superação dos conflitos e ambiguidades que tanto envolveram o campo conceitual social. Fica evidente, dessa forma, que o percurso teórico desenvolvido por Bourdieu não ocorreu isoladamente, mas em diálogo com diversas tendências e escolas socio-filosóficas, essas que influenciariam – em maior ou menor medida – a construção de seu distinto leque conceitual.

Sua síntese, a partir da recuperação conceitual advinda da microssociologia e da fenomenologia existencial, permitiu que forjasse um conjunto teórico que compreendesse o indivíduo - em relação à sua subjetividade - não como fruto de uma inconsciência mecânica, tão pouco como resultado de uma consciência ultra reflexiva. Dessa forma, diversos conceitos surgem traduzindo suas experiências reflexivas por um terreno até então considerado árido teoricamente. Exemplificando; a partir daquilo que Marcel Mauss chamou de "técnicas corporais", Bourdieu funda sua concepção sobre "saberes práticos".

A partir de Marx, fundamenta sua teoria praxiológica sob a perspectiva de que toda vida social é essencialmente prática.[59] Uma vez reconhecida essa dimensão de um mundo social como cenário de práticas, Bourdieu escapa "não apenas à dicotomia subjetivismo/objetivismo, mas a todo um conjunto de outras dicotomias que atormentam as ciências sociais: indivíduo/sociedade, material/ideal, mente/corpo, etc" (PETERS, 2018, p. 17).

Já de Weber e Marx refina a noção de capital (para além da esfera econômica) compreendendo-o como aquilo que cada indivíduo obtém para o desenvolvimento do poder; podendo esse ser *social*[60], *cultural*[61] e *simbólico*.

É a partir da síntese extraída desses autores que Bourdieu forja sua concepção do mundo social como uma arena; essa marcada por relações de competições as quais os indivíduos lutariam pela obtenção de bens escassos - se apropriando de diferentes formas de capitais - sendo assim mais ou menos dotados de força e poder em seu contexto (a partir do

---

59 Teses de Feuerbach.

60 Conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis (BOURDIEU, 1998, p. 97).

61 De acordo com Bourdieu (1979, p. 2), compreendida a noção conceitual de capital cultural como elemento para analisar as situações de classes no contexto social, o autor defende que esse pode se manifestar sb três formas: "no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais - quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao certificado escolar, ela confere ao capital cultural - de que é, supostamente, a garantia - propriedades inteiramente originais".

capital que adquirem) e ocupando espaços distintos nas interações que estabelecem entre si. Para ele:

> O mundo social pode ser concebido como um espaço multidimensional que pode ser construído empiricamente pela descoberta dos principais fatores de diferenciação que explicam as diferenças observadas em um dado universo social, ou, em outras palavras, pela descoberta dos 'poderes ou formas de capitais que são ou podem se tornar eficientes, como ases em um jogo de cartas, neste universo particular, ou seja, na luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos dos quais esse universo é o lugar. Segue-se que a estrutura deste espaço é dada pela distribuição das várias formas de capital, ou seja, pela distribuição das propriedades que atuam no universo em estudo - aquelas propriedades capazes de conferir força, poder e, consequentemente, lucro sobre seu titular. Em um universo social como a sociedade francesa, e sem dúvida na sociedade americana de hoje, esses poderes sociais fundamentais são, de acordo com minhas investigações empíricas, em primeiro lugar capital econômico, em seus vários tipos; em segundo lugar, capital cultural, ou melhor, capital informacional, novamente em seus diferentes tipos; e, em terceiro lugar, duas formas de capital fortemente correlacionadas, capital social, que consiste em recursos baseados em conexões e membros de grupo, e capital simbólico, que é a forma que os diferentes tipos de capital assumem quando são percebidos e reconhecidos como legítimos (BOURDIEU , 1987, p. 03-04) (tradução nossa)[62].
> .

A partir da distribuição de capitais, desigualmente, os indivíduos se posicionam socialmente; são socializados; passam a pertencer a uma determinada classe social. A teoria dos campos surge sendo definida como espaços de atividades com certa autonomia de seus sujeitos, sendo cada campo compreendido como "formas de capitais específicas" (e de sua distribuição) que contribuem para a localização do agente em determinado espaço, força e poder.

De Weber, expande a concepção de que o terreno dessas disputas repousaria somente no campo dos bens materiais; sua sociologia da religião forneceria as bases para a compreensão de que os "bens simbólicos" seriam tão valorosos quanto esses primeiros, favorecendo assim a colocação dos agentes em espaços privilegiados em *campos* específicos.

---

62 The social world can be conceived as a multi-dimensional space that can be constructed empirically by discovering the main factors of differentiation which account for the differences observed in a given social universe, or, in other words, by discovering the 'powers or forms of capital which are or can become efficient, like aces in a game of cards, in this particular universe, that is, in the struggle (or competition) for the appropriation of scarce goods of which this universe is the site. It follows that the structure of this space is given by the distribution of the various forms of capital, that is, by the distribution of the properties which are active within the universe under study-those properties capable of conferring strength, power and consequently profit on their holder. In a social universe like French society, and no doubt in the American society of today, these fundamental social powers are, according to my empirical investigations, firstly economic capital, in its various kinds; secondly cultural capital or better, informational capital, again in its different kinds; and thirdly two forms of capital that are very strongly correlated, social capital, which consists of resources based on connections and group membership, and symbolic capital, which is the form the different types of capital take once they are perceived and recognized as legitimate (BOURDIEU, 1987, p. 03 – 04).

De certo modo, percebe-se que para Bourdieu tão relevante quanto aplicar definições teóricas que captassem a emergência dessas diversas noções para capital foi bem delinear uma noção para aquilo que chamou de campo.

Conforme lembra Lahire (2002b, p. 48) a teoria dos campos

> dá continuidade a uma longa tradição de reflexões sociológicas e antropológicas sobre a diferenciação histórica das atividades ou das funções sociais e sobre a divisão social do trabalho. De Spencer a Elias, passando por Marx, Durkheim e Weber, este tema nunca deixa, de fato, de aparecer nos escritos dos teóricos do mundo social.

De certo modo, esse conceito sintetizado por Bourdieu traduziria um retrato das sociedades de classes; se constituindo assim como a principal ferramenta analítica de Bourdieu para tratar de universos sociais.

Apresentando algumas características iniciais para campo, Bourdieu (2003, p. 119 – 120) o define como:

> espaços estruturados de posições (....) cujas propriedades dependem da sua posição nesses espaços (...). Há leis gerais dos campos (...) como o campo da política (...) filosofia (...) religião (....). Sempre que se estuda um novo campo (...) descobrimos propriedades específicas (...). em qualquer campo descobrimos luta entre o novo que entra e tenta arrombar os ferrolhos do direito de entrada e o dominante que tenta defender o monopólio e excluir a concorrência. (...) Define-se em jogo de interesses específicos (...) que não são percebidos por alguém que não tenha sido construído para entrar nesse campo (...). Para que um campo funcione, é necessário que haja paradas em jogo e pessoas prontas para jogar esse jogo, dotadas do habitus que implica o conhecimento e o reconhecimento das leis imanentes do jogo.

Tomando como premissa tal definição, Lahire (2002, p. 47-48) resume a ideia de campo em Bourdieu destacando assim seus seguintes pontos característicos:

> -**Um campo é um microcosmo** incluído no macrocosmo constituído pelo espaço social (nacional) global.
> – Cada campo **possui regras** do jogo e desafios específicos, irredutíveis às regras do jogo ou aos desafios dos outros campos (...).
> – Um campo é um "**sistema" ou um "espaço" estruturado de posições** (...) de **lutas** entre os diferentes agentes que ocupam as diversas posições.
> – As lutas dão-se em torno da apropriação de um capital específico do campo (...).
> – **O capital é desigualmente distribuído** dentro do campo e existem, portanto, dominantes e dominados.
> – A distribuição desigual do capital determina a estrutura do campo, que é, portanto, definida pelo estado de uma relação de força histórica entre as forças (agentes, instituições) em presença no campo.
> – As estratégias dos agentes entendem-se se as relacionarmos com suas posições no campo (...).
> – Em luta uns contra os outros, os agentes de um campo mantêm uma "cumplicidade objetiva" para além das lutas que os opõem.
> – Logo, os interesses sociais são sempre específicos de cada campo e não se reduzem ao interesse de tipo econômico.

> – A cada campo corresponde um habitus (sistema de disposições incorporadas) próprio do campo (por exemplo, o habitus da filologia ou o habitus do pugilismo). Apenas quem tiver incorporado o habitus próprio do campo tem condição de jogar o jogo e de acreditar n(a importância d)esse jogo.
> – Cada agente do campo é caracterizado por sua trajetória social, seu habitus e sua posição no campo.
> – Um campo possui uma autonomia relativa: as lutas que nele ocorrem têm uma lógica interna, mas o seu resultado nas lutas (econômicas, sociais, políticas, entre outras.) externas ao campo pesa fortemente sobre a questão das relações de força internas (grifos nossos).

Ao conceber esse conceito, fica claro que Bourdieu tanta superar mais uma vez as antigas dicotomias que, em sua construção, hora privilegiavam as ações dos indivíduos, hora as estruturas. Assim, Bourdieu o compreende como algo muito além que um espaço físico; ele o concebe como um espaço no qual os agentes são postos em determinada posição; é nele que ocorrem as disputas por bens escassos; a partir dessa ideia tende a alternar uma noção abrangente e estrita para campo.

Ele se constitui como um "campo de forças" à medida que impele sobre os indivíduos nele inseridos suas regras; seus valores; ao mesmo tempo, se constitui como um "campo de lutas" quando cada indivíduo passa a atuar conforme a posição que ocupa. É justamente desse movimento que ele se perpetua e/ou se transforma (BOURDIEU, 1996).

É reconhecendo o campo enquanto uma construção histórica, bem como o impacto da força dos seus agentes, que Bourdieu realiza a seguinte descrição:

> A existência de um campo especializado e relativamente autônomo é correlativa à existência de alvos que estão em jogo e de interesses específicos: através dos investimentos indissoluvelmente econômicos e psicológicos que eles suscitam entre os agentes dotados de um determinado *habitus*, o campo e aquilo que está em jogo nele (eles próprios produzidos enquanto tal pelas relações de força e de luta para transformar as relações de força constitutivas do campo) produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho, etc. (diga-se de passagem que há tantas formas de trabalho quantos campos, e é preciso saber considerar as atividades mundanas do aristocrata ou as atividades religiosas do padre ou do rabino como formas específicas de trabalho orientadas para a conservação ou para o aumento de formas específicas de capital). Em outros termos, o interesse é simultaneamente condição de funcionamento de um campo (campo científico, campo da alta-costura, etc.), na medida em que isso é o que estimula as pessoas, o que as faz concorrer, rivalizar, lutar, e produto do funcionamento do campo (BOURDIEU, 2004, p. 126-127).

A passagem apresentada por Bourdieu permite compreender a ideia de que o campo é uma entidade que não permanece estável, sujeita às variações temporais da história. A partir dessa passagem, fica claro sua tentativa de transpor explicações subjetivistas nas quais o

indivíduo age à parte de uma estrutura; ou até mesmo objetivistas, evitando alegar que o campo é algo à parte da ação dos agentes.

Para Bourdieu, um importante conceito para se compreender como se constituem as ações dos agentes nos diversos campos em que se insere é o conceito de habitus. Essa relação associativa é ressaltada pelo próprio autor pela equação "*habitus + capital + campo = prática*" (BOURDIEU, 2002, p. 69). Peters (2018) ainda ressalta a relação existente entre esses dois conceitos – *campo e habitus* – uma vez que ambos compreendem dois objetivos centrais de Bourdieu[63]: primeiro; ela irá corresponder a uma teoria da prática, promovendo assim a síntese das contribuições objetivas e subjetivas; segundo; desvela os mecanismos dos processos das relações de dominação percebidas como legítimas historicamente reproduzidas na prática.

De certo modo, esse conceito foi utilizado pela primeira geração da sociologia – como Durkheim, Weber, por exemplo -; figurando nos escritos de Husserl como "conduta mental entre as experiências passadas e ações vindouras". Retomando esse conceito, Bourdieu (2009, 87) o sintetiza definindo-o como:

> Sistemas **de disposições duráveis** e **transponíveis**, estruturas estruturadas **predispostas** a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, **como princípios geradores e organizadores de práticas** e de representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor a intenção consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente "reguladas" e "regulares" sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro" (BOURDIEU, 2009, p. 87) (grifos nossos).

A partir dessa definição Bourdieu (2002) compreenderá o habitus como um conjunto de esquemas de percepção que constitui o conjunto de conhecimentos práticos que o indivíduo adquiriu ao longo de sua trajetória e que o permite atuar em um determinado universo social.

É tomando essa premissa que Bourdieu demonstrou em que medida/modo a sociedade se imprime sobre o sujeito - deixando assim suas marcas a partir dos processos de socialização os quais os indivíduos são submetidos ao longo de suas trajetórias -.

Conforme o próprio Bourdieu (2009), o habitus corresponde a um produto da história; ele seria o produtor das práticas que se manifestam tanto individuais como coletivas. Nessa perspectiva, para Bourdieu, seria através do habitus que o passado encontra espaço no presente. Todavia, depositadas em cada indivíduo sob forma de esquemas de percepção, esse

[63] Relação essa que será melhor abordada a partir da crítica apresentada no próximo capítulo por Bernard Lahire.

passado incorporado não residiria de maneira estática, mas sim se atualizando à medida que se perpetua durante a relação direta do agente nos diversos contextos, cenários e respostas que concebe durante a ação. Dessa forma, pode-se dizer que ele, na perspectiva de Bourdieu, corresponde ao passado incorporado que tenta a se atualizar no presente. O habitus torna-se sua principal ferramenta analítica na percepção da constituição do indivíduo, procurando demonstrar como a subjetividade é moldada pelo contexto social.

O habitus em Bourdieu (2009), é apresentando não apenas como uma ferramenta analítica que permite fugir ao determinismo das tendências mais estruturalistas[64], mas também permitiria ao sociólogo escapar à liberdade desenfreada da ação pregada pelas tendências subjetivas. É dessa forma que compreende que o habitus não é apenas a interiorização da sociedade sobre o indivíduo, mas é ele que permite que o indivíduo deixe sua marca sobre a própria sociedade.

Uma vez apresentadas essas concepções iniciais sobre o habitus de Bourdieu, algumas concepções dessa sua ferramenta analítica merecem destaque:

a) **Sua durabilidade**: todavia, conforme explica Bourdieu (2002), a exposição repetida a condições sociais definidas imprime nos indivíduos um conjunto de disposições duráveis, essas que representam o fruto da interiorização da realidade externa e das pressões de seu meio social. Conforme explica o próprio autor, o habitus se constitui não como um sistema fechado, mas sim, como um sistema aberto sendo permanentemente afrontado e afrontando as experiências novas. Conclui assim que embora o habitus seja durável – em relação ao tempo – o mesmo não se apresenta de forma imutável, o que não impediria, durante a trajetória do agente, a reestruturação de seu conjunto disposicional – é o que Peters (2016) chama de "inércia relativa" -.
b) **Sua transponibilidade**: que constitui na tendência dos agentes em mobilizar seus esquemas de percepção adquiridos em seus julgamento e ações para campos e situações distintas.
c) **Estrutura estruturante e estrutura estruturada**: Como *estrutura estruturante*, o habitus pode ser compreendido como o mecanismo que organiza as práticas e a percepção das mesmas. Sendo capacitador e habilitador, ele permite, durante a ação do agente, que um estoque de "competências para agir" seja socialmente evocado.

64 Essas que tendiam a compreender o indivíduo como "fantoches" das forças coletivas.

Como *estrutura estruturada*, apresenta-se como produto da incorporação da divisão em classes existentes (BOURDIEU, 2007).

d) **Princípio gerador e organizador de práticas**: O habitus é apresentado como a matriz pela qual o indivíduo consegue intervir na sociedade. Ele é inventivo, criador, mas nos limites de suas estruturas (BOURDIEU, 2002).

e) **Princípio gerador e organizador de representações**: como princípio gerador de representações, Bourdieu (2004) defende que isso decorreria devido ao habitus ser um sistema de esquemas de produção de práticas/percepções e avaliações adquiridos através da experiência durável, sendo assim responsável pelas práticas e representações que estão disponíveis para a classificação.

Definitivamente, é evidente que os esforços intelectuais de Bourdieu conceberam ao campo social uma rica herança. É bastante perceptível também que após sua investida reflexiva o campo científico – em especial o sociológico – nunca mais fora o mesmo.

Bourdieu dá um significante passo – juntamente com Habermas e Giddens – para uma reformulação e harmonização de alguns dos principais conflitos envolvendo subjetivistas e objetivistas (embora que por vias diferentes). Todavia, uma vez apresentados alguns dos principais aspectos de sua sociologia; sendo reconhecida a imensa contribuição teórica a qual resultou no movimento pendular de síntese conhecido como "o novo movimento teórico"; suas contribuições não podem ofuscar os limites existentes - limites esses a serem compreendidos como objeto dos esforços de pesquisadores como Luc Boltanski, Laurent Thevenot, Axel Honneth, Hans Joas, Margaret Archer, Jeffrey Alexander, Randall Collins, Bruno Latour, Francois Dubet, Nathalie Heinich, Bernard Lahire ou Alain Caille - o que impulsionaria construções teóricas de diversos autores, alguns próximos e outros mais distantes em relação à herança bourdiesiana.

Quanto a essa última tendência, pode-se destacar, por exemplo, nomes como os de Luc Boltanski; esse que mesmo tendo pertencido ao círculo particular científico de Bourdieu, e publicado vários trabalhos na revista *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, romperia com esse, ainda na década de 1980, fundando diversas críticas ao seu antigo parceiro de laboratório - como a ruptura epistemológica da ciência social em relação às diversas visões que compõem o senso comum -[65]; ou figuras como Bruno Latur, que se opôs ao que

[65] Boltanski busca, assim, reestabelecer o diálogo da sociologia como senso comum, demonstrando, portanto, que os agentes são mais conscientes de suas condições sociais de existência do que a sociologia crítica de Bourdieu compreendia.

considerou uma visão macroestruturalista (que pensa as relações mediadas pelas estruturas) propondo em seu lugar a relação intrínseca na aliança entre atores "humanos e não humanos", unindo assim o mundo social em uma cadeia de associações de redes complexas.

Em caminho "quase contrário" a essa ruptura radical com o pensamento bourdiesiano, entretanto, é possível encontrar tendências intelectuais inovadoras como, por exemplo, aquela representada por Bernard Lahire. Ao constituir sua sociologia psicológica[66], e embora pertencesse à geração posterior e tivesse desarticulado sistematicamente alguns dos conceitos mais conhecidos de Bourdieu a partir de seu interior, Lahire compôs uma sociologia disposicional "tão bourdieusiana de cima a baixo que ele bem poderia ser considerado o sucessor mais heterodoxo do mestre" (VANDENBERGHE, 2016, p.29).

Nascido em um bairro operário em Lion, no ano de 1963, Bernard Lahire defendeu seu doutorado em 1990 com uma tese que versava sobre o fracasso escolar na escola primária, essa que, posteriormente, daria origem ao seu livro "Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável"; compondo assim a unidade de um vasto número de outras publicações[67].

Professor atualmente da École Normale Supérieure de Lyon, posto esse assumido após um longo período (de 1986 a 2000) na docência de sociologia da Université Lumière de Lyon, Bernard Lahire dedicou parte considerável de seus esforços para compor o que chamou de "sociologia psicológica" (LAHIRE, 2008).

Também conhecida como sociologia disposicionalista, as obras de Lahire têm se constituído, ao longo de anos, como importantes referências na composição de críticas ao campo conceitual de Bourdieu, críticas essas que expõem, ao mesmo tempo, a fragilidade e a força da sociologia do *antigo professor da École de France*. Dessa forma, apesar de reconhecer a relevância das contribuições de síntese de Bourdieu – uma vez que admite que o professor da *École de Sociologie du Collège de France* tivera desenvolvido algumas das

---

66 Também conhecida como sociologia disposicionista; ou sociologia à escala individual.

67 Monde Pluriel. Penser l'unité des sciences sociales (2012); Ce qu'ils Vivent, ce qu'ils Écrivent. Mises en Scène Littéraires du Social et Expériences Socialisatrices des Écrivains (2011); Franz Kafka. Éléments pour une Théorie de la Création Littéraire (2010); La Raison Scolaire. École et Pratiques d'Écriture, entre Savoir et Pouvoir (2008); La Cognition au Prisme des Sciences Sociales (2008); La Condition Littéraire: La Double Vie des Écrivains (2006); L'Esprit Sociologique (2005); Sociologia de la Lectura (2005); La Culture des Individus. Dissonances Culturelles et Distinction de Soi (2004); Portraits Sociologiques (2002); À Quoi Sert la Sociologie ? (2002); L'Invention de l'Illettrisme (1999); Le Travail Sociologique de Pierre Bourdieu (1998); L'Homme Pluriel: Les Ressorts de l'Action (1998); Les Manières d'Étudier (1997); Tableaux de Familles. Heurs et Malheurs Scolaires en Milieux Populaires (1994); Culture Écrite et Inégalités Scolaires (1993); La Raison des Plus Faibles (1993).

"orientações teóricas mais estimulantes e complexas em ciências sociais" (LAHIRE, 2002, p.10) -, não ignora os limites desse e a necessidade de conhecê-lo profundamente para a expansão coerente da teoria social. Segundo Lahire, (ÁSKESIS, 2012, p. 203):

> todo intelectual que quer fazer progredir o conhecimento é obrigado a se apoiar sobre as obras dos mais fortes do passado. Não fazemos ciência sem consciência e conhecimento dos grandes progressos de sua disciplina. Criticando o trabalho sociológico de Pierre Bourdieu, eu faço o que qualquer cientista deveria fazer: retomar as questões onde ele as deixou e tentar prosseguir a pesquisa para fazer avançar o conhecimento. Eu falo de prolongamento crítico ou acúmulo crítico, para indicar esse duplo movimento de apropriação e de exame crítico. Na grande maioria dos casos, os pesquisadores, ou aplicam sem reflexão a teoria de Bourdieu, ou ignoram, ou criticam sem conhecê-lo verdadeiramente em profundidade.

E foi justamente na perspectiva de superar as lacunas existentes do campo teórico herdado da síntese bourdiesiana, que Lahire firma seus trabalhos a partir da discussão de conceitos já bastante conhecidos – dentre eles salientam-se os indicados a seguir.

a) Habitus

Embora ambos os autores tenham buscado compreender a ação humana como um ponto basilar, bem como esses incorporam o social, a mudança de lentes proposta por Lahire, em relação aos pontos considerados "limitantes" na teoria bourdiesiana, trouxera grandes significações a conceitos já amplamente aceitos e estabelecidos.

Para Bourdieu a prática seria observada pelo cientista social como resultado da combinação de três conceitos emblemáticos - "*habitus* + *capital* + *campo* = *prática*" (BOURDIEU, 2002, p. 69) -. Lahire, por sua via, propõe uma fórmula que corresponderia a uma variação dessa: "Disposições ou competências + Contextos = práticas"[68] (LAHIRE, 2012, p. 18[69]).

Para Lahire (2012, p.12), em seu programa de sociologia "o passado incorporado e o contexto da ação presente[70]" ganham relevância para a compreensão da ação humana – além do porquê eles agem como agem, pensam como pensam, entre outros -. A relação entre o indivíduo e os diversos contextos os quais ele fez ou faz parte ganha uma significante ênfase, desde suas primeiras práticas até o momento atual da ação. É por isso que Lahire se sente bastante provocado ao se questionar do porquê que certos indivíduos se comportam de formas tão distintas em diferentes âmbitos sociais. Dessa forma, compreende que o social não existe

---

68 (Tradução nossa).

69 No original: "Dispositions ou compétences + contexte + Pratiques" (LAHIRE, 2012, p. 18).

70 No original: "Passé incorporé + Contexte d'action présent = Pratiques" (LAHIRE, 2012, p. 12).

apenas fora do indivíduo, mas ele está dentro e através deles nos diversos contextos em que se inserem. Nogueira (2016, p. 59), ao fazer um contraponto entre ambos os autores, compreende que Lahire dá um passo decisivo para a superação da "ausência de uma teorização mais explícita sobre a relação dos indivíduos com seu meio social, seja durante o processo de socialização, ou no momento atual da ação".

É a partir dessa premissa que em sua obra "Retratos Sociológicos" Lahire (2004) lança uma crítica à teoria da ação de Pierre Bourdieu, por compreender que essa limitaria o sociólogo em sua análise da ação ao enfatizar a conduta do agente através de suas "determinações internas", correndo também o risco de inferir em um reducionismo das disposições à "rotinas".

Não apenas o contexto da ação presente, mas o passado incorporado ganha destaque na perspectiva do autor. Por isso, seu método, apresentado na mesma obra, adota um caminho metodológico o qual permite ao sociólogo compreender como a diversidade das experiências socializadoras, muitas vezes contraditórias, podem tomar corpo no indivíduo, apresentando-se mais ou menos duradouras e eclodindo em diversos momentos da vida do ator social, determinando assim suas práticas. Assim como o pintor, uma vez diante de um indivíduo, busca representá-lo de forma única e com traços característicos, assim é o trabalho do pesquisador; esse que pinta o retrato de seus entrevistados a partir do discurso expresso nas próprias entrevistas, considerando suas reações, contradições, emoções, entre outros. Dessa forma, proceder com o método da entrevista biográfica constitui-se como um dos passos essenciais desse caminho.

Lahire (2004) apresenta como proposta o estabelecimento de entrevistas de forma original para a sociologia. Para a execução desse caminho, o autor propõe que os sujeitos da pesquisa sejam entrevistados mais de uma vez, proporcionando a comparação das informações sobre um mesmo indivíduo. De certo modo, esperava que essa abordagem permitisse avaliar o grau de homogeneidade e/ou heterogeneidade do patrimônio deposicional incorporados pelos atores em socializações anteriores.

A superação de uma visão homogênea do habitus parece ser uma das principais propostas de Lahire, bem como uma de suas principais críticas a Bourdieu. Dessa forma, demonstra que o conjunto que forma o patrimônio de todas as disposições incorporadas é mais complexo do que seu antecessor tivera descrito.

É partindo para essa proposta que apresenta a noção de habitus de Bourideu como limitada para a reflexão da ação em sociedades complexas. Para ele (idem, 2004, p. 24),

Bourdieu teria reatualizado esse conceito – conforme já apresentado anteriormente – todavia de sociedades tradicionais fracamente diferenciadas (com foi no caso da sociedade cabila), essas que apresentavam, em seu contexto, forte "homogeneidade, grande coerência e estabilidade de condições materiais/culturais da existência e dos princípios de socialização daí decorrentes". Como resultado, esse processo tenderia a resultar na composição de atores (moldados nesse contexto específico) dotados de estoques homogêneos de esquemas incorporados da ação.

Conforme sua denúncia:

> O paradoxo reside no fato de ter, no final das contas, retido o modelo de habitus adaptado da aproximação das sociedades fracamente diferenciadas (pré-industriais, pré-capitalistas) para fazer o estudo das sociedades com forte diferença o que, por definição, produzem necessariamente atores mais diferenciados entre si, também internamente (LAHIRE, 2004, p. 27).

Contrapondo ao modelo bourdiesiano, Lahire (2004) conclui que o indivíduo mergulhado em contextos de mundos plurais (o que é bastante emblemático para as sociedades mais complexadas) estaria sujeito a princípios socializadores mais heterogêneos e, até mesmo, às vezes contraditórios – refutando assim algumas das premissas do habitus em Bourdieu: como a transponibilidade e a homogeneidade do habitus, por exemplo -. O que Bourdieu teria promovido com a sua síntese teórica generalista, na concepção de Lahire, seria apenas um caso particular do possível. Conforme interpreta Vandenberghe (2016, p. 15) "mudando a escala de análise, ele [Lahire] tem sistematicamente desagregado o habitus [de Bourdieu] numa pluralidade de disposições nem todas contraditórias". Inspirado em nomes como Maurice Halbwachs, Lahire compreende que cada homem está mergulhado ao mesmo tempo, ou sucessivamente, em vários grupos, esses que não são homogêneos nem mesmo imutáveis (LAHIRE, 2004, p. 31). Cada experiência – ocorrida desde os âmbitos de socializações primárias até aqueles concebidos em ambientes de socializações secundárias – não é necessariamente cumulável, sintetizável, coerente, homogênea ou compatível. Sua teoria do homem plural, portanto, tem em vista dar um passo além daquele que a teoria Bourdiesiana não conseguira dar: a de conceber um ator possível de ser verificável empiricamente.

Criticando a concepção de um habitus monolítico e de reprodução de um sistema coerente de orientação das ações - como proposto por Bourdieu -, fica claro que Lahire defende a heterogeneidade do passado incorporado, resultando em seu conceito de "patrimônio disposicional". Dessa forma, conforme argumenta Vandenberghe (2016), no

nível do individual as coerências e homogeneidade do habitus de Bourdieu – esses atribuídos às disposições individuais no nível da classe – passam a não ser mais observados. A esse nível microscópico, o indivíduo é desenhado mais complexo do que nas lentes anteriores; ele ganha um novo destaque uma vez que seu passado é captado em relação às diversas esferas socializadoras as quais participou.

b) Campo

Se por um lado, em um primeiro momento Bernard Lahire contribui para uma ressignificação acerca do conceito de habitus de Bourdieu - à medida que delimita as distinções do que compreende acerca do processo de incorporação do passado bem como das significâncias que marcam os contextos da ação presente -, por outro, também reserva uma parcela especial de suas críticas para aquilo o qual Bourdieu conceituou como *campo*.

Conforme fora apresentado, Bourdieu toma o conceito de campo para tratar os diversos contextos de ação conceituando-os como: a) um microcosmo e um macrocosmo; b) dotados de leis gerais e propriedades específicas; c) um espaço estruturado de posições; d) com uma distribuição desigual de capitais (o que faz com que surjam figuras tanto dominantes como no posto de dominadas); e) com participantes dotados de habitus específicos; g) espaço de luta entre seus participantes; h) entre outros.

Em um primeiro momento, Lahire irá afirmar que nem todos os contextos pertinentes de ação são campos. Encontros ocasionais, por exemplo, não poderiam se constituir em "campos", uma vez que eles não estariam sistematicamente organizados na condição de espaços de posições e lutas entre os agentes (LAHIRE, 2002). Dessa forma, defende – ao contrário de Bourdieu – a possibilidade de existência de espaços desconstituído da ideia de campo.

Uma vez não recobrindo todos os contextos possíveis do microcosmos, Lahire considera que "o campo é uma construção científica que não permite compreender todas as práticas possíveis" (ÁSKESIS, 2012, p. 203). A crítica em relação a esse aspecto é fundamentada na limitação do campo, que em Bourdieu buscou compreender a essência das diversas atividades presentes no mundo social, tornando-as mais restritas àqueles universos que envolvem questões de poder - entre os dominantes e os dominados (ÁSKESIS, 2012). Os grandes cenários de interação e lutas pelo poder seriam, para Lahire (2002b), supervalorizados em Bourdieu à medida que outros passariam a ser negligenciados. Conforme Lahire (2002b, p. 50) o principal elo frágil dessa construção conceitual bourdiesiana é que "a teoria dos campos

mostra, portanto, pouco interesse para a vida fora-do-palco ou fora-do-campo dos agentes que lutam dentro de um campo".

Por fim, pode-se dizer que Lahire (2002) resume algumas das maiores fragilidades da noção bourdiesiana de campo ao destacar: a) a falta de atenção de Bourdieu para com as constantes passagens dos agentes por campos que são produtores, outros consumidores/espectadores e as diversas situações que não são associadas a um campo; b) pelo descuido para com a situação dos que se definem fora de um campo; 3) por classificar os que estão fora de campo definindo seu habitus pela falta de posses, miséria e na situação de dominados – o que o faz pender para certa compreensão da impossibilidade de adotar esse conceito como uma teoria geral e universal.

c) Capital

Considerando os posicionamentos partilhados por Lahire em relação a alguns dos limites identificáveis dos conceitos de habitus e campo em Bourdieu, um último, mas não menos importante conceito, também é comentado pelo teórico disposicionalista: o conceito de capital cultural[71].

Assim como Bourdieu, Lahire encontra no âmbito escolar, um espaço fecundo para a observação desses mecanismos sociais – o que resultou, conforme já fora anunciado, na composição de seu trabalho intitulado "*o sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*"-. A partir desse estudo, Lahire (1997) constatou, ao contrário do que pensava Bourdieu, que nem todo o capital cultural é herdado pelos descendentes de uma mesma classe – passando mecanicamente dos pais para filhos -. Lahire reconhece um limite nesse conceito de Bourdieu em relação à transferência de um capital cultural "quase que automático" das famílias de determinadas classes para seus filhos.

Para Lahire (1997, p. 338) "a presença objetiva de um capital cultural familiar só tem sentido se esse for posto em condições que tornem possível sua "transmissão" – o que nem sempre isso acontece, conforme constatou. Ao aguçar suas lentes microscópicas percebe que nem sempre os agentes familiares que detêm as disposições culturais similares àquela valorizadas no âmbito escolar têm a possibilidade de produzir o que chamou de "efeito de socialização" ou mesmo criar dispositivos que favoreçam a transmissão de disposições escolares rentáveis (idem, 1997, p. 338). Dessa forma, a verificação da impossibilidade de

[71] Esse que é entendido, em Bourdieu, como "qualquer saber socialmente valorizado e capaz, portanto, de ser utilizado como instrumento de poder e distinção" (PETERS, 2006, p. 03).

uma transmissão disposicional de forma regular, contínua e sistemática por certos agentes, dadas as condições anunciadas, permite que Lahire conclua que duas famílias com capital cultural equivalentes não necessariamente terão seus filhos com o mesmo rendimento, por exemplo. Conforme compreende o quadro, é necessário que a herança cultural encontre condições adequadas para certa disposição ser efetivamente herdada. Em sua compreensão:

> Com efeito, a simples existência objetiva de um capital cultural ou de disposições culturais no seio de uma configuração familiar não nos diz nada acerca das maneiras, das formas de relações sociais, a frequência das relações, etc., através das quais eles se "transmitem" ou não se "transmitem. Se o capital ou as disposições culturais estão indisponíveis, se "pertencem" a pessoas que, por sua posição na divisão sexual dos papéis domésticos, por sua situação em relação às pressões profissionais, por sua maior ou menor estabilidade familiar, por sua relação com a criança (...), não têm oportunidades de ajudar a criança a construir suas próprias disposições culturais, então a relação abstrata entre capital cultural e situação escolar das crianças perde a pertinência (LAHIRE, 1997, p. 339).

Dessa forma, conclui sua crítica à ideia antiga de que ter um capital não garante à família que seus valores culturais sejam transmitidos entre gerações; ou seja, amplia a compreensão de capital cultural vigente ao demonstrar que os agentes não se limitam às posições de classe das quais se originam, o que permite uma maior complexificação da sociologia bourdiesiana, bem como da noção do agente e da incorporação do social por esses em interação com os diversos espaços da ação e condições diferentes.

3.3 RETRATOS SOCIOLÓGICOS: NOVAS POSSIBILIDADES DE SE INVESTIGAR O SOCIAL INDIVIDUALIZADO

Para abordar a proposta de compreender como os egressos de CTI's conversos a religiões de tradições evangélicas conciliam suas disposições adquiridas e/ou reativadas a diversos ambientes externos e sociabilidades, a sociologia à escala individual de Bernard Lahire (2004) figurou como uma das mais fecundas contribuições teórico-metodológicas para isso.

Seu conceito de *disposição* - compreendida como uma força interna gerada por processos de socializações geradas mediante experiências passadas em grupos, classes e contextos sociais, podendo essas serem ativadas ou inibidas através da participação em diversos contextos – permite problematizar a constituição biográfica dos egressos. Dessa forma, ao assumir a dimensão desse conceito, os egressos dessa pesquisa de tese passaram a

serem analisados não como "átomos isolados", mas como resultado das interações desses em contato com diversos contextos socializadores [anteriores e posteriores ao período de internamento]. É a partir dessa perspectiva que seu conceito de "*ator plural*" permite perceber os egressos não apenas como produtos de processos de socializações concebidos nas comunidades terapêuticas, mas como o reflexo de experiências de socializações em contextos sociais múltiplos e muitas vezes heterogêneos. (LAHIRE, 2002a).

É pensando o sujeito enquanto o resultado de processos de socializações múltiplas; como o resultado da incorporação de esquemas disposicionais para a agência em contextos distintos; que o conceito de "patrimônio disposicional" ganha aqui relevância.

A história, o passado, a imersão em instituições muitas vezes contraditórias; todos esses elementos ganham destaque para Lahire para a compreensão da condição presente dos atores; de suas ações; como esses reagem ao se depararem com contextos de atuação tão plurais quanto os próprios sujeitos. É dessa forma que o conceito de Patrimônio permite ao sociólogo, conforme comentam Veran e Vandenberghe (2016, p. 13) – "livrar-se da lente grossa e homogeneizante do habitus para enxergar a complexidade do patrimônio de disposições incorporadas que faz o indivíduo pensar, sentir e agir de um modo determinado".

Articulado com o seu método [o de estabelecer entrevistas em profundidade a fim de (re)montar o que chamou de "retratos sociológicos" de seus sujeitos] vários domínios da vida (escola, trabalho, família, amigos, lazer, entre outros) dos entrevistados ganham forma em um novo gênero de biografia sociológica (VERAN; VANDENBERGHE, 2016).

Nogueira (2016), comentando Lahire, sintetiza que uma abordagem sociológica nessa perspectiva deve ser estabelecida a partir de uma dupla empreitada científica: 1) a de investigar o patrimônio de competências e disposições acumuladas a partir das experiências passadas dos atores; e 2) investigar como esse patrimônio é reativado nos diferentes contextos de atuação desses sujeitos no presente; ou seja: disposições + contexto = prática.

É nessa perspectiva que, para Lahire, olhar para o presente – ou seja; para o sujeito inserido em um ou mais contextos - é, sobretudo, um olhar lançado para o passado – esse nem sempre homogêneo e/ou coerente -.

É sob essa perspectiva que o conceito de "patrimônio disposicional" de Lahire encontra sua relevância nos limites teóricos dessa pesquisa: compreender os egressos enquanto portadores de patrimônios disposicionais distintos intentando assim perceber de que forma suas experiências nas comunidades terapêuticas impactam suas interações em diversos espaços da vida no presente.

Se na teoria lahiriana a análise dos contextos de ação ganha destaque; da constituição de sujeitos multissocializados em espaços múltiplos com objetivos e finalidades muitas vezes antagônicas, essa premissa nos permite problematizar algumas das singularidades que marcam as culturas tanto das *comunidades terapêuticas* como dos *ambientes de socializações e sociabilidades* dos egressos.

Compreender o impacto do processo socializador das comunidades terapêuticas sobre o patrimônio disposicional de seus egressos, bem como analisar como as especificidades dos contextos tendem a inferir sobre o quadro disposicional herdado dessa última experiência tornara-se o objetivo maior dessa pesquisa. A visualização de como processos, mecanismos e contextos tendem a agir sobre tais indivíduos, exercendo forças e pressões sobre suas ações, preferências, constituição de redes de sociabilidades encontrou na teoria lahiriana uma possibilidade fecunda de análise.

É, portanto, tomando essas concepções lahirianas como referência que essa pesquisa de tese buscou executar um caminho teórico-metodológico que permitisse conceber novas possibilidades de se investigar o social individualizado a partir das experiências de egressos de CTI's em diversos contextos e esferas de ação; caminhos esses que resultariam naquilo que Bernard Lahire chamaria de "retratos sociológicos".

Firmado em uma abordagem que privilegia aspectos inerentes da biografia dos sujeitos que pudemos ter acesso a um conjunto de disposições que constituíram o patrimônio disposicional incorporados que resultaria na base de muitos dos aspectos de suas singularidades e, consequentemente, de suas distintas de ações.

A fim de verificar a relevância do caminho teórico-metodológico proposto por Lahire realizamos um levantamento a partir das pesquisas situadas no Catálogo de Teses & Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior[72] (CAPES). Tal ação nos permitiu visualizar não apenas as diferentes formas em que esse caminho teórico-metodológico foi instrumentalizado nos mais diferentes campos, mas nos permitiu também identificar e compreender algumas das principais construções e lacunas dessas pesquisas favorecendo assim uma reavaliação constante de nossos próprios procedimentos anteriormente definidos. Portanto, foi uma vez acessando a referida plataforma que procedemos com o levantamento inserindo os termos "Retratos", "Sociológicos" e "Lahire" na aba de busca. De início obteve-se o resultado de 2.099 pesquisas realizadas a partir da

[72] CAPES. Catálogo de Teses e Dissertações. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/ >. Acesso em: 23 de fev de 2022.

sequência das palavras-chave evocadas. Entretanto, utilizando-se das opções de refinamento disponíveis, delimitando a pesquisa para o nível de doutorado, selecionamos aquelas publicadas entre os anos de 2010 a 2018. Como resultado, considerando-se as produções do campo da **"sociologia" e "outras sociologias específicas"**; obteve-se o número de 49 pesquisas desenvolvidas.

Uma vez selecionadas, buscou-se acesso ao conteúdo próprio de cada uma das pesquisas obtidas através: *a) da própria plataforma da CAPES; b) acessando os sites dos repositórios de teses dos respectivos estudos desenvolvidos; c) através dos recursos disponibilizados pelo Google para pesquisas na ampla rede*. Buscou-se, portanto, acesso às pesquisas a fim de identificar as incidências da sociologia lahiriana no escopo de suas construções teóricas.

Ao estabelecer esse procedimento, 6 pesquisas foram descartadas devido à impossibilidade de acessá-las a partir dos recursos já informados. Das 43 pesquisas restantes, realizamos o procedimento de busca pelo termo "Lahire" em sua composição dado o nosso objetivo de selecionar aquelas que utilizaram o referido autor como base para um embasamento metodológico.

Portanto, findado esse procedimento, 33 dessas pesquisas foram descartadas por não apresentarem o termo evocado ou mesmo se restringido a uma frequência baixa sem representatividade para a proposta.

Assim, obteve-se o número de 16 pesquisas produzidas no campo das pós-graduações em sociologia em que Lahire e seu marco teórico-metodológico figuraram expressivamente.

Dessas, efetuamos a busca pelo termo "Retratos" e "Sociológicos" sendo descartadas, seguindo a lógica de estratificação fornecida por Dias e Gauche (2021), aquelas que: a*) não apareceram; b) apareceram somente no campo do referencial teórico da pesquisa; c) distinguiu dos aspectos metodológicos elaborados por Lahire.*

Findada essa etapa, partimos então para a análise em profundidade do quantitativo de 5 pesquisas de doutorado realizadas em programas de pós-graduações em sociologia no Brasil que adotaram os retratos sociológicos nos modelos de Lahire como proposta para os seus caminhos teórico-metodológicos.

Uma primeira pesquisa do campo da sociologia que mereceu destaque foi a tese de Rilda Bezerra de Freitas (2010), intitulada "*O ato de matar em trajetórias juvenis: trocas e negociações identitárias de meninas envolvidas na prática de homicídio*", defendida pelo PPGS/UFCE. Essa pesquisa, cujo objetivo foi compreender como se davam as negociações e os processos identitários vivenciados por meninas envolvidas na prática de

homicídios, resultaria na elaboração de seis diferentes retratos sociológicos. Essa mesma pesquisa encontraria no caminho metodológico proposto por Lahire o seu pilar uma vez que a autora compreendeu ser essa uma abordagem que possibilitaria sociologicamente: a) construir estudos de casos singulares, fugindo de tendências de percebê-los como simples ilustrações de contextos teóricos; b) permitiria uma boa articulação conceitual para a confrontação da realidade, tendo a autora usado conceitos clássicos de Bourdieu (trajetórias descontínuas), Stuart Hall (identidade em movimento), entre outros.

Uma segunda pesquisa que tomou os retratos sociológicos lahirianos como possibilidade de investigação e que merece destaque foi o da pesquisadora Sheila Borges de Oliveira (2013), tese essa intitulada "O repórter-amador: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum" defendida no PPGS/UFPE. Nessa pesquisa - cujo objetivo foi perceber como os esquemas disposicionais dos sujeitos da pesquisa eram desenvolvidos e acionados para o exercício da prática do jornalismo amador - a tradição da teoria disposicionalista é evocada, resultando na criação de seis retratos sociológicos. A autora justifica o uso da abordagem metodológica lahiriana reconhecendo sua importância para a compreensão dos princípios da ação de cidadãos comuns em suas entradas e saídas do universo da reportagem amadora. Dessa forma, salienta a pesquisadora, era necessário identificar um método que permitisse a compreensão da heterogeneidade do patrimônio disposicional desses atores; de suas formas inconscientes e como essas se manifestam através de suas ações.

A terceira pesquisa sociológica constituída a partir dessa perspectiva metodológica foi a tese desenvolvida por Diego Monte Blanco (2015) intitulada "jovens do ensino técnico no Brasil contemporâneo: variações e tensões disposicionais nas (in)definições de um percurso de estudos e de profissionalização", defendida pelo PPGS/UFRS. Seu trabalho - cujo objetivo foi promover um estudo da relação dos processos de socialização de jovens do ensino técnico da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnologia - resultou na elaboração de 8 retratos sociológicos distintos. Nessa pesquisa o autor ressalta sua escolha por esse caminho metodológico, uma vez que esse permitiria estabelecer uma abordagem mais acurada de aspectos das variações contextuais e históricas dos indivíduos. Além disso, visou compreender aspectos dos diversos processos de socializações os quais foram submetidos como forma de se compreender o quadro presente.

Contemplar a pluralidade interna dos sujeitos e suas variações no próprio espaço social e cultural no qual estão inseridos também figurou como uma justificativa para a adoção da

metodologia lahiriana por pesquisadores como José Roberto Feitosa de Sena (2019) em sua tese intitulada “Retratos sociológicos do maracatu de baque solto: percursos, disposições, práticas e variações culturais” pelo PPGS/UFPB. Conforme o autor, ao contrário do que podem pensar, a utilização da linha teórico-metodológica de Lahire favorece ao pesquisador um enfoque analítico na escala individual sem negligenciar a percepção das coletividades e do social. Para ele, o grande ganho na instrumentalização dessa abordagem para o sociólogo consistiria, portanto, em mergulhar na trajetória do indivíduo de forma que aspectos da própria sociedade a qual ele faz parte ficassem mais visíveis à medida que se compreende o impacto dessa(s) sobre sua trajetória individual.

Por último, vale destacar a tese de Robson Gerliandro da Silva (2018) intitulada “Retratos da fé: uma análise da experiência de evangélicos pentecostais no curso superior de história”, pesquisa essa defendida no PPGCS/UFCG. Nessa tese, cujo objetivo foi analisar as experiências de evangélicos pentecostais após o ingresso desses na universidade e como esses lidaram com o desafio de conciliação da experiência religiosa no novo campo de atuação, a perspectiva de investigação dos retratos sociológicos de Lahire resultaria nessa tese em seis retratos distintos. A base do trabalho se deu, portanto, em analisar as experiências de universitários cuja consciência não teria sido tão afetada pela secularização, se inserindo nas dinâmicas e reflexões universitárias ao mesmo tempo que participavam de suas comunidades religiosas aos finais de semana. O pesquisador ressalta a importância de sua imersão nesse campo de pesquisa a partir do arsenal teórico-metodológico de Lahire, uma vez que compreendeu que o mesmo possibilitaria uma maior elucidação dos conflitos disposicionais adquiridos em ambas as esferas: de um lado o campo religioso, do outro o campo acadêmico. Além disso, o pesquisador ressalta que a operacionalização de um percurso metodológico para a elaboração do que Lahire chamou de retratos sociológicos possibilitaria a aquisição de relatos com mais riqueza, possibilitando assim uma abordagem do indivíduo na máxima de sua complexidade. Conclui o pesquisador ainda que esse caminho tenderia também a favorecer ao sociólogo certo distanciamento de quaisquer descrições reducionistas, as quais caracterizam outros modelos de análise do social.

A tese de Robson Gerliandro da Silva (2018) se constituiria como relevante, sociologicamente, não apenas pela rigorosidade e fidelidade à perspectiva formulada por Lahire para a composição dos retratos sociológicos dos sujeitos analisados; ela também ensaiaria uma análise sociológica dos conflitos disposicionais de sujeitos socializados e atuantes em campos distintos. Portanto, a análise das disposições religiosas, as formas como o

sujeito alimentam ou inibem tais disposições foram algumas das abordagens analíticas realizadas pelo pesquisador. De certo modo, essa pesquisa abre caminhos para novas investigações em que sujeitos socializados em ambientes religiosos são desafiados a interagirem em contextos muitas vezes contrários e/ou conflitantes em relação aos princípios éticos e morais por eles adquiridos.

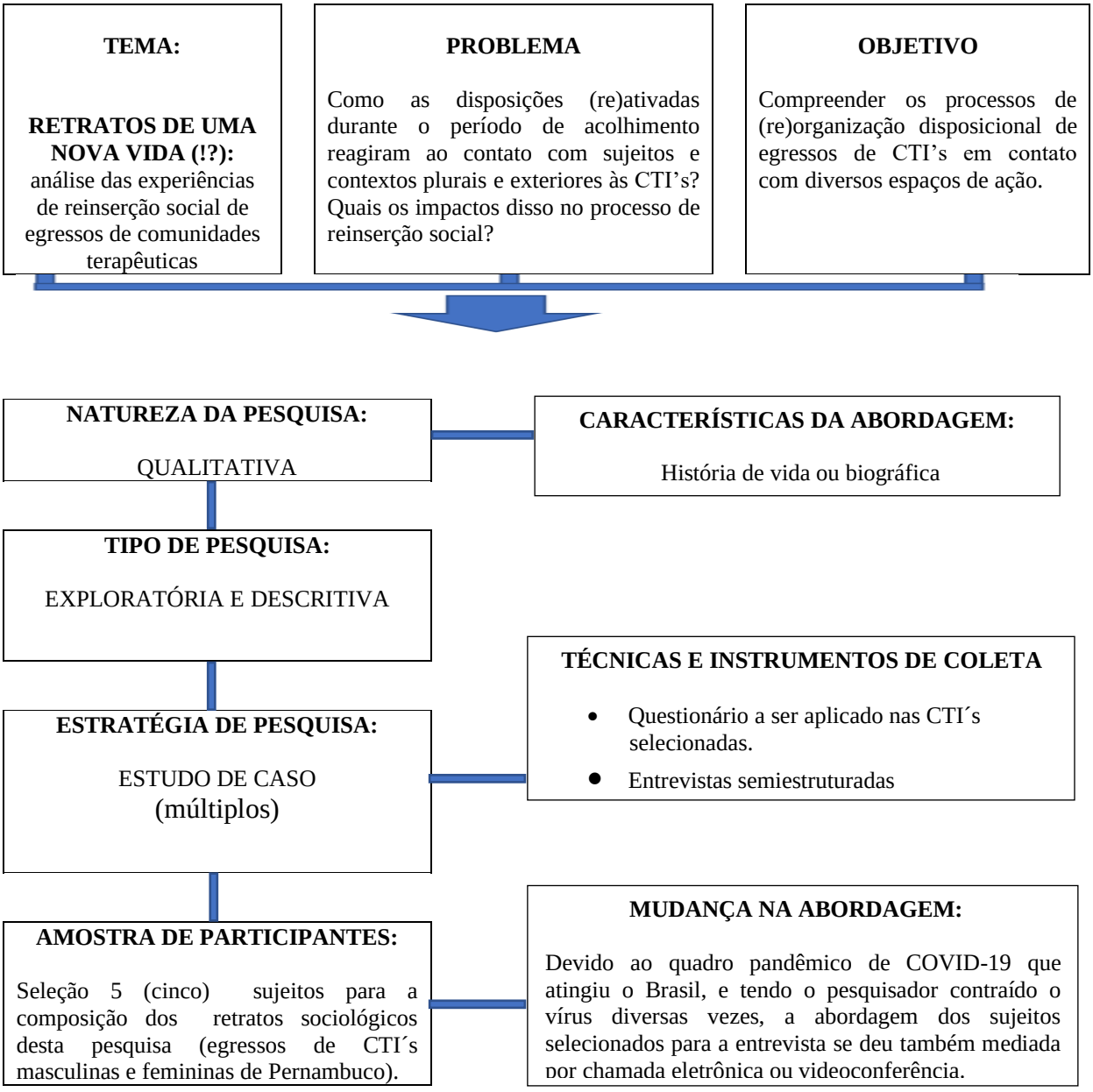
Assim, foi tomando o leque de todas essas pesquisas, percebendo como o modelo teórico-metodológico de Lahire fora aplicado; as diversas possibilidades e contribuições para a composição de investigações que permitam acessar a complexidade de sujeitos socializados em campos muitas vezes distintos e antagônicos; e dada a necessidade de se pensar os diversos contextos de ação nos quais os egressos de CTI's se inserem; que essa pesquisa encontrou na abordagem teórico-metodológica de Lahire uma forma pertinente de se abordar o social favorecendo assim um olhar microscópico da ação desses sujeitos nos mais diferentes campos de vivência; dos diversos processos em andamento - dilemas, as tensões, os conflitos e desafios de (re)inserção em suas antigas comunidades de origem -; entre outros.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 DESENHO DA PESQUISA

A fim de tornar inteligíveis os diversos pontos que estruturaram esta pesquisa, o seguinte desenho da pesquisa foi elaborado:

Quadro 3: Desenho da pesquisa



Fonte: o próprio autor

Compreendendo, como aponta Flick (2009), que cada método representa uma forma específica de se analisar um objeto, esta pesquisa propôs uma abordagem investigativa a partir de métodos que compõem, em essência, o campo *qualitativo*.

Pluralização das esferas da vida; a crescente individuação dos padrões biográficos; a vivência em novos ambientes e contextos de interações; entre outros; são algumas das novas facetas sociais que encontram, segundo o autor (FLICK, 2009), um terreno bastante fértil quando analisadas sob as abordagens qualitativas, permitindo, portanto, a abordagem das singularidades que marcam as subjetividades dos sujeitos a serem investigados.

Dessa forma, uma vez que esta tese propôs conceber um estudo sociológico tendo na análise disposicional dos egressos de CTI's seu principal alvo; foi tomando como proposta o estabelecimento de uma pesquisa qualitativa que tivesse como foco de análise as múltiplas disposições concebidas por diferentes sujeitos ao longo de suas biografias que o modelo metodológico descrito por Lahire como **"retrato sociológico"** ganhou relevância.

Conforme Silva (2018), o caminho metodológico proposto por Lahire permite ao pesquisador compreender como a diversidade das experiências socializadoras, muitas vezes contraditórias, podem tomar corpo no indivíduo, tornando-se mais ou menos duradouras, e eclodindo em diversos momentos da vida do ator social ao ponto de determinar suas práticas. Assim como o pintor, uma vez diante de um indivíduo, busca representá-lo de forma única e com traços característicos. Esse é o trabalho do pesquisador, uma vez que pinta o retrato de seus entrevistados a partir do discurso expresso nas próprias entrevistas, considerando suas reações, contradições, emoções, entre outros. Dessa forma, proceder com o **método da entrevista biográfica** se constituiu como um dos passos essenciais desse caminho para a apropriação de cada *caso* a ser explicado/pintado[73].

Compreendendo essa dimensão e a relevância do método da entrevista biográfica, cada um dos cinco egressos selecionados foi abordado em diferentes momentos em seus contextos de atuação atual – ou seja, em meio às suas antigas comunidades de origem ou mesmo novos contextos de interações e sociabilidades os quais se estabeleceram -. Lahire (2004) apresenta como proposta para a composição dos retratos sociológicos o estabelecimento de entrevistas

[73] Para Lahire (2004) a composição do retrato sociológico perpassaria pela seguinte sequência: (1) elaboração de roteiro de entrevista biográfica adequado aos objetivos da pesquisa, mas, também, questionando o ator sobre seu posicionamento em esferas da vida diversificadas; (2) realização de duas a três sessões de entrevista, de preferência com intervalo de dias ou semanas entre elas, visando promover a reflexividade do ator; (3) transcrição da entrevista; (4) edição das entrevistas de forma que o resultado seja um discurso na primeira pessoa do entrevistado; (5) construção do retrato, articulando recursos teóricos e material empírico, ou seja, inserindo uma vertente interpretativa superficial; (6) produção de um título que destaque o fio condutor interpretativo do relato, um resumo do percurso e um corpo detalhado

até então originais para o campo da sociologia. Para a execução desse caminho, o autor propõe que *os sujeitos da pesquisa sejam entrevistados mais de uma vez*, proporcionando a comparação das informações sobre um mesmo indivíduo. Isso também permitiria ao pesquisador avaliar o grau de homogeneidade e/ou heterogeneidade do patrimônio disposicional incorporados por esses em socializações anteriores, traduzindo a relevância desse modelo de abordagem. Ao desenvolver uma pesquisa com um alto grau de profundidade, afirma Poupart (2012), espera-se não apenas compreender as perspectivas dos atores, seus dilemas e questões enfrentadas, e/ou mesmo as características de suas realidades; mas também alguns dos alicerces de suas condutas sociais/ de suas ações.

Ainda, considerando o caminho teórico/metodológico proposto por Lahire (2004), bem como o objetivo maior da proposta de nossa pesquisa que versava compreender como as disposições (re)ativadas pelos egressos nos âmbitos das comunidades terapêuticas interdenominacionais se (re)organizavam em contato com antigos ou mesmo novos espaços de atuação, foi proposto que os **sujeitos dessa pesquisa** fossem selecionados e/ou estratificados a partir dos seguintes critérios: *a) egressos de alguma comunidade terapêutica interdenominacional em sintonia com os padrões estabelecidos pela Federação Evangélica de comunidades Terapêuticas, a Cruz Azul do Brasil e a Federação Norte e Nordeste de Comunidades Terapêuticas; b) que seu ingresso na CTI tivesse ocorrido em decorrência dos diversos problemas causados pelo crack; c) que tivessem passado por uma experiência de conversão religiosa durante o processo terapêutico, se identificando, no momento de seu egresso, como "evangélicos*[74]*"; d) que fossem considerados pelas CTI's as quais eram egressos como "casos de sucesso". e) que tivessem saído da CTI a qual foram acolhidos há pelo menos 1 ano*[75].

Um elemento singular dessa estratificação foi o de selecionar indivíduos que, durante o processo de acolhimento na CTI, passaram por um processo de conversão religiosa. Conforme classifica Ferreira (2023) são esses os chamados "convertidos experientes": atores sociais cujo processo de ressignificação religiosa ocorrera já na vida adulta - diferente daqueles os quais o referido autor classifica como os "evangélicos de berço" ou "nascidos no

[74] Uma vez que para essas comunidades terapêuticas, a conversão religiosa representa a principal via para o reestabelecimento do indivíduo em sua luta na reconstituição da vida.

[75] O tempo mínimo para a seleção de sujeitos foi apresentado a partir da reflexão de diversas literaturas científicas. Dentre essas, Santos (2018)] aponta – a partir do levantamento de estudos clínicos – que a taxa média de recaída (ou seja, da interrupção da abstinência) tende a ocorrer após um ano de finalização da experiência de acolhimento. Conforme destaca, essa taxa tende a chegar à média de 60% a 70%. Dessa forma, tomando o tempo de corte para a seleção dos sujeitos, a partir da literatura e com base nas pretensões de nossa pesquisa, foram considerados aptos todos os sujeitos que saíram da CTI a pelo menos 1 ano.

evangelho” -, tendo esses participado de certas comunidades religiosas ou mesmo mantido certa identificação religiosa com a fé evangélica a partir dessa fase da vida.

Uma vez (re)inserido no contexto das comunidades terapêuticas, e de posse das informações necessárias para a realização das devidas estratificações, procedemos com os primeiros contatos para montar o grupo dos sujeitos aptos para essa pesquisa.

Ao todo, foram selecionados cinco sujeitos egressos das comunidades terapêuticas do Estado de Pernambuco. Após a aplicação de um questionário de seleção, visamos identificar previamente algumas das principais características desse grupo a fim de selecionarmos voluntários que apresentassem quadros os mais distintos. Tempo de acolhimento; os fatores que incidiram sobre seu retorno "ou não" ao mesmo contexto de origem; as diversas formas como praticavam a nova fé; atividades de trabalho desempenhadas; distribuição geográfica; tempo de abstinência; esses e outros quadros passariam a serem analisados a partir da delimitação de nossa pesquisa. O que conseguimos, portanto, foi a composição de um quadro composto por 5 voluntários munidos de características as mais distintas - desde que não ultrapassassem 10 anos desde o fim de seu acolhimento -.

Devido a questões éticas, os nomes dos mesmos, de pessoas citadas por eles, bem como as identificações dos bairros e/ou mesmo cidades as quais se situaram; todas essas informações foram omitidas ou receberam nomes fictícios a fim de se preservar a privacidade e o anonimato dos voluntários, das pessoas envolvidas ou mesmo das instituições as quais eles fizeram parte.

Quanto aos critérios para a escolha do quantitativo de 5 (cinco) participantes, foi bastante perceptível dentre os trabalhos investigativos que tomaram o caminho teórico metodológico proposto por Lahire (2004), existia certa tendência em adotar sempre um pequeno número de sujeitos para a pesquisa. Conforme percebeu Robson Gerliandro Silva (2018), embora tais pesquisas tenham perdido em extensão, a adoção de um número limitado de sujeitos favoreceria o acesso a um conteúdo denso e de significativa profundidade. Além disso, a opção por tal caminho também tenderia a favorecer o acesso a um conjunto de informações que possibilitasse a visualização das múltiplas marcas que os diversos contextos sociais imprimiram sobre tais sujeitos.

Portanto, foi seguindo essa tendência, e com o objetivo realizar uma investigação que privilegiasse a análise da densidade e da profundidade das informações obtidas mediante sucessivas e/ou recorrentes entrevistas, que os primeiros contatos com os sujeitos da pesquisa ocorreram. Como resultado, isso possibilitaria a captação de dados bastante fecundos para o

momento da análise, bem como da montagem dos respectivos retratos sociológicos desses sujeitos.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS E DO CONTEXTO DA PESQUISA

Na seleção que realizamos dos participantes para nossa pesquisa de tese, visamos recrutar egressos de CTI's com idades distribuídas em diferentes faixas. Esperávamos, com esse procedimento, obtermos retratos e experiências constituídas as mais diversificadas, favorecendo assim a incidência de uma maior riqueza e possíveis contrastes em relação aos dados.

Dessa forma, com base nesse critério, os participantes de nossa pesquisa foram recrutados possuindo respectivamente as seguintes idades: Apolo, 33 anos; Fernanda, 41 anos; Joana, 42 anos; Ísis, 53 anos; Ivo, 53 anos.

Embora não tenha sido nossa intenção estabelecer uma correlação direta com os dados provenientes de nossa amostra, dada sua falta de representatividade em relação ao panorama global dos acolhidos, a sobreposição de algumas características em cada caso nos possibilitou compreender as composições individuais de forma mais aprofundada.

Portanto, seguindo essa concepção para a caracterização prévia dos sujeitos aqui selecionados, um primeiro ponto para se destacar diz respeito aos distintos gêneros nessa pesquisa representados.

No que diz respeito ao gênero, as CT's brasileiras podem apresentar identificações que podem variar para o acolhimento de sujeitos identificados como homens e mulheres ou até mesmo entre transexuais. Embora possam existir unidades mistas, ou seja, unidades que atendem ambos os gêneros em suas dependências, é comum também identificar aquelas que se especializaram em acolher gêneros distintos [grupo esse o qual obtemos nossos egressos para essa pesquisa]. De acordo com a Pesquisa Nacional sobre o Uso de Crack, é possível observar que o sexo masculino é responsável por cerca de 78,68% do consumo total de crack e outras drogas similares, em comparação com o sexo feminino, que é responsável por 21,32% dessa população. Todavia, embora os números dos problemas devido ao uso e dependência do Crack se mostrem nessa proporção, estatísticas divulgadas pelo IPEA (2017) mostram certa discrepância quanto ao número de vagas de acolhimento ofertadas. Para o público masculino a disposição de vagas em CT's no Brasil é de 80,79%, quanto que somente

cerca de 4,38% das vagas são exclusivas para o público feminino, algo bem abaixo do número de usuários e dependentes levantados para esse gênero[76].

Como uma forma de promover uma maior compreensão das distinções evidenciadas por ambos os gêneros, para essa pesquisa optamos em analisar as trajetórias de socialização e reconstituição social de egressos e egressas advindos de CTI's especializadas e específicas para cada um desses gêneros. A partir de seus relatos, anteriores e posteriores ao uso da substância do crack e outras SPA´s, pudemos evidenciar certas aproximações e distinções vivenciadas por ambos os gêneros no desenvolvimento de suas carreiras dentro e fora das CTI's. Como lidaram com os diversos processos educacionais e experiências escolares; com modelos e configurações familiares específicas; atividades no campo do trabalho; do lazer; as diferentes experiências religiosas vivenciadas; bem como as diversas vias e formas de encarar os problemas com as diversas SPA´s as quais tiveram acesso antes e depois de suas experiências na CTI; todos esses aspectos foram evidenciados permitindo assim a visualização de mais um contraste desses grupos.

De acordo com Silva (2021) em seu artigo "Uso de drogas sob a perspectiva de gênero: uma análise das histórias de vida de jovens das camadas médias no Rio de Janeiro", é importante considerar uma pesquisa que leve em conta ambos os gêneros, uma vez que: a) é cada vez mais comum que mulheres usufruam de SPA´s, chegando a um número muito próximo dos usuários masculinos; b) devido à maior incidência de estigmatização e marginalização social; c) devido à identificação de diversas formas de acesso.

Outro aspecto da especificidade da composição de nossa amostra diz respeito à sua constituição étnica. Dentre os voluntários que participaram de nossa pesquisa de tese que tiveram envolvimento com a substância crack percebeu-se 4 dos 5 deles se identificavam como a categoria dos "não-brancos" – predominantemente identificados como negros e pardos -. Desses, apenas o egresso Ivo Mancha foi identificado como branco, a egressa Fernanda como negra e os demais participantes como pardos.

Também vale destacar aspectos que marcavam o trabalho e a composição da renda de cada um dos participantes. A partir dos dados colhidos percebeu-se que 3 deles – como a egressa Isis, Joana e Ivo – tendiam a complementar a renda com auxílios assistencialistas advindos do Governo Federal – como programas como o Bolsa Família, por exemplo -.

---

[76] Nesse caso, em se tratando de Comunidades Terapêuticas especializadas para determinado gênero, pois se consideradas as mistas [ou seja, aquelas que atendem a ambos os gêneros] essas correspondem a 14,83 do número total, conforme a mesma pesquisa do IPEA (2017).

Nessas condições, tendiam também a se submeter a trabalhos com vínculos trabalhistas precários, estando em condições de significante vulnerabilidade social após os seus egressos, conforme se pode verificar no quadro a seguir:

Quadro 4. Caracterização das pessoas entrevistadas

	ISIS	**FERNANDA**	**JOANA**	**IVO "MANCHA"**	**APOLO**
Profissão/pai	Cobrador de ônibus	Eletricista	Agricultor	Servidor Público	Servidor Público
Profissão/mãe	Dona de casa	Manicure /cuidadora de idosos.	Agricultora / faxineira	Agricultora	Administradora Bar/restaurante
Exerceu atividade remunerada antes de ingressar na ct	Sim [manicure]	Sim [vendedora de lojas de roupas, estoquista e garçonete]	Sim [faxineira]	Sim [empregado em uma fábrica de bebidas]	Sim [indústria famarcêutica, imobiliária]
Exercia alguma atividade remunerada no momento que ingressou na ct	Não	Não	Não	Não	Sim [corretor]
Atualmente exerce alguma atividade remunerada	Sim [voluntaria em uma CTI e vendedora de doces "cocada".	Sim [segurança/vigia]	Sim [faxineira]	Sim (Serralheiro)	Sim [corretor]
Renda	Até 1 salário mínimo	Entre 1 a 2 salários mínimos.	Até 1 salário mínimo	Até 1 salário mínimo	Mais de 2 salários mínimos

Fonte: Pesquisa de campo.

A escolaridade desses também, bem como de seus respectivos familiares, foi levantada mediante a aplicação de um questionário de seleção (apêndice a) em que, a partir dos quais, obteve-se o seguinte quadro:

Quadro 5. Escolaridade e uso de SPA´s

	ISIS	**FERNANDA**	**JOANA**	**IVO "MANCHA"**	**APOLO**
TIPO DE ESCOLA QUE ESTUDOU	Pública	Pública	Pública	Pública	Pública
NÍVEL ESCOLAR	Até a 8ª Série	Médio completo	Estudou até a 5ª Série	6ª Série incompleto	Ensino Médio completo / curso livre em Teologia
USOU NA ESCOLA ALGUM TIPO	Não	Não	Não	Sim (bebidas alcoólicas)	Sim (maconha e crack)

DE SPA?					
PRESENCIOU OU SABIA DE ALGUÉM USANDO ALGUM TIPO DE SPA NA ESCOLA?	Não	Sim	Não	Sim (bebidas alcoólicas e maconha)	Não
ESCOLARIDADE DO PAI	Não sabe	Não sabe	Analfabeto	Não lembra	Estudou até a 5º série
ESCOLARIDADE DA MÃE	Órfã desde os 4 anos (não soube informar a escolaridade da mãe)	Não sabe	Até a 4ª Série	Analfabeta	Estudou até a 3ª Série

Fonte: Pesquisa de campo.

O que se percebe é que assim como 57,60% da população de usuários da substância crack pesquisada, a egressa Ísis, Joana e Ivo integram o quadro daqueles que cursaram da 4ª à 8ª Série do Ensino Fundamental II. Conforme será exposto nos retratos sociológicos nos capítulos seguintes, diversos foram os entraves e vulnerabilidades enfrentadas por esses que incidiram na queda de rendimento e consequente no abandono escolar. Conflitos e tensões no campo familiar figuraram com bastante significância no caso da egressa Ísis. Já para Joana a necessidade de ajudar financeiramente no contexto familiar figuraria com bastante força para diversas daquelas que seriam suas ações. No caso do egresso Ivo "Mancha" seriam os diversos transtornos ocasionados pelo uso de bebidas alcoólicas que incidiram sobre sua decisão de abandonar a escola. Embora egressos como Fernanda e Apolo possam ser associados ao grupo dos 16,49% dos dependentes de crack acolhidos no âmbito nacional em comunidades terapêuticas que concluíram o Ensino Médio, ambos não deixariam de ser afetados no âmbito escolar por diversos fatores "internos e externos" a esse campo. No caso de Fernanda, a mesma assumiria que a separação dos pais e sua mudança para residir em outro Estado brasileiro incidiriam como fortes marcadores para a eclosão de diversos transtornos em sua motivação para a vivência escolar. Já com Apolo, seria a intensificação dos vínculos em suas redes de sociabilidades - essas que tinham no consumo de SPA´s um principal elemento mediador - um dos principais fatores que abalaria seu desempenho no campo escolar.

Todos os egressos selecionados declararam terem estudado exclusivamente em escolas públicas de suas cidades e também declararam serem advindos de famílias de baixa renda – com exceção do egresso Ivo "Mancha" e do egresso Apolo cujos pais eram servidores

públicos e com renda superior a dois salários mínimos -. Foi no contexto escolar que esses últimos começariam o uso de SPA´s. Em seus relatos ficou evidente que idas ao contexto escolar sob efeito de alguma dessas substâncias torna-se-ia algo comum e/ou mesmo aceitável. O que se percebe é certa distinção da vivência desses quando comparado com aquelas do gênero feminino. Para as mulheres aqui retratadas, a percepção acerca do uso por outras pessoas [em especial seus colegas da escola] seria mais raro. Apenas a egressa Fernanda declararia que embora não tivesse realizado uso de SPA's ainda em seu tempo escolar - condição essa semelhante a todas investigadas - ela reconheceu ser presente e constante a visualização de alguns de colegas sob efeito de tais substâncias naquele contexto.

Todavia, vale ressaltar que embora muitos tenham vindo de famílias cuja formação escolar de seus pais era precária; tenham vivenciado vários obstáculos e até se evadido do contexto escolar; a compreensão sobre a importância de uma formação escolar se destacaria com grande significância. Dos egressos selecionados para essa pesquisa de tese, 4 dos 5 deles declararam - após a saída da CTI - terem realizado ou mesmo cogitaram dar certa continuidade às suas formações básicas, ou mesmo ao nível superior/universitária. Apolo declarou que depois de sua passagem pela CTI ele realizou um curso livre em teologia, com grau semelhante a um curso universitário, e agora planeja ingressar no âmbito acadêmico. Ivo "Mancha" declarou que deseja retornar à escola para concluir esse ciclo da vida. Ele reconhece que mesmo que a conclusão do Ensino Básico dificilmente agregue alguma boa oportunidade de trabalho em sua vida, isso lhe permitiria compreender melhor a si e ao mundo em sua volta. O mesmo ainda compreende que a concepção de tal experiência ainda poderia lhe proporcionar uma maior capacidade para interpretar dos diversos conteúdos de suas leituras bíblicas, prática essa a qual ele realiza frequentemente apesar de não participar atualmente de nenhuma comunidade religiosa. Joana acredita que ao concluir o ciclo do Ensino Básico isso possa lhe proporcionar melhores oportunidades de trabalho e autonomia. Já para a egressa Fernanda foi singular o valor que essa conferiria à própria educação e a de seus filhos. Apesar da grande instabilidade dos recursos financeiros disponíveis, a mesma - após sair da CTI que lhe acolhera - iniciaria um curso para vigilante, curso esse o qual lhe garantiria sua absorção no mercado de trabalho e uma atuação mais produtiva nesse campo. Fernanda parecia compreender o valor da educação como uma forma de ascensão social. Dessa forma, investia significantemente na formação de seus filhos como: cursos de idiomas, aquisição de livros, entre outros. Também partilharia que conferia à educação uma forma de manter seus filhos distantes das mesmas trajetórias que um dia a levou à dependência.

A situação de vivência e permanência nas ruas também tornou-se uma realidade para alguns de nossos participantes à medida que esses relatavam o situado progresso no desenvolvimento de suas dependências nas diversas SPA´s as quais enfrentaram problemas.

A intensificação de conflitos familiares devido aos problemas relacionados ao uso das SPA´s, por exemplo, teria figurado como um dos principais motivos para que egressos como Ísis e Ivo “Mancha” ingressassem na "vida pelas ruas" e de uma efetiva separação dos principais sujeitos que integravam suas redes familiares. Para esses, a vida nas ruas, na mendicância, tenderia a se constituir desde uma nova forma de sobrevivência como também de manutenção da dependência do crack e outras SPA´s – condição essa análoga a 39,04% dos usuários de crack que vivem nas ruas -. A prática de mendicância foi relatada com forte ênfase por Ivo meses antes dele ingressar na CTI pela primeira vez. Os fortes conflitos familiares causados pelos vários transtornos decorrentes de sua dependência se constituiriam como grandes entraves para uma vivência no âmbito familiar. Jurado de morte, preferiria as ruas do que a se expor em um contexto o qual considerara "estar marcado para morrer”. Enquanto Ivo e Ísis encontravam-se em condição de rua no momento de seu ingresso na CTI, a egressa Joana e o egresso Apolo viviam em casas próprias, bem como a egressa Fernanda vivia na casa da família - condição essa semelhante a 36,36% dos usuários de crack -.

Não apenas os sujeitos, mas os contextos da pesquisa também foram alvos de profundas reflexões. Problematizar as CTI’s enquanto espaços socializadores ocupou um lugar de grande relevância no processo de seleção dos egressos, pois visamos identificar como sujeitos que participaram de experiências (res)socializadoras semelhantes (re)ajustaram suas disposições nesse contexto específico antes de adentrarem suas antigas ou mesmo novas realidades.

Partimos, portanto, do ponto de que essas CTI’s poderiam se constituir em espaços bastante fecundos para a seleção dos sujeitos desta pesquisa, uma vez que as mesmas mantinham programas de acompanhamento de egressos no estágio de pós-internação.

Também tomando como relevante a existência de certo alinhamento de suas propostas de intervenção e de suas estruturas e dinâmicas - uma vez que apresentaram sintonia com padrões estabelecidos pela Federação Evangélica de Comunidades Terapêuticas, a Cruz Azul do Brasil e a Federação Norte e Nordeste de Comunidades Terapêuticas - os critérios para a seleção das CTI’s as quais seriam selecionados os egressos foram estabelecidos. Seriam postas como possibilidades para a seleção aquelas instituições desde que: *a) exercessem, em seus ambientes, práticas religiosas, mas sem a imposição das mesmas; b) oferecem*

internação e permanência voluntárias de seus internos – sendo os critérios de admissão, permanência e alta são definidos com o conhecimento antecipado do interno e seus familiares/responsáveis -; c) possuíssem ambientes de socializações e sociabilidades sem incidência da presença de substâncias psicoativas (lícitas ou ilícitas); d) permitissem que seus acolhidos interagissem mutuamente.

De acordo com Mainardes (2009) o acesso a determinados campos pode se configurar em um verdadeiro desafio para o pesquisador. O autor destaca três formas de ingresso em um campo; essas podem se dar mediante: negociação, solicitação de permissão formal ou com base na confiança.

Como a proposta aqui lançada consistiu em selecionar egressos a partir dos bancos e históricos das comunidades terapêuticas, a inserção nesses campos tornou-se uma etapa fundamental. Investimos no ingresso através da "relação de confiança", caminho esse que permitiu um acesso favorável a documentos, relatórios, pareceres e à lista de contatos dos egressos de cada CTI selecionada.

Outros fatores para a escolha dessas duas CTI's repousaram naquilo que Alan Bryman (2012) alertou quanto ao gerenciamento de tempo e recursos na pesquisa. Residindo no Estado de Pernambuco, isso favoreceu o contato tanto com as CTI´s quanto com os egressos que residiam e/ou residiram neste contexto - com excesão da egressa Fernanda que embora tenha residido em Pernambuco e se inserido em uma CTI no mesmo Estado, mudou-se para uma cidade do Estado do Rio Grande do Norte sendo, com esta, todas as entrevistas realizadas por chamada telefônica -. Sendo assim, uma vez estando próximo geograficamente dos diversos contextos em que estavam localizadas as CTI´s e os egressos tenderia a favorecer uma rápida e eficiente experiência de coleta de dados, o que minimizaria também gastos com recursos de transporte, hospedagens, alimentação, entre outros.

Por fim, uma vez selecionados os egressos, buscou-se, à medida que se desenvolviam as várias entrevistas, compreender e problematizar os diversos elementos constituídos e distribuídos dos contextos os quais agora faziam parte. Adentramos assim diversos dos contextos que desempenharam suas ações a fim de compreender, com maior significância, traços dos relatos, das experiências, bem como das diversas relações, traumas e conflitos por eles evidenciados.

4.3 RISCOS DA PESQUISA: ADAPTAÇÕES E AJUSTES METODOLÓGICOS DA METODOLOGIA DA PESQUISA EM TEMPOS PANDÊMICOS

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa – que ocorreu entre os anos de 2020 e 2023 - o Brasil, bem como o mundo, passou por fortes crises na área da saúde devido ao forte quadro de contágio causado pela onda viral da COVID-19.

No Estado de Pernambuco esse quadro não foi diferente, contexto esse em que ocorreu a pesquisa. No momento em que entramos na fase de coleta de dados - procedendo com observações nos contextos de origem dos egressos selecionados e/ou mesmo iniciando nossas primeiras entrevistas - o Estado de Pernambuco totalizava em 1 de março de 2022 o número de 821.592 casos de contágio por COVID-19 com 21.048 óbitos registrados[77].

Considerando a riqueza em agregar observações de campo ao método de entrevistas proposto por Lahire, diversos foram os entravas, dado esse contexto pandêmico, para a execução desses procedimentos. Ocorriam naquele momento: diversas restrições ocasionadas por decretos municipais, estaduais e federais; número de vacinados inferior às estimativas necessárias; relaxamento das medidas protetivas; entre outros. Dado esse cenário, optaríamos por reajustar nossa proposta metodológica, abandonando a proposta de uma imersão direta no campo, ou seja, de uma efetiva participação no contexto social a qual os egressos faziam parte. Esse ajuste justificou-se ainda mais devido aos vários contágios por COVID-19 em que eu, enquanto pesquisador, fui acometido, tendo assim contraindo esse vírus por diversas ocasiões, inclusive a forma mais grave da doença. Como consequência, teria que me ausentar por um longo período das atividades de pesquisa devido às diversas internações hospitalares as quais me submeti, participação em sessões de fisioterapia, entre outros. Tal quadro também incidiria sobre minha capacidade de me locomover, de escrita, entre outros, exigindo assim uma necessária readequação do tempo, dos recursos e estratégias para tornar ainda viável essa experiência de pesquisa.

Quanto aos procedimentos para o recrutamento dos egressos, todos eles seriam pré-selecionados através do banco de dados das CTI´s. Verificado se o mesmo atendia a todos os critérios de estratificação, as entrevistas ocorreriam mediadas por telefone ou por

---

[77] Dados esses obtidos do portal G1 com base nas estatísticas fornecidas pelo Consórcio de Veículos de Imprensa. G1 PE. Pernambuco: com mais 5.930 infectados e 17 óbitos por Covid-19, Pernambuco totaliza 821.592 casos e 21.048 mortes. Disponível em: < https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2022/02/25/com-mais-5930-infectados-e-17-obitos-por-covid-19-pernambuco-totaliza-821592-casos-e-21048-mortes.ghtml>. Acesso em: 01 de março de 2022.

videoconferência, ou mesmo presencialmente em um local escolhido pelo participante. Para aqueles selecionados que não possuíam acesso a serviços telefônicos e de internet foram fornecidas, durante o período da pesquisa, as condições necessárias para comunicação e a devida coleta dos dados.

4.4 O TRATAMENTO DOS DADOS E QUESTÕES ÉTICAS DA PESQUISA

Respeitando-se os caminhos teóricos/metodológicos de Lahire (2004), após findada a fase da realização das entrevistas [que corresponderam ao todo a quase 18 horas de áudios coletados], cada uma dessas foi transcrita e analisada individualmente totalizando assim cerca de 315 páginas de conteúdo para análise. Após a conclusão dessa fase, cada uma dessas transcrições foi revisada à medida que o áudio original da entrevista era ouvido simultaneamente pelo pesquisador. Tal procedimento foi constituído visando minimizar quaisquer desvios, incongruências e/ou erros de transcrições que pudessem comprometer total/parcialmente o sentido das entrevistas. Posteriormente foram agrupadas e o percurso individual que constituiu a biografia de cada egresso foi evidenciado. Uma vez analisadas, o resultado desse processo culminaria na composição do retrato sociológico de cada um dos selecionados. Também nessa fase buscou-se omitir, na escrita, quaisquer informações que pudessem levar à identificação os sujeitos dessa pesquisa ou mesmo às pessoas citadas por elas, respeitando-se assim os termos contidos e assumidos no código de ética da pesquisa.

Preocupações éticas seriam necessárias para tornar essa pesquisa viável, acionando assim diversos mecanismos de proteção para os sujeitos nela envolvidos; mecanismos como: preocupações com o sigilo dos entrevistados (GOLDIM, 2000); obtenção do termo de consentimento livre e esclarecido dos mesmos (LUNA, 2008) – TCLE -; entre outros.

O objetivo maior do TCLE (APÊNCIDE D), conforme apresenta Goldim (2000), foi deixar claro para os sujeitos os reais objetivos e procedimentos utilizados nessa pesquisa, apresentando de forma de fácil compreensão os estágios e diversas propostas que compõem essa investigação. Além disso, os riscos e benefícios das pesquisas lhes foram informados; o sigilo no tratamento e arquivamento dos dados; a disponibilização do contato do pesquisador, bem como do Comitê de ética o qual essa pesquisa foi vinculada. Todas essas medidas foram tomadas a fim de transparecer aos pesquisados o maior grau de confiabilidade e segurança, conforme sinaliza Luna (2008).

De certa forma esse foi um dos momentos mais delicados da pesquisa, uma vez que em um primeiro momento foram solicitados diversos dados dos indivíduos além da assinatura do TCLE. Lembro que o egresso Ivo Mancha – que havia sido jurado de morte em sua cidade de origem – apesar da sua cordialidade na recepção do pesquisador, era bastante evidente o ar de desconfiança existente. O mesmo chegaria a ligar para a sua antiga CTI para saber acerca da procedência dessa pesquisa, bem como do pesquisador, antes de efetivamente assinar o TCLE. A egressa Ísis, que tinha problemas com a justiça, também retardou em várias semanas a assinatura do TCLE mesmo esse tendo sido lido para ela e dada todas as garantias nele contidas; condição essa superada somente após diversos encontros de aproximação. Também pode ser citada a dificuldade mencionada pela egressa Joana que estando em uma cidade distante da qual o pesquisador residia, essa alegou forte dificuldade em convencer pessoas próximas a ela a assinar como testemunhas o TCLE. A egressa Fernanda, no momento em que foi convidada a participar dessa pesquisa, passava por dificuldades financeiras e de recursos. Dessa forma, o pesquisador subsidiou todos os custos e onerações para que a mesma assinasse o referido termo e o reenviasse para, somente assim, dar-se início a pesquisa.

Concluídos, portanto, todos os trâmites regidos pelo Comitê de Ética de Pesquisa-CEP, e uma vez expedido o parecer consubstanciado apresentado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos [Parecer nº 5.394.541 disponível no Anexo B desta tese] -, deu-se início a fase da coleta; essa cuja análise resultariam em um rico e profundo conjuntos de "retratos sociológicos" todos expostos a partir dos capítulos a seguir.

5 RETRATO SOCIOLÓGICO: ÍSIS (DONA DOCEIRA)

5.1 ASPECTOS GERAIS

Inicialmente demos para a participante o nome fictício de “Dona Doceira” devido à atividade de trabalho que ela passou a desempenhar após o término de seu tempo como acolhida em uma comunidade terapêutica feminina.

Quando a entrevista ocorreu com a “Dona Doceira” – que também aqui é chamada de Ísis - nossa participante tinha 53 anos. Egressa de uma comunidade terapêutica religiosa feminina, professava com muito orgulho sua identificação com a fé evangélica [especificamente a fé Batista]. Uma mulher com uma aparência austera, de sorriso quase que constante em seu rosto; ainda era possível observar em seu corpo diversas das marcas deixadas pelo uso de diversas substâncias psicoativas ao longo de quase 35 anos de sua vida.

Se essa pesquisa de tese tinha como objetivo compreender os processos de ajustes e reajustes disposicionais dos egressos, após realizar um levantamento daqueles que saíram com alta terapêutica dessa instituição e mapeados os múltiplos contextos os quais essas se (re)inseriram, um ponto chamaria a atenção: *por que, dentre todas as egressas, Ísis resolvera permanecer na mesma instituição socializadora? O que a impedia de voltar – definitivamente - para o seu bairro, seus filhos, para a sua vida, preferindo assim continuar no contexto da cidade da CTI que lhe acolheu*?

Muito carismática e espontânea, Ísis saia durante o dia, pelas ruas da cidade que agora lhe acolhera, vendendo esse doce pelos bares, restaurantes, lojas e demais espaços urbanos. Entretanto, no período do final da tarde ela voltava sempre para a Comunidade Terapêutica a qual era egressa para exercer agora sua segunda função: a de voluntária. Nossas entrevistas ocorriam sempre entre as 8hs às 9hs da manhã, período esse em que findava o café da manhã na CTI feminina. Logo depois essa se preparava para sair pela cidade vendendo seus doces.

Nesse tempo, em uma de nossas primeiras interações, me atrevi a perguntar o que a teria levado a se tornar voluntária e permanecer vivendo no contexto da própria CTI que a acolheu. Sorridente, com um ar de forte convicção, Ísis responde que se sentia agora responsável em também dar a sua contribuição em uma instituição que lhe trouxe diversas possibilidades para a reconstituição de sua vida. Em suas palavras: “é necessário ajudar como uma vez eu fui ajudada”.

Embora, em um primeiro momento, fossemos conduzidos à identificação de possíveis disposições altruístas e voluntaristas em suas ações e discursos, novas interações com a participante tenderiam a revelar muito mais elementos que coadunariam para compreender sua decisão de permanecer no contexto da CTI; elementos esses somente compreensíveis a partir da visualização de sua longa e dura trajetória de vida.

Ísis nasceu e viveu em um bairro popular de uma cidade pertencente à grande região metropolitana do Estado de Pernambuco[78]. Era na praça e nas ruas que interagia com significativa fração daquela comunidade que encontrava as diversas formas de cultivar suas experiências de sociabilidades [embora fosse bastante limitada pelo seu pai]. Eram brincadeiras, festas, aniversários, encontros... desde muito cedo aprendera a ver na rua e em relações extra familiares uma extensão de suas relações e de sua própria vida.

À medida que foi crescendo, Ísis perceberia diversas mudanças que assolariam aquele contexto [como o aumento da violência e, paralelamente, do uso de diversas substâncias psicoativas por parte de seus frequentadores].

> Com sete anos fui morar no bairro Tostadinha[79] [...]lembro que lá tinha minhas vizinhas [...] elas eram maravilhosas no meu bairro, né? A gente fazia lá festa, aniversário [...] a gente fazia na rua mesmo, na praça. O bairro lá é bom, mas só que na minha adolescência era melhor ainda, porque a gente não via tanta droga como hoje em dia. Hoje, em cada rua (...) em todo canto tem droga. Então (...) o bairro acabou porque o bairro antigamente a gente via quadrilha de São João; era aquela brincadeira. Hoje em dia ninguém brinca porque (...) tá tudo mundo assustado, porque a qualquer momento pode ter um tiroteio [...]... não gosto da transformação que fizeram com ele.

Mãe de quatro filhos, talvez Ísis não pudesse imaginar que seria naquela mesma praça em que tantas sociabilidades foram vividas que, dada a escalada dessas substâncias psicoativas tidas como ilegais e da própria violência, encontraria morto um de seus filhos devido ao seu envolvimento com o tráfico.

A trágica e precoce perda de um de seus filhos não foi o único abalo sofrido por Ísis ao longo de sua vida. Desde muito cedo ela teve que aprender a lidar com diversos fatores de riscos [como histórico familiar de suicídio, transtornos mentais, uso e abuso de substâncias psicoativas, acesso a meios letais, incidência de eventos fatais existentes, entre outros] que a deixariam cada vez mais próxima de contrair disposições suicidas; disposições essas que tendiam a se somar aos seus esforços de superação das frustrações pessoais e traumas

78 Nome da cidade omitido.

79 Com o intuito de preservar o anonimato dos sujeitos nessa pesquisa abordados, bem como das pessoas por eles citadas, nomes de lugares, entre outros; todos os nomes e lugares aqui citados serão fictícios ou serão omitidos.

sofridos e que, consequentemente, a deixaria mais vulnerável e propícia para o uso e abuso de diversas substâncias psicoativas.

Desde os quatro anos Ísis aprendera a lidar com o fato do suicídio da mãe, de sua irmã, e primo, prática essa que no futuro também se tornaria para ela uma saída para as dores, frustrações e limitações extremas da vida. Criada pela sua avó paterna, essa que adquiriria um papel privilegiado na concepção de seu projeto educacional, gostos, espiritualidade, entre outros; e por seu pai, cobrador de ônibus [que aparentava ter um perfil bastante autoritário e disciplinador], Ísis cursaria a escola até a 8º série, até então abandonar a escola definitivamente.

Após ser abandonada pelo seu marido, fato esse que tenderia a incidir diversas pressões sobre suas estruturas emocionais, adentraria no mundo do uso, do abuso e da dependência de substâncias psicoativas tidas como lícitas ou ilícitas [cigarro, bebidas, maconha, crack, entre outras]. Ao se inserir cada vez mais nesse universo, Ísis seguiria uma trajetória que a levaria para longe do convívio familiar dos filhos, concebendo assim um rumo cada vez mais contrário às disposições mais emblemáticas de sua constituição: dentre elas, sua disposição materna.

Agora pelas ruas da cidade, e altamente dependente de substâncias psicoativas, Ísis viria seu corpo se deteriorar. Chegaria ao peso de 37 kg. Dormiria pelas praças, postos e outros espaços. Conforme relata, era um momento em que foi humilhada, menosprezada, e que caminhava como “uma morta viva”. Cada vez mais doente e com fome, lembra que apesar desses desconfortos só se inclinava para recorrer ao uso de SPA´s.

Toda essa trajetória, somada à notícia da morte de um de seus filhos, tenderia a ativar diversos mecanismos que culminariam na ativação de sua disposição suicida. Como resultado, Ísis se joga na frente de um automóvel em movimento, quase falecendo.

Sobrevivendo, debilitada, e portadora de diversas sequelas, agora se vê desafiada a ingressar em uma comunidade terapêutica no Estado da Paraíba. Era um raio de esperança. Considerara uma porta para ter suas sociabilidades e trajetórias reconstituídas. Todavia, após o fechamento dessa CTI, e com a interrupção do acolhimento, Ísis volta para seu antigo contexto de origem, sentindo-se mais uma vez vulnerável e retornando em poucos meses ao uso das diversas SPA´s.

Sendo novamente desafiada, agora com 51 anos, Ísis é levada voluntariamente a uma CTI religiosa feminina, espaço esse em que se dá não apenas a sua separação com os diversos tipos de SPA´s as quais fazia uso, mas também ocorre seu maior envolvimento com o

“universo religioso”. Inserida nesse campo - composto por sujeitos, símbolos, ritos e práticas que favoreceriam a ativação de suas disposições para crer -, cada vez mais esse tenderia a ocupar espaço significante nas orientações e composição de outras de suas disposições. Como resultado, Ísis tenderia a ser conduzida a reconfigurar diversas de suas novas estruturas de pensamento e ações ou mesmo nas formas de lidar com as SPA´s.

Agora, foi ao concluir seu tempo de acolhimento e permanecendo no mesmo espaço de socialização [desta vez como voluntária] que suas crenças e a forma de ver e decodificar seu passado seriam ressignificadas. Conforme será observado, ao findar de todas essas experiências vivenciadas por Ísis, o que se evidenciaria seria a incidência de disposições religiosas e familiares cada vez mais expressivas e centrais em seu novo patrimônio disposicional[80]. Agora, munida e guiada por sua cosmovisão religiosa, Ísis encontraria na fé a forma de reconstituir sua identidade e esquemas de ações; esquemas esses que tendia a guiá-la para a vivência de um novo estágio: o de se preparar para cuidar de seu segundo filho - filho esse que se encontra encarcerado e que se tornaria o centro de sua esperança por dias melhores e por viver aquilo que as SPA´s e todas as suas consequências lhe tiraram um dia -.

5.2 DISPOSIÇÕES GERADAS: ENTRE O CONFLITO COM O PAI E O APEGO COM A AVÓ

Órfã desde os quatro anos, Ísis encontrou na avó um significante amparo na substituição da sua figura materna.

> Eu fui criada com a minha avó, que minha mãe faleceu quando eu tinha quatro anos. Então meu pai se casou e eu fui criada com minha avó (a mãe do meu pai) e fui muito mimada por ela, mas sempre sentindo falta da minha mãe e, depois com o tempo, fui viver com o meu pai [...] minha avó era tudo para mim.

Ísis falara com orgulho da educação que tivera com sua avó. Nessa relação aprendera diversas regras e normas sociais; era educada quanto às formas de se vestir [austeramente e com muito pudor]; orientações quanto ao desenvolvimento de sua sexualidade; entre outras.

Todavia, no âmbito familiar, esse não era o único espaço de socialização frequentado por nossa participante. Na trajetória de desenvolvimento de Ísis era comum que essa frequentasse espaços ambíguos. Conviver na casa de seus pais – essa cuja força das normas,

[80] Durante várias entrevistas, Ísis relata como diversas vivências que retratam sua intensa evolução espiritual e seu desejo de reestabelecer os fundamentos de sua família se tornaram algumas das principais bases de suas ações. Essas experiências, combinadas com um amplo e complexo conjunto de vivências, favoreceriam novas ações dessa participante em sua luta para reconstituir suas relações sociais e identidade espiritual.

expectativas e traumas vivenciados tenderiam a se tornar um dos principais geradores de disposições distintas em relação àquelas geradas no contexto da casa da avó – marcaria um traço significativo de seu patrimônio disposicional. Como consequência, tal interação tenderia a constituir formas de ações que seriam ainda sustentadas em diversos momentos e estágios de sua vida: inclusive no período pós-acolhimento.

É possível que o ambiente de maior autonomia vivenciado no convívio com a avó - ambiente esse que contrastava com a rigidez encarada no contexto de vivência paterna -; o novo matrimônio contraído pelo seu pai; juntamente com outros traumas vividos - dentre esses destaca-se o suicídio de sua mãe -; é possível que esses eventos e contextos tenham contribuído para que Ísis concebesse representações distintas para ambos os espaços. A maneira como se relacionaria com esses e com os principais atores sociais neles envolvidos tenderia a reforçar a formação de atitudes rebeldes e contestadoras em conjunto com suas disposições para obedecer e respeitar as autoridades, atitudes essas que seriam percebidas em diversos outros momentos de sua trajetória. Conforme ela mesa disse:

> A convivência não foi muito boa [...] eu comecei a ficar um pouco rebelde com meu pai e devido a morte da minha mãe eu sempre dizia que ele tinha culpa. (...)Eu gostava muito de namorar (risadas). Adolescente, eu só saia escondido do meu pai para dançar, que eu gostava muito de pagode, de dança, de merengue, valsa, essas coisas. Sempre gostei, né? Depois eu conheci um rapaz, foi quando aconteceu que meu pai não queria, aí eu fui voltar a morar com a minha avó. [...] Até ali eu não tinha conhecido as drogas, né? [...] Eu era muito viajante, vivia viajando direto onde tivesse um baile (...) eu estava dentro. (...) Eu inventava qualquer coisa para ir escondido do meu pai porque minha avó ela fazia meus gostos.

Ísis, naquele contexto, tendia a não aceitar o relacionamento de seu pai com sua madrasta, uma vez que, em sua concepção, teria sido devido aquela relação que a sua mãe cometera suicídio. Dessa forma, foi em um ambiente regido por uma disciplina mais forte que costumava ter com sua avó, juntamente com resquícios dos traumas e conflitos até ali não superados, que diversas de suas disposições para questionar autoridades; culpabilizar e de desafiar normas estabelecidas foram ativadas, quadro disposiçional esse que tenderia a orientar outras de suas disposições - entre elas suas disposições hedonistas e de busca de autonomia e liberdade [essas que marcaram fortemente a trajetória de vida de Ísis] -.

Como fruto dessa conturbada relação, as novas disposições adquiridas tendiam a inferir não apenas no seu campo de ação como também nas estruturas e aparência de seu próprio corpo. Ainda da adolescência Ísis tatuaria em suas costas a imagem de um cavalo com

asas. Relevante observar que em diversos meios ela ostentava com orgulho essa figura indomada, figura essa capaz de atingir diversos estágios e "alturas".

Uma análise acerca da constituição de seu patrimônio disposicional em diferentes estágios de sua vida revelaria ser aquela imagem algo bastante emblemático de sua constituição identitária. Todavia, no ambiente do lar a mesma figura era ocultada a fim de que essa não provocasse novos e desgastantes conflitos. Foi entre saber voar, e saber aterrizar; viver entre o céu e a terra; entre seguir os próprios rumos e se dobrar à força de uma autoridade; foi nessa vida de contrastes a qual demonstrara a própria complexidade e pluralidade da constituição de sua condição como atriz social que diversos dos aspectos sociais e identitários foram verificados.

Conforme a Ísis, ser sempre contestadora e explosiva marcaria os traços da sua personalidade a partir de então. Como ela expressou: “Ele [o pai] tentava várias vezes e eu sempre arengando, sempre se afastando; então eu (...) vejo que aconteceu isso não foi por causa dele, foi por causa de mim”. Todavia, entre conflitos e atritos, apesar de sua resistência, seu pai buscara se fazer presente em sua vida por diversas vias; uma das que ela lembra era na vida escolar.

Ísis lembra que foi enquanto estudante de escola pública que teve que aprender como gerenciar recursos escassos. Dada as várias carências existentes no sistema público, seu pai lhe supria a necessidade de qualquer material escolar para o seu desenvolvimento. Todavia, sendo cobrador e com recursos limitados, nem sempre isso seria uma garantia, forçando assim nossa participante a desenvolver disposições para o gerenciamento de recursos escassos. Conforme seu relato: “antigamente meu pai tinha que comprar né? E a gente tinha que economizar até a última pontinha do lápis (...), e eu tinha o maior medo para não perder, né? Porque não tinha condições, a prefeitura não ajudava”.

Além do custeio de parte dos estudos, sua figura paterna também assumia a condição de orientador na complementação dos estudos do Ensino Básico.

> Quando eu chegava da escola, ele (o pai) que me ensinava. Eu era um pouco complicada na matemática, mas de tanto levar cascudo (risadas) que ele dava (...) ele fazia tanto, tanto, e eu não respondia, ou respondia errado; aí ele dizia: não é assim e "tum" (simulando som do cascudo). Aí eu fui aprender e pronto! hoje em dia sou boa na matemática.

Relevante observar a forma que descreve a educação e os métodos utilizados pelo pai, como isso tende a refletir o ambiente muito mais rigoroso ali constituído quando comparado com aquele vivenciado com a avó. Além disso, é relevante destacar que no momento da

entrevista, em diversos momentos, Ísis demonstrou ser bastante apurada no conhecimento matemático.

Diversas são as falas que demonstram preocupação com os recursos atuais e a necessidade de se preparar para quaisquer ausências de recursos futuros, disposição essa que também foi identificada em sua atuação como "dona de casa" e no planejamento e administração do lar. Após assumir a condição de egressa, Ísis relatara ter orgulho de possuir uma boa administração financeira; de poupar parte de seus ganhos para situações futuras, como obter ou alugar uma casa para receber e viver um dia com o seu filho que até aquele momento estava em situação carcerária; após sua conversão tinha orgulho de assumir que dava o dízimo e, em certas ocasiões, mais que isso, episódios e eventos esses que tendem a confirmar a continuidade dessa disposição. Vale ressaltar que suas disposições religiosas quando ativadas permitiriam que outras voltadas para a administração de recursos atuais fossem mais uma vez ativadas, se constituindo também essas como um dos pilares de sustentação e segurança para a nossa participante.

Ísis passara então a representar, ainda na sua adolescência, um construto complexo de forças que muitas vezes a direcionaria para caminhos e ações muitas vezes distintas. A ação disciplinadora do pai também lhe atingia quando essa cometia alguma transgressão em suas experiências de sociabilidade, como, por exemplo, quando ela se envolvia em brigas muitas vezes retocada pela sua disposição para o confronto direto e para reações a provocações:

> Eu tive um conflito com um menino da escola. Eu era muito amigo dele [...] Mas chegou ao ponto dele me tirar do limite e a gente terminou brigando mesmo. A gente saiu se atacando na aula de física, ele ficou mangando de mim, aí eu peguei [...] ele e a gente, bolou, embolou... que saiu do colégio. [...] e terminei furando ele com lápis. Quando eu cheguei em casa pensei: meu Deus! vou apanhar, vou apanhar do meu pai...E realmente apanhei. E fiquei suspensa. Aí meu pai me botou de castigo, tirou tudo!

Tomada agora por um senso de autonomia e liberdade maior, e novamente no convívio com a sua avó, Ísis caminharia para novas e profundas experiências; experiências essas que lhe trariam, posteriormente, para mais perto do uso de SPA´s.

5.3 DISPOSIÇÕES RELIGIOSAS: SOCIALIZAÇÃO E SOCIABILIDADES PARA A PRÁTICA ESPIRITUAL

Dentre as várias experiências vivenciadas por nossa participante no decorrer do desenvolvimento de sua trajetória de vida, uma que merece ser destacada se desenvolveria na forma Ísis seria exposta a sujeitos, espaços, objetos e práticas religiosas.

Um canal bastante significativo para uma socialização primária no campo religioso pode ser identificado ainda na convivência com a figura de sua avó materna.

> Minha avó que era muito devota... tinha um tal de um Padre Cícero deste tamanho (gesticulando com as mãos). Ela dizia: você vai ter que orar! senta ai!!! E eu ficava em nome do Pai, Filho, Espirito Santo (rezando e fazia sinal com as mãos da cruz). Era meio assim quando a avozinha ia deitar. Mas sempre ela me ensinou a orar, comer, dormir. Ela dizia: tem que tá com a mãozinha assim (mãos juntas como se estivesse orando). Aí eu ficava a olhar para eles (as imagens) e dizia: acabou vozinha? Aí ela dizia: não, não! ai eu dizia: MEU DEUS DO CÉU! (ansiosa e desesperada para acabar). Ai quando vozinha levava para a Igreja (risos) eu dizia: eu não vou! não vozinha! Ai ela dizia: vaaaai... Ai ela fazia dois "cocó" (penteado) na hora [...] eu já não queria ir para a igreja e ela fazer (...) porque já estava doendo.

Relevante destacar que apesar da exposição a um processo de socialização religiosa ainda no âmbito familiar - a partir de sua imersão na participação de ritos e práticas espirituais advindas do catolicismo -, tal experiência até certo momento parecia não possuir certa significância e sentido para nossa participante. Todavia, apesar disso, é relevante destacar que suas disposições hedonistas e de resistência, embora figurassem com força, pareciam se conformar frente à sua disposição à obediência e respeito à autoridade.

Também a escola, por sua via, como um ambiente de socialização secundária, parecia figurar com significância nesse processo.

Símbolos e imagens sagradas; realização de orações (como a do Pai nosso) antes de entrar para as salas de aula; professores que pregavam mensagens bíblicas, entre outros. Quanto a esse último, é relevante destacar que o medo de provocar novos castigos físicos, bem como a de enfrentar como consequência o seu pai [ou avó] acionara suas disposições de respeito às autoridades e às normas sociais, ainda que Ísis não compartilhasse do mesmo senso de religiosidade.

Além de todo esse contato e interações, a aproximação com atores religiosos na mesma condição discente era outro canal que reforçava os valores e a moral religiosa de ambos os canais, como foi o caso de seu contato e relação com a aluna Bethe.

Para Ísis, Bete representara um tipo de figura cristã tal como a sua avó idealizara para ela. Seus modos, sua forma de se expressar, a forma de se vestir, todos esses atributos tendiam a revelar a existência de um capital cultural incorporado que se traduzia por várias vias nas ações e interações dessa personagem.

> Bete era uma colega minha. Ela sempre foi religiosa, muito católica. Aquele jeito dela ... meio com a sainha.,, Via todinha a meia dela que assim ela sentava se via... Era a mais comprida que tinha ...A minha meia era aqui assim (fazendo sinal de pela metade). Ela ia para a igreja todo domingo com a mãe dela e a família dela. Eu ia com Vozinha, mas não ligava... Vozinha estava lá com o terço e fazendo Ave Maria cheia de graça; E eu lá (fazendo sinal que reclamava e sofria, e ansiedade) bora vozinha!!!! (fazendo sinal que queria ir embora). Ai Vozinha dizia: Não! só vai quando terminar essa (reza)... aí eu me interessei a fazer a primeira comunhão. Bete falava bora para a igreja... Bora para Igreja Católica do padre Frei Joselito. Eu não vou nada não! Só se a minha vó me levar, porque não vou. Não!

Ao realizar certa comparação com Bethe, Ísis deixa transparecer alguns dos abismos acadêmicos, culturais, sociais e religiosos que as separavam, bem como algumas das várias disposições que agiam sobre cada uma delas. Conforme ela descreveu: "Bethe era sempre direitinha, sempre comportada, sempre na dela, sempre estudiosa. Ah, eu (...) era mais anarquista, mas sempre eu gostava de estar com ela.

Importante ressaltar que apesar das diferenças aparentes, existia certa identificação entre elas.

De certa forma esses não seriam os únicos atores religiosos os quais ela se relacionaria ao longo de sua história. Mais tarde, aos 19 anos, relata ter entrado para a Igreja Assembleia de Deus, período esse que passou pouco tempo e que reconhece não ter aprofundado ou mesmo vivenciado uma fé genuína e autêntica tal como professara no momento da entrevista.

Conforme a nossa participante, sua inclinação a ser influenciada pelos sujeitos que compunham sua rede de sociabilidade tivera sido uma das principais forças para sua aproximação com o protestantismo. Todavia, embora não reconhecesse uma profunda transformação de suas estruturas psicológicas (BERGER, 2000) outros fatores como aqueles de características sociais e culturais sofreriam, de alguma forma, certos impactos. Como consequência, essas experiências tenderiam a trazer para Ísis um maior repertório de cosmovisões religiosas, além de intensos contatos com atores religiosos e/ou mesmo seus ritos espirituais, o que impactaria algumas das suas mais expressivas estruturas: como suas formas de sociabilidades, corpo, família, entre outros.

5.4 O COMEÇO COM AS DROGAS: TRANSFORMANDO-SE EM UMA "MORTA-VIVA"

Apesar das várias condutas indisciplinadas no ambiente familiar e na escola, nessa fase de sua vida, o universo das SPA´s ainda era tido como algo distante para nossa participante. Por isso, Ísis alegara, dada a raridade de incidências, não lembrar sequer do tema "drogas" ser abordado na escola ou mesmo no âmbito de sua família. Dizia ela: "era muito difícil ver, entendeu? A droga que falava mais que passava no comercial era cigarro, bebida. (...) ouvi falar da maconha quando eu estava já com os meus 15 ou 16 anos (...) era muito difícil ver".

Diferente de outras figuras de sua comunidade e de suas sociabilidades, Ísis começaria, nessa fase, sua imersão no campo do trabalho, experiência essa que lhe renderia a consolidação de certas disposições as quis tenderiam a persistir em diversas de suas futuras ações.

> Meu primeiro trabalho foi de recepcionista na empresa de segurança. Foi maravilhoso, foi muito bom. Meu primeiro trabalho, recebi meu primeiro salário (voz empolgada). Fiquei tão contente! Aquela coisa que a gente toma responsabilidade, né? Quando a gente começa a trabalhar, que eu sempre gostei de ter minhas coisas, sempre gostei de trabalhar, trabalhei... [...] e depois passei ainda uns quatro anos. Foi três anos que eu passei lá, depois saí, aí voltei a trabalhar. Trabalhei uns quatro trabalhos [...] na área de Segurança [...] entrega; [...] Indústria [...] Uma recepcionista, uma trabalhista de gerais, outra [...] de gerente, e uma trabalhei de repositora.

No relato acima, algumas disposições que já figuraram em momentos anteriores da vida de nossa participante seriam ainda bastante perceptíveis. Dentre elas destacamos sua disposição para autonomia e independência. Ao contrair seu primeiro salário, ela destaca sua grande alegria devido ao fato dela possuir um gosto por "posses". O acesso ao dinheiro, na perspectiva Simmeliana, seria, portanto, o condutor para a realização desses interesse, bem como para a manutenção dessa disposição evidenciada. Observa-se também, nesse momento, a incidência de disposições adaptativas, uma vez que a mesma relata ter passado e progredido em diversos empregos e funções. Relevante observar que à medida que progredia a disposição que seria uma das mais fortes e emblemáticas em Ísis - a disposição para liderança - encontraria uma forma de ser ativada e,respectivamente, alimentada.

Ísis passou a trabalhar em dois empregos diferentes. À medida que trabalhava, tinha caminhos mais favoráveis para nutrir certas disposições para autonomia e para posses,

disposições essas que tenderiam a entrar em conflito quando Ísis atuava em outros papéis, dentre eles o de esposa.

Ao tomar como parceiro o senhor Antônio, Ísis constituiria uma família com 4 filhos. Passaria então a exercer novos papeis e disposições mais fortes: disposições maternas e familiares. Atuando agora também no lar, Ísis se dividiria com as atividades de trabalho que já exercia e as novas atuações nesse contexto especificamente. Todavia, os conflitos e tensões, sua necessidade de autonomia e liberdade, expressas por uma personalidade definida por ela como "explosiva", marcariam seu relacionamento, se constituindo, portanto, em um dos principais gatilhos para a entrada dela no universo das SPA´s.

Embora ela não tenha precisado o motivo, Ísis compartilhou que ser abandonada pelo marido a levaria a uma crise depressiva bastante forte. Foi no âmago dessa crise que, "influenciada por pessoas de sua própria rede", iniciaria o uso de SPA´s para superar as frustrações de encarar mais uma vez uma ruptura no lar.

> Foi devido à depressão que eu tive por causa do meu esposo ... eu o amava demais, mas eu fui como aquele versículo diz: [...] a mulher sábia santifica a sua casa e a tola destrói. E eu fui a tola, porque eu tinha um bom marido. Porque sempre minha avó [...] dizia: um bom filho é um bom marido; é um bom pai, é um bom filho; é um bom amigo, é um bom irmão. [...] Ele era isso. Ele era tudo isso e eu super... uma mulher ignorante. [...] Às vezes ele chegava cansado do trabalho, e eu não ligava. (...) Eu era muito ignorante. Então chegou o limite dele e eu... pensei que quando ele saiu de casa [...] ele iria voltar, mas só que ele não voltou. [...] Aí comecei a me entristecer, a me isolar, ficar em casa. Ah, aí eu conheci essa droga, o crack, através de uma colega minha. [...] Naquele momento eu esqueci até uma noção do tempo... e dos meus filhos... de buscar na escola e depois fui [...] esquecendo, esquecendo... Aí foi quando foi chegando ao grau de não fazer em casa, de vê a diferença nos meus filhos... aí os meus filhos foram crescendo e aí foi quando eu abandonei a casa!

Embora envolvida com as substâncias psicoativas, Ísis ansiava preservar a percepção de uma figura respeitável diante de seus entes queridos e do trabalho. Ela sabia que, ao adentrar cada vez mais pelas ruas da cidade, a dependência das drogas poderia levá-la a um caminho desviante, caminho esse no qual os sinais de sua dependência não seriam mais disfarçados.

Demitida de seu trabalho devido a sucessivas faltas, atrasos e queda no desempenho, características bastante distintas das disposições que as ostentava no trabalho – como disposição para pontualidade; disposição para organização; disposições extrovertidas; disposições para liderança; entre outras - preferiria as ruas aos conflitos familiares. Ísis, portanto, se refugiaria nesse ambiente aonde se permitiria vivenciar uma deterioração progressiva de sua imagem e papéis sociais até então adquiridos. No entanto, ela buscava

evitar apresentar-se dessa forma aos seus familiares, nutrindo o desejo de manter uma representação positiva de si mesma diante deles. A família e como era percebida desempenhavam um papel significativo em sua vida, mesmo enquanto enfrentava a dependência.

De longe observava os filhos; buscava fugir de seu alcance, de sua zona de percepção. Cada vez mais que adentrava na dependência também sentia aumentar a culpa de não exercer seu papel como mãe e de ter arruinado sua vida familiar. Como ela mesma se descreve em várias passagens das entrevistas: "eu virei uma morta viva". Consequentemente, o conjunto dessas experiências leviaria à ativação de sua disposição suicida. Ísis se joga na frente de um automóvel, escapando com vida.

Todavia, mesmo sobrevivendo, esse quadro tenderia a ficar ainda mais agravado com o envolvimento de um de seus filhos com o consumo e o tráfico de drogas. Com o assassinato de seu filho na praça a qual sempre brincara durante toda a sua infância, o quadro depressivo e de dependência de Ísis foi ao extremo, acionando assim, mais uma vez, essa sua disposição mais destrutiva.

5.5 INGRESSO E PERMANÊNCIA NA CTI: "UMA CASA PARA LOUCOS"

Após todos esses episódios que marcariam as experiências de desvio de nossa participante, a mesma ainda nutriria sentimentos por reconstituir suas sociabilidades perdidas: família, amigos, ter um lar. Movida por essa esperança, ela aceitaria o convite para participar de uma CTI no Estado da Paraíba. Todavia, com o fechamento dessa, e tendo que interromper seu acolhimento, Ísis se vê novamente em sua antiga realidade. Como consequência, alguns meses depois ela adentraria, e de forma ainda mais danosa, na dependência de diversas SPA´s.

Mais uma vez convidada pelo seu irmão caminhoneiro, Ísis parte agora para uma nova CTI, dessa vez no próprio Estado de Pernambuco. Agora ela tinha outra e mais forte motivação: ela tinha um segundo filho que também cumpria tempo de detenção.

Ísis agora se permitiu ficar mais determinada. Sabia que não poderia perder essa oportunidade. Ela dizia: "eu tenho que mudar"!

Ao chegar na comunidade logo seria impactada com perfil de algumas das integrantes da nova e última CTI que frequentaria. As formas de falar, de se vestir e o ar fechado da instituição – semelhantes aos moldes do que Goffman (1972) chamou de Instituição Total – a faria declarar ser aquele "um lugar para loucos", associando-o à típica figura do manicômio.

Todavia, após tanta relutância, encontrar na condição de acolhida uma ex-parceira de uso de SPA´s a fez reconsiderar sua posição de tanta resistência.

> Aí eu olhei (...) e encontrei uma menina que foi de lá... era minha parceira de droga. Ela dizia: Ísis... coroa [...] . Eu digo: é o que menina? que mudança! É tu Nena!... Como você tá linda, tá bonita... Aí eu disse (perguntei): aqui é Bom? Aí ela disse: é Ísis! Eu disse: claro que é porque você tá mudada. Eu vou ficar!

Começaria aqui o"o desenvolvimento de uma carreira moral" naquele contexto institucional (GOFFMAN, 1972). Seu estojo identitário, manifesto na incidência de suas diversas disposições – muitas delas conflitantes e contraditórias -, tenderia a dialogar com um universo marcado por normas, regras e interações.

O processo de mortificação do eu (GOFFMAN, 1972) envolve todo um conjunto identitário e suas disposições envolvidas, o que resultaria em uma dinâmica de disputa entre o indivíduo e o ambiente, resultando em uma posição do sujeito no contexto das relações e na hierarquia institucional.

> Quase todo dia eu era chamada (pela coordenação da CTI) porque eu debatia com as monitoras, porque eu não queria levar repreensão. Eu não aceitava. Aí foi quando mãe Zana (a coordenadora do curso) me chamava diante a todas ali...e eu rebatia. Mas chegou um tempo... um dia que eu parei e disse: [...] toda vez eu vou estar aqui levando repreensão? Se eu estou levando repreensão é porque eu estou fazendo errado. Eu vou passar agora a não errar (...) porque todos os dias eu estou sendo chamado na berlinda. (...) Aí eu fui eu mesmo fui trabalhando comigo (...) porque eu acho que todas nós aqui tem essa capacidade, sabe? Aí eu fui dizer não, não vou estar sendo chamada toda hora. [...] Depois [...] foi diminuindo. [...] Quando ela vem me chamar ai eu digo: - Eita irmã Zana...me perdoe! aconteceu mas não vai acontecer mais. E realmente, quando eu digo isso eu já não faço mais aquilo, porque eu sei que eu vou ser chamada, porque a gente tem que se orientar [...] A gente veio para cá [...] para mudar e para aprender esse dom para casa.

Relevante que nesse processo de adaptação ao contexto da CTI, a nossa participante deixa transparecer algumas das suas disposições mais expressivas bem como essas se reorganizam em seu estojo disposicional à medida que ela progride e se desenvolve nesse novo contexto.

Mais uma vez nossa participante, em situação de conflito e ameaça, deixaria transparecer sua disposição ao debate e à resistência, uma vez que não aceitara a repreensão de suas monitoras. Essa disposição sinaliza, mais uma vez, uma disposição persistente na constituição de nossa participante: a de não aceitar autoridade, bem como sua necessidade de se expressar e questionar processos. De certa forma, com o passar do tempo, tais disposições foram sendo inibidas à medida que outras eram ativadas. Disposições à autocrítica e

autotransformação [evidentes quando essa reconhece por si só que estava cometendo erros e que precisava fazer mudanças], por exemplo, tendiam a diminuir a dimensão de uma maior resistência às impressões alheia. Todavia, outra disposição presente na trajetória de nossa personagem poderia também ser evidenciada no momento de seu ingresso na CTI: sua disposição adaptativa. A partir do acionamento dessa disposição, Ísis compreende que não apensas seria possível desenvolver uma carreira institucional com menos conflitos, como também que sua abertura para aprender novas formas de se sociabilizar, com os diversos sujeitos distribuídos na hierarquia da CTI, poderia lhe reposicionar na teia das relações e do poder que ali operavam.

Na obra intitulada "A Representação do Eu na Vida Cotidiana" (Goffman, 1996, p. 25), é enfatizado que quando um indivíduo desempenha um papel, ele solicita aos observadores que levem a sério a impressão que está sendo sustentada. Isso revela que o processo de construção e manutenção das identidades é fundamentalmente relacional. Cada grupo reconhece-se considerando mutuamente a validação dos demais envolvidos na dramaturgia. Além disso, é por meio dessa interação entre os participantes obtêm as informações necessárias para a ação social. Dentro dessa perspectiva, destaca-se a dinâmica da "mortificação do eu" como uma das principais características dos objetivos inerentes às instituições totais.

Portanto, logo envolvida na dinâmica da comunidade, Ísis compreende um elemento essencial para o progresso de uma carreira moral: a obediência. Conforme ela mesma dizia: “a chave daqui é a obediência (...) o segredo é você focar no seu tratamento”. Pouco a pouco, suas disposições para concentração, foco, organização e liderança foram reativadas, fornecendo-lhe novas formas de ação e de progressão naquele meio.

Goffman (1972) chama de “andar na linha” o comportamento de um interno de uma instituição total em consonância às regras institucionais. Em nossa pesquisa desenvolvida em uma CTI feminina (SANTOS, 2015) verificamos que interagir com o conjunto de regras, dar provas que interiorizou os novos padrões de comportamento, assumir positivamente toda uma readequação identitária tida como ideal para os padrões institucionais tendem a proporcionar para os acolhidos não apenas a sua inclusão nesse meio socializador como permite que o mesmo progrida em sua “carreira institucional” (GOFFMAM, 1972). Como consequência, tal indivíduo inserido e participante dessa dinâmica pode ter acesso a todo um conjunto de privilégios e dinâmicas que venham suavizar e/ou mesmo ressignificar suas novas experiências concebidas.

> Quando passou a me dar a chave da casa [...] eu subi um degrau. Eu me achei. Eu me achei a maior. Eu me achei. Melhor do que elas. Eu passei um degrau, fui logo lá pra cima. Eu falava com autoridade. Dizia: Não é assim! tem que ser assim! Mas não pode ser assim. Porque do jeito que eu vim do mundo machucada, elas também vêm. E no começo é difícil a gente entender, e principalmente para uma pessoa que passa a gostar desse jeito, querer ser melhor ou maior ne? Ai a irmã Zana dizia: não é assim! Você tem que [...] se pôr no lugar do outro. Você tem que amar o próximo, você tem que amar você e o próximo e a Deus. E ela foi sempre explicando e sempre dizendo: se põe no lugar do outro. Então isso eu fui vendo e fui aprendendo me pôr no lugar do outro. (...) Aí foi quando eu comecei a botar as coisas no lugar, mostrar que eu não sou melhor do que ninguém, mostrar que eu sou uma pessoa humilde, ser humilde de coração, amar o próximo, ajudar o próximo e me pôr no lugar do outro. Foi quando eu comecei a ver tudo isso. Eu agi dessa forma porque quando eu comecei a trabalhar eu tomava conta de mais de 30 mulheres [...] Então fiquei como gerente. [...] Lá a gente tem que ter uma postura para que as pessoas trabalhem, né? Para que respeite. Então eu tomei aquilo de um jeito que eu quis fazer aqui. Mas aqui é diferente! lá a gente é paga para ficar daquele jeito. A gente não ter amor ao próximo não. Ali é trabalho! A gente tem que mostrar serviço para o patrão que recebe ordem e aqui não. Aqui é diferente. Aqui a gente tem que ser humilde porque são pessoas ferida, são pessoas que vêm para cá se tratar. Então a gente tem que ter humildade, a gente tem que ter amor, a gente tem que ser [...] se [...] possível pior do que elas e não melhor do que elas. A gente tem que ser miserável, porque aí foi quando eu passei a dizer eu sou, eu sou pior do que vocês. Entendeu?

Agora, correspondendo às expectativas institucionais manifestas pelas ações de seus principais agentes, as disposições que impulsionavam Ísis para a busca por superioridade e reconhecimento são correspondidas. Receber a chave da CTI [que lhe dava autonomia em gerenciar diversos dos processos que ocorriam na área do dormitório] lhe conferia um status de superioridade, quadro esse que ditaria as novas formas de interação e de experiências na CTI. Autoritária, imponente, o que se observa é que Ísis buscou transpor modelos de ações e interações característicos de outros campos [no caso de suas antigas experiências no campo do trabalho] para a sua experiência de liderança na CTI. Todavia, os conflitos e embates gerados, bem como as novas experiências de orientação prestadas por membros da coordenação da CTI fez que sua disposição ao autoritarismo e ao reconhecimento próprio se atenuassem frente à força que demandava a (re)ativação de suas disposições à submissão. Como consequência, esse quadro tenderia a favorecer a preservação de uma autoimagem positiva dentro daquilo que considerara favorável para sua progressão na CTI: a obediência.

A influência da figura da coordenadora Zana tenderia a conduzi-la para o desenvolvimento de posturas altruístas, de compreensão das diferenças, humildade, entre outras; essas bastante característica nos princípios da fé cristã. Pouco a pouco, Ísis vai se relacionando e se familiarizando com diversos código e condutas, esses que marcariam cada vez mais sua experiência identitária, inclusive aqueles que compunham os alicerces de sua própria fé.

Dois meses se passaram e aquele antes considerado um “lugar para loucos” assumiria novas representações para nossa participante. Dentre as mudanças que teve a oportunidade de realizar, uma das mais profundas e de maior impacto em suas experiências na CTI foi a conversão *religiosa*.

5.6 A CONVERSÃO: UM CAMINHO PARA A RECONSTITUIÇÃO DAS SOCIABILIDADES PERDIDAS

O tempo passou e juntamente com as demais acolhidas da CTI Ísis fazia seu percurso próprio de desenvolvimento. Nesse processo, como consequência, diversas disposições seriam ativadas, marcando assim as várias formas de nossa personagem interagir com dinâmicas e estruturas. Como consequência, esse processo tenderia a marcar o poder e a dominação da instituição sobre ela - pelo menos até certa medida - bem como dos diversos agentes lá atuantes (quer fossem da liderança, que fossem como internos).

Ísis, agora, embora estivesse ainda na condição de acolhida, já desenvolvia diversas atividades de liderança no contexto da CTI. Conquistara com isso a confiança da equipe da coordenação, exercendo poder sobre as demais internas; poder esse o qual ela também não poderia escapar.

Ao longo deste percurso, é possível notar que, apesar de possuir disposições para a autonomia e liberdade, uma das formas de se ter maiores possibilidades em um contexto que visa impelir ações de controle e dominação sobre seus membros é a submissão às normas e cultura institucional. Assim como aprendera na casa da avó, em um primeiro momento seria, portanto, “obedecendo” – ainda que não concordasse com as normas, dinâmicas ou mesmo a presença dos ritos e atores religiosos naquele ambiente - que Ísis garantiria maiores acessos a uma dinâmica de privilégios e ações no contexto daquela instituição que se propunha como total (GOFFMAN, 1972).

De certo modo, a conversão religiosa vivenciada por Ísis também impulsionaria esse processo no contexto da CTI, à medida que a possibilitaria ter uma maior interação e instrumentalização dos símbolos, da indumentária, das formas de falar e de agir, todos esses tidos como ideais a partir daquela cultura religiosa.

Nos limites dessa pesquisa, compreendemos o conceito de “conversão” semelhante àquilo que Foucault (2006) classificou como Metánoia: um evento que provoca um

transtorno no indivíduo seguido por uma transformação em diversas de suas estruturas e ações. Uma ruptura pessoal, caracterizada pela negação, renúncia e autonegação, resultando no renascimento de uma nova identidade sócio-religiosa. De certa forma, esse passo seria dado por nossa participante já nos primeiros meses de sua trajetória institucional enquanto acolhida, seguida de uma participação intensa dos ritos e de vivências que tenderiam a ativar e alimentar progressivamente suas disposições religiosas.

> Assim que eu cheguei aqui, com dois meses, eu disse [...] eu vou aceitar Jesus e vou me batizar sim. E me batizei! Desde que eu me converti que eu disse: Eu não saio mais da igreja... e eu quero ser da Batista! [...] Agora, todo dia tem uma Palavra, todos os dias a irmã Zana, sempre ela dá um estudo. Perto das dez horas, dez e meia...Lá vem [...] o estudo da Bíblia e posso sempre estar ali com o Senhor.

Agora, participar intensamente dos ritos e práticas da nova religião assumida – aquilo que Glock (1962) chama de "dimensão ritualística" - forneceria recursos para as formas de ação e interação no contexto da CTI. Ísis passaria então a conceber, progressivamente, ações que nutrissem sua nova identidade e legitimação da sua distinta condição assumida na CTI.

Assim como apontado por Allport & Ross (1967, apud Lotufo Neto et al, 2009), progressivamente Ísis desenvolveria uma característica intrínseca da religião, uma vez que essa passaria a ter um significado mais intenso. Como resultado, todo esse processo tenderia a se constituir em um dos principais elementos de sua ação naquele contexto social. Ísis aprenderia mais sobre os conteúdos de sua nova fé nas reuniões religiosas que participava. Isso a ajudaria a entender melhor a religião, bem como todo um conjunto de símbolos e signos que regiam sua fé ou CTI; dessa forma, buscaria viver conforme a maioria dos agentes religiosos da CTI, demonstrando assim significante assimilação e identificação com os aspectos doutrinários mais proeminentes lá professados. Para ela, a vivência religiosa tenderia a ganhar significante grau de importância, essa adquirindo para ela força e valor tanto no contexto interno quanto em contextos externos à CTI. Todas essas características de vivência da fé tenderiam a revelar, conforme apontam Allen & Spilka (1967, apud Lotufo Neto et al, 2009), a forma da estruturação da crença religiosa concebida singularmente por essa participante.

Agora Batizada, seria reconhecida cada vez mais através de sua nova identidade cristã (dentro e fora da CTI), o que lhe permitiria atuações mais distintas além da reativação de disposições antes inibidas devido ao seu quadro depressivo e de dependência das SPA´s -

como, por exemplo, suas disposições para comunicação e de construção de uma autoimagem positiva perante outros sujeitos, entre outras -.

> Me chamaram pro palco. [...] O palco era uma coisa mais linda... uma multidão de gente que não foi somente [...] daqui.. [...]. De repente comecei a suar... eu não tremi e comecei a falar. Comecei falar do meu testemunho. Comecei falando da vida, das meninas aqui, como é o processo daqui da CTI [...]. Preguei! Que até filmaram o que eu disse... e até hoje mesmo se me der um microfone eu falo de mim, falo de Deus, o que Ele fez na minha vida.

O forte envolvimento com esse "novo" campo religioso e seus diversos atores desenvolveria em Ísis uma forte disposição para crer. Progressivamente a vivência nesse novo universo marcado pela cosmovisão cristã e por práticas e concepções místicas tendiam a promover certa naturalização de sua nova fé nas mais distintas expressões e ações de nossa participante.

Interessante que embora nossa participante tivesse passado no contexto da CTI por um processo de conversão, é notório que o progresso rápido nos diversos estágios de desenvolvimento da sua fé se deu também impulsionado pelo seu conhecimento prévio dos elementos e dinâmicas religiosas. Compreender tais mecanismos e ter vivido anteriormente [ainda que sem a identificação e a intensidade sentida no momento presente] lhe possibilitou a instrumentalização de um repertório que lhe favoreceria uma atuação bastante próxima daquilo considerado típico ideal para a vivência da fé cristã (ALLEN; SPILKA, 1967). Tal vivência tenderia, portanto, não somente a promover mudanças em seus gestos, gostos, formas de falar e de se expressar, como também tenderiam a redefinir algumas das estruturas que marcaram a forma como ela interpretava sua própria trajetória de vida.

Berger (1985) define a conversão como um ato no qual o passado é "dramaticamente transformado", levando o indivíduo a reinterpretar radicalmente os fatos, enxergando seu passado como um estado de falsa consciência e aprisionamento."

Para Ísis, uma vez tendo suas disposições para crer ativadas, seu passado passaria a ser ressignificando. Sua vida considerada "errante" passaria, portanto, a ser interpretado como o resultado de uma "batalha espiritual" em que a ação do Diabo intentaria lhe desviar da vontade divina ou de suas promessas. Com isso, o mundo anterior, caótico e impuro, seria explicado à medida que imergia progressivamente naquela nova cosmovisão (SCHUMAKER, 1992).

> O inimigo insiste porque está perdendo. Porque (...)Ele sabe o quanto ele fez comigo, que ele fez eu perder coisas preciosas e eu não enxergar. Mas aí eu ainda vou servir. [...] Por isso que eu me entreguei verdadeiramente ao Senhor e disse: [...] eu não saio mais da presença d´Ele (de Deus)!

Nessa percepção, para Ísis, cada vez mais se consolidariam concepções dicotômicas do mundo. Como resultado, Ísis adquiriria uma visão dos espaços e sujeitos como "santos e pecadores", lugares "sagrados e/ou profanos"; entre outros. Compreenderia, portanto, o campo social e das interações como um palco em que forças malévolas tendiam a ameaçar, constantemente, sua integridade moral (SCHUMAKER, 1992, apud Lotufo Neto et al, 2009).

Sua disposição para louvar também foi um fator que contribuiu significantemente para a sua confiança e esperança em um futuro melhor, bem como para a eclosão de novas representações sobre a sua vida anterior ao processo de conversão.

> Tem uma música que eu gosto muito. O nome dela é sobrevivi. Porque como fala [...] eu também só vivia noites e noites chorando; e era verdade! Vivia pedindo socorro ao Senhor. E quando meu filho morreu, eu mesmo usando drogas... então foi noites horrível. E essa música é para hoje em dia. O que eu sou... Eu me identifico muito com ela porque eu diminuí e cresci... eu desapareci e apareci. Porque desaparecia ... era naquele tempo que eu vivia nas drogas... Porque eu vivia na escuridão... Então, diante dos olhos do povo, eu não valia nada. É hoje que eu valho. Eu sei que eu valho... Eu valho para Deus. Eu valho para Deus.
>
> E tem outra que também música: é a do deserto. [...] É como se eu estivesse assim [...] na hora. Como estou passando num deserto agora; longe de todos. Eu tive que vir para o deserto (se referindo à CTI) para poder dar valor a minha vida. Para saber quantas pessoas me amam. E eu passei por decepções assim. Não, não, não... estava cega [...] não estava a perceber. Tive que vir! então deixei filhos, [...] Neto. Deixei família lá; e ainda passo porque estou longe. Sou ser humana. Sinto saudade, sinto vontade muito grande de vê-los; mas isso é opinião minha de eu dizer que não quero ir; de voltar para lá. Então a escolha é minha. Eu fiz uma escolha porque era para o meu bem, porque eu sei o que é bom e eu sei o que é ruim. Então hoje eu só quero o bom para mim.

Através dessa música, Ísis traduz sua vida antes da conversão como "noites horríveis". Agora com sua conversão, ela passaria por uma quebra de suas estruturas de ação, o que lhe proporcionaria novas formas de desenvolvimento e interações. Diminuir, na perspectiva cristã, possui muitas vezes uma conotação de uma vida humilde, desvestida de orgulho ou vaidade. Desenvolver características típicas das disposições para humildade, revelaria assim uma tendência da religião em oferecer uma orientação moral que tende a suprimir diversas práticas e estilos de vida anteriormente concebidos (SCHUMAKER, 1992). Também ela reconhece que apesar da confiança que adquiriu com a nova fé, sentimentos como saudades e tristeza ainda figurariam em sua mente, revelando assim o quanto a família ocupava certa centralidade em sua existência.

Foi bastante forte perceber como suas disposições religiosas tenderam a ativar outras, corroborando para uma maior e melhor participação de Ísis na dinâmica da vida familiar.

> Com o meu pai e a minha família [...] vai ser difícil ter a confiança. Mas aos poucos que eu vou conquistando. (...) Eu entendo (...) que eu machuquei muito... fiz muitas coisas que não agradaram a eles e entendo eles...Tanto que quando eu pedi uma peça [dentária] para meu pai (...) o inimigo, ele quis deixar eu um pouco triste, mas ele não me deixou de jeito nenhum porque meu pai disse meio assim: Tá certo! Depois [...] ele telefonou para a mãe Zana e disse: posso confiar? Quando mãe Zana disse que sim, eu enchi os olhos de lágrimas. Mas o inimigo, ele queria que eu telefonasse para meu pai dissesse assim: não precisa! Não, não! Deixe, não mande não! Dói, mas foi essas coisas que eu fiz com ele também. E ele tem pura razão de não confiar. [...] Eu sei que vai demorar para ele chegar até a confiança total em mim, mas quem vai fazer isso? Quem vai mostrar? Sou eu! Aos poucos eu vou mostrar a ele que eu estou mudada. Então aquilo eu telefonei outro dia. Está certo, pai! Tá, pai! Bença, pai! Tá certo, eu espero. Tá certo. Mas o inimigo botou logo na minha cabeça (...): - Fala para ele que não quer mais. De jeito nenhum! Então é aí que eu quero conversar com eles, dizer a eles tudo porque eu quero ter confiança da minha família de volta. Tudo, tudo que eu conheci da minha família. No começo, antes de eu usar essa droga, eu quero conquistar tudo de bom, nem que seja devagarinho, nem que seja o tempo inteiro. Mas eu vou. Mas para isso eu tenho que permanecer na rocha. E eu quero mesmo que eles confiem, [...] e vou continuar a ser com eles o que Deus está me fazendo ser.

O que se percebe é que uma vez sendo ativada suas disposições religiosas, um conjunto de outras disposições da vida de Ísis tenderam a serem despertadas à medida que, munida de uma nova cosmovisão, ela lidava com antigos conflitos e traumas.

Ísis compreende que a boa atuação na CTI, essa legitimada por sua conversão religiosa, tenderia a elevar a confiança e uma maior aprovação de personagens que ocuparam lugares distintos em sua trajetória: desde os filhos até mesmo o próprio pai.

Quanto a relação com esse último, percebe-se que a tentativa de Ísis de aproximação - impulsionada pela nova identificação religiosa - lhe traria, em diversos momentos, um choque disposicional: de um lado disposições para a reconciliação [uma vez que expressava o desejo de reaver a confiança de sua família e de reconquistar certa harmonia nas vivências e experiências com eles]; e, de outro, disposições para o isolamento e resistência [uma vez que ela, mesmo buscando a reconciliação, faria uma ligação para seu pai intentando não aceitar sua ajuda].

Todavia, as experiências na CTI, bem como a nova cosmovisão abraçada, fariam com que uma disposição para o reconhecimento dos próprios erros figurasse no leque das ações de Ísis. Essa disposição conseguiria anular aquela voltada para o isolamento, permitindo que Ísis compreendesse o seu protagonismo nos conflitos e tensões vivenciados com a sua figura paterna. Com isso ela assume o papel de expor sua transformação. Disposições para paciência, para tolerância, essas também figurariam nessa dinâmica, uma vez que entende que a construção de uma relação de confiança deveria ser tomada como algo processual, sendo assim necessário que diversos canais demonstrassem e legitimassem essa nova condição. A

ligação do pai para a coordenadora da CTI e a resposta afirmativa dessa quanto a sua transformação seria um quadro que revelaria um caminho possível para a construção de uma nova constituição identitária: uma vez que obter um progresso no âmbito da CTI poderia diminuir os abismos e desconfianças possivelmente existentes entre os sujeitos dentro e fora do âmbito institucional.

Portanto, atuar tomando os principais fundamentos da cosmovisão cristã seria algo que traria para Ísis a legitimação necessária não apenas para se ganhar reconhecimento e privilégios no reestabelecimento dos laços com sua família, como também a permitiria fomentar ganhos futuros para o memento que finalmente saísse da condição de acolhida e buscasse recompor suas sociabilidades perdidas em campos agora cada vez mais amplos.

5.6 A HORA DA SAÍDA? SURGE "DONA DOCEIRA"

A hora da saída, ou seja, da finalização do ciclo de acolhimento, é normalmente um momento bastante sensível para muitas mulheres que se submetem a esse processo. Em nossa pesquisa realizada também em uma CTI feminina (SANTOS, 2015), esse momento é muitas vezes seguido de consideráveis e controversos sentimentos, dúvidas e incertezas, provocando certa insegurança quanto ao futuro e à ruptura biográfica que mais uma vez se aproxima.

Ísis sabia disso! Percebia que o seu tempo na CTI estava chegando ao fim. Suas disposições adaptativas muito contribuiriam para a sua compreensão e, consequente, participação engajada com a proposta da CTI.

Progredir na dinâmica do poder, nas relações; exercer liderança sobre as outras internas; perceber sua imagem ser cada vez mais admirada à medida que transmitia zelo e disciplina nas tarefas que recebia; todas essas questões tenderam a reforçar uma disposição bastante característica de nossa participante e que, aparentemente, não havia cessado após sua vivência em vários processos de socialização e sociabilidade: sua disposição de posse.

Para Ísis, agora era difícil passar as "chaves da casa da CTI" para outra acolhida para, enfim, favorecer que mais um ciclo se iniciasse. Para ela, aquele era o seu território. Era o lugar aonde ela podia ser aquela mãe que não fora para os filhos: aconselhando e disciplinando outras acolhidas; a filha que não foi para seu pai: recebendo elogios da coordenação a cada progresso conquistado; recebendo recompensas e privilégios; entre

outros; era um lugar que ela tinha reforçada sua disposição à autonomia mesmo estando sujeita a um conjunto de normas e regras disciplinares.

Dessa forma, tendo em vista a possibilidade de perder essa "estabilidade" que lhe garantia certo conforto em sua forma de atuar, esse cenário transitório tenderia a se tornar um gatilho para que outras características antes ocultas voltassem à cena: dentre elas sua disposição para contestar, seguida de seu forte temperamento explosivo.

> Fui me interessando a ficar aqui... a gostar de ficar aqui... a tomar conta da casa [...] até que (...) eu cheguei no maior pranto lá na mãe Zana e eu disse: Mãe, tô com ciúme da minha casa (dormitório); ela dizia: oh amada... deixa de ser besta... Ai eu dizia: mas ela (a substituta) não tá fazendo como eu aprendi? Tem que fazer do jeito que a senhora fala, está tudo diferente! Comecei, comecei a chorar, a me desesperar. Eu disse: olha, não quero saber de casa. (...) quer saber... (...) ela que não conte comigo. (...) Eu não fiquei sozinha na casa, eu não fiz isso, fiz aquilo? Ai a irmã Zana disse: Calma, Ísis. Eu disse: Agora não me pergunte mais nada não. Ela vai ver ter que assumir porque ela assumiu... assumir tudo... agora é com ela. Mas a irmã Zana dizia: mas ela precisa da sua ajuda... Eu dizia: Não, não, eu não quero saber. Quando eu voltei, disse eu com raiva dela - da menina tomando meu espaço -; Eu disse: aquela menina... tomando meu espaço, mexe nas minhas coisas. Eu não gosto, não gosto!

Interessante que após essa demonstração intensa de apego com o setor e atribuições as quais lhe foram confiados, em choro Ísis demonstrou profundo arrependimento com sua ação. De certo modo, ela recordou que episódios de rebeldia – como aquele diferido contra as decisões da coordenadora - lhe trariam memórias de diversos conflitos evidenciados com o seu pai. Era possível notar certa transferência nas formas de ação cujas consequências ela já não suportava.

Ísis reconhecia que ainda existiam diversas estruturas internas e externas que precisavam ser modificadas. Ela sabia que muita coisa estava em jogo e que uma descrença quanto à sua condição de transformação ou mesmo um episódio de recaída poderia fazer ruir muitas das estruturas identitárias e de reconhecimento forjadas, até então, com muito esforço.

Dessa forma, tendo acionada sua disposição para autonomia, ela mesma procura a coordenadora da CTI e lhe faz uma proposta:

> Ai eu falei mãe Zana: já tem nove meses, eu não quero embora. Senhora me aceita aqui? Ai ela disse: sim! Então vou passar mais dois anos aqui. Só que Deus falou comigo. Quando Deus disse filha Tu agora vai, mas vai ser no meu tempo. [...] O tempo que eu mandar tu vais, porque tu vai estar preparada. Enquanto isso, fica por aqui filha que o que tu pede a mim eu vou te dar; mas no meu tempo! É o que eu peço a Deus é morar com meu filho. E nessa semana, eu fui a uma igreja, ai uma irmã falou (profetizando): filha, aquilo que tu pede a mim, eu estou preparando ele para que chegue até aí. [...] Ai fui falar com a irmã Zana e ai ela disse: Deus está preparando ele (o filho que está na prisão), Deus está cuidando dele... está preparando. Aí Deus vai tirar ele (da prisão) no tempo d´Ele e você no seu tempo para que os dois esteja no tempo do Senhor.

Em outro momento, Ísis narra o mesmo episódio da seguinte forma:

> Quando eu completei nove meses, eu até cheguei para (...) mãe Zana: a senhora não vai me mandar embora agora, não é? Ela disse: Por quê? Eu disse: porque eu acho que eu ainda não estou pronta imediatamente pra enfrentar o mundo. Eu prefiro, eu preciso ficar mais um pouco. Que é nesse pouco que Deus vai falar; (...) vai me dar força e eu vou aprender mais. E foi assim mesmo! Por isso que esse pouco me fez pensar: o que é que tu queres? [...] tu lembra isso, isso, isso? É como disse: meu Deus! Passou tudo assim na minha mente. Então foi coisas [...] foi passando [...] foi doendo... doendo.. eu disse: Não é nada disso que eu quero. Eu vou sofrer de novo? Eu não nasci para sofrer! [...] Eu disse: Ísis, tu tem que tomar vergonha na cara. Aí foi quando eu tomei uma atitude e tô bem madura. [...] Eu sei o que eu quero e sei o que é que eu vou fazer. A minha vida vai ser vigiada por Deus e pela minha família que eu pedi. [...] Tudo o que eu fizer, eu quero que eles saibam, eu quero que eles me aconselhem. Se eu disser assim: meu filho, mainha vai fazer assim... e ele disser: olhe, faça não mainha... Então eu estou aqui para obedecer, porque eu vim para cá para aprender também. Eu não vim para cá para passar tempo. Se fosse para passar tempo, não escutava, nem obedecia; não fazia nada. Mas se eu vim para cá mudar então eu tenho que obedecer.

O que se percebe em ambas as narrativas, em um primeiro momento, é como a discurso religioso impera para justificar a decisão de permanência na CTI. Demonstrado como fruto de uma disposição para crer e sendo reconhecida como uma cristã evangélica, Ísis certamente compreendeu, ao longo de seu tempo de acolhimento, ser essa uma das chaves para mobilizar ações por parte dos vários atores religiosos que exercem poder naquele centro. Ela se mostra receptiva às mensagens que considerara divinas [uma vez que suas disposições para crer estavam bastante ligadas à disposição para experiências místicas[81]] e demonstrará que a proposta de permanecer na CTI não era fruto de sua decisão, mas sim essa seria um atendimento à vontade de Deus e um meio de alcançar suas promessas. Nas narrativas também são evidenciadas algumas das expectativas e impressões sobre o passado de nossa participante ou mesmo suas expectativas para o futuro. Quanto à primeira, ela recorre às suas experiências e traumas vividos no passado como fonte de orientação e aprendizado para a concepção de novas trajetórias. Já quanto à segunda, o desejo de estar com a família, de se reencontrar com o filho presidiário - e com ele morar junto - também se constituiriam como elementos motivadores para a decisão de nossa participante em permanecer no ambiente da CTI, agora atuando como voluntária.

Para o convencimento da coordenadora da CTI, Ísis também recorre ao reconhecimento da própria maturidade e sua necessidade de aprendizado, demonstrando assim ter consciência do seu amadurecimento pessoal ser ainda limitado. Relevante observar que

---

81 Características essas bastante presente em seus discursos. Embora se identificasse como Batista, tal experiência mística não figura como um dos traços das religiões tidas como histórias e tradicionais, o que revela a presença de um certo complexo de uma construção e de vivências religiosas múltiplas; essas que figurariam na forma de Ísis viver a própria espiritualidade.

disposições para reconhecer as próprias limitações e a disposição para a obediência são dois elementos, a partir desse momento, bastante perceptíveis nos relatos de nossa protagonista. Disposições essas que tendem a refletir todo um processo socializador no contexto da CTI e como essa incorporou esses momentos e os instrumentalizou em paralelo com sua cosmovisão cristã [embora também seja perceptível que em diversos momentos de tensões, tais disposições podem ser abrandadas ou até mesmo inibidas temporariamente].

Somados todos esses conflitos, tensões, lutas e incertezas, Ísis sugere, em seus termos, ingressar em um tipo de trabalho que lhe traria uma renda; renda essa capaz de bancar sua estadia na CTI, bem como pequenas necessidades próprias. Surgiria assim "Dona Doceira"!

> Eu fui vender cocada. [...] Eu que determinei o meu horário de chegar. Eu disse mãe Zana: eu vou vender cocada [...]. Se der 3 horas ou 4 horas da tarde e eu não conseguir vender, eu vou me embora. É esse é o horário que eu chego [...] eu não quero ficar a noite na rua, porque minhas coisas [se envolver com SPA´s] tudo era à noite. E o que é que eu vou fazer à noite na rua a não ser estar na igreja. Evangélica voltar 22h00 da noite? Eu vou fazer o quê? Estou dando lugar ao inimigo por que ele está trabalhando na minha vida e eu não quero isso. Então quanto mais cedo na minha casa, ou na igreja, melhor para mim.

Além de propor sua permanência na CTI, é evidente que sua disposição para liberdade, autonomia e planejamento figuraram como mecanismos que regeram suas ações seguintes. Ela não estaria disposta a se submeter se não fosse pelos termos que lhe garantissem autonomia em suas ações. Era preciso garantir certa flexibilidade na forma como ela ingressaria nessa nova fase de sua vida. Ísis, apesar do conjunto de experiências que acumulara – dentre elas a religiosa – ainda mantinha ativadas suas disposições para o planejamento e disposições para a administração de recursos escassos. Dessa forma, mais uma vez ela usaria sua pertença e identidade religiosa como recurso linguístico para legitimar os espaços e horários que deveria estar agora como egressa de uma CTI. É evidente que esse quadro denunciaria certa tendência de instrumentalizar a religião de forma manipuladora (ADORNO, 1950, apud LOTUFO NETO et al 2009) favorecendo assim a obtenção de vantagens sobre pessoas ou situações -. Deveria evitar as noites; deveria evitar as ruas; deveria estar na Igreja. Utilizando-se desse recurso, ela também evita se colocar em situação que lhe permitisse ser explorada em demasia. Era um discurso, portanto, que não apenas permitia a superação de suas cicatrizes do passado, como também, inserido entre agora seus "irmãos e irmãs na fé", lhe permitia acionar recursos que mobilizassem atores e situações de acordo com suas necessidades ou mesmo interesses. De certo modo, esse quadro tende a revelar a incidência de certa disposição para negociar ou mesmo manipular situações.

Ísis [Dona Doceira] buscaria alimentar suas disposições e identidade religiosa.

Agora, pelas ruas, Dona Doceira retornaria a um ambiente com o qual era bastante familiarizada desde a sua infância em suas diversas experiências de sociabilidades. Além de atuar com uma maior liberdade, dentre eles seu interesse de manter contato com sua família e dá para esses sinais de sua transformação, nesse trabalho seria reconhecida por muitos por sua constante alegria; espontaneidade; por pregar, orar e cantar em público, buscando assim dar testemunho da nova fé que abraçara.

> Eu acho que o pessoal acha que eu sou doida na rua porque sempre estou vendendo a cocada. [...] Até no ônibus eu digo: meu Jesus é muito bom! ai eu olho as mensagens que os meus filho manda ... ai eu digo: eita Jesus. obrigado... Sempre estou conversando com Deus. Aí a mulher olhou assim para mim e disse: Deus é bom demais, né? Ai eu digo: a todo tempo, todo o tempo Ele é bom... Ai a irmã disse assim: eu vi a senhora conversando... ai eu disse: ainda bem que a senhora entende né? que a senhora é evangélica, mas se não fosse uma pessoa que não entendesse (...) ia dizer que eu tava doida né? ai Ela começou a rir. Aí pronto. Eu sempre converso com Deus, sempre eu ando com Deus, sempre.

Suas disposições religiosas fazem com que no âmbito da sociedade mais ampla - âmbito esse em que incidiam diversas ameaças para a sua identidade e condição de abstinência [como facilidade de obtenção de SPA´s; contato e relação direto com indivíduos sob efeito de alguma SPA; acesso a recursos, como o dinheiro que adquiria a partir da venda dos doces, que poderiam ser usados para a aquisição de SPA´s] - surgem imbricadas com as diversas práticas as quais agora Dona Doceira exerce. Sua atuação religiosa também agiria como gatilho para que suas disposições para confiança surgissem e favorecessem a concepção de novas experiências em âmbitos e com atores muitas vezes contrários a sua nova condição.

> Eu conversava com o meu Pai (Deus) todos os dias. Eu digo: chega aqui perto de mim, vou conversar. Ele, o Senhor. Ele ouve oração [...] Eu digo, Senhor Jesus, é certo isso, pai? Talvez se o Senhor não puder me responder agora, mas eu sei que você vai ter um tempo de me responder. Eu espero! Aí eu converso como se estivesse conversando sozinha. (...) Não sabem com quem eu converso. A gente é confundido como louco. De repente (...) chega o irmão e me dá a resposta (de Deus) [...]. Assim tá indo minha vida com Deus. Vim até o Senhor para vender minhas cocadas e eu digo: Jesus toma a frente e me mostra a visão para onde eu tenho que ir, a direção que eu tenho que ir. Se eu não puder ir para aquela ponte, porque tem algo é o Senhor me diz, sabe?

O contato com o sagrado; a busca por revelação divina para as ações externas em campos em que se sente ameaçada; todo esse quadro tem se constituído como uma prática bastante frequente de Ísis, a Dona Doceira, na reconstituição de suas sociabilidades. Relevante observar que na “busca por respostas e caminhos” o contato com outros atores evangélicos

tende a reforçar ainda mais sua disposição religiosa e por experiências místicas e como essa age como mecanismo para as suas ações.

O contato com o sagrado tende a revelar certa "dimensão consequencial" (GLOCK, 1962, apud Lotufo Neto et al, 2009) na vivência espiritual de Ísis. Isso se revela de forma ainda mais evidente quando essa busca na religião as atitudes a serem tomadas quando submetida a situações ameaçadoras a sua nova identidade, conforme pode ser evidenciado a seguir:

> Um dia vendendo cocada um homem me abordou e disse: Oi! me dê uma cocada ai. Ele estava sentado. [...] vendi a cocada e [...] quando ele foi tirar o dinheiro, imediatamente me deu aquele impacto, aquela coisa de coração. Ele disse: eu trouxe o teu negócio; quando eu vi, era o que eu usava [o crack]. Eu disse: está repreendido em nome de Jesus. [...] Tá vendo como o inimigo é sutil? Já me mostrou muita coisa numa feira para ver [...] Eu desci pela ponte que tem na feira (...) aí o cara tava usando [...]; quando eu vi o inimigo (...) deu aquele impacto! Quando parei, eu com tanta cocada assim, aí o inimigo disse: vai lá menina... e eu tava com dinheiro! Vai lá, só uma e ninguém tá vendo não... É lá ninguém vai saber não. Tu sabe como fazer. Mesmo assim eu disse: sai daqui Satanás, vai pro inferno em nome do meu Pai Jesus, em nome de Jesus. Eu jamais vou envergonhar o Deus que eu estou servindo. Sai de perto de mim. Não quero sentir mais nada. Está repreendido! Jesus me capacita para passar por ali; passei que eu não senti mais nada! Olhei e assim tive aquele prazer e aquela vontade, porque algum tempo eu tive nojo e pena daquela pessoa que tava ali se acabando. Quando eu vendo uma alma se acabar e Ele está trabalhando na minha vida.

Vale salientar que as disposições para crer fornece para Dona Doceira uma estrutura para a representação de seu próprio passado, bem como dos usuários de SPA´s, ativando suas disposições para resistência ao uso de SPA´s, além de promover novas formas de interações com tais sujeitos.

Conforme relata, em suas andanças pelas ruas da cidade era comum encontrar ex-acolhidas que retornaram à dependência. Munida de uma cosmovisão religiosa, agora Dona Doceira visa pregar e atuar para esses para conduzi-los de suas "noites de trevas" para uma vida na qual a dependência não se constituirá como um empecilho para o desenvolvimento de suas sociabilidades.

Em suas andanças pelas ruas, Dona Doceira pode também ter seus novos gostos e preferências postos à prova a partir das disposições religiosas e demais adjacentes que nela operam.

Ela, com orgulho, declarara que em sua infância fugia de casa para ir para festas e bailes. Era nesse ambiente que ela encontrava uma parte singular de suas sociabilidades; seus relacionamentos; seus lazeres; ambientes que tenderiam a concorrer com outros campos de sua vida. Era lá que se via o predomínio de suas disposições hedonistas predominar sobre

aquelas de natureza familiar e materna, por exemplo. Agora, andando pela cidade em período junino, ela recebe convites para dançar, para beber, entre outros. Todavia, embora considere não ser aquele um ambiente para um cristão, suas disposições austeras e ascéticas são abrandadas [mas não inibidas por completo] e a mesma se permite vivenciar novas formas de experiências e representações acerca de tais práticas.

> Eu não sabia mais o que era um São João. [...] Meu Deus! Eu ali, naquelas trevas. Posso dizer: na caverna dos Dragões, que é uma caverna nas trevas. Eu ali passava dia e noite; ano novo; natal, São João; carnaval; no aniversário, meu aniversário do meu filho. E eu não tava nem aí. E foi muito maravilhoso sentir aquela multidão ali. (...) Disse Meu filho, meu Deus do céu! É verdade, eu estou viva! Eu estou vivendo São João [...]. Mesmo não brincando, que eu não posso porque eu sou evangélica [...], mas eu senti aquele povo ali, festejando, brincando e eu no meio, coisas que eu não vivia nem no meio desse povo. Eu vivia tão isolada que hoje em dia, para mim, natal, carnaval e São João é maravilhoso [...]. Eu estou viva!

Uma das formas que ela encontrou de se sentir segura em ambientes aparentemente distintos de sua identidade religiosa [quer fosse pelas ruas, quer fosse pelas festas] foi o de monitorar seus passos e passar tais informações tanto para a coordenação da CTI quanto para membros de sua família.

Era através do aparelho de celular que ela ia demonstrando sua transformação. Que conseguiria passar até mesmo "pelo vale da sombra da morte e não temer mal algum" (SALMO 23:1); de transmitir confiança e transparência, o que lhe permitiria a construção e redefinição de uma imagem favorável para encontros e interações mais favoráveis quer no âmbito da CTI, quer no âmbito da família. Conforme ela mesma declarou: "Eu mudei tudo (...) Deus me deu vida (choro); porque o que estava restando em mim era a morte. (...) Estava uma morta viva. E hoje (...) eu estou viva... (...) estou renovada (...) Deus me restaurou tudo!".

6 RETRATO SOCIOLÓGICO: FERNANDA

6.1 ASPECTOS GERAIS

Fernanda, 39 anos, era uma mulher extrovertida, bastante espontânea no falar, demonstrava grande simpatia e interesse em saber que poderia, mais uma vez, compartilhar a sua história.

Na época em que ocorreu a seleção dos candidatos para a composição dos retratos sociológicos contidos nessa pesquisa um fato chamou a nossa atenção: se um dos filtros de nossa pesquisa era abordar sujeitos que tivessem saído de alta terapêutica das comunidades terapêuticas, e considerando que até a obtenção dessa posição os acolhidos são submetidos a uma internação que tende a durar entre 9 meses a 1 ano, o caso de Fernanda chamou a atenção por essa passar pouco mais de 4 meses acolhida e, mesmo assim, foi certificada pela CTI como "um caso bem-sucedido de recuperação".

De certa forma, uma das primeiras indagações que surgiu foi: *o que teria ocorrido na carreira institucional de Fernanda que justificasse tal abreviamento? O que teria retido de uma experiência mais aligeirada quando comparada as demais que obtiveram o mesmo reconhecimento institucional? Teria, apesar de um período tão curto de socialização em uma CTI feminina, recomposto seu estojo institucional significantemente ao ponto que pudesse reconstituir suas sociabilidades e novas interações em cenários sociais mais amplos distintamente daquelas concebidas em momentos anteriores ao seu acolhimento?*

Foi norteado por essas questões iniciais que buscamos, por telefone[82], nosso primeiro contato com essa participante. Isso ocorreria a fim de aplicar um questionário de seleção elaborado para egressos de comunidades terapêuticas interdenominacionais e sondarmos, portanto, se a mesma se enquadraria nos demais requisitos para a participação nessa pesquisa.

Em uma primeira tentativa de contato não obtivemos sucesso, remarcando assim uma nova abordagem para 1 semana depois. Em nossa segunda tentativa a participante demorava a atender. Assim como em muitas de nossas tentativas, era muito comum que os egressos das CTI's tivessem alterado o número telefônico, o que dificultava assim nosso primeiro contato. Todavia, apesar da demora em atender a ligação, Fernanda dá o seu alô bastante característico

[82] Devido ao fato de a participante residir, no momento da coleta, em outro Estado do Nordeste, optamos por realizar todas as entrevistas por telefone.

de um sujeito que possuía uma personalidade forte e comunicativa. Iniciamos assim aquela que seria uma interação que resultaria no presente retrato sociológico exposto.

No período que Fernanda nos atendeu ela atuava como vigilante em uma empresa do Estado do Rio Grande do Norte. Assim como ela, a CTI recebe diversas mulheres acolhidas de vários outros Estados. Todavia, apesar de residir atualmente em uma cidade do Rio Grande do Norte, Fernanda era pernambucana. Foi em uma cidade litorânea do Estado de Pernambuco que ela estudou em uma escola pública até o Ensino Fundamental II. A separação dolorosa de seus pais a fez ir morar com a mãe em uma casa com familiares no Estado do Rio Grande do Norte, período esse em que concluiria o Ensino Básico bem como a deixaria cada vez mais perto de diversas SPA´s (como a maconha, a cocaína e o crack) ou mesmo de diversos sujeitos os quais integraria progressivamente em sua nova rede de sociabilidades.

Fernanda tinha uma ligação muito forte com o seu pai que era eletricista mesmo após o evento da separação – um dos vários eventos de ruptura biográfica que sofreria até o momento de nossa entrevista – tendo a morte desse se constituído como o gatilho final para que essa participante adentrasse finalmente o universo do uso e da dependência de SPA´s.

> Um momento triste da minha vida foi quando o telefone tocou [...] eu atendi e recebi a notícia pela uma tia minha que meu pai tinha falecido. [...] Ali, para mim, ali o mundo acabou. Aí eu [...] soltei o telefone; Então foi aí que eu me envolvi. [...] comecei a me envolver quando o meu pai Faleceu.

Ela descreve que em diversas ocasiões que usara SPA´s era dele a lembrança que tinha e dos vários momentos de socialização e sociabilidades que passaram juntos.

Fernanda, portanto, conhecera a maconha aos 18 anos. Após ignorar por vários anos, resolveu dizer sim às insistentes investidas dos sujeitos os quais considerava seus “amigos” em sua rede de sociabilidades. A intensificação dessa carreira desviante (BECKER, 2008) a faria logo conhecer outras substâncias as quais a deixaria cada vez mais dependente: como a cocaína e o crack, por exemplo.

À medida que progredia nessa trajetória, diversas de suas sociabilidades no âmbito familiar seriam abaladas, até mesmo perdidas. Em várias de suas narrativas, Fernanda descreve diversos conflitos ocorridos com sua mãe, analfabeta e que trabalhava como manicure para sustentar a família. Seu corpo, sua fala, as ausências no âmbito familiar, e, por fim, a vivência de mais uma gravidez não programada, fez com que Fernanda atendesse

finalmente a um apelo que ascendeu mais uma vez suas disposições para esperança. Como resultado, tais experiências contribuiriam movendo-a para a reconstrução de suas sociabilidades perdidas; Fernanda ingressa de forma voluntária como acolhida em uma comunidade terapêutica.

Ao ingressar em uma comunidade terapêutica feminina situada no Estado de Pernambuco, Fernanda conseguiria atrair as atenções de muitos da liderança devido ao seu alto grau de integração, disciplina e participação em diversos momentos e dinâmicas da instituição. Logo Fernanda progrediria; assumiria postos de liderança; se destacaria assim das demais participantes.

Todavia, pouco mais dos 4 meses de seu acolhimento ocorre o nascimento de sua filha. Seria mais um momento de ruptura biográfica que acarretaria a ativação de diversas disposições que tenderiam a influenciar, cada vez mais, seu desejo de sair da CTI e retornar mais uma vez ao convívio familiar.

Na época da entrevista ela morava em uma casa cuja configuração era constituída pela figura do padrasto, de sua mãe, por um de seus irmãos (que possuía uma deficiência) e pelos seus dois filhos - esses chamados aqui pelos nomes fictícios de João (11 anos) e Lara (9 anos) -.

Movido agora por fortes disposições religiosas e por uma cosmovisão cristã, Fernanda, após sair da CTI, procuraria uma Igreja interagindo assim com novos atores e atores sociais. Essa nova disposição ativada e legitimada com a sua "conversão" ainda no âmbito da comunidade, seria nutrida cada vez mais nesse ambiente de interação mais amplo, contexto esse em que ela tenderia a envolver sua família e seus filhos.

Todavia, em certo momento de sua biografia, Fernanda se permite ter acesso ao Álcool, substância última essa a qual fazia uso até o momento de nossas entrevistas. Dessa forma, Fernanda teria alterações em diversos aspectos sociais e disposicionais, o que incidiria em uma nova fase de conflitos, na busca por reconquistar a confiança da família e na vivência de sua maternidade ao lado de seus filhos.

6.2 FERNANDA: ENTRE INFLUÊNCIAS E DESAFIOS FAMILIARES

Embora o contato de Fernanda com a maconha tivesse ocorrido quando essa completara seus 18 anos, diversas SPA´s consideradas lícitas já faziam parte do seu cotidiano a partir do uso realizado por sujeitos que integravam seu próprio contexto familiar.

Como descreve, desde sua infância ela havia se acostumado a perceber a presença do álcool em diversas ocasiões e momentos no âmbito familiar, sendo esse consumido pela própria mãe, por seu pai principalmente. Quanto a esse último, relatara enfrentar problemas quando era tomado pelo efeito dessa substância, desencadeando assim diversas tensões e conflitos no âmbito familiar, o que resultaria na separação do casal.

A imagem da figura paterna começa a se deteriorar quando o pai enfrenta seus maiores problemas resultantes do alcoolismo. Fernanda percebe, nesse momento, como certas SPA´s, mesmo as lícitas, poderiam afetar o âmbito das relações da família, trazendo sobre ela fortes impactos. Além disso, ela compreende que tal aproximação tenderia a lhe colocar em uma condição de vulnerabilidade, memória essa que alimentaria sua forte disposição para insegurança. Foi marcante na relação com Fernanda perceber que tal disposição tenderia a se fazer presente em sua condição de egressa ou mesmo ela estando inserida no mercado de trabalho, uma vez que sempre expressava grande temor frente à constante eminência de perder o emprego.

> Ele era alcoólatra, ele nunca quis tratamento. Ele trabalhava, de repente ele já deixava os trabalhos. Enfim, eu e minha mãe. A gente só não passou fome porque minha mãe fazia as unhas, né? E às vezes quando a mulher não tinha [...] como pagar ela dizia: se quiser eu faço (trabalhava) também por alimento.

Era também de sua figura paterna que Fernanda desenvolvia certas disposições hedonistas através das suas muitas idas a Shoppings, à praia, entre outros; disposições essas que eram alimentadas em conjunto com suas disposições familiares, uma vez que tendia a associar a participação nesses ambientes à presença de membros da família. Como resultado, esse quadro contribuiria assim para que sua figura paterna, apesar dos problemas que enfrentava com o álcool, recebesse dela uma representação positiva e bastante afetiva.

Certamente seu pai foi um grande responsável para que Fernanda encontrasse na família o centro de suas experiências de sociabilidades, uma vez que esse buscava evitar que nossa participante tivesse experiências longe do núcleo familiar durante a infância.

> Meu pai era aquelas normas... meu pai era uma pessoa que era em cima [...] não era de deixar os filhos solto na rua. [...] Eu e meu irmão a gente ficava muito na casa de uma, então meu pai sempre ficava em cima e dizia: olhe! [...] não gosto de ir na casa de ninguém. A casa de vocês é aqui!

Fernanda se orgulhava em dizer, apesar de seus problemas relacionados com o álcool, que seu pai nunca lhe espancou, o que não ocorrera semelhantemente com seus outros irmãos. Em uma situação do espancamento de um de seus irmãos, recorda que isso teria ocorrido quando seu pai tomou conhecimento que o mesmo experimentava maconha, episódio esse que acabaria por se constituir como um exemplo para ela e os demais irmãos daquela família.

Certamente experiências assim ensinariam uma lição a qual Fernanda tenderia a transportar para diversos outros momentos de sua vida: a de que era necessário seguir as regras, "andar na linha" se assim desejasse progredir em qualquer relação e ser privilegiada nelas. O que se percebeu é que experiências como essas tenderiam reforçar certas disposições para seguir normas e regras por parte de nossa participante [padrão de comportamento esse bastante perceptível em suas narrativas no âmbito da socialização escolar; da comunidade terapêutica; no âmbito do trabalho; entre outros].

Entretanto, se seu pai tenderia a ser referência para a vivência de práticas de lazer e disciplina, por outro lado, sua mãe certamente seria para Fernanda uma grande influência para a geração e manutenção de disposições para o trabalho e disposições para superação.

Recorda Fernanda que apesar da mãe ser analfabeta, ela trabalhava de manicure para sustentar a família devido aos problemas que o pai enfrentava com o álcool. Em momento de maior crise, sua mãe chegara a trocar serviços por comida. Esse contexto de severa escassez - juntamente com as diversas incertezas quanto ao futuro - certamente deixaria em Fernanda fortes impressões na forma de disposições para o trabalho uma vez que em diversas de suas narrativas as incertezas de saber se continuaria em seu trabalho ou não, se continuaria gerando renda, se manteria os mesmos hábitos de consumo e lazer com os filhos; a consumia consideravelmente.

Após a separação do casal, sua mãe trabalharia como cuidadora de idosos, chegando a cumprir jornada de trabalho de 15 dias ininterruptos ou mesmo a dobrar essa jornada quando necessário, o que fez com que sua avó assumisse parte do papel por seus cuidados e educação.

Fernanda lembra que mesmo adentrando em um novo contexto familiar, os conflitos e tensões nunca saíram de cena [uma vez que presenciara várias discussões entre sua avó e sua mãe após essa cumprir suas longas jornadas de trabalho]. De certo modo, esse fato pode ter alimentado uma disposição muito característica dessa participante no período de seu

acolhimento na CTI, como também na fase posterior a essa: sua disposição para a evitação de conflitos.

Materializar o amor (BAUMAN, 2004) era a forma que sua mãe encontrara para se fazer presente em sua vida, prática essa a qual Fernanda tenderia a ressignificar durante o processo de educação dos próprios filhos [como será apresentado mais adiante]. Naquele momento sua mãe se constituiria em uma de suas maiores referências para a vivência e o cultivo de certa espiritualidade. Recorda que essa era adepta ao catolicismo, e era comum vê-la se submetendo a longos períodos com terço na mão e praticando diversos tipos de ritos e rezas.

Apesar de ter a mãe como esse referencial, a família de Fernanda não estava somente dividida pelos vários conflitos e pelo divórcio de seus pais. A divisão religiosa também era algo bastante perceptível entre os membros dessa família.

Nesse contexto, uma segunda experiência religiosa que marcou as socializações e sociabilidade de Fernanda se dava na casa do tio, lugar esse em que abrigava um terreiro de macumba. Conforme ela mesma registra:

> A família do meu tio já [...] existia um centro de macumba lá [...] que minha mãe frequentava, mas (...) como era na rua e a gente sempre teve aquela curiosidade de olhar as batidas, as coisas. Então, assim eu ia [...] e ficava olhando, entendeu? Mas não de me dedicar. Mas, [...] a partir do momento que você entra dentro de um centro, você está participando. Então sim, eu fazia isso.

Relevante destacar, conforme a pesquisa de Miriam Rabelo (2008) intitulada "Entre a casa e a roça: trajetórias de socialização no candomblé de habitantes de bairros populares de salvador", como certas articulações entre a socialização primária e a socialização religiosa no contexto familiar são vinculadas. Como algumas socializações, assim como foi com a participante Fernanda, ocorrem como extensão de certas linhas de interações nos contextos familiares e demarcam certos espaços de sociabilidades compartilhados por seus participantes.

Todavia, apesar de sua participação em tal contexto, a socialização religiosa de atrizes sociais como Fernanda passara longe de ser algo linear e homogêneo. A partir de suas diversas narrativas sobre o seu passado e de sua forma de se posicionar, ficou evidente que a família de Fernanda era composta por práticas religiosas muitas vezes contraditórias e distintas, incluindo nossa participante em um universo de rituais e cosmovisões religiosas bastante plurais, demandando assim formas de interação/participação também diferentes.

Assim como no núcleo de sua família, outras relações de parentesco marcaram as diversas influências sociais sofridas por Fernanda durante a sua infância: como foi, por exemplo, sua relação com sua prima Íngrid.

> Meu tio morava na mesma rua [...] Ele tem uma filha que é minha prima [...] ela era como se fosse minha amiga (...) Eu vivia muito lá na casa dela, ela me aconselhava [...] Ela é um exemplo [...] que era para mim ter espelhado nela [...] ela gostava de estudar; [...] de ser alguém na vida; tinha planos [...] Ela era mais velha do que eu e me ensinava muito [...] Eu gostava muito de ir pra lá [...] era como fosse minha irmã.... era uma irmã minha muito apegada. Então assim, a minha vinda de [nome da cidade de origem] para cá não foi muito boa, porque eu fiquei com saudade [...] da minha família, né? Prima.

Fernanda relata que a prima demonstrava forte inclinação acadêmica, para organização, capacidade de estabelecer metas, criar estratégias a fim de alcançar um objetivo quer fosse profissional ou social. Fernanda assim recordaria de sua proximidade com Íngrid compreendendo que essa representaria uma influência social positiva em sua constituição durante sua infância; um "exemplo a ser seguido" e que tenderia a alimentar em Fernanda diversas disposições até o momento de sua partida para o Estado do Rio Grande do Norte.

Fernanda se orgulhava de dizer que em sua infância e adolescência gostara muito de ler e de estudar, atividades essas que praticava como forma de lazer ao lado da prima/amiga. Era com Íngrid que ela encontrava uma sociabilidade e interação bastante favorável para nutrir suas disposições acadêmicas e para a leitura, essas que seriam bastante visíveis em momentos futuros de sua biografia, na educação dos filhos, bem como para a manutenção de sua própria espiritualidade (após convertida ao protestantismo). Era bastante evidente observar em Fernanda como essas disposições inferiam em diversas de suas práticas atuais, em especial na forma que traduzia seu prazer na leitura bíblica, livro esse de onde tendia a adquirir padrões e reflexões para diversas de suas ações no presente.

No relato a seguir podemos identificar como Fernanda, após sair da CTI, educara seus filhos dando grande importância ao processo de formação escolar, refletindo, em certa medida, certa continuidade das disposições acadêmicas geradas ainda na sua infância e que encontravam facilmente espaço para se manifestar.

> Meu filho disse: eu quero um PS5 (vídeo-game). Eu digo: meu filho, olhe, eu não tenho condições para isso, e mesmo que eu tivesse, não lhe daria. Porque você tirou uma nota vermelha com um celular, imagina com um PS5. E eu hoje, eu faço mais as coisas necessárias [...] inclusive hoje eu estou procurando fazer um curso de inglês pra ele.

Também seria através de sua disposição para leitura que Fernanda, após sair da CTI, ativaria outras disposições capazes de superar diversos entraves em sua trajetória enquanto egressa: dentre elas a desconfiança e o preconceito no próprio âmbito familiar.

> Tem gente da família contra [...]. É chato quando você passa por uma situação dessa né? (de dependência) Eu fui fazendo o tratamento todo e quando voltei [...] as pessoas não acreditarem, dizendo: [...] tá queimando o negócio, entendeu? É muito chato isso! [...] Vou provar pra essa pessoa que quer o meu mal né? Que essa pessoa quer que eu recaia. Não! Eu provei pra mim mesma a cada dia fui me superando, superando, superando e procurando assim a direção, sabe? Então, assim, eu lendo a Bíblia... procurava ler alguma coisa... [...] alguma coisa de superação.

Conforme Fernanda relata, uma de suas maiores dificuldades depois que saiu da CTI, foi enfrentar a falta de confiança por parte dos membros de sua própria família. Conforme veremos ao longo da composição desse retrato sociológico, as disposições familiares tenderiam a se constituir como aquelas mais fortes e emblemáticas do estojo disposicional de Fernanda, compondo assim uma das principais bases para suas ações.

Portanto, as críticas sofridas e a falta de confiança por parte de alguns membros do núcleo de sua própria família tendiam, para Fernanda, a se converterem em experiências dolorosas, o que a faz ser bem seletiva em relação às interações e espaços os quais frequente, como participação em festas familiares, almoços, entre outros.

Relevante que tais situações conflitantes tendem a acionar em Fernanda suas disposições religiosas, sendo essas gatilhos para a ativação de outras disposições que compõem seu estojo disposicional: como sua disposição à superação e de autoconfiança, disposição reflexivas associadas a sua disposição para leitura (uma vez que recorre à Bíblia como principal recurso para compreender situações diversas, para obter uma capacidade reflexiva sobre si mesma, sobre os valores e experiências que podem modelar suas ações, entre outros).

Relevante ressaltar que embora a leitura Bíblica figure como recurso para superação dos conflitos, medos e dificuldades que encontra ao longo de suas experiências enquanto egressa, Fernanda recorda que sua relação com esse livro é algo bastante anterior a sua vivência na CTI. Lembra que ganhara sua primeira Bíblia na escola, momento esse que já era bastante inclinada à leitura dada a influência de sua prima Índrid.

Não por acaso, Fernanda tenderia a enfrentar um processo de ruptura biográfica, no qual a perda desse laço afetivo/parental a levaria a enfrentar diversas crises e mudanças em suas formas de sociabilidade e de ação. Uma vez não encontrando terreno favorável para serem alimentadas/ativadas, Fernanda relataria mudanças que vão desde a queda no

rendimento escolar, até conflitos familiares, marcando uma nova fase da biografia de nossa participante e de sua reconstituição disposicional.

6.3 SPA´S: UM LONGE CADA VEZ MAIS PERTO

Ainda adolescente, Fernanda assistiria sua vida dar uma verdadeira "reviravolta". Com a ruptura dos laços afetivos/parentais e agora inserida em um novo contexto, diversas de suas disposições - como suas disposições acadêmicas, disposições para sociabilidades entre outras - ficariam cada vez mais inibidas, dando para nossa participante novas formas de atuar e interagir em contextos e com sujeitos em seu entorno.

> Até os 13 anos eu era bem interessada quando eu estudava em [nome da cidade de origem] Mas, [...] a separação dos meus pais me afetaram muito e eu creio que eu fui afetada nessa parte de ficar desinteressada. Tanto é que quando eu vim morar em [nome da nova cidade] eu [...] não queria ir pra escola... e minha mãe dizia: vamos, vamos; e eu [...] não vou, não vou, não quero mais. [...] parecia que o mundo tinha acabado, sabe?

Apesar da resistência, Fernanda não pôde impedir sua continuidade no âmbito escolar. Todavia, nessa nova realidade um tema que parecia tão distante para ela tendia a figurar de forma cada vez mais presente: "drogas".

> Teve uma palestra... não me recordo muito não, mas uma pessoa chegou e falou sobre as drogas. Mas, [...] eu não dei muita importância. [...] porque eu achei que eu nunca ia me envolver ...não era uma coisa que eu nunca planejei nem que ia fazer isso... Não, não, não. Talvez, se eu tivesse dado importância, não teria usado!

Certamente as palestras e diversas outras ações promovidas, inclusive na escola, sinalizasse a existência de um fenômeno já bem presente no contexto o qual se inserira.

Fernanda narra que no Bairro que passou a morar, no Estado do Rio Grande do Norte, era bastante comum perceber os efeitos do uso de diversos SPA´s em sujeitos que nele habitavam. Era na ação de pedintes, usuários sob efeito de alguma substância, espaços chamados de "boca" em que usuários e dependentes se encontravam para fazer o uso; todos esses revelam aspectos de um fenômeno já bastante presente e que tenderia, cada vez mais, a fazer parte da realidade de nossa participante.

De certa forma, a escola que frequentara revelara aspectos das sociabilidades e interações que ocorriam no campo mais amplo dos diversos atores sociais que faziam agora

parte da realidade de Fernanda. Agora, diversos dos sujeitos os quais interagiria teriam relação direta no consumo de diversas SPA´s ilegais, conforme lembra e relata a seguir:

> Eles fumavam. Eles cheiravam muito Loló, que era a droga [...] e a maconha eles sempre tinham. Não dentro da escola, mas fora, entendeu? Tinha uma amiga minha que sempre eu fazia os trabalhos [...] e ela usava maconha, ela [...] era aquela menina mais (...) popular (...) aquela que faz as coisas toda errada (...) Era sempre a mais convidada para isso para aquilo, por quê? Porque ela encarava tudo. Ela usava [...] droga, ela se envolvia com os meninos, entendeu? Enfim, a gente via que não era aquela amizade boa, mas ela se envolvia e (...) eu estava próxima porque eu fazia muito trabalho com ela. [...] Eu nunca fui de estar com eles fumando [...], mas eu sabia que estavam ali; eu via, mas não convivia.

Fernanda sabia as consequências de se andar "fora da linha" (GOFFMAN, 1974). Ela lembrara da disciplina e os fortes castigos aplicados pelo seu pai aos seus irmãos. Durante o convívio familiar aprendera a desenvolver disposições de autocontrole, disciplina e obediência, essas ativadas para interagir com diversos sujeitos com comportamentos e atitudes desviantes sem, com isso, ser advertida ou mesmo exortada pelas autoridades da escola (professores, coordenadores, entre outros).

> Eles se agarravam, se beijavam, sentar no colo do outro. Então, assim, eu achava que o pessoal da escola ia ser chamado a atenção; se eu fosse [...] as pessoas iam me chamar a minha atenção também, entendeu? Então assim, eu nunca fui de estar em briga dessa turma não. [...] Eu nunca fui de dar trabalho em sala de aula, nunca fui dar trabalho, até mesmo [nome da CTI que foi acolhida] eu sempre fui obediente às coisas, sabe?

Relevante observar que em outros espaços de socialização, como na CTI a qual fora acolhida, Fernanda tendeu a transpor esse mesmo conjunto disposicional.

Embora Fernanda se mantivesse afastada das SPA´s (legais ou ilegais), ao longo de sua trajetória e diversas interações, ela aprendera sobre os efeitos e as possibilidades que tais substâncias poderiam proporcionar. De certo modo, ao receber a notícia da morte de seu pai, tal ruptura biográfica abriria os caminhos para que Fernanda finalmente adentrasse no consumo e, posteriormente, na dependência de diversas SPA´s, iniciando assim aquela que seria a sua carreira desviante.

Nas palavras de Fernanda, "cada um tem um problema; (...) ali eu tentava fugir e fugir. (...) Você se envolve com a droga (...) porque você está tentando fugir de alguma coisa". A ruptura biográfica vivenciada por Fernanda ativaria nela certas disposições para evasão e fuga, tendendo essas impulsionar comportamentos e ações que a fizesse escapar da dura realidade a ser enfrentada: a morte do pai.

De certo modo, à medida que tais disposições eram ativadas e alimentadas outras bastante características da história de Fernanda - como suas disposições à obediência,

familiares, para o trabalho, entre outras - eram inibidas, marcando assim novas formas de pensar, de ação e interações com os demais sujeitos de suas sociabilidades.

No período da morte de seu pai, Fernanda tinha por volta de 18 anos. Oferecida por sujeitos que integravam sua rede de interações extrafamiliares, com a vulnerabilidade ocasionada pela morte de seu pai, Fernanda, pela primeira vez, diz sim e inicia com o uso da maconha, sendo essa logo substituída por outras SPA´s como a cocaína e o crack.

O uso dessas SPA´s traria fortes impactos na vida de Fernanda.

Antes do uso, Fernanda desempenhara diversas atividades: atuou como vendedora, estoquista, garçonete, todas atividades precarizadas sem registro ou direitos trabalhistas garantidos. Depois começaria a trabalhar em uma gráfica no mesmo bairro que morava. Ela era comumente reconhecida por sua organização, pontualidade, bem como por diversas outras disposições que a fazia ser bastante valorizada nesse meio. Todavia, com a dependência, diversas dessas disposições tenderiam a ser inibidas, ocasionando variados impactos nas formas como interagiria nesse campo.

> Eu era pontual. Só que depois que você [...] começa fazendo o uso da substância, você não acorda com aquela... na verdade, você nem dorme, né? Não é que acorda, você nem dorme. Então, assim, como é que você no outro dia você vai estar disposta a trabalhar? Então, assim, tinha dias que eu ia, né? E aquele cansaço, aquela fadiga por dentro. Aquilo era horrível, era horrível. [...] Quando Você for começa a fazer o uso da substância, você vai ficando relaxada, passada.

Mesmo com o apoio e a ajuda da proprietária desse estabelecimento, Fernanda abandona seu emprego.

Suas sociabilidades passariam agora a se constituir, cada vez mais, fora do ambiente familiar. Em certo momento, lembra de voltar para casa após vários dias, sendo impedida de entrar em sua casa.

Foi durante esse tempo de uso de SPA´s que Fernanda engravidaria daquele que seria seu filho João. Todavia, apesar da maternidade, a dependência das diversas SPA´s que consumia a fazia se distanciar por vários dias de seu lar.

> Quando eu tive meu filho, eu não consegui deixar por completo, né? Então, assim, eu queria estar perto dele, eu queria cuidar dele, [...] quando eu chegava em casa, quando ele dizia Mamãe, venha cá, você já comeu, sabe? Chegava a dar uma dor no meu coração, que ele já era maiorzinho, né? [...] Ele dizia: venha tomar banho, sabe? Uma criança fazendo tudo isso, né? Então assim eu pensava, [...] eu não queria isso pra ele, não queria! Era um sofrimento pra ele isso, né? Saber que mamãe está ali e de repente mamãe sai. Vou aqui no mercado com dois, três dias, isso é horrível! É horrível mesmo! E escutar isso, e escutar a avó dizendo um monte de coisa comigo, porque ela dizia, né?

Apesar de Fernanda ter diversas de suas disposições inibidas por conta do consumo de diversas SPA´s uma aparentava um estado de forte conflito: sua disposição familiar e materna. Mesmo buscando ressignificar o uso não conseguira fazer o suficiente para retornar ao convívio familiar ou mesmo a outras atividades de sua vida. No convívio familiar, conflitos e frustrações tornaram-se bastante presentes, marcando assim as novas formas e interações. Como resultado, todas essas experiências a motivariam para o seu decisivo ingresso em uma comunidade terapêutica feminina.

6.4 EXPERIÊNCIAS NA CTI: PARA CONQUISTAR TUDO DE VOLTA

O momento de ingressar em uma comunidade terapêutica pode ser bastante sensível para o acolhido. Dúvidas, incertezas conflituam normalmente com disposições de motivação e esperança, o que leva muitas vezes sujeitos que estão na condição de dependência a necessitarem de apoio e incentivo para ingressarem no espaço terapêutico, como foi o caso de nossa participante Fernanda.

> Teve momentos que eu queria desistir. Quando eu falei para o pastor que queria um tratamento [...] depois eu disse: não, não, eu vou não! Então assim, são momentos que [...] quando você pensa num futuro que você vai conquistar, que você vai conquistar tudo de volta [...] você consegue conquistar tudo de volta!

Relevante destacar que suas disposições para superação colaborariam para que Fernanda adquirisse uma visão otimista de tal experiência, uma vez que seria movida por um desejo de "reconquistar tudo de volta". Mas o que de fato Fernanda desejara reconquistar que moveria suas ações em direção a uma inserção e participação em uma CTI?

Um primeiro ponto que se pode destacar e que motivara Fernanda a participar da CTI se deu por seu desejo em reconstituir suas sociabilidades e papeis perdidos no âmbito da família.

> Você deixar sua família... Você deixar sua família, você deixar seu filho, tudo! e tá ali, num lugar daquele, com um monte de mulher estranha... de toda qualidade. Então assim, um povo que eu não conheço, diferente ... ai eu disse: meu Deus! eu vou passar quanto tempo aqui? [...] Quando eu cheguei eu nem queria entrar [...] mas teve uma pessoa de lá [...] que era mais antiga (...) que conversou comigo. Aí disse: Fernanda, o que é que adianta você voltar se você não vai ficar com seu filho? Vai ficar no meio do mundo? É melhor você fazer esse sacrifício, ficar aqui, fazer esse tratamento e chegar lá e poder ir passear com seus filho, poder ficar com seus filhos em casa. [...] Aí eu disse: eu vou ficar. [...] É mesmo, eu vou chegar lá! Vai dar aquela agonia, eu vou sair pra me drogar... Ai eu passo dois, três dias (fora de casa), ai meu filho fica dizendo: vovó, cadê minha mãe? Cadê minha mãe? E ela dizendo: sua mãe saiu [...] não tem um dia pra voltar? [...] Meu filho não merece isso! Então eu disse: decidi... vou ficar!

De certo modo, ao evocar família e filhos, a conversa inicial com aquela acolhida favoreceria que sua disposição familiar e materna fosse não apenas ativada, mas essa tenderia a direcionar certa inclinação para a superação de seu quadro de dependência, conforme será evidenciado.

> A única coisa que eu pensei foi em desistir e, ao mesmo tempo, pensava e refletia: Não! Não vou desistir se é pela minha família! [...] Eu só conversava [...] sobre meu sofrimento, minha saudade do meu menino, da minha mãe. [...] Com o passar dos dias eu sofri [...] Chegava naquela cama (...) orava, (...) era triste, vivia sozinha [...] sem ninguém próximo de você; tava com um povo estranho. [...] Depois de algumas semanas eu mudei de pensamento e não quis mais saber de qual a quantidade de tempo que eu vou passar.

Fernanda vivia com a sua mãe e, aparentemente, não demonstrara aceitar influências sobre sua forma de cuidar e educar seu filho. Apesar de contar com sua própria mãe para a educação dos filhos, diversos conflitos eram evidenciados entre elas. Fernanda evitava compartilhar seus sentimentos e traumas, pois não aceitava aquilo que chamava de "comportamento explosivo e tendência para julgar precipitadamente" em sua mãe.

Fernanda estava grávida. Quando adentrou na CTI já estava com quase seis meses de gestação. Era mais uma gravidez indesejada. Considerara doar a criança para uma prima, pois acreditara não ter condições ou mesmo o desejo de assumir mais um(a) filho(a). Fernanda entraria, portanto, na CTI com essa motivação.

Todavia, as diversas experiências passadas no contexto da CTI, e com os diversos participantes, favoreceriam com que suas disposições familiares e maternas se estabelecessem de forma cada vez mais dominantes em suas ações e reflexões, favorecendo assim uma mudança significante nesse quadro.

> Foi nos dias [...] da minha convivência na CTI. Eu dizia: eu vou sair dessa, vou cuidar da minha filha, do meu filho (...) Então [...] foi quando eu peguei aquele amor lá [...] Quando eu entrei na CTI a minha cabeça mudou, eu não queria dar a minha criança mais... Eu queria dar [...] quando eu decidi fazer o tratamento eu não queria dar a criança mais não. Queria criar minha filha.

À medida que suas disposições familiares e maternas ficavam progressivamente mais fortes, suas experiências na CTI permitiriam que outras disposições, antes inibidas, fossem reativadas - como suas disposições sociais (uma vez que passa a ser reconhecida e elogiada pela forma como demonstra internalizar as normas, valores, crenças e atitudes sociais consideradas aceitáveis na CTI); disposições para sociabilidade no campo das interações (uma

vez que rompe com o seu isolamento social característico dos primeiros dias na CTI); assim como outras disposições como aquelas relacionadas ao trabalho, ao foco, entre outras -.

> Antes eu achava que eu ia passar os nove meses. [...] até a coordenadora disse: Fernanda é uma pessoa excelente... [...] o comportamento dela [...]; todo mundo passa por abstinência [...]; mas eu não vivia mal-humorada. Eu não vivia discutindo com ninguém, não vivia brigando com ninguém. Então, assim, eu fazia o que tinha de fazer e pronto, sabe? O meu foco era o que eu queria; era uma maneira de eu deixar e eu voltar de novo pra trabalhar, sabe? Eu queria ser gente de novo, né? Então meu foco foi nisso.

Ao utilizar a expressão "queria ser gente de novo" associada à ação do trabalho, Fernanda revela a grande singularidade que a prática do trabalho representa para si.

Conforme será apresentado ao longo desse retrato sociológico, após deixar a CTI, a base para o desenvolvimento de um autocontrole seria, sobretudo, baseada nas suas *disposições para o trabalho, nas suas relações familiares/maternas e nas crenças e práticas de ritos potencializados por suas disposições religiosas*. Em um de seus relatos, demonstra como essas três disposições interagem. "Trabalhar para a minha família e para casa, ficar bem e nunca mais voltar para aquele mundo. É isso que eu peço a Deus todos os dias e agradeço. É isso! (...) Eu sempre ensino meu filho isso".

De certo modo, o trabalho ocuparia um lugar central na vida de Fernanda enquanto egressa. Era através do trabalho que ela intentava obter parte significante do reconhecimento da sua condição de abstinência; era através do trabalho que ela poderia ter acesso desde a recursos alimentícios fundamentais para ela e seus filhos, até mesmo sustentar certo padrão de lazer, de consumo e de sociabilidades com os demais membros da família - reuniões, festas, viagens, entre outros - disposições essas antes inibidas. Em suas palavras, através do trabalho "poderia ganhar meu próprio dinheiro (...) começar a fazer meus planos e a cuidar deles, não deixar nada faltar a eles".

De certa forma, a condição de trabalho temporário de vigilante tenderia a acionar nela certa disposição para insegurança e para o pessimismo. Com consequência, essa condição a faria também acionar suas disposições religiosas como tentativa de inibir essas primeiras e favorecer a base de certo autocontrole.

> Eu tenho receio de perder o meu trabalho; de ficar desempregada [...] Por isso que eu peço todo dia a Deus. E Deus sabe o que é que eu faço com o meu dinheiro. Então, assim, graças a Deus Ele nunca deixou faltar. [...] Eu tenho medo porque não estou vendo contrato nessa empresa. Tem um pessoal que perdeu o contrato e [...] qualquer coisa vão para a rua. [...] Eu sabendo dessas coisas, toda as vezes eu fico aflita, sabe? Às vezes eu choro.

6.5 A CONVERSÃO: O IMPACTO DAS DISPOSIÇÕES RELIGIOSAS NAS EXPERIÊNCIAS DE FERNANDA NO CONTEXTO INTERNO DA CTI

Conforme já fora apresentado, desde a sua infância Fernanda tivera vários contatos com religiões e atores religiosos bastante distintos. De certo modo, a experiência em uma CTI feminina em Pernambuco a faria ampliar ainda mais essa dimensão.

Fernanda progredia; cada vez mais tendia a interiorizar todo um conjunto de valores e normas que refletiam a moralidade instituída pela CTI. Todavia, a imersão em uma comunidade terapêutica interdenominacional em que diversos atores religiosos (internos e externos) atuavam apresentava uma característica singular. A singularidade dessa imersão era evidente, uma vez que diversas perspectivas e vertentes de cosmovisões cristãs (essas muitas vezes distintas) eram agregadas às várias dinâmicas, palestras, oficinas, cultos religiosos, leituras bíblicas, entre outros. Como resultado, isso favoreceria a ativação de duas disposições que figurariam com bastante significância em seu núcleo de sua ação: sua disposição religiosa e sua disposição para crer.

> Eu não tinha vontade de me converter, mas [...] teve uma situação [...] estava tendo um culto (...) era até um dia lá que vinham várias igrejas. Então um desses dias (...) eu estava lá na frente. Estava todo mundo em pé [...] assistindo ao culto (...) a Palavra (...) tinha várias igrejas [...] outro cantava [...] Então [...] nessa hora eu comecei a sentir um negócio no coração, assim, aquela com vontade de chorar, de chorar e chorar... Então, assim, cada coisa que a pessoa estava falando (...) eu ficava com aquela agonia, vontade de chorar... Aí teve um certo momento que a pessoa disse: vem pra cá! Perguntando quem é que queria? Eu nunca imaginei querer assim! Não passou pela minha cabeça... O meu objetivo era ir lá, me curar as drogas, não era ir lá ser crente, entendeu?

Fernanda, a partir desse momento, ao passar por uma experiência emocional intensa, tenderia a perceber forte ressignificação de seu estado emotivo. Suas novas disposições a levaria a práticas religiosas distintas. Munida por essas, comumente agradecia e suplicava por sua família, filho; comportamento esse que se tornaria referência de suas ações. Suas disposições para crer tenderiam a interagir com suas disposições familiares e maternas, dando-lhe sentido e proposito para encarar aquela temporária separação, traço positivo da religião para aqueles que a possuem e a praticam, conforme sinaliza Schumaker (1992). Dessa forma, uma vez ativadas, com as disposições para crer e religiosas seu choro ganharia novos significados e sentidos; a separação da família, as várias privações de liberdade, o contato com sujeitos desconhecidos os quais, à priori, não se identificava; as normas e diversas rotinas que integravam as dinâmicas da CTI; essas e outras tendiam a ser atenuadas, conforme pode ser verificado no relato a seguir:

> De repente eu fui e me vi lá de joelhos, chorando e me derramando em lágrimas. Então assim, quando fizeram oração para mim [...] eu me senti [...] como fosse renovada, como se fosse liberta; tudo (...) totalmente diferente. Quando eu entrei [...], mudei completamente; completamente! Mudei por dentro. [...] Continuei [...], mas não era a mesma coisa; era tudo mais leve e eu já não chorava de saudade. Eu dormia com a foto do meu filho debaixo do travesseiro e a única coisa que eu fazia era quando entrava no quarto [...] todos os dias eu me ajoelhava e pedia a Deus e agradecia e pedia. Então assim, depois desse tempo foi tudo mais fácil para mim.

Com a sua conversão religiosa, como interpretaria sua história, as transformações sofridas em sua personalidade ou mesmo em suas novas ações, esses tenderiam a se constituir tomando como noção a agência de uma força divina sobre si. Como resultado, tal crença tenderia a favorecer, para Fernanda, a ativação de disposições de convicção e segurança em relação ao que seria seu futuro fora da CTI.

> Na hora que eu entrei, eu fiquei em choque. Depois fui me acostumando, pedindo muita força a Deus, a Deus, a Deus. Então, assim... Deus trabalha na minha vida e me ama. Deus sabia o quanto eu estava sofrendo com a minha família, de saudade da minha família, do meu filho. Tudo porque eu era muito apegada ao meu filho.
>
> [...] comecei a escutar e escutar a Palavra. Praticar [...], o que iam falando ali... parecia que era para mim. Então eu comecei a abrir meu coração, entendeu? Comecei a abrir meu coração e sempre nos cultos, na hora da palavra, eu prestava muita atenção e sempre com aquela fé [...] que eu ia conseguir vencer. Enfim, ai [...] Jesus [...], para mim, foi o remédio.

Assumindo, portanto, essa nova cosmovisão, e a partir de suas disposições para crer, a partir dos novos aprendizados que alimentavam cada vez mais tais disposições, o que se veria em Fernanda seria uma mudança em sua linguagem. Por exemplo: a expressão “deserto”; expressão essa a qual usaria ancorada na experiência de castigo do povo de hebreu e sua peregrinação de 40 anos pelo deserto até chegar à terra prometida. Dessa forma, implicitamente, suas disposições para crer a levaria a compreender que sua situação presente não seria apenas fruto de suas más decisões no passado, mas seria interpretado como um doloroso trabalhar de Deus para a restauração daquilo que ela perdeu. Como resultado, tal quadro lhe forneceria condições cada vez mais favoráveis para o enfrentamento dos diversos conflitos emocionais e situacionais os quais estava envolvida (SCHUMAKER, 1992).

> Lembro que sempre falavam [...] muitas frases de fortalecimento em relação [...] ao que a gente tava passando, porque a gente procurou, entendeu? A gente quis aquilo ali; então assim a gente tem que passar por aquilo ali, a gente tem que passar pelo deserto, né? Na verdade, aquilo ali é um deserto. [...] Aquela situação, porque você se vê longe de todo mundo, de família, de tudo.

Ver de longe o mundo e a família! Ao assumir uma nova identidade, essa agora entrelaçada com a fé cristã, Fernanda ia progredindo no universo interno da CTI. Sentir-se

reconhecida em sua disciplina, dedicação e foco em seu projeto pessoal de recuperação permitiria que disposições para liderança fossem ativadas e marcassem as novas formas de interação no contexto interno da CTI. Com isso, Fernanda passaria a aconselhar e orientar acolhidas recém-chegadas – marcando a ativação de sua disposição para assistência interpessoal -, além de assumir a liderança em trabalhos laborterapêuticos [disposição para liderança]. Sabendo que essa atuação seria reportada à sua família, Fernanda nutria esperanças por um momento bastante esperado por ela: um reencontro com sua mãe e, principalmente, com o seu filho. Ocorreria, portanto, a partir do desenvolvimento de suas disposições religiosas – conforme sinaliza Schumaker (1992) – uma maior integração dessa em torno das propostas e ideais de recuperação promovidos e difundidos pela CTI a qual participava. A religião, dessa forma, ia lhe concebendo progressivamente a adoção de uma identidade, unindo-a em torno de uma compreensão comum de uma ação.

> Foi ótimo, maravilhoso! E ela (a mãe) disse: você quer comer o que? Eu disse: uma lasanha, me traga uma lasanha. Ela trouxe uma lasanha! A gente almoçou, todo mundo junto, sabe? E eu fiquei com meu filho. Abracei todos... parecia que ele entendia, né? (E dizia para o filho) E a mamãe tá fazendo tratamento, mas mamãe vai voltar! Espere, viu?
>
> (ENTREVISTADOR) E quando eles partiram? Como você ficou?
>
> A horrível, horrível. Eu fui lá para [...] o quarto chorar. [...] Foi horrível e, ao mesmo tempo, deu mais força. Mas a minha vontade era de entrar naquele carro e ir embora com eles. A minha vontade era essa!

Momentos como esse, no contexto da CTI, permitiriam que Fernanda pudesse sentir um pouco daquilo que tanto almejava: viver novamente no contexto familiar. Naquele momento não havia acusações; os conflitos sessaram; reconhecimento e satisfação eram manifestos por ambos os lados. Fernanda pôde pedir um de seus pratos favoritos; uma autonomia que abrandava a vida na CTI e as várias imposições (inclusive alimentares). Todavia, ela não era apenas alimentada pela lasanha, como a partir dessa, suas disposições familiares e maternas ficariam mais fortes, vívidas. Embora momentaneamente suas emoções pudessem ser abaladas devido à partida de sua mãe e seu filho, tal experiencia não inibiria suas disposições de foco e superação. De certo modo, essas disposições tenderiam a se reforçar ainda mais quando Fernanda reafirma seu propósito: manter a abstinência e retornar mais uma vez ao convívio e às sociabilidades no âmbito familiar - evento esse que seria abreviado com a incidência de mais uma ruptura biográfica: o nascimento de sua filha Lara -.

6.6 ENTRE ESPERANÇAS E CONFLITOS DISPOSICIONAIS: ALGUNS MOTIVOS PARA SAIR

O tempo estava chegando. Já fazia quatro meses que Fernanda havia adentrado o contexto da CTI. Tudo se preparava para o nascimento da pequena Lara. Fernanda ainda não sabia o sexo da criança. Todavia, a resistência inicial quanto a viver uma nova maternidade agora cederia espaço para convicções cada vez mais expressivas.

Fernanda, desde a sua chegada, aprendera o que é ser mãe de recém-nascidos no contexto de uma comunidade terapêutica. Desde que chegara, observava outras mães cuidarem de suas crianças. Conforme nossa pesquisa desenvolvida em um contexto de uma comunidade terapêutica feminina (SANTOS, 2015), observamos que a presença de crianças naquele espaço tende a atrair a atenção significante de fração considerável das acolhidas; em especial daquelas que vivenciam a separação de seus próprios filhos por conta do acolhimento a qual se submeteram. Dessa forma, redes de sociabilidades tendem a surgir ou mesmo a serem obstruídas, à medida que as mães tendem a compartilhar o processo de criação e educação de seus filhos com as demais acolhidas.

Fernanda sabia disso! Via isso! E apesar do significante progresso que obtivera em sua imersão na CTI, não estava disposta a permitir tamanha intromissão na forma como conduziria sua maternidade a partir daquele momento, conforme expressaria em diversas passagens nas suas entrevistas:

> Eu não queria criar minha filha ali! Eu não queria, sabe? Apesar que eu via que tinha criança. Eu não planejei sair nesse tempo. Só que eu me senti bem, me sentia bem já assim em pouco tempo.... E teve o nascimento da minha menina também. Eu não queria minha menina lá [...]. Não queria!

Alguns motivos impulsionariam Fernanda a tomar a precoce decisão de deixar a CTI. Um primeiro que pode se destacar, era o receio do contato da filha com as demais acolhidas.

Desde o primeiro momento esse havia sido um quadro que trouxe significante desconforto para Fernanda. De certo modo, tais contatos e interações poderiam ser suportados por ela, mas suas disposições maternas - que consideravam os vários conflitos, disputas e desvios ocorridos naquele meio - certamente a faria optar por uma interrupção em seu estágio de acolhimento.

> Então eu fiquei no primeiro quarto, o quarto do bebê tinha os berços, tudo lá. [...] Era [...] melhor pra mim do que estar no quarto com mais de 15 mulheres, uma brigando com outra [...] e tem

> outras que tem problema [...] mental, tem outras que [...] falava só. Então ali você está vendo muitas coisas [...], então você fica em choque [...] porque o seu problema só é a dependência.... Aí você chega num canto desse (...) e vê todo tipo de gente. [...] Tem todos! [...] é alcoólatra, é de droga, [...] é de loucura também, de depressão [...].

Com o nascimento de sua filha Lara, certas disposições por privacidade, antes inibidas ou abrandadas por conta de suas disposições à obediência, tenderiam a ser reativadas, gerando assim certo conflito disposicional dessas com suas disposições maternas.

> Eu não queria! Lá, tinha horas para apagar luzes, tem horas para fazer silêncio, tem horas para tudo. Então assim, eu pensava muito em uma criança minha ali e eu não ter totalmente aquela privacidade que eu tenho dentro da minha casa, entendeu?

Um terceiro ponto que também se evidenciaria nas narrativas de Fernanda e que ocasionaria seu desejo se sair da CTI também estaria relacionado com sua disposição para conforto. É possível que essa disposição nunca tenha sido inibida totalmente em Fernanda. Todavia, ao se submeter às regras e normas institucionais; ao progredir nas relações de poder; ao ressignificar sua identidade religiosa e nutrir seu foco por reconstituir suas disposições familiares, maternas e para o trabalho; é possível que essas disposições tenham fornecido à nossa participante a força necessária para resistir a tal carência. Assim como no relato anterior, como em outros selecionados, é possível perceber o quanto ela dicotomiza os espaços da casa e da CTI, ponto esse que certamente a faria considerar a vivência de sua maternidade naquele contexto interno.

> No meu tempo tinha que levar aquelas moringas [...] e assim eu tomava banho [...]. Era só um banho rápido pela manhã (...). Então eu passei por esse processo. Quando você está lá, você pensa assim: Poxa, você, você está aqui e você tendo o seu chuveiro na sua casa; [...] você vai para o seu chuveiro sem ter hora pra tomar banho, bem à vontade [...] aqui parece que era três minutos [...] só pra jogar água mesmo, que era de manhã. Inclusive você tem que encarar aquela fila imensa. Eu ainda fui um [...] muito privilegiada em algumas coisas, porque eu estava grávida, então eu tinha mais um pouco de privilégio. Tinha as meninas que quando eu ia carregar duas moringas elas levavam. E tinha uma lá que levava e deixava na porta do banheiro pra mim.

Dessa forma, a sua disposição para liberdade e para autoconfiança, essas seriam ativadas, permitindo que Fernanda tomasse a decisão de deixar a CTI. Fernanda compreendera ser detentora de uma promissora trajetória institucional durante seu tempo de acolhida. Todavia, cabe ressaltar que sua disposição para liberdade e para autoconfiança também eram alimentadas pelos recursos externos identificáveis: como, por exemplo, o apoio e a estrutura familiar a qual ela tinha disponível.

> Fui apoiada pelo meu padrasto [...] desempregada, sem ter nada. Só com a filha, mas [...] muito feliz com aquele amor. [...] Fui super apoiada em casa; todo mundo lá! Meu padrasto disse: (...) vamos criar e acabou! Ele comprou uma roupa para menina, sabe? [...] Foi maravilhoso!

Sua disposição para crer tendia a deixá-la bastante confiante; lhe dotava de uma condição para interpretar sua nova condição; suas novas capacidades; uma nova forma de planejar e de enfrentar as diversas situações da vida. Enfim conquistando o apoio da família e da coordenação, com pouco mais de quatro meses de acolhimento, Fernanda consegue uma significante exceção: sair na condição de "alta terapêutica".

> Eu deixava [...] Deus falar. Deus entrar na minha vida, prestar bem atenção, obedecer. (...) e tudo voltou, né? A minha coragem, a minha coragem, a minha força [...], tudo isso (...). Quando eu saí de lá eu [...] não saí assim dizendo: será que eu vou conseguir? Eu saí decidida, sabe? Eu sai decidida a mudar a minha vida... a trabalhar; pensamento positivo. [...] Quando você termina nove meses, aí você vai lá para frente, ela faz aquela oração e abençoa sua saída. Só que minha mãe falou: mas você vai vir, não sei o que... aquele negócio todo!!! Minha mãe começou a falar, né?. Mas ai ela disse: dona Zana (a coordenadora da CTI), a Fernanda quer ir. E ela disse: ela vai fazer isso? [...] Eu disse: Eu já estou decidida, eu já estou decidida, eu vou. Só que ela não questionou muito; muito pelo contrário! Ela fez a oração e me entendeu.

De certa forma, sua disposição religiosa fazia com que Fernanda compreendesse que sua vontade estava alinhada com certa vontade divina, o que favoreceria que ela assumisse o risco: o de sair precocemente. Todavia, apesar de contar com o apoio da família, a fala de sua mãe deixaria claro que esse apoio não era total. Portanto, a ruptura biográfica que marcaria o nascimento de sua filha, bem como sua saída da condição de acolhimento, daria início a uma nova fase de sua vida: a luta por conquistar a confiança no seio da família, agora no contexto externo à CTI.

6.7 LUTA POR CONFIANÇA, EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS E NOVAS DISPOSIÇÕES

Fernanda finalmente retorna ao ambiente do lar. Todavia, diferente do bairro em que morava, agora sua família se estabelecera em outro espaço da cidade. Fernanda se dedicava ao cuidado de sua filha, pouco se expondo à realidade da rua. De certo modo, suas disposições maternas davam-lhe uma boa justificativa para se distanciar do contexto de interações mais amplas. Retornante e inserida em um contexto de relações mais restrito, Fernanda ainda alimentava suas disposições religiosas [essas recém-adquiridas no contexto da comunidade] mediante leituras bíblicas diárias, ouvindo e cantando diversos cânticos e louvores religiosos, bem como mantendo contato com a coordenadora da CTI da qual agora era egressa.

Todavia, apesar do bom desempenho alcançado no período de acolhimento na CTI, e da aparente mudança identitária que demonstrara, o medo e a desconfiança de membros de sua família (em especial de sua mãe) ficariam mais evidentes à medida que sua aproximação de ambientes externos e com atores situados em contextos extra familiares ocorriam, conforme relata abaixo:

> Quando eu saí da CTI [...] eu passei por aquele processo da desconfiança da mãe. Ela dizia: cadê você? [...] é horrível, isso é horrível, aquela desconfiança de tudo. Ela dizia: [...] Você tem que estar aqui para mim olhar para você. Pois é, eu vou aqui viu mãe, na minha prima! Aí ela dizia: Fernanda, não inventa de sair, sabe? Aquela coisa toda, aquele certo medo. Ela tinha aquele certo medo, mas depois, sei lá, eu comecei, até falei isso com mãe Zana... Ela disse não, mas vai mudar. Ela vai aos poucos, aos poucos. Graças a Deus, hoje ela não tem mais medo.

Relevante ressaltar que apesar de sua condição como egressa, a desconfiança vivida no contexto familiar ativaria em Fernanda, como recurso, sua disposição à externalização. Fernanda, assim, a partir dessa disposição, tenderia a buscar informações e orientações com a coordenadora da CTI a qual aprendera durante os últimos 4 meses diversos fundamentos para a recomposição de suas sociabilidades, bem como de sua fé. O acionamento dessa disposição tenderia também a sinalizar certo grau de importância que Fernanda conferia aos sujeitos de sua última experiência socializadora. Era bastante evidente como essa compunha significantemente a base para suas tomadas de decisões e ações, agora em ambientes mais amplos.

Outro elemento que figurou nas ações de Fernanda para a recomposição de suas sociabilidades e confiança no ambiente familiar se deu a partir do desenvolvimento de sua identidade religiosa juntamente com as diversas disposições nelas ancoradas.

Uma segunda etapa seria quando Fernanda desperta para o desenvolvimento de suas disposições para a vivência de uma religiosidade institucionalizada.

Passados vários meses desde seu retorno ao convívio familiar, e devido às diversas interações que incidiam sobre Fernanda conflitos e desconfianças, Fernanda se sente motivada a expandir suas formas de sociabilidades e a continuar o processo de socialização religiosa iniciado na CTI.

> Quando eu vim de lá [da CTI] não entrei logo na igreja aqui pra congregar. [...] Fiquei procurando, procurando, e fui pra uma [igreja]. Depois de muito tempo fui para uma. [...] Pegava minha Bíblia sozinha, estava ali na Palavra, estava ali escutando, estava orando, estava jejuando. Tudo isso eu fazia. Então assim, quando eu voltei, eu não fui diretamente e entrei na igreja, então ela ficava insegura por causa disso. Talvez se ela me visse dentro da igreja, ela não ficava tão insegura, né?

Ao finalmente se envolver com uma comunidade religiosa, é possível notar que, além das diversas ações que a levaram à manutenção de ritos e práticas religiosas, outras também seriam incorporadas à sua experiência – como a prática do jejum – demonstrando um aprofundamento de certa "dimensão ritual" (GLOCK, 1962) em sua experiência religiosa; práticas essas que buscavam fornecer-lhe um propósito na conexão com o sagrado em relação aos diversos desafios presentes durante a reconstituição de suas experiências como egressa.

Fernanda, em seu retorno, viveria ao lado de uma igreja Assembleia de Deus. Passaria a frequentar inicialmente essa igreja; espaço de socialização e sociabilidade esse que lhe permitiria desenvolver suas disposições religiosas, desenvolver novas redes de interações, bem como não fugir da percepção de sua família que ainda lhe monitorava.

Após essa vivência, Fernanda também procuraria interagir com sujeitos de outras denominações. Saindo do pentecostalismo, uma segunda experiência de nossa participante ocorreria em comunidades tidas como pós-pentecostais, como na Igreja Universal. Todavia, a vivência mais profunda nesse campo tenderia a revelar formas de interações, dimensões e práticas ritualísticas, valores e uma ética aparentemente distinta daquelas as quais estava acostumada a lidar ainda em seu tempo de acolhimento na CTI.

> Fui para o Universal [...], aí fiquei. Eu queria estar ali sempre. Eu sentia necessidade de estar escutando a Palavra de um pastor, sabe? Eu sinto necessidade disso, eu queria. Então eu comecei a procurar e fui para a Universal. Quando cheguei na Universal, não gostei também. Estava até gostando, aí o pastor de lá [...] começou a fazer perguntas a mim e disse se a minha casa era alugada; como é que eu podia dar uma oferta, entendeu? Assim, (...) aquele interesse. Aí eu vi que tem interesse [...] Então, enfim, (...) minha mãe (...) alugou uma casa em outro canto e ela conheceu uma outra vizinha lá, que era da Batista [...] aí e eu comecei a frequentar. [...] Ela levava primeiro os dois meninos [...] então quando eu comecei a ir eu digo: eu vou para essa evangélica, vou fazer uma visita lá [...] E eu fui quando cheguei lá (...) aquela coisa de você se sentir em casa. Você se sente em casa! É essa aqui que eu vou congregar e pronto! Então assim comecei a ir para ela. Levava meus filhos.

Fernanda possuía uma dimensão intelectual (GLOCK, 1962) distinta daquela professada naquele contexto pós-pentecostal religioso o que a faria sentir certo estranhamento com práticas e ritos lá praticados. De certo modo, após passar por comunidades de natureza doutrinária pentecostal, e pós-pentecostal, encontrar um ambiente em que não apenas ela, mas sua família e seus filhos pudessem se integrar, como na igreja tradicional de ordem Batista, acabaria sendo um grande diferencial para a escolha de Fernanda, uma vez que suas disposições religiosas se articulariam com suas disposições maternas e familiares para a sua tomada de decisão.

A vivência crescente agora em uma comunidade religiosa tradicional de ordem Batista e como associara aquele ambiente a uma extensão de seu próprio lar, faria com que Fernanda, movida por suas disposições familiares, buscasse integrar os sujeitos de ambas as esferas: família x comunidade religiosa. Somadas a vivências cada vez mais profundas na doutrina e fé Batista, e tendo cada vez mais a compreensão de sua experiência religiosa como verdadeira, suas disposições para o proselitismo religioso seriam ativadas, tendo o campo da família como seu primeiro e principal foco de ação.

> Aí eu disse a minha mãe: mãe vamos [...] vamos a uma igreja maravilhosa. O povo me acolhe ali, sabe? Assim você se sente em casa! Então começou lá e foi ali o meu crescimento. Foi na igreja [...] E dia após dia eu vou [...] fazer tudo certinho. E ela começou já nem falar mais sobre dependência, sobre droga, essas coisas.

Agora, cada vez mais, novas e antigas disposições - essas últimas cuja gênese remonta momentos anteriores à separação de seus pais; à saída de sua cidade natal e a ruptura com os diversos laços afetivos; à morte de seu pai e a resultante entrada na dependência de diversas SPA´s - encontravam um contexto favorável para os seus desenvolvimentos. Seu comportamento tímido e inibido tenderia a dar espaço a disposições marcadas por comportamentos cada vez mais espontâneos. O desenvolvimento e a ativação de suas disposições para a oratória, juntamente com a capacitação para superar medos e ansiedades, permitir-lhe-iam uma comunicação eficaz articulada com códigos e expressões características daquela comunidade religiosa em particular.

> Dei meu testemunho lá [na Igreja Batista] [...] Chegou um certo dia que eu dei. Minha mãe dizia: Fernanda, tu tem coragem? Tu tem coragem de dizer tudo que tu aprontou? Digo tenho! Claro que eu tenho que dizer a ela porque eu dizer Mãe, eu vou dar meu testemunho e vai ser na igreja (...) Ai ela disse Meu Deus do céu! Aquela igreja cheia de gente, tu falando ali, tu não tem vergonha? [Fernanda] Eu quero [...] que todo mundo saiba o que Deus fez na minha vida. Então eu dei meu testemunho, todo mundo chorou. Até hoje [...] eu estou contado.

A partir dessa experiência, a dimensão intelectual (GLOCK, 1962) de Fernanda crescia cada vez mais, repercutindo assim em sua dimensão consequencial (GLOCK, 1962). Essas, somadas as suas disposições críticas tenderiam a conduzi-la a um intenso processo de questionamento ou mesmo a atacar símbolos e concepções religiosas das tradições dos diversos outros membros da família, marcando assim uma fase de constantes e acentuados debates religiosos no contexto familiar. Cada vez mais que Fernanda adentrava o campo

religioso e adquiria convicção das transformações as quais passara, não apenas ela, mas o entorno de suas relações e dos sujeitos os quais interagia tendiam a se modificar.

Pouco a pouco, os atores que compunham sua família – filhos, seu padrasto e por último a sua mãe – tenderam a ressignificar suas identidades religiosas, marcando assim uma nova fase de socializações e interações.

6.8 AFASTADA, MAS VIVA NA FÉ!

À medida que Fernanda progredia no desenvolvimento das crenças, conhecimento e ritos, suas disposições religiosas tendiam a ficar mais fortes e emblemáticas. O reconhecimento de sua transformação – ocorridos tanto no contexto de sua comunidade religiosa quanto no contexto dos diversos atores que integravam seu contexto familiar – tendia cada vez mais a legitimar sua nova condição.

À medida que isso ocorria, a constante confluência das suas disposições adquiridas ou reativadas tendiam, a partir do filtro de suas disposições religiosas e para crer, a marcar novas formas de ação em contextos cada vez mais amplos, como, por exemplo, os espaços da rua.

> Busquei, orei e pedi a Deus que não fosse mais para esses lugares, sabe? [...] Quando você sai da casa [da CTI] você fica lá como se fosse com (...) um pouco de medo... aquela coisa assim, entendeu? Porque não sabe como é que vai encarar. Então eu saí confiante de lá. Eu saí confiante que não queria... Mas eu sair confiante que não queria era uma coisa, eu encarar é outra, né? E eu chegar no meu bairro e encarar e andar ali. Ali você está guardada [na CTI] [...]. Mas assim, eu vim confiante, mas mesmo confiante [...] eu tinha receio, eu evitava certos lugares como evito hoje.

De certo modo, o ambiente da CTI foi um contexto capaz em gerar em Fernanda disposições de confiança capazes de fazer com que nossa participante nutrisse a expectativa de estabelecer relacionamentos considerados aceitáveis em campos mais amplos a partir das habilidades e conhecimentos adquiridos nessa experiência.

Todavia, ao se inserir no âmbito das sociabilidades em contextos mais amplos, na busca pela manutenção da nova condição adquirida, tais disposições tenderiam a se transformar em disposições para a evitação, uma vez que Fernanda tenderia a evitar lugares ou mesmo situações e sujeitos considerados "ameaçadores". Preferia, por outro lado, o convívio daqueles que professavam a mesma fé; atuação essa a qual Berger (1985) compreende como legítima daqueles sujeitos que passaram por um processo de conversão religiosa uma vez que, para ele,

> o indivíduo que deseja se converter (…) precisa (...) desligar-se daqueles indivíduos ou grupos que constituíam a estrutura de plausibilidade da sua antiga realidade (...) e associa-se tanto mais intensamente e (se possível) exclusivamente àqueles que servem para manter a sua nova realidade religiosa. (BERGER, 1985).

Ao sair de casa, por exemplo, relata sair com a filha como uma forma de inibir abordagens consideradas ameaçadoras, bem como o julgamento da família quanto aos espaços e sujeitos os quais interagiria, o que pode ser verificado nos relatos a seguir:

> [Uma pessoa de sua antiga rede de sociabilidades diz] Oi Fernanda. Menina tu tá bem! Aí dizem: eu tô morando ali. [Fernanda] tô apressada; tchau! Ai, às vezes também eu pego levo minha filha, eu evito andar só lá sabe?. Eu não gosto, eu evito andar só; eu não gosto; eu não gosto de tá andando a pé ali [...] eu não gosto. Então, assim, quando eu vou resolver alguma coisa numa farmácia ou numa lotérica, ou alguma coisa assim, aí eu levo meu filho, minha filha...
>
> Já chegaram a mostrar [SPA´s]. Era uma mulher. Eu estava a ir à farmácia comprar um remédio e quando eu voltei dei de cara com ela. Ela disse: Fernanda. Eu disse: oi! Ela disse: eu estou morando aqui nessa rua [...]. Vem mulher pra tu conhecer minha casa. Eu digo: não mulher, vou não! Tô apressada! Ai ela disse: olha com o que eu tô (se referindo a droga) pra mim curtir, eu tô sozinha em casa, aí eu disse: tá mulher... ai ela dizia: ainda tá nessa né? Aí eu digo: Não, graças a Deus eu não tô mais fazendo esse uso não.... Perdi muita coisa na minha vida e eu não tô mais querendo voltar pra isso não, porque eu sei o que eu passei.
>
> Então assim eu passei por um processo, por tudo que eu passei. É um processo grande pra mim, pra hoje, em questão de dez minutos, cinco minutos, pra perder tudo. Porque perde! Porque perde! Porque só é a primeira e pronto... você perde tudo que você passou!

Todavia, se por um lado com sujeitos que fizeram parte de suas antigas redes de sociabilidades as disposições para evitação de Fernanda se mostram mais fortes, por outro, no contexto de interação com sujeitos dependentes de SPA´s fora desse campo suas disposições para confiança, disposições religiosas, disposições para reflexão, disposições narrativas biográficas até mesmo suas disposições para assistência interpessoal tendiam a ser ativadas, marcando assim uma forma de interação bastante distinta quando comparada a essa primeira.

> Quando eu vejo alguém na rua, por exemplo, aqui mesmo onde eu trabalho [...] Se eu abrir as duas portas, que é a porta de vidro [...] dá para ver: (...) eles são usuários. (...) Às vezes (...) quando eu vou para casa, eu passo aqui, estão todos fumando aqui na rua, entendeu? Então, fumando. Então [...] eu fico ali [...] meu Deus [...] eu fico assim, imaginando o tempo perdido que vai estar acontecendo com esse povo [...]. Assim tem (...) amigas minhas que entraram nas drogas... já dei conselho, né? Já comentei o quanto eu perdi as coisas.

Quanto a essa última disposição, é relevante recordar que a mesma encontrara um terreno favorável para sua ativação quando Fernanda ainda estava no contexto da CTI.

Entretanto, apesar das intensas experiências de reconstituição identitária pela qual passara nossa participante, é importante examinar alguns dos diversos eventos que afetariam

suas ações - atenuando ou mesmo anulando certas disposições -, recompondo, ainda que momentaneamente, seu patrimônio disposicional. Experiências como estresse e conflitos no âmbito da família [principalmente aqueles que se referem à legitimação de sua identidade e condição de abstinência] podem ser considerados alguns desses eventos, conforme evidenciado no relato a seguir:

> Uma vez passou um estresse em casa [...] pessoas [...] da minha família (...) que não acreditavam. (...) Então, assim, teve um comentário [...] que [...] eu tava fazendo uso; [...] que eu fazia escondido. [...] Aí eu fiquei assim, sabe? Aí eu digo: Mãe ainda bem que eu não vou ter que provar nada para ninguém. Ainda bem que a senhora acredita. Aí essa palavrinha deixou sem chão quando ela disse assim: tomara que você esteja falando a verdade. Aí eu em algum momento depois ,eu saí e fui pro meu quarto, orei e depois, sabe de uma coisa; dá vontade da pessoa fazer mesmo. Pensei o canto que eu ia, que eu sabia que ia, ia ter e eu ia ser recebida de braços abertos. Aí depois eu só fiz esse pensamento. [...] Teve esse pensamento aí depois eu disse: Não! não vou botar meus filhos aqui; meu filho não vai pagar por causa de uma pessoa que disse isso. Eu não vou fazer isso, não vai! Tá aí. Graças a Deus eu orei e me ajoelhei, deixei pra lá essas coisas. Então depois disso veio várias, depois disso [...] várias vezes as pessoas que está ali dizem: fulano voltou, só e botar um copo de cerveja pra ver se não vai voltar de novo. Então assim, muitas coisas eu escutava e passei e hoje eu não escuto mais nada, não graças a Deus.

Quando ativada sua disposição para revolta [por conta das fortes críticas], ficou evidente certa tendência para que as demais disposições mais emblemáticas de Fernanda fossem suspensas. Não apenas isso! No estado de revolta essa disposição também seria um gatilho para ativar sua disposição para planejamento. Mesmo evitando as várias investidas do contexto e dos sujeitos os quais interagia, cada experiência, cada contato tendia a deixar para Fernanda uma rota; uma saída para a sua nova identidade e de seus novos papeis no momento em que essas se achassem em crise. No entanto, percebe-se que sua disposição materna, que estava suspensa, voltou a ser ativada, o que acrescentou fé à Fernanda e lhe daria a capacidade de lidar com ataques futuros e a ativar sua disposição para evitação, inclusive no ambiente familiar.

Todavia, vale lembrar que a interação com sujeitos de sua rede familiar mais ampla também guardaria certos riscos os quais Fernanda até então lutava para evitar: dentre eles, o hábito de tomar bebidas alcoólicas.

Desde que saiu da CTI, Fernanda tendia, com base nos fundamentos doutrinários cristãos os quais adquirira, a dicotomizar os sujeitos dos espaços de interações. Assumia, assim, uma "visão dividida do mundo" (SCHUMAKER, 1992); visão essa que tendia a dicotomizar os campos entre sagrado e profano; entre a igreja e o mundo, entre outras. Suas sociabilidades, dessa forma, tenderam a variar como um pêndulo trazendo como consequência

a volta de seu hábito de beber seguida de uma mudança expressiva nas redes e sujeitos que integravam suas sociabilidades.

> Eu vim beber depois de algum tempo, porque quando eu saí da CTI eu segui aquele padrão da igreja e procurava a igreja ideal [...] Então, assim, não tinha aquele convívio com aquele [...] povo do mundo (...) como eu tenho hoje.

De certo modo, Fernanda narra que o contato com sua prima foi um dos canais que a levaria cada vez mais para perto desse antigo hábito. Era com a sua prima que a mesma era reintroduzida em festas, passeios, reuniões na casa da praia; antigos hábitos que, gradualmente, iam fazendo, mais uma vez, parte do cotidiano de Fernanda.

> Quando eu saí da igreja eu fui pra uma festa e aconteceu de eu dizer que quero tomar uma cerveja pra mim e pronto. Eu mesmo tomei essa decisão. Então, assim, eu já não era mais crente. Mas é como eu diga você agora não é mais a mesma coisa, porque aquela Fernanda que era antes, aquela Fernanda que passava a noite bebendo, aquela Fernanda que não podia tomar cerveja; [...] Aí quando foi o primeiro gole eu senti aquela coisa que já não era mais pra mim. Assim, não é aquela coisa [...] como é hoje; se eu tiver de beber, e como não vivo bebendo, não vivo mais assim, com uma taça de vinho; é uma coisa muito difícil de acontecer.

Após essa ação, Fernanda experimentaria uma desconfiança maior no âmbito de sua família. Experimentaria também seu afastamento progressivo de sua comunidade religiosa. Todavia há de se perceber que embora tivesse dado esse primeiro passo em direção ao consumo de bebidas alcoólicas, as formas de consumo, os ambientes, bem como as próprias consequências dessa ação eclodiriam de formas bastante diferenciadas quando comparadas aos seus hábitos de consumo anteriores.

Fernanda parecia agora ser dotada de disposições que lhe possibilitavam um maior autocontrole na questão da ingestão de bebidas. Ela mesma reconhecera que não era mais o mesmo. Como ela dizia, apesar de voltar a beber e ter saído do convívio da comunidade religiosa, ela não passava mais as noites ou dias fora de casa; o dinheiro em casa não diminuía; ela continuava com a mesma disposição para o trabalho. Diferente de antes, evitava ambientes festivos fora da rede familiar. Em tais âmbitos, estar ao lado da família e fazer o consumo do álcool figuraria como certa garantia para que os limites de sua sobriedade e respeito fossem preservados, conforme observado em seu relato abaixo:

> Vai ter a festa do dia 25 de São João lá [...] Sindicato [...] e bebida de graça [...]; mas eu não vou! [...] Não vou porque eu não sou uma de festa. E como eu falei para você, quando eu vou para um churrasquinho, por exemplo, eu vou para um churrasquinho, eu levo meus filhos; como um churrasquinho e evito tá bebendo na frente deles, porque eu não bebo. Mas se eu tiver de tomar

> quando estou numa casa de praia, aquela que vai meu primo, vai todo mundo, meu primo com a esposa, eu levo o menino e aí eu tomo uma cervejinha lá ...eles tomam banho de piscina, mas é duas latinhas, três, entendeu? Eu evito, evito e eu evito!

Apesar de todos esses episódios, da volta do consumo de álcool e de seu afastamento de sua comunidade religiosa, Fernanda se orgulhava em dizer que sua fé e hábitos religiosos permaneciam os mesmos. Como ela mesma dizia "eu estou fora, mas é a mesma coisa que eu esteja dentro". A vivência religiosa não lhe impulsionava mais a um desenvolvimento de sociabilidades intensas em um contexto mais ou menos coeso.

Relevante observar que diversas de suas ações e concepções pareciam apontar para certa consolidação e permanências de socializações [em especial as religiosas] vivenciadas ainda no âmbito da CTI. Já outras pareciam encontrar espaço mesmo após sua vivência nessa experiência socializadora, como, por exemplo, seu desejo de realizar uma tatuagem.

Fernanda possuía uma tatuagem de um anjo, que simbolizava seu filho, feita no período em que era usuária de maconha. Mesmo com diversos convites para realizar uma de sua filha, ela relutava em fazer. Ela havia compreendido que o corpo era algo sagrado e mesmo tendo ela disposições estéticas para tomar como positivas tais manifestações culturais, Fernanda resistia em realizar uma segunda em seu corpo por motivos os quais alegara desconhecer.

> Depois que eu passei lá [a CTI], eu aprendi coisas que é errado e o que é certo, né? [...] Mas aí eu eu sempre dizia a minha mãe: eu vou fazer uma [tatuagem] aqui. Ai ela diz: Meu Deus!!!! minha mãe tem horror a tatuagem. [...] Eu acho bonito tatuagens. [...] Mas só que eu não sei porque eu não fiz ainda. [...] Eu disse que ia fazer, inclusive eu ia ajeitar essa do ombro que tá horrível, está apagada [...] Eu tava querendo ajeitar, fazer uma outra com um menino e uma menina, sabe? [...] já peguei em dinheiro e tudo mais. Eu nunca tive a coragem de chegar assim num estúdio de tattoo desse e dizer: pronto! faça aqui agora, entendeu? [...] Antes de eu ir pra casa terapêutica eu tinha esse pensamento de fazer e fazer uma tatuagem [...]; depois que eu fui enfraquecendo e tendo esse pensamento. Me falta coragem de fazer isso. Me falta coragem e uma vontade [...], sabe?

De certo modo, não ultrapassar os limites do Álcool, permitir-se ser vista pelos membros da família durante o consumo; não realizar novas tatuagens no corpo [mesmo tendo vontade e recursos financeiros para isso]; tudo isso pode sinalizar certa continuidade de grande parte dos elementos que constituem seu novo patrimônio disposicional.

Diversos eram os recursos que colaborariam para que Fernanda mantivesse ativa sua fé após o fim de sua condição de acolhimento. Um primeiro que pode ser destacado pode ser o próprio núcleo de sua família.

Conforme foi visto, após o retorno de Fernanda da CTI, suas disposições proselitistas, bem como a legitimação da identidade religiosa que ostentara no âmbito familiar, seriam responsáveis pela conversão religiosa de todos os membros de sua família. Agora afastada do convívio de sua comunidade religiosa, Fernanda teria diversos canais nesses contatos para que suas disposições religiosas, afetivas, familiares e maternas fossem alimentadas conjuntamente. Conforme ela relata, diversas são as oportunidades que ela ainda adentra a igreja por conta dos filhos; ou como esses ainda pregam para ela e a incentivam na oração, a ouvir certos louvores, ou mesmo na perseverança da leitura bíblica.

Outro elemento que traduz a configuração das redes de sociabilidades de Fernanda pode ser evidenciado na forma que diversos membros da igreja tendem a frequentar ainda sua casa. Esses e outros atores religiosos adentram frequentemente os limites de sua casa, participam de refeições, festas além de interagirem e incentivarem diretamente Fernanda para a manutenção de sua condição de abstinência e de ações fundamentadas na cosmovisão cristã.

Conforme relata, diversos vínculos de solidariedade e afetivos ainda são compartilhados entre eles, reforçando seu senso de pertencimento e identitário com a doutrina e a fé Batista mesmo não frequentando os cultos e tendo voltado ao hábito da bebida.

Também cabe ressaltar que novas forma de interações tem alimentado diversas das disposições concebidas por Fernanda e que contribuem como essa lida com o Álcool e a abstinência em relação as outras SPA´s.

Embora se considere afastada de sua comunidade religiosa Batista, é no ambiente virtual que Fernanda se sente livre para assistir diversos cultos religiosos evangélicos através das chamadas “lives”, ou mesmo por meio de conteúdo gravado. É também nesse campo que Fernanda visa interagir com outros atores religiosos pedindo oração, compartilhando suas experiências, ouvindo músicas, entre outras ações que nutrem certas de suas disposições.

> As minhas postagens no status; do dia a dia; é tudo uma palavra de fortalecimento; relacionada a Deus. [...] Ainda não sei porque ainda não estou dentro da igreja ainda né? Ainda não voltei; [...] não sei as coisas de Deus, mas vou voltar!

Portanto, as interações e sociabilidades nesse ambiente tem, de certa forma, também contribuído para que suas disposições para sociabilidades se ativem cada vez mais, trazendo para Fernanda, progressivamente, o desejo de interagir com sua antiga comunidade religiosa. Fernanda ainda não tem certeza de quando esse passo se realizará de fato; no entanto, ela compreende que, depois de todas as experiências religiosas que tem vivido, com a experiência

cada vez mais madura e profunda de seus filhos no contexto religioso, movida por suas disposições religiosas e para crer é apenas uma questão de tempo até que ela retome sua vivência em sua comunidade religiosa batista e consolide ainda mais suas experiências no campo religioso.

7 RETRATO SOCIOLÓGICO: JOANA

7.1 ASPECTOS GERAIS

Joana, 41 anos, era uma mulher austera. Seus trajes, a aparência de seu corpo, sua forma de falar; todos esses aspectos demonstravam fortemente o quanto sua experiência religiosa de conversão ao pentecostalismo, ainda no contexto da CTI a qual era egressa, tendia a ditar aspectos predominantes de sua identidade social e, consequentemente, de suas ações.

Quando tivemos o primeiro contato com Joana utilizando o aplicativo WhatsApp, percebemos na foto que exibia como "perfil" significante ar de alegria e de conquista; imagem essa que tinha como plano de fundo o templo de sua atual comunidade da fé – a Igreja Assembleia de Deus -. Tentamos 2 vezes o contato sem sucesso. Semanas depois programamos aquela que seria a nossa terceira e última tentativa antes que a mesma fosse substituída. Visamos alternar o horário, ligando próximo das 12 horas, horário esse em que muitas das atividades de trabalho são interrompidas para almoço. Interessante que agora seu perfil no status do WhatsApp havia mudado. Agora exibia o interior da igreja a qual era membro. Havia poucos dias que ela dera um importante passo em sua fé; ela havia se "batizado nas águas"; um importante símbolo ritualístico para diversas religiões do cristianismo e que simbolizaria o professar público da nova fé a qual seguia.

Finalmente Joana atendeu o telefone. Afirmara que muitas vezes não atendia o telefone por estar novamente engajada em atividades de trabalho. Ela havia retomado uma atividade que conhecia muito bem antes de entrar para a CTI: a atividade de faxineira em uma pequena cidade do alto sertão do interior de Pernambuco. Ela era uma dos, aproximadamente, 10.000 habitantes daquela região.

No momento que fizemos contato, Joana havia alcançado o tempo de um ano desde a sua saída da CTI. Não morava mais em sua antiga residência, local em que se envolveu com o consumo de diversas substâncias psicoativas – dentre elas o crack e a cocaína – preferindo assim, em seu retorno, morar com os seus pais. Apesar da mudança de endereço, isso não significaria uma total ruptura com os antigos espaços e sujeitos os quais interagia. Como ela mesmo dizia várias vezes, era uma cidade pequena em que a maioria das pessoas se conhecia; local no qual as rupturas são mais difíceis e que os contatos, ainda que pontuais, são sempre uma possibilidade a se considerar.

Assim como seu pai e sua mãe – esses aposentados como agricultores -, Joana abandonaria desde cedo a escola, ainda na 5º série; abandono esse o qual revelaria a gênesis de alguns dos muitos traumas e de suas disposições.

Na escola, enfrentaria diversas privações materiais, o que a tornaria alvo de severas ações de estigma por parte dos alunos, o que teria um impacto direto na sua autoestima, gerando esquemas de percepção e de autovalorização bastante críticos. No contexto de sua família, também passaria por diversas privações alimentares; privações essas as quais tenderia a ativar suas disposições para o trabalho como recurso para superar as tantas ausências materiais e alimentícias. Também seu pai, que enfrentava problemas devido ao uso e abuso do álcool, seria um impulso para a consolidação de estruturas disposicionais bastante marcantes em Joana; estruturas essas que se converteriam em formas de ação fazendo que ela preferisse, progressivamente, ambientes mais reservados ou mesmo a evitação de exposição social excessiva.

Agregados ao quadro de diversas formas de violências psicológicas que sofreria ao longo da via, violências físicas foram bastante comuns em seus dois casamentos. Nesses relacionamentos era comumente espancada e alvo de diversos tipos de violência devido ao problema com álcool que enfrentavam seus maridos. Se deparar mais uma vez com uma ruptura no relacionamento a faria despertar para sociabilidades mais amplas, em novos espaços, e consequentemente para o uso de diversos tipos de SPA´s.

> O outro casamento, ele, alcoólatra; chegava em casa quebrando tudo, batia em mim também .... meu filho vendo tudo isso [...] Aí eu fiquei [...] traumatizada [...]. Aí, até agora não me relacionei com ninguém [...] Aí eu comecei a sair pra rua, festa, tudo... e com isso ir beber a bebida alcoólica. Comecei beber, fazer amizade. Aí fui pras festas [...] namorando [...] não casei mais. [...] Aí eu vinha da rua [...] bêbada [...]. Ai, tinha uma pessoa (...) que ela me viu (...) chorando (...) e perguntou o que era que eu tinha. Aí eu disse que estava triste, angustiada por causa que era humilhada e tudo; ai ela perguntou: você quer ficar alegre? ai eu disse como assim? [mulher] vamos ali comigo! Essa pessoa (...) me chamou pra casa dela e tava tudo lá: uma tropa usando droga. [...] Eu disse: não! quero não! [...] Aí eu refutei [...] três vez; na quarta vez eu usei.

Após ter suas sociabilidades abaladas, perda dos empregos, e passar por um forte processo de estigma social – quer fosse no âmbito da família, quer fosse com diversos moradores da cidade a qual fazia parte – Joana, influenciada por sua tia José e sua prima Júlia (ambas evangélicas da Igreja Assembleia de Deus) ingressaria voluntariamente em uma CTI feminina. Foi nesse contexto que Joana passaria por um forte processo de conversão religiosa e que tenderia a mudar não apenas seus esquemas de percepção, como também a reconfigurar diversos aspectos do seu patrimônio disposicional.

Agora, em situação de abstinência total – de SPA´s consideradas lícitas e ilícitas – e consolidando cada vez mais sua identidade religiosa no contexto social que agora faz parte, Joana - a partir da adoção de uma nova cosmovisão religiosa; da prática de ritos, da adoção de novos valores, entre outros - se reconhece na interação com novos atores religiosos e com o desafio de lidar com antigos sujeitos de sua rede de interações. Buscara assim recuperar a confiança perdida e conquistar novos espaços, reconhecimentos e sociabilidades.

7.2 UMA INFÂNCIA E SEUS MUITOS TRAUMAS

O contexto de desenvolvimento de Joana ocorrera em uma pequena cidade do alto sertão de Pernambuco. Antes mesmo de tornar-se faxineira, desde muito cedo desenvolvia suas sociabilidades em diversos contatos e interações entre as casas de vizinhos e amigos. Joana relata que até aquele momento sentia-se bastante aceita por parte daqueles que ocupavam a mesma região em sua cidade.

Era uma cidade pequena. Era nas ruas uma das principais formas de interagir com os outros; de desenvolver diversas formas de sociabilidades. A praça também correspondia a um importante espaço de encontro. Ficando no local central da cidade, era nela que aconteciam as principais festas da cidade. Assim como a praça tinha uma danceteria, espaço que a mesma descrevia a partir de sua cosmovisão religiosa, como um lugar destinado para as “festas do mundo”.

Embora a relação de Joana com diversas SPA´s tidas como ilegais ocorresse décadas no futuro, o acesso às bebidas alcoólicas era um elemento caracterizador das muitas sociabilidades lá existentes. Portanto, desde já muito cedo Joana aprenderia os fortes impactos da dependência de alguma SPA´s ainda no contexto da família. Filha de pai alcoólatra, dentre vários conflitos e traumas os quais vivenciaria, Joana viria sua mãe assumir o papel de provedora principal do lar, conforme perceptível no relato a seguir.

> Foi muito sofrido. Passamos necessidade. A minha mãe trabalhava para sustentar nós todos e ela não tinha condição. O meu pai bebia, chegava em casa [...] bruto. Fazia medo a nós; era ignorante que já chegava quebrando as coisas [...], batendo em minha mãe e nós vendo aquilo ali. E foi angustiante pra nós. Às vezes nos estava dormindo, ele chegava assustando nós; ele bêbado e minha mãe [...] sofreu muito nas casas trabalhando [...] pra criar nós.

Sua mãe era faxineira. Vivia pelos lares da cidade buscando recursos mínimos para a satisfação de diversas das necessidades da família. No entanto, a baixa remuneração da mãe;

a ausência e os conflitos no lar provocados pelo pai; todos esses fatores que marcavam a disfuncionalidade dessa família refletiriam na escassez material de Joana no contexto da escola. Roupas, cadernos, mochila – conta ela – era tudo improvisado; o que lhe rendia críticas por parte de seus colegas e tendia a inferir na constituição de seus esquemas de percepção.

> na escola o sofrimento [...] foi muito [...]. Era rejeitada; me chamavam de feia; [...] porque eu não tinha isso, não tinha aquilo, que eu era feia, que eu não tinha um caderno, porque naquele tempo minha mãe não podia dar (...); as bolsas nós levava era aquelas sacolas do mercado [...]. Aí ficavam tirando onda de mim [...] pelos colegas eu era humilhada; eu sofri muito nesse tempo da escola rejeitada. E também meu pai bateu muito em nós... batendo muito, fazendo vergonha e nós passando fome. [...] Não tinha o que comer dentro de casa e minha mãe chorava muito e a gente sofria junto com ela. Eu cheguei a ter depressão. Muito estressante. Depressão. Tentei já me matar na minha infância.... Dizia que eu não era nada... sempre tive aquela angústia... nunca fui feliz... sempre tive baixa autoestima, sempre tive... Na escola eu não queria estudar porque eu chegava em casa chorando dizendo que me humilharam... porque eu levava sacola de mercado. [...] No recreio [...] eu saia [...], não lanchava [...] não tinha amizade, ficava distante num canto... num canto só [...] resumindo... Eu entrei na droga [...] através da minha infância que foi ruim.

Como resultado desse quadro, a disfuncionalidade familiar vivida eclodida na forma de violência doméstica; a dificuldade de acesso a recursos para subsistência e para a vivência acadêmica; os processos de estigmatizações sofridos dentro e fora do contexto familiar – como na escola -; todos esses processos tenderiam a exercer sobre Joana uma influência profunda e afetariam sua saúde mental (DURKHEIM, 2000). Como resultado, todos esses projetos juntos favoreceriam, cada vez mais, o desenvolvimento de suas disposições para o suicídio.

De certo modo, as estruturas emocionais de Joana seriam tomadas por quadros cada vez mais críticos em que figurariam, crescentemente, sentimentos de angústia e ansiedade, incidindo assim sobre suas ações e novas interações.

Assim, Joana, inserida naquele contexto de interação, tenderia a desenvolver progressivamente disposições para reclusão social; quadro esse que marcaria diversas de suas relações, suas identidades, bem como numerosas de suas ações futuras.

Os fortes estigmas e conflitos vivenciados por Joana culminariam com sua saída precoce da escola. Todavia, sua saída não resultaria na inibição das disposições ali ativadas.

De certo modo, não apenas na escola, mas cada vez mais essas disposições seriam emblemáticas dentre as ações de Joana, tornando-se assim parte integrante de sua personalidade e/ou mesmo eclodindo em diversos dos contextos que ela participara.

Se as interações com os diversos agentes que compõem o contexto escolar ou da família tendiam a ativar essa disposição em Joana, no futuro, conflitos e tensões em seu

casamento aprofundariam ainda mais sua tendência para o afastamento do convívio social mais amplo. Como resultado, Joana teria dificuldades em contrair relacionamentos afetivos e amorosos. Ela estaria vivendo um relacionamento com tensões; mãe desde cedo [ainda na adolescência, aos 16 anos], e afastada dos convívios sociais mais amplos, experimentaria diversas continuidades de interações danosas à sua identidade e em suas sociabilidades. Moraria em uma casa precária - de taipa –; assim como sua mãe, seria espancada violentamente pelo seu marido, passando por diversas carências de recursos ao ponto de encontrar no trabalho de faxineira uma forma de superar as disfuncionalidades de seu próprio lar.

> Sofri nos casamentos; apanhava do marido; [...] eu casei muito nova. Eu tive o meu primeiro filho com 16 anos e apanhava do meu ex-marido [...]. Ele batia em mim na frente do meu filho; (...) me batia muito; me humilhava; me traiu; me trocou por outra; dizia que eu era feia [...]; me humilhava na rua. Me batia no meio do povo; deixava marcas [...] nos olhos... marcas roxas. [...]. Ele [...] passava o dia em casa; passava necessidade também. Não tinha aonde morar; era numa casinha de taipa. [...] Sofri [...] para criar meu filho; não tinha dinheiro pra eu comprar nem um leite pra ele. Passava nas casas pra conseguir comida pra ele. (...) Aí [...] coloquei na creche e comecei a trabalhar nas casas; aí foi o tempo que eu comecei a ser faxineira.

Todo o quadro de "violências" desenvolvido ao longo da sua vida também tenderia a deixar nela marcas em sua personalidade e, consequentemente, em suas ações. Joana se achava, assim como seus pais, "uma mulher bruta, explosiva, ignorante, desrespeitosa". Como uma forma de adquirir alguma vantagem em seus relacionamentos, tal contexto contribuiria para a ativação de sua disposição para mentir.

Assim como a sua mãe, a incidência de diversos quadros conflitivos; a escassez de acesso a recursos de subsistência; todas as características desse contexto se constituiriam como fortes ativadores de suas disposições para trabalhar. Esse quadro tenderia a revelar a presença de todo um capital cultural familiar apresentado e interiorizado ao longo de suas diversas vivências traumáticas.

> Eu comecei a ir trabalhar com 14 anos. Foi a precisão, porque precisava ganhar né? Porque apesar das coisas, minha mãe não podia dar. Aí eu fui morar um tempo com a mulher (...) ela faleceu. [...] Aí eu voltei para minha casa. [...] Depois que eu saí de lá, aí fiquei trabalhando; retornei trabalhando nas casas.

Sua disposição materna, uma vez inserida em um contexto de grande vulnerabilidade e escassez, a faria identificar na ação do trabalho uma forma de garantir recursos não apenas alimentares para seus filhos, mas aqueles que permitissem uma boa interação e sociabilidades em contextos distintos.

7.3 O INÍCIO DA DEPENDÊNCIA

Após a ruptura de seu primeiro relacionamento, o sonho de dias melhores - longe das agressões e das diversas formas de violência - não duraria muito. Assim como em seu antigo relacionamento, Joana seria vítima de diversos tipos de violência [como agressões físicas e exposições públicas diversas]. Embora suportasse todo esse quadro, quando seu marido constitui um novo laço afetivo [extraconjugal], isso desencadearia não apenas o fim de seu relacionamento, mas em uma efetiva mudança na forma como Joana interagiria com os sujeitos, os recursos e os espaços em sua volta. Tal situação tendeira a despertar em Joana disposições hedonistas, sendo agora comum encontrá-la - além da praça – em espaços distintos daqueles que comumente desenvolvia suas sociabilidades: espaços como a danceteria da cidade, por exemplo. Como consequência, a adoção de novos padrões de ações e interações seriam incorporados. Esses também seriam mediados pelo consumo do álcool e seguidos pela incidência de diversos quadros de embriaguez.

Em um desses momentos, tomada por um acentuado quadro depressivo, Joana é abordada por um dos sujeitos de sua nova rede de interações, sendo assim conduzida a uma "boca de fumo".

> Quando eu usei eu me engasguei, me senti mal. Aí disse: vá de novo que você vai ficar boa. Eu fui de novo, ai senti mal de novo. Era a terceira vez quando eu usei, ai eu senti [...] uma sensação que ela dá ...que o crack dá. Mas primeiro eu usava a cocaína, depois cocaína e bebia... Aí quando eu na terceira ou na quarta vez eu usei, eu senti sensação que ela dá ..." TÁ REPREENDIDO EM NOME DE JESUS" [Joana exclama em alta voz naquele momento] e eu não, não, não... não consegui mais parar. Eu fiquei desesperada, queria mais, queria mais, queria mais... E fiquei desesperada.

Algumas considerações podem ser sociologicamente extraídas desse pequeno discurso de nossa participante. Interessante observar que embora Joana, apesar dos traumas e frustrações vivenciadas, tivesse dado um passo em direção ao uso e consumo de SPA´s, ela havia dado nos limites do aceitável nas relações de interações sociais daquele contexto - fazendo uso somente do álcool -. Todavia, dentro de sua nova rede de sociabilidades, Joana dá seu primeiro passo para a constituição do que Becker (2008) chamou de "carreira desviante". Não estava nos planos de Joana ter nas substâncias psicoativas ilícitas uma opção para lidar com o seu quadro depressivo. Becker (2008) assinala a importância de se considerar que um ato desviante pode ser intencional ou não. Conforme o autor assinala: "muitos atos não

apropriados são cometidos por pessoas que não tem intenção alguma de fazê-los" (BECKER, 2008, 36).

Embriagada, depressiva, e agora sob forte influência de sujeitos que integravam sua nova rede de sociabilidades; apestar de tentar resistir, Joana logo seria iniciada naquele percursode vários desvios.

Uma vez tendo contato com a substância psicoativa identificada como "crack", para tornar-se uma usuária, Joana também seria iniciada naquilo que Becker (2008) chama de aprendizado da técnica. Passaria, com isso, a se submeter a diversas tentativas de consumo para facilitar a percepção dos efeitos, bem como a apreciá-los. Não necessitaria de muitas tentativas para que Joana adquirisse outro status: o de dependente!

Relevante observar que apesar de sua experiência de conversão ocorrida ainda no contexto da CTI, Joana ainda descreve – durante o período da entrevista - a persistente memória dos efeitos e sensações de tal uso. Interessante destacar que quando isso ocorre durante o procedimento de coleta, Joana deixa escapar a expressão "tá repreendido em nome de Jesus"; expressão essa que representa muito o forte processo de socialização e interiorização religiosa que passara períodos antes de nossa entrevista, ou mesmo predominância dessas disposições em suas formas de lidar com os recorrentes desejos de uso de SPA´s.

No entanto, antes de ser levada para a CTI, onde passaria por um intenso processo de socialização religiosa, Joana desejava consumir cada vez mais cocaína e crack, o que a faria deixar a condição de "desviante não percebida" – uma vez que seus atos e comportamentos infratores que antes tendiam a ocorrer ocultamente passariam a ser evidenciados abertamente (BECKER, 2008).

No início Joana buscaria sustentar sua condição de dependência discretamente, continuando a exercer diversos dos seus papeis, funções e sociabilidades. Seu consumo se dava normalmente em sua casa. Buscava ter acesso ao crack e demais substâncias durante o período da madrugada [por volta entre 3 da manhã e 4 da manhã], período esse no qual o fluxo de pessoas na cidade se tornara quase que inexistente. Todavia, a escassez de recursos e o aumento do quadro de dependência a faria optar por vender diversos dos seus móveis e outros pertences pessoais. Sua família perceberia; seu corpo também acusaria (uma vez que relatou pesar 32 kg). Logo suas diversas sociabilidades em contextos extra familiares também seriam afetados. Com isso, teria dificuldades em conseguir novas oportunidades de trabalho como faxineira; seria mais uma vez fortemente estigmatizada; excluída socialmente. Uma vez,

portanto, incidindo todos esses fatores, Joana teria ativada suas disposições mais criminosas, ou como podem ser também referenciadas, suas disposições para a delinquência. Agora, cometer furtos e pequenos delitos corresponderia a sua última opção para se ter acesso ao crack e demais substâncias as quais se tornara dependente.

> Todo dinheiro que eu pegava era pra droga. Aí eu entrei nela e não consegui sair mais [...] do crack. [...]. Aí eu comecei a sair da rua. Não ia para a rua mais. [...] Não dormia; andava na rua três horas para quatro horas da manhã, procurando o povo pra vender no lixo, pegando coisas nas casas, [...]; as meninas e eu sempre usando. Ai lá na minha casa tinha dia que enchia a casa; enchia a casa de gente para usar droga. [...] Vendi tudo que eu tinha... meus móveis... vendi tudo! Fiquei sem nada. Aí quando eu me vi sem nada, eu passei a furtar, a pegar coisas das pessoas pra vender e comprar droga.

Passar a frequentar novos espaços e consumir as SPA´s desejadas, o contato com grupos de delinquência da cidade e a deterioração dos antigos padrões e estruturas da vida; todos esses contribuiriam para que Joana percebesse na prática de crimes e pequenos delitos uma última opção para a manutenção de sua condição como dependente. Se a convivência nas ruas, nas praças, nas festas era algo que caracterizava Joana em um primeiro momento, agora, a partir do seu quadro de dependência, nossa participante (re)ativaria cada vez mais suas disposições para o isolamento social, preferindo a reclusão e a interação com sujeitos participantes dos mesmos grupos desviantes.

Um de seus últimos furtos, lembra, foi o de um aparelho celular em um velório. Joana sabia que não tinha tempo a perder. Ela sabia aonde deveria ir; o que poderia conseguir. Certamente esse foi um dos episódios mais críticos de sua carreira desviante. Logo após o furto, Joana se dirige para a boca de fumo para trocar o objeto do furto por 10 pedras de crack. Não percebendo que havia sido seguida, após o aparecimento do dono do aparelho, os traficantes anunciaram que a mataria naquele momento. Espancamentos, torturas psicológicas; uma série de outras violências se iniciaria em uma sessão que para ela pareceria interminável.

> Pegaram uma sacola pra colocar no meu pescoço e pra me jogar no açude. (Diziam) [...] Você vai morrer agora! Eu vou te matar. Quem mandou você dizer que vendeu a nós o celular? [...] Vagabunda! Aí bateram em mim. E o cara deu um murro em minhas costas. Aí vinha [...] com uma sacola e com uma corda para amarrar o meu pescoço e jogar lá no açude.

Relevante ressaltar que a cidade de Joana é uma das várias que integram o polígono da maconha. Sua cidade também tem apresentado ao longo dos vários anos diversos registros de

crime de morte, tráfico, bem como incidência significante de dependentes de substâncias psicoativas consideradas ilícitas.

De fato, adentrar na condição de dependência faria com que Joana visualizasse um mundo e interações ainda mais duras em relação àquelas que concebera ao longo de sua vida. Seu espancamento e sua quase execução só findou com a chegada de sua mãe e a negociação de sua dívida. Relevante ressaltar que uma vez levada para a casa de seus parentes - por seu tio e por sua mãe -, todo esse quadro de tensão e crise despertaria em Joana uma última disposição para a superação daquele quadro: sua disposição religiosa.

Após aquele momento crítico, Joana agora se via ajoelhada orando e em grande clamor, conforme pode ser evidenciado no relato a seguir.

> Nesse dia que eu me ajoelhei no meu quarto e pedi a Jesus pra me tirar dessa vida que eu não aguentava mais. Eu tava chegando a furtar; o povo não confiava mais em mim; ninguém me chamava pra trabalhar mais; quando eu passava as pessoas fechavam as porta e diziam: lá vem ela, lá vem ela (...). Eu chegava a pegar tapete no meio da rua. Cheguei pegar o celular que era do meu filho. Peguei dinheiro de minha mãe e cheguei pegar também umas coisas nas casas que eu trabalhava [...]. Ai o povo souberam e não quiseram mais que eu trabalhar. [...] Foi quando chegou um ponto que eu disse a Deus sozinha no meu lar; na minha casa; me ajoelhei e disse: Jesus tira eu dessa vida! Se o senhor me tirar dessa vida, meu Deus, eu vou te servir até o fim. Aí foi. Passou [...] um tempo e eu continuei usando e pedindo a Deus; Foi quando com uns 15 dias eu cheguei até minha família e pedi ajuda, que não estava aguentando, que eu queria me internar.

Joana decide voluntariamente pelo internamento. Agora, mesmo continuando na condição de dependente, sua disposição religiosa não cessaria; sua incidência lhe dava cada vez mais o convencimento de sua situação de desvio, bem como da necessidade de reconstituir diversas das estruturas de sua vida. Todavia, o que teria influenciado Joana a ativar suas disposições religiosas em um momento de crise e ameaças tão profundas?

Uma das respostas pode ser identificada em sua própria rede familiar. Apesar de Joana ter contato com outros atores religiosos, na família ela se permitia estabelecer sociabilidades e interações bastante fortes com figuras que professavam a fé evangélica. Conforme ela relata, tinha na sua prima Claudia (assembleiana) um exemplo e inspiração. Apesar da distância, uma vez que Claudia morava na região metropolitana do Estado de Pernambuco, sua prima muito lhe influenciava lhe induzindo a um estado reflexivo ou mesmo apresentando-lhe como possibilidade a adoção de uma nova fé. Sua tia Alzira - sempre muito próxima - agenciaria sua ida para uma comunidade terapêutica. Estaria prestes a se iniciar uma ruptura biográfica bastante expressiva e que tenderia a repercutir em diversas das estruturas de seu patrimônio disposicional, conforme será visto a seguir.

7.4 REAJUSTES DISPOSICIONAIS A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS NA CTI

Uma longa viagem foi feita; enfim Joana chega à comunidade feminina. Ao chegar à CTI ela recorda que ocorria naquele momento um culto religioso. Ela tinha a opção de ir para a sala de descanso antes de participar do processo de anamnese - processo esse que marcaria sua entrada definitiva na CTI -; mas com suas disposições religiosas e para crer ativadas, Joana escolhe se juntar logo aos demais no culto.

> A maioria das pessoas que chega lá, ela pede pra descansar, porque a gente chega drogada, chega muito cansada; porque não dorme [...]. Aí eu disse: não! quero ir é para o culto. O que eu queria era conhecer Jesus. Só isso! Aí eu fui pro culto, na hora do culto com o pastor lá dando uma pregação [...] ele olhou pra mim, apontou o dedo pra mim e disse: Deus fechou a tua cova! Tu ia morrer ontem, que era o sábado. Tinha muita gente com sede em você, em te matar, e Jesus lhe colocou aqui. Aí eu comecei a chorar; ele terminou o culto ai eu fiz a entrevista com mãe Zana [...]. É o Espírito Santo mesmo! Aí eu fiz a entrevista, assinei um termo (...) dizendo que estava lá por vontade própria [...]. E lá eu tive uma experiência muito boa; é um lugar muito abençoado. Lá eu já senti a presença de Deus. [...] Comecei a ouvir os cultos... lá tem culto [...] adventista, vai à Universal, vai a Católica; mas eu não faço culto na católica. (...) E toda vez que eu (...) eu prestava muita atenção ali [...] ouvindo a Palavra de Jesus; e colocando no coração, guardando, ouvindo [...]. Aí uma mulher deu um testemunho lá que já se livrou da droga (...). Aí, através desse testemunho [...] no final ele perguntou quem queria ser de Jesus e eu aceitei. E foi até no dia que eu cheguei lá. [...] Levantei a mão, aceitei e ele orou. Aí eu fiquei esse tempo lá, todos nos cultos... Sendo abençoada por Deus.

A participação no culto; a experiência mística de revelação divina - essa característica dos cultos pentecostais -; o estado ativado de suas disposições para superação e disposições reflexivas somadas às suas disposições religiosas e para crer; todas essas incidiriam para as ações e interações de Joana a partir daquele momento. Como consequência, Joana se converteria ao protestantismo. Joana já identificaria uma das mais expressivas formas de atuação dessas comunidades: o uso terapêutico da religião.

Para Bucher (1985), as comunidades terapêuticas se destacam por utilizarem alguns conhecimentos da Psicologia Comportamental, esses que tendem a gerar sobre diversos indivíduos que lá participam incorporar novos valores e, consequentemente, novas formas de ação. Dessa forma, compreende o autor que o quadro de dependência tenderá assim, à medida que se desencadeia um forte processo de interiorização, a dar lugar a uma "intoxicação ideológica". Embora não tenha sido o objetivo dessa pesquisa de tese avaliar processos concebidos pelas CTI´s, é relevante destacar que a experiência de Joana tende a demonstrar a incidência de tal processo; intoxicação essa a qual já experimentara em pequenas dosagens em suas diversas sociabilidades com sua prima Cláudia ou mesmo com sua tia Alzira, ambas evangélicas pentecostais.

Ao participar de uma cerimônia com características pentecostais em diversos contextos é bastante comum que os indivíduos vivenciem certas experiências consideradas místicas (SILVA, 2018). Indo nessa direção, a disposição para crer de Joana a inclinaria cada vez mais a acreditar nesses modelos de experiências, o que incidiria diretamente na constituição de sua identidade, carreira institucional, ou mesmo nas diversas socializações e sociabilidades que lá desenvolveria.

Dentre as várias dinâmicas que ocorrem no contexto da CTI, uma delas corresponde aos cuidados que cada acolhida deve ter com os ambientes os quais interagem. Atividades na cozinha, capinagem do campo, atividades de manutenção das instalações; atividades de limpeza dos cômodos [pátio, salas, quartos e banheiros], são algumas que podem ser citadas.

Logo ao adentrar no contexto da CTI seria para a manutenção do banheiro que Joana seria designada. Realizar tudo com bastante zelo, e demonstrando ter bastante atenção aos detalhes, faria com que cada vez mais ganhasse a confiança necessária no contexto da CTI. De certo modo, sua experiência como faxineira era ali relembrada. Como faxineira era comum e importante compreender as expectativas daqueles que contratavam seus serviços. Também Joana estava acostumada com os vários desafios para constituir uma renda a partir do próprio trabalho. Era comum aceitar mais de uma faxina por dia. Estava acostumada a trabalhar de forma rápida e eficiente. Em uma de nossas entrevistas, que ocorreu por volta das 14 horas e 30 minutos, ela expressou que utilizaria aquele momento antes de assumir seu segundo trabalho do dia. De certo modo, o contexto do trabalho coletivo na CTI seria mais um canal no qual as disposições para a disciplina, disposições para o trabalho e as disposições para a obediência seriam (re)ativadas. Essas, juntamente com o desenvolvimento de suas disposições religiosas, tenderiam a ser cada vez mais evidentes nas ações de Joana. Como consequência, Joana progrediria naquele contexto.

> Eu limpava os banheiros; [...] entregava papel higiênico; pasta; eu era dona da bolsa, porque lá ele não tem contato com barbeador, com essas coisas [...] cortantes. [...] Eu ficava na porta do banheiro enquanto as internas tomavam banho. Quando elas terminavam, elas me entregavam [...] a pasta, [...] a escova. Como terapias [...] eu [...] ouvia louvor; fazia trabalhos artesanais e bonecas feito de CD; fazia, costurava, fazia um monte de coisa pra ocupar a mente. Ela viu que eu tinha confiança [...]. Eu era muito obediente; fazia tudo direitinho. Nunca errei, nunca fiz nada errado. E ela me colocou porque ela confiava. A gente acordava às 6 horas da manhã; tomava café às 7 horas, escovava os dentes. Aí descia lá para o ponto aonde tem os culto. Aí iam fazer esse trabalho que era lavar os banheiros. [...]. Aí eu tinha essa responsabilidade.

Interessante destacar que durante os 2 anos em que passou como dependente do crack e da cocaína, na maioria desse tempo Joana inibiu sua disposição para trabalhar. Agora, no

contato da CTI e distante do uso de tais substâncias psicoativas, Joana poderia desenvolver novamente essa disposição. Além disso, o trabalho passaria a representar – quer fosse os coletivos; quer fosse os característicos da laborterapia – uma estratégia de enfrentamento. Evitar a ociosidade através do desenvolvimento de alguma atividade produtiva seria, portanto, um padrão o qual Joana tendeira a preservar não apenas no contexto da CTI como também ficaria bastante evidente no retorno ao seu contexto de origem.

> É bom primeiramente ocupar a mente [...] e quando eu usava drogas eu não trabalhava. Passei dois anos nas drogas; não trabalhava! E lá (na CTI) despertou a vontade de voltar a trabalhar. Tanto que quando eu cheguei aqui (em sua cidade de origem) já fui trabalhar.

O contexto da CTI, portanto, favoreceria a ativação de suas disposições religiosas e para crer; essas que eram seguidas pela prática da audição ou mesmo pela canção de diversos hinos e louvores religiosos.

Joana tendeu a dicotomizar os tipos de músicas em "músicas do mundo" e "louvores sagrados". Embora ouvir e cantar hinos e louvores fizesse parte de suas diversas formas de lazer, no contexto da comunidade terapêutica a prática do canto tenderia a se constituir como uma forma de conectar suas experiências de vida com o retrato de sua nova espiritualidade. Portanto, suas várias violências sofridas; os estigmas sentidos; as perdas de seus relacionamentos afetivos; bem como sua dependência vivida; todos esses episódios seriam reinterpretados à luz da nova cosmovisão que adotara, fornecendo com isso outros sentidos para a existência presente e ativando suas disposições para esperança quanto aos momentos futuros.

Ao questionar se haveria alguma música que ela aprendeu no contexto da CTI que ela ainda mantinha o hábito de ouvir ou mesmo cantar, Joana, demonstrando forte envolvimento, canta a seguinte música:

> **Se Não Fosse Deus**[83]
>
> Se não fosse Deus, não sei o que teria acontecido
> Confesso já teria desistido; É até difícil de imaginar
> Se não fosse Deus, jamais eu chegaria até aqui
> Eu não teria forças pra seguir; Dias ruins eu tive que enfrentar
> Doeu demais quando eu ouvi esse: Já era, não vai conseguir
> No auge da dor, eu chorava sozinha, sem nada entender
> Mas, um certo dia como outro qualquer
> Desses que a gente quase perde a fé
> Ouvi uma voz me dizendo bem forte: Estou com você

83 SABINNO, Samuel; PAIXÃO, Fábio. Se não fosse Deus . FERNANDES, Eliane . ***Se Não Fosse Deus***.

Sou Eu que te sustento e te ajudo
Sou Eu, o mesmo Deus e nunca mudo
Te carrego no colo quando você quer parar
Te tomo pela mão e te ajudo a avançar
É Meu o tempo certo de fazer; É Meu o tempo de te responder
Seja renovado, motivado, seja cheio de autoridade e de poder
É a Minha mão que abre e fecha
É a Minha mão que leva e traz
Com uma palavra eu mudo a história
Faço na guerra um reino de paz
É a Minha mão que vai te guiando
É a Minha mão que está te guardando
É a potente mão de Deus que em todo tempo está no comando
Sou Eu, o mesmo Deus e nunca mudo
Te carrego no colo quando você quer parar
Te tomo pela mão e te ajudo a avançar
É Meu o tempo certo de fazer
É Meu o tempo de te responder
Seja renovado, motivado, seja cheio de autoridade e de poder

Esse cântico proporcionaria, para Joana, tanto recordações de seu período na CTI quanto de diversas experiências concebidas fora dela; experiências essas marcadas por uma reinterpretação das ações, em especial dos estigmas e desvios que a levariam à dependência de diversas SPA's. Ao lembrar de tais episódios, Joana atribui um sentido religioso a essas experiências. Conforme Berger (1985), quando o neófito adere a uma nova fé, ele tende a reinterpretar a sua história a partir da cosmovisão atualmente adotada. Joana passara por isso e louvores como esses permitiriam que tais conexões e reinterpretações fossem feitas. Conforme pode ser verificado no discurso da própria Joana, quando questionada sobre o significado que esse cântico representara para ela, a mesma narraria: *"ele fala dos momentos de dor que eu chorava sozinha, sem saber o que fazer. Ele me toca muito, muito mesmo. E eu ouvi muito lá na CTI (...). Até louvo na igreja (...). Ele é o Deus poderoso que liberta, que cura, que não lhe deixa sozinho em momento nenhum.*

Cantar este hino no presente reflete o impacto da socialização na comunidade terapêutica – ambiente em que sua manifestação é tida como uma prática comum e esperada – . Além disso, é possível que tal experiência ofereça recursos para o direcionamento das novas ações de Joana, tendendo, assim, a contribuir para a "supressão de práticas e estilo de vida autodestrutivos", conforme identifica Schumaker (1992). A experiência antes compartilhada no contexto da CTI agora era exercida em novos contextos: quer fosse no ambiente religioso, no contexto familiar, do trabalho e outras esferas, Joana cantava, lembrava, e assim agia.

Pedagógico, tais cânticos também fornecem para seus executores e ouvintes mensagens as quais tendem a direcionar as formas como esses podem vivenciar suas espiritualidades.

Com Joana foi assim. Munida dessa nova percepção de si e de sua própria história, suas experiências de desvio agora podem ser compartilhadas. O chamado "testemunho" tende a se constituir em uma forma de reforço da identidade e da transformação professada, quer seja para ela, quer seja para a coletividade a qual agora busque esse reconhecimento. É uma forma em que sua identidade pode ser apresentada em seus diversos estágios; estágios esses que tendem a culminar com um final de sucesso à medida que o narrador descreve sua sensação de poder e controle através da associação que estabelecera com o sagrado (SCHUMAKER, 1992).

Se o contexto da CTI traria para Joana formas inéditas de aproximação com o campo sagrado; de conceber práticas e/ou mesmo participar de ritos como o batismo; ao procurar uma igreja pentecostal [logo ao retornar à sua cidade], Joana seria conduzida a uma afetação drástica em suas sociabilidades. Para Berger (1985, p. 64)

> o indivíduo que deseja se converter e (o que é mais importante) "ficar convertido", deve planejar sua vida social de acordo com o seu objetivo. Precisa, assim, desligar-se daqueles indivíduos ou grupos que constituíam a estrutura de plausibilidade da sua antiga realidade [...] e associar-se tanto mais intensamente e (se possível) exclusivamente àqueles que servem para manter a sua nova realidade religiosa.

Joana buscaria tanto essa ruptura quanto essa intensidade na vivência das suas novas relações. Retornando ao seu antigo contexto de desenvolvimento, Joana tenderia agora a conceber disposições para evitação, essas agora direcionadas a diversos dos sujeitos que antes integravam suas redes de sociabilidades e que poderiam representar certo risco ao seu atual quadro ostentado. Uma vez que tendeu a dicotomizar o mundo entre sagrado e profano, isso marcaria cada vez mais sua aproximação com os diversos atores religiosos da comunidade da fé a qual fazia parte; relação essa que assumiria cada vez mais uma forma intensa e ritual (GLOCK, 1962). Sua disposição para o isolamento agora tenderia a dar lugar a disposições sociais, sua integração com normas, valores e coesão nesse novo meio social (SCHUMACKER, 1992). No contexto de sua nova igreja, Joana participaria praticamente todos os dias de atividades ligadas à sua nova comunidade religiosa: cultos, evangelismos, visitações nos lares, ensaios, entre outras atividades. Quanto à dimensão compromissada de sua fé (ALLEN; SPILKA, 1967), Joana se aproximaria, cada vez mais, de uma postura típica ideal de um fiel pentecostal quanto ao conteúdo, clareza, e ideias similares partilhados no contexto de seu novo grupo de interação. Ela bucaria o "batismo nas águas" – esse que se

constitui um símbolo maior de seu “novo nascimento” [expressão essa atribuída ao processo de conversão]. Como consequência, tal rito de passagem permitiria a Joana ingressar um exercício mais intenso de sua fé e de suas novas sociabilidades, uma vez que poderia ingressar em alguns dos ministérios existentes em sua comunidade de fé, como, por exemplo, participar do grupo de louvor das mulheres de sua igreja. Depois disso, um último objetivo de Joana ficaria bastante evidente: buscar o chamado “batismo de fogo”, revelando assim uma dimensão vivencial (GLOCK, 1962) ainda mais profunda de suas novas experiências externas ao contexto da CTI.

Na tradição pentecostal, o chamado “batismo de fogo” derivaria do momento bíblico em que se narra a experiência do chamado "povo de Deus" com aquilo que seria identificado com a presença forte e definitiva do “agir do Espírito Santo” sobre o fiel, conforme descrito em Atos 2:1-13. Rolim especifica claramente que esse "não é um rito como o batismo com água, e sim, a presença toda especial do Espírito Santo que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas" (ROLIM,1987, p. 7), o que pode ser definido como glossolalia. Além de crerem na Bíblia como o único livro de fé e prática, certas tradições pentecostais – como aquela que Joana pertencia - acreditam que os mesmos milagres, que aconteceram no tempo dos apóstolos, seriam visíveis atualmente. "Os pentecostais entenderam que o fenômeno que estava ocorrendo em seu meio era o mesmo que ocorrera com os discípulos em Jerusalém" (SIEPIERSKI, 2003, p. 73). A imersão de Joana no campo pentecostal a faria compreender isso; a partir da ativação constante de sua disposição para crer, a busca por um significado espiritual e por experiências mais profundas e transcendentais se constituiriam como marcos de novas ações e aprendizados. Como resultado, tenderiam a alcançar diversas das esferas de suas sociabilidades, mascando assim novas formas de interações com o seu contexto, bem como com os desafios e sujeitos lá existentes.

Portanto, todas as ações tomadas por Joana visavam demonstrar a legitimidade de sua identidade religiosa no contexto de sua comunidade religiosa; legitimação que não se limitava apenas a esse âmbito, mas também alcançava outras esferas além do campo religioso, tais como a família, o trabalho e entre outras.

7.5 NOVAS FORMAS DE VESTIR E DE FALAR: O IMPACTO DAS DISPOSIÇÕES ESTÉTICAS E LINGUÍSTICAS NA CARREIRA DE JOANA

A carreira religiosa de Joana progredia cada vez mais em seu antigo contexto de interação. As novas vivências em sua comunidade religiosa tendiam a despertar disposições para confiança capazes de fazê-la progredir em diversas áreas afetadas não somente pelo uso das diversas SPA´s como também aquelas concebidas em momentos anteriores - como no contexto familiar durante a infância, na escola ou mesmo nos dois casamentos que contraiu ao longo da vida, entre outros -.

Diversos dos traumas sofridos por Joana ao longo da concepção de sua biografia foram provocados devido a distintos quadros: escassez de recursos, diversas incidências de violências psicológicas sofridas no ambiente familiar e escolar; agressões e marcas deixadas em seu corpo; entre outros. Todas essas experiências não apenas afetariam suas emoções e autoestima como também tenderiam a gerar disposições de autopreenchimento estético. Como resultado, as incidências dessas disposições tenderiam a conduzi-la à utilização de enfeites, adornos e/ou mesmo roupas que a fizesse superar certos aspectos dos traumas relacionados à sua aparência física significantemente deteriorada. Joana descreve que mesmo sem gostar se via impelida a usar brincos, colares, utilizar roupas sensuais entre outros adornos e adereços. Todavia, no contexto da CTI, ao ativar suas disposições religiosas e disposições para crer, as vivências ritualísticas e o conhecimento que adquiriria a partir do contato mais intenso com a cosmovisão cristã; todas essas experiências permitiriam que Joana desenvolvesse disposições estéticas austeras. Como resultado, Joana reconhece que tal alteração em seus padrões de gostos e ações estariam mais compatíveis com sua nova identidade religiosa professada.

> Eu costumava usar short curto; blusa mostrando a barriga. Agora não! Me libertei! Foi simples demais! Me libertei lá (na CTI). Lá já comecei [...] porque lá eles doam roupa para a gente. Lá [...] tem um brechó. Já comecei a vestir lá roupa evangélica, roupas compostas. Mas eu não vivia sem isso. (...) Maquiagem, brinco, unha, eu fazia todo final de semana. Era pra mim [...] tudo. Hoje eu não sinto mais um pingo de vontade. Eu já não gostava. Pedi para o Espírito Santo para me libertar e Ele me libertou [...]. Eu me identifiquei (com a Igreja Assembleia de Deus) [...] porque ela é rígida e eu queria me libertar de tudo, de brincos, cordão, dessas coisas.

Em outro trecho, Joana ainda demonstra sua iniciativa de modificar e reformular a sua identidade física diante da incompatibilidade que sentia entre a sua aparência e os novos espaços religiosos que agora frequentara. Como resultado, isso tenderia a acentuar ainda mais seu desejo por mudanças e reajustes do seu conjunto disposicional.

> Eu nunca fui criticada; eu quem quis mudar os meus vestidos; eu quem quis mudar as roupas; eu me achava [...] muito vulgar no lugar Santo; no lugar evangélico. Eu me sentia nua. Ai eu mudei de roupa. Eu disse: eu não quero mais vestir essas roupas; aí comecei vestir [...] roupas evangélicas que eu gostava e me apeguei. E agora eu amo minhas roupas.

Conforme verificado nas narrativas de Joana, buscar uma igreja como a Assembleia de Deus também tenderia a lhe favorecer a consolidação de um processo de mudança disposicional ocorrido ainda no contexto da CTI. Conforme assinala o pesquisador disposicionalista Robson Gerliandro da Silva (2018), a rigidez doutrinária característica em diversos dos contextos religiosos assembleianos tendem a gerar sobre seus adeptos forças capazes de constituir disposições ascéticas ou mesmo formas austeras de compor suas próprias identidades. O contato com sua prima Claudia e sua tia Alzira (ambas assembleianas) potencializados através das diversas interações ocorridas no contexto da CTI, forneceriam para Joana um conjunto de códigos e normas os quais, progressivamente, Joana estava disposta a se submeter.

A inserção no contexto da CTI, bem como no âmbito das socializações e sociabilidades assembleianas, trariam para Joana não apenas mudanças em sua identidade física como também tenderiam a trazer impactos profundos em seu vocabulário ou mesmo em suas formas de se expressar. Essas formas variariam desde a utilização de novas expressões típicas do seu campo de pertença religiosa – “Glória a Deus”, “Paz do Senhor”, entre outras - como até a evitação de outras características de momentos anteriores à sua conversão. Em certo momento das entrevistas, quando Joana explicava sobre a forte ameaça e tortura a qual fora submetida no episódio do roubo do celular, a expressão “vagabunda” é pronunciada depois dela gaguejar repetitivamente, conforme pode ser verificado a seguir:

> [Joana reproduzindo as palavras do traficante que lhe ameaçara] - Você vai morrer agora, eu vou te matar! Quem mandou você dizer que vendeu a nós o celular? Eu mandei você dizer que vendeu nós? Sua va...va...va... “VAGABUNDA”. Vou dizer logo!!! Aí bateram em mim.

Parecia ser essa uma palavra não usada há muito tempo. Evitar falar palavrões ou até mesmo nomes relacionados aos tipos de SPA´s que utilizara pode refletir aspectos do processo de socialização religiosa e interações diretas com atores e comunidades religiosas. Como consequência, essas experiências tenderiam a ativar em Joana disposições de linguagem e comportamento religiosamente orientadas. A partir dessas disposições, Joana penderia a adotar uma postura mais reflexiva em relação à linguagem utilizada. A linguagem,

dessa forma, tenderia a se constituir em um terreno de extensão do sagrado, se estabelecendo como reflexo, assim, de sua nova identidade. Conforme afiram Ferreira (2023), é comum que o agente pertencente ao pentecostalismo possua como um desdobramento de sua conversão religiosa certa ressignificação de sua linguagem adotando, assim, uma linguagem religiosa específica; linguagem essa a qual tenderá a legitimar sua condição, autoridade ou mesmo se constituir como símbolo de sua nova condição. Todavia, apesar da ostentação desses sinais, diversos desafios, medos e ameaças a tais identidades eclodiam por diversas formas e vias nas novas trajetórias de Joana em seu contexto de desenvolvimento; desafios esses os quais impactariam em maior ou menor medida diversos dos aspectos de seu patrimônio disposicional constituído, conforme será apresentado no tópico a seguir.

7.6 MEDOS, AMEAÇAS E SUSPENÇÕES DISPOSICIONAIS: DESAFIOS PARA MANTER A NOVA IDENTIDADE E A ABSTINÊNCIA

As mudanças estruturais que afetaram as transformações estéticas e da linguagem de Joana tenderiam a ser fortemente alimentadas no desenvolvimento de sua trajetória agora em seu contexto de origem. Nesse processo, diversas outras mudanças também acompanhariam as várias reestruturações em seu patrimônio institucional, favorecendo assim o desenvolvimento de certos mecanismos de proteção, conforme pode ser percebido a seguir:

> Não vi ninguém (de suas antigas sociabilidades) [...]. Eu não frequento mais [...] a praça, a danceteria [...]; é só da igreja pra casa, do trabalho para casa. Não frequento mais essas coisas não. E ninguém me convida não porque sabe que eu sou evangélica.

Ao retornar ao seu antigo contexto de interações, Joana colocara em prática algumas das principais recomendações da CTI a qual um dia fizera parte: a de evitar ou mesmo, se possível, mudar de endereço; evitar o contato com sujeitos de suas antigas sociabilidades; procurar uma igreja e manter-se ativo nela.

Conforme já foi exposto, Joana executa esse plano para garantir a manutenção de sua nova condição alcançada. Agora suas principais interações tendiam a ocorrer entre dois polos: um no campo da família e outro no campo da igreja. Quanto a esse último, após sua conversão religiosa e retorno para casa, possuir a mesma fé e participar de sua comunidade religiosa se constituiriam em requisitos imprescindíveis para estabelecer novas relações e interações. Foi pensando nesses aspectos que Joana deixa transparecer também as qualidades esperadas de um novo cônjuge, sonho esse que alimenta para um momento futuro.

Embora o cumprimento de rotinas rígidas e o contato com familiares e pessoas que professem da mesma fé pudessem proporcionar a Joana uma sensação de segurança, algumas disfuncionalidades e conflitos poderiam afetar algumas das conquistas até então alcançadas. Um primeiro ponto que Joana deveria enfrentar seria o quadro de problemas relacionado ao consumo do álcool por parte de sua mãe. Conforme já fora apresentado, diversas das sociabilidades da pequena cidade a qual Joana fizera parte tinha na ingestão de bebidas alcoólicas uma de suas características mais comuns.

Logo ao retornar da CTI Joana teria que enfrentar esse desafio: interagir com sua mãe e lidar com as diversas tensões e conflitos relacionados a isso; quadro esse que seria o princípio gerador de profundas crises e anulação de disposições bastante emblemáticas de sua nova condição identitária.

> Teve [...] um tempo que [...] eu fiquei triste [...] face da raiva e eu disse que eu ia abandonar a igreja, que não ia mais. Mas a minha mãe se converteu. Fiquei forte. Porque eu queria que ela aceitasse Jesus, e ela aceitou. Aí ela aceitou e eu me fortaleci mais na igreja. [...] Eu queria que ela parasse de beber e fosse evangélica. Hoje ela está pra honra e a glória... ela parou de beber, é crente, vai muito pra igreja e se libertou da bebida. Minha mãe só bebia.

De acordo com Joana, os vários conflitos experienciados com a sua mãe tendiam a suspender, ainda que momentaneamente, algumas de suas disposições mais emblemáticas até aquele momento, como sua disposição para o autocontrole; disposições sociais; entre outras. Por outro lado, a anulação dessas favorecia que disposições pessimistas; disposições para o isolamento social; entre outras, figurassem naquele momento, gerando nela ação e comportamentos bastante distintos. Nesse momento de crise, foi interessante identificar os diversos suportes recebido por Joana; suportes esses que eclodiam por diversos canais, se constituíam como fontes motivacionais para a superação desse quadro, tendo como consequência a reativação de suas disposições até então suspensas.

No período de seu rápido afastamento, Joana contaria com a presença de diversos membros de sua comunidade religiosa em sua casa. Recebia, com isso, palavras de incentivo; versículos bíblicos; orações; entre outros. Interações constantes com atores religiosos que fizeram parte do contexto da CTI também marcavam as diversas sociabilidades vivenciadas por nossa participante.

Figuras como Ísis – a "Dona Doceira" – apresentada no primeiro retrato sociológico dessa pesquisa de tese merecem destaque, uma vez que marcam certa continuidade de interações e sociabilidades concebidas na CTI e que tendiam a ganhar novas formas e contornos a partir de sua atual condição como egressa. Joana e Ísis se tornaram amigas no

contexto da CTI. Ísis tonara-se uma de suas líderes ainda naquele contexto de acolhimento. Todavia, além da relação de poder que as uniam institucionalmente, a correspondência de Joana para com a liderança de Ísis permitiria que elas desenvolvessem uma relação afetiva de amizade a qual experiências, narrativas biográficas, bem como o desenvolvimento mútuo da fé eclodissem.

Todavia, com a saída de Joana da CTI, essa relação ganharia novos meios de ser concebida, meios esses que tinha no campo virtual uma das formas mais comuns de mediação. Consequentemente, essa relação tenderia a alimentar cada vez mais diversas das disposições ativadas em Joana ainda no contexto da CTI: entre elas, suas disposições religiosas e para crer.

Era comum que através do smartphone mensagens de incentivo e encorajamentos, links de pregações, mensagens curtas de reflexões bíblicas, ou mesmo relatos do estado atual de adaptação fossem trocados entre ambas. Como resultado, essa relação favoreceria a alimentação de toda uma cosmovisão religiosa de Joana ou mesmo impactaria diversos dos elementos que faziam parte seus esquemas emocionais.

> Ela (Ísis) era uma amiga pra mim. Ela foi amiga pra mim lá na CTI. Hoje ela é obreira lá. Tem dois anos e já tem acesso ao celular. Ela pegou o meu contato e mandou louvores, manda pregações, nós fala, às vezes, de Deus e também se converteu [...]. Ela é uma benção!

Assim como Ísis, Mãe Zana – coordenadora da CTI - também representara uma significativa e constante influência no reestabelecimento de Joana no contexto mais amplo.

> Mãe Zana [...] foi uma força; ela foi uma segunda mãe que Deus me deu. [...] Me senti no deserto. No início foi muito triste, angustiada, chorava, gritava, pedia para ir embora; mas mãe Zana me fortalecia. Eu ia para a casa da mãe Zana e ela me orientava; dava uma palavra lá.. ela orava em mim.

Não apenas em seus momentos de crises e vulnerabilidade, Joana encontrava no contexto da CTI e em mãe Zana um canal para o desenvolvimento de suas disposições para esperança e um canal para alimentar, consequentemente, suas disposições religiosas e disposições para crer. Foi bastante notório que essa interação tenderia a lhe desafiar durante a reestruturação de seus esquemas de percepção sobre si, ou mesmo incidia na ativação de suas disposições sociais, conforme pode ser verificado na narrativa a seguir.

> Lá eu chorava... por conta da minha baixo autoestima. Elas que me dava força para mim se arrumar e dizia: você é bonita, Jesus te ama. Ela me dava muita força, muita força. Mãe Zana era a principal que dizia que eu era linda [...]. Às vezes tinha culto; tinha festa e eu não queria me

> arrumar. Ai lá ela dizia: Joana pode se arrumar! Pode se arrumar Joana! Ela mandava as meninas me arrumar. Mãe Zana me ajudou muito.

À medida que progredia, Joana ia recompondo diversas de suas percepções e disposições; essas que no contexto da CTI tendiam a lhe fornecer novas possibilidades de ação. Quando realizada a entrevista com Joana, dessa vez já fora do ambiente da CTI, as disposições para confiança existentes em Joana tendiam a ativar disposições há muito tempo inibidas: como suas disposições para estudar, por exemplo. Conforme foi apresentado, no contexto escolar Joana passaria por uma série de conflitos e situações traumáticas, essas que tenderiam a afetar suas diversas formas de sociabilidades, identidade física e/ou mesmo sua autoestima.

Joana havia se permitido ser desafiada ao longo de diversos episódios de sua nova trajetória. Estava cada vez mais inclinada a retornar para o mesmo espaço em que diversos tipos de violências eclodiam e marcavam profundamente seus esquemas de emoções. Conforme ela mesma dizia, "eu quero (...) conseguir; eu quero aprender mais; (...) eu quero fazer faculdade; [...] para ser alguma coisa na vida; para conseguir um emprego melhor porque eu sou faxineira. Mas hoje, agora tudo tem que ter estudo, e eu quero aprender mais".

Para Joana, era necessário enfrentar antigos traumas e medos, uma vez que ela passaria a ver na educação uma forma de mobilidade social. De certo modo, o desejo de ingressar em um futuro curso universitário tenderia a demonstrar um processo em curso em sua carreira: como sua inclinação para um autodesenvolvimento, por exemplo. A continuidade da interação com mãe Zana tenderia ainda mais a reforçar tais disposições – ativadas em conjunto com suas disposições para crer, disposições para confiança, disposição para superação, entre outras -. Como resultado, agora nesse novo contexto, tal interação tenderia a marcar as inclinações e novas ações de nossa participante.

> Mãe Zana mesmo falou. Ela mandou estudar, voltar a estudar. Eu sentia que tinha medo de voltar [...] a estudar e acontecer tudo de novo que aconteceu na infância. Mas mãe Zana disse que [...] não era assim. Tem que ter fé em Deus. Eu tinha medo de eu só ali, sozinha, pensava em voltar tudo de novo.

Caso a separação entre Joana e sua antiga rede de sociabilidade tenha sido uma estratégia adotada para manter sua nova condição de identitária - visando também a manutenção de seu estado de abstinência -, enfrentar a presença constante das drogas no próprio ambiente familiar seria um grande desafio para seus objetivos. Ao retornar da CTI,

Joana se depara com um quadro que lhe traria grande instabilidade e sensação considerada ameaçadora: o quadro de dependência de seu irmão.

> Antes de eu ir, ele não usava. Depois que eu cheguei ele estava usando. Aí eu vi [...] aquela vida dele lá, porque ele mora perto daqui; ele mora (...) no muro da minha mãe, na casa. E eu sentia o cheiro da droga que eu sei que eu usava, né? Aí com aquela coisa ali, vendo [...] minha mãe fumando, meu pai fumando e eu vendo aquele fedor; aquilo me reprimindo, reprimindo. Aí foi um ano de angústia e eu fiquei angustiada. Aí mãe Zana disse que não era para mim ficar num ambiente assim, mas eu disse a ela que não tinha para onde ir agora. Aí foi isso que aconteceu. Aí eu estou repreendendo ... evito onde ele está. Quando ele está usando, eu evito estar aonde ele tá. [...] Ele vai para a rua usar. Aí agora está melhorando [...]; ele está diminuindo mais na droga. Mas mesmo assim eu não tenho muito contato e muito contato na casa dele já por isso.
>
> (ENTREVISTADOR) Mas já chegou a conversar com eles sobre isso?
>
> Já conversei com ele para não fazer isso porque eu já fui usaria de drogas. Não posso estar vendo essas coisas. Tem que correr da aparência do mal, né (fazendo referência ao texto bíblico de 1º Tessalonicenses 5:22)? Porque o inimigo é sujo. E ele compreendeu e não está usando mais aqui, usa fora.

Uma vez em contato direto com um contexto que representara uma ameaça à condição de abstinência ou mesmo à sua identidade construída, tal embate tenderia a ativar - como primeiro recurso de defesa – sua disposição por orientação social e espiritual. Para Joana, essa disposição encontrava em mãe Zana uma correspondência favorável [principalmente após sua saída da CTI]. Joana sabia que uma das principais orientações dadas na CTI era a de evitar participar dos mesmos espaços em que circulam as SPA´s as quais se teve acesso. Foi considerando essa orientação que Joana planejara deixar sua antiga casa e morar com os seus pais, se afastando assim de antigos contextos, memórias ou mesmo da relação com sujeitos cuja interação poderia representar uma ameaça à sua condição. Todavia, a inesperada situação de dependência de seu irmão a faria acionar, como primeiro recurso, a busca por orientação. Na impossibilidade de enfrentar uma nova mudança, Joana passaria a evitar o espaço de sua casa nos momentos em que seu irmão fazia uso; todavia, isso tenderia a ativar sua disposição para o confronto. Se em um primeiro momento a evitação se constituiria como possibilidade para o enfrentamento, posteriormente seria sua disposição para o confronto que marcaria suas próximas ações.

Outro ponto que merece destaque dessa experiência foi como Joana tendeu a ativar suas disposições religiosas e para crer como forma de enfrentamento. Joana afirmara, que ela "repreendia" – expressão essa bastante comum na cosmovisão religiosa pentecostal que traduz a existência de certa batalha espiritual entre o cristão e as astúcias do Diabo Satanás e seus demônios" – compreendendo, consequentemente, cada experiência com SPA´s ilegais de seu

irmão como ataques do “inimigo” sobre ela e sua família. Aquela experiência se tornaria, para Joana, um “campo de batalha” que precisaria ser vencido pela fé; vitória essa a qual dependeriam sua espiritualidade, identidade ou mesmo sua condição de abstinência.

Ativada em paralelo com sua disposição para o confronto e sua disposição para crer, sua disposição para a evangelização se manifesta como uma forma de combate. Joana enfrentou obstáculos ao manter sua abstinência e reconstruir sua identidade, mas as circunstâncias adversas que surgiram e poderiam afetar o progresso alcançado na CTI também contribuíram para legitimar a reconstrução identitária e disposicional. Na luta pelo reconhecimento; na retomada da confiança perdida; na vivência em ambientes que antes eram considerados causadores de traumas; nos conflitos familiares com a mãe ou com o irmão; todo esse quadro impactaria Joana de forma a fazer com que essa transparecesse diversos dos esquemas reajustados no contexto da CTI.

Portanto, à medida que interagia em seu contexto, Joana e diversos aspectos de seu entorno tendiam a se transformar, favorecendo assim a constituição de uma base cada vez mais fundamental para a consolidação de sua identidade, bem como da reconstituição de suas sociabilidades perdidas.

8 RETRATO SOCIOLÓGICO: IVO (O MANCHA)

8.1 ASPECTOS GERAIS

Ivo era um homem que trazia em seu corpo as marcas dos muitos percursos trilhados ao longo de sua vida; percursos esses associados a uma longa carreira desviante na dependência do álcool, do crack, da cocaína e demais outras substâncias psicoativas.

Ivo era um "homem de briga". Por enfrentar problemas com o álcool, era comum vê-lo atuar violentamente. Desde a sua adolescência até a vida adulta inúmeros foram os conflitos que lhe renderiam distintivas marcas e cicatrizes. Ao longo da vida foi baleado, esfaqueado, perseguido, torturado. Em um acidente, quando estava debilitado por um de seus vários ferimentos por armas de fogo, Ivo teria queimaduras em várias partes de seu corpo. A partir desse momento seria chamado de "Ivo Mancha" ou simplesmente "Mancha". Era o Mancha do tráfico; era o Mancha do cabaré; era o Mancha das mesas de bar; cada espaço com o qual se relacionara em sua comunidade de origem tendia a ativar algumas de suas principais e mais emblemáticas disposições - desde suas disposições mais hedonistas, até mesmo suas disposições mais delinquentes e agressivas -, marcando assim formas distintivas de ação.

Ivo foi um "cabra marcado para morrer". Sua dependência da substância psicoativa crack lhe traria ainda mais tensões em suas várias sociabilidades. Fugindo das ameaças de morte e tendo que abandonar sua segunda companheira – Lena – Ivo sairia de sua cidade natal, essa conhecida não apenas pela incidência do fluxo de diversas SPA's consideradas ilícitas como também pela contratação de matadores de aluguéis. Como consequência, se tornaria um morador de rua. Seria pelas ruas, agora em várias cidades do agreste e do sertão pernambucano, que Ivo constituiria novas interações e sociabilidades, bem como suas últimas marcas em seu corpo já bastante deteriorado.

Em um de nossos encontros, que ocorreu em sua residência, espontaneamente Ivo levantou a sua camiseta para contar a sua história. Ele apontava naturalmente para cada uma das marcas em seu corpo; cada cicatriz ou sinais de sua intensa e dolorosa queimadura se constituíam em "gatilhos" para uma volta no tempo. Ivo expressava com orgulho: "tenho várias marcas no corpo, mas a principal é a marca de Deus em minha vida", traduzindo assim, já preliminarmente, a presença de disposições religiosas e para crer na constituição de seu vasto patrimônio diposicional.

Apesar de não se identificar com as tendências protestantes desde sua infância – hostilizando e ridicularizando seus participantes [chamando-os pejorativamente de “bodes”] -, convidado por seu irmão, que era evangélico pentecostal, Ivo ainda em situação de rua atenderia ao seu desafio ingressando em uma comunidade terapêutica interdenominacional. Como consequência, seria lá que tenderia a reavaliar diversas de suas estruturas e concepções religiosas e futuras ações.

Ao sair da CTI a qual ingressara, após um ano e três meses, Ivo reencontra sua companheira: essa que exercia a prática da prostituição. Junta-se com ela em uma casa alugada na mesma cidade da CTI desenvolvendo novas experiências e interações no contexto de um bairro marcado tanto pela presença de diversas igrejas e atores religiosos (esses pentecostais, adventistas, católicos, entre outros), quanto pela incidência de diversos quadros de violências, assassinatos, prostituição, e diversas SPA´s - lícitas ou ilícitas -.

8.2 BATISMO DE ÁLCOOL: QUANDO IVO SE TORNA “O MANCHA”

Ivo Mancha era um dentre 12 irmãos em sua casa. Todavia, sua carreira constituída por vários desvios o faria adotar uma representação de si como sendo “o mais perverso de sua família”. Atitudes inconsequentes, manipulador, dissimulador, desrespeitador, resistente às autoridades, comportamento agressivo; esses são alguns dos muitos traços que tenderiam a marcar as várias formas de interação com sujeitos e contextos distintos.

Todavia, se esses traços já lhe faziam ter uma representação bastante crítica de si, Ivo compreende que a dependência do álcool corresponderia a um momento de ruptura em que diversas dessas características seriam aprofundadas, resultando em conflitos e tensões ainda mais complexos.

> Eu não bebia até meus 15 anos de idade; era uma beleza! Aí, depois de uns 15 anos de idade que eu aprendi a beber [...] foi muito triste pra mim [...] dos 15 anos até meus 43 anos [...]. Quando eu cheguei até meus 20 anos de idade meu pai já não aguentava mais. Meu pai tentou arrumar um serviço para mim e no serviço mesmo eu não parei de beber; [...] só bebia cachaça!

Assim como a participante Fernanda, desde muito cedo Ivo apresentara disposições para independência e para autossuficiência, disposições essas que encontravam em contextos extra familiares espaços bastante favoráveis para suas ativações e desenvolvimento. Filho de pai funcionário público e mãe agricultora, Ivo considerara o contexto familiar um ambiente hostil. Colaborava para a consolidação dessa representação as muitas experiências de

exortações e correções dadas por frações de seus familiares (como seus pais). Era atuando em contextos extra familiares que Ivo se achava livre para agir conforme as disposições que mais caracterizavam seu patrimônio disposicional.

> Eu não atendia conselho de pai, não atendia conselho de mãe. Sempre Eu queria estar na rua. Não estava em casa. Minha mãe querendo me ajudar pra eu não sair depois que descobriu que eu bebia. Eu comecei a beber e ficava dando conselho dizendo: meu filho, não vá! não vá! E eu nunca atendi conselho de mãe, nem de pai, nem de irmão. Por isso que eu digo que o desgosto da família era eu. [...] Eu achava ruim. [...] Eu já botava na cabeça que quem mandava na minha vida era eu! [...] Procurava tá com amizade lá e beber cachaça.

Era a partir do álcool que diversas das experiências de Ivo eram constituídas. Sob efeito do álcool, suas disposições agressivas eram fortemente ativadas marcando assim uma série de episódios e conflitos que atingiam cada vez mais sua identidade.

> Tive muita discussão e briga dentro da escola [...] por qualquer besteirinha. [...] Eu briguei muito lá na escola; eu briguei muito na rua; eu levei muito desacerto com esse negócio de briga [...]; a gente brigava [...] na violência. [...] Só quando rolava essas coisas aí eu briguei muito quando nós bebia cachaça.

Foi em uma dessas brigas, após beber mais de um litro de um tipo de bebida alcoólica, que Ivo, aos 15 anos, receberia a primeira de várias cicatrizes que colecionaria em seu corpo.

> Eu me lembro, eu tinha 15 anos. [...] Eu me lembro na época que quando ele veio pra cima de mim eu dei um murro nele e sai brigando, eu e meu irmão mais ele. Aí quando ele deu uma distância [...] nós viemos embora, aí ele disse: pare ai seus dois filhos da puta! Puxou um cano desse tamanho, um revólver grande, e começou: pá! Deu três tiros; dois tiros pegou em mim e foi aqui vazando a bexiga e outro aqui perto, perto do coração. Fui operado e [...] ainda passei dois meses em casa.

Ivo era assistido por sua mãe em casa. Tinha agora várias limitações físicas, não podia se movimentar com firmeza e segurança. Também tinha várias restrições médicas alimentares as quais sob a supervisão da mãe tinha que obedecer. Todavia, uma vez em casa, sozinho, e mesmo com seus movimentos limitados, Ivo decide preparar a própria carne para comer, provocando assim um incêndio ao manipular uma garrafa de álcool para a preparação do fogo. Com isso, Ivo teria queimaduras profundas de terceiro grau, provocando mais uma ida ao hospital. A partir daquele momento, para muitos de seu bairro e em sua cidade, surgia o “Ivo Mancha”. Relevante destacar como esse episódio traduz algumas das últimas disposições identificáveis características de seus esquemas de ações.

Ao buscar agir de forma independente produzindo fogo sozinho, Ivo desafiaria as regras a ele estabelecidas, o que tendeu a demonstrar mais uma vez sua predisposição a uma ação independente. Ao não considerar as consequências, bem como os riscos envolvidos

naquela ação, aquele episódio revelaria suas disposições para impulsividade, autonomia e coragem; esses bastante presentes em outros episódios apresentados mais a frente neste retrato sociológico.

8.3 UM PAI, UM DESEJO, VÁRIAS TENTATIVAS

O envolvimento com o álcool faria com que cada vez mais o ambiente familiar fosse algo mais distante para Ivo Mancha, uma vez que a maioria de suas interações e sociabilidades ocorriam em contextos extra familiares (assim como foi com a participante Fernanda) com sujeitos com algum tipo de dependência com álcool e outras SPA´s. A configuração do ambiente familiar, as distribuições dos papéis lá estabelecidos; entre outros; era no contexto familiar que Ivo Mancha tendia a obter a satisfação de suas necessidades mais básicas – alimentação, moradia – além de certos recursos financeiros para uma condição mais favoráveis de desenvolvimento. Nesse quadro, suas disposições mais hedonistas eram nutridas através do contato com o álcool. Ativação essa ocorridas em ambientes festivos, nos jogos apostados de cartas, na prostituição, entre outros acessos a recursos ou formas de sociabilidades. Todavia, apesar desse quadro, diversas foram as investidas de seu pai, o senhor Miguel, para que Ivo superasse os problemas relacionados à forte dependência enfrentada.

O senhor Miguel buscaria articular outros recursos a fim de mobilizar Ivo Mancha para uma efetiva virada em seu quadro de dependência. O primeiro desses recursos seria a busca por uma atividade de trabalho remunerada para seu filho. O senhor Miguel era funcionário público em uma cidade pequena. Possuía diversos contatos e uma rede bastante ampla que poderia ser acionada para cumprir esse fim. Indo à fábrica de refrigerantes de um amigo, Miguel conta seu caso e pede para um amigo receber seu filho como funcionário. Seu objetivo era que Ivo adquirisse mais responsabilidade e condições favoráveis para fugir da rotina e das sociabilidades até então consideradas prejudiciais ao seu desenvolvimento.

> Meu pai se cansou de mim [...] aí me arrumou um trabalho. [...] No começo foi muito bom, né? Assim que eu não, que meu pai arrumou esse serviço pra ver se eu parava de beber. [...] Aí no começo era bom demais, né? Que lá, eu passei uns dois meses sem beber e trabalhando certinho. Mas depois fui conhecendo outra turma lá que já bebia, aí eu ia, tomava umas dosinhas e parava. Depois fui costumando tomar mais; aí chegava bebo no serviço; os outros lá tinha controle... eu não tinha!

Ivo sabia que era cada vez mais danosa a sua condição de dependência do álcool. De certa forma, ao atender o apelo do pai e ao aceitar o trabalho em uma fábrica de refrigerantes, naquele novo contexto sua tentativa de distanciamento do álcool - que durou cerca de 2 meses - revelaria a incidência de sua disposição para a autodisciplina, disposição rara até aquele momento em seus relatos.

De certo modo, essa não havia sido a primeira experiência de Ivo em busca de um autocontrole e de uma autodisciplina em relação ao consumo que fazia do álcool. Ainda no tempo de escola, percebendo os fortes impactos que isso lhe trouxera, essa disposição surge por um certo momento, mas logo foi inibida pela forte influência exercida pelos sujeitos os quais se relacionava, conforme pode ser observado no discurso abaixo:

> Chegou uma hora e eu disse: rapaz... não dá certo esse negócio de bebida com escola. [...] Hoje eu não quero não. O meu pai quer tanto que eu estude e o meu pai quer tanto que eu saia dessas coisas e eu estou fazendo contra a vontade do meu pai. Não! Hoje eu não quero não! Aí os meninos ficavam com raiva. E diziam: bora, deixa de ser besta. [...] Mas não passava [...] uma semana sem beber. Nunca passei. Sempre no outro dia eu bebia.

Tanto no contexto escolar quanto no contexto da fábrica, corresponder às expectativas do pai - traço esse também observado nos retratos de personagens como Ísis, Fernanda e Joana - a incidência de disposições para conformidade e de autocontrole seriam as mais visíveis. Dessa forma, apesar das experiências frustradas no controle do próprio quadro de dependência, em diversas de suas tentativas de mudança era na busca por corresponder ao pai que Ivo encontrava parte do significado para essa ação.

Diversas foram as representações feitas de seu pai ao longo das narrativas colhidas: ajudador; provedor; apoiador; conselheiro; amigo; bondoso, zeloso, pagador (das dívidas contraídas), incentivador (para os estudos); articulador, entre outros.

No ano em que ocorreu a entrevista com Ivo Mancha, seu pai havia falecido. Ao realizar uma análise sobre sua figura paterna, foi notável que durante todas as entrevistas esse foi o único momento em que o participante expressou uma emoção intensa, chegando ao ponto de chorar, como pode ser observado a seguir:

> Meu pai. Eu vou dizer um negócio; foi o melhor pai do mundo pra mim, para meus irmãos [...] também. Meu pai sempre aconselhava [...] e nunca deixava nada. Até nois grande mesmo, mandava feira pra nós, mandava tudo. Hoje em dia eu estou sofrendo um pouco de falta do meu pai; meu pai foi bom demais pra mim (chorando). Ele falava..., mas conseguiu... conseguiu o que ele queria... pra eu sair das drogas. Morreu satisfeito.

De certo modo, um dos elementos que muito imperou para a condição de Ivo ocorreu devido à incidência de suas disposições motivadas pela busca da aprovação paterna.

Ao deixar a CTI, ao contrário de outros casos em que os indivíduos - esses que desenvolvam disposições para evitação de espaços ou mesmo de sujeitos que possam conduzi-los a um retorno às práticas as quais julguem desviantes [como observado nos retratos sociológicos de Ísis, Fernanda, Joana e Apolo] -, Ivo se constitui uma exceção. Os ambientes dos bares, dos prostíbulos e motéis ao redor de sua casa e de seu novo trabalho, os diversos pontos de venda de drogas; todos esses se constituíam em espaços os quais transitara. Todavia, diferente de antes, Ivo não busca envolver-se com tais elementos. A memória do pai, seus esforços, suas tentativas, suas expectativas; todas essas se converteriam em padrões de comportamentos e tendiam a motivar suas novas ações e identidade.

Todavia, quer fosse na escola aos seus 15 anos, quer fosse em seu primeiro trabalho aos 20 anos, essas disposições para superação ainda não estavam consolidadas, o que favoreceria que Ivo fosse facilmente influenciado pelo contexto e sujeitos que integravam sua rede de sociabilidades. Como consequência, tais relações incidiriam para o mesmo obter uma atuação insatisfatória em relação aos papéis sociais a desempenhar, o que resultaria em suas diversas experiências de fracasso e abandono escolar.

> Da escola [...] eu desisti também [...] porque até na escola rolava [...]. Porque tinha gente, tinha aluno lá que levava entocado. [...] Aí foi aonde eu disse: rapaz ou cachaça ou (...) colégio (...). Ai inventei de só bebida. Os alunos diziam: vai para a escola hoje Ivo? E eu chegava bêbado na escola; era uma agonia. [...]! Eu brigava muito com os alunos; Lá eu discutia com professor, eu chegava alterado; era zoada demais[...]; eu já me alterei até com professor; já botei [...] sapo [...] na bolsa da professora; [...] só quando bebia.

> Eu passei um tempo sem beber trabalhando, mas depois arrumei uma amizade também lá nesse serviço e bebi. Eu voltei a beber, perdi o emprego (...) que meu pai arrumou. Meu pai foi à decepção junto com o homem e disse: seu Miguelzinho, seu menino só chega bêbado e não sei se eu vou aguentar ficar com ele. Quebra a garrafa.... é uma agonia. Isso porque toda vez que eu ia bêbado, ele mandava ir embora para casa.

Se ao longo da vida de Ivo diversas foram as investidas de seu pai para que esse superasse sua dependência com o álcool, cabe destacar que tais investidas não se limitariam somente ao seu tempo de infância/adolescência e juventude; essas incidiriam até mesmo na vida adulta de Ivo. Dentre tantas investidas de seu pai, o incentivo para que Ivo mudasse de endereço certamente seria uma das mais radicais. Seria nessa experiência que Ivo marcaria sua união com dona Salomé – ou Mezinha –, além de uma séria de novas sociabilidades em um contexto distante de sua cidade ou mesmo das antigas redes as quais interagia.

8.4 UM “CABRA MARCADO PARA MORRER”

Aos 32 anos, Ivo Mancha é enviado para um novo contexto longe de sua cidade de origem. Era um pequeno sítio; lugar que conheceria dona Mezinha e com ela teria um filho. Todavia, apesar da família constituída, o isolamento do sítio proporcionaria que Ivo adentrasse ainda mais na dependência do álcool, resultando em um aprofundamento de suas disposições para agressividade, bem como dos diversos conflitos que dela incidiam.

> Com 32 anos, meu pai ainda tentou comigo. Ele arrumou um terreno e botou lá pro sítio. Aí foi onde eu arrumei a primeira mulher. Com essa idade eu comecei ter um caso com uma mulher [...]. Aí fiquei tentando só a bebida [...] só a cachaça [...]. No momento em que eu estava bebendo essa cachaça, depois que eu tomava umas três doses eu já ia mudando o meu jeito; já tomava [...] Pitú mesmo; bebida quente mesmo; aí já ia mudando [...]. Chegou um momento em mim que eu não podia olhar assim [...] para o senhor que já perguntava o que era que o senhor queria ... já começar a zoada. O povo já se estressava. Eu já ia pra mãozada. Quando eu não dava, eu levava; era uma agonia danad. E assim por aí foi. Aí depois fui conhecer as outras drogas: maconha depois, o tráfico, E por aí foi.

Após ter o contato com a maconha e posteriormente com o crack, a dinâmica de vida de Ivo Mancha ganharia novos contornos. O uso da maconha juntamente com o crack e a forte dependência provocada por essas novas substâncias psicoativas; o esgotamento rápido dos recursos financeiros existentes; a distância em relação à sua família de origem (em especial de seu pai e sua mãe); todo esse contexto favoreceria que Ivo ativasse suas disposições criminais. Como consequência, isso incidiria em práticas como roubos e furtos na região que habitara, bem como sua efetiva e consequente entrada no tráfico de drogas.

> Eu fiquei na rua [...] e não queria mais saber de casa nem nada. Aí [...] conheci a maconha e [...] depois [...] comecei no crack. Aí já passou a roubar casas [...] pra sustentar o vício [...], porque desde quando eu conheci o crack [...] a família (...) passou (...) a se afastar; não querer mais ajudar. [...] Aí, nesse momento, passei a vender droga. [...] Não deu certo [...] porque eu usava né? O meu negócio agora era só roubar, pegar. O primeiro roubo que eu fiz foi na casa da minha mãe... roubei um celular do meu sobrinho, roubei uma panela de pressão da minha mãe... tudo isso. E foi. Aí já foi partir pra agressão. Levei pisa de polícia, passei oito dias de cama do pau de polícia que eu levei. A Polícia pegou aí meteu o cacete e deixou eu com os olhos roxos; chegava em casa todo arranhado.

Mais cicatrizes eram adicionadas na identidade física de Ivo Mancha. Agora ele estava irreconhecível. Ao espancar um policial, Mancha escapou por pouco da morte. Todavia, a eminência de morte ainda seria sentida em vários episódios de sua vida.

Mancha conheceria o crack com uma prostituta a qual se apaixonaria. Ambos compartilhavam o crack à medida que desenvolviam uma relação em segredo. Sabendo do

caso, Mezinha recorre a uma prática conhecida da região: ela contrata um matador de aluguel. Perseguidos, Ivo e Lena são encurralados pelo matador. Todavia, algo acontece: Ivo reconhece o matador. Eram amigos. O matador lhe era grato por Ivo ajudá-lo em uma situação difícil de sua vida [situação essa suprimida em seu relato]. Assim, dado esse episódio, o matador permite que Ivo e Lena sigam com vida. Como consequência, todos bebem com o dinheiro adiantado ao matador por Mezinha. Era a terceira vez que Ivo escapa da morte.

Todavia, as dívidas que Ivo contraia por conta do consumo de diversas SPA´s iam aumentando cada vez mais. Já morando em outra cidade e ao receber a proposta de Lena pagar uma de suas dívidas com sexo, Ivo ativaria sua disposição para a agressividade. Como consequência, espancaria o traficante ao ponto de deixá-lo bastante debilitado. Com esse episódio Ivo e Lena sabiam o que ia acontecer. Era morte decretada! Ambos se separam. Lena volta para a prostituição e Ivo viraria andarilho e morador de rua. Cinco anos se passariam e cada vez mais envolvido na dependência do álcool e do crack, Ivo recebe um convite inesperado: ele é desafiado a ingressar em uma comunidade terapêutica religiosa.

8.5 INGRESSANDO EM UMA CTI

Enquanto Ivo Mancha desenvolvia cada vez mais seu quadro de dependência, várias foram as investidas de membros de sua família de origem para o mesmo superar sua dependência do álcool e outras SPA´s. Dentre esses pode-se destacar as ações de seu irmão Pedro. Pedro era evangélico, participante de uma igreja pentecostal de sua cidade. Ivo aponta que assim como seu pai Miguel, Pedro buscara influenciá-lo. Suas investidas buscavam conduzir Ivo a um ambiente o qual acreditara ser possível um recomeço: o âmbito de acolhimento em uma comunidade terapêutica. Depois de várias investidas, Ivo aceita. Juntamente com seu irmão, adentram uma CTI masculina localizada na região Agreste do Estado de Pernambuco.

> Logo no começo eu me senti agoniado [...]; era a abstinência do crack. Mas sustentei. Eu falava com meu irmão que eu queria ir embora. [...] Ai ele disse: calma aí! [...] Quem ficou com responsabilidade comigo lá dentro foi meu irmão [...]. Eu ainda aguentei [...]. Não tentei pular, fugir [...]. Para mim foi uma bênção mesmo, porque tudo lá foi o que eu aprendi que o mundo não me ensinou. [...] Ensinou coisas boas mesmo, uma família nova que tive foi lá.

Interessante ressaltar que ao passar seu período de abstinência dentro da CTI sua disposição para sociabilidade é fortemente ativada. Ivo passaria a se relacionar cada vez mais com acolhidos, obreiros, líderes, coordenadores; todavia, apesar disso, ele não demoraria para ser disciplinado por tentar “contornar” as regras da comunidade terapêutica a qual fazia parte.

Na visitação feita por seu filho, Ivo pede-lhe o celular, sendo logo descoberto. Embora estivesse na CTI, Ivo tinha dificuldades em esquecer assuntos inacabados de sua vida. Nutrindo cada vez mais certa disposição de apego por sua companheira Lena - até aquele momento desaparecida - Ivo nutre esperanças de reencontrá-la. Como consequência dessa disposição afetiva, Ivo tenta de várias maneiras interromper seu período de acolhimento. Como ele mesmo dizia: "Só sentia a falta dela. [...] Não sei nem como eu posso lhe responder: [...] faltava tudo e parece que era um pedaço de mim".

Assim como ocorreu no retrato sociológico de Fernanda, Ivo negocia sua saída com o seu irmão e com a coordenação da CTI a qual participava. Com apenas seis meses de acolhimento, ele sai da CTI disposto a encontrá-la. Todavia, em seu primeiro momento de saída, e apesar das dinâmicas das vivenciadas concebidas na CTI, Ivo confessa como a superficialidade em sua primeira experiência de acolhimento lhe conduziria a uma rápida e perigosa recaída. Sua vontade foi atendida. Ivo abandona sua condição de acolhimento e logo no contexto externo suas disposições para o envolvimento com álcool e outras substâncias psicoativas são ativadas. Ivo dá o primeiro gole e já em sequência também se envolve com o crack, conforme ele descreve a seguir: "mas rapaz, eu vim para essa comunidade terapêutica para sair do crack e eu tomei uma cerveja ontem. Pensei que não ia dar nada .... aí veio o crack..."

Algumas disposições são ativadas. Primeiro pode ser evidenciada sua disposição para autoengano, uma vez que tenta justificar sua ação para diminuir aquelas que seriam as consequências de suas ações. Segundo, pode ser percebida sua tendência à recaídas, estando ele agora distante de contextos os quais era supervisionado; e, por último, sua disposição para abstinência, uma vez que Ivo apresenta certa inclinação para superar mais esse quadro de desvio evitando qualquer envolvimento com SPA´s em situações futuras.

Todavia, estando ele em um contexto externo à CTI, o que teria ativado essa última disposição e inibido total e/ou parcialmente as duas primeiras? Ao aprofundarmos essa questão em outra de nossas entrevistas, Ivo deixa transparecer algumas das principais disposições que figuraram para essa mudança de concepção/ação.

> Eu deixei [...] porque tive medo de morrer. Porque eu [...] fui ameaçado várias vezes; levei tiro de doze; levei facada por causa do crack; por causa do crack! Aí eu digo: se eu voltar a fumar o crack de novo não vai ser diferente. Agora o povo vão me matar. [...] Vou acabar com o que eu tenho. [...] A família vai [...] dizer o quê? Aí pronto, foi o medo de morrer! Não vou mentir. O medo do pessoal me pegar [...]. Uns sai com sentido de não usar mais, mas outros sai com vontade de beber... foi o meu caso! Saí com o sentido de beber. Não, não botei em prática o que eu escutei lá

> dentro na CTI... lá dos irmãos da igreja. [...] Já no outro dia eu não quis mais, joguei a latinha. Joguei tudo que eu tinha. Aí já faz 11 anos e eu parei de tudo.

Interessante ressaltar que sua disposição para autoconfiança após sua saída da CTI é momentaneamente inibida frente à sua sensação de medo e vulnerabilidade sentidas em um de seus antigos contextos de sociabilidades: o bar. Naquele momento, o espaço no qual passara a maioria do tempo; em que construía a maioria dos seus vínculos e interações; a ativação de sua disposição para a agressividade – essa que tendia a aumentar a cada gole -; todas essas formas de se impor no contexto do bar deram margem a uma maior sensibilidade ao medo mediante a ativação de suas disposições reflexivas. De certo modo, a tão desejada "liberdade" alcançada por Ivo era fortemente reinterpretada à luz dessa disposição. Como consequência, essa disposição o levaria a compreender os possíveis desdobramentos de se dar um primeiro gole; da perda total do controle até então obtido durante o tempo de seu acolhimento; ou mesmo o levaria a avaliar as possíveis impressões e expectativas de sua família em relação àquele quadro.

Ainda nesse contexto, a sensibilidade ao medo marcaria a incidência de certa disposição para superação em Ivo. Como consequência, compreende a nocividade de certos comportamentos e hábitos para a recomposição de um estilo diferente de vida - como dar o primeiro gole – bem como os danosos desdobramentos desse uso associados ao consumo do crack.

Ivo, portanto, movido por essa aguçada reflexividade, lembraria de uma das lições que aprendera em seus 6 meses de Alcoólicos Anônimos, como pode ser visto a seguir:

> No AA sempre ensinam que o cara tem que evitar a primeira dose. Lá ensinam a evitar a primeira dose. [...] Você quer fumar, evite o primeiro cigarro. Quer beber, evita a primeira dose. Não quer beber, não quer fumar, evite porque se você tomar a primeira, você encarreira.

Apesar de reconhecer a importância da vivência socializadora no campo do AA, Ivo tomaria para si a relevância da reclusão de dos valores e éticas religiosas em sua recomposição identitária. Esse relato somente comprova o quão complexo foi o processo de socialização de Ivo, bem como instituições diferentes podem fornecer ensinamentos e valores capazes de promover a ativação ou mesmo a inibição de parte do patrimônio disposicional dos indivíduos. Embora tivesse se passado somente um dia desde a sua saída, toda essa incidência disposicional tenderia a influenciar Ivo em seu imediato retorno à sua CTI; retorno esse que duraria cerca de um ano e 15 dias.

Retornando à sua CTI, Ivo agora tenderia a conceber uma participação mais focada e comprometida, conforme será visto a seguir.

8.6 APRENDIZADOS NA CTI: TORNANDO-SE UM “HOMEM DE VERDADE”

“Sair um homem de verdade”. Após sua intensa vivência reflexiva ativada no contexto do bar, Ivo retorna ao campo da CTI. Agora, Ivo tenderia a conceber uma maior imersão nos processos terapêuticos uma vez que suas disposições para superação foram ativadas. Para conseguir isso e voltar a se relacionar com sua família e reencontrar-se com Lena, na CTI Ivo conceberá novas e significantes experiências.

Diversos foram as atividades de laborterapia, oficinas profissionais, cultos, entre outro, que Ivo passaria a frequentar. À medida que ia progredindo em sua carreira institucional, Ivo tenderia a ampliar não apenas o seu leque de possibilidades de um maior engajamento profissional, como também diversas de suas crenças e valores.

> O que eu aprendi lá nesse negócio [...] é que a vida no mundo ela é totalmente diferente [...]. Ali é uma lição para quando você sair de lá você sair como um homem [...]; já com formação em alguma coisa; de serviço; [...] você poder ir atrás de emprego. Eu aprendi lá porque o mundo [...] não ensinou [...] esse negócio de trabalho. Ele sempre ensinava (...): quando vocês sair daqui, vocês procuram um serviço, você não procurem beber. [...] Tem gente que não bota em prática, né? Eu botei em prática esse negócio que não dá certo, esses tipos de drogas, porque o que dá certo é você trabalhar, você ter sua responsabilidade e foi o que eu aprendi. [...] Eu sempre fui um cara que queria trabalhar, mas, por causa da dependência das coisas, não conseguia, porque a cana, a bebida, parece que era mais forte que o trabalho, sei lá! E o cara é bota e bota coisa na cabeça, né? Trabalhar? Tem o pai, tem a mãe que ajuda.

Relevante destacar, no discurso de Ivo, a incidência de certas concepções e disposições: dentre elas podemos destacar a ativação de suas disposições para a aprendizagem. Essas disposições são ativadas uma vez que tenderia a realizar uma interpretação instrumental entre os conhecimentos e habilidades adquiridas na CTI e seus usos em situações diversas da vida. Destaca-se também a ativação de suas disposições para o trabalho, uma vez que começa a valorizar as atividades laborais para adquirir um senso de responsabilidade, bem como constituir um padrão de vida mais estável. Também torna-se visível em Ivo a incidência de disposições para mudança, já que assume uma expectativa para a vida de forma mais produtiva quando comparado com antigos padrões de ações. Por fim, são destaca-se nesse episódio de sua vida sua disposição para autocrítica, uma vez que compreende que sua dependência se constituía como um fator de impedimento para uma vida produtiva, o que o levaria a uma reflexão profunda sobre suas escolhas e atitudes passadas.

Nesse processo “para se tornar um homem”, Ivo também se permitiria ser influenciado por diversos dos valores religiosos que figuravam no contexto da CTI. Se a participação nos cultos religiosos, em um primeiro momento, tendia a ativar em Ivo suas disposições para resistência e até mesmo de irreverência – quando tentava evitar participar daquele espaço criando assim estratégias para escape, ou mesmo mediante atitudes indisciplinadas - em um segundo, Ivo se mostraria mais receptivo e motivado. Progressivamente, sua resistência foi dando lugar à certa conformidade social. Como resultado, isso favoreceria que Ivo participasse de forma mais autêntica, espontânea e significativa das reuniões religiosas e demais experiências naquela CTI.

> No começo eu não gostava, eu não gostava não. [...] Depois que eu fui adaptando nas palavras, que foi entrando (ele foi compreendendo) e eu fui gostando; porque foi que eu fui me acostumando. Teve uma hora lá que (...) o pastor perguntou: quem (...) quer aceitar Jesus? Aí na hora eu tava até assim meio triste [...] e eu sem ter nenhum motivo eu levantei a mão. [...] Aí fui para lá!

Se por um lado a experiência no bar revelaria sua tendência para recaídas, agora no contexto da CTI, mesmo com a entrada ilegal de bebidas alcoólicas, Ivo demonstraria ter ativada certa disposição para abstinência e disposição para conformação [ambas associadas às suas disposições para superação]. Como resultado, isso revelaria a incidência de uma postura de evitação e afastamento de situações as quais consideraria perigosas para a manutenção de sua nova identidade física e religiosa.

Sua saída estava cada vez mais próxima; uma saída "de carona com a morte", conforme será apresentado a seguir.

8.7 DE “CARONA COM A MORTE”: EXPERIÊNCIAS QUE MARCARAM A SAÍDA DA CTI

Desde sua última recaída, já se passaram um ano e 15 dias e Ivo estava à espera de uma oportunidade: a de poder trabalhar. A convite de seu irmão, Ivo aceitaria trabalhar em uma funerária, condição essa que lhe possibilitou encerrar seu tempo de acolhimento na CTI. Conforme disse Ivo, muitos acolhidos ficaram assombrados ao ver aquele carro funerário adentrar as dependências da CTI.

Todavia, se aquele clima de morte tendia a causar curiosidade para alguns e espanto para outros, para Ivo, aquele episódio era tido como uma grande oportunidade: a oportunidade de concluir seu tempo de acolhimento e reconstituir suas sociabilidades e papeis outrora

perdidos; a oportunidade de reconstituir seu papel como trabalhador, uma vez que fora tido como fracassado e problemático em suas anteriores experiências; a oportunidade de reconstituir seu lugar e status na família, essa que até então desacreditara de sua condição de recuperação; e, por fim, reconstituir seu papel como companheiro, reencontrando Lena até então desaparecida.

> Eu saí de lá da CTI e eu fui direto para [...] a funerária. [...] Passei ainda dois anos lá [...]. Eu vi muito defunto. [...] Eu comecei [...] cortando flores, depois já vim pra costurar defunto; aí já fui me repugnando. Já fui..."vixe Maria"... mexer com defunto! Mas fui levando, levando. O cara me deu uma agulha "desse tamanho" (fazendo gesto com a mão) para costurar a boca do defunto. Eu peguei a boca dele e já ia empurrando a agulha. O cara dizia: não, não é assim (tom de aspereza e ignorância). Eu dizia: como é? Me ensine! Como você me dá a agulha e não diz como é para fechar a boca do defunto? Ai ele disse: é assim! (...) Vai abrir a boca dele, tem vez que o defunto vai com a boca aberta, aí pega aqui o gargalo, puxa o nó e "crasssss" a boca fecha. Aí eu fui aprendendo tudo isso. Fui fazendo, mas [...] eu digo: rapaz; pegar em defunto! Quem sabe meu Deus do céu! Aí ficava meio cismado.

Interessante perceber que apesar de apresentar certa sensibilidade ao medo e forte hostilidade em relação ao trabalho que desempenhara, Ivo persiste. Ativaria sua disposição adaptativa e para o aprendizado, o que favoreceria, assim, a superação do quadro de inércia ou mesmo temor para executar aquele trabalho necessário. Outro ponto relevante se dá na forma como foi corrigido no trabalho. Apesar da forma rude que fora corrigido, essa situação não ativaria mais a sua disposição para a agressividade. O próprio Ivo, no momento da entrevista, declarou que antes, principalmente sob efeito do álcool, se tornara muito violento quando corrigido. Narrou que com seus pais tendia a desprezar conselhos e alertas. Agora Ivo se orgulha ao relatar como os outros o identifica como "um sujeito pacífico e paciente", aspectos esses não identificados antes de sua entrada na CTI. Um terceiro ponto que merece destaque diz respeito a como Ivo utilizava no momento da entrevista expressões linguísticas muitas vezes contraditórias para a sua nova identidade religiosa. Diferente de entrevistados como Ísis, Joana e Apolo, por exemplo, que ao passarem por um processo de conversão religiosa readequaram as estruturas de suas expressões linguísticas, no caso de Ivo, expressões como "vixe Maria" (advinda do catolicismo) ou mesmo "porra" ou "filho da puta" ainda seriam percebidas. Quando narrava o episódio dos tiros que levou, expressões como essas fluíam naturalmente e sem ar de censura.

Mesmo passando por um processo de conversão religiosa na CTI, diferentemente de todos os entrevistados aqui analisados, Ivo não se firma em uma comunidade religiosa (ainda que por um tempo). Ferreira (2023) destaca que o pós-converso, munido de cosmovisões

ainda disformes e sem muita razoabilidade, necessita de uma "casa" (igreja) a qual possam conviver com as convicções adotadas e desenvolvê-las. De certo modo, de todos os 5 participantes desta pesquisa, Ivo "Mancha" foi o único que não enveredaria por essa via. Apesar de ser orientado por membros da CTI a procurar e se firmar em uma comunidade religiosa, sua disposição para o trabalho e a necessidade de constituir recursos mínimos para manter sua família tenderiam a inibir sua disposição social para o convívio em contextos religiosos. Como consequência, Ivo preferiria nutrir suas disposições religiosas a partir de programas televisivos específicos (pregações, filmes religiosos) músicas ou mesmo leituras bíblicas diárias.

De todos os participantes Ivo fora aquele que apresentou uma dimensão intelectual e ritualística (GLOCK, 1962) mais distinta, vivenciando-a, aparentemente, com menos intensidade em contextos coletivos.

Ao findar de dois anos, desde sua última saída da CTI, algo improvável acontece; Ivo encontra Lena em frente a uma casa de prostituição no centro da cidade. Ao se ativar sua disposição emotiva por essa mulher, Ivo se viria em um novo desafio: o de tentar convencê-la a morar com ele "na funerária". Todavia, essa ideia não seria apenas reprovada por Lena como também não seria aceita por sua patroa, que necessitava de apenas uma pessoa de prontidão no estabelecimento, o que o colocaria na posição de decidir entre sua atividade de trabalho ou sua relação afetiva. Ivo decide: troca a morte pela vida "a dois".

8.8 SAINDO DO "MUNDO DOS MORTOS": QUANDO A DISPOSIÇÃO EMOCIONAL FALA MAIS ALTO

Ivo tomara a sua decisão. Estava fortemente inclinado a deixar o trabalho na funerária para viver com Lena – o que demonstra como sua disposição emotiva tendeu a suspender sua disposição para o trabalho, bem como a segurança e estabilidade até então alcançadas -. Todavia, sem casa própria ou mesmo recursos vastos, Ivo volta para as ruas e vive debaixo de um viaduto durante 10 dias à espera de Lena e do dinheiro da rescisão de seu antigo trabalho. Ivo parecia confortável naquele contexto. Foram cinco anos pelas ruas readaptando seus gostos; suas concepções sobre conforto; necessidades. Entretanto, Lena lhe impôs uma condição: era necessário ter uma casa para que ela cogitasse sair da prostituição.

Naquele momento tal pedido acionaria sua disposição para planejamento e mesmo com poucos recursos, naquele contexto de escassez, Ivo encontra motivação para procurar e alugar uma casa.

> Quando eu estava debaixo do viaduto, aí eu comecei a ter esse encontro com ela também. Aí liguei para ela e disse: Você vai vir morar comigo agora? Só que eu estou debaixo do viaduto. Ela disse: Não! Eu não vou morar com você porque eu trabalho na funerária. Fui inventar de falar que tinha encontrado com você ai a mulher foi me tirou de serviço. Aí eu tô por aqui. [...] Aí arrumei um quartinho [...] liguei para ela [...] aí disse: você vai vir? Aí pronto! Aí comecei a morar com ela com um colchão de bandeja de ovo e um fogãozinho, que era uma latinha de Pitú e uma latinha de Refrigerante. [...] Pronto! Comecei morar com ela desse jeito. Aí quando ela veio com as coisinhas dela, ela ficou nesse quarto. Aí começou a vida da gente e aí até hoje a gente tamos por aqui.

Relevante observar a incidência de disposições para persistência, adaptação e para mudanças - essas que eclodem a partir de seu sentimento afetivo ativado por Lena -. A partir desses Ivo encontrara formas de persistir e adaptar-se às circunstâncias difíceis, rompendo a segurança e estabilidade adquiridas no âmbito da funerária. Como consequência, Ivo arriscava-se progressivamente em novas experiências, ainda que em condições precárias.

Em nossa etnografia tivemos a oportunidade de visitar a residência alugada de Ivo. Era uma residência que media pouco mais que 50.00 m². Sua aparência era simples; percebia-se nela muitos improvisos em sua estrutura e nos móveis. No ambiente da sala de refeições ficava um quadro com a imagem de um pastor e suas várias ovelhas (referência essa aos Salmos 23 ou mesmo ao Evangelho de João 10: 14-18). Na sala de estar foram observadas duas Bíblias, uma de Ivo e outra de Lena perto da foto de seu pai. Apesar de simples, esse era um ambiente bastante organizado, contrastando com a área da garagem da casa a qual Ivo transformara em uma oficina/marcenaria.

Uma das soluções de Ivo para compor renda e alugar uma casa se deu quando esse, tendo acionada sua disposição reflexiva, trouxe à memória um de seus aprendizados na CTI: recordaria dos aprendizados voltados às práticas de reciclagem concebida em uma das várias oficinas frequentadas. Ivo pôs então seu plano em ação. O sentimento afetivo por Lena, que antes havia anulado sua disposição para o trabalho, agora, mediante a imposição de sua companheira, e dado o contexto que se situara, se constituiria no elemento propulsor para a reativação dessa mesma disposição. Mesmo compreendendo a dureza do trabalho, Ivo estava cada vez motivado a assumir esse desafio para a própria vida: ser um homem responsável (trabalhador), sóbrio, e comprometido com sua companheira.

Em um de seus relatos, Ivo traduz como essa fase lhe trouxe certo amadurecimento e disposições necessárias para o sucesso em diversos aspectos de sua vida.

> (Entrevistador) E o que é que motivava você para trabalhar?
>
> (Ivo) Era a responsabilidade; a responsabilidade que o cabra tá tendo agora. [...] Porque [...] eu conheci uma família boa lá (os líderes da CTI); o policial que sempre passa por mim; o presidente da CTI disse a mim: depois que eu saí de lá e fui para uma reciclagem (...); você está conseguindo aí porque você está com responsabilidade. E antes você não tinha responsabilidade; antes de eu conhecer a primeira mulher, não tinha responsabilidade, só vivia na cachaça. Eu saí do emprego (...); quando eu trabalhava, eu não botava nada em casa; Eu vivia com meu pai e minha mãe na época... Eu nunca cheguei com um quilo de açúcar [...]. Minha mãe não sabia quanto eu ganhava; meu pai nem sabia quanto eu ganhava porque ficava tudo em um bar. Agora é uma responsabilidade que eu tenho, né? Porque se eu voltar [...] acaba tudo aqui de uma vez [...]. Eu tenho compromisso aqui agora e tenho que continuar nesse compromisso porque eu sou muito ignorante quando eu bebo, e partia para a violência [...]; agonia danada, uma vida triste.

Observa-se nesse relato como Ivo vai reconstituindo suas sociabilidades mantendo vínculos com membros ativos da CTI a qual fez parte. A necessidade de reconhecimento e influência social, uma vez correspondidas, tenderam a motivar e moldar ainda mais o comportamento de Ivo e sua readaptação no contexto externo. Se antes policiais quase lhe tiraram a vida, agora ele mantém relações diretas com alguns desses, uma vez que demonstra certo censo de responsabilidade, comprometimento, de mudança e crescimento pessoal.

De certo modo, a rede de sociabilidades de Ivo cresceu no contexto externo. Seria, assim, constituída por sujeitos que tinham alguma vinculação religiosa protestante evangélica. Era o seu antigo coordenador e diretor da CTI, que constantemente comprava seus materiais coletados para reciclagem; era seu novo patrão da serralharia[84], que era pastor e sempre lhe orientava tanto em seu ofício quanto espiritualmente; era até mesmo sua companheira Lena.

Quanto a essa última, apesar de não se reconhecer como evangélica praticante, Lena, quando estava na condição de prostituição, fora bastante abordada por grupos evangélicos. Todavia, apesar da disposição para crer que apresentava, Lena, apesar de abandonar as diversas substâncias ilícitas as quais era dependente, tinha dificuldades em abandonar o cigarro e o álcool, condição essa que para Ivo (assim como para Ísis, Fernanda e Joana) eram demarcadoras para o reconhecimento de certa pertença religiosa.

Além desses, Ivo também se permitia motivar para a manutenção de sua abstinência através da memória de seu pai. Ivo apontara que após sua segunda experiência na CTI modificara seus gostos musicais. As músicas características dos bares e prostíbulos em seu

---

84 Atividade essa que exerceria após sua experiência como coletor de recicláveis.

trabalho ou em seu lar dariam agora lugar para diversos louvores. Todavia, Ivo lembra que dentre os cantores cristãos que escultara, a canção do cantor "Marcos Antônio" tenderia a ganhar certo tom de singularidade; singularidade essa revelada quando cantava segurando a foto de seu pai, conforme cantou assim:

> Pai, eu estou aqui pra conversar contigo.
> Pai, eu preciso ouvir a voz de um amigo.
> Só o Senhor, meu Pai, pode me ajudar.
> Eu errei outra vez, mas quero acertar.
> Pai, eu estou consciente de que não mereço.
> Ter outra chance, tentar um novo recomeço.
> (Tu me conheces) Tu me conheces bem, sabes tudo de mim, oh
> Nem preciso falar (Só quero te escutar).

Embora essa música se refira à figura de Deus Pai, Ivo tende a conferir um novo sentido a essa letra, lembrando-se assim de diversos episódios e momentos que marcaram a sua história com a do seu pai. Com isso, ele extrai força para seguir firme no desenvolvimento de sua abstinência, trabalho, espiritualidade e relação afetiva com sua companheira Lena.

8.9 NOVAS DISPOSIÇÕES

Conforme já fora apresentado, Ivo possuía em sua casa um espaço somente seu: uma marcenaria. Relevante destacar que Ivo, mesmo sendo serralheiro, durante a pandemia descobriria esse novo ofício na reclusão em seu lar. Era comum observar os diversos móveis e objetos que ele criativamente produzia, bem como o apoio que recebia de sua companheira.

Ao ser questionado sobre as formas de lazer que tinha antes de sua entrada na CTI, Ivo sinalizara "bebidas e jogos apostados" como seus maiores divertimentos. Embora fosse possível jogar sinuca, dominó e baralho na CTI – jogos que já tinha afinidade –, Ivo declara que a atividade de trabalhar/de criar [ao som de músicas evangélicas] lhe conferia também uma noção lúdica e prazerosa. Ivo declarara que essa atividade muito contribuía com as formas com que lidava com o desejo de retorno à bebida e outras SPA´s. Não apenas isso, mas Ivo também credita a essa atividade um forte elemento para a alimentação de suas disposições para crer.

> [...] A carpintaria que eu inventei aqui em casa [...] na época da pandemia. Deu fraco lá onde eu trabalho, aí [...] eu digo: ficar parado não aguenta. Eu não gosto de ficar em casa sem fazer nada. Aí comecei a fazer os negocinhos na madeira. [...] Eu fico agoniada e vem vindo besteira na cabeça. Já veio tanta coisa; e o cara parado dava vontade [...] de beber [...]. Mas [...] não chega a entrar não! Aí começo a botar [...] um louvorzinho; aí começo sozinho aqui... pá, pá (imitando

> som de martelo e fazendo referência ao seu trabalho na marcenaria), e vai passando o medo de fazer besteira.

Em nosso último encontro, Ivo se despede me presenteando com um "abridor de garrafas" feito por ele. Fiquei imaginando o quanto isso refletia a complexidade de seu patrimônio disposicional; de como aspectos de seu passado, de seus gostos ou mesmo de suas antigas disposições encontraram meios para se manifestar, ainda que através de suas disposições criativas.

Outra disposição perceptível em Ivo Mancha foi sua inclinação ao evangelismo/proselitismo. Mesmo não participando de uma comunidade religiosa, as diversas influências e contatos em suas redes de sociabilidades favoreceram que ele assumisse uma condição ativa para a pregação. Ivo, com isso, instrumentaria muitos dos fundamentos do cristianismo em seu contato com sujeitos que, assim como ele um dia, enfrentavam problemas por conta da dependência do crack e outras SPA´s. O grau de estabilidade alcançada por Ivo também favoreceu que o mesmo ativasse disposições solidárias ou altruístas em um contexto de muita precariedade e vulnerabilidades. Com isso, Ivo se apresentava cada vez mais inclinado a intervir socialmente, sendo uma dessas intervenções a distribuição regular de alimentos e refeições para moradores em condição de rua.

> Eu andava pedindo; era uma fome; comia comida de lixo. Aí via aquela situação daquele pessoal [...]; mas ai eu digo: quando eu entrei na CTI aí fui aprendendo um bocado de coisa lá; ai eu digo: quando eu saí daqui Deus vai me dar essa missão [...] fazendo a sopinha; botando caldeirão.

Conforme narra, a dor e as várias privações sofridas enquanto era morador de rua o motivava a distribuir sopa para pessoas nas mesmas condições as quais ele um dia ele experimentou; trabalho esse que tendia a lhe trazer certa sensação de satisfação e realização pessoal. Também nesse momento Ivo tinha suas disposições reflexivas e para crer ativadas, uma vez que lembra de seu passado e visa agir a partir da forma como retraduz o mesmo. Ao assumir esse trabalho como missão divina, Ivo atribui um significado e sentido religioso para a sua ação. Por fim, embora tenha vendido a moto aceitando os conselhos do pastor dono da serralharia que atualmente trabalha (disposições receptivas essas antes inibidas no contexto de sua família de origem), Ivo ainda nutri a esperança de recuperar esse recurso para utilizá-lo nessa proposta. Com isso, aspira ampliar suas ações com sujeitos excluídos materialmente ou que enfrentam problemas relacionados ao uso ou dependência de alguma SPA.

9 RETRATO SOCIOLÓGICO: APOLO

9.1 ASPECTOS GERAIS

Após a nossa experiência de entrevista com a participante Fernanda, parecia relevante encontrar um caso correspondente masculino que, assim como ela, tivesse obtido sua “alta terapêutica” por negociação - saindo da CTI antes do findar do período de nove meses - e que fossem considerados “casos de sucesso”.

De todos os oito sujeitos pré-selecionados, o caso de Apolo parecia se constituir com certa singularidade devido a esse: a) ter passado somente 2 semanas de acolhimento na CTI; b) ter sido essa sua única experiência de acolhimento; c) seu problema de dependência ser exclusivo com substâncias tidas como ilícitas [dentre elas o crack]; d) ter passado por uma experiência de retorno ao uso de SPA´s após o fim da experiência de acolhimento.

Aprofundar o caso de Apolo despertaria certa curiosidade investigativa pertinente para esta pesquisa. A partir da abrangência dos dados coletados desse voluntário foi possível indagar: quais impactos institucionais e disposicionais seriam percebidos em um sujeito com uma experiência de acolhimento ainda mais abreviada que a da participante Fernanda?

Uma vez selecionado, marcamos nosso primeiro encontro com Apolo. Diversas foram as dificuldades para que isso efetivamente ocorresse devido à sua agenda - de trabalho, atuando como corretor ou mesmo ministerial, uma vez que integrava a equipe missionária de sua igreja-. Embora ele dissesse com certo orgulho e ar de independência que “ele mesmo fazia o seu horário de trabalho”, [o que já revelava certa incidência de disposições para independência e autonomia], foi somente em nossa terceira tentativa juntos que obtivemos sucesso para um primeiro encontro presencial.

Apolo, 32 anos, era um Jovem comunicativo que exercia facilmente forte influência e liderança em suas interações e sociabilidades; atuações essa que tendiam a ocorrer em contextos bastante variados. Em nosso primeiro encontro foi bastante perceptível como ele tentava “quase que instintivamente” conduzir as entrevistas. Sempre preocupado com sua aparência, ele se apresentou como um dos participantes mais lustrosos. Em seu perfil de WhatsApp, canal esse o qual fizemos nosso primeiro contato, Apolo usava um terno fino e apresentava uma postura imponente; seu olhar era fixo e seu rosto expressava uma fisionomia séria e confiante. Ao fundo, uma imagem de uma cidade e seus vários prédios. De todos os prédios ao fundo, Apolo se aproximara do maior. Parecia ter pensado em cada detalhe. Estar

mais próximo do maior prédio tendia a revelar certa tentativa para conceber uma imagem de sucesso no mercado imobiliário local. Cada ponto daquela imagem parecia tender a revelar uma de suas disposições mais emblemáticas: sua "disposição de busca por excelência e realização".

Munido dessa disposição, Apolo se constituiu como um sujeito que buscava imprimir uma relação intensa em diversas das atividades que desempenhava –no campo do trabalho; no âmbito de suas sociabilidades; no âmbito da família; no campo de sua vivência religiosa; entre outras-.

Ao aplicarmos o questionário de seleção – estando ele ainda na condição de pré-selecionado -, aspectos das vivências e constituições em diversos campos iam se revelando, revelando pistas da montagem de seu patrimônio disposicional.

Apolo era natural de uma pequena cidade da região agreste de Pernambuco que possuía menos de 50 mil habitantes – cidade essa em que viveu durante toda a sua infância e adolescência -. Filho de um pai [servidor público] - o qual considerara ausente na participação familiar - era com a sua mãe [mulher com o perfil empreendedor] que encontrava segurança em seus laços afetivos. Era também através dela que Apolo era estimulado a conceber uma postura autônoma e emancipadora em suas relações. As disposições sociais apresentadas ainda no tempo que estudava na escola pública de sua cidade [escola essa em que terminaria o Ensino Médio] fariam com que Apolo interagisse e buscasse ser aprovado em diversos públicos: dentre esses, aqueles os quais as relações de sociabilidades eram mediadas pelo uso de SPA's como a maconha e posteriormente ao crack.

Antes de entrar para CTI, Apolo foi corretor e trabalhou na indústria farmacêutica. Foi em um contexto de maior autonomia e provido de maiores recursos financeiros que suas disposições hedonistas e disposições sociais tenderiam a levá-lo a uma participação intensa em festas e diversos outros eventos sociais: dentre essas as chamadas "raves". Era nessas ocasiões que outras SPA´s, além das já mencionadas, seriam incorporadas: SPA's como a cocaína, anestésico de cavalo, o ecstasy, o LSD, entre outras.

Os diversos problemas e crises desencadeadas por essas SPA's o conduziria a um acolhimento em uma comunidade terapêutica situada no Estado de Pernambuco. Após a sua saída, que durara cerca de 2 semanas, Apolo teria fortemente suas disposições religiosas ativadas, levando-o progressivamente s relações mais intensas à medida que encontrava contextos e sujeitos favoráveis para tal desenvolvimento. De certo modo, essas disposições,

bem como a adoção de uma nova cosmovisão religiosa, teriam grandes impactos nas formas como lidaria com todas as SPA's ou mesmo com antigas e novas sociabilidades.

No momento que ocorreu nossa entrevista, sete anos após sua saída da CTI, Apolo era membro ativo da Assembleia de Deus Vitória em Cristo; era casado e com uma filha que completara ano. E era com suas disposições religiosas ativadas, e vivendo a prática religiosa a partir de uma perspectiva e visão mística, que Apolo buscava a separação/superação definitiva daquilo que considera seu último desafio para uma vivência ainda mais intensa na fé: o uso recorrente da substância da maconha.

9.2 UM PAI AUSENTE E UMA MÃE PERMISSIVA: IMPACTOS PARA A ATIVAÇÃO DE DISPOSIÇÕES PARA AUTONOMIA E INDEPENDÊNCIA

Ao incentivar Apolo a narrar episódios que considerara relevantes - antes de seu ingresso na CTI -, pelo menos 4 pontos foram destacados por ele com maior densidade: a) a distinção no relacionamento com suas figuras parentais; b) as formas como se deu o desenvolvimento de sua sexualidade; c) experiências de sociabilidades em contextos distintos; d) experiências no uso e dependência de diversas SPA's.

Em um primeiro momento, Apolo demarca a ausência de sua figura paterna como um gatilho para muitas de suas lacunas e emoções. Para Apolo, seu pai figurava como um provedor de sua família, bem como de suas necessidades materiais. Apolo destaca a ausência da figura paterna em diversos de seus estágios de desenvolvimento. Por conta dessa relação deteriorada, o efeito do crack somado às diversas lacunas socioemocionais sentidas por Apolo tenderia a funcionar como gatilho para que esse ativasse, das formas mais intensas, diversas de suas disposições [disposição para reflexão; disposição para raiva; disposição para revolta; entre outras]. Como consequência, a progressão desse quadro resultaria na eclosão de múltiplos sentimentos autodestrutivos [dentre esses aqueles que tentariam conduzi-lo ao suicídio].

> Eu tinha uma raiva do meu pai muito grande, porque eu queria que ele tivesse me tirado daquela situação [da dependência do crack]; que ele tivesse me dado uma pisa, porque ele nem brigava comigo. Nunca, nunca nem discutiu comigo; nunca nem me deu uma pisa. Eu queria que ele tivesse ido lá; que papai tivesse ido lá e tivesse me dado uma pisa para eu sair dessa vida, mas nada estava acontecendo.

De certa maneira, a condição de ausência paterna tendia a ser suprida pela atuação de sua figura materna. Apolo reconhece que ela desempenharia os papéis de "mãe e pai" em sua trajetória, quadro esse que permitiria a evidenciação de aspectos da capacidade de reestruturação das configurações familiares frente às atuações dos diversos sujeitos que a compõem. Apolo era dotado de fortes disposições sociais. Encontrava nas sociabilidades com sujeitos em contextos extra familiares uma significativa fração de suas interações. Para Apolo a figura de sua mãe tendia a não representar um obstáculo para as diversas sociabilidades; antes tenderia a reforçá-las.

Também outro aspecto dessa figura se destaca pela sua postura não recriminatória das substâncias lícitas ou ilícitas [como a maconha] no contexto familiar. Assim como foi na família de Fernanda, de Joana e de Ivo, a família de Apolo tinha no consumo de bebidas alcoólicas uma das bases para as suas interações e sociabilidades. Todavia, diferentemente desses, no contexto familiar de Apolo além do álcool ou mesmo do tabaco, a maconha era também tida como algo permitido ou mesmo tolerado, o que deixaria nosso participante em um contexto mais favorável para estabelecer uma relação de aproximação e consumo dessa substância.

> Meu tio usava muito maconha. Eu chegava e via uns matos em cima da comida dele [...]. E ele botava uma prateleira de maconha. Depois mainha disse que aquele matinho que ele colocava era maconha.

Apesar da forte presença de tais substâncias no contexto familiar, Apolo declara não debater ou receber algum tipo de orientação por parte de sua mãe quanto aos efeitos e impactos causados pelo consumo de tais substâncias. É provável que sua autoridade materna, bem como os limites aparentemente "brandos" que estabelecia para as vivências de Apolo em contextos extrafamiliares - estendidos para o desenvolvimento de sua sexualidade; de suas sociabilidades; ou mesmo em sua aproximação com SPA´s tidas como lícitas ou mesmo ilícitas (como a maconha, por exemplo) - tenham impactado nosso participante naquela situação imediata ou mesmo em momentos futuros em sua constituição disposicional. De certa forma, tal contexto tenderia a impactar significantemente Apolo nos padrões de suas escolhas ou mesmo em suas ações nas diversas interações e contextos os quais interagia.

> Naquele período [da adolescência] eu conheci uma turma que a gente fumava maconha. Então todos os dias tinha o horário e os locais da gente fumar. [...] Em uma cidade pequena, em que as portas ficavam abertas, ainda não tinha muita violência [...] e mainha me liberou de uma forma

> muito extrema. Hoje eu sei [...], aos 14 anos, 12 anos, eu podia chegar em casa meia-noite, uma hora da manhã, entendeu? Então onde eu estava esse tempo, tudo certo para ela.

É possível que o contexto de desenvolvimento em que vivia [ou seja, em uma pequena cidade em que os índices de violência para aquela família eram considerados inexpressivos] possa ter influenciado a forma liberal da mãe de Apolo em conceber um ideal de educação que favorecesse o fortalecimento de disposições para autonomia e emancipação em nosso voluntário.

De certo modo, seu respeito às escolhas e à autonomia de Apolo não fora somente perceptível no período da infância e adolescência de nosso participante, mas esse se revelaria em outros episódios, como quando esse, já jovem, decide revelar sua orientação e identidade sexual.

> Aí certo dia eu estava conversando com a minha gerente [...], acho que tinha 19 anos; aí eu disse: - vou lá para minha cidade pra falar para mainha que eu sou gay! E quando eu cheguei e falei para a mainha, eu disse assim: mãe, eu estou aqui, [...] e aí comecei a chorar. Eu [...] disse: eu estou com medo que a senhora não me ame. Depois que eu falar isso para a senhora [Apolo interrompe o relato por um momento e se emociona; a voz fica trêmula e ele chora]. Eu lembro que naquele momento eu disse para ela assim: - mas pode ser que a senhora não me ame! [...] Eu era muito apegado a ela, muito apegado a ela, não a meu pai, mas a ela! E eu disse que depois que eu contasse ela não ia querer ser minha mãe mais. Ela disse: - conte! só [...] diga! [...] Eu disse pronto! Eu gosto de menino! Eu gosto de homem! Eu sou gay! É isso! E eu namoro um rapaz. Ela olhou para mim e disse: - você é feliz? Você é feliz? Eu disse: - sou! Ela disse: então eu também! Se você for feliz, eu vou ser feliz.

Ao explorarmos os aspectos da família e do contexto de desenvolvimento, identificamos disposições que desempenhariam um papel significativo nas interações e sociabilidades do nosso participante durante o período que precedeu seu acolhimento em uma Comunidade Terapêutica religiosa.

Dessa forma, ao compreendermos alguns dos elementos que caracterizaram o ambiente familiar de nosso participante, pudemos vislumbrar como esse modelo de educação impactaria, em certa medida, suas ações em contextos de interação e sociabilidade extra familiares. Como resultado, todas essas experiências e construções tenderiam assim a influenciar diversas das formas e estratégias que escolheria para estabelecer suas conexões sociais em ambientes não familiares, conforme será abordado na sessão a seguir.

9.3 SOCIABILIDADES E SPA'S: QUANDO APOLO SE TRANSFORMA EM UM "CAÇADOR DE EMOÇÕES"

O fim da infância de Apolo foi marcado por uma série de rupturas biográficas que impactariam diretamente sua composição disposicional e, consequentemente [sob circunstâncias e contextos propícios], suas futuras ações.

Enquanto Apolo, aos 11 anos, era influenciado a fumar cigarro [à base de tabaco], ou até mesmo a começar a ingestão de bebidas alcoólicas [uma vez que tinha um bar em sua própria residência] em contextos extra familiares, outros estímulos ocorriam conduzindo-o progressivamente ao consumo da substância da maconha. Cada vez que aprendia a sentir os efeitos provocados pelo consumo, diversas de suas experiências de sociabilidades tendiam a se desenvolver.

> Estava na rua, brincando, conversando... de 10 horas tinha o canto da gente fumar. A gente não precisava comprar; sempre tinha as pessoas que davam para a gente. Às 16 horas sempre tinha o local da gente; [...] e à noite também sempre tinha o lugar da gente ir para fumar. Então isso virou um ciclo de todos os dias [...]; pessoas novas chegando, pessoas novas experimentando.

Era no contexto de interação direta com seus colegas de escola, ou mesmo da pequena cidade que vivia, que Apolo encontrara as condições mais favoráveis para a ativação de suas disposições para liderança e disposições sociais. Apolo influenciava diversos sujeitos de sua rede de sociabilidades para o consumo da maconha, condição que marcava aqueles que participariam de seu ciclo de sociabilidades mais próximas.

> Tem um clube lá que é um clube em que tinha muitas festas; bandas de fora, que ia lá e a gente fazia o quê? [...] Organizava aquela comida, bebida. Nunca fui muito de beber; nunca fui muito de estar com a turma de cachaça. Não! A nossa turma era de comer comida, refrigerante e maconha. Muita, muita, muita maconha. E quando o pessoal estava todo mundo na festa, a gente subia para a serra para ir para algum canto, porque a nossa diversão era ali; era estar lá fumando, rindo, conversando e comer [...]. Então isso ficou por muitos anos, sabe? Entrava ano, saia ano, e era aquele negócio!

Apolo se entregava a um conjunto de sociabilidades marcadas pelo consumo da maconha. Mediado pelo consumo dessa SPA, Apolo desenvolveria vínculos cada vez mais fortes. Como resultado, esses vínculos tenderiam a se manifestar na forma de disposições para a vivência de amizades intensas.

Embora tivesse uma irmã mais velha, diversos episódios traumáticos tenderam a direcioná-lo. Como resultado, tais eventos tenderiam a conduzir Apolo a preferir sociabilidades com sujeitos e em contextos externos à sua família.

> Eu era muito louco por ela [a irmã]. Eu lembro; eu era louco ao ponto de se ela passava um dia longe de mim eu chorava desesperadamente. E chegou um ponto que [...] ela viajou para uma cidade. Eu chorava desesperadamente e minha irmã era bem ruim comigo quando era criança [...]. Ela brincava, fechava a porta, abria a janela e deixava eu vendo ela brincar [...]. Assim eu lembro dessa cena. E eu queria tanto estar com ela [...]. Ela me rejeitava, entendeu? Ela não queria porque eu ficava muito na cola dela. A gente com 15 anos ia muito para "uma importante cidade de festas da região". Mainha já liberava a gente. Sair pro pátio e para os "blocos" de avenida. Com 15 anos a gente era liberado para ir para "esses blocos" e viajar sozinhos para essa cidade [...]. E eu lembro que eu desci com minha irmã para "a festa" e [...] ela me dava um "pitú", e quando eu olhava pro lado cadê ela? Ela não tava mais. Já vinha eu subindo sozinho a avenida (...) pra ir para a casa da minha tia dormir. [...] Até que chegou um ponto de eu me estressar. Eu chamava ela por um apelido, era Sarinha. Eu disse: a partir de hoje eu não lhe chamo mais de Sarinha; e eu não quero mais ser seu amigo. Pronto! Só bastou isso pra eu nunca mais querer ser mais amigo dela e nem chamar ela mais de Sarinha. Passei a chamar pelo nome dela, Sara!

Relatos como esses permitem compreender um pouco mais sobre a constituição e a composição disposicional de nosso participante. Sua disposição para relações afetivas intensas e sua disposição de apego são percebidas quando Apolo descreve seus sentimentos intensos em relação à sua irmã. Desde a sua infância sentira forte tristeza e raiva quando não correspondido; sua disposição à mudança é ativada influenciado sua decisão de ressignificar suas atitudes em relação à sua irmã, não a chamando mais pelo seu nome no diminutivo.

Quanto a essa última, estudos dentro do campo da filosofia, sociolinguística, antropologia linguística, entre outros, destacam a forte relação entre a linguagem e o sujeito que a profere. Silva e Lebler (2020) chamam a atenção para estabelecer um olhar significativo para o contexto. Autores como Prade (2013) ressaltam como facilmente a adição de sufixos como "inho" ou "inha" tendem a demonstrar as emoções do sujeito em relação ao objeto o qual ele se refere. No caso de Apolo, e tomando como referência o contexto em que isso era empregado, quando direcionado à sua irmã tal sufixo tendia a revelar seus sentimentos de afeto, intimidade e proximidade emocional para com essa personagem. O emprego de sufixos como esses foram perceptíveis ao longo de todas as entrevistas com Apolo. Além do emprego direcionado à sua irmã, era também empregado à sua mãe, a qual chamava de "mainha"; na forma como se referia a uma de suas melhores amigas - a qual aqui chamaremos pelo nome fictício de "Cicinha" -; e a um de seus namorados, o qual chamava orgulhosamente de "o meu boyzinho".

Portanto, ao decidir não utilizar tal sufixo para com a sua irmã, Apolo opta por estabelecer uma relação de distanciamento para com essa; buscara então encontrar tal correspondência em relações externas ao contexto familiar.

Dessa forma, à medida que essa tendência de conceber relações intensas crescia, Apolo declarava "estar disposto a fazer tudo pelos amigos". Foi bastante notório nos relatos desse participante que sua vida, seu propósito e a distribuição de seu tempo diário tendiam a ser concebidos em torno dessas novas relações que estabelecia.

Alguns episódios da vida de Apolo podem demonstrar a forte ligação que esse possuía com os sujeitos que integravam sua rede de sociabilidade.

Uma primeira observação que pode ser feita se relaciona com sua disposição para estudar. Embora apreciasse estudar e tivesse muito forte sua disposição acadêmica, essa era significantemente atenuada ou mesmo inibida quando iniciou interações mais profundas - mediadas pela maconha - com os diversos sujeitos que integravam sua rede de sociabilidade. Embora frequentasse a escola, Apolo reconhecia o forte déficit que enfrentava por conta da combinação "maconha" e seu desejo de interagir intensamente com aqueles que considerava "seus amigos".

Um segundo exemplo que demonstra a predominância de suas disposições para amizades intensas se apresenta quando esse, em solidariedade a duas amigas que eram recorrentemente violentadas fisicamente pelos pais, decide fugir com essas.

Apolo reconhece que Tâmara, uma de suas amigas, exercia a liderança nesse plano. Reconhece que se permitia, em várias situações, ser influenciado por ela. Dependendo do contexto e das configurações das sociabilidades, Apolo tinha ativadas suas disposições para liderança. Já em outros momentos predominariam aquelas disposições que o deixaria em condição mais influenciável. Naquele contexto de interação, predominara a segunda. Isso ficou evidente no plano que tramaram para conseguir recursos durante a longa jornada de fuga dos amigos, conforme pode ser verificado a seguir.

> A gente disse: como é que a gente vai procurar dinheiro? [...] Vamos fazer o seguinte; vamos na igreja. Eu acho que foi a Bia que teve a ideia da gente ir na Assembléia de Deus, de pedir ao pastor uma passagem e de inventar uma história. A Pâmela seria a muda e surda e eu era o que tinha problemas mentais. Eu ficava fazendo pontinho como se eu fosse doente mental. A Bia era a cabeça. [...] Chegou lá e dizia: -olha, eu tô com o meu irmão aqui que é deficiente mental e a minha irmã que é surda, e a nossa mãe viajou. A gente está precisando de uma passagem. Sei que esse pastor ainda deu uma passagem para a gente, entendeu?

Coletivamente, e em um contexto de escassez de recursos, relevante acentuar a incidência de algumas disposições que marcaram a atuação de Apolo no grupo. Embora

tivesse partido da Bia a estratégia para aquela situação, Apolo apresentaria nessa interação disposições colaborativas ao contribuir de uma forma bastante específica para o sucesso do plano; disposição para manipulação social que uma vez ativadas resultariam na invenção de uma história falsa para obter vantagens e recursos, por exemplo. A vida coletiva em interação com sujeitos que mantinha certa proximidade e afinidade tenderia a manter ativa em Apolo uma última disposição bastante emblemática e que bastante o influenciaria em suas ações: suas disposições hedonistas.

Conforme Apolo destaca, um momento especial que destacava na relação com seus companheiros mais chegados era os momentos das festas que frequentava. Quer fossem em eventos sociais amplos, familiares ou mesmo naquelas pequenas sociabilidades, buscar "diversões e emoções" passaria a compor um de seus principais propósitos de vida. Um episódio extremo que demonstra o quanto essas disposições eram ativas em Apolo e demarcavam suas ações pode ser destacado com o episódio da morte de seu avô; episódio esse o qual ele teria sua disposição para o luto inibida frente o seu desejo de "curtir e festejar".

> Eu nem senti muita dor do meu avô e eu fui o primeiro neto homem. [...] no tempo eu bloqueei meio essa dor. Eu lembro que eu fui chorar por vovô acho que umas duas semanas depois [...] desesperado no quarto. [...] Mas no tempo que ele morreu, que foi perto do fim de ano, minha família se reunia [...] todo fim de ano pra fazer festa; mas não teve festa! Eu peguei toda comida, toda bebida, saí e fiz a festa com meus amigos. Não deixei de curtir e de festejar porque eu ainda não estava sentindo aquela perca do meu avô. Mas vim sentir depois.

Em contexto de maior autonomia, essas disposições em Apolo seriam ainda mais acentuadas, pois seria nesse contexto que ele passaria a utilizar SPA´s ainda mais fortes e destrutivas. Se nas pequenas sociabilidades ou sozinho Apolo encontrava um terreno propício para o consumo da maconha e do crack, nos ambientes festivos – como as chamadas Raves – na busca de novas sensações e experiências mediadas por novas substâncias conheceria a cocaína, o ecstasy, o LDS, entre outras, demarcando assim os espaços que considerara mais propícios para encontrar e consumir essas novas substâncias.

> O ecstasy, o LSD [...] não era uma droga em que usava em casa (...) Era sempre em determinado local [...] Tipo, vão passar o fim de semana em casa numa festa e vão tomar um ecstasy. Não era só na rave que eu. Então vão aqui para alguma festa de forró. Eu não vou usar numa festa de forró; eu não vou usar no aniversário de algum amigo não. O que a gente usava era a cocaína em festa, mas a sensação que eu sentia já não era boa nem quando não conhecia o Senhor entendeu? Já não era tão boa por conta que era o tipo de drogas que ela ficava passando [...] O pessoal misturava com tantas outras coisas que não eram mais as mesmas sensações, entendeu? E quando eu usava era sempre na rave, então quando não estava na rave eu não usava em outro lugar. Aí então ela não ficou um padrão na minha vida, tipo o LSD. Vez ou outra a gente usava quando estava em algum aniversário de alguém, em alguma festinha, fim de semana. Mas aí também era muito alucinógeno. Eu via muita coisa, era muito sentimento. Então, como era muito intenso para mim.

Conforme Apolo declarava, cada vez mais ele ia se transformando em um "caçador de emoções", pois buscava nessas SPA´s ou mesmo nas relações e vínculos afetivos que estabelecia algum tipo de emoção que lhe trouxesse gozo e prazer. Todavia, essa caça teria seu preço. De certo modo esse padrão de comportamento de Apolo o faria enfrentar sérios problemas: inclusive pelo uso da substância crack. Em seu primeiro trabalho em uma indústria farmacêutica era comum vê-lo chegar atrasado ou mesmo cumprindo minimamente suas metas. O sucesso que obteve em seu segundo trabalho em uma agência bancária bem como seu desejo de progredir profissionalmente, que o levou ao ramo imobiliário, seria seguido por um consumo cada vez mais desenfreado.

Apolo era dotado de disposições competitiva. Ele não apenas queria se destacar no âmbito de suas amizades ou mesmo nas atividades profissionais. Apolo também não admitia que outros consumissem e sentissem maiores sensações do que ele. Era comum, contava ele, consumir mais de 30 pedras de crack de uma só vez. Assim como foi na escola, Apolo enfrentaria certos déficits em seu desempenho no trabalho. Cada vez mais consumia e via tudo aquilo que ia conquistando se perdendo devido às altas dívidas que contraia no consumo dessa substância.

> Quando eu consegui o dinheiro de um atendimento, de uma venda [...] quando pegava aquele dinheiro eu automaticamente [...] já tinha comprado. No bairro tinha mais ou menos umas quatro ruas. (...) Eu pegava droga nessa, nessa, nessa e nessa, sem pagar; eu pagava essa eu ficava fazendo rodízio. Eu peguei amizade com todos os bandidinhos; todos os traficantezinhos e fazia isso. Eu pegava e pagava, pegava e pagava, pegava e pagava... [...] então eu sabia que nessa, nessa e nesse eu podia pegar fiado, porque nessa daqui eu já paguei e ficava nesse rodízio. Nunca me faltava! as pessoas já levava na minha porta e não precisava pegar. Quando tinha 23 anos eu consegui trabalhar para uma construtora. Consegui financiar um apartamento 100% no nome da minha irmã. Minha família foi fazer o almoço lá; foi tudo bom. Comprei geladeira, fogão e saí comprando os móveis, tudo certinho. Naquele tempo [...] eu ganhava então R$ 3.000; era um dinheiro muito bom para aquele tempo, com certeza; e eu usava tudo com droga, tudo com festa, tudo com farra, principalmente com o crack. (...) às vezes usava 30 no dia. Nesse apartamento foi o período de um ano que eu mais usei crack na minha vida. [...] Eu saí vendendo o que eu tinha: eu vendia o notebook, eu vendia celular [...] cheguei a vender a minha moto novinha que eu tinha comprado. Vendi ela por R$ 250 e 10 pedras de crack.

Apolo sentia que estava a perder cada vez mais o controle. Os efeitos ficavam cada vez mais danosos em sua vida. Em suas sociabilidades ele não tinha coragem de admitir que usava a substância do crack com aquela frequência e intensidade pois sabia que existia forte preconceito quanto ao uso dessa substância nos ambientes e dos sujeitos que agora interagia: "eram pessoas de faculdade; todas com bons empregos". Embora Apolo tivesse entrado para

grupos os quais considerara mais seletos e neles fizesse uso de SPA´s como ecstasy e LSD, por exemplo, para esses existia a concepção pejorativa da substância crack e que, de certa forma, servia como um elemento de distinção de classe, conforme observado no discurso a seguir.

> Eu tinha uma amizade muito grande com eles e usava crack na lata. Eles não sabiam de todas as drogas que usava... do crack. Para eles isso não existe. Na nossa turma eles diziam que "esse crack é para noiados; para o povo de rua e para o povo lá de baixo; a gente está noutro nível". (...) Eu não podia dizer para eles que eu usava. Eu não podia dizer para eles que eu estava viciado naquilo e que eu tentava deixar mas não conseguia. E passava um mês e passava às vezes dois meses e passava às vezes três meses. Eu lembro que eu até [...] seis meses; mas toda vez que eu voltava e voltava com um peso maior, usando mais e escondido deles.

A grave crise financeira que se estabelecera em sua vida; os fortes problemas que enfrentava no desempenho de suas atividades de trabalho; a tentativa de se manter nas rodas de sociabilidades as quais tinha adentrado; bem como a descoberta por parte de sua mãe quanto à sua dependência do crack; esses foram fortes motivadores para que Apolo ativasse sua disposição para um autocontrole. Embora essa se mantivesse ativa e conduzisse Apolo em diversas de suas ações e escolhas [como idas a festas, outras formas de gerenciar seu tempo, seus recursos financeiros, entre outros] não tardaria para que Apolo fosse mais uma vez vencido pela dependência tendo que enfrentar conflitos e tensões ainda mais danosos. Como resultado, situações assim tenderiam a ativar aquelas as mais danosas: sua disposição para o suicídio.

9.4 O LAÇO FINAL: EXPERIMENTANDO A "EMOÇÃO MAIS FORTE"

Apolo estava preparado. Cada vez mais ensaiava aquela a qual seria a forma que escolhera morrer: morte por estrangulamento autoinduzido. Isso revelaria, além de suas disposições suicidas, certa disposição para planejamento e estratégia. Apolo durante cada uso de substâncias fazia testes; enrolava um pouco de roupa seu próprio pescoço. Ele sabia a quantidade de força que poderia dar naquele laço e que se ultrapassasse aquela marca aquele processo seria praticamente irreversível, levando-o à asfixia.

De certo modo, essa tendência ao suicídio foi presente em todos os participantes dessa pesquisa. Foi acionada como um recurso final para a condição de dependência e os problemas dela decorrente. Todavia, antes de manifestar tal inclinação para o suicídio, Apolo, em diversas ocasiões, manifestara certa disposição por busca de apoio. Como resultado, recorreria

aos antigos sujeitos de suas sociabilidades. Durante o contato face a face com esses, e ao refletir sobre como poderia ser julgado ou mesmo interpretado, percebera que tal interação tenderia a inibir essa disposição para busca de apoio. Consequentemente, isso o levaria a omitir sua real necessidade.

Em suas alucinações ele podia ouvir as vozes de seus amigos e de sua mãe tentando fazê-lo parar de usar o crack. Todavia sua ansiedade e desalento aumentavam expressivamente quando recordava que nunca havia, nem mesmo em suas alucinações, ouvido a voz do pai. Com isso, ele adquiria mais força para dar "o laço final".

> Eu chamava meus amigos para pedir ajuda; quando eles chegavam eu só sorria. [...]. Não conseguia falar, eu não conseguia; me travava (...)! Até que um dia eu disse assim: quer saber de uma coisa? Eu vou acabar com isso aqui! Chega desse inferno! Chega de ver o que eu vejo; de ouvir o que eu estou ouvindo! [...] Enfim, no último dia eu peguei o notebook, entrei no Facebook, entrei na mensagem e escrevi: - Lívia, eu vou me matar, beleza? Mas olha, você não tem nada a ver; minha família [...] não tem nada a ver. Eu tenho a melhor família que alguém poderia ter; a melhor mãe; vocês são os melhores. Mas me perdoe, me desculpa [...], eu estou muito viciado em crack e [...] não consigo mais parar. Não quero mais viver nesse inferno que eu estou e vou me matar [...]. Fechei o notebook (...), entrei dentro do quarto, fechei a porta; (...) aí eu peguei a blusa, eu fiz assim [reproduzindo o gesto que o levaria ao suicídio] e eu usei; usei! (...). Eu estava vendo e ouvindo [...] uns troços [...]; risadas muito, muito perto de mim. [...] Eu tinha uma raiva do meu pai muito grande, porque eu queria que ele tivesse me tirado daquela situação, que ele tivesse me dado uma pisa, porque ele nem brigava comigo. Nunca, nunca nem discutiu comigo, nunca nem me deu uma pisa. Eu queria que ele tivesse ido lá; que papai tivesse ido lá e tivesse me dado uma pisa [...]; mas nada estava acontecendo [...]. Deus... eu quero ir pra um lugar melhor! Eu quero ir pra um lugar melhor! E eu não quero viver esse inferno [...]. Ai eu escutei uma voz perfeita me dizendo: - tá ruim ai é? [...] vai ficar pior! [...] Era uma voz muito terrível, muito pesada (...). Ai eu saí do quarto e gritei. (...) consegui pedir ajuda, consegui ligar para minha tia.

Uma série de dilemas seria, portanto, enfrentados por Apolo.

Apolo manifestava um grau significativo de preocupações em relação aos seus atributos corporais. Entretanto, apesar das múltiplas modificações dermatológicas que apresentava devido ao consumo da substância crack - modificações essas as quais causavam nele uma sensação de desconforto em relação à sua autoimagem e demais disposições estéticas que possuía -, fora sua preocupação com amigos e familiares - principalmente direcionadas à mãe na quitação de vários de seus débitos com traficantes – que mobilizaria nosso participante a ativar mais uma vez sua disposição para busca de apoio. Como resultado, esse cenário tenderia a conduzir Apolo à aceitação da possibilidade de acolhimento em uma comunidade terapêutica.

> Mainha estava sem dinheiro [...]; não tinha como pagar uma clínica cara. [...] Naquele momento eu nem podia olhar para meu corpo; [...] e eu só dizia isso: - eu só vou buscar ajuda porque eu não aguento vê vocês assim. O jeito que eu vi mainha [nesse momento Apolo se emociona significantemente e chora].

Apolo gostava de escrever. Desde o tempo de escola ou mesmo em seu trabalho, era quando se sentia mais inseguro que sua disposição para registrar/escrever era ativada. Como resultado, tal ato tendia a lhe proporcionar uma sensação de segurança, levando-o a dado grau de reflexão. Pedimos a Apolo se em um de nossos encontros ele poderia levar seu diário. Foi de posse desse diário que Apolo relembrou momentos expressivos de várias de suas experiências no âmbito da CTI. Também foi relevante observar como o mesmo reagia frente a possibilidade de reinterpretá-las à luz de sua condição presente de seu patrimônio disposicional e/ou mesmo dos valores que atualmente professava.

Apesar das fragilidades emocionais e físicas que enfrentava, logo em seu primeiro dia, a identificação que tivera com a CTI e como fora acolhido durante a triagem feita pelo próprio presidente daquela instituição deixaram, em um primeiro momento, Apolo motivado a participar do processo terapêutico.

Diversas foram as oficinas profissionalizantes das quais Apolo participou no contexto da CTI. No entanto, inicialmente, Apolo ficaria decepcionado ao perceber certa discrepância entre o que havia idealizado e a realidade das terapias ocupacionais oferecidas na comunidade.

Dentre as terapias ocupacionais, Apolo participaria da oficina de reciclagem, experiência essa a qual tenderia a achar incompatível para as suas pretensões e idealizações.

> Pensei que as terapias ocupacionais seriam bem diferentes, que seria algo [...] que mexesse mais com a cabeça, com a aprendizagem. Isso é o que até agora me deixa mal, porque gosto de coisas mais, bem mais ativas. Ficar sentado e muitas vezes todos calados; às vezes acho que vou enlouquecer (DIÁRIO DE APOLO).

Apolo se considerava um “sujeito do escritório”. Aquele tipo de atividade o feria “física e psicologicamente”, pois além de não estar acostumado com atividades de trabalho mais duras, esse também tendia a se identificar com a interação direta com outros sujeitos. Todavia, apesar daquela atividade se mostrar incompatível à disposição social que carregava, Apolo lembra das palavras do pastor/diretor da CTI; palavras que diziam “muitos homens estão sendo feitos ali aonde você está”. Relevante destacar que essa frase tenderia motivá-lo a se permitir se submeter e encarar a dureza daquela rotina e aprendizados, pelo menos durante os primeiros dias. Entretanto, apesar de sua tentativa de conformismo e de submissão, o constante sentimento de incompatibilidade nos aprendizados ali envolvidos o faria acionar suas disposições estratégicas e manipuladoras. Tinha, com isso, como objetivo se estabelecer

em outro setor na CTI; setores os quais considerara mais brandos como a cozinha, favorecendo assim a manutenção de sua disposição social. Conforme o relato contido em seu diário, é possível perceber o quanto as relações de sociabilidades ocupavam um lugar de destaque dentre suas experiências.

> Conheci Mighel, Leonardo e Eduardo. [...] eles são os mais chegados aqui no quarto. (...) João tem 17 anos, se envolveu com tráfico. Foi o cara que mais me identifiquei; foi pelo jeito dele. Ele é massa. A gente ri bastante, fala de seriados, ele é bom em viajar de resenha. Quero poder ter a amizade dele fora daqui. Ele infelizmente se envolve com más companhias. Quero apresentar a ele a minha turma. Eduardo tem 26 anos, minha idade! Ele é super inteligente [...]. Já viajou para alguns países a trabalho e sempre, sempre está falando das coisas que viveu. A família dele é evangélica; ele se envolveu com maconha; estava fumando muito e isso fez com que ele viesse para cá. É um cara que também quero ter amizade lá fora. Ele vive falando [...] que já rodou o mundo e curte muito rave; aí já sabe, né? Já me identifiquei! (DIÁRIO DE APOLO).

Apolo afirmava que desde a sua infância procurara estabelecer formas de diversão e lazer geralmente relacionadas com sujeitos femininos. Era comum que nessas interações concebesse formas de lazer e sociabilidade distintas de grande parte dos demais sujeitos do gênero masculino. Todavia, no contexto da CTI, a interação com novos sujeitos lhe permitiria desenvolver formas distintas de interação, bem como apreciá-las.

> Ontem joguei bola com os meninos, é de não se acreditar né? Foi legal, quero jogar mais. Jogou eu, João e Nenê contra Mighel, Leonardo e Adriano. Foi pouco tempo! [...] Eu acho que foi a primeira vez e a única vez até hoje. [...] Eu sei que eu poderia ter gostado de jogar bola, entendeu? [...] Mas eu nunca fui jogar porque eu nem gostava de jogar, preferia estar com as meninas, entendeu? E se eu fosse jogar era provavelmente para ver algum cara ali que eu pudesse gostar e ficar (DIÁRIO DE APOLO).

Apesar das intensas formas que estabelecia suas interações com os demais acolhidos, eram constantes que suas estruturas cognitivas emocionais duradouras o levassem a um sentimento de saudade em relação aos sujeitos que integravam suas antigas sociabilidades [como Tobias, sujeito o qual identificava como o seu namorado].

> Penso muito nos meus amigos, em Aldenice, Fernanda, Lívia. [...] Meu Deus, como sinto falta deles! Tobias, Te amo. Vei... que saudades... queria tanto ir embora hoje! [...] Hoje é dia 26 do 10 de 2016. Minha amiga Amanda está completando um ano; um feliz aniversário. Queria muito estar com ela, dar um abraço, organizar uma surpresa, meu Senhor... abençoa o dia dela... enche de bênção e de muitas coisas boas [...]. A minha cabeça não para de pensar em Amanda e Tobias. Sexta é aniversário dele. Como queria estar com eles neste dia Senhor... Hoje sou uma nova pessoa; irei servir ao Senhor; estar na presença d´Ele; orar e louvar. Como é bom... me sinto a cada dia melhor. Hoje eu sei e sinto o quanto Ele é poderoso e o quanto quero aprender a Palavra d´Ele e estar sempre com Ele (DIÁRIO DE APOLO).

Apesar das saudades que nutria dos antigos sujeitos que integravam sua rede de sociabilidades, foi perceptível na leitura do diário de Apolo o quanto expressões religiosas advindas da fé cristã eram abundantes. Na evolução da leitura de seu diário foram percebidas essas incidências, demonstrando certa progressão na assimilação de diversos elementos da cosmovisão cristã por Apolo. À medida que suas disposições religiosas e para crer se desenvolviam, diversos aspectos de sua vida eram compartilhados, reavaliados ou mesmo reinterpretados - à medida que o contato com os pares e as diversas trocas eram estabelecia -. Desses, destacam-se os traumas marcados pela ausência da influência e participação paterna; trauma esse que Apolo compartilhava com seus pares apontando assim para a necessidade de buscar novas formas de estabelecimentos de vínculos e interações com sua figura paterna.

> Passei o dia na prensa [oficina de reciclagem] [...]. Falei com os meninos [...]; conversamos muito. Cada dia estamos mais próximos. Falei com eles também sobre papai. Quando eu for para casa, não sei como vai ser, mas **precisamos muito conversar**, coisa que nunca fizemos. **Preciso e vou me aproximar dele**. Veja, viu? Deus está em cada segundo mais forte e presente na minha vida. Quero tanto aprender mais e mais de Deus. Não sinto saudade da vida que tinha (DIÁRIO DE APOLO) grifos nossos.

Dessas experiências, disposições para perdoar; disposições para resolver conflitos; disposições para restaurar vínculos; essas são algumas das disposições que tenderiam a modificar os esquemas disposicionais de Apolo [assim como ocorrera no retrato sociológico da participante Ísis e seus vários conflitos com o pai] impelindo novas formas de ações em contextos mais amplos principalmente quando aprofunda sua disposição para viver a fé cristã.

Por enquanto, nesse momento de reativação de suas disposições religiosas, Apolo adota uma postura proativa e inclinada para uma vivência cada vez mais intensa na fé. Se no início via os momentos do culto como um espaço que lhe garantiria certo alívio das diversas atividades e rotinas da CTI, tenderia posteriormente a interiorizar diversos dos elementos que figuravam naquele ambiente. Como exemplo disso, ele descreve que era o primeiro a chegar no espaço de culto. As pregações, as reflexões, as novas formas de ver e retraduzir a própria história, os cânticos entoados; toda aquela realidade tendia a fazer cada vez mais sentido para ele, despertando ainda mais seu desejo por conhecer e desenvolver sua espiritualidade.

> Eu não conhecia nada na hora de ler Bíblia. Não sabia nem como era, nem nada. Eu tive um encontro lá quando eu o conheci. Foi quando eu comecei a estudar lá. Foi quando eu comecei a ler a Bíblia; quando eu comecei a ler Salmos... e para mim era os melhores momentos lá [...] a parte dos cultos. Eu era o primeiro a chegar na cadeira, sempre ter a mesma cadeira que eu sentava. Eu me arrumava bem rápido, já ia pra lá esperar começar.

Cada vez mais Apolo se envolvia de forma espontânea na dinâmica e vivência dos cultos religiosos. Filho de mãe católica, em sua infância chegara a ser coroinha de uma igreja após passar por sua primeira comunhão. Naquela época era comum que fizesse promessas ou mesmo votos para diversos "santos" dessa igreja. Também praticava jejum, e outras formas ritualísticas a favor de um propósito. Agora, no contexto da CTI e movido por um ideal de "recuperação de seu quadro de dependência", Apolo teria as condições propícias para a reativação de suas antigas disposições religiosas. Todavia, essa reativação se daria através do cristianismo evangélico e teria na leitura bíblica e nas ministrações da Palavra - como reflexões concebida por pastores, obreiros e voluntários - algumas das principais referências para a sua fé. Dessa forma, Apolo seria mobilizado, cada vez mais, para a composição de um novo propósito: o fim de seu quadro de dependência do crack -.

À medida que progredia nesse conhecimento, sua disposição para experiências intensas era ativada, levando-o a um grau de satisfação e envolvimento cada vez mais singular na vivência de sua espiritualidade, bem como à percepção de novas emoções e sensações, conforme descreve a seguir.

> Foi uma mulher na CTI falar de Deus, pregar na igreja [...] e ela me mandou ajoelhar e eu me ajoelhei. Ali eu senti um amor de Deus tão grande, tão grande, que eu fiquei meio sem respirar. E eu disse: - meu Deus do céu, que é isso? Que é isso? E fiquei; eu chorava e chorava e chorava e chorava e chorava e dizia: - meu Deus, meu Deus; **isso é melhor do que todas as drogas que eu usei.** E para um rapaz que até os 26 anos vivia de emoções; porque eu vivia de emoções; todas as drogas me traziam algum tipo de emoção **e aquela emoção foi a melhor de todas as drogas.** Então o que aconteceu? **Fiquei viciado em buscar a Deus.** Inicialmente eu disse: - eu quero isso; eu não quero mais droga nenhuma [...]. Então, naquele momento eu conheci o amor de Deus. Não entendi o que Cristo fazia, o que Cristo foi, o que Jesus fez? Nem sabia, nem entendia. Por que Cristo morreu na cruz; por que Ele foi pregado; Isso porque eu não tinha discernimento. Naquele momento ainda só conhecia o amor de Deus ali na clínica; naquele culto de noite. Eu disse: eu quero esse Deus. E como tudo o que eu quero, eu meto a cara mesmo e vou, ninguém vai, me segurar.

Apolo, com isso, daria um passo decisivo para aquilo que seria a sua conversão religiosa. Conforme afirmara Ferreira (2023) sua condição de ressignificação religiosa o faria conviver com uma pluralidade de sentimentos.

A partir deste momento Apolo tenderia a perceber que sua existência já não seria mais a mesma. Todavia, ainda sem muitas referências dogmáticas/bíblicas, Apolo buscaria vivenciar coletivamente sua nova fé. Essa experiência marcaria diversos ajustes em seus esquemas de ações – à medida que buscara uma dimensão intelectual (GLOCK, 1962) com maior profundidade de sua espiritualidade –, embora ainda pudessem ser evidenciados desvios e ações as quais considerara contrastantes, conforme será abordado a seguir.

9.5 TORNANDO-SE UM "NOVO HOMEM": A VIDA EM AMBIENTES RELIGIOSOS

De certo modo, à medida que Apolo progredia na interiorização do conhecimento e valores evangélicos, diversas de suas disposições e ações tenderiam a se ressignificar. Apesar de sair de forma "negociada" e "abreviada" da CTI, acreditando ter assistido a um caso de agressão – situação essa que o faria se sentir vulnerável –, Apolo, que tivera suas disposições religiosas e para crer (re)ativadas, manteria firme sua convicção de buscar novas experiências atreladas a sua nova fé em contextos externos.

Essa convicção fica bastante clara ao compararmos os relatos contidos nas primeiras páginas de seu diário com o conteúdo registrado no momento de sua saída. Nesse último, é notória a incidência de uma escrita que revelava a existência de disposições antagônicas; disposições essas que se manifestavam livremente impelindo algum tipo de força inibidora sobre a outra. Para Apolo, suas disposições para relacionamentos homoafetivos aparentemente, naquele momento, não representavam uma ameaça para suas disposições para crer; ambas pareciam figurar harmoniosamente em seu patrimônio disposicional, conforme podem ser observadas a seguir.

> Sai daqui da Comunidade Terapêutica. **Agradeço** e serei sempre muito grato por vir aqui e passar esse pouco tempo, mas que parece que fazem anos. **Estou louco para abraçar meus amigos**, contar tudo o que passei aqui e estar com eles**, embora sou outro com desejo, muito desejos diferentes dos que tinha com eles.** Preciso e **irei conhecer a cada dia mais a palavra de Deus**. Seguir o caminho dele e me sentir cada dia melhor como estou. [...] Acordei 300 vezes essa noite; tive alguns sonhos ruins, mas orei, orei todas as vezes. Estou ansioso para ir embora; **não vejo a hora de** [...] **Tobias me levar**. [...]. **Meu Senhor... que dê tudo certo. Acalma meu coração**, acalma meus pensamentos. [...] Obrigado meu Pai. Que o meu caminho esteja em suas mãos. Glória a Deus. Amém. **Obrigado Senhor Deus, por cada coisa que vivi aqui**. Sei que foi tudo importante e sei que essa batalha estará apenas começando, **pois a minha vida mudou e agora sinto como nunca senti a tua presença e o quanto tens poder.** Te agradeço Senhor, por esta oportunidade e me dê forças, forças Senhor, para cada dia que passar eu esteja cada vez mais forte em sua presença e em suas palavras. **Sou abençoado por ter você, por ter essa família linda e esses amigos tão especiais**. Obrigado Senhor! Que a minha vida seja sempre com o Senhor, com as suas palavras, pois tenho tanto que aprender e farei e serei forte em sua presença e ajudarei em trazer vidas para Sua Palavra. Obrigado Senhor. Obrigado meu Pai. Deus é amor, Deus é vida, Deus é tudo. E eu escrevi um Salmo pronto (DIÁRIO DE APOLO). Grifos nossos.

> Salmo 37: 3-5 "Confia no Senhor e faz o bem. Habita na terra e alimenta-te da verdade. Agrada do Senhor e Ele satisfará os desejos de teu coração. Entrega o teu caminho ao Senhor, confia Nele e o mais Ele fará". Amém (DIÁRIO DE APOLO).

> Filipenses 4:6-7 "Por nada estejais ansiosos; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pelo coração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará o vosso coração e os vossos pensamentos em Cristo Jesus" (DIÁRIO DE APOLO).

> 1Pedro 5:6-7 " Humilhai-vos, pois, debaixo da potente mão de Deus, para que a seu tempo vos exalte; lançando sobre ele toda a vossa ansiedade, porque ele tem cuidado de vós (DIÁRIO DE APOLO).

O relato acima deixa evidente pelo menos 3 disposições que figuraram expressivamente durante o processo de acolhimento de Apolo: 1) suas disposições para crer; 2) suas disposições afetivas para com a figura maternas; 3) suas disposições sociais.

Quanto a essa primeira, logo ao retornar para o contexto de vivência familiar, Apolo já se sentia inclinado a participar de uma comunidade religiosa. No entorno da casa de seus pais existiam pelo menos duas igrejas evangélicas: uma Congregacional Vale da Bênção e outra do Evangelho Quadrangular. Para Ferreira (2023, p. 78)

> O crente seria, portanto, o resultado do trabalho iniciado através das experiências religiosas que lhe permitiu ter acesso a conteúdos míticos; experiências essas que deram conta de preencher seu vazio existencial e que agora são complementadas com outros conteúdos (doutrinários), dando, assim, forma à sua experiência primordial.

E foi assim com Apolo. De forma, semelhante como ocorrera no retrato sociológico de Fernanda, seria contando com o apoio de sua vizinha - essa que era membro dessa primeira igreja - que Apolo passaria a conviver com outros sujeitos religiosos. Como resultado, suas novas interações favoreciam a continuidade e o aprofundamento das experiências e emoções vivenciadas no contexto da CTI, permitindo que o mesmo tivesse contato com diversas doutrinas e variações dessas diversas tradições cristãs evangélicas.

> Eu lembro que eu me sentei lá atrás. Foi a primeira vez que eu entrei na igreja mesmo e eu vi a Palavra de Deus, aquela Palavra. Ele contou minha vida, aquela velha história. O pastor contou a minha vida, eu fiquei o tempo todo assim [expressão de admirado/espantado]. Eu dizia: alguém contou pra ele. [...] Só que eu entendi. Eu vi aquilo de uma forma que penetrava. Gostei muito daquele ambiente que quando ele disse "alguém quer aceitar Jesus? Eu disse na hora: eu quero aceitar Jesus! Fui pra frente; subi; a igreja toda orou por mim, eu amei tudo aquilo! Foi uma presença de Deus muito grande. Amei estar ali. [...] Eu sabia que ali era o lugar que eu queria estar.

Embora em um primeiro momento aquela pregação tivesse, por um curto período, ativado sua disposição para desconfiança, a mesma passaria a ser inibida por sua disposição para crer, dando para Apolo a certeza que ele era agente e alvo da ação divina. Como consequência, também desenvolveria a concepção de que seu senso de confiança precisaria seria necessário para as próximas etapas de sua vida. Assim como ocorrera nas experiências que resultaram no retrato sociológico Joana, no contexto daquela comunidade religiosa ele reafirmaria sua conversão religiosa iniciada no âmbito da CTI. As orações recebidas de certa

forma tendiam a sinalizar sua aceitação naquele contexto, contribuindo assim para a legitimação crescente de sua nova identidade.

Os atores com os quais Apolo estabelecia diversas relações de sociabilidades iam mudando progressivamente à medida que ele sondava novos espaços religiosos para interação; uma vez que esses passariam a constituir seus principais espaços de atuação.

Assim como ocorrera no retrato sociológico de Fernanda que após sua saída da CTI transitava por várias comunidades religiosas, Apolo não ficaria restrito somente ao ambiente congregacional. Em visita a uma Igreja do Evangelho Quadrangular ele se identificaria com um novo público, esse marcado pela presença de vários jovens, decidindo, por afinidade, lá permanecer. Agora, nesse novo contexto, ele conheceria Paula - líder e discipuladora de novos convertidos – a qual ele desenvolveria fortes vínculos afetivos e imersões no aprendizado de sua nova fé.

> Quando eu conheci essa mulher, eu nunca vi uma mulher gostar tanto do perdido, tanto de almas, tanto de drogados, tanto de povo assim. [Ela dizia] [...] Quarta-feira vai ter nossa célula; eu disse: o quê? [Ela dizia] célula, de grupo. [Apolo] O que é célula? [Paula] Célula é um grupo de amigos de jovens que a gente compartilha a palavra de Deus. A gente se reúne todo sábado, todo sábado a gente tem uma. Tem célula na quarta e a minha na célula de jovem é nos sábados; a gente vai se reunir e tem líderes de célula. Se você quiser ficar na liderança, eu vou discipular você. [Apolo] Eu digo vai o quê?

Conforme sinalizara Ferreira (2023, p. 80)

> A Bíblia tem um significado muito considerável neste processo de aprendizado, (...) pois trata-se da própria "palavra de Deus". (...) Sua centralidade deve ser motivada e praticada pelo crente que crê constar nela "a própria vontade de Deus, o que Deus tem pra sua vida".[...] Por isso que o passo inicial do processo de discipulado começa pelo entendimento acerca do que a Bíblia ensina sobre os temas que embasam a religião.

E foi nessa dinâmica socializadora que Apolo aprofundaria ainda mais a "dimensão intelectual" (GLOCK, 1962) de sua vivência religiosa, bem como as "características compromissadas de sua fé" (ALLEN; SPILKA, 1967), o que o faria atingir estágios cada vez mais racionais em sua crença e prática.

Interessante observar que embora Apolo tivesse reativado suas disposições religiosas e disposições para crer no contexto da CTI, seria no contexto de suas vivências externas [ou seja, em contato com as comunidades de fé que agora frequentara] que tenderia a consolidar suas convicções e laços de pertença e identitários – fato esse bastante evidente nos retratos sociológicos de Fernanda e Joana, por exemplo -. A relação de Apolo com esses novos atores sociais, bem como suas vivências em instituições religiosas, resultaria em socializações que

trariam para ele uma maior aproximação com o conjunto de símbolos, signos e ritos que caracterizam o universo e a prática religiosa. Além disso, toda essa experiência o colocaria a refletir acerca das formas como compreenderia sua relação com as SPA´s, suas antigas estruturas de ações, crenças e identitárias - processo esse que culminaria com o rompimento de suas relações com Tobias -.

> Eu podia nascer 1000 vidas em todas eu dizia que eu queria ser gay porque eu gostava; porque minha família todo mundo aceitava e eu me identificava. Só que quando eu li [na Bíblia], tudo mudou. Eu disse meu Deus... é agora? [...] Em casa e chorando muito com Deus eu dizia: Deus Pai está dizendo que é pecado, a minha amiga de cara vem dizer que é pecado. Fulano diz que é pecado. Aí Paula foi me mostrar que a tua Palavra diz que é pecado. Pai... tô lascado! [...] Senhor, por favor, fala comigo, fala para mim que o que eu estou fazendo é pecado, que o Senhor não está de acordo com isso, por favor! E eu chorando desesperado me joguei na cama. [...] Eu sentia um nojo tão grande por aquela prática; e olhava, queimava dentro de mim, eu chorava e eu chorava [...]. Eu senti o amor que Deus sentia por mim e eu senti um nojo que eu estava sentindo por aquela situação tão grande que naquele momento eu não conseguia ficar mais com homem. Ai eu disse: me lasquei agora porque eu ia ter que explicar. [...] Como é que eu vou falar com o Tobias? Como é que eu vou falar com meus amigos? Como é que eu vou falar para todos?

Essa ruptura biográfica da vida de Apolo ganha relevância, uma vez que é a partir dela que podem ser evidenciados: a) a remodelação de diversos de seus aspectos identitários; b) uma primeira tentativa de ruptura com antigos laços de suas sociabilidades [esses que quando constituídos tinham no consumo de SPA´s uma das principais vias para o seu estabelecimento]; e c) a presença cada vez mais dominante de um conjunto de dogmas e valores que compõem a nova cosmovisão religiosa adotada.

A compreensão do que consideraria práticas pecaminosas – como o uso de substâncias psicoativas ou mesmo relacionamentos homoafetivos – passaram a ser consideradas empecilhos para que Apolo progredisse no desenvolvimento de sua espiritualidade, bem como em seu engajamento na nova comunidade. Naquele momento, sua orientação para práticas religiosas e o envolvimento com novos membros religiosos redirecionaram Apolo. Como resultado, isso inibiria disposições emblemáticas de sua vida, suas concepções sobre o consumo de substâncias psicoativas (SPA's), ou mesmo seus relacionamentos homoafetivos.

Após essa redefinição disposicional, Apolo logo progrediria em suas vivências nesse novo campo. Tornar-se-ia, assim como Paula, discipulador à medida que sua disposição religiosa e para crer tendiam a despertar nele certa vontade para estudar - ação essa que naquele contexto o faria compreender e instrumentalizar cada vez mais os fundamentos da fé interiorizados -. Até o momento de nossa primeira entrevista percebe-se que essa disposição cresceu consideravelmente em Apolo. O mesmo realizava cursos bíblicos livres além de se preparar para cursar uma graduação de nível superior.

Semelhantemente ao período que se iniciou na substância da maconha - recrutando cada vez mais pessoas para o uso -, sua ação performática, carismática e influenciadora seria direcionada para a evangelização de diversos sujeitos em contextos distintos. Quer fosse como discipulador, quer fosse como missionário em contextos distantes, Apolo tenderia a exercer sua disposição para liderança e sua recém-ativada disposição para ação missionária para, assim como Paula, desenvolver atividades religiosas as quais pudesse convencer outros acerca de seus desvios e pecados [semelhantemente a todos os retratos sociológicos apresentados anteriormente]. Conforme narra Apolo,

> Eu fui inserido, me converti em uma igreja totalmente missionária. A gente saia para as ruas para evangelizar, a gente viajava para evangelizar [...]. A sede missionária de viver missões foi impregnada em mim quando eu me converti. Desde aquele momento eu amava de tudo. [...] Quando eu discipulava alguém, a sensação que eu sentia em estar discipulando alguém, de está pregando, [...] eu [...] conseguia ter sensação.

Desde sua infância, Apolo declarara ser fascinado em ensinar e aprender. No contexto da vivência do uso de diversas SPA´s ele dizia com orgulho ter sido o único de sua rede de sociabilidade a continuar na escola. De certo modo, o contexto religioso permitiu que tais disposições fossem reativadas em Apolo, levando-o a contatos e experiências que tenderiam a reforçar nele certa sensação eufórica. Essas, nas experiências dos cultos principalmente, eram manifestas em foram de “arrepios” ou mesmo por “sentimento de profunda satisfação”. Nesse novo estágio da vida, era comum encontrar Apolo buscando transpor certos padrões de interações de suas antigas formas de sociabilidades com os sujeitos desse novo contexto. Apolo narrava que Paula muitas vezes propunha a interrupção de suas sociabilidades e interações que duravam até as madrugadas, apesar dessas terem nas discussões bíblicas seu principal plano de fundo.

No entanto, a habituação, isto é, a exposição repetida a certos processos que resulta na diminuição da resposta aos estímulos associados a eles (SATO, 1995), pode ter levado Apolo a desenvolver novas maneiras de buscar suas constantes experiências de euforia. Isso se manifestou tanto no tempo que usava SPA’s - antes de sua conversão religiosa - quanto quando esse procurara estabelecer novos relacionamentos sociais com diferentes sujeitos. Assim, Apolo encontrou no discipulado uma maneira de se expor a estímulos diferentes e de manter as sensações que o afastaram de práticas antigas, incluindo o consumo de SPA's.

9.6 "IRMÃO LOBO": ENTRE "TESÕES E TENSÕES"

A vida de Apolo era intensa e marcada por fortes contrastes. Embora Apolo tivesse passado por um significante reajuste disposicional a partir de sua vivência em comunidades religiosas – reajuste esse que marcaria uma efetiva reconstituição identitária –, algumas de suas disposições, agora consideradas conflitivas para aquele contexto, tendiam ainda a permanecer. Como resultado, esse quadro tenderia a incidir como causador de tensões, conflitos e/ou mesmo resistências diversas.

Se na infância Apolo declarou ser comum encontrá-lo "de castigo" - mesmo com o comportamento liberal de sua mãe -, no contexto da Igreja, ser disciplinado não seria um "caso raro".

A reminiscência de suas disposições sexuais se constituiria como pivô para diversos desses conflitos, uma vez que passara a se relacionar "antes do casamento" com mulheres daquele contexto religioso. Envolvido por um misto de culpa e satisfação, recorrentemente Apolo era afastado das atividades de liderança as quais desempenhava naquela Igreja.

> Eu ficava com uma e terminava; ficava com outra e terminava. [...] A igreja achava tudo isso [...] muito ridículo. Eu era considerado o lobo mau; era terrível estar lá fazendo elas pecar.

Apesar da ação promovida por membros da liderança da igreja, sua disposição para a independência/rebeldia ressurgia progressivamente. Como resposta, Apolo busca satisfação na vivência de sua fé praticando evangelismo de forma autônoma pelas ruas da cidade. Também era comum suas divergências em relação a alguns dos preceitos dogmáticos da fé que se identificara (GLOCK, 1962). Como ele costumava dizer: "podem me impedir de pregar lá dentro, mas não aqui fora".

O enfraquecimento de tais laços de sociabilidades e da eminente crise de papéis vivenciadas no contexto de sua comunidade religiosa tenderia a aproximar Apolo de outros contextos, sujeitos e práticas. Com isso, não apenas teria que enfrentar seus próprios sentimentos de culpa (SCHUMAKER, 1992[85]) – uma vez que suas disposições e desejos conflitavam com as normas e valores éticos daquele pequeno grupo -, mas com estigmas e tensões que tenderiam a conduzi-lo a um retorno ao uso de SPA's.

Se por um lado a experiência de conversão religiosa de Apolo impactaria na ressignificação drástica de suas redes de interações e sociabilidades, as consequências do forte

---

85 Esse que, conforme aponta o autor, se constitui como um aspecto negativo da vivência religiosa.

conflito enfrentado conduziria nosso voluntário a contextos os quais antes julgara inapropriados - concepção essa nutrida após seu processo de socialização em ambientes religiosos -. Ele sabia que os contextos das festas, bem como a interação com os sujeitos que integravam suas antigas redes de sociabilidades; todos esses representavam canais que tendiam a conflitar com os valores que integravam sua nova cosmovisão – dentre essas o próprio consumo de SPA´s -.

> [ENTREVISTADOR] E o que foi que te levou de volta para as raves?
>
> [APOLO] A vontade mesmo de rever a galera; de rever os amigos; a turma; de rever o povo; de curtir novamente a música (...). Depois eu caí. (...) Era para eu ir para um evento de crianças, para uma missão de crianças em outra cidade (...), e eu decidi não ir. Eu fui para uma rave; eu sabia que na rave eu ia usar ecstasy e LSD e eu fui para essa rave, depois de uns três anos só usando maconha. Quando eu estava lá na rave, já aconteceu um negócio lá, entendeu? Eu estava com Deus lá e Deus já disse para mim lá, perfeitamente: -aqui não é mais o seu lugar, não é para você, está aqui.

O que se percebe é que mesmo quando manifestas, suas disposições hedonistas, disposições sociais e disposições para o consumo de SPA´s; essas não conseguiam inibir por completo suas disposições religiosas, o que aumentaria ainda mais a sensação de conflito e tensão interna vivenciada por Apolo. Era comum que disposições reflexivas fossem nele ativadas favorecendo a concepção de experiências místicas as quais tendiam a reconduzi-lo de volta ao contexto religioso, bem como a novas tentativas de abstinência das SPA's que consumia.

9.7 SOCIABILIDADES E LUTA CONTRA O NOVO QUADRO DE DEPENDÊNCIA

Entre rupturas e continuidades, Apolo ia desenvolvendo sua espiritualidade, sua identidade, bem como, agora, novas forma de lidar com as diversas substâncias as quais reincidira. Apolo sabia das consequências caso mantivesse o uso contínuo de substâncias como o ecstasy, o LSD e o crack. Ele sabia o que podia perder caso cruzasse certo limite desse autocontrole. Por outro lado, os valores interiorizados através da ética cristã, suas fortes e intensas experiências vividas nas religiões evangélicas, as sociabilidades e laços construídos; todos esses elementos conflitavam fortemente.

Como resultado desse processo, [diferente de Fernanda] Apolo não se isolaria do convívio em contextos religiosos; antes retornaria a esses tendo na religião formas de superar sua dependência. Apolo também, assim como todos os participantes dessa pesquisa, manteria contato com a CTI a qual era egresso. Além de participar de uma rede social constituída por

vários egressos era comum que mantivesse vínculo com aqueles que um dia foram seus líderes na CTI. Apesar de sua condição de egresso, Apolo acreditava na proposta da CTI. Sempre contribuia financeiramente [ainda que enfrentando diversas crises financeiras]; nela compartilhava seu "testemunho de fé"; buscara nela auxílio para alguns de seus principais conflitos enfrentados - como o uso da maconha -; entre outros. No dia de nossa primeira entrevista Apolo dissera estar com o presidente da CTI a qual fez parte. De certo modo era em relações assim que ele poderia se reavaliar ou mesmo buscar novas formas de apoio para "além do acolhimento interno".

Indo de forma confluente a todos esses estímulos, Apolo se permitia ser direcionado ao que considerava "uma maior condição de autocontrole". De Paula - no âmbito de sua comunidade religiosa -, obteria o apoio em sua imersão para o desenvolvimento de um comportamento e conhecimento religioso, o que marcaria sua aceitação em novos grupos de interações e na constituição de sua identidade. Não apenas Apolo, mas antigos integrantes de sua rede de sociabilidades passariam por transformações identitárias tendo como plano de fundo a cultura religiosa cristã. Tais sujeitos, tenderiam a se constituir como elementos importantes quer fosse para a normas formas como Apolo se relacionaria com as SPA's, quer fosse para promover certa e manutenção de sua identidade e práticas religiosas. Um exemplo disso pode se configurar nas interações estabelecidas com sua antiga companheira de festas e raves: a Carol.

Carol era uma antiga amiga de Apolo. Nas festas era comum dançarem, participarem das mesmas redes de sociabilidades, ou mesmo consumirem diversas SPA´s juntos. Agora, convertida também ao protestantismo, e adepta a uma igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, ela buscava reconstituir suas sociabilidades tendo naquele contexto religioso um de seus principais campos de interação.

> Carol [...] postou um vídeo de quando ela estava nas raves, e depois ela se batizando... ela, a irmã dela e a mãe dela. Eu disse: como é que esse povo todo foi para Cristo? [...] Que linda demais! Ela é muito linda de Deus! Ela é tudo o que eu tinha pedido, assim né? E eu dizia: eu tenho que sentir tesão, tenho que sentir desejo; tem que ter o cabelo loiro... eu dizia, assim, detalhes a Deus como eu queria [...]. Tinha que ter um sorriso bonito; tem que ter um corpo bonito. Ela gosta muito de malhar; é louca por academia. Então tem um corpo muito sarado, muito bonito, tinha um cabelão grandão, loiro. Eu fiquei louco, né? Pensei: se eu ficar vai ser tudo direitinho; se eu ficar [praticar sexo] só vou fazer quando casar, mas bora lá tentar! Já fui no primeiro culto com boa intenção e ela de boa. Vamos ver no que vai dar! Cabra era veado, era drogado, essas coisas... mas enfim, achei bonito, vamos ver! Ela disse: eu não ligo pra isso não! [...] No culto, no final do culto eu disse: Carol, eu estou... eu só tenho um problema... de vez ou outra eu caio na maconha; [...] mas não é o que eu quero para a minha vida [...]. Então ela disse: acontece!

Por outro lado, Apolo lutando ainda contra a dependência da maconha encontraria em Carol um canal para se firmar ainda mais por essa via. Ambos se casariam e cada vez mais essa tenderia a contribuir para a tomada de uma decisão bastante defendida no contexto da CTI, mas que, naquele momento, era ainda negligenciada por Apolo: a decisão de promover certa ruptura definitiva com os laços de suas antigas sociabilidades e redes de interações. Essa concepção fica muito evidente no relato de Apolo a seguir: “minha esposa me abriu muitos os olhos em relação a [...] o quanto eu era influenciado. Eu queria influenciar, mas era influenciado.”

Ao assumir um novo relacionamento, dessa vez com Carol, Apolo participaria de uma nova comunidade religiosa. Assim como em suas antigas experiências, suas disposições para liderança; suas disposições sociais e carismáticas; suas disposições comunicativas; entre outras; essas encontrariam, naquele contexto, um terreno forte para ativação favorecendo assim o engajamento de nosso voluntário em diversas atividades relacionadas com atores e contextos religiosos - apesar de suas recorrências à maconha as quais eram aceitas e trabalhadas naquela comunidade-.

> Eles foram muito sábios nesse tempo que eu estou na igreja [...]; de não me excluir totalmente. Eles diziam: venha, traga; estamos orando, estamos buscando. Entenda! Você vai errar, você vai pecar, mas não saia de perto da gente. Venha, venha como você está e se sente ali no banco. Vá assistir o culto; [...] estamos orando por você. Venha! Aí eu digo: eu vou, eu vou, eu vou. E eu continuava a pregar o evangelho [...]; continuava a falar de Cristo. [...] Mesmo pecando, eu fumava escutando louvor. Eu fumava com a amiga falando de Jesus para ela, dizendo: estou nessa merda aqui "fulana", mas isso aqui só lembra... e começava a falar; e eu muito mal; muito mal todas as vezes e muito mal.

A partir dessas interações, Apolo se permitia progressivamente se condicionar à mudança. Era comum que gradualmente fosse reavendo novas preferencias e gostos, tendendo assim a revelar a sua busca por contatos com o sagrado e reajustar suas ações e identidade. A partir de sua imersão nesse novo contexto, as músicas eletrônicas que antes o conectava para vivências mais intensas no consumo de SPA’s iam cedendo lugar a louvores. Apolo acreditava estar vivenciando, a partir disso, uma conexão mais intensa com o universo do sagrado; conexão essa que resultaria: mudanças em seus gostos e preferencias musicais; mudanças em suas formas de vestir para se adequar ao contexto religioso que agora frequentara [mudanças em seus padrões de estilo]; também apresentaria uma maior satisfação e sentimento de gratidão em relação às suas conquistas em diversas áreas - como família, trabalho, vivências na comunidade religiosa, entre outras -.

Além dessas, uma mudança que também merece destaque é a relativa diminuição da frequência em que usava a substância da maconha. A partir do período dessa nova imersão em campos religiosos, Apolo tenderia a usar forma menos recorrente essa substância, normalmente, para ele, a associado à tensão provocada pelo enfrentamento das diversas dívidas por ele contraídas ainda durante o período que antecedeu seu acolhimento na CTI. Conforme narra Apolo, era em contextos em que se sentia atingido por uma "maior tensão" que Apolo tinha suas disposições para o consumo de SPA´s ativadas, conforme pode ser verificado a seguir:

> Eu observei na última vez, nas últimas vezes, que é quando eu estava mais buscando mais a Deus. Há um certo tempo [...] sempre, quando havia alguns [...] problemas financeiros, [...] dívida e muita preocupação e discussão, (...) eu corria para ela [a maconha] porque ela me tirava da realidade. Era mais fácil enfrentar os problemas, era mais fácil suportar [...] do que passar o dia todo com aquela angústia ... o dia todo com aquele mal estar; o dia todo pensando como é que eu vou pagar e como é que vai ser essa venda. Ainda mais, como é que eu vou resolver esse problema aqui em casa? Porque sempre é alguma falta minha; sempre que não estou provendo em alguma situação. Então eu corria para a maconha para que eu me aliviasse de tudo isso.

Assim como muitos membros de sua igreja, Carol parecia compreender – conforme os relatos de Apolo – as dificuldades de se sair da condição da dependência. Entretanto, após o nascimento de sua filha, Apolo relata diversas orientações de Carol para que esse buscasse uma condição de abstinência definitiva em relação à maconha.

> Carol disse: eu não aceito! Isso não é o que eu quero para você! Eu não casei com a pessoa que é para ser viciado nisso. Eu sei que eu já casei com você e você já usava [...], mas [...] eu não quero que nossos filhos estejam presentes nessas situações; que vivam isso! Então, isso estava cada vez mais pesado para mim e cada vez mais eu buscava mais a Deus para deixar. Eu dizia assim: do jeito que Deus tirou de dentro de mim e fez eu me enojar em relação ao homem, por que ele não fez isso em relação à droga? Por que não fazer isso em relação à maconha? [...] Em certo momento eu disse: [...] para que eu renuncie, porque há desejos e coisas que eu tenho que renunciar e correr para Ele, [...] eu tenho que arrumar forças no Senhor, em Deus, para eu não ir mais fazer isso. E eu digo uma coisa para você: faz pouco tempo, não faz muito tempo não, que eu deixei. [...] Muitas coisas aconteceram na minha vida. Agora ministerial com o Senhor, sabe? De eu ficar à frente de um departamento; à frente mesmo, de ajudar quem estava [...] na frente de um projeto missionário grande [...]; e é por conta disso. Eu sabia. Eu tenho mais convicção agora que eu não quero de jeito nenhum. Eu não quero! Eu quero correr de qualquer gatilho que faça eu voltar. É por isso que eu estou jejuando mais; estou orando mais; estou buscando mais; estou trabalhando mais.

Se permitindo influenciar pela força advinda dessa relação, suas disposições religiosas (a partir das práticas do jejum e orações) e suas disposições para crer (a partir dos valores advindos de sua cosmovisão religiosa) são ativadas. Como resultado, de acordo com Apolo, isso favoreceria nele a percepção de um maior autocontrole em relação ao uso dessa substância. Relevante observar o quanto Apolo compreende o poder da religião para a

promoção de uma ruptura de seus padrões de comportamento. Para reforçar essa crença, Apolo recorre à ruptura biográfica que demarcou significativamente mudanças no quadro de sua orientação sexual, uma vez que essa também tinha nas disposições para crer e disposições de superação um plano de fundo para suas ações. Agora, aquela experiência tendia a lhe motivar para uma vida ainda mais intensa na vivência de suas práticas religiosas. Como resultado, isso incidiria em novas práticas e formas de engajamento no trabalho, em sua comunidade religiosa, ou no contexto familiar, uma vez que assume manter certa condição de abstinência dessa SPA - pois, no momento que iniciamos nossas primeiras entrevistas com Apolo, essa condição de abstinência durara já dois meses -.

10 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DOS PERFIS DE CADA CASO

De certo modo, a teoria e método lahiriano tendeu a possibilitar uma visão muito mais ampla dos indivíduos aqui analisados favorecendo assim a superação da mera visão reducionista da realidade e de seus sujeitos como meros reflexos e/ou resultados do sucesso ou do fracasso de suas experiências socializadoras em instituições cujas propostas se alicerçam na tentativa de moldar e controlar o comportamento e ações de seus acolhidos por meio de técnicas disciplinares, vigilância e um conjunto de normalizações (FOUCAULT, 2014). Em Lahire, os indivíduos aqui analisados não foram reduzidos ao limite de sua identidade protestante, ou mesmo ao seu pertencimento de classe, nível cultural ou gênero, mas sim a partir do conjunto de relações, compromissos, pertencimentos e demais experiências que caracterizam a ponte presente e passado (LAHIRE, 2004). Dessa forma, a ação passa a ser concebida como o resultado de todo um completo de experiências essas as quais têm tanto no passado quanto no contexto presente possibilidades para a sua efetivação.

De certo modo, foi ao adotar uma escolha biográfica que permitisse assim tanto a captação das variações intraindividuais, quanto das gêneses disposicionais que fazem parte do patrimônio individual de seus pesquisados que Lahire (2004) propôs uma recapitulação dos pontos de análise para que enfim a proposta da concepção de seus "retratos sociológicos" fosse dado por completo.

Levando em consideração essa proposta, buscaremos expor a seguir uma síntese que corresponde à recapitulação de cada caso aqui anteriormente apresentado [mantendo assim certo alinhamento à proposta teórico-metodológica original do autor] para, em seguida, uma vez bem expostos apontarmos como todo esse conjunto de dados apresentados se relaciona com o nosso problema de pesquisa bem como com demais outras questões aqui levantadas.

10.1 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE ÍSIS (DONA DOCEIRA)

O estudo do caso de Ísis (que nesse estudo também ficou conhecida como "Dona Doceira") permitiu salientar os seguintes pontos:

1) *Socialização em ambientes distintos [na casa do pai e na casa da avó] e a incorporação de disposições muitas vezes conflitantes e contraditórias:* No ambiente educacional rígido do pai, somado nesse último com o trauma e sua ação de

culpabilizar o pai pela morte da mãe, favoreceriam com que Ísis desenvolvesse disposições rebeldes e contestadoras, o que incidiria fortemente em aberturas para a obtenção e alimentação de suas disposições hedonistas associadas à prática da dança, no estabelecimento de relacionamentos afetivos (namoro) e as demais práticas e ações que desafiavam as normas estabelecidas. Todavia no contexto do ambiente mais autônomo vivenciado com a avó tenderia a alimentar disposições de obediência e respeito às autoridades e normas sociais, dualidade essa a qual a acompanharia em diversos episódios de sua família em que desejo de autonomia e necessidade de se submeter figuraram no campo de ação de nossa participante.

2) *Socialização religiosa em ambientes plurais:* O acesso a modelos socializadores religiosos no âmbito da família [como foi vivenciado no âmbito da vivência com a avó] e extrafamiliares [com amigos como Bete, na escola, com vizinhos, e instituições religiosas diversas: como por exemplo, na Igreja católica ainda na infância ou na Assembleia de Deus no início de sua juventude] forneceriam para Ísis, embora ela não compartilhasse do mesmo senso de religiosidade dos demais sujeitos os quais ela interagiria ao longo de sua vida, acesso a um conjunto de valores morais e religiosos, comportamentos, gostos, saberes e práticas que seriam evocados no momento de sua conversão religiosa na CTI, fornecendo-lhe assim um repertório bastante eficaz de referências para a vivência e o progressivo desenvolvimento de suas disposições religiosas e a recomposição de suas ações.
3) *Disposições para o trabalho associadas à disposição para a autonomia e liberdade*: Ao longo de sua vida Ísis tendeu a associar sua disposição para o trabalho com sua disposição para a autonomia em relação aos diversos ambientes, sujeitos e estruturas as quais ela interagia. Isso ficou evidente desde o relato do recebimento de seu primeiro salário como recepcionista, seguindo da experiência quando ela propõe trabalhar vendendo cocadas adquirindo maior autonomia e mantendo a segurança e estabilidade alcançadas no convívio da CTI e, por último, quando essa expressa seu desejo de conceber um trabalho autônomo que lhe garantisse, em um futuro, a emancipação da CTI e a tão desejada convivência com o filho que até o momento da pesquisa estava em situação carcerária; tendencia essa que acabaria sendo o pivô de diversos conflitos e tensões no campo familiar, como esposa, como acolhida, como egressa e em diferentes posições sociais que ocupara.

4) *A força da disposição por nutrir uma representação positiva de si:* Sua disposição por nutrir uma representação positiva de sua imagem e dos papeis que exercera identificado pelos instrumentos dessa pesquisa desde o tempo de sua infância em ambientes distintos [casa do pai, casa da avó] foi uma disposição que marcou diversos episódios da vida de Ísis. O desejo de manter uma imagem respeitável perante seus familiares, mesmo quando enfrentava dependência com diversas SPA´s evitando o contato para que os sinais da dependência não fossem percebidos por eles a faria preferir às ruas da cidade em que morava, cujo contato com sujeitos desconhecidos ou separados dos laços familiares lhe permitia assumir uma imagem de si mais degradada [chegando ao ponto de se assumir como uma "morta-viva"] sem maior desconforto. A correspondência da CTI com sua família foi um forte elemento incentivador para que Ísis buscasse desenvolver uma carreira moral a partir do aperfeiçoamento de diversos recursos e disposições que atestassem sua transformação e reconstituição de uma autoimagem perdida.
5) *Disposições adaptativas e sua relação com a construção de sua carreira moral:* Ao longo de sua vivencia na CTI, Ísis participaria de um processo o qual Goffman (1972) classificou de "mortificação do eu". Sua disposição para adaptação foi capaz de permitir uma rápida e eficiente incursão nesse novo ambiente e, ao mesmo tempo, lhe permitiu a partir de suas disposições estratégicas desenvolver uma carreira moral a qual lhe permitisse a manutenção de certa medida de autonomia, condição essa tão emblemática dentro de seu estojo disposicional. Com isso, ela progrediria na dinâmica do poder, exercendo liderança sobre as outras acolhidas, recebendo reconhecimento por seu zelo e disciplina, elementos bastante apreciados nesse ambiente. Essas experiências contribuíram para o reforço de suas disposições, como a disposição de posse em relação ao espaço da CTI, o que impeliu que essa cogitasse sua permanência frente à nova ruptura biográfica que se aproximava - que era a saída da CTI e da condição e acolhida -. A partir de então, Ísis ao planejar uma nova fase de sua vida como "Dona Doceira" - com base em sua disposição para liberdade e autonomia – ela proporia a venda de coadas garantir sua estadia na CTI, estabelecendo seus próprios horários e evitando situações que possam prejudicar sua identidade religiosa para os sujeitos de dentro ou fora da CTI (nesse último grupo como no caso dos membros de sua família) como ficar nas ruas à noite, entre outros.

6) *Inibições de disposições frente às experiências de conflitos:* A partir dos seus objetivos de recompor suas sociabilidades no âmbito familiar Ísis se insere em um ambiente que lhe permitiu a manutenção de suas disposições para autonomia mesmo estando sujeita a um conjunto de normas e regras disciplinares. Todavia, quando sentida contrariada, como quando não recebeu o apoio da CTI em relação a uma nova oportunidade de emprego ou mesmo frente à possibilidade de perda da estabilidade e do território conquistado, suas disposições antes adormecidas, como a disposição para a contestação e para um temperamento explosivo, essas voltaram à evidência impactando assim suas ações e sociabilidades existentes.
7) *Disposições religiosas x disposições para autonomia e estratégicas:* Ísis ao passar por um processo de conversão que ativa suas disposições religiosas tem diversos de seus esquemas de sua ação modificados. Sua forma de falar, sua forma de interagir com os outros, sua forma de buscar uma reflexão acerca de si, de pensar estrategicamente os lugares em que passar ou mesmo frequentar; seu tempo de lazer, seus gostos; todas essas estruturas passam por ressignificações. Disposições antagônicas àquelas que predominaram e seu estojo disposicional – como disposições para a humildade, disposições altruístas, disposições para o perdão (como foi no caso do adultério e os castigos sofridos do pai), entre outras – surgem marcando assim novos leques de possibilidades de ações e atuações. Também foi perceptível que em suas disposições argumentativas, ao invés de confrontar e se rebelar às decisões de seus superiores, Ísis se utiliza do discurso religioso para alinhar suas escolhas e desejos à vontade, tendendo assim a reforçar suas disposições à autonomia e estratégicas.

10.2 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE FERNANDA

O estudo do caso de Fernanda permitiu salientar os seguintes pontos:

1) *Exposição precoce a substâncias psicoativas lícitas e ilícitas:* Desde sua infância Fernanda estava acostumada a presenciar o consumo de álcool por diversos sujeitos que integram seu contexto familiar mais próximo e distante. A ingestão de álcool se tornaria parte das sociabilidades no contexto dessa família bem como seria o gatilho para diversos das tensões e conflitos que eclodiriam naquele meio [como os problemas enfrentados pelo seu pai dado o consumo] que incidiriam em fortes rupturas biográficas de nossa participante bem como seriam geradoras de disposições que se

manifestariam em diversos episódios de sua vida como suas disposições para insegurança. Situação semelhante passaria a vivenciar frente à sua exposição à sua nova vizinhança bem como à sua nova escola em que era comum observar os efeitos do uso de diversas substâncias psicoativas (SPA´s), o que a deixava cada vez mais perto desse universo, seus atores, seus efeitos.

2) *Disposição para seguir normas e regras:* Fernanda desenvolveu disposições de autocontrole, disciplina e obediência frente a diversos episódios ocorridos, dentre eles no ambiente familiar como o espancamento de seu irmão pelo seu pai. Dessa forma, Fernanda tenderia a compreender a necessidade de seguir as regras e normas sociais para progredir e ser privilegiada nelas, assim como ocorrera no contexto familiar; transpondo esse padrão de comportamento para outras esferas da vida como na escola, na CTI, e como egressa nos campos da família, do trabalho, entre outros.
3) *Família e composição disposicional:* Além das disposições a seguir normas e regras, a relação com o pai também favoreceria a ativação de disposições hedonistas bem como de sua figura materna, frente ao quadro crítico de escassez, tenderia a reforçar a ativação de suas disposições para superação e para o trabalho. O que se percebeu foi que tanto no campo da CTI como em sua fase de "egressa", Fernanda manifestaria tais disposições que encontrariam contexto bastante favorável para as suas (re)ativações dado o seu quadro de abstinência e de legitimação de sua identidade por parte de sua família. Por fim seria de sua prima Íngrid, essa que se tornaria um exemplo de disposições acadêmicas, de organização e planejamento, que Fernanda alimentaria disposições que a levaria, cada vez mais, a adquirir um prazer pela leitura, disposição essa a qual favoreceu desde sua imersão para a compreensão e conhecimento bíblico sempre acionado dentro da CTI e em sua condição de egressa, como para inibir disposições de insegurança, disposições pessimistas geradas pelas várias crises e instabilidade no trabalho, críticas e desconfianças no ambiente familiar, entre outros. Por fim a exposição a práticas religiosas, ainda que contraditórias, no ambiente familiar, traria para Fernanda um contato inicial com um campo simbólico e ritualístico que tenderiam a favorecer a ativação de sua disposição religiosa que resultaria em seu processo de conversão.
4) *Rupturas biográficas:* diversas rupturas biográficas vivenciadas por Fernanda a levaria a uma severa mudança em suas sociabilidades, à conflitos familiares, bem como a diversas variações disposicionais. Dentre as principais podem ser citadas a mudança

vivenciada para uma cidade do Estado do Rio Grande do Sul; a morte de seu pai (que marcou sua entrada para o consumo de SPA´S); sua entrada e saída da CTI (período esse que abrande sua conversão religiosa bem como o nascimento de sua filha Lara).

5) *Disposições familiares, maternas e religiosas:* Fernanda tinha o desejo de reconquistar seu espaço no contexto familiar e dos seus filhos. Dessa forma motivou-se para participar da CTI a qual ativaria ainda mais suas disposições familiares e maternas. Com a ativação de sua disposição religiosa Fernanda adquiriria um sentido e propósito para suas ações, o que tenderia a fortalecer suas disposições familiares e maternas. A partir dessa ativação, lidar com a separação da família bem como com as dificuldades do tempo de acolhimento passariam a ser mais aceitos, levando-a a uma reconstituição de suas emoções demonstrando assim esperança quanto ao futuro, confiança, gratidão e fortalecimento de sua resiliência.
6) *Alinhamento com o sagrado:* Fernanda, uma vez ativando sua disposição religiosa, tenderia a acreditar que sua vontade estaria alinhada com uma vontade divina. O resultado desse alinhamento lhe daria coragem e determinação para sair, de forma precoce, da CTI. Esse alinhamento tendia a crescer ainda mais à medida que a prática da leitura bíblica, cânticos e louvores religiosos bem como o próprio contato com a coordenadora da CTI e seu ingresso em uma nova comunidade de fé (uma igreja Batista) ocorreu, fazendo-a ressignificar sua própria identidade e favorecendo a superação do preconceito e desconfiança que sofrera no âmbito da família. Seu retorno ao consumo de álcool seguido de uma postura de maior autocontrole; a manutenção da audição de louvores gospel mesmo ainda na sua condição de afastada da comunidade religiosa; as interações que mantinha, diretamente ou pela via virtual, com diversos atores religiosos; esses e outros exemplos demonstram a persistência de suas disposições religiosas e a forma como essas tendiam a influenciar suas ações mesmo apesar das diversas influencias e reconstituições ocorridas a partir de suas novas experiências com atores e contextos de interações mais amplos.
7) *Disposição para o proselitismo religioso e para a assistência interpessoal:* Como consequência da ativação de sua disposição religiosa, Fernanda ativou suas disposições para evangelizar, inicialmente sua família, buscando integrar os sujeitos de ambas as esferas: família e comunidade religiosa. Também foi com a ativação de sua disposição para o proselitismo religioso que Fernanda ativaria outras disposições como disposições críticas e disposições para o debate religioso em que questionava e debatia

os símbolos e concepções religiosas da família à medida que buscara se firmar nesse âmbito. Agregadas a essas, ao oferecer conselhos ou mesmo compartilhar suas experiências de superação, também seria evidente em Fernanda a ativação de certa disposição para assistência interpessoal, uma vez que nossa participante demonstraria inclinações para interação construtiva com outros sujeitos que enfrentavam problemas relacionados àqueles os quais lidou devido ao uso de SPA´s.

8) *Disposições de confiança e evitação:* Foi observado que as vivências desempenhadas por Fernanda no contexto da comunidade terapêutica tenderam a reativar e a alimentar suas disposições para confiança, disposições essas levadas para o contexto mais amplo após sua saída da CTI. Todavia, ao se inserir em outros ambientes Fernanda tenderia a ativar suas disposições para evitação, o que a conduziria a evitar lugares e situações consideradas ameaçadoras ao seu estado confiante bem como à nova identidade e condição de abstinência adquiridas.
9) *Oscilações disposicionais:* Em diversos momentos, principalmente no campo familiar como estresses e conflitos vivenciados, Fernanda apresentaria certas oscilações em seu estojo disposicional, estojo esse em que certas disposições como suas disposições para confiança, para o autocontrole, para a sociabilidade, eram atenuadas ou mesmo anuladas temporariamente. Todavia, suas disposições familiares e maternas bem como suas disposições religiosas tenderiam a fornecer a base para a reconstituição de uma condição de autocontrole dando para nossa participante condição de superação e de estabelecer novas interações, ou mesmo selecionar os participantes dessa interação, dentro de limites os quais julgaria como seguros.
10) *Tendencia à dicotomização entre o sagrado e o profano:* Após sua saída da CTI, Fernanda tendia a dividir suas interações em ambientes sagrados (igreja) e profanos (demais espaços sociais como ambientes festivos, interações com sujeitos que não partilhavam a mesma fé e possuíam hábitos os quais ela não se identificava ou praticava mais). Inicialmente essa dicotomização tendeu a afetar suas sociabilidades gerando nela atitudes seletivas. A inevitável interação com sujeitos e contextos antes tidos como “do mundo” e a volta de antigos hábitos – ainda que concebidos com um maior autocontrole (como o hábito de ingerir bebida alcoólica) – seria um dos principais fatores para que essa se colocasse na condição de afastada ainda que mantivesse diversas de suas estruturas que alimentavam e lhe davam um senso de prática e vivência religiosa.

10.3 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE JOANA

O estudo do caso de Joana permitiu salientar os seguintes pontos:

1) *Uma família disfuncional:* Filha de um pai alcoólatra, Joana teve sua mãe como provedora do lar, mas com escassez de recursos. Ela sofreu violências físicas e psicológicas em casa, levando-a à estigmatização, reclusão social e pensamentos suicidas devido à depressão e baixa autoestima.
2) *Continuidades de padrões* familiares: Ao longo da infância e adolescência, Joana reproduziu parte do capital cultural familiar, influenciando sua personalidade e modo de agir. O contexto de escassez a levou ao trabalho como faxineira, seguindo os padrões de sua família. Ela buscava condições melhores para seus filhos, distanciando-os de suas próprias experiências traumáticas de infância, sentido esse o qual atribuía ao trabalho.
3) *Início da dependência:* Seu quadro de dependência surge quando Joana vivencia o aprofundamento de seu quadro depressivo desencadeado com o final de seu segundo casamento, fato esse que ativa suas disposições sociais e disposições hedonistas, fazendo-a frequentar espaços antes para ela interditados, como a danceteria, por exemplo; afetando assim suas sociabilidades; sociabilidades essas que tinham na ingestão de bebida alcoólica e posteriormente no uso de SPA´s ilegais a base para as suas interações.
4) *Disposições para o isolamento social e para a delinquência*: Joana tendeu a se isolar socialmente à medida que progredia em sua carreira desviante a qual culmina com a prática de pequenos delitos como forma de promover a manutenção de sua dependência.
5) *Ativação das disposições religiosas:* ativadas com bastante significância após Joana vivenciar o ponto mais crítico de sua carreira desviante: sua quase execução pelos traficantes da região. De certo modo as sociabilidades com a prima Cláudia e a tia Alzira se constituíram, ao longo do tempo, como principais canais socializadores religiosos mesmo que Joana não assumisse até aquele momento a fé evangélica. Entrelaçada com sua disposição religiosa e para crer, sua disposição para superação surge como uma forma de superar o quadro de desvio e reconstituir as estruturas de suas sociabilidades e identitárias nos diversos contextos que interagia.

6) *Ativações e (re)ativações disposicionais no contexto da CTI:* o campo da CTI se constituiria em um terreno bastante fértil para o desenvolvimento de diversas disposições já interiorizadas por Joana ao longo de sua vida. Se sua disposição religiosa tendia a ser suspensa após o contato com sua prima Cláudia à medida que interagia com outros atores sociais – como seu pai, sua mãe, seus maridos, por exemplo – no contexto da CTI o novo ambiente e as novas interações permitiram que Cláudia ativasse sem maiores impedimentos sua disposição religiosa e para crer. Joana também reativa sua disposição para o trabalho, suspensa devido à dependência do álcool, crack, cocaína e outras drogas e demais conflitos enfrentados. Sua disposição para o respeito às normas seguido da forte interiorização dos valores e da moral religiosa que imperava na CTI a faria se destacar naquele contexto dando-lhe uma posição de significante destaque e adquirindo a confiança da liderança daquele ambiente que agora interagia.
7) *Ruptura e novas sociabilidades:* Ao retornar ao antigo contexto, Joana rompeu fortemente com suas interações passadas, motivada por sua disposição de evitar e crença na dicotomia entre sagrado e profano; entre a ação divina e a ação de Satanás. Evitando contatos danosos, interagir em ambientes religiosos permitiu desenvolver novas relações e continuar práticas da CTI. Isso favoreceu a reconstrução da confiança e credibilidade em sua nova identidade perante outros atores sociais, como familiares e vizinhos, facilitando sua reinserção. As influências das sociabilidades da CTI, como mãe Zana e Ísis, reforçaram suas disposições religiosas, sua busca por autodesenvolvimento e superação de antigos traumas dando-lhe a esperança, inclusive, de adentrar mais uma vez o espaço escolar aonde fora bastante estigmatizada.
8) *Disposições estéticas e linguísticas:* Uma vez em contato com sua nova comunidade religiosa as transformações no campo estético e linguístico iniciadas no contexto da CTI seriam agora consolidados – esses manifestos em sua forma de vestir, falar, entre outros -; padrões disposicionais esses não apenas reclusos ao ambiente religioso e seus atores mas transposto para diversas áreas e campos de atuação – família, trabalho -. Também vale ressaltar que desde a CTI até o contexto da igreja pentecostal que participara diversas relações estabelecidas proporcionariam a superação de alguns dos traumas que Joana carregara ao longo de sua vida, dentre eles aquele que lhe tendia a causar sua baixo autoestima e que também se constituiria como um elemento para o

aumento de seu quadro depressivo e consequentemente o início de sua dependência em diversas SPA´s.

9) *Desafios para manter a nova identidade e a abstinência:* O retorno ao antigo contexto trouxe desafios para Joana, especialmente em manter sua identidade religiosa e abstinência. A presença de SPA's no ambiente familiar e o relacionamento de sua mãe com o álcool, bem como seu irmão também dependente de drogas, geraram conflitos e a suspensão de suas disposições mais marcantes. Encorajada por pessoas da CTI e da nova comunidade religiosa, Joana reestruturou suas emoções e disposições, ativando a disposição para a evangelização para enfrentar esse conflito.

10.4 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE IVO MANCHA

O estudo do caso de Ivo Mancha permitiu salientar os seguintes pontos:

1. *Influência do álcool e comportamento violento*: Ivo apresentou uma longa carreira de dependência no álcool; dependência essa que tendia a ativar sua disposição para a agressividade e a marcar diversas das formas como interagiria com os diversos sujeitos e espaços. Suas marcas físicas e cicatrizes revelam algumas das consequências dos vários conflitos e tensões vivenciadas. Após sua saída da CTI, Ivo ressignifica esse traço de seu comportamento a partir da constituição de uma nova identidade, assumindo assim novos papéis sociais. Suas disposições para a agressividade e violência tenderiam a ceder espaço a disposições pacifistas; essas que se mantinham ativas mesmo quando posto em situações de conflitos com outros sujeitos.
2. *Resistência à autoridade e senso de independência*: Desde cedo Ivo apresentara traços de resistência às autoridades. Negava os conselhos dos pais; desafiava regras e normas estabelecidas; agia de forma contrária quando não supervisionado – como quando sofreu o acidente que lhe rendeu diversas queimaduras de terceiro grau -; entre outras. De certo modo, diversos desses traços seriam ressignificados após sua segunda experiência na CTI.
3. *Sociabilidades extra familiares*: Embora tenha iniciado o consumo do álcool com sujeitos que integravam sua rede familiar, à medida que progredia no consumo, Ivo tendeu a se afastar cada vez mais dela, passando, assim, a interagir com sujeitos e em contextos extra familiares.

4. *Influência paterna para a abstinência*: desde os primeiros problemas de Ivo com o álcool e o posterior envolvimento com outras SPA´s, o senhor Miguel, pai de Ivo, se destacou por suas expressivas tentativas para influenciar seu filho. Apesar do quadro de rebeldia e de forte resistência apresentadas ao longo da vida, para Ivo, a memória e as expectativas de seu pai constituíram um significante elemento de motivação para a manutenção de seu quadro de abstinência.
5. *Autocontrole e Autodisciplina:* tanto na escola como em seu primeiro trabalho, Ivo demonstrou disposições para o autocontrole e para a autodisciplina à medida que percebia os impactos danosos que o álcool lhe trouxera. Todavia, seu quadro de dependência, bem como as fortes influências promovidas por sujeitos de suas sociabilidades extra familiares, tenderam a reconduzi-lo para manutenção do consumo. Como resultado, vivenciaria o agravamento desse quadro de dependência. Todavia após sua experiência na CTI; ao assumir como principal elemento motivador a possibilidade de retomada de sua relação com sua companheira Lena; a motivação extraída da memória de seu pai, o aguçar de suas disposições para o trabalho; a ativação de suas disposições para crer; e sua maior sensibilidade ao perigo e à morte; de certa forma esses fatores contribuíram para que Ivo desenvolvesse disposições para um autocontrole e autodisciplina, mantendo assim certo afastado do consumo das diversas SPA´s. Além disso, todos esses quadros o conduziria ao desenvolvimento de uma vida produtiva e uma maior vivência no contexto familiar, aspecto antagônico àquele observando no período anterior de seu acolhimento.
6. *Mudanças em suas representações sobre religião:* se na adolescência e juventude Ivo apresentara um comportamento irreverente e hostil quanto a qualquer forma e prática religiosa. Todavia, ao longo de suas vivências na CTI, bem como em suas experiências fora dela, Ivo tenderia a mudar progressivamente suas representações sobre o protestantismo, adotando-o como elemento que fundamentaria diversas de suas reflexões e ações.
7. *Disposições para o trabalho x disposições sociais em ambientes religiosos:* buscando manter certa estrutura para a sobrevivência e vida conjunta com sua companheira Lena; sua disposição para o trabalho - essa nutrida por uma necessidade de sustento e manutenção das necessidades familiares - tendeu a inibir sua disposição social em ambientes religiosos. Apesar disso, Ivo consegue manter no contexto do trabalho ou mesmo em sua casa suas disposições religiosas e para crer. Diversos fatores

contribuiriam para isso: a interação com sujeitos religiosos integrados à sua nova rede de sociabilidades; a manutenção dos hábitos de leitura bíblica; a audição de louvores religiosos e pregações pela internet ou televisão; entre outros. Como resultado, isso representaria uma importante base para a sua ação e afastamento das SPA´s as quais um dia fora dependente.

10.5 RECAPITULAÇÃO DOS PONTOS DE ANÁLISE DE APOLO

O estudo do caso de Apolo permitiu salientar os seguintes pontos:

1. *Ausência paterna como gatilho emocional:* o significante contexto disfuncional de sua família traria para Apolo expressivos impactos em suas disposições emocionais. Essa ausência sentida desde sua infância foi significantemente visível até o período que marcou sua luta contra a dependência do crack, período esse o qual desenvolveu diversos desejos autodestrutivos que culminariam com sua tentativa de suicídio. Dado esse quadro, sua mãe assumiria um protagonismo significante em sua educação. Todavia, a liberalidade a qual desempenharia essa interação tenderia a reforçar o desenvolvimento de suas disposições para autonomia, disposições hedonistas e disposições sociais com sujeitos e em contextos extra familiares.
2. *Permissividade em relação ao uso de substâncias psicoativas*: Tanto no contexto familiar quanto no âmbito de suas relações extra familiares, Apolo encontrava as condições mais favoráveis para o uso de diferentes SPA´s – quer fossem lícitas ou ilícitas -. Todavia, os conflitos sentidos devido ao uso excessivo de diversas SPA´s [principalmente o crack] e as progressivas experiências vivenciadas no campo religioso - iniciadas após seu período de acolhimento na CTI [que incidiriam na ativação de suas disposições religiosas e disposições para crer] -tenderiam a favorecer ações que marcariam o crescente processo de distanciamento de Apolo em relação ao uso de SPA´s. Entretanto, o que se percebeu, foi que todo esse processo seria marcado por rupturas e permanências, incidindo sobre Apolo em ações e tensões bastante conflitantes em diversas de suas experiências no pós-acolhimento.
3. *Disposições para influenciar e ser influenciado*: Apolo era socialmente ativo e influente em suas sociabilidades, se destacando na liderança em seus grupos de amigos. Após sua conversão, essa mesma disposição para liderança seria ativada se manifestado em suas práticas de “convencimento do outro do pecado” a partir de sua

própria história e experiências. Modificações em seu corpo também puderam ser observadas, denunciando fortes aspectos de sua nova identidade religiosa. Um exemplo disso pode ser A tatuagem situada em seu punho, o qual revelara não apenas a incidência de suas disposições estéticas como também o quanto sua identidade religiosa tendia a se consolidar à medida que progredia no conhecimento e na interação com atores e contextos religiosos. Todavia, se por um lado essa reconstituição identitária e religiosa corresponde, em certa medida, à influência que Apolo se permitiu ter em contato com esses novos atores religiosos; quando interagia com antigos sujeitos de suas sociabilidades suas disposições sociais juntamente às suas disposições influenciáveis tendiam reativar certas disposições hedonistas, gerando assim conflitos entre a sua nova e antiga identidade. Foi com as orientações da CTI [após sua fase de acolhimento]; com o fortalecimento de suas novas redes de interações [dessa vez na Igreja Assembleia de Deus]; e suas relações com sua esposa Carol [que também compartilhava de aspectos semelhantes de uma cosmovisão] que Apolo encontra motivação para inibir essa disposição social para a interação com antigos sujeitos de suas sociabilidades. Como resultado, isso favoreceria seu distanciamento de espaços festivos e consequentemente do uso de diversas SPA´s.

4. *Busca de apoio social*: Antes de demonstrar sua inclinação para o suicídio, Apolo manifestou sua disposição para busca de apoio ao contactar sujeitos que integravam suas antigas redes de sociabilidades. Todavia, uma vez na presença deles, a preocupação com os possíveis julgamentos que fariam sobre seu quadro [inclusive por sua mãe] tendia a inibir essa disposição. No contexto religioso essa disposição para busca de apoio se mantia ativa, direcionando suas ações nas relações com seus líderes e amigos próximos. Isso demonstraria que, para Apolo, o contexto religioso tendia a se constituir em um ambiente significativo para a manutenção dessa disposição, bem como das ações de acomodação, sujeição e confiança que desenvolveria.
5. *Experiências na comunidade terapêutica*: Embora breve, as experiências de Apolo na CTI favoreceram que o mesmo ativasse aquelas que seriam algumas de suas principais disposições usadas para a superação de seu quadro de dependência ou mesmo para desenvolver novas formas de sociabilidades: como suas disposições religiosas, disposições para crer, e disposições para superação. De certa forma, foi atuando em contextos religiosos - após seu período de acolhimento - que Apolo desenvolveria e ativaria ainda mais essas disposições; disposições essas as quais tenderia a transportar

para diversas outras interações à medida que essas tendiam a remodelar sua identidade e suas ações. Também foi no contexto da CTI que Apolo ativaria sua disposição para reconciliação, uma vez que tinha na ausência de seu pai um de seus mais profundos traumas. De certa forma, as experiências vivenciadas em contextos religiosos favoreceriam ainda mais a ativação dessa, bem como a reconciliação tão desejada por ele.

6. *Disposições contrárias ativadas simultaneamente:* Quer fossem ativadas por saudades do contato com antigos sujeitos de suas sociabilidades, quer fossem ativadas pelas fortes pressões e tensões causadas pelas várias dívidas contraídas; suas disposições para o consumo de SPA´s tendiam a se constituir, na concepção de Apolo, em fortes obstáculos para a sua vivência na fé. Todavia, ao contrário do retrato sociológico de Fernanda - essa que opta por se distanciar do contexto religioso quando retorna ao consumo frequente de SPA´s - Apolo, apesar do uso recorrente da substância da maconha, não tendeu a inibir sua disposição social para conviver com atores e em contextos religiosos.
7. *Intensificação das emoções e das experiências religiosas:* Desde sua experiência na CTI até aquelas vivenciadas em contextos religiosos mais amplos, Apolo tenderia a aprofundar cada vez mais suas disposições religiosas. Apolo descreveu sua busca por Deus "uma emoção maior do que qualquer SPA que havia experimentado". De certo modo, o que se viu nesse quadro foi que sua disposição para experiências intensas encontrara na prática e em contextos religiosos um ambiente favorável para sua ativação e desenvolvimento. Como consequência, essa experiência tenderia a levá-lo a relações cada vez mais profundas e intensas na fé e, consequentemente, à readaptação de sua vida, identidade e abstinência. Relevante ressaltar que mesmo quando impedido de pregar ou exercer ativamente atividades no meio religioso, suas disposições para independência e rebeldia - essa bastante características nas fases de sua infância e adolescência - ressurge. De certo modo, esse ressurgimento objetivava garantir que Apolo vivenciasse o gozo dessa ação. Todavia, evidenciaria um significante quadro: o da continuidade de certo traço dispocionional de Apolo contrastante às suas últimas experiências socializadoras, tornando evidente as distintas e plurais constituições disposicionais de nosso voluntário.

10.6 ANÁLISE GERAL DAS VARIAÇÕES DOS QUADROS DISPOSICIONAIS A PARTIR DAS RECAPITULAÇÕES DE CADA RETRATO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE OS CASOS

10.6.1 Dinâmicas familiares e variações disposicionais na experiência com substâncias psicoativas

Todas as recapitulações apresentadas fornecem significantes elementos para compreendermos diversas das ressignificações das ações de nossos retratados ao longo de suas biografias. Todavia, cabe destacar que considerável número das variações e ressignificações disposicionais concebidas tiveram no contexto da família um de seus principais campos.

Para o grupo aqui retratado foi relevante perceber o quão cedo tendeu a ocorrer (já desde a infância) a exposição e/ou mesmo o contato com diversas substâncias psicoativas. Embora para todos os casos o contato com diversas SPA´s – quer fossem lícitas, quer fossem ilícitas – tivesse ocorrido ainda na infância, retratos como os de Fernanda, Apolo e Ivo Mancha chamam a atenção devido a essa iniciação ter ocorrido entre os atores que integravam o próprio contexto familiar. Para esses dois primeiros, ingerir bebidas alcoólicas ou mesmo fazer uso de SPA´s - como a maconha, por exemplo -, tornara-se um elemento integrante das sociabilidades existentes no contexto familiar. Portanto, para esses, essa iniciação tendia a integrar ainda mais o participante a formas específicas de socialização e sociabilidades existentes. Com Ivo Mancha, embora sua iniciação tenha ocorrido na infância e por influência de seu irmão, o maior desenvolvimento do consumo do álcool se daria em contextos extra familiares. Seria nesse contexto de interação que suas disposições para rebeldia, autonomia e para o seu comportamento violento/agressivo seriam ainda mais ativadas.

As características da composição familiar de todos os participantes foram relevantes para esta pesquisa não apenas porque a família representa um ambiente de socialização primária, mas também devido à influência significativa que ela exerceu tanto durante o período de acolhimento como em momentos subsequentes. Nesse contexto, Apolo, desde a infância, teve que aprender a lidar com a ausência paterna e a permissividade em relação ao uso de substâncias psicoativas (SPA's). Esses fatores geraram disposições e sentimentos conflituosos que se manifestariam de maneiras diversas em suas ações.

O caso de Fernanda tendeu a evidenciar como conflitos e separações familiares impactaram o seu desenvolvimento. Como consequência, esse quaro inferiria para a geração de sentimentos de insegurança os quais demonstrara até o momento de nossas entrevistas. Também o caso de Ivo Mancha merece destaque e suas constantes ações de contestação da autoridade materna e paterna no contexto familiar.

Uma análise do protagonismo da família nas ações e na redefinição dos esquemas disposicionais de cada participante durante o período de acolhimento também foi crucial. Cada participante estabeleceu diferentes formas de interações ou mesmo expectativas quanto aos papéis desempenhados por membros de suas famílias; alguns como Joana que perceberam a necessidade de renunciar certas disposições características de sua identidade para progredir no contexto das CTI's, enquanto outros [como Ísis e Fernanda] identificaram um apoio motivador na família para os seus progressos, embora tenham vivenciado essa relação de formas distintas, conforme expresso nos relatos a seguir:

> Mesmo estando lá (em sua comunidade de origem, ou na prisão, entre outros), com saudade, mas eles estão me apoiando, entendeu? Então, para mim, faz bem (ÍSIS, grade família).
>
> Quando fui para lá tinha direto ligação a cada 15 dias. [...] Tinha direito a ligação. (...) A distância era 150 km de combustível. [...] Ela não tinha certa condição de passar todo final de semana lá. Mas meu filho [...] chegou. Minha mãe chegou a ir lá com ela me vê lá na CTI. [...] Foi ótimo, maravilhoso. E ela disse: você quer comer o que? Eu disse: eu quero uma lasanha; me traga uma lasanha. Ela trouxe uma lasanha, a gente almoçou, todo mundo junto, sabe? E eu fiquei com meu filho. Abracei [...] parecia que ele entendia, né? (FERNANDA, grade família).
>
> Entrevistador: E quando eles partiram?
>
> Ah...horrível, horrível. Eu fui lá para. Eu fui lá para o quarto chorar, né? [...] Foi horrível e, ao mesmo tempo, me deu mais força. Mas a minha vontade era de entrar naquele carro e ir embora com eles. (FERNANDA, grade família).
>
> Telefonavam todos. Eu fui visitada uma vez por meu filho e minha mãe; só que eu pedi pra eles não ir mais porque eles estando aqui [em sua cidade de origem], está bem; aí eles não foram, eles foram uma vez e telefonavam todos os finais de semana quando eu tinha direito a duas ligação: nos sábados e domingos. [...] Minha família, todos, todos, todos me apoiaram, me deram muito esforço. [...] Eles sentiram quando meu filho chegou lá e minha nora, eles ficaram muito feliz porque viram a minha mudança; porque eu cheguei a pesar 33 quilos e quando eles chegam lá com um mês eu já estava diferente... gorda bonita. Meu filho se emocionou, meu filho, minha mãe se emocionou e eu fiquei muito emocionada. Aí eu pedi para eles não ir mais e ficar aqui [em sua cidade de origem]. (JOANA, grade família).
>
> Entrevistador: Mas assim... eles viram sua transformação? Isso não te deixava mais à vontade para eles irem novamente... outras vezes?
>
> Queriam ir, só que eu que não queria. Por causa que eu tinha medo deles ficarem indo e eu dá vontade de ir embora com eles (JOANA, grade família).

Para muitos, a família continuou a desempenhar um papel crucial no período de pós-acolhimento. Para Ísis, o apoio da família durante seu tempo na CTI foi motivador, enquanto casos como os de Fernanda e Joana destacam a ambivalência dessas relações no qual o apoio familiar pôde ser, ao mesmo tempo, reconfortante e desafiador.

Foi no contexto familiar que essa encontraria diversos sujeitos – como sua prima e sua tia – que lhe incentivariam a frequentar novas redes de sociabilidades e socialização, como a Igreja assembleia de Deus de sua cidade. Com a conversão de seus pais ao cristianismo assembleiano, Joana encontraria cada vez mais receptividade em seu contexto familiar para a manutenção de muitas de suas disposições adquiridas no contexto da CTI – dentre elas suas disposições religiosas –, favorecendo assim a consolidação de suas rotinas e forma de atuar socialmente. Todavia, apesar desses fatores que se constituíam como protetivos para Joana, a presença de seu irmão e seu alto grau de dependência com diversas SPA´s acabaria se configurando como um fator de risco para essa egressa. Em diversos momentos Joana tinha que lidar com o desconforto das memórias e o próprio desejo de recaída. Como resultado, ela procuraria apoio em contatos constantes com a CTI mediante chamada telefônica ou com membros da própria comunidade religiosa a qual agora fazia parte.

A família da egressa Fernanda também tenderia a apresentar certas características e incidências desses fatores ambivalentes. Assim como Joana, essa seria acolhida por sua família – mãe e padrasto – passando agora a habitar com eles. Naquele contexto, inicialmente, teria suas rotinas e sociabilidades "sempre sondadas". O que buscava ocasionar para Fernanda certa proteção quanto aos novos vínculos e espaços os quais agora estava inserida, logo se configuraria no pivô de diversos conflitos entre eles – em especial com a sua figura materna -. Assim como ocorrera com a família de Joana, seria por meio de Fernanda que sua mãe passaria por um processo de conversão religiosa. Como resultado, isso favoreceria, até um certo momento, para Fernanda, uma legitimação de suas práticas e aprendizados concebidos tanto na CTI como também em sua nova comunidade religiosa de ordem Batista. Todavia, seria através da interação com membros de sua própria família [uma vez que diversas das sociabilidades ocorridas naquele contexto familiar tendiam a ocorrer mediado pelo uso de bebidas alcoólicas] que Fernanda se abriria à possibilidade de uma maior aproximação com a substância do álcool. Embora essa buscasse certo equilíbrio para o consumo dessa substância, no contexto familiar passaria a sentir que a vigilância e a reflexibilidade acerca do próprio uso deveriam ser práticas constantes.

10.6.2 Transformações físicas e identitárias: variações disposicionais no período do pós-acolhimento

Além da família, outro aspecto relevante foi evidenciado na variação das condições físicas dos participantes.

A pesquisa revelou transformações físicas comuns entre os participantes que apresentaram algum tipo de dependência e problemas relacionados ao uso de SPA´s: alterações físicas como manchas, perda de peso ou mesmo alterações dentárias devido ao uso de crack, entre outros. A idade aparente dos participantes, muitas vezes, tendia a contrastar com sua idade real. De certo modo, esse quadro poderia indicar os impactos do uso dessas substâncias. No caso de Apolo, o mesmo relatava a incidência de diversas manchas em seu corpo; já no caso da egressa Joana e Ivo, definhamentos diversos; Ísis e Angélica relatariam, por sua vez, acentuada perda de peso. Apesar dessas terem saído da CTI, foi perceptível certa disparidade, para muitos, entre a idade declarada e a aparência física. Para egressos como Joana, Ivo e Ísis, essa discrepância entre a idade declarada e a aparência física atual foram as mais expressivas. O caso de Ivo Mancha pareceu ser um dos mais expressivos quanto a isso. Ele reconheceu que a ingestão de crack provocava uma mudança significativa em suas emoções e traços de personalidade, o que o levava a se envolver em diversos casos de violência e agressões físicas, o que lhe deixou marcas e cicatrizes que ainda perduram até os dias atuais. É bastante comum que durante o consumo prolongado do crack ocorram diversas alterações nas arcadas dentárias do dependente, podendo até mesmo ocorrer a perda de algum dos elementos. Conforme assinalam os pesquisadores Danilo Barbosa; Vinícius Souto-Nóbrega e Waleska Souto-Nóbrega (2018) em seu artigo intitulado “Condições de saúde bucal de usuários de crack: um problema de saúde pública”, o uso frequente da substância crack pode ocasionar diversos transtornos físicos; transtornos como: paradas cardíacas, hemorragia pulmonar, pneumonia, infarto de músculos e da pele, úlceras no trato gastrointestinal, até mesmo lesões bucais e de orofaringe. No caso dos egressos Ivo Mancha e Ísis esse problema ficou ainda mais evidente, ocasionando a percepção de uma idade mais avançada. No caso de Ísis, essa ficara feliz em poder sonhar com uma estética mais favorável à sua idade, uma vez que pleiteava, juntamente com o seu pai, a implantação de próteses dentárias, dando-lhe uma sensação de prazer e novas formas de sociabilidades. Apolo, por outro lado, tomaria o caminho inverso ao compartilhar “com um certo alívio” – uma vez que

esse possuía disposições estéticas bastante fortes - que mesmo realizando uso prolongado da substância crack não percebeu abalo significante em sua constituição dentária.

No período de pós-acolhimento observou-se em todos os retratados uma recomposição disposicional significativa; recomposição essa que tendia a refletir um maior autocuidado e preocupação com a estética. O cuidado com a saúde bucal, o ganho de peso e a mudança no estilo de vestir foram aspectos que contribuíram para uma reintegração mais harmoniosa em contextos sociais mais amplos.

Portanto, ao levar em consideração algumas das singularidades que marcaram seus contextos, suas socializações e suas ações, que encontramos na teoria do "homem plural" lahiriana um importante aporte para a observação dos sujeitos aqui selecionados. A partir dessa teoria, pudemos compreendê-los não como frutos e resultados diretos das experiências religiosas e terapêuticas no âmbito dessas organizações, mas sim como "constructos sociais"; ou seja, como resultado de várias experiências socializadoras sendo muitas dessas heterogêneas e contraditórias. Como resultado, isso geraria diversas formas identitárias e de ações únicas concebidas por tais indivíduos.

Diante de tudo o que foi exposto, foi bastante evidente como a formação e as variações disposicionais de todos os egressos de CTI's estiveram fortemente influenciadas por processos e eventos característicos de diversos contextos e experiências pregressas. Para todos os atores suas disposições religiosas e para crer não tiveram sua gênese na CTI, mas antes representaram a culminância de diversos processos que atuaram e continuaram atuando sobre as vidas de tais indivíduos mesmo após o período de acolhimento. Essas disposições moldaram e continuam moldando e fornecendo novas características e bases para novas ações. É importante ainda salientar o papel de padrões de comportamentos preexistentes para o desempenho dos egressos tanto na CTI como no momento de pós-acolhimento tendem a refletir a singularidade de suas histórias, ou mesmo interações sociais anteriores.

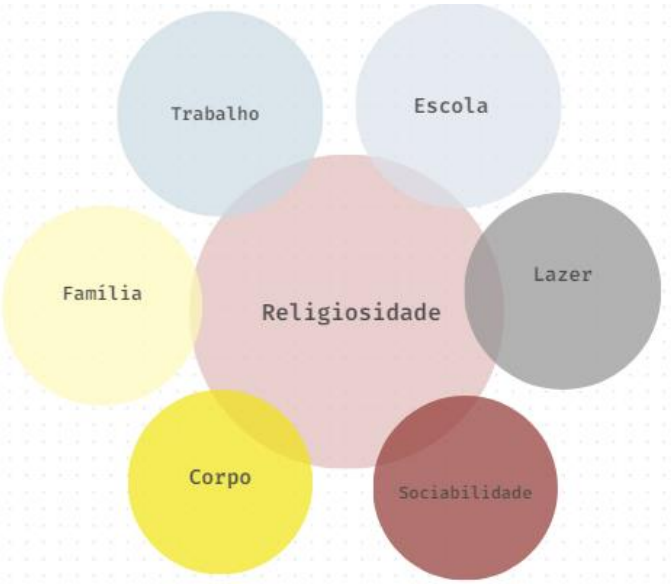
10.6.3 O papel dos diversos contextos na formação e variações disposicionais dos egressos de CTI's retratados

Considerando todos os elementos até agora expostos, todas os dados aqui levantados contribuíram para a sustentação de nossa hipótese: a de que os indivíduos participantes dessa pesquisa foram resultados de diversos processos de socialização e sociabilidades ocorridos em campos distintos, gerando disposições capazes de direcioná-los tanto a um processo de

conversão religiosa como a rupturas biográficas capazes de fornecer novos sentidos e ações distintas, conforme a imagem 1.

O esquema abaixo nos ajuda a compreender aquela que deve ser considerada a contribuição fundamental de uma abordagem que proponha se desenvolver nos limites de um enfoque analítico à escala individual. Consequentemente, ela permite transcender possíveis generalizações acerca da constituição da identidade e das ações de egressos de CTI's. Observou-se o quanto diversas experiências ocorridas em contextos e áreas distintas tendiam a favorecer a constituição de disposições ligadas à religiosidade, e, a partir dessa, nas formas como esses participantes conferiam sentido tanto ao seu passado quanto em suas ações e experiências do presente.

Imagem 1: O impacto dos diferentes contextos na constituição da religiosidade do ator social



Fonte: o autor

Dessa forma, os dados aqui obtidos com cada retrato permitiram identificar que tão plurais quanto as experiências desses egressos no contexto de acolhimento (dentre elas a vivência espiritual) foram as vivências concebidas por esses em contextos diversos os quais cada participante se inseriu em suas experiências de pós-acolhimento. Consequentemente, essas experiências socializadoras e de sociabilidades tenderiam a moldar identidades e ações

únicas, bem como formas específicas de se vivenciar e se desenvolver a disposição religiosa e para crer outrora ativada no âmbito da CTI.

Assim, foi possível perceber que diversas das mudanças de padrões das ações concebidas por cada participante tendiam a demonstrar como uma rede complexa de fatores sociais que incidiam em seus ajustamentos e reajustamentos disposicionais.

Foi o que se observou no retrato de participantes como Ísis (a Dona Doceira) quando essa ao traz consigo certos esquemas disposicionais - concebidos antes de seu acolhimento - para sua atuação no contexto da CTI. Condição essa bastante distinta quando sobreposta à carreira interna desempenhada por Ivo "o Mancha", esse cujas disposições o impelia a uma ação interna mais contestadora, menos colaborativa e/ou, ao mesmo tempo, de resistência às dinâmicas e aprendizados instituídos.

> Então, assim, com o passar dos dias, dia à dia, o carinho de Irmã Zana das meninas sabe? Das Lady lá, né? Elas conversavam comigo... tinha Júlia, que eu também gostava muito; [...] Tinha a Emily e a Bia, essa que era um pouco mais carrasca. Tinha uma baixinha que usava umas touca [...]. Eu [...] conversava muito sobre meu sofrimento, minha saudade do meu menino, da minha mãe, entendeu? E ela dizia: tudo vai passar, tudo vai passar, tudo vai passar! (ÍSIS, retrato sociológico, grade socialização).

> Tinha mulheres lá que pensavam em fugir [...]. Teve uma lá que era atrevida [...] de pegar o prato e jogar. Já passei vendo isso! Ela queria comidas boas. Até uma que veio [...)] dopada. Quando ela acordou, ela começou a dizer as coisas, sabe? Falar alto, enfim, essas coisas [...] constrangedoras. Mas quando [...] eu estava bem, eu falava com elas (orientava). É como se eu tivesse me tornado em uma voluntária (FERNANDA, retrato sociológico, grade socialização).

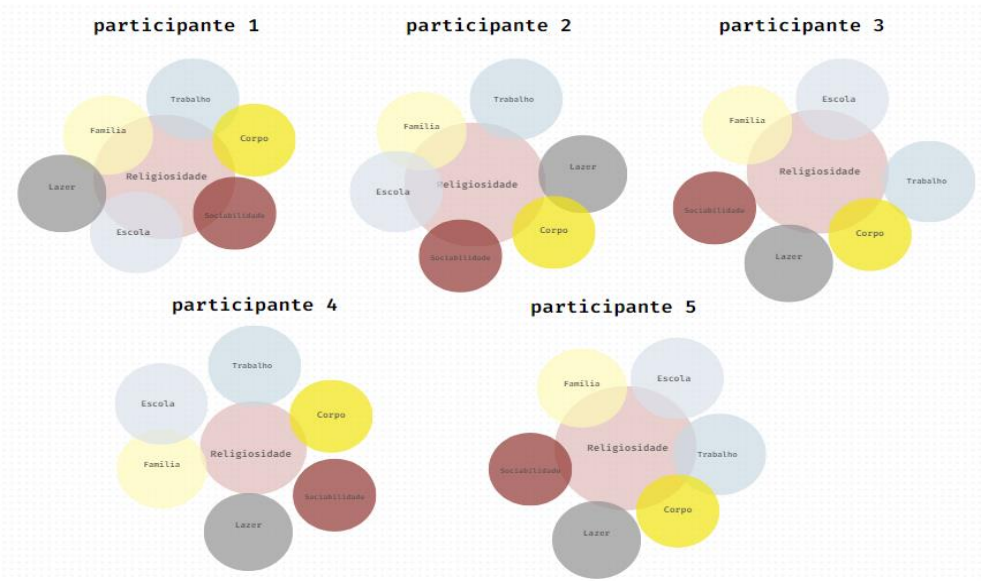
Era em tais interações que aqueles acolhidos os quais já haviam passado maior tempo de socialização interna tendiam a receber alguma função de liderança, assumindo, assim, uma autonomia ainda maior naquele contexto de vigilância. Um exemplo disso pode ser o caso da egressa Ísis. À medida que progredia, passaria internamente a exercer liderança sobre as outras acolhidas (traço de liderança esse que já detinha na constituição de seus antigos esquemas disposicionais). O que chama a atenção é que esse traço de seu estojo disposicional encontraria um terreno bastante fértil para a sua perpetuação, conforme percebido em seu relato a seguir:

> Quase todo dia eu era chamada (pela coordenação da CT) porque eu debatia com as monitoras, porque eu não queria levar repreensão. Eu não aceitava. Aí foi quando mãe Zana (a coordenadora do curso) me chamava diante a todas ali...e eu rebatia. Mas chegou um tempo... um dia que eu parei e disse: (...) toda vez eu vou estar aqui levando repreensão? Se eu estou levando repreensão é

> porque eu estou fazendo errado. Eu vou passar agora a não errar [...] porque todos os dias eu estou sendo chamado na berlinda. (...) Aí eu fui eu mesmo fui trabalhando comigo (...) porque eu acho que todas nós aqui tem essa capacidade, sabe? Aí eu fui dizer não, não vou estar sendo chamada toda hora. [...] Depois (...) foi diminuindo. [...] Quando ela vem me chamar ai eu digo: -Eita irmã Zana...me perdoe! Aconteceu, mas não vai acontecer mais. E realmente, quando eu digo isso eu já não faço mais aquilo, porque eu sei que eu vou ser chamada, porque a gente tem que se orientar [...] A gente veio para cá [...] para mudar e para aprender esse dom para casa. (...) A chave daqui é a obediência, [...] é você focar no seu tratamento. Entendeu? Quando passou a me dar a chave da casa [...] eu subi um degrau. A Palavra do Senhor diz que tem primeiro que amar o próximo. E isso [...] dá aqui no estudo. Eu acho muito interessante e eu gosto prestar atenção [...] em tudo o que se fala de Deus (Ísis, retrato sociológico, grade socialização).

Para a egressa Ísis, assumir posição de liderança no contexto da CTI era reflexo de toda uma automodificação identitária e disposicional. Tal incidência se manifestaria como fruto de relações de negociações, o que também tendeu a refletir as diversas vias e formas de investidas e influência do grupo sobre tal participante.

Imagem 2: Os diferentes impactos dos contextos na constituição da religiosidade do ator social

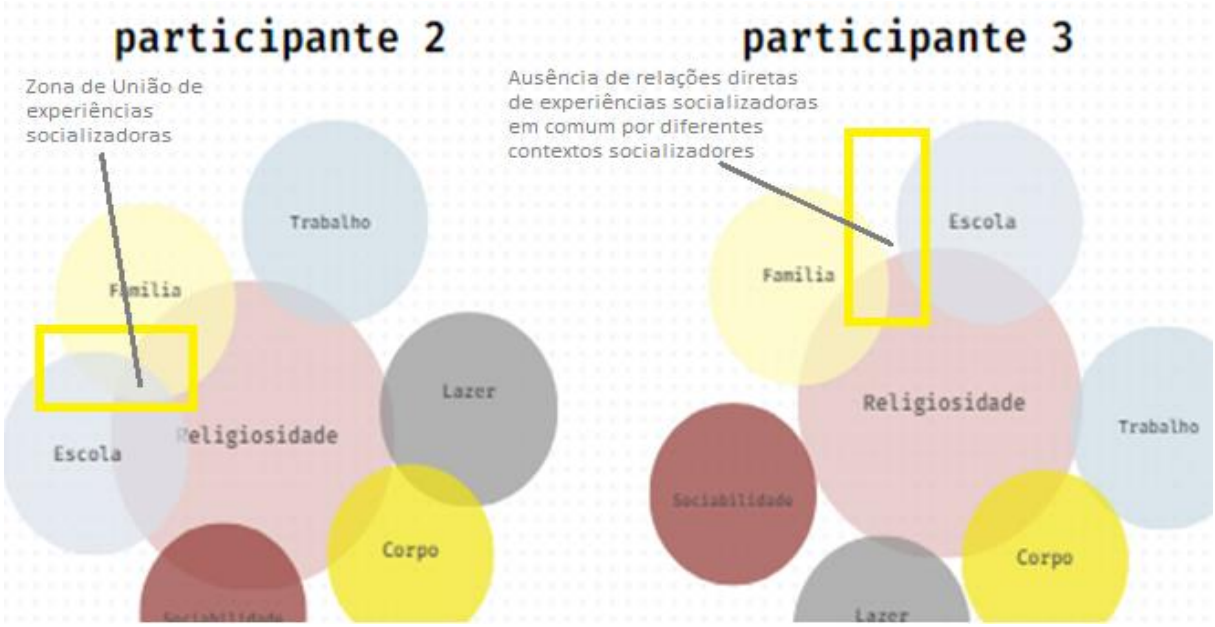


Fonte: o autor.

Cabe ressaltar que embora as disposições religiosas e para crer de todos os participantes tenham sido (re)atividadas no contexto da CTI, as formas que esses desenvolveriam tais disposições seriam as mais variadas. Dessa forma, o que se percebeu em cada retrato sociológico foram as aparentes zonas de união e intersecção resultante de cada experiência socializadora, bem como essas contribuiriam para a constituição progressiva de

certas disposições religiosas e para crer manifestas em conteúdo, grau e clareza significantemente distintas para cada participante.

Imagem 3: Zonas de união e de ausência de experiências socializadoras



Fonte: o autor

Compreendendo a dimensão dessa constituição para os casos aqui analisados, evidenciamos que suas ações como egressos não podem ser tomadas como simples "produtos" das interações com sujeitos e com o atual contexto que estavam inseridos. Da mesma forma, também essas não podem ser creditadas unicamente as próprias experiências concebidas às experiências de acolhimento, o que nos permite superar certa visão determinista. Conforme foi evidenciado, essas tenderam a representar o constructo de diversas experiências anteriores, mais ou menos coerentes, e que encontraram no ambiente institucional, formas favoráveis para sua manifestação, motivadas por um profundo processo de ressignificação identitária e disposicional. Foi o que se observou nos casos de cada participante dessa pesquisa. Até mesmo para aqueles os quais suas disposições religiosas e para crer figuravam de forma "secundária" ou "não proeminentes" (como no caso de participantes como Joana, Ivo Mancha e Apolo) foi no ambiente da CTI que tais disposições encontraram um contexto bastante favorável para suas ativações tendendo a assumir nessas formas mais proeminentes e privilegiadas para a concepção de novas ações. No caso de Joana, suas disposições religiosas não foram identificadas em seus relatos como disposições

proeminentes antes de seu ingresso na CTI – caso esse semelhante para todos os participantes dessa pesquisa -. Mesmo com os diversos contatos e sociabilidades desenvolvidas com sua prima Cláudia e sua tia Alzira, tais disposições tendiam a figurar de forma secundária. Agora, uma vez inserida em um contexto de CTI, as sociabilidades com atores e atrizes religiosos(as) tenderiam a favorecer a ativação de tais disposições ao ponto dessas assumirem uma condição proeminente em suas ações.

Assim como Joana, Ivo Mancha também não apresentava forte inclinação religiosa antes de seu ingresso em uma CTI. Ao invés disso, o que se percebia nessa fase era a proeminência de comportamentos violentos, resistentes à autoridade e voltados às sociabilidades extrafamiliares. A vivência no contexto da CTI contribuiria para a ativação de suas disposições para crer e disposições religiosas, embora para esse, em momento posterior ao seu acolhimento, a vivência espiritual autônoma vigorasse dialogando com diversas disposições as quais poderíamos classificar como remanescentes.

10.6.4 Disposições religiosas e as novas formas de lidar com as SPA´s no contexto de pós-acolhimento

O momento em que ocorre o fim do período de acolhimento (quer seja pelo findar do tempo mínimo de 9 meses, quer seja feito por negociação a qualquer momento durante esse período) tensões e expectativas tendem a se manifestar tanto pelo lado dos acolhidos, tanto pelo lado dos diversos agentes da CTI. Nessa ocasião, é bastante comum perceber - através dos relatos apresentados pelos participantes - certa incidência de impressões dicotômicas acerca do que consideram um "viver religioso" frente às dinâmicas e padrões característicos do "mundo". Assim, entre influências religiosas e ajustes disposicionais, a vida concebida em contextos antigos ou novos de interações, agora na condição de egressos, é caracterizada pelo contato com diversas forças sociais, culturais, políticas e religiosas. O que se observou nessa pesquisa foi que essas influências tenderam a se manifestar de diversas maneiras, bem como a impactar de formas distintas as estruturas disposicionais de nossos retratados – quer fosse modificando-as, quer fosse consolidando-as -.

Em nossas experiências nas CTI's tomadas como campo inicial para nossa pesquisa de tese era comum evidenciar discursos e narrativas que exploravam casos de ex-acolhidos(as) que tiveram ações externas tidas como "fracassadas" não apensas considerando o retorno

desses ao uso de diversas SPA´s, mas também considerando os diversos abalos identificados nas formas como recompunham suas sociabilidades.

Todos os participantes, em certa medida, assumiram - até certo ponto essa dicotomização das relações. Com isso, buscaram em diversas oportunidades formas para fugir de antigos padrões de comportamento, espaços e sociabilidades os quais um dia frequentaram. No relato de Ísis foi captado o quanto ela compreendia como doloroso (e muitas vezes ameaçador) ter que vender suas cocadas em meio a bares e festas populares; ambientes esses os quais o acesso a bebidas e outras SPA´s era bastante facilitado. Ou mesmo a postura de Joana, por exemplo, que evitava contato com o seu irmão que enfrentava problemas associados ao consumo de SPA´s. Foi relevante identificar que todos os participantes, sem exceção, apesar da diversidade e complexidade dos contextos os quais se inseriram, buscaram apoio e orientações com os diversos atores religiosos em suas novas comunidades de fé ou mesmo nas próprias CTI's as quais eram egressos.

Foram bastante signficantes os papeis desempenhados pelas CTI's para a manutenção das disposições ativadas no período de acolhimento. Como resultado, o que se observou no plano individual – em maior ou menor densidade – foi, em um primeiro momento, a incidência de práticas e/ou experiências protetivas em relação àquelas consideradas nocivas à nova composição dispisicional dos sujeitos aqui retratados. Foi o que ocorrera com Fernanda, essa que narrara que além do forte papel de sua família no monitoramento e vigilância de suas ações e interações, o contato constante com participantes das equipes da CTI tendia a fornecer certos reforços para ações e padrões de comportamentos assumidos. Por fim, no retrato de Fernanda, ficou evidente a participação e a relevância da influência (ou tentativa de influência) de atores religiosos na manutenção de seu quadro disposicional - ou mesmo na minimização de quaisquer alterações que pudessem atuar contra a sua identidade religiosa e/ou mesmo novas ações -. Importante observar que mesmo após sua decisão de abandonar o convívio de sua comunidade da fé, diversos membros dessa - como pastores, congregados e outros líderes de sua antiga convivência religiosa - continuariam a interagir com ela, agora no contexto de seu próprio lar. Isso marcaria, assim, uma presença que tendia a impactar certa ascendência de sua reaproximação do álcool e/ou mesmo outras SPA´s. Já com Apolo esse papel se estabeleceria a partir das interações ocorridas no contexto religioso. Os valores e normas religiosas por ele abraçado tendiam a demarcar certas barreiras para o consumo de SPA´s e/ou mesmo nas formas com que estabeleceria suas novas sociabilidades. Foi relevante observar certas e significativas transformações disposicionais em Apolo à medida

que esse progredia no conhecimento de sua fé. As reflexões constantes sobre a concepção de modelos para uma vivência austera; a composição dos tipos de sociabilidades e grupos de relações possíveis; esses eram focos que complementavam um contínuo processo de ajuste iniciado ainda no período de acolhimento na CTI. No caso de Apolo, percebeu-se como suas disposições religiosas e de crença, ativadas durante o período na CTI, o guiaram a adotar um conjunto de ações que, em um primeiro momento, pareciam atuar em paralelo com outras consideradas contrárias, conforme já apresentado em seu retrato sociológico. Já Ivo, embora não tenha ingressado em uma comunidade religiosa (embora tivesse tentado) resistira a diversas movimentos e experiências de contra-socializações que imanavam dos diversos contextos os quais interagia. A partir de seu envolvimento com vários atores religiosos, especialmente no contexto do trabalho, e também nos contatos frequentes com membros de sua antiga CTI – contexto esse em que estabeleceu laços de solidariedade durante seu trabalho de reciclagem -, Ivo desenvolvia ainda mais seu conhecimento sobre os novos princípios religiosos que adotara.

Embora todos esses egressos tivessem desenvolvido certo senso e práticas religiosas, vale ressaltar que todo esse processo esteve longe de poder ser considerado linear. Diversos foram os desafios que todos enfrentaram em suas experiências de pós-acolhimento e que, de certo modo, tendiam a impelir certa inibição de algumas de suas disposições ativadas ainda no âmbito das CTI's. Como exemplo, pode-se citar o caso de retratadas como Ísis (Dona Doceira) que tivera que frequentar diversos dos ambientes os quais considerara nocivos à sua nova identidade sem, com isso, perder sua condição de abstinência.

De igual modo, os desafios de Joana que tivera que interagir com seu irmão que tinha diversos problemas com SPA´s fazendo com que antigos desejos e inclinações para tal consumo a levasse a conflitos frente à nova condição de abstinência e de fé que sustentava. Essa mesma participante também teria que enfrentar o desafio de recompor sua identidade e credibilidade em um contexto o qual fora acusada de promover diversos furtos e escândalos, desafios esses os quais buscara vencer ingressando mais profundamente no convívio de sua nova comunidade religiosa e/ou mesmo mediante novas sociabilidades estabelecidas. Ou mesmo pode-se falar dos desafios de sujeitos como Apolo ao romper relações com suas antigas redes de sociabilidades como forma de sustentar sua nova identidade social, ainda que tais interações fossem bastante proeminentes para ele. Desafios como os de Fernanda em buscar reconstituir sua participação no convívio de sua comunidade da fé após abandoná-la por conta de sua recorrência ao uso do álcool. Ou mesmo desafios como o de Ivo em buscar

uma maior aproximação de sua família mesmo tendo que enfrentar diversas ameaças: ameaças como o uso naturalizado de bebidas alcoólicas naquele contexto, ou mesmo o contato com atores e atrizes os quais tivera significantes casos de conflitos, resultando assim no quadro de ameaça a sua própria vida, entre outros.

Todos os casos acima analisados permitem compreender como, na escala mais micro, cada participante lidou com a relação religião e sociabilidades, relação essa que tendia a ser demarcada por acentuadas reestruturações disposicionais. Por outro lado, trajetórias como as de Ísis, Joana e Ivo nos permitiu visualizar como a religião pode ser instrumentalizada como meio para a manutenção e evitação das principais vias e contatos que viessem, possivelmente, a favorecer certa perda da abstinência. Todavia, algumas distinções foram captadas desse comportamento nos retratos aqui desenvolvidos, em especial nos de ex-acolhidos como Fernanda e Apolo. Para esses, embora não tivessem sustentado um quadro de abstinência total - quadro esse que inferiu sobre a constituição de suas sociabilidades -, o contato com SPA´s como “bebidas alcoólicas” para essa primeira e a “maconha” para esse segundo, tinha, nessas substâncias, formas de reduzir danos maiores em suas identidades e sociabilidades. Todavia, mesmo nessa condição, buscavam na moral religiosa uma forma de resistência e estabelecimento de certos "limites" evitando assim a progressão desse contato os quais consideravam “perigoso”.

10.6.5 Reminiscências disposicionais

Ao adotarmos o modelo representacional de Lahire como base para nossa pesquisa, é importante destacar que, na prática, uma investigação mais aprofundada de cada indivíduo certamente revelaria áreas sociais em que as inclinações religiosas e a crença são mais proeminentes do que em outras. Essas inclinações são influenciadas por diferentes experiências e condições ao longo da história de cada indivíduo. No entanto, ambas tendem a impactar a maneira como os sujeitos reinterpretam suas identidades religiosas, levando-os a se identificar como conversos, especialmente no contexto da CTI.

Uma das características marcantes desses indivíduos pode ser identificada desde suas primeiras interações no ambiente de acolhimento da CTI. Por exemplo, Ísis e Fernanda demonstraram um forte comprometimento e colaboração com as normas institucionais. Embora tenham se destacado nesse ambiente e desenvolvido uma sólida conduta moral

alinhada aos valores da instituição, o comportamento de Fernanda estava intimamente ligado às suas disposições prévias para um autocontrole, disciplina e obediência - essas inda moldadas em seu contexto familiar -. Fernanda reconhecia, e deixava claro em suas experiências posteriores, como seguir regras e normas sociais podia fazê-la acessar o que considerara "boas oportunidades", algo que ela tendia a aplicar em várias esferas de sua vida, como na escola, na família, no trabalho e, posteriormente, na CTI.

Essa postura era diferente da de Ivo Mancha, que ativava muitas dessas características durante ou após sua estadia na instituição. Por outro lado, para Ísis, seu alto grau de participação e envolvimento era influenciado por diversos fatores, como sua tendência a manter uma imagem positiva de si mesma, por exemplo. Os relatórios institucionais sobre seu progresso enviados à sua família alimentavam essa tendência, incentivando-a a agir de maneira ainda mais intensa em seu papel assumido. No entanto, mesmo após a conversão religiosa de Fernanda e Ísis, percebeu-se que, embora o elemento religioso agora exercesse uma forte influência sobre suas ações e identidade social dentro da instituição, a ressignificação religiosa era concebida muitas vezes em simultaneidade com outras consideradas contrastantes. Como resultado, isso tenderia a tornar o comportamento das duas participantes ainda mais complexo. Também a volta ao consumo de SPA´s de Fernanda e Apolo pode aqui servir como um segundo exemplo para essa questão. Embora ambos tenham retornado ao consumo do álcool [Fernanda] e da maconha [Apolo], e, de certo modo sofrido com diversas pressões sociais e sentimento de culpa provocados inclusive pela interiorização de valores religiosos, essa ação tem repercussões diferentes na identidade religiosa, nas sociabilidades e nos espaços que ambos frequentariam. Enquanto para Fernanda a volta ao consumo do álcool tenderia a motivar a ruptura dessa com sua comunidade religiosa (sua igreja Batista), com Apolo, após seu retorno ao uso de SPA´s, esse ocorreria frente à continuidade dessas relações de sociabilidades e socialização. À medida que progredia na profundidade de sua própria fé a proeminência de suas disposições religiosas e para crer em suas ações tenderiam, pouco a pouco, a assumir certo protagonismo levando-o a um distanciamento do consumo dessas substâncias e a marcar posturas mais alicerçadas a partir da nova cosmovisão assumida.

Todavia, embora diversos quadros incidam em uma percepção única acerca das permanências disposicionais de cada retratado, um outro elemento deve ser evidenciando ampliando assim a evidenciação dos fluxos e variações disposicionais de cada egresso: o quadro de ruptura disposicional, conforme será abordado a seguir.

10.6.6 Rupturas expressivas do quadro de ação: quando o “improvável” se torna possível

Um outro ponto que chamou nossa atenção a partir da justaposição da recapitulação de cada perfil dos retratados se deu a partir da evidenciação de quadros que tenderam a demonstrar rupturas severas com padrões de ações originados em contextos anteriores ao acolhimento.

No caso da participante Ísis isso ocorreria no surgimento de disposições para liderança e disciplina. No retrato sociológico de Ísis ficou evidente que disposições para a rebeldia e contestação fizeram fortemente parte de sua identidade e relações de sociabilidades. Todavia, no contexto da CTI, Ísis tenderia a desenvolver padrões de obediência e disciplina, disposições essas aparentemente improváveis dada a sua história anterior. Comportamentos como humildade, altruísmo e perdão também surgiram e se tornariam uma das bases de sua nova identidade enquanto pós-acolhida; identidade essa ostentada favorecendo até mesmo relacionamentos e sociabilidades com sua figura paterna – figura essa a qual teria adquirido fortes sentimentos repulsivos ao longo do desenvolvimento de sua biografia-.

Já Apolo parecia improvável que o mesmo conseguisse romper com os fortes vínculos e interações que tinha com os antigos sujeitos que integravam sua rede de sociabilidades. De Apolo também pode-se destacar a forte emoção religiosa sentida a qual considerara superior àquelas sensações obtidas através do uso de diversas SPA´s. A busca de Apolo por uma emoção superior àquela obtida no consumo de SPA parecia improvável após sua experiência de conversão religiosa ainda no contexto da CTI; tão improvável que muitos da coordenação e direção de sua CTI acharam que tal inclinação e determinação não fosse possível para um neófito, o que demonstrou uma tendência de reconstrução identitária radical para esse participante e que tenderia a marcar os novos estágios de suas relações e ações.

No caso de Joana, ela demonstraria forte disposição em superar traumas e estigmas, uma vez que essa participante expressou forte interesse – após sua saída da CTI – em adentrar novamente o espaço escolar. De certo modo, isso parecia improvável frente às fortes e duras experiências de estigmatização sofridas por ela ainda na infância.

Com Ivo Mancha esse quadro ocorreria quando esse supre suas disposições para a agressividade por disposições pacifistas após sua experiência na CTI. Lembro-me quando esse dizia - enquanto almoçávamos na sala de sua casa - que “todos nós devemos ter dois

sacos: um saco para colocar coisas boas e outro furado para simplesmente deixar passar aquilo que nos fere e abala"; pensamento esse o qual desenvolveu após sua saída da CTI. Parecia improvável ouvir aquilo de um indivíduo cujas marcas e cicatrizes no corpo apontavam para posturas e ações bastante distintas. Outro ponto que marca uma forte reconstituição dos estojos disposicionais de Ivo Mancha se deu mediante o desenvolvimento de um senso de responsabilidade pelo lar/família, ou mesmo por sua recondução para o trabalho e disciplina. De certo modo, esse aspecto sinalizava ser algo improvável, considerando todas as suas fracassadas e conflituosas tentativas de inserção em atividades produtivas, ou mesmo sua inclinação às interações extrafamiliares.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou na sociologia à escala individual sua principal base teórica e metodológica levando em considerações as singularidades do objeto escolhido.

Compreendemos assim que todo o caminho metodológico aqui adotado reflete um conjunto de ganhos e perdas quanto às formas de lidar com o objeto. Todavia, dentro daquilo que propusemos ganhar, cremos que, do ponto de vista científico, o ganho em profundidade obtido a partir das análises das trajetórias biográficas de cada participante tendeu a superar quaisquer outras lacunas que o método poderia deixar. Dessa forma, esperamos que os enfoques aqui apresentados favorecessem para este trabalho, bem como para a ciência sociológica, formas e observações particulares para a verificação de diversas estruturas – essas construídas ao longo da história de cada indivíduo -. Também esperamos que tal análise, ao focar como certos indivíduos atuam e interagem em condições específicas, viesse a se constituir como um plano de fundo para novas iniciativas investigativas ainda mais amplas e com maior representatividade – quer sejam concebidas pela via quantitativa, quer sejam concebidas pela via qualitativa-.

Foi assumindo essa premissa que iniciamos o processo de coleta e análise dos dados nessa pesquisa. Todos os retratos sociológicos foram compostos e identificados como únicos. Únicos, pois embora tivessem passado por CTI's com valores e planos de ações semelhantes em seus programas, as singularidades do passado de cada participante; as configurações de seus estojos disposicionais no momento de seu ingresso; e as formas e/ou mesmo as diversas maneiras como esses lidaram com os problemas decorrentes do uso de diversas SPA´s - antes, durante e em período posterior ao acolhimento -; esses e outros quadros, quando somados, tenderam a se integrar ao foco de nossas recorrentes análises sociológicas. Como resultado, esperamos que o constructo aqui apresentado viabilizasse a visualização da pluralidade de cada indivíduo ou mesmo como esses se construíram em contextos e interações específicos.

Como resultado, uma vez instrumentalizando o experimento metodológico de Lahire, diversos traços entre passado e presente que constituíam a identidade e as ações dos entrevistados foram identificados; ambos concorrendo, buscando espaços e se situando de formas mais ou menos proeminentes nas memórias, nos discursos, ou mesmo nas novas configurações identitárias sociais e religiosas por eles professadas. A partir desse referencial, elucidamos algumas das formas mais específicas das ações desses egressos em contextos ou

situações distintas. Instrumentalizando um roteiro de entrevista inspirado nos experimentos lahirianos – montado a partir das grades "família, escola, trabalho, sociabilidades, corpo e lazer" - tivemos em vista perceber como certas gêneses disposicionais foram concebidas ou mesmo ressignificadas à medida que rupturas biográficas incidiam sobre a vida e trajetória de cada participante.

Adotamos o momento de conversão religiosa como ponto em comum para a realização de uma análise das histórias e das reconfigurações disposicionais de cada indivíduo. Para isso, consideramos os diversos elementos constitutivos de seus respectivos passados e como esse tendiam a fornecer esquemas de ações específicos para a ação no tempo presente.

Dessa forma, uma vez compostos cada retrato, e postas em evidências as diferentes trajetórias e experiências em campos muitas vezes distintos, a relação "vida religiosa" e "vida social foi tomada como foco de nossa análise (com especial enfoque nas novas formas de lidar com as diversas SPA´s)". A partir disso, a justaposição de cada retrato muito contribuiria para afirmar ainda mais as singularidades do passado de cada participante - das características e percursos de cada um, bem como das múltiplas vias individuais e sociais por eles percorridas -. Buscamos, com isso, apresentar alguns dos efeitos de cada processo de socialização, das diferentes formas de desvios, ou mesmo dos cenários mais propícios para que diversas variações disposicionais ocorressem. Dessa forma, a análise do ingresso dos participantes nas CTI´s ou mesmo suas experiências no atual contexto em que se encontram serviu para compreender como o diálogo com essas esferas, e seus outros agentes, teve um impacto significativo no conjunto de suas ações.

Apesar de todos serem egressos de CTI's, conversos e assumidos como evangélicos protestantes (identidade essa constituída no interior daquela instituição), diversas foram as particularidades de seus passados e das formas que esses se encontravam - quer fosse através da inibição de algumas disposições, quer fosse através de suas reminiscências – que tendiam a incidir sobre suas ações presentes. Dessa forma, observou-se que esse quadro tendeu a influenciar cada participante tanto nas formas particulares de um viver religioso, quanto na flexibilidade, profundidade e demais elementos que marcaram a singularidade de ações muitas vezes distintas em diversos contextos sociais.

Assim, todo o nosso esforço de pesquisa teve como proposta perceber as possíveis variações e manutenções disposicionais de sujeitos egressos de CTI's e identificar os impactos desses processos na reinserção desses em diversos contextos sociais. Compreendemos que essa análise visou fugir de qualquer tentativa de ser exaltiva sobre o

tema. Ao invés disso, esperamos que os dados aqui colhidos pudessem contribuir para o estabelecimentos de pesquisas em momentos futuros, já que a dinâmica de socialização e reinserção social de egressos de CTI's se constitui como um fenômeno bastante complexo.

Assumindo essa proposta metodológica, a partir do estabelecimento de uma visão e uma ação investigativa que fosse "além das generalizações", visamos preservar um enfoque acerca das individualidades de cada sujeito. Dessa forma, intentamos assim ampliar nossa tendência de compreendê-los de forma holística e não apensas como produtos da socialização vivenciada nos âmbitos das CTI's ou dos novos contextos que se inseriram. Como resultado, percebemos que embora tivessem suas disposições religiosas (re)ativadas no contexto de uma CTI, essas tenderam a operar não de forma isolada e independente, o que tornou necessário reconhecer a incidência de certas disposições remanescentes, suas configurações e, consequentemente, seus impactos nas ações dos egressos.

Todavia, também pôde-se perceber que o contexto de reinserção social característico na fase de pós-internamento tendia a impactar os esquemas disposicionais dos egressos, inferindo tanto na forma que esses desempenhavam suas sociabilidades e espiritualidades, como na forma que se colocavam e interagiam.

De certo modo, a forma como cada retratado foi aqui exposto, bem como os dados obtidos, nos permite identificar diversas contribuições para as áreas de estudos sociológicos. As dinâmicas da formação da religiosidade, por exemplo, não podem ser atribuídas exclusivamente às experiências obtidas no contexto institucional da CTI (pelo menos considerando os casos aqui retratados). De certa forma, essas estariam profundamente ligadas às experiências do passado que, de certa forma, foram aprofundadas se atualizando a partir do contexto e das diversas experiências as quais os(as) retratados(as) foram submetidos(as). Levando em consideração esse ponto, a complexidade dessas relações tende a apontar para a necessidade de abordagens sociológicas mais amplas; abordagens que analisem o fenômeno da conversão religiosa ou mesmo da influência da vida religiosa nas trajetórias e experiências indivíduos submetidos a ressocializações em campos institucionais como as CTI´s, por exemplo.

Dessa forma, assumir a relevância da religiosidade como fator significativo na ressocialização de sujeitos que enfrentaram ou enfrentam problemas relacionado ao uso de SPA´s certamente é algo que necessitará de enfoques mais profundos e específicos, uma vez que essa tese teve como foco principal a análise das variações disposicionais dos egressos.

Também não podemos deixar de mencionar certas limitações que fizeram parte desse estudo; limitações como a adoção de uma amostra pequena de participantes, o que tende a restringir, neste momento, tentativas de generalizações das experiências aqui coletadas. Ou mesmo nosso reconhecimento de que dificilmente cada caso aqui exposto pôde ser esgotado em sua esfera micro – apesar de propormos um estudo em profundidade conforme orienta Lahire (2004) -. Portanto, o que aqui apresentamos representou nossa tentativa máxima de compreender a gênese e as variações disposicionais dos egressos ao longo de suas histórias e experiências até o presente momento.

Embora essa pesquisa tenha sido realizada com um pequeno grupo, diversos foram os achados que nos permitem elucidar novos desdobrametnos para pesquisas futuras. Casos que podem ser aprofundados e observados, agora em larga escala, como: observações e problematizações específicas das trajetórias de egressos que optaram em não ingressar em comunidades religiosas (como foi evidenciado no retrato de Ivo); ou mesmo experiências de individuos identificados como homossexuais no contexto de CTI's, seus impactos e as formas como esses lidam com valores e ideologias contrárias à sua orientação sexual em ambientes religiosos (como foi no caso de Apolo); ou pesquisas que possam aprofundar as experiências na CTI de egressos que optaram em permanecer no campo institucional mesmo tando concluído o tempo máximo de acolhimento (como foi identificado no caso da participante Ísis – a Dona Doceira-); por fim, pesquias que foquem nos conflitos e disparidades religiosas envolvendo egressos e suas famílias no momento de pós-acolhimento cujas identidades religiosas são distintas (como foi identificado nos casos de voluntários como Fernanda, Joana e Apolo, principalmente). Variáveis como as de gênero, idade, de trabalho também podem figurar como recortes específicos para aprofundar alguns dos principais temas aqui surgidos, fornecendo recortes ainda mais específicos desse amplo universo de pesquisa.

Portanto, uma vez que essas questões foram apresentadas, é compreensível que todo o esforço de pesquisa aqui realizado teve como objetivo entender as diferentes variações e padrões de comportamento de sujeitos egressos de CTIs. Buscou-se identificar como esses processos afetaram a reintegração social dos egressos, uma vez que a dinâmica de socialização e reinserção social de ex-acolhidos de CTI´s se constitui como um fenômeno bastante complexo envolvendo diversos fatores e variáveis que necessitam de maiories problematizações.

REFERÊNCIAS

ADLAF,E.M.; SMART,R.G. Drug use and religious affiliation, feelings, and behavior. **British Journal of Addiction,** v.80, p.163-171, 1985.

ALEXANDER, D. E.; GWYTHER, R. E. Alcoholism in adolescents and their families: Family-focused assessment and management**. Pediatric Clinics of North America, v. 42, n. 1**, p. 217-234, 1995.

ALEXANDER, Jeffrey. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, **n.2**. 1987. Disponível em: < edisciplinas.usp.br >. Acesso em: 20 de junho de 2020.

ALLEN,R.O; SPILKA, B. Commited and consensual Religion: a specification of religion-prejudice relationships. **Journal for the Scientific Study of Religion** v.6, p.191-206, 1967.

ALLPORT, G.W; ROSS, J.M. **Personal religious orientation and prejudice.** Journal of personality and social psychology v.5, p.432-443, 1967.

ANDRADE, A. G. et al. **Uso de álcool e drogas entre alunos de graduação da Universidade de São Paulo (1996)**. *Revista ABP-APAL*, v. 19, p. 53-59, 1997.

ARAÚJO, Marcelo Ribeiro; MOREIRA; Fernando. História das drogas. In: **Panorama atual de drogas e dependências**. São Paulo: Atheneu, 2010.

ÁSKESIS. Entrevista com Bernard Lahire. Áskesis - **Revista dos Discentes do PPGS/UFSCar** | v. 1 | n. 1 | jan/jul – 2012 | p. 200 – 210. Disponível em: < https://docplayer.com.br/40913433-Entrevista-com-bernard-lahire.html >. Acesso em: 24 de outubro de 2020.

BARBOSA, Danilo Vieira; SOUTO-NÓBREGA, Winícius; SOUTO-NÓBREGA, Waleska Fernanda. Condições de saúde bucal de usuários de crack: um problema de saúde pública. **Arch Health Invest**, v. 7, n. 4, p. 123-125, 2018. ISSN 2317-3009. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.21270/archi.v7i4.2808 >. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

BASTOS, Francisco I. P. M. et al (Orgs.). **III Levantamento Nacional de Álcool e Drogas**: Consumo de Álcool no Brasil. São Paulo: INPAD; 2017 Disponível em: < https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

BASTOS, Francisco Inácio P. M. et al (Orgs). **III levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Ministério da Saúde. Fundação Osvaldo Cruz. 2017. Disponível em: < https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/34614/1/III%20LNUD_PORTUGU%c3%8aS.pdf >. Acesso em: 17 de novembro de 2021.

BASTOS, Francisco Inácio; BERTONI, Neilane (Organizadores). **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: Editora ICICT/FIOCRUZ, 2014.

BASTOS, Francisco; BERTONI, Neilane (Org.). **Pesquisa Nacional sobre uso de crack e outras drogas**. (setembro de 2013). Disponível em: <http://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Apresentacaocrack.pdf>. Acesso em: 01 de maio de 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A.,2004.

BECKER, H. **Outsiders:** estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
BENSON, P.L. **Religion and Substance use**. In Schumaker, J.F. (ed.) Religion and Mental Health. New York, Oxford University Press, 1992.

BERGER, P; BERGER, B. O que é uma instituição social? In: FORACCHI; MARTINS (Org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à Sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 193-199.

BERGER, Peter. **A construção social da realidade.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **O Dossel Sagrado:** elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **Perspectivas sociológicas**: uma visão humanística. Petrópoles: Vozes, 1972.

_____. **Sociology**: a biographical approach. 2ed.Nova Iorque: Basic Books, inc, 1975.

BERK, L. R. **Temperance and prohibition era propaganda: a study in rhetoric. Alcohol, Temperance & Prohibition.** 2004. Disponível em: < https://library.brown.edu/cds/temperance/essay.html >. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de Almeida. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BLANCO, Diego Monte. **Jovens do ensino técnico no Brasil contemporâneo**: variações e tensões disposicionais nas (in)definições de um percurso de estudos e de profissionalização. 2015. 273 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. **The sociology of critical capacity**. European Journal of Social Theory, v.2, n.3, 1999, 359-377.

BOTVIN, G. J.; BOTVIN, E. M.; RUCHLIN, H**.** School-based approaches to drug abuse prevention: evidence for effectiveness and suggestions for determining cost-effectiveness. In: **NATIONAL INSTITUTE ON DRUG ABUSE. Cost-benefit/cost-effectiveness research**

of drug abuse prevention: implications for programming and policy. Washington: Government Printing Office, 1998. (NIDA Research Monograph, n. 176).

BOURDIEU, Pierre. **O Poder. Simbólico**. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. **Os três estados do capital cultural**. Tradução Magali de Castro Revisão 1979. Disponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4942298/mod_resource/content/1/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20Os%20tr%C3%AAs%20estados%20do%20capital%20cultural.pdf >. Acesso em: 18 de outubro de 2020.

_____. **Coisas ditas**. Tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Condição de classe e posição de classe. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. O capital social: notas provisórias. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **O senso prático**. Tradução de Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Pierre Bourdieu entrevistado por Maria Andréa Loyola**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

_____. **Questões de sociologia**. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003.

_____. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação de Pierre Bourdieu: Tradução: Mariza Correa. Campinas, SP: Papirus. 1996.

_____. **What makes a social class?** : on the theoretical and practical existence of groups. Berkeley Journal of Sociology, n. 32, p. 1-49, 1987. Diponível em: < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2290040/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20What%20makes%20a%20social%20class.pdf >. Acesso em: 18 de outubro de 2020.

BOYD, S. J. et al. The relationship between parental history and substance use severity in drug treatment patients. **The American Journal on Addictions/American Academy of Psychiatrists in Alcoholism and Addictions,** v. 8, n. 1, p. 15-23, 1999.

BRAGA, Analvari Franco Pereira. **Movimento Jovens Livres**: religião, saúde e reinserção social. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 115 p., 2019.

BRASIL. **Lei 9.867, de 10 de novembro de 1999**. Dispõe sobre a criação e o funcionamento de Cooperativas Sociais, visando à integração social dos cidadãos, conforme especifica.Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9867.htm>. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

_____. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei da Câmara nº 37, de 2013.** Altera as Leis nºs 11.343, de 23 de agosto de 2006, 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 9.250, de 26 de dezembro de 1995, 9.532, de 10 de dezembro de 1997, 8.981, de 20 de janeiro de 1995, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, 8.069, de 13 de julho de 1990, 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e 9.503, de 23 de setembro de 1997, os Decretos-Lei nºs 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e 5.452, de 1º de maio de 1943, para dispor sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas e as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e para tratar do financiamento das políticas sobre drogas. Brasília, DF, 2013. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/113035. Acesso em: 26 out. 2023.

_____. **Decreto nº 4.345, de 26 de agosto de 2002**. Institui a Política Nacional Antidrogas e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 ago. 2002. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2002/decreto-4345-26-agosto-2002-451545-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 out. 2023.

_____. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001**. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 9 abr. 2001. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm >. Acesso em: 26 de outubro de 2023.

_____. MINISTÉRIO DA CIDADANIA; SECRETARIA NACIONAL DE CUIDADOS E PREVENÇÃO ÀS DROGAS: **COMPACTA**: capacitação de monitores e profissionais das comunidades terapêuticas. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2019.

_____. MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA. **Resolução nº 1, de 19 de agosto de 2015.** Regulamenta, no âmbito do Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad, as entidades que realizam o acolhimento de pessoas, em caráter voluntário, com problemas associados ao uso nocivo ou dependência de substância psicoativa, caracterizadas como comunidades terapêuticas. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 de agosto de 2015. Seção 1, p. 9. Disponível em: <https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/421/3/RES_CONAD_2015_1.html>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro**. Portaria GM/MS no 1232** – 25 de janeiro de 2012.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria Nº 131, de 26 de janeiro de 2012**. Institui incentivo financeiro de custeio destinado aos Estados, Municípios e ao Distrito Federal para apoio ao custeio de Serviços de Atenção em Regime Residencial, incluídas as Comunidades Terapêuticas, voltados para pessoas com necessidades decorrentes do uso de álcool, crack e outras drogas, no âmbito da Rede de Atenção Psicossocial. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0131_26_01_2012.html\>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

_____. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 3.588, de 21 de dezembro de 2017**. Altera as Portarias de Consolidação no 3 e nº 6, de 28 de setembro de 2017, para dispor sobre a Rede de Atenção Psicossocial, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt3588_22_12_2017.html>. Acesso em: 26 out. 2023.

_____. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Portaria nº 1.306, de 27 de junho de 2012**. Institui o Comitê de Mobilização Social para a Rede de Atenção Psicossocial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 28 jun. 2012. Seção 1, p. 46.

_____. **Projeto de Lei nº 7663/2010**. Autor: Osmar Terra - PMDB/RS. Apresentação: 14/07/2010. Acrescenta e altera dispositivos à Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, para tratar do Sistema Nacional de Políticas sobre Drogas, dispor sobre a obrigatoriedade da classificação das drogas, introduzir circunstâncias qualificadoras dos crimes previstos nos arts. 33 a 37, definir as condições de atenção aos usuários ou dependentes de drogas e dá outras providências. Situação: Transformada na Lei Ordinária 13840/2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=483808\>. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

_____. **Lei nº 13.840, de 5 de junho de 2019.** Brasília: Diário Oficial da União. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/l13840.htm#:~:text=Art.,drogas%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAncias. >. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

_____. **Lei Ordinária nº 11.343, de 23 de agosto de 2006.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/ >. Acesso em: 08 de abril de 2014.
BRASIL; MINISTÉRIO DA CIDADANIA; SECRETARIA NACIONAL DE CUIDADOS E PREVENÇÃO ÀS DROGAS: **COMPACTA**: capacitação de monitores e profissionais das comunidades terapêuticas. Florianópolis: SEAD/UFSC, 2019.

BRYMAN, Alan. **Social Research Methods**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BUCHER, R. **Prevenindo contra as drogas e DST/Aids**: Populações em situação de risco. Brasília: CDIC, 1995.

BUCHER. R. "**Psicopatologia da toxicomania**". In: Revista Brasileira de Saúde Mental. Ano 2 n. 2. mar, 1998.

BUKSTEIN, O. G. Disruptive behavior disorders and substance use disorders in adolescents. **Journal of Psychoactive Drugs, v. 32, n. 1**, p. 67-79, 2000.

CARAVACA JA, PADILHA M. **Entre batalhas e pedras: histórias de vida de moradores de rua, usuários de crack**. Hacia promoc. salud. 2015; 20(1): 49-66. Disponível em: < 10.17151/hpsal.2015.20.1.4 >. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

CARLINI, E. A. [et al.], **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país : 2005 - São Paulo : CEBRID -

Centro Brasileiro de Informação sobre Drogas Psicotrópicas: UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo, 2006.

CARLINI-COTRIN, B. **O uso de drogas psicotrópicas por estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual, em dez capitais brasileiras, 1987**. In: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO MINISTÉRIO DA SAÚDE. Brasília (DF): MS, 1989. (Série C: Estudos e Projetos, Documento n. 9-84).

CARR, W. Amory; BALL, Samuel A. **Predictors and treatment outcomes of perceived ward atmosphere among therapeutic community residents**. *Journal of Substance Abuse Treatment*, v. 46, n. 5, p. 567-573, maio 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jsat.2014.01.003. Acesso em: 18 de jan. 2024.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA; MECANISMO NACIONAL DE PREVENÇÃO E COMBATE À TORTURA; PROCURADORIA FEDERAL DOS DIREITOS DO CIDADÃO / MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL; **Relatório da Inspeção Nacional em Comunidades Terapêuticas – 2017**. Brasília DF: CFP, 2018.

COOK, L. S. Adolescent addiction and delinquency in the family system. **Issues in Mental Health Nursing, v. 22, n. 2,** p. 151-157, 2001.

CORBELLE, F. **La construcción del consumidor de drogas en el proceso judicial**. 2010. Tesis (Licenciatura) – Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2010.

_____. **Proyecto Desigualdades Sociais e Implementação de Políticas Públicas na América Latina**: políticas de atenção e cuidado a pessoas que fazem uso problemático de substâncias psicoativas. Argentina: Ipea/CEPAL, 2019.

CROCE, B. **Teoria e História da Historiografia**. Bari: Gius, Laterza & Figli, 1920.

CRUZ, Marcelo Santos; FERREIRA, Salette Maria Barros. A rede de saúde na assistência para pessoas com dependência de álcool e outras drogas: das UBS e CAPS-AD aos hospitais gerais e hospitais psiquiátricos. In: FORMIGONI, Maria Lucia Oliveira de Souza (Coord.). **Modalidades de tratamento e encaminhamento**: módulo 6. 7º edição. 2014. Disponível em: < http://www.supera.senad.gov.br/wp-content/uploads/2016/03/SUP7_Mod6.pdf >. Acesso em: 15 de setembro de 2016.

DAMAS, F. B. Comunidades terapêuticas no Brasil: expansão, institucionalização e relevância social. **Revista de Saúde Pública, v. 6, n. 1**. Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

DATAFOLHA - INSTITUTO DE PESQUISAS. **Juventude Brasileira, 2008** (Banco de Dados). São Paulo: 2008. In: Consórcio de Informações Sociais, 2012. Disponível em: <http://www.cis.org.br>. Acesso em 22 de dezembro de 2013.

DE LEON, George. **La comunidad terapéutica y las adicciones:** teoría, Modelo y Método. Biobal – España: Desclée de Brouwer, 2004.

DE MICHELI, D.; FORMIGONI, M. L. O. S. Are reasons for the first use of drugs and family circumstances predictors of future use patterns**? Addictive Behaviors, v. 27, n. 1,** p. 87-100, 2002.

DIAS, Guilherme; GAUCHE, Ricardo. **O Retrato Sociológico como método investigativo em pesquisas brasileiras nas áreas de Educação e de Ensino**: uma revisão de teses publicadas entre 2011 e 2020. 2021. Disponível em: <

DIAS, Guilherme; GAUCHE, Ricardo. O Retrato Sociológico como método investigativo em pesquisas brasileiras nas áreas de Educação e de Ensino: uma revisão de teses publicadas entre 2011 e 2020**.** ***Ciência & Educação (Bauru),*** v. 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320210066 >. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

DOUDEMENT, Marcelo. Frente parlamentar em defesa das comunidades terapêuticas. In: SANTOS, Maria Paula Gomes dos. (Org.). **Comunidades Terapêuticas**: temas para reflexão. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.

DOUGLAS, Mary. **Como as instituições pensam**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **O suicídio estudo de sociologia / Émile Durkheim**; tradução. Monica Stahel. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EDWARDS, G. - Comportamento aditivo: o próximo desafio clínico. In: EDWARDS, G. e DARE, C. **Psicoterapia e tratamento de adições**. Trad. Maria A. V. Veronese. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

ESCOHOTADO, A. **História elementar das drogas**. Lisboa. Antígona, 2004.

ESCOHOTADO, A. **História geral de las drogas**. Madri, Editorial Espasa Calpe, 2002.

FENACT. **Construção da Carta do Piauí FENACT – CRUZ AZUL – FEBRACT – FETEB.** 2011. Disponível em: < https://www.fenact.com/sobre >. Acesso em: 23 de fevereiro de 2022.

FERNANDES, Beatrice Fogolin; RUSSO, Letícia Xander; BONDEZAN, Kezia de Lucas. Relação entre saúde mental e uso de substâncias psicoativas em escolares**. Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 39, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0228. Acesso em: 18 de jun. de 2024.

FERREIRA, Ismael de Vasconcelos. **Experiência e Linguagem Religiosa do Crente**: um Estudo sobre a Cultura da Vida Pentecostal. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2023.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, Rilda Bezerra de. **O ato de matar em trajetórias juvenis trocas e negociações identitárias de meninas envolvidas na prática de homicídio**. 2010. 243 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de Ciências Socais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2010.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, A. et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FRESTON, Paul. **Protestant Political Parties**: a Global Survey Aldershot, Ashgate, 2004.

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil**: da Constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

FRY, Peter. Politics, nationality and the meanings of "race" in Brazil. **Daedalus – Journal of the American academy of arts and sciences**, vol. 129, nº 2, Spring 2000, p. 83-118, 2000.

GALDURÓZ, J. C. F.; D'ALMEIDA, V.; CARVALHO, V.; CARLINI, E. A. **3º levantamento sobre uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras (1993)**. São Paulo: CEBRID/Escola Paulista de Medicina (UNIFESP), 1994.

GARTNER, J.; LARSON, D.B. & ALLEN, G. Religious commitment and mental health: a review of the empirical literature. **Journal of Psychology and Theology** v.19, p. 6-25, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo, Atlas, 2008.

GIMBA, Marcelo de Freitas. **Trajetórias de pessoas usuárias de drogas**: narrativas, contextos relacionais e (re) significações em comunidades terapêuticas. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea. Universidade Católica de Salvador. Salvador, 2018.

GLOCK, C.Y. On the study of religious commitment. **Religious Education Research Supplement,**v. 57, p. 98-110, 1962.

GOFFMAN. **Estigma.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1988.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana,** Petrópolis, Vozes, 1996.

_____. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: perspectiva, 1974.

_____. **Ritual de interação.** Petrópolis: Vozes, 2011.

GOLDIM, José Roberto. O consentimento informado e sua utilização em pesquisa. In: VÍTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN; M. N. A. Ética, In: **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial,2000.

GOMES, RONALDO Martins. **A comunidade terapêutica no Brasil**: práticas, saberes, mitos e ritos. 2022. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2022.

GÓNGORA, A.; SALAZAR, J.; BORJA, R. Del higienismo a la reducción de daños: políticas de reducción del consumo de drogas en Colombia, siglo XX y XXI. **Relatório parcial de pesquisa**. Colombia, 2019.

GRIM, Brian J.; GRIM, Melissa E. Belief, behavior, and belonging: how faith is indispensable in preventing and recovering from substance abuse. **Journal of Religion and Health**, v. 58, n. 5, p. 1713-1750, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10943-019-00876-w. Acesso em: 18 de jun. de 2024.

HAYATBAKHSH, M. R. et al. Early childhood predictors of early substance use and substance use disorders: Prospective study. **Australian and New Zealand Journal of Psychiatry, v. 42**, p. 720-731, 2008.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade racial no Brasil**: a evolução das condições de vida na década de 90. Texto para discussão n° 807, 49p, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1516-731320210066 >. Acesso em: 10 de fev de 2022.

IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Resultados gerais da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2009.

IBGE. **Tabela 1286 - População e Distribuição da população nos Censos Demográficos.** 2023. Disponível em: https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1286. Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2009**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>. Acesso em: 01 de janeiro de 2022.

_____. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=downloads>. Acesso em: 01 de janeiro de 2023.

_____. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: < https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html?=&t=downloads>. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Perfil das Comunidades Terapêuticas Brasileiras**: Nota Técnica. Diest - Diretoria de Estudos e Políticas do Estado, das Instituições e da Democracia, No 21, Março de 2017. Coordenação Geral e do Survey: Maria Paula Gomes dos Santos. Coordenação da Pesquisa Qualitativa: Ronaldo Rômulo Machado de Almeida e Taniele Rui. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <

https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/nota_tecnica/20170418_nt21.pdf >. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

IPEA. **Perfil das Comunidades Terapêuticas no Brasil**. Disponível em: < https://www.ipea.gov.br/sites/en-GB/comunidades-terapeuticas >. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

KERR-CORRÊA, F.; ANDRADE, A. G.; BASSIT, A. Z.; BOCCUTO, N. M. V. F. Uso de álcool e drogas por estudantes de medicina da UNESP. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 21, n. 2, p. 95-100, 1999.

KOENIG HG. **Faith & mental health: Religious resources for healing**. West Conshohocken: Templeton Foundation Press; 2005.

KRÜGER, Rolf Roberto. **A diaconia como serviço-mediação e a vida em seu autocuidado: a pessoa dependente de substâncias psicoativas e seu acolhimento em comunidades terapêuticas.** 2015. Tese (Doutorado). – Programa de Pós-Graduação em Teologia. Faculdades EST. São Leopoldo, 2015.

LAHIRE, Bernard**. Sucesso escolar nos meios populares**: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997.

_____. **Homem plural**: os determinantes da ação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

_____. Reprodução ou prolongamentos críticos. **Educação e Sociedade**, ano: XXIII, nº 78, Abril/2002b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a04v2378.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2018.

_____. **Retratos sociológicos**: disposições e variações individuais. Porto alegre: Artmed, 2004.

_____. Patrimónios individuais de disposições: para uma sociologia a escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 11-42, 2005. Disponível em: < http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/49/517.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2018.

_____. **A cultura dos indivíduos**. Porto alegre: Artmed, 2006.

_____. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, Lilia (org.). **Culturas e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

_____. O campo, o mundo e o jogo: o universo literário em questão. In: JUNQUEIRA, Lilia (org.). **Culturas e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.

_____. **Entrevista com Bernard Lahire**. Áskesis, São Carlos, SP, v. 1, n. 1, p. 200-210 jan/jul – 2012. Disponível em: <https://revistaaskesis.files.wordpress.com/2012/04/ revista-askesis-entrevista01_200-210.pdf> Acesso em 20 de agosto de 2018.

_____. **O singular plural**. Cadernos do Sociofilo. Quarto Caderno, IESP/UERJ, 2013. Disponível em: <http://sociofilo.iesp.uerj.br/wp-content/uploads/2013/12/2_Lahire.pdf>. Acesso em 20 de agosto de 2018.

LANGE, J. E. et al. College binge drinking: what is it? who does it? **Alcoholism: Clinical and Experimental Research**, v. 26, n. 5, p. 723-730, 2002.

LATOUR, Bruno. On interobjectivity. **Mind, Culture, and Activity**, v.3, n.4, 1996, 228–245.

LEVIN, J.S.; VANDERPOOL, H.Y. Is frequent religious attendance really conductive to better health? Toward an epidemiology of religion. **Social Science Medicine** v.24: p.589-600, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LOECK. Jardel Fischer. **A dependência Química e seus cuidados**: antropologia de políticas públicas e de experiências de indivíduos em situação terapêutica na cidade de Porto Alegre, RS. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em antropologia social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2014.

LOTUFO NETO, Francisco; LOTUFO JR, Zenon; MARTINS, José Cássio. **Influências da religião sobre a saúde mental**. Santo André: ESETec, 2009.

LUNA, Florência. Consentimento livre e esclarecido: ainda uma ferramenta útil na ética em pesquisa. **RECIIS Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde** (2008). Disponível em: < https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/866 >. Acesso em: 09 de outubro de 2020.

MAINARDES, Jefferson Pesquisa etnográfica: elementos essenciais. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres (Org.). **Pesquisa social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa - PR: Toda Palavra, 2009.

MAINARDES, Jefferson. Origens e conceituação. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres (Org.). **Pesquisa social**: reflexões teóricas e metodológicas. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

MILBY. J. B. **A dependência de drogas e seu tratamento**. Trad. Silvio M. Carvalho. São Paulo, Pioneira EDUSP, 1988.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coordenação Nacional de Saúde Mental. **Consultórios de Rua do SUS**: Material de trabalho para a II Oficina Nacional de Consultórios de Rua do SUS. Ministério da Saúde/EPJN-FIOCRUZ : Brasília, setembro 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde mental**. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental#:~:text=De%20acordo%20com%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o,e%20contribuir%20com%20a%20comunidade.. Acesso em: 18 de junho de 2024.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. **Carta de Brasília em defesa da razão e da vida.** 2013. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Carta-de-Brasilia-em-Defesa-da-Raza%CC%83o-e-da-Vida.pdf . Acesso em: 05 de janeiro de 2023.

MUSTO, C. **Panorama de los tratamientos para usuarios problematicos de drogas en Uruguay**. Relatório parcial de pesquisa. Uruguay, 2019.

NARCÓTICOS ANÔNIMOS. **Livreto do grupo**: revisado. 2009. Disponível em: < https://na.org/admin/include/spaw2/uploads/pdf/ips/br/BR1600.pdf >. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

NOGUEIRA, Claudio Marques Martins. **Bernard Lahire**: contribuições e limites de uma sociologia em escala individual. In: VERAN, Jean-François; VANDENBERGHE, Frederic (Orgs). **Além do habitus**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco:** estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

NUNES, T.R. et al. O abuso de cocaína na gravidez. **Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba Sorocaba, v. 16, n. 4**, p. 199-202, març., 2014.

OLIVEIRA, Sheila Borges de. **O repórter amador**: uma análise das disposições sociais motivadoras das práticas jornalísticas do cidadão comum. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde**. São Paulo, SP: Edusp, 1994.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Glosário de térmimos de alcohol y drogas**. 1994. Disponível em: <http://www.who.int/substance_abuse/terminology/lexiconalcohol_drugs spanish.pdf > Acesso em: 25 mar. 2022.

OSPINA-ESCOBAR, A. **Arreglos institucionales para la atención al uso problemático de drogas en México**. Relatório parcial de pesquisa. México, 2019.

PACHECO, Alice Leonardi; SCISLESKI, Andrea. Vivências em uma comunidade terapêutica. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 165-173, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2013000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 fev. 2023.

PASSOS, Rachel Gouveia. Comunidades terapêuticas e a (re)manicomialização na cidade do Rio de Janeiro. **Argum**., Vitória, v. 12, n. 2, p. 125-140, maio/ago. 2020.

PERRONE, Pablo, Andrés Kurlander. **A comunidade terapêutica para recuperação da dependência do álcool e outras drogas no Brasil**: mão ou contramão da reforma psiquiátrica? (2014) Disponível em: < https://www.scielosp.org/article/csc/2014.v19n2/569-580/# >. Acesso em: 07 de outubro de 2020.

PETERS, Gabriel. **Bourdieu em pílulas (4)**: algumas propriedades do habitus. 2006. Disponível em: < https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/03/Bourdieu-em-p%C3%ADlulas-4-Peters.pdf >. Acesso em: 22 de outubro de 2020.

_____. **Giddens em pílulas**: o legado das abordagens interpretativas. Disponível em: < https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2016/12/giddens-em-pc3adlulas-2-gabriel-peters.pdf >. Acesso em: 14 de outubro de 2020.

_____. Pierre Bourdieu. In: LUÇAN, S.; TELLES, S.S. (Orgs.). **Os sociólogos**. Petrópolis: Vozes, 2018

PIRES, R. R. C.; SANTOS, M. P. G. dos; ROSA, L. L. Tendências e desafios das políticas de cuidado a usuários de drogas na América Latina. In: PIRES, R.; SANTOS, M. P. (Org.). **Alternativas de cuidado a usuários de drogas na América Latina**: desafios e possibilidades de ação pública. Brasília: Ipea, 2021.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

PRADE, H. G. Análise contrastiva: a derivação sufixal na língua portuguesa e sua tradução para o inglês e o alemão. **Revista do Programa de PósGraduação em Letras**: Universidade Federal de Santa Maria, n. 2, 2013, p. 84-95.

PROCHASKA, J. O. Decision Making in the Transtheoretical Model of Behavior Change. **Med Decis Making,** v. 28, p. 845-849, 2008.

Rabelo, Miriam C. M. Entre a casa e a roça: trajetórias de socialização no candomblé de habitantes de bairros populares de Salvador. **Religião & Sociedade 28, no. 1** (July 2008): 176–205. http://dx.doi.org/10.1590/s0100-85872008000100009.

RAMEH-DE-ALBUQUERQUE, Rossana Carla. **Da pessoa que recai à pessoa que se levanta**: a recursividade dos que usam crack. 2017. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal de São Paulo. Escola Paulista de Medicina. São Paulo, 2017.

REIS, Maurício Cortez; CRESPO, Anna Risi. **Race discrimination in Brazil**: an analysis of the age, period and cohort effects. Texto para discussão n° 1114 , 2005.

REN, P. M.; TANG, Z.; WU; X. et al. **The origins of cannabis smoking**: Chemical residue evidence from the first millennium disponível em: < https://www.science.org/doi/pdf/10.1126/sciadv.aaw1391 >. Acesso em: 21 de junho de 2022.

RICHARD AJ, BELL DC, CARLSON JW. Individual religiosity, moral community, and drug user treatment. ***J Sci Study Relig*** 2000.

RODRIGUES, Luciana Boiteux. **Controle penal sobre as drogas ilícitas**: o impacto do proibicionismo no sistema penal e na sociedade. Tese (Doutorado em Direito) – Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, 2006.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O Que é Pentecostalismo**. Coleção Primeiros Passos, nº 188. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

SALES, Eliane. **Aspectos da história do álcool e do alcoolismo no século**. 2010. Disponível em: < https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/viewFile/110065/21988 >. Acesso em: 25 de dezembro de 2022.

SANCHEZ, Zila Van der Meer. **As práticas religiosas atuando na recuperação de dependentes de drogas**: a experiência de grupos católicos, evangélicos e espíritas. 2006. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Psicobiologia. Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2006.

SANCHEZ; Zila van der Meer; NAPPO, Solange Aparecida. Intervenção religiosa na recuperação de dependentes de drogas**. Rev Saúde Pública**, 2008.

SANTOS, et al. Histórico de violência entre mulheres que fazem uso de crack no Estado de Pernambuco, Brasil. **Saúde debate 42** (119) Oct-Dec 2018. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/0103-1104201811906 >. Acesso em: 20 de outubro de 2023.

SANTOS, Jaquielson Ferreira da Silva**. Mulheres "artistas", entre a cruz e a disciplina**: socialização e controle de impressões no projeto Rosa de Saron (Caruaru-PE). 2015. Dissertação. (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS -. Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Campina Grande, 2015.

_____. **O "milagre da conversão"**: o processo de reabilitação de ex-drogados egressos do projeto Desafio Jovem da cidade de Caruaru-PE. 2006. Monografia. (Graduação em Licenciatura Plena em História). Núcleo de Iniciação Científica. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA-. Caruaru, 2006.

SANTOS, Maria Paula Gomes dos (Org). **Comunidades terapêuticas: temas para reflexão**. Rio de Janeiro : IPEA, 2018. Disponível em: < https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34533 >. Acesso em: 01 de fev. de 2022.

SANTOS, Maria Paula Gomes dos (Org.). **Comunidades terapêuticas e a disputa sobre modelos de atenção a usuários de drogas no Brasil Comunidades terapêuticas**. Rio de Janeiro : IPEA, 2018.

SANTOS, Maria Paula Gomes dos. (Org.). **Comunidades Terapêuticas**: temas para reflexão. Rio de Janeiro: IPEA, 2018.

SATO, Geni S. Produção de vinhos casher em São Roque, Estado de São Paulo: preservação da cultura judaica e certificação. **Informações Econômicas**, SP, v.40, n.5, maio 2010.

SATO, Takechi. Habituação e sensibilização comportamental. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 6, n. 1, p. 231-276, 1995 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771995000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 out. 2023.

SCOTT, James. **Los dominados y el arte de la resistência**: discursos ocultos. Colección Problemas de México. México: Ediciones Era, 2000.

SENA, J. R. F. de. Retratos sociológicos do maracatu de baque solto: percursos, disposições, práticas e variações culturais. **REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, [S. l.], v. 1, n. 50, p. 120–137, 2019**. DOI: 10.22478/ufpb.1517-5901.2019v1n50.43469. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/43469. Acesso em: 28 fev. 2022.

SENAD. **Comunidades terapêuticas**: histórico e regulamentações. (2018). Disponível em: < https://www.mpgo.mp.br/portal/arquivos/2018/08/09/15_25_10_992_Artigo_Comunidades_Terapeuticas_Historico_e_Regulamentos.pdf >. Acesso em: 08 de novembro de 2023.

SIEPIERSKI, Paulo, D. Contribuições para uma tipologia do pentecostalismo brasileiro. In: GUERRIERO, Silas (org.). **O estudo das religiões: desafios contemporâneos**. São Paulo, SP: Paulinas, 2003 pp.71-88.

SILVA, C.M.; COHN, A. **Comunidades Terapêuticas: proposta de tratamento para a dependência de substâncias psicoativas e os princípios da Reforma Psiquiátrica e da Política Nacional de Saúde Mental**. UNISANTA LAW AND SOCIAL SCIENCE; VOL. 7, Nº 3 (2018), pp. 3 – 21.

SILVA, E. do N. C.; BARCELOS, K. R.; DALBELLO-ARAUJO, M. COMUNIDADES TERAPÊUTICAS : RETROCESSO NA POLÍTICA DE SAÚDE MENTAL. **REVISTA DIREITOS, TRABALHO E POLÍTICA SOCIAL**, *[S. l.]*, v. 6, n. 11, p. 136–157, 2020. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/10662. Acesso em: 19 out. 2023.

SILVA, Fabiana Soares da; LEBLER, Cristiane Dall'Cortivo. O uso do diminutivo "inho" e suas possíveis significações pelo viés da Teoria dos Blocos Semânticos (TBS) e da Linguística Formal. Signo: **Revista de Linguística da Universidade de Santa Cruz do Sul**, [ISSN 0104-6578], v. 45, n. 82, 2020, p. 11.

SILVA, Nelson do Valle. Distância social e casamento inter-racial no Brasil. **Estudos AfroAsiáticos**, nº 14, p. 54-84, 1987.

SILVA, P. **Uso de drogas sob a perspectiva de gênero: uma análise das histórias de vida de jovens das camadas médias no Rio de Janeiro**. 2021. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200665 >. Acesso em: 19 de outubro de 2023.

SILVA, Robson Gerliandro da. **Retratos da fé**: uma análise da experiência de evangélicos pentecostais no curso superior de História. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande, 2018.

SMITH, L. A.; GATES, S.; FOXCROFT, D. Therapeutic communities for substance related disorder. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 1, CD005338, 25 jan. 2006. Disponível em: https://doi.org/10.1002/14651858.CD005338.pub2. PMID: 16437526. Acesso em: 18 de jun. de 2024.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito. In: MORAIS FILHO, Evaristo (Org.). Georg Simmel. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SOARES, M. K. Cem anos de regulação do consumo de drogas na América Latina: O que nos dizem as trajetórias de Argentina, Brasil, Uruguai, Colômbia e México? In R. P. Santos (Org.), **Alternativas de cuidado a usuários de drogas na América Latina: Desafios e possibilidades de ação pública.** 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.38116/978-65-5635-018-9/cap2 >. Acesso em: 18 de outubro de 2023.

STANTON, M. D.; SHADISH, W. R. Outcome, attrition, and family-couples treatment for drug abuse: A meta-analysis and review of controlled, comparative studies. **Psychological Bulletin, v. 122**, p. 170-191, 1997.

SULLIVAN R. J., HAGEN E.H. Psychotropic substance-seeking: evolutionary pathology or adaptation? **Addiction 97** 2002.

TORCATO, Carlos Eduardo Martins. **A história das drogas e sua proibição no Brasil**: da Colônia à República. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

VANDENBERGHE, Frederic. Os pos-bourdieusianos: retrato de uma familia disfuncional. In: VANDENBERGHE, Frederic. VERAN, Jean-Francois (Orgs.). **Além do habitus**: teoria social pós-bourdieusiana. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

VERAN, Jean-François; VANDENBERGHE, Frederic (Orgs). **Além do habitus**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ZUCCHI, Juliana Domingues. **Desigualdade de rendimentos entre brancos e negros nos setores público e privado**. 2006. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Economia, Araraquara, 2006.

APENDICE A - QUESTIONÁRIO PARA MEMBROS DAS EQUIPES DIRIGENTES DE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS INTERDENOMINACIONAIS

DADOS GERAIS DO RESPONDENTE E DA CT PRÉ-SELECIONADA

NOME DA CT PESQUISADA: _____
ENDEREÇO:_____
TEMPO DE FUNCIONAMENTO:_____
É UMA CT RELIGIOSA/INTERDENOMINACIONAL? SIM ( ) NÃO ( )
FILIADA A ALGUM ÓRGÃO REGULADOR? SIM ( )_____ NÃO ( )
DATA/HORA DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO:_____
NOME DO RESPONDENTE:_____
FUNÇÃO:_____

DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL, LONGEVIDADE E ASPECTOS FÍSICOS DAS CTS

Distribuição espacial:

1. A CT está localizada no Estado de Pernambuco?
a. ( ) Sim b. ( ) Não

2. A CT está localizada em qual cidade desse Estado?
_____
3. A CT está localizada na zona:
a. ( ) Urbana b. ( ) Rural
4. Tamanho: área total e área construída. A CT possui de área construída:

Tamanho:_
a. ( ) Até 1.000 m^2
b. ( ) de 1.000 a 10.000 m^2
c. ( ) de 10.001 a 50.000 m^2
d. ( ) mais de 50.000 m^2
e. ( ) NS/NR

5. Capacidade de acolhimento. Atualmente essa CT pode acolher em seus espaços quantos internos?_____
a. ( ) de 1 a 30 internos;
b. ( ) entre 31 a 70 internos;
c. ( ) entre 71 a 300 internos;
d. ( ) NS/NR

INFRAESTRUTURA DA CT

6. Padrão construtivo:

a. ( ) Alvenaria
b. ( ) Madeira
c. ( ) outros:_____
d. ( ) NS/NR

7. Abastecimento d´água:

a. ( ) Rede Geral;
b. ( ) Poço artesiano;
c. ( ) Poço ou nascente natural;
d. ( ) Rio açude ou barreiro;
e. ( ) outros:_____
d. ( ) NS/NR

8. Esgotamento sanitário:

a. ( ) Rede de esgoto;
b. ( ) Fossa séptica/ecológica
c. ( ) Fossa comum;
d. ( ) outros:_____
d. ( ) NS/NR

9. Abastecimento de energia elétrica:

a. ( ) Rede geral;
b. ( ) Gerador próprio;
c. ( ) outros:_____
d. ( ) NS/NR

10. INSTALAÇÕES:

10.1 Dormitórios e instalações básicas:

INSTALAÇÕES	HÁ NA CT		FINANCIADAS	
	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Há instalações privadas para casais e/ou familiares?				
Há quartos individuais para os internos?				
Há quartos coletivos com até 3 pessoas?				
Há quartos coletivos para 4 a 6 pessoas?				
Há quartos coletivos para mais de 6 pessoas?				

10.2 Demais instalações:

	HÁ NA CT	FINANCIADAS

INSTALAÇÕES	SIM	NÃO	SIM	NÃO
Sala de TV				
Sala multiuso				
Sala de convivência				
Biblioteca				
Espaço para oficina				
Salas de aula				
Sala de informática				
Templo ou local para orações				
Consultório para consultas de psicologia				
Consultório para consultas médicas				
Consultório odontológico				
Campo de futebol				
Academia de ginástica				
Piscina				
Quadra esportiva				

11. Em que ano essa CT foi fundada?

_____

12. Essa CT atende a pessoas do gênero:

a. ( ) masculino;
b. ( ) feminino;
c. ( ) misto.

13. Oferta de vagas para pessoas com orientações sexuais diversas:

Oferta:	SIM	NÃO
Homossexuais		
Travestis		
Transexuais ou trangenitalização		

14. Oferta de vagas por faixa etária:

Oferta:	SIM	NÃO
Menores de 18 anos		
18 anos ou mais		

15. Oferta de vagas, segundo outras características e necessidades dos acolhidos

Oferta:	SIM	NÃO

Pessoas com deficiência auditiva		
Pessoas com deficiência visual		
Pessoas cadeirantes		
Pessoas vivendo com HIV/AIDS		
Pessoas idosas		
Pessoas com transtornos mentais		
Mães que amamentam		

16. Substâncias psicoativas mais utilizadas pelos acolhidos:

_____

17. Métodos e recursos terapêuticos

Métodos e recursos	SIM	NÃO
Espiritualidade		
laborateraрia		
psicoterapia em grupo		
psicoterapia individual		
12 passos		
atividades pedagógicas		
arteterapia		
Grupo operativo		
Medicamentos		
Amor exigente		
Outros (especificar)		

18. Atividades diárias:

Atividades	SIM	NÃO
Limpeza e organização da CT		
Palestras diversas		
Atividades físicas ou desportivas		
Trabalhos de cozinha		
Leitura da Bíblia		
Orações e cultos		
Atendimento psicoterápico individual		
Atendimento psicoterápico em grupo		
Reunião de sentimentos		
Trabalhos de agricultura/pecuária		

Reunião sobre os 12 passos		
Oficinas de artesanato		
Produção de pães/doces		
Oficinas de músicas		
Qualificação profissional		
Reuniões sobre o amor exigente		
Trabalhos de construção civil		
Oficinas de literatura		
Aulas do ensino regular		
Oficinas de reciclagem		
Venda de produtos/mercadorias		
Oficinas de dança		
Outras: (especificar)		

19. O que é permitido

Atividades	SIM	NÃO
Assistir TV		
Receber visita de namorados/as		
Receber visita de amigos/as		
Usar quaisquer cortes de cabelos de sua escolha		
Usar quaisquer roupas desua escolha		
Ler livros/revistas e jornais de sua preferência		
Usar o telefone fixo de CT		
Não frequentar cultos e cerimônias religiosas		
Não frequentar os cursos oferecidos pela CT		
Fumar cigarro de tabaco		
Não realizar tarefas de laborterapia		
Guardar consigo seus próprios documentos		
Ter acesso à internet		
Usar celular próprio ou de visitantes		
Ter relações sexuais com seus/suas esposas ou companheiros/as		
Ter relações sexuais com os demais residentes		
Outras: (especicar)		

20.SANSÕES (Medidas adotadas em caso de descumprimento de regras de convivência estabelecidas).

SANSÕES	SIM	NÃO
Advertência oral		
Comunicação à família ou pessoa de referência		
Advertência por escrito		
Realização de leitura e reflexões sobre o ocorrido		
Suspensão de atividades de lazer por algum tempo		
Suspensão de passeios e saídas em grupo por algum tempo		
Suspensão de contatos telefônicos com familiares e amigos		
Aumento temporário das suas atividades de laborterapia		
Afastamento temporário dos (as) demais acolhidos (as)		
Outros (especificar)		

21. QUAIS INSTITUIÇÕES MAIS COOPERAM COM A CT? E COM QUE FREQUÊNCIA?

Instituições/grau de cooperação	Muita Intensidade	Puca Intensidade	Nunca	NS/NR
Instituição Religiosa				
Posto de Saúde				
Hospital Público				
CAPS AD				
CRAS				
Escolas e cursos				
CAPS				
CREAS				
Sistema de Justiça				
Polícia				
Outros (Especificar) = [ ]				

22. Recursos humanos: quem cuida?

NÚMERO DE VAGAS		
NÚMERO DE CTS		
TRABALHADORES	QUANTIDADE	*VÍNCULO
G Médicos/as		
Enfermeiros/as		
Psicólogos/as		
Assistentes sociais		

	Terapeutas ocupacionais		
	Fisioterapeutas		
	Professores/as		
	Educadores/as sociais		
Grupo II	Monitores/as		
	Coordenadores/as		
	Pessoal administrativo		
	Pessoal de limpeza e manutenção		
	Pessoal de cozinha		
	Sacerdotes		
Grupo III	Pessoal em atividades agrícolas e pecuárias		
	Porteiros/as		
	Seguranças		
Média de trabalhadores por CT			

23. Recursos financeiros: como as CTs financiam seu trabalho?

FONTES DE FINANCIAMENTO	SIM	NÃO
Doações de pessoas que apoiam a causa		
Contribuições voluntárias dos/as acolhidos/as ou suas famílias		
Doações de igrejas e demais instituições religiosas		
Pagamento dos acolhidos		
Recursos próprios dos dirigentes da CT		
Levantamento de fundos, através de festas, bingos ou sorteios		
Financiamento do governo municipal		
Doações de entidades privadas nacionais		
Produção e venda de produtos feitos na CT		
Financiamento do governo estadual		
Financiamento do governo federal		
Doações de entidades privadas internacionais		

.

APENDICE B - QUESTIONÁRIO DE SELEÇÃO: QUESTIONÁRIO PARA EGRESSOS DE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS INTERDENOMINACIONAIS

INFORMAÇÕES PESSOAIS

1. Nome completo do entrevistado:

2. Ano de nascimento:

3. Município / Bairro:

4. Telefone para contato:

5. Comunidade Terapêutica (CT) da qual é egresso:

6. Qual é a sua situação conjugal?

   a) Solteiro
   b) Casado
   c) Viúvo
   d) Separado
   e) Outros

7. Tem filhos? Se sim, quantos?

   a) Nenhum
   b) 1 filho
   c) 2 filhos
   d) 3 ou mais filhos

8. Ao todo, quantas pessoas moram em sua casa?

   a) Apenas 1
   b) 2 pessoas
   c) 3 pessoas
   d) 4 pessoas
   e) 5 ou mais.

9. Você é o provedor(a) principal da casa?

   a) Sim b) Não c) Não sabe d) Não respondeu

10. Qual é o tipo de moradia em que você reside?

    a) Própria b) Alugada c) Cedida d) Outras condições de moradia (especificar)

11. Desde que você saiu da CT pela última vez, já precisou mudar de endereço?

a) Sim, me mudei para outra região/bairro/cidade
b) Não, permaneci na mesma região em que habitava antes de entrar para a CT
c) Permaneci na CT exercendo algum tipo de atividade
d) Outra situação (especificar)_____
e) Não respondeu

ESCOLARIDADE

12. Estudou em escola:

a) Pública b) Particular c) Ambas d) Não sabe

13. Cursou até que nível escolar?

( ) Fundamental Incomp. ( ) Fundamental completo ( ) Médio incompleto
( ) Médio completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo.

14. Já chegou a usar algum tipo de substância ilícita (drogas) na escola?

a) Sim b) Não c) Não sabe d) Não respondeu

15. Já presenciou ou já soube de alguém usando drogas na escola?
a) Sim b) Não c) Não sabe d) Não respondeu

16. Escolaridade do pai:

( ) Fundamental Incomp. ( ) Fundamental completo ( ) Médio incompleto
( ) Médio completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo.

17. Escolaridade da mãe:
( ) Fundamental Incomp. ( ) Fundamental completo ( ) Médio incompleto
( ) Médio completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo.

TRABALHO

18. Profissão/trabalho do pai:

19. Profissão/trabalho da mãe:

20. Antes de ingressar na CT, já fez bico ou alguma atividade que gerou alguma remuneração? Se sim, em que?

21. Atualmente trabalha, faz bico ou alguma atividade que renda alguma remuneração? Se sim, em que?

USO E DEPENDÊNCIA DE SPA´S

22. Com quantos anos você começou a usar drogas?
23. Quais substâncias você usou antes de entrar para a CT (DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO]? (Listar nomes)
24. Faz uso, atualmente, de algum tipo de droga e/ou substância considerada lícita (como cigarro ou bebida)?
    a) Sim, cigarro
    b) Sim, bebida alcoólica
    c) Sim, ambos cigarro e bebida alcoólica
    d) Não, não faço uso de nenhuma droga ou substância considerada lícita.

25. Faz uso, atualmente, de algum tipo de droga e/ou substância considerada ilícita? Se sim, quais?

26. Se você desejasse utilizar algum tipo de substância ilícita que já usou um dia qual seria o grau de acesso que você teria a elas?

    a) Fácil acesso
    b) Acesso moderado
    c) Difícil acesso
    d) Não tenho acesso

27. Em algum momento, você já chegou a morar nas ruas devido ao seu quadro de problemas com o consumo de drogas?

    a) Sim b) Não

COMUNIDADE TERAPÊUTICA

28. Quantas vezes você já ingressou em alguma Comunidade Terapêutica para tratar questões relacionadas a drogas ilícitas?
29. Participou de outra comunidade terapêutica que fazia utilização de métodos e dinâmicas religiosas antes da CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO]?
30. Quantas vezes você já ingressou na CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO] para tratar questões relacionadas a drogas ilícitas?
31. Na CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO] seu acolhimento foi voluntário ou involuntário?
    a) Voluntário Involuntário

RELIGIÃO

32. Você se reconhece como adepto de alguma religião atualmente? Qual? Se sim, quanto tempo você se identifica com essa religião?
33. Você já se identificou com outras religiões antes? Se sim, qual?
34. Você frequenta alguma igreja (comunidade religiosa) atualmente? Se sim, qual?
35. Se você frequenta alguma igreja atualmente, com qual frequência você participa das reuniões?
    a) Toda semana
    b) Uma vez por mês
    c) De vez em quando
    d) Quase nunca
    e) Não frequento
    f) Não se aplica

36. Você já frequentou alguma igreja (comunidade religiosa) antes de entrar para a CT? Se sim, qual (quais)?
37. Considera que passou por algum tipo de conversão religiosa na CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO]?
38. Após sair da CT, você percebe alguma mudança em relação na forma como você vive/pratica sua religião?
    a) Nenhuma
    b) Sim, mas pouca
    c) Sim, bastante
    d) Não sabe
    e) Não se aplcia

QUESTÕES GERAIS

39. Você já foi preso/detido por algum motivo?

    a) Sim b) Não

40. Antes de ingressar na CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO], já frequentou alguma outra unidade que integra a Rede de Atenção Psicossocial, como CAPS, Centros de Convivência e Cultura, Unidades de Acolhimento (UAs) ou leitos de atenção integral em Hospitais Gerais?
    a) Sim
    b) Não

41. Depois de sua saída da CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O PARTICIPANTE É EGRESSO], já frequentou alguma outra unidade que integra a Rede de Atenção Psicossocial, como CAPS, Centros de Convivência e Cultura, Unidades de Acolhimento (UAs) ou leitos de atenção integral em Hospitais Gerais?
    a) Sim
    b) Não

APENDICE C - ROTEIROS DE ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS (RETRATOS SOCIOLÓGICOS)

GRADE FAMÍLIA

NOME DO ENTREVISTADO:_____
DATA:__/__/____.
[EXPERIÊNCIAS SOCIALIZADORAS NO ÂMBITO DA FAMÍLIA]

1. Descreva/destaque como era a sua vida durante as fases de sua infância e adolescência (se desejar fale sobre sua personalidade, gostos, sonhos, entre outros)?

2. Fale sobre a sua família. Como foi o seu envolvimento com cada um dos seus familiares (pai, mãe, irmãos [se tiver], parentes) em se ele lhe influenciou de alguma forma na vida?

3. Fale sobre a educação que você recebeu de sua família (por exemplo: normas de comportamento, valores, religião, entre outros)? Como você considera o impacto dessa educação em sua vida?

4. Fale sobre eventos/situações você considerou difíceis/desafiadores no âmbito familiar durante a sua infância e adolescência e o que você fez para superar essas situações? Se tais episódios ocorressem hoje como você reagiria a eles?

5. Em sua família eram discutidos temas sobre drogas, religião, trabalho, educação e amizades? Se sim, como você reagia a essas discussões? Se não, em quais situações você se inteirava desses temas?

6. Durante o período de sua infância e adolescência você tinha contato com pessoas as quais você considerava religiosas (como na família, na escola, entre outros)? Como era esse contato?

7. Sua experiência com drogas influenciou de alguma forma sua relação com sua família? Fale um pouco sobre isso.

8. Sobre sua família e seu tempo de internação na CT por favor responda:

a. Como você se sentia em relação ao distanciamento de sua família (pai, mãe, irmãos, filhos [se tiver], esposo/companheiro, esposa/companheira [se tiver]?

b. Como você avalia o apoio familiar que recebeu (ou a falta dele) enquanto você estava na condição de acolhido em uma CT? Quando havia o contato sobre o que conversavam?

9. Sobre sua família e seu tempo fora da CT por favor responda:

a. Como foi a sua recepção, por parte de sua família, após você sair da CT? Como você reagiu?

b. Logo nas primeiras semanas/meses após sua saída da CT, você acredita que sua família contribuiu de alguma em sua trajetória de vida (pode citar como exemplo, ações que contribuíram ou impediram você de preservar a sua fé, sua abstinência, entre outras)? E hoje? Alguma coisa mudou?

c. Após sua saída da CT, você lembra de algum conflito (ou conflitos) que te marcou envolvendo você e algum membro de sua família? Fale um pouco sobre isso e como se sentiu.

GRADE SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA (ESCOLA / CTI)

NOME DO ENTREVISTADO:_____
DATA:__/__/____.

[PARTE I: EXPERIÊNCIAS SOCIALIZADORAS NO ÂMBITO DA ESCOLA]

1. Conte-me um pouco sobre você no Ensino Básico (por exemplo: experiências marcantes, desafios, conflitos, suas características enquanto estudante, entre outros). Você acredita que essas experiências possam ter reflexo em alguma área de sua vida? Se sim, como?

2. Fale um pouco sobre como o tema "drogas" era abordado durante a sua trajetória escolar. Você teve alguma experiência pessoal relacionada a esse assunto durante aquele período? Fale um pouco sobre isso.

3. Você se recorda de alguma experiência religiosa – ou com pessoas religiosas - na escola [por exemplo, se já houve algum tipo de culto ou cerimônia religiosa, em alguma disciplina, nos nas ações de algum professor específico, membro da escola, aluno, entre outros]. Se sim, como você reagiu?

[PARTE II: EXPERIÊNCIAS SOCIALIZADORAS NO ÂMBITO DA CT]

4. Conte como foi sua experiência chegada e permanência na CT[86] [dizer o nome da CT a qual o entrevistado é egresso]. Quais experiências marcantes daquele período você gostaria de compartilhar? Por quê?

5. O que te levou a procurar uma CT religiosa em particular? Conte como se deu esse processo de chegada.

---

86 Espera-se que o entrevistado compartilhe experiências nas seguintes áreas: adaptação; sua relação com os métodos e recursos terapêuticos adotados; a sua identificação com as atividades diárias; aprendizados; experiências marcantes, desafios; conflitos; momentos difíceis; entre outros.

6. Quando você participou da CT [DIZER NOME DA CT PESQUISADA], em algum momento você já pensou em desistir do tratamento? Se sim, por quê? Se não, a que você atribui esse fato?

7. Como você se sentia no momento de uma orientação ou correção na CT? E hoje, em uma situação semelhante de aconselhamento, orientação e/ou correção em qualquer esfera da vida, como você reage? Alguma coisa mudou? Por quê?

8. Fale como foi sua experiência religiosa no interior da CT a qual você fez parte. Alguma coisa mudou na forma como você vivenciava sua espiritualidade naquele momento em comparação aos dias de hoje? Por quê?

9. Como você se sentia no momento da sua saída da CT em relação ao seu preparo para lidar com seus problemas com drogas? Esse sentimento mudou nos dias de hoje?

10. Comente sobre as principais recomendações que lhe foram dadas no momento da sua saída e se você teve alguma dificuldade em seguir alguma.

11. Quais eram os seus maiores sonhos durante seu tempo na CT? Após sair da CT eles se concretizaram? Fale um pouco sobre isso e como você se sentiu frente a tudo isso.

GRADE TRABALHO

NOME DO ENTREVISTADO:_____
DATA:__/__/____.

1. Como foi o seu contato com o mundo do trabalho pela primeira vez (pode citar trabalho doméstico; trabalho; bico; ocupação; profissão; entre outros)? Você teve outros trabalhos após essa primeira experiência? Como você se sentia em meio a todas essas experiências?

2. Existiu algum momento que você definiria como marcante (pregação, palestra, orientação individual ou em grupo, oficina, entre outras) durante o período de seu acolhimento na CT que te ajudou para a obtenção de novos conhecimentos para o campo do trabalho? Se sim, fale um pouco sobre essas experiências e como você se sentia com elas?

3. Quais atividades de laborterapia você desempenhou na CT? Como você se sentia ao praticá-las?

4. Quais foram os desafios que você enfrentou para conseguir se estabelecer profissionalmente após o processo de reabilitação na CT? Como você se sentiu [ou se sente] frente a esses desafios?

5. Em algum dos trabalhos/profissões que você desempenhou/desempenha após sair da CT (por exemplo, ao desempenhar algum tipo de trabalho doméstico; bico; ocupação; profissão; entre outros) em algum momento você enfrentou algum problema por causa de:

   a. o uso/dependência de drogas? (como você reagiu?)
   b. desejo ou ansiedade para consumir algum tipo de droga? (como você reagiu?)
   b. Sua religião ou a ausência dela? (como você reagiu?)
   c. A ausência de alguma competência relacionada a função?

6. Você acredita que a sua identificação com determinados valores ou crenças religiosas influenciou de alguma forma com a relação com o trabalho que desempenha? Se sim, como?

7. Na CT, você lembra de ter assistido alguma pregação, palestra, orientação individual ou em grupo, oficina, entre outras, que tratou sobre como administrar o próprio dinheiro? Se sim, descreva essa experiência e se você achou significante para o atual momento de suas vida.

8. Desde que você saiu da CT você já passou alguma dificuldade financeira? Se sim, o que você fez para superá-la?

9. Se trabalha atualmente (por exemplo, em alguma atividade que possa se caracterizar como trabalho doméstico; bico; ocupação; exercício profissional; entre outros), em seu trabalho você se considera:

   a. Uma pessoa que chegava cedo ao trabalho ou é do tipo atrasado? a que você atribui essa postura;
   b. Uma pessoa organizada ou desorganizada? A que você atribui essa postura?
   c. Uma pessoa tímida ou espontânea (extrovertida)? A que você atribui essa postura?
   e. Uma pessoa inclinada mais para liderança ou para ser submisso? A que você atribui essa postura?
   f. Uma pessoa concentrada ou dispersa? A que você atribui essa condição?

10. Como você reage quando alguém busca te corrigir em alguma atividade que você desempenha? Sempre você reagiu dessa forma?

11. Quais seus principais medos/receios que você possui atualmente relacionados ao campo do trabalho? Como você se sente em relação a eles?

12. Que atividades de trabalho você gostaria de desempenhar (se pudesse)? Você sempre desejou assim? Por quê?

GRADE LAZER E CULTURA

NOME DO ENTREVISTADO:_____
DATA:__/__/____.

1. Conte como você se sentia nos momentos de lazer que você tinha durante o período de sua infância e adolescência? Quais momentos ou experiências você identificaria como marcantes (positivamente ou negativamente) que você poderia descrever?

2. E hoje? Quais atividades de lazer você desenvolve? Houve alguma que você começou ou deixou de praticar após sua experiência na CT? Se sim, qual/quais?

3. Na CT quais eram os tipos mais comuns de lazer que você praticava[87]? Como era sua participação neles? Você se sentia bem? Comente um pouco sobre isso?

4. Cantar músicas e louvores, leitura bíblica, ouvir pregações (na TV, rádio, internet, entre outras) são práticas consideradas comuns em CT's consideradas religiosas. Essas práticas fazem parte de sua vida hoje? Fale um pouco sobre isso[88].

5. Existe alguma atividade que você desempenha que te fornece hoje lições ou novos ensinamentos para você lidar com o desejo de consumo das drogas? Se sim, fale um pouco sobre ela.

6. Que tipo de música você gosta de ouvir hoje? Como você se sente ao ouvir essas músicas? Seu gosto sempre foi assim? Em algum momento você percebeu que houve alguma mudança nesse gosto[89]? Como?

7. Existe alguma música, livro, filme ou qualquer outra coisa a qual você acredita que reflete ou te faz refletir sobre algum aspecto importante/impactante de sua vida? Se sim, qual? Por quê?

8. Você costuma assistir vídeos em celulares/computadores ou outros recursos? Se sim, quais conteúdos você se percebe hoje acessando mais? Você considera que esses gostos e preferências sempre foram assim? Fale um pouco sobre isso.

9. Você acredita que a religião te priva de algum tipo de lazer os quais você estava acostumado e se sentia satisfeito? Se sim, como você lida com isso?

GRADE SOCIABILIDADE

NOME DO ENTREVISTADO:_____
DATA:__/__/____.

---

87 A depender da resposta pode-se explorar algum lazer do qual o entrevistado na condição de acolhido sentia falta e explorar esse sentimento de ausência.

88 Em caso de afirmativo explorar do entrevistado a frequência em que tais atividades ocorrem [e se houve aumento ou diminuição com o passar dos anos]; a intenção; a forma como elas são planejadas e se encaixam nas rotinas do dia a dia; entre outros.

89 Pode-se, nesse momento, enfatizar o sentimento do entrevistado em relação às músicas cantadas na CT e se esses gostos se perpetuaram para as vivências além dos limites dessas comunidades.

1. Descreva detalhadamente as características do bairro que você morava antes de adentar a comunidade terapêutica [NOME DA CT A QUAL O ENTREVISTADO É EGRESSO] destacando os espaços que você mais frequentava, menos frequentava e não frequentava/evitava. Após fazer a descrição por favor reflita:

    a. Após passar pela CT [NOME DA CT A QUAL O ENTREVISTADO É EGRESSO], como você se sente ao retornar para esses espaços? Existe hoje espaços que você frequenta mais que outros (ou mesmo que você evita)? Fale um pouco sobre isso.
    b. Quem eram as pessoas que você se relacionava naqueles espaços antes de entrar na CT que você lembraria com maior destaque? Você acha que mudou alguma coisa na forma como você se relacionar com essas pessoas após sua saída da CT? Por quê?
    c. Após sair da CT, há algum lugar que você tenta não demonstrar sua fé abertamente? Por quê?

2. Quando você chegou à sua antiga comunidade de origem (bairro) como foi a sua acolhida? Como você se sentiu naquele momento?

3. Como você se sente(sentiu) tendo saído de uma CT professando uma fé evangélica, em viver /retornar para o(s) lugar(lugares) o(s) qual(quais) você se tornou usuário/dependente de algum tipo de droga?[90]

4. Desde a sua saída da CT [DIZER O NOME DA CT A QUAL O ENTREVISTADO É EGRESSO] quem foram/são as pessoas as quais você mais passa seu tempo? O que você pode dizer sobre elas e a forma de como vocês se relacionam?

5. Antes de entrar na CT, quais eram as qualidades/características que uma pessoa precisaria ter para você a considerar seu(sua) amigo(a)? E hoje, após sair da CT, alguma coisa mudou? Fale um pouco sobre isso.

6. Em sua opinião, quais as maiores dificuldades que um egresso de CT encontra no momento em que sai da CT? Como foi o seu caso?
7. Após sair da CT você identifica alguma mudança nas formas como você se relaciona com sua: família, amizades, corpo (o que come; bebe; uso ou não de drogas; modos de vestir; lazer; entre outros)? Fale um pouco sobre isso.

8. Logo após sua saída da CT você já procurou rapidamente uma igreja para frequentar ou passou um tempo sem ir para uma[91]? Para você, qual o grau de importância em participar de uma igreja para alguém que saiu de uma CT[92]?

---

90 Nessa questão o entrevistado pode ser direcionado a comentar sua relação com: **a) antigos amigos; b) familiares; c) pessoas as quais você obtinha drogas; d) pessoas as quais você se envolveu em algum tipo de conflito por conta do uso/dependência de algum tipo de droga.**

91 Nessa questão o entrevistado pode ser indagado se frequentou mais de uma igreja antes da atual.

92 Nessa questão o entrevistado pode ser conduzido a refletir sobre os pontos que marcaram positivamente e negativamente naquele espaço de sociabilidade.

9. Se chegou a participar ou frequentar uma igreja, os membros da sua igreja sabiam que você teve problemas com drogas e que você veio de uma CT? Como se dá o seu relacionamento com eles e como você age nessas situações?

10. Na sua igreja, você tem conhecimento de mais alguém (além de você) que teve problemas devido ao uso e/ou dependência de algum tipo de droga? Se sim como se dá (deu) o relacionamento entre vocês?

11. Como é (foi) o seu relacionamento com os líderes (pastores, obreiros, missionários) da igreja que você passou a fazer parte após sua saída da CT? Você acha que eles realmente entendem sua condição de ex-acolhido? Como você lida (lidou) com essa situação?

12. Se sua fé de repente fosse abalada por uma recaída (perda da abstinência), você levaria essa situação à sua família, pastor ou líder da CT? Por quê?

GRADE RELIGIÃO E CORPO

NOME DO ENTREVISTADO:_____
DATA:__/__/____.

1. Você acredita que é possível manter a fé mesmo voltando a fazer uso de substâncias que te levaram para a CT? Por quê?

2. Além da religião, que qualidades ou práticas você costuma ter que te fazem/fizeram lidar melhor com a questão das drogas?

3. Você já sentiu vontade de abandonar a igreja(pessoas)/fé(religião) durante o primeiro ano desde que você retornou da CT? Fale um pouco dos motivos que te fizeram abandonar ou permanecer nela.

4. Você acredita que houve alguma mudança na forma como você vive sua fé antes e depois de sua experiência passagem pela CT?

5. Como você descreve [nome da pessoa] na CT e [nome da pessoa] fora da CT?

6. O que você acha de ex-acolhidos de CT's que fumam, bebem ou mesmo fazem uso de algum tipo de substância ilícita mesmo sendo eles convertidos a alguma religião evangélica? Você sempre pensou assim?

7. Em que momentos da sua vida você sentiu que precisava usar drogas e por quê? Explique como se deu o seu processo de aproximação com essas substâncias?

8. Após sair da CT, você chegou a utilizar ou pensar em utilizar algum tipo de droga lícita ou ilícita?
    a. Se sim, o que provocou essa situação?
    b. Se sim, em que medida você acredita que isso abalou/influenciou a proposta da CT em sua vida e a sua própria fé?
    c. Se sim, em que medida isso abalou/influenciou as formas que você convivia com outras pessoas (pai, mãe, filhos, irmãos da igreja; vizinhos)?
    d. Se não, a que você atribui a inexistência dessa experiência?

9. Você já fez algum tipo de tatuagem no corpo antes de entrar para a CT?
    a. Se sim, o que te motivou a isso? Elas tem (tinham) para você algum significado?
    b. Se sim, você se sente bem com elas hoje após ter saído da CT? Por quê?
    c. Você fez ou faria alguma tatuagem após sair da CT? Por quê?

10. Sobre o seu gosto para roupas antes de entrar para a CT:
    a. Quais tipos de roupas você utilizava quando chegou na CT? De lá para cá, existiu algum momento você sentiu que seu gosto para roupas estava mudando[93]? Se sim, a que você atribuiria essa concepção de mudança de gosto?

    b. Existiu alguma ocasião em que você foi criticado(a) por utilizar determinado tipo de roupa dentro ou fora da CT[94]? Se sim, como você reagiu a essa situação?

    c. Você acredita que o tipo de roupa que você utiliza hoje condiz com o que se espera de um cristão? O que você pensa sobre isso?

11. Como você reage a esse versículo bíblico: “O corpo é a morada do Espírito Santo” (1 Coríntios 6:19)? Você já ouviu esse versículo? Se sim informe em quais situações e o quanto você concorda com ele.

12. Você percebe algo diferente em seu corpo antes e depois de você passar pela CT? Se sim, de que maneira?

---

93 Pode-se explorar junto com o entrevistado se ele se recorda de ter assistido alguma palestra, pregação, orientação coletiva e/ou pessoal sobre essa questão que o influenciou a uma possível mudança de gostos.

94 Pode-se explorar junto ao entrevistado se ele foi criticado ou se sentiu desconfortável em usar determinados tipos de roupas em ambientes policiais, religiosos, familiares, em rodas de amigos, entre outros.

APENDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO [MODELO ASSINADO PELOS VOLUTNÁRIOS DA PESQUISA]

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(PARA MAIORES DE 18 ANOS OU EMANCIPADOS)

Convidamos o (a) Sr. (a) para participar como voluntário (a) da pesquisa "Retratos de uma nova vida (!?): análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas", que está sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Jaquielson Ferreira da Silva Santos, residente e domiciliado na rua Presidente Dutra, 78, Bairro Pinheirópolis Caruaru-Pernambuco; CEP- 55034-010; Telefone: (81) 9.9147-6216; E-mail: jaquielson.ferreira@ufpe.br (telefone disponível inclusive para ligações a cobrar).

Todas as suas dúvidas podem ser esclarecidas com o responsável por esta pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e você concorde com a realização do estudo, pedimos que **rubrique as folhas e assine ao final deste documento,** que está em duas vias. Uma via lhe será entregue e a outra ficará com o pesquisador responsável.

O (a) senhor (a) estará livre para decidir participar ou recusar-se. Caso não aceite participar, não haverá nenhum problema, desistir é um direito seu, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

- **DESCRIÇÃO DA PESQUISA E ESCLARECIMENTO DA PARTICIPAÇÃO:**

Essa pesquisa está sendo desenvolvida como uma forma de dar uma maior visibilidade aos aspectos da vida de pessoas que enfrentaram/enfrentam problemas devido ao uso de algum tipo de droga considerada ilícita e que, ao longo de suas trajetórias, se submeteram voluntariamente ao acolhimento e a terapia em alguma comunidade terapêutica de natureza religiosa nos limites do Estado de Pernambuco. Portanto, investigar os possíveis impactos da religião e das dinâmicas concebidas no interior dessas comunidades sobre a vida de seus agora "ex-internos" favorecerá a compreensão de como essas comunidades podem influenciar nas diversas formas de pensar e de agir (individualmente e em grupo) das pessoas selecionadas para essa pesquisa. Como procedimento de coleta de dados, serão realizadas no mínimo 3 entrevistas com cada voluntário selecionado, todas de forma individual. Estima-se que cada uma delas ocorra dentre o tempo de 1 hora a 1 hora e 30 minutos. Cada entrevista contará com questões que abordarão diferentes áreas da trajetória de vida dos voluntários

selecionados para essa pesquisa – áreas como educação, família, religião, possíveis relações com drogas consideradas lícitas e ilícitas, entre outras -. A depender de como esteja a questão de contágio por Covid-19 no Estado de Pernambuco, ou mesmo da localização do voluntário no mesmo Estado, as entrevistas poderão ocorrer presencialmente, com a ida do pesquisador principal a um local em comum acordo para ambos, ou mesmo poderá ser realizada de forma virtual (chamada de voz ou vídeo) ou chamada telefônica em dias e horários previamente agendados. Caso o voluntário selecionado não possua meios ou recursos tecnológicos para essa segunda opção de entrevista, o pesquisador poderá fornecer meios e condições tecnológicas de acesso até o findar da fase de coleta de dados.

- **RISCOS:**

É facultada a participação dos selecionados a essa pesquisa. Também é de responsabilidade do pesquisador deixar claro aos participantes selecionados os potenciais riscos àqueles que se voluntariamente se submeterão a essa pesquisa bem como deixar claras as principais medidas para minimizá-los.

Dessa forma, ao levar em consideração a natureza e os objetivos dessa pesquisa, bem como as características dos voluntários selecionados, apresentam-se como potenciais riscos ou danos possíveis:

- Invasão de privacidade;
- Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, entre outros;
- Revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados;
- Desconfortos fisiológicos como sudorese, tremedeiras, entre outros;
- Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado;
- Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE);
- Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista;

Como medidas e providências cautelares para a redução de riscos e danos o pesquisador se compromete:

- Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos para o(a) voluntário(a) selecionado(a);
- Buscar minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras.
- Garantir que o pesquisador tenha domínio acerca dos limites e possibilidades do método de coleta dos dados;
- Durante a entrevista e/ou acompanhamento o pesquisador ficará atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto podendo até mesmo esse suspender a entrevista momentaneamente e/ou definitivamente caso julgue ser essa uma situação nociva e/ou prejudicial para o voluntário.
- O pesquisador deverá assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em

prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.

- Garantir ao entrevistado a liberdade de abandonar a pesquisa e revogar os direitos de uso dos dados enquanto a pesquisa estiver na fase de coleta de dados.
- Substituição de procedimentos; reavaliação do local da entrevista caso necessário;
- O pesquisador analisará os dados sempre sob a supervisão técnica de uma orientadora diretamente vinculada ao PPGS da UFPE;

➢ BENEFÍCIOS

A participação voluntária dos selecionados para essa pesquisa pode trazer os seguintes ganhos para a sociedade, tais como:

- Contribuir para uma maior compreensão acerca de aspectos das condições de retorno de egressos de comunidades terapêuticas no contexto social mais amplo.

- A divulgação dos resultados da pesquisa poderá dar maiores condições para que as comunidades terapêuticas reflitam sobre os procedimentos adotados no acompanhamento tanto de seus internos quanto para seus egressos;

- Essa pesquisa pode contribuir potencialmente para uma maior visibilidade das comunidades terapêuticas no campo das políticas públicas, enriquecendo assim as discussões e debates que podem levar a adoção de novas normativas e leis para esse campo.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações desta pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa ficarão armazenados em computador pessoal, HD externo e CD Rom, sob a responsabilidade do pesquisador Jaquielson Ferreira da Silva Santos, no seguinte endereço: rua presidente Dutra, nº 78, bairro Pinheirópolis, Caruaru-Pernambuco; CEP- 55034-010. Essa informações ficarão armazenadas por um período mínimo de 5 anos após o término da pesquisa.

Nada lhe será pago e nem será cobrado para participar desta pesquisa, pois a aceitação é voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, conforme decisão judicial ou extra-judicial. Se houver necessidade, as despesas para a sua participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento de transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o (a) senhor (a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no

endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

_____
(assinatura do pesquisador)

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO VOLUNTÁRIO (A)

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, após a leitura (ou a escuta da leitura) deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar e ter esclarecido as minhas dúvidas com o pesquisador responsável, concordo em participar do estudo"Retratos de uma nova vida (!?): análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas", como voluntário (a). Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) pelo(a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios minha participação. Foi-me garantido que posso retirar o meu consentime momento, sem que isto leve a qualquer penalidade (ou interrupção de meu ac assistência/tratamento).

Impressão digital (opcional)

Local e data _____
Assinatura do participante: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do voluntário em participar. (02 testemunhas não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura:

APENDICE E - MODELO DA CARTA DE ANUÊNCIA ASSINADO PELOS DIRETORES DAS CTI'S DOS EGRESSOS INVESTIGADOS

CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos (o) a pesquisador (a) Jaquielson Ferreira da Silva Santos, a desenvolver o seu projeto de pesquisa "RETRATOS DE UMA NOVA VIDA (!?): ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE REINSERÇÃO SOCIAL DE EGRESSOS DE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS", que está sob a coordenação/orientação do (a) Prof. (a) Eliane Maria Monteiro da Fonte cujo objetivo é buscar compreender como ocorrem os processos de (re)organização e readaptação dos egressos de comunidades terapêuticas uma vez esses estando em contato com seus antigos espaços de vida, bem como essa readaptação implica nas ações desses indivíduos nesse novo contexto; ocorrendo essa pesquisa tanto no interior de nossa comunidade terapêutica como nos contextos aonde os nossos egressos estão inseridos.

Esta autorização está condicionada ao cumprimento do (a) pesquisador (a) aos requisitos das Resoluções do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares, comprometendo-se utilizar os dados pessoais dos participantes da pesquisa, exclusivamente para os fins científicos, mantendo o sigilo e garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Caruaru-Pernambuco, em _____/ _____/ _____.

_____

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada

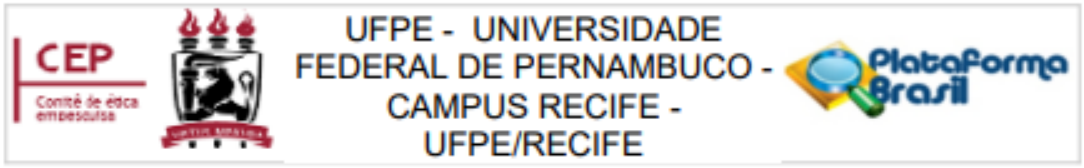
ANEXO A - QUADRO 1: SEMELHANÇAS METODOLÓGICAS E CONCEITUAIS ENTRE O MODELO DA REFORMA PSIQUIÁTRICA E O MOVIMENTO DE LUTA ANTIMANICOMIAL COM O DAS COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

Conceitos básicos	**Reforma Psiquiátrica e Movimento de Luta Antimanicomial**	**Comunidade Terapêutica**
Rede de serviços	CAPS, residências terapêuticas, hospital-dia, NASF, consultórios de rua, etc.	Atividades extramuros com foco na ressocialização, grupos de apoio, hospital-dia (modelo ambulatorial).
Desinstitucionalização	Eliminar as consequências da vida institucional, como: violência, miséria, isolamento, falta de dignidade, injustiça e ampliação da enfermidade institucional[14].	Postura anti-antiterapêutica[25]. Solucionar agentes antiterapêuticos, patógenos, tais como a privação sensorial e social, próprios das instituições totais em geral, e do asilo clássico em particular.
Superação do paradigma da clínica	"Tratar o doente, e não a doença"[1], num ambiente social, e não apenas no consultório.	"Não é a droga, mas a pessoa inteira, o problema a ser tratado"[10]. O ambiente de tratamento é a CT, um ambiente social.
Ampliação do conceito de saúde/ Melhora na qualidade de vida	Melhora nas condições gerais de vida, não somente na remoção dos sintomas[17].	A recuperação envolve "re-habilitação", o que seria restabelecer o funcionamento das habilidades e valores saudáveis, assim como resgatar a saúde física e emocional. Em outras palavras, retomar um estilo de vida saudável[21].
Modelo psicossocial	Os engajamentos subjetivo e sociocultural são indissociáveis da definição de saúde mental[17].	Considerar as relações interpessoais como o principal agente de modificações de comportamento no dependente[10].
Horizontalização das relações	Mudança nas relações paciente-paciente e paciente-equipe de saúde, com maior participação de todas as partes.	A ideia primeva da CT seria o ambiente democrático, de mobilidade social, no qual a autoridade seria uma prerrogativa do grupo como um todo, e não de um ou alguns membros do mesmo[5].
Controle social compartido	O paciente e os familiares teriam prerrogativas semelhantes e equivalentes às da equipe de saúde para poder gerir cada fase do tratamento.	Todos os membros podem fazer-se responsáveis pelo grupo e pela instituição, independentemente das suas características pessoais[5].
Reapropriação da identidade	O que está em jogo é a reapropriação do sujeito; do sentido e da motivação humana; reapropriação da capacidade de forjar sua própria identidade[6].	O que deve ser tratado é a pessoa como ser social e psicológico, ou seja, deve ser tratado o modo como o dependente se comporta, pensa, sente, administra suas emoções e frustrações, suas culpas e tristezas, a sua comunicação com o mundo externo e o interno[10].
Singularização	Tratar o doente mental de acordo com as suas características e necessidades pessoais, fugindo da lógica asilar capitalista de massificação[1].	"É ao se esforçar para satisfazer as expectativas de participação da comunidade que os residentes perseguem suas metas individuais de socialização e crescimento psicológico"[10].

Ressocialização	Retorno do doente mental à sociedade e à família, de acordo com as reais possibilidades de cada caso, buscando desenvolver diversos dispositivos externos que se adaptem a cada necessidade.	Um dos principais avanços das CT contemporâneas, para De Leon[10], é "a passagem [...] de uma comunidade alternativa para dependentes químicos excluídos que presumivelmente não tinham condições de viver em sociedade a uma instituição de serviços de atenção [...] que prepara os indivíduos para a reintegração à sociedade mais ampla".
Participação dos familiares	Participação ativa na fundação do movimento, assim como na gestão das políticas públicas.	Participação fundamental da família no tratamento e na gestão do mesmo através de acompanhamento individual ou de participação em diversos Grupos de Apoio.
Desospitalização	Atendimento ao doente fora do ambiente hospitalar, através dos dispositivos da rede de serviços.	Regime residencial, embora existam modelos de CT ambulatorial.
Tratamentos de curta duração	Nos casos de internação, tempo máximo de 90 dias.	Tratamentos a partir de 6 meses de duração, embora existam projetos de diminuição do tempo mínimo de tratamento.

(Fonte: PERRONE 2014, p. 575-576)

ANEXO B - DADOS GERAIS DA PESQUISA E DA APROVAÇÃO PELO COMITÊ DE ÉTICA – CEP -.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RETRATOS DE UMA NOVA VIDA (!?): ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS DE REINSERÇÃO SOCIAL DE EGRESSOS DE COMUNIDADES TERAPÊUTICAS

Pesquisador: JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 57763822.3.0000.5208

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Sociologia UFPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.394.541

Apresentação do Projeto:

RETRATOS DE UMA NOVA VIDA (!?): análise das experiências de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas. Projeto de doutorado apresentado ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, por Jaquielson Ferreira da Silva Santos, sob a orientação da Profª. Drª. Eliane Maria Monteiro da Fonte, tendo como coorientador, Prof. Dr. Breno Augusto Souto Maior Fonte.

A proposta da investigação é compreender o universo dos atores/egressos de comunidades terapêuticas tomando como base a reconstituição de suas biografias e os possíveis (re)arranjos de seus patrimônios disposicionais em suas experiências de retorno aos seus antigos contextos de sociabilidades e/ou demais espaços anteriores à internação.

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos são:

Geral: Compreender os processos de (re)organização disposicional de egressos de CTI´s em contato com seus antigos espaços de vida bem como essas tendem a (des)favorecer o projeto de reinserção social.

Específicos:

a) identificar as principais estratégias de reinserção social estruturadas pelas organizações

terapêuticas relacionando-as as trajetórias dos sujeitos investigados;
b) analisar os possíveis impactos dos diferentes contextos de origem dos egressos sobre seus patrimônios disposicionais;
c) reconhecer quais disposições do repertório dos egressos são acionadas e tendem a agir como motivadoras para a abstinência das drogas no processo de recomposição da vida;
d) identificar os mecanismos usados pelos egressos para aproximar e/ou dicotomizar os valores e condutas aceitas de ambos os contextos (CTI´s e comunidades de origem).
e) analisar os possíveis conflitos, estigmas e "violências" vivenciados pelos egressos em seus diferentes contextos de origem; f) verificar os principais meios utilizados pelos egressos para a manutenção e/ou desenvolvimento de seu patrimônio disposicional

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São apontados os seguintes riscos: Invasão de privacidade; Responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, entre outros; Revitimizar e perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados;
Desconfortos fisiológicos como sudorese, tremedeiras, entre outros; Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; Divulgação de dados confidenciais (registrados no TCLE); Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista

Como medidas e providências cautelares para a redução de riscos e danos o pesquisador se compromete:
Garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos para o(a) voluntário(a) selecionado(a);
Buscar minimizar desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder questões constrangedoras.
Garantir que o pesquisador tenha domínio acerca dos limites e possibilidades do método de coleta dos dados;
Durante a entrevista e/ou acompanhamento o pesquisador ficará atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto podendo até mesmo esse suspender a entrevista momentaneamente e/ou definitivamente caso julgue ser essa uma situação nociva e/ou prejudicial para o voluntário.
O pesquisador deverá assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou

das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.
Garantir ao entrevistado a liberdade de abandonar a pesquisa e revogar os direitos de uso dos dados enquanto a pesquisa estiver na fase de coleta de dados.
Substituição de procedimentos; reavaliação do local da entrevista caso necessário;
O pesquisador analisará os dados sempre sob a supervisão técnica de uma orientadora diretamente vinculada ao PPGS da UFPE.

Os benefícios indicados, são:
Contribuir para uma maior compreensão acerca de aspectos das condições de retorno de egressos de comunidades terapêuticas no contexto social mais amplo.
A divulgação dos resultados da pesquisa poderá dar maiores condições para que as comunidades terapêuticas reflitam sobre os procedimentos adotados no acompanhamento tanto de seus internos quanto para seus egressos;
Essa pesquisa pode contribuir potencialmente para uma maior visibilidade das comunidades terapêuticas no campo das políticas públicas, enriquecendo assim as discussões e debates que podem levar a adoção de novas normativas e leis para esse campo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A questão de reinserção social de egressos de comunidades terapêuticas é de fundamental importância. Conforme afirma o projeto: "partindo do pressuposto de tomar as comunidades terapêuticas como espaços de socializações que tendem a favorecer atuações singulares de seus participantes; compreendendo os egressos enquanto "atores plurais", portadores de esquemas disposicionais adquiridos e reorganizados de forma singular a partir de cada interação; bem como reconhecendo as pluralidades dos espaços que se inserem no momento de pós internação e de seus sujeitos". Assim, é mister, em respeito à diversidade e pluralidade dos sujeitos, entender e acompanhar como esses são reinseridos no meio social ao qual se vinculam.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:
a) PB de informações básicas devidamente preenchido
b) Folha de Rosto
c) Currículo Lattes da orientadora
d) Currículo Lattes do coorientador
e) Currículo Lattes do pesquisador

f) Duas cartas de anuência de centros de recuperação onde deve se realizar a pesquisa,
g) Termo de confidencialidade
h) Declaração de matrícula no programa de pós-graduação
i) Projeto de Pesquisa
j) TCLE adequadamente formulado

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O Projeto atende de maneira suficiente e necessária todos os requisitos éticos para a realização da pesquisa. Sendo assim, o parecer é favorável à aprovação. Protocolo Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Protocolo foi avaliado na reunião do CEP e está APROVADO, com autorização para iniciar a coleta de dados. Conforme as instruções do Sistema CEP/CONEP, ao término desta pesquisa, o pesquisador tem o dever e a responsabilidade de garantir uma devolutiva acessível e compreensível acerca dos resultados encontrados por meio da coleta de dados a todos os voluntários que participaram deste estudo, uma vez que esses indivíduos têm o direito de tomar conhecimento sobre a aplicabilidade e o desfecho da pesquisa da qual participaram.

Informamos que a aprovação definitiva do projeto só será dada após o envio da NOTIFICAÇÃO COM O RELATÓRIO FINAL da pesquisa. O pesquisador deverá fazer o download do modelo de Relatório Final disponível em www.ufpe.br/cep para enviá-lo via Notificação de Relatório Final, pela Plataforma Brasil. Após apreciação desse relatório, o CEP emitirá novo Parecer Consubstanciado definitivo pelo sistema Plataforma Brasil.

Informamos, ainda, que o (a) pesquisador (a) deve desenvolver a pesquisa conforme delineada neste protocolo aprovado. Eventuais modificações nesta pesquisa devem ser solicitadas através de EMENDA ao projeto, identificando a parte do protocolo a ser modificada com a devida justificativa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1906695.pdf	08/04/2022 16:16:00		Aceito
Folha de Rosto	Jaquielsonc_Folhaderosto.pdf	08/04/2022 16:15:07	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	lattes_co_orientador.pdf	06/04/2022	JAQUIELSON	Aceito

Outros	lattes_co_orientador.pdf	06:28:43	FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	lattes_orientadora.pdf	06/04/2022 06:27:12	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	lattes_orientando_jaquielson.pdf	06/04/2022 06:26:31	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	cartas_de_anuencias.pdf	06/04/2022 06:08:41	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	Termo_Confidencialidade_assinado.pdf	06/04/2022 06:07:05	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Outros	declaracao_matricula.pdf	06/04/2022 06:04:55	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_ppgs_ufpe_jaquielson.pdf	06/04/2022 05:46:47	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEMaiores18.doc	06/04/2022 05:33:08	JAQUIELSON FERREIRA DA SILVA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

RECIFE, 08 de Maio de 2022

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))